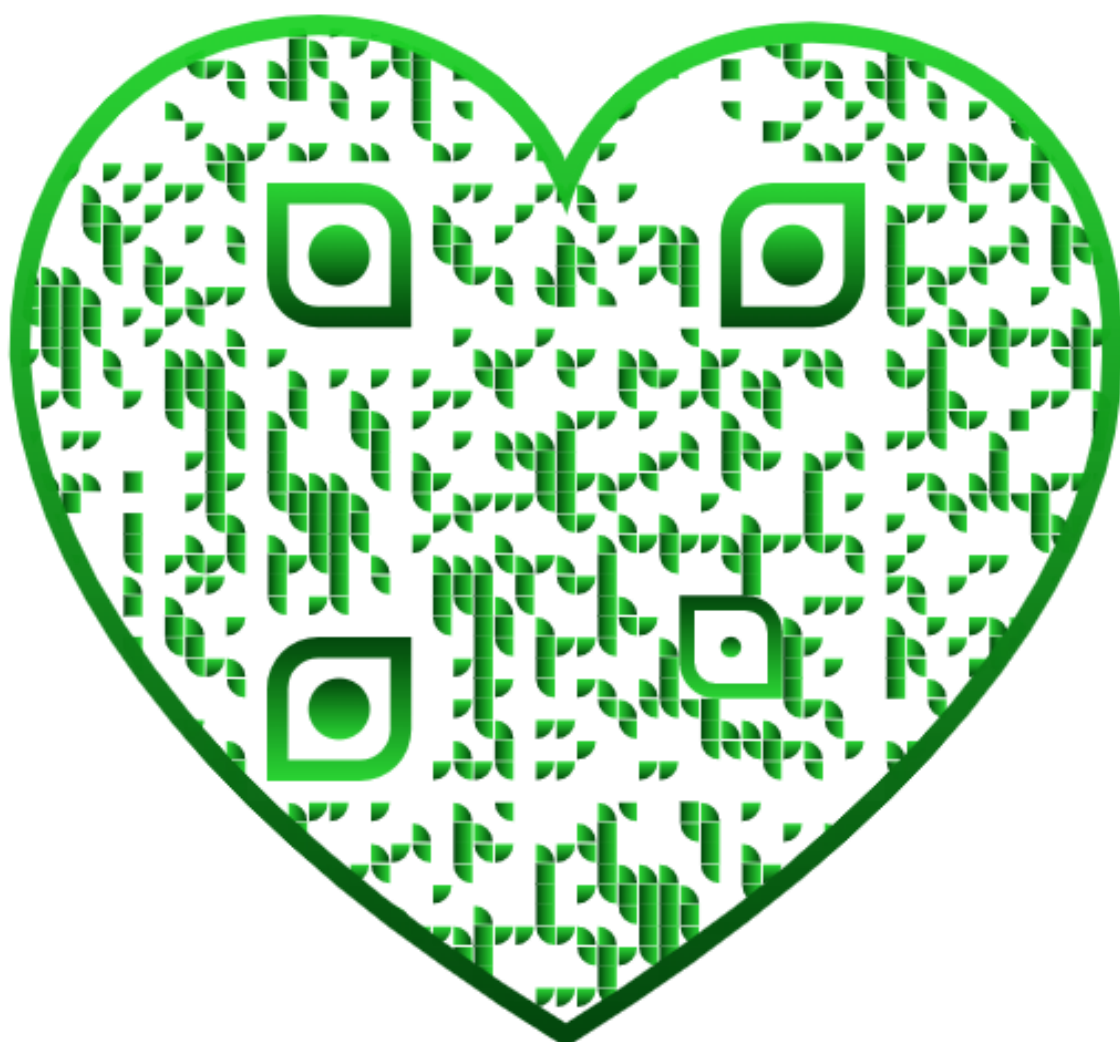


Diana Bowder

**QUEM
FOI
QUEM
NA ROMA
ANTIGA**









Diana Bowder

Quem foi quem na Roma antiga

ART EDITORA / CÍRCULO DO LIVRO

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

01051 São Paulo, Brasil

ART EDITORA LTDA.

Rua Francisco Leitão, 435

05414 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "Who was who in the Roman world"

Copyright © 1980 Phaidon Press Limited

Nenhum trecho desta publicação pode ser reproduzido, armazenado em banco de dados ou transmitido por qualquer forma ou meio (eletrônico, mecânico), nem através de fotocópia, gravação ou outro meio, sem a autorização prévia dos editores

Tradução: Maristela Ribeiro de Almeida Marcondes

Consultor bibliológico: Antonio Houaiss

Capa: Layout de Natanael Longo de Oliveira e foto Keystone (Círculo do Livro);

Tebaldo (Art Editora).

Licença editorial para o Círculo do Livro

por cortesia de Phaidon Press Limited

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

10 9 8 7 6 5 4 3 2

90 89 88 87 86

Índice

Tabela cronológica	6
Introdução	9
Resumo histórico — 753 a.C. a 476 d.C.	11
Dicionário biográfico	17
Índice das pessoas mencionadas que não têm verbete próprio ...	278
Glossário	285
Mapas e árvores genealógicas	295
Mapas:	
Roma e Itália	296
Extensão do território romano diretamente anexado, em aprox. 125 a.C.	297
As províncias romanas em 14 d.C.	298
O Império Romano no século II d.C.	299
O Império Romano no século IV d.C.	300
O Império Romano no século V d.C.	301
Árvores genealógicas:	
Dinastia dos Júlios-Cláudios (27 a.C.-68 d.C.)	302
Dinastia dos Flávios (69-96 d.C.)	303
Relações de família de Trajano e Adriano (97-138 d.C.)	303
Relações de família de Antonino Pio e Marco Aurélio (138-192 d.C.)	304
A Casa de Constantino ((293?) 306-363 d.C.)	305

Tabela cronológica

753 a.C.	Fundação de Roma	} Período real (datas muito duvidosas)
753-715 a.C.	Rômulo — primeiro rei	
715-673 a.C.	Numa Pompílio	
673-642 a.C.	Tulo Hostílio	
642-617 a.C.	Anco Márcio	
616-579 a.C.	Tarquínio Prisco	
578-535 a.C.	Sérvio Túlio	} Expansão pela Itália
534-510 a.C.	Tarquínio Soberbo	
509 a.C.	Estabelecimento da República	
496 (?) a.C.	Batalha do Lago Regilo — vitória sobre os latinos	
451-450 a.C.	As Doze Tábuas — código de leis	
396 a.C.	Captura da cidade etrusca de Veios	
390 a.C.	Saque de Roma pelos gauleses	} Derrota de Cartago e expansão pelo Mediterrâneo ocidental e oriental
295 a.C.	Batalha de Sentino — os romanos derrotam os samnitas e outros povos	
280-275 a.C.	Guerra contra Pirro	
264-241 a.C.	Primeira Guerra Púnica — Roma torna-se uma potência naval e conquista a Sicília	
218-201 a.C.	Segunda Guerra Púnica (contra Aníbal) — derrota definitiva de Cartago; os romanos conquistam a Espanha (206 a.C.)	
214-205 a.C.	Primeira Guerra Macedônica	
200-196 a.C.	Segunda Guerra Macedônica: Filipe V é derrotado na Batalha das Colinas Cinocéfalas (196 a.C.)	} Dissolução da República
172-168/7 a.C.	Terceira Guerra Macedônica: Perseu derrotado na Batalha de Pidna (168 a.C.)	
147-146 a.C.	Anexação da Macedônia e da Grécia	
149-146 a.C.	Terceira Guerra Púnica — destruição de Cartago (146 a.C.)	
133 a.C.	Roma ganha a província da Ásia	
133 a.C.	Destruição de Numância (Espanha)	
133 a.C.	Tribunato de Tibério Graco	} Mário reforma o exército
123-122 a.C.	Tribunato de Caio Graco	
112-105 a.C.	Guerra contra Jugurta (África)	
114-101 a.C.	Invasão dos cimbrios e dos teutões	
91-87 a.C.	Guerra Social (Itália)	
88-63 a.C.	Guerras contra Mitridates (Ásia Menor)	
82-79 a.C.	Ditadura de Sila	} Dissolução da República
73-71 a.C.	Revolta dos escravos chefiados por Espártaco	
67-62 a.C.	Pompeu no Oriente (piratas e Mitridates); a Síria torna-se uma província	
63 a.C.	Cícero eleito cônsul; conspiração de Catilina	
58-51 a.C.	César conquista a Gália	
53 a.C.	Batalha de Carras — Crasso é derrotado pelos partos	
49 a.C.	César atravessa o Rubicão	} Dissolução da República
48 a.C.	Batalha de Farsala: derrota de Pompeu	
46 a.C.	Morte de Catão em Útica (norte da África)	
49-44 a.C.	Ditadura de César	
44 a.C.	Assassinato de César nos Idos de Março (décimo quinto dia)	

43 a.C.	Forma-se o segundo triunvirato (Marco Antônio, Otaviano e Lépido)	Dissolução da República
42 a.C.	Batalha de Filipos: Bruto e Cássio são derrotados e mortos	
31 a.C.	Batalha de Áccio: Otaviano derrota Marco Antônio	
27 a.C.	Otaviano torna-se Augusto, primeiro imperador	Júlios-Cláudios
14 d.C.	Morte de Augusto	
14-37 d.C.	Tibério imperador	
37-41 d.C.	Calígula	
41-54 d.C.	Cláudio	
54-68 d.C.	Nero	
68-69 d.C.	Galba	
69 d.C.	Ano dos quatro imperadores: Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano	
69-79 d.C.	Vespasiano	
79-81 d.C.	Tito	
81-96 d.C.	Domiciano	
96-98 d.C.	Nerva	Flávios e Antoninos
97-117 d.C.	Trajano	
117-138 d.C.	Adriano	
138-161 d.C.	Antonino Pio	
161-180 d.C.	Marco Aurélio (com Lúcio Vero, 161-169)	
177-192 d.C.	Cômodo	
193 d.C.	Pertinace	Dinastia dos Severos
193 d.C.	Dídio Juliano	
193-211 d.C.	Severo	
211-217 d.C.	Caracala	
217-218 d.C.	Macrino	
218-222 d.C.	Elagábalo	
222-235 d.C.	Severo Alexandre	Invasões, usurpadores, caos; imperadores-soldados da Ilíria restabelecem a união
235-238 d.C.	Maximino Trácio	
238 d.C.	Gordiano I e II	
238 d.C.	Balbino e Pupieno	
238-244 d.C.	Gordiano III	
244-249 d.C.	Filipe da Arábia	
249-251 d.C.	Décio	
251-253 d.C.	Treboniano Galo	
253 d.C.	Emiliano	
253-260 d.C.	Valeriano (com seu filho Galieno)	
253-268 d.C.	Galieno	
268-270 d.C.	Cláudio Gótico	
270-275 d.C.	Aureliano	
275-276 d.C.	Tácito	
276-282 d.C.	Probo	
282-283 d.C.	Caro	
283-284 d.C.	Carino e Numeriano	

OESTE

Maximiano Augusto (285-305)
Constâncio I César (293-305)

Constâncio I Augusto (305-306)
Severo César (305-306)

Diocleciano e Primeira Tetrarquia
(284-305 d.C.)

Segunda Tetrarquia (305-306)

Desintegração da tetrarquia
(306-313)

LESTE

Diocleciano Augusto (284-305)
Galério César (293-305)

Galério Augusto (305-311)
Maximino Daia César (305-308/310)

OESTE

Severo Augusto (306-307)
Constantino I César (306-308)
posteriormente, Augusto
(308-337)

Constantino I (306-337)

Constantino II (337-340)

Constante (340-350)

Usurpação de Magnêncio

(350-353)

Juliano César (355-361)

Valentiniano I (364-375)

Graciano (375-383) e

Valentiniano II (375-392)

Usurpação de Magno Máximo

(383-388)

Valentiniano II (388-392)

Usurpação de Eugênio (392-394)

Honório (395-423)

(regência de Estilício: 395-408)

Constância III (421)

Usurpador João (423-425)

Valentiniano III (425-455)

Petrônio Máximo (março-maio de 455)

Avito (455-456)

Majoriano (457-461)

Líbio Severo (461-465)

Antêmio (467-472)

Olíbrio (abril-novembro de 472)

Glicério (473)

Júlio Nepos (473-475)

Rômulo Augústulo (475-476)

Usurpação de Maxêncio na Itália
(306-312)

Usurpação de Domício

Alexandre na África

(308-309/311)

Governo conjunto de Constantino
I e Licínio (313-324)

Constantino I (sozinho) (324-337)

Constante (337-340)

Constância II (sozinho) (353-361)

Juliano (361-363)

Joviano (363-364)

Teodósio (sozinho) (394-395)

LESTE

Galério Augusto (305-311)
Maximino Daia César
(305-308/310),
posteriormente, Augusto
(308/310-313)

Licínio (308-324)

Constância II (337-361)

Galo César (351-354)

Valente (364-378)

Teodósio I (379-395)

Arcádio (395-408)

Teodósio II (408-450)

Marciano (450-457)

Leão I (457-474)

Zenão (o Isauriano) (474-491)

Introdução

Dois objetivos nos levaram a elaborar este livro: primeiro, oferecer um trabalho de referência bibliográfica — erudito, acurado e confiável — facilmente acessível ao estudante e ao leitor comum de história romana; segundo, anexar-lhe um acervo importante de documentação pictórica, consistente não só de retratos em estátuas e moedas, quando disponíveis, mas também de mapas que ilustrem, por exemplo, as campanhas de um general, fotografias de edifícios construídos pela pessoa biografada e de lugares fortemente associados a ela, além de inscrições relacionadas com o assunto. Os limites cronológicos foram estabelecidos da forma mais ampla possível, de modo a incluir todas as figuras principais da história romana: o livro começa com a data lendária da fundação de Roma, no ano 753 a.C. (embora nele só se levem em conta as personagens históricas) e termina com o fim do Império do Ocidente (476 d.C.) Dentro desta perspectiva ampla, nosso objetivo foi oferecer uma cobertura completa dos vários períodos, relacionando-os entre si, e dosando a extensão dos verbetes conforme o número e a importância das maiores figuras conhecidas, sem levar em conta idéias preconcebidas sobre o interesse relativo de cada período. Os primeiros séculos antes e depois de Cristo são tratados com bastante detalhe, uma vez que nossas fontes de informação são particularmente ricas; mas procurou-se não negligenciar o meio e o fim do Império, problema que aflige alguns trabalhos de referência. Vários caracteres de menor importância tiveram que ser omitidos, mas não se poupamos esforços para incluir todas as

figuras históricas e culturais de importância. Necessariamente, um bom número de verbetes não trata de “romanos”, mas sim de estrangeiros com os quais os romanos entraram em contato, tais como reis e príncipes de Estados vizinhos ou historiadores que escreveram sobre Roma. Não se pode esquecer, também, que, na maior parte desse período histórico, o “mundo romano” compreendia todo o Mediterrâneo oriental, de fala predominantemente grega.

O conteúdo do verbete é o seguinte: inicia-se normalmente pelo nome (muitas vezes, apenas o nome pelo qual a pessoa é mais conhecida), seguindo-se rápida identificação ou descrição e uma ou mais datas. A data, ou as datas de nascimento e/ou morte, geralmente acompanha o nome, entre parênteses. Datas de ocupação de um cargo, por outro lado, aparecem à direita da entrada, mesmo no caso de datas menos precisas, como, por exemplo, “Filósofo, século II d.C.” Se a data de morte, excepcionalmente, acompanhar a citação do cargo, isso indica que a pessoa morreu enquanto o ocupava (geralmente assassinada ou executada). Datas anotadas com um hífen, por exemplo, “192-198 d.C.”, significam que a pessoa ocupou o cargo (ou viveu) nesse período. A convenção do uso das barras, por exemplo: “cônsul 192/198 d.C.”, significa que o cargo foi ocupado, ou a pessoa nasceu ou morreu em algum dentre os anos indicados. No corpo dos verbetes, e em outros lugares, as referências cruzadas são indicadas por um asterisco(*), colocado à esquerda, logo antes do nome que encabeça o verbete. Algumas vezes, são feitas referências

adicionais no final do verbete, para complementar as do texto e para auxiliar o leitor na busca de maiores informações sobre um tópico determinado.

O livro contém ainda informações adicionais de vários tipos. Um índice das pessoas mencionadas, mas que não são suficientemente importantes para ter verbetes próprios, complementa o texto principal. Inclui-se também uma tabela cronológica que compreende as datas e os acontecimentos mais importantes da República, bem como uma lista de imperadores e as datas em que governaram. As árvores genealógicas, principalmente das casas imperiais, mostram as relações de família mencionadas em vários verbetes. Além dos mapas que ilustram alguns verbetes, há mapas gerais no fim do livro que mostram o Império em diferentes etapas de seu desenvolvimento; praticamente todos os nomes geográficos mencionados no texto serão encontrados nesses mapas. Há ainda um glossário explicativo dos termos técnicos usados nos verbetes, tais como cargos ocupados ou termos literários especializados.

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética, mas na maioria dos casos foi preciso decidir sob qual dos três ou mais nomes deveria ser classificada uma pessoa. Durante a República e no começo do Império, os cidadãos romanos tinham normalmente três nomes (o *tria nomina*), marca de um cidadão no período de extensão da cidadania de Roma e da Itália a um número crescente de pessoas das províncias. Estes nomes consistiam, inicialmente, em um prenome (*praenomen*), como Marco ou Caio, em geral abreviado (por exemplo, "M." para Marco, "M'" para Mânio, etc.). Algumas abreviações aparecem nas referências cruzadas, mas o nome completo é sempre dado no verbete da pessoa citada. Em seguida, vinha o nome (*nomen*) ou nome de família (da *gens*; por isso, é algumas vezes chamado nome gentílico), tal como Júlio, Cornélio, Túlio. Por fim, vinha o cognome (*cognomen*), que podia ser um nome usado frequentemente na família, como Cipião em um ramo dos Cornélios, ou César em um ramo dos Júlios, ou podia representar uma característica específica da pessoa (pelo menos originalmente), como por exemplo Nasão, para alguém com nariz grande, ou *Pompeu, que não tinha cognome, sendo apenas Cneo Pompeu, mas assumiu o

de Magno (o Grande). Algumas vezes, quando um cognome era usado com muita frequência na mesma família, um sobrenome (*agnomen*) era adicionado durante a vida da pessoa; por exemplo, Africano, Asiático ou Emiliano acrescentado a Cipião (o terceiro sobrenome citado — Emiliano — é um nome adotivo mostrando que a pessoa tem suas origens na família dos Emílios). Os prenomes femininos geralmente não eram usados; assim, a filha de *Cícero era conhecida apenas como Túlia. Os libertos adotavam o prenome e o nome de seus patrões, conservando seu nome de escravo como cognome: por exemplo, Marco Túlio *Tiro. Com a passagem do tempo, o sistema tornou-se cada vez mais complexo; principalmente depois que a Constituição Antoniniana (*Constitutio Antoniniana*), no ano 212 d.C. (ver *Caracala), transformou quase todas as pessoas do Império em cidadãos romanos, e o *tria nomina* deixou de ser orgulhosamente proclamado como a marca distintiva da cidadania.

A complexidade do sistema romano de nomenclatura dificulta o uso de um único princípio de disposição alfabética. Se tentarmos classificar todas as pessoas por seus nomes de família, o resultado será duplamente inadequado: de um lado, se alguém quiser saber algo sobre Cícero, por exemplo, terá que procurá-lo como Túlio; por outro lado, as pessoas classificadas pelos nomes de família mais comuns, tais como Flávio ou Júlio, chegariam facilmente a várias centenas (como acontece na *Prosopografia do Império Romano* — *Prosopographia Imperii Romani* — que segue esse sistema de classificação). Se, ao contrário, classificarmos todos pelos cognomes, as famílias aparecerão divididas em várias letras do alfabeto. Este é, entretanto, o sistema seguido pela *Prosopografia do fim do Império Romano* (*Prosopography of the later Roman Empire*), solução razoavelmente satisfatória para as complicações da nomenclatura desse período; e foi essa classificação dos últimos nomes romanos (de 260 a 395 d.C.) que se adotou, de modo geral, neste livro. Isso facilitará o trabalho de quem quiser consultar os dois livros. Pela mesma razão, no que se refere aos períodos da República e do começo do Império, adotou-se a organização usada pelo *Dicionário clássico Oxford* (*Oxford classical dictionary*). Esta é uma tentativa de abordagem baseada no senso comum:

na maioria dos casos, as pessoas aparecem sob seus nomes mais conhecidos, como Cícero, César (cognomes) ou o imperador Caio (prenome), enquanto algumas famílias, principalmente a dos Cláudios e a dos Valérios, são agrupadas pelos seus nomes (*nomen*). Alguns nomes cristãos seguem a norma do *Dicionário Oxford da Igreja Cristã* (*Oxford dictionary of the Christian Church*): por exemplo, *Sulpício Severo. Os nomes das pessoas não encontradas em nenhuma das obras citadas foram tratados da mesma maneira: quando as pessoas são mais conhecidas por um nome apenas, usou-se este nome; caso contrário, usou-se o nome menos comum. Em casos excepcionais, será impossível decidir sob qual nome a pessoa está classificada; mas será tarefa relativamente simples procurar os dois nomes e descobrir o que foi escolhido.

Quando aparecem no livro pessoas com mesmo nome ou nomes semelhantes, elas foram ordenadas da seguinte maneira: se existe alguém muito importante, aparece, primeiro, sob o nome mais conhecido (por exemplo, *Crasso); o nome completo (Marco Licínio Crasso) vem na primeira sentença do verbete. Em seguida, as outras pessoas de mesmo nome aparecem na ordem alfabética do nome após a vírgula, como por exemplo *Crasso, Lúcio Licínio, e *Crasso, Marco Licínio. Aparecem em seguida as pessoas que têm sobre-nome ou cognome adicional, o qual vem depois do nome que encabeça o verbete, mas antes da vírgula: *Crasso Frugi, Marco Licínio. Se houver várias pessoas com o mesmo nome, os imperadores aparecem primeiro. Recorreu-se à numeração dos nomes quando, havendo mais de uma pessoa com nomes exatamente iguais, não se poderia distingui-las — como no caso dos Crassos — pela citação de apenas um nome da personagem mais importante. Isso evitará que o leitor tome Crasso(2) pela personagem famosa, ou outra pessoa bem diferente.

Se a pessoa procurada não for localizada em nenhum verbete, o leitor deverá consultar o índice no fim do livro, para verificar se ela é mencionada em verbetes de outras personagens. Se a pessoa não estiver citada nesse índice, o leitor deve lembrar que, nos mil e duzentos anos de história romana cobertos pelo livro, existiram cerca de um bilhão de "romanos"; que uma grande parcela deles só é conhecida pelos historiadores através de

uma inscrição (pense-se no imenso índice de nomes próprios no *Corpus inscriptionum latinarum*), ou através de uma simples menção em um trabalho literário; e que o número das pessoas consideradas como "bem conhecidas" atinge os milhares, tornando difícil a decisão sobre incluir ou não uma determinada pessoa. Na decisão, fui ajudada por meus colaboradores, cujo entusiasmo e interesse foram uma grande fonte de energia neste trabalho hercúleo. Tenho uma dívida especial para com Roger Tomlin, cujos conselhos em assuntos de política e organização foram de valor inestimável. Gostaria também de agradecer a meu marido por seu apoio e incansável encorajamento, à Phaidon pela idéia original, e a todos pelo auxílio em levá-la avante.

Resumo histórico — 753 a.C. a 476 d.C.

A data lendária da fundação de Roma, 753 a.C., não representa o período mais antigo da ocupação do sítio de Roma, onde foram encontrados vestígios da antiga Idade do Bronze. Mas, pelo menos a partir do século VIII em diante, já havia vários estabelecimentos da Idade do Ferro nas colinas e no Fórum, próximos do rio Tibre, bem como uma rota de comércio de sal. Por volta do ano 600, essas aldeias de cabanas haviam se unido para formar uma única cidade. O século VI foi um período de considerável desenvolvimento estrutural: nele surgiram algumas das instituições romanas mais antigas, e foram iniciadas, também, a drenagem dos pântanos e a construção dos templos, sob a influência dos povos etruscos do norte. Até a expulsão de *Tarquínio Soberbo, em 510 a.C., Roma foi governada por reis, cuja relação foi estabelecida mais tarde, em seqüência ordenada, com datas exatas, estendendo-se até *Rômulo, em 753. Os sete nomes apresentados devem ser autênticos, mas as datas e os atos atribuídos aos reis mais antigos parecem bastante distorcidos.

Os reis eram assessorados por um Senado, ou conselho de dignitários (*nobres*), instituição que assumiu o controle da cidade e de seu território quando a República foi fundada, em 509 a.C. O governo era exercido por uma dupla (substituída anualmente) de

magistrados principais — posteriormente cônsules —, escolhidos entre os membros do Senado. Os séculos seguintes (até 264 a.C.) foram marcados por dissensões internas entre os patrícios nobres e os plebeus, mais humildes, de cujos conflitos a codificação das leis nas Doze Tábuas (451-450) foi um marco muito importante. O período caracterizou-se também pelo estabelecimento da supremacia de Roma sobre seus vizinhos na Itália e, para isso, sua posição central lhe deu grande vantagem. Roma logo se tornou a principal cidade do Lácio e, com a Liga Latina a sustentá-la, entrou em conflito com povos bem mais afastados, como os équos e os volscos. Enquanto isso, os gauleses devastaram a Itália e saquearam tudo, com exceção do Capitólio de Roma (390 a.C.); mas Roma recobrou-se desse desastre, como se recobriria de muitos outros através da sua história. Novos envoltivos e alianças levaram os romanos até a Etrúria, Sâmnio e o sul da Itália, com suas cidades gregas; uma delas pediu auxílio a seu aliado *Pirro, rei do Épiro, ao norte da Grécia (280 a.C.). Ele obteve duas “vitórias de Pirro”, mas foi depois derrotado e voltou para a Grécia em 275. Não havia uma política específica de conquista, mas o gênio romano para a organização e a disciplina, bem como seu extraordinário potencial humano, manifestado em seu soberbo exército de cidadãos e em sua diplomacia criteriosa e sagaz, haviam feito de Roma a soberana de uma confederação que se estendia por toda a Itália.

A eliminação dos etruscos e a chegada dos romanos ao sul da Itália fizeram com que Roma entrasse em conflito com a principal força do Mediterrâneo ocidental: a colônia fenícia de Cartago. A Primeira Guerra Púnica começou em 264 a.C., e quando terminou (241 a.C.), Roma havia construído sua armada e conquistado a Sicília, logo seguida pela Córsega e a Sardenha (ano 238). Os cartagineses voltaram-se então para a exploração da Espanha, e foi daí que partiu *Aníbal, no começo da Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.), para sua famosa marcha até a Itália, atravessando os Alpes com os elefantes. Aníbal destruiu duas legiões no lago Trasimeno, na Etrúria (217), e infligiu aos romanos terrível derrota em Canas (216); mas os aliados italianos de Roma permaneceram leais e, posteriormente, Aníbal foi forçado a abandonar a Itália (203), sendo derrotado na África

por *Cipião Africano, na Batalha de Zama (Numídia, ano 202). Por essa época, Roma já havia conquistado a Espanha, em 206 a.C. E, pouco antes, havia se imiscuído no oriente helênico, onde seus principais antagonistas eram *Filipe V da Macedônia, aliado de Aníbal, e *Antíoco III, soberano da Síria e da Ásia Menor. Depois da Primeira Guerra Macedônica (214-205 a.C.) e da segunda (200-196 a.C.), que terminaram com a vitória de *Flaminio, nas colinas Cinocéfalas, na Tessália, os romanos se retiraram da Grécia; mas distúrbios posteriores, inclusive uma Terceira Guerra Macedônica (172-168/167; ver *Perseu), culminaram na anexação da Macedônia e da Grécia (Acaia) como províncias. A destruição de Corinto por *Múmio se deu no ano 146 a.C. Os romanos envolveram-se também com a Ásia Menor e, em 133 a.C., o soberano de Pérgamo legou a Roma seu reino, que passou a ser a província da Ásia. Cartago também foi destruída no mesmo ano que Corinto, depois da Terceira Guerra Púnica, de 149 a 146 a.C. (ver *Catão, o Velho; *Cipião Emiliano). A pacificação da Espanha (ver *Viriato) foi conseguida parcialmente com a destruição de Numância em 133 a.C. por Cipião Emiliano, e o sul da Gália tornou-se a província da Gália Narbonense (121 a.C.).

O século seguinte (a partir de 133 a.C.) viu o colapso da República, e sua substituição por uma espécie de monarquia. A Constituição republicana, criada para uma cidade-Estado, não era adequada para o governo de um grande império, ou para o controle de forças armadas cada vez mais permanentes; havia ainda inúmeros problemas, como a insatisfação entre os aliados italianos, ou a necessidade de fazer voltar ao campo — de onde haviam sido expulsos pelo crescimento das grandes cidades e pela criação de gado — grande quantidade de desempregados e famílias sem terra que enchiam as cidades. A política egoísta e de visão curta, exercida por um núcleo resistente de nobres reacionários, os *optimates*, frustrava as tentativas de solucionar os problemas, agravando-os ainda mais. No ano 133, Tibério *Graco e, em 123-122, seu irmão Caio *Graco, tentaram aprovar reformas agrárias; o segundo pretendia também dar cidadania romana aos aliados italianos. Ambos foram violentamente hostilizados pelos nobres e morreram em tu-

multos populares. *Mário, herói da guerra contra *Jugurta (112-105) e das invasões dos germânicos cimbrios e teutões (114-101), foi o próximo a assumir as causas populares. Havia conseguido suas vitórias com o auxílio de um exército que ele próprio reformara, não mais composto apenas por cidadãos proprietários, mas também por homens sem terra que, no momento da dispensa, esperavam receber de seu líder vitorioso, antes do que do Estado, a propriedade de terras. Isso fez com que surgissem da Guerra Social de 91-87 a.C. — provocada pela recusa dos nobres em partilhar os benefícios da cidadania romana com seus aliados italianos (*socii*), e vencida por Roma, embora os aliados acabassem recebendo a cidadania — vários comandantes, cada um deles à frente de um exército leal e experimentado: *Sila, *Cina, Mário e o pai de *Pompeu, *Pompeu Estrabão. Durante os cinquenta anos seguintes, esses comandantes e seus sucessores, em especial Pompeu, *César, *Marco Antônio e *Otaviano, usaram os exércitos para promover seus objetivos políticos, provocando uma série de guerras civis que só terminaram quando Otaviano/Augusto, o vencedor final capaz de reorganizar e estabilizar o governo de um mundo romano cansado de lutas, assumiu o poder.

Em 88 a.C., Sila capturou Roma e banuiu seus inimigos pessoais; em 87, Cina e Mário fizeram o mesmo. Sila, no entanto, voltou do Oriente em 83, marchou sobre Roma novamente, estabeleceu-se como ditador e aprovou várias leis reacionárias que pretendiam estabilizar o regime republicano. A sua nova Constituição não sobreviveu a seu afastamento em 79 a.C. A metade do século I a.C. foi dominada por *Pompeu, *Crasso e *César, mais tarde forçados a cooperar entre si ("Primeiro Triunvirato"), a fim de conseguir que suas exigências — geralmente justas — fossem atendidas pelo Senado. Pompeu havia ocupado altos cargos de comando no Oriente, lutando contra piratas e contra *Mitridates, rei do Ponto (67-62); César passara os anos 58-50 conquistando a Gália, até o Reno e o Canal. *Cícero, que, na qualidade de cônsul, no ano 63, fizera abortar uma pequena conspiração liderada por *Catilina, tentou formar uma aliança de todos os homens bem-intencionados do Estado, mas foi politicamente ineficaz em face da violência crescente dos grupos rivais, liderados por *Clódio e *Milão,

que dominavam as assembleias populares. Enquanto isso, Crasso, que em 73-71 havia dominado a revolta dos escravos liderados por *Espártaco, assegurou para si um posto de comando na luta contra os partos, mas morreu em Carras, na Assíria (53 a.C.), derrotado de forma humilhante. Com a morte de Crasso, aumentou a rivalidade entre Pompeu e César; e, assim como Cícero, Pompeu foi forçado, contra sua vontade, a apoiar a causa dos nobres. Voltando de suas províncias para a Itália, em 49 a.C., César atravessou o Rubião e teve início a guerra civil declarada. Este fato, mais a derrota de Pompeu em Farsala (48 a.C.) e a morte de Catão em Útica, na África (ano 46), simbolizam o colapso da resistência do Senado e da causa republicana. Como ditador (49-44 a.C.), César promoveu reformas importantes, uma das quais foi a introdução do Calendário Juliano (45 a.C.). Mas os conspiradores republicanos, liderados por *Cássio e *Bruto, impediram César de projetar uma nova Constituição, ao assassiná-lo nos Idos de Março (dia 15) do ano 44 a.C., lançando assim o Império em novas guerras civis. Marco Antônio e Otaviano, partidários de César, derrotaram Bruto e Cássio em Filipos, na Macedônia, no ano 42 a.C., mas desentenderam-se rapidamente, e o Segundo Triunvirato (com *Lépido) terminou com a derrota de Marco Antônio (que era apoiado por *Cleópatra) na Batalha de Áccio (31 a.C.). Com o suicídio de Marco Antônio, no Egito, no ano 30, Otaviano tornou-se chefe do mundo romano, com apenas trinta e dois anos de idade.

Um amplo programa de reformas, levado a efeito durante seu reinado de mais de quarenta anos, resultou na estabilização e reconstrução em todos os pontos do Império. Otaviano tornou-se Augusto em 27 a.C.; ele não era um rei nem um ditador, mas sim o "primeiro cidadão" (*princeps*). Todo o poder estava em suas mãos, mas ele honrava o Senado e delegava-lhe algumas funções, usando os serviços de senadores, individualmente, nos cargos de governadores ou comandantes em uma administração e em um exército que haviam sido reformados. Os oficiais equestres foram também trazidos para o governo. As fronteiras do Império começaram a ser definidas, com a conquista de vários territórios; após o final de seu governo, após o fracasso da experiência de anexação da Ger-

mânia ao Elba (ver *Varo), as fronteiras se mantiveram aproximadamente as mesmas até o fim do período romano. Como ponto de convergência da lealdade dos cidadãos, foi estabelecido um culto ao imperador.

O problema de quem deveria sucedê-lo na posição de comando tornou-se premente para Augusto, depois das mortes de *Marcelo, Caio e Lúcio *César, mas foi solucionado graças a seu enteado *Tibério, que aceitou formalmente o cargo no ano 14 d.C., quando Augusto morreu. As relações de Tibério com o Senado não foram boas; seu reinado foi prejudicado por uma série de julgamentos de traição e pelo poder sinistro de *Sejano, seu prefeito pretoriano. O caráter basicamente autocrático do principado ficou evidente no fim do seu governo, e mais ainda no reinado efêmero de *Calígula (37-41 d.C.). Durante o governo de *Cláudio (41-54 d.C.), foram organizados os serviços civis do Império e anexadas várias províncias (a Bretanha, por exemplo, no ano 43). O reinado de *Nero (54 d.C.) começou bem, mas terminou em desordem; foi seguido, no ano 69, em que reinaram quatro imperadores, por novas guerras civis, quando os exércitos concentrados em algumas províncias começaram a usar seu poder para nomear e impor imperadores. *Vespasiano (69-79 d.C.) saiu vitorioso e estabeleceu a dinastia Flaviana, devotada aos pouco atraentes, mas sólidos ideais de trabalho árduo e bom governo. Entretanto, *Domiciano (81-96 d.C.), seu segundo filho, transformou-se num tirano, e seu governo terminou em derramamento de sangue e no próprio assassinato. *Nerva (96-98), já idoso, adotou como filho o comandante do exército *Trajano (97-117 d.C.), que, como imperador, expandiu ao máximo os limites do Império, conquistando a Dácia, região ao norte do Danúbio; sua campanha contra os partos teve menos sucesso. E esse imperador, considerado excelente (*optimus princeps*), impôs princípios de ordem pública, de boas relações com o Senado, de administração íntegra e recompensa para o indivíduo mais talentoso, que perdurariam por toda a "Era dos Antoninos", na maior parte do século II d.C. Nessa época o Império atingiu o máximo de sua unidade, paz e prosperidade, sob os imperadores *Adriano (117-138) e *Antonino Pio (138-161) — o auge da *Pax romana*, com seus benefícios de estabilidade, ordem pública, boas estradas, belos

edifícios públicos e governo benévolo. O reinado de *Marco Aurélio (161-180), entretanto, foi atingido pela primeira grande praga, provocada por novos tipos de bactérias que, vindas da China através das rotas de comércio, vitimaram populações completamente sem imunidade. O período assistiu também ao reinício das incursões bárbaras, à medida em que as tribos se moviam das estepes russas para o Ocidente, pressionando cada vez mais as fronteiras do Reno e do Danúbio; pressão esta que causaria grandes devastações durante o século III, culminadas com a desintegração do Império do Ocidente. O filho de Marco Aurélio, *Cômmodo (177-192), fez a paz com as tribos germânicas que seu pai combatiera ao morrer, e seu governo corrupto terminou com seu assassinato.

Recomeçou a guerra civil, onde cada um dos principais exércitos defendia seu competidor ao trono: *Clódio Albino na Bretanha, *Pescênio Nigro na Síria e *Severo no Danúbio. Severo (193-211 d.C.) conseguiu eliminar seus rivais e fundou uma nova dinastia. Nessa época, o sustentáculo militar do poder do imperador já era mais firme. O filho de Severo, *Caracala (211-217), é mais lembrado por sua *Constituição Antoniniana* (*Constitutio Antoniniana*), que estendeu a cidadania romana a todo o Império (212). Caracala foi assassinado por seu prefeito pretoriano, *Macrino (217-218), o primeiro dos vários prefeitos que usurparam o trono durante o século III. Descendente da família síria dos Severos, a imperatriz *Júlia Domna continuou a dinastia: primeiro com *Elagábalo (218-222), que, por se mostrar depravado e corrupto e ter extravagante devoção pelos cultos sírios, foi descartado em favor de seu primo *Severo Alexandre (222-235), rapaz de confiança, cujo reinado, controlado por sua mãe, foi notável pela cooperação com o Senado. Seu assassinato em 235 d.C. inaugurou meio século de semi-anarquia: uma série de imperadores de vida curta, vários usurpadores, invasões em todas as fronteiras do Império, pragas, caos administrativo com inflação desenfreada e a desintegração do Império: o "Império Gaulês", que compreendia a Bretanha e a Espanha, sob domínio de *Póstumo, *Tétrico, etc. (260-274); no Oriente, o "Império Palmireno", governado por *Zenóbia (266-273). (Para uma lista completa dos imperadores, ver a Tabela cronológica.) O imperador *Décio

(249-251) tentou unificar o Império através do sacrifício e perseguição dos cristãos, mas não atingiu o objetivo; foi a primeira perseguição aos cristãos que abrangeu todo o Império (as anteriores haviam sido locais e esporádicas). Seu sucessor, *Valeriano (253-260), também fez perseguições, por algum tempo, mas foi capturado pelos persas (ver *Sapor I). O reinado exclusivo de seu filho e associado, *Galieno, marca o clímax da anarquia no século III; ele preparou, porém, o caminho de recuperação através de reformas militares, e seus sucessores, os imperadores-soldados ilirianos *Cláudio Gótico (268-270), *Aureliano (270-275), e *Probo (276-282), restauraram a situação militar e reunificaram o Império.

No ano 284, *Diocleciano tornou-se imperador e, verdadeiro gênio administrativo, levou a cabo, em vinte anos de governo (284-305), uma completa reorganização da administração civil e militar, agora adaptada a um Império sitiado. Instituiu um novo sistema de governo, a Tetrarquia, ou Governo dos Quatro, formada por dois imperadores propriamente ditos, os augustos, e dois césares; apenas o augusto hierarquicamente mais elevado — o próprio Diocleciano — podia legislar e, assim, preservava-se a unidade do Império. Diocleciano lutou, também, para conseguir unidade religiosa através de uma perseguição aos cristãos, a chamada Grande Perseguição. No ano 305, ele e o outro augusto, *Maximiano, abdicaram; seus césares *Galério e *Constâncio I tornaram-se os novos augustos, e novos césares foram nomeados. Mas Constâncio morreu no ano 306, e seu filho *Constantino (o Grande) entrou para o grupo dos quatro; o sistema da tetrarquia, no entanto, entrou em colapso nos anos que se seguiram, por causa das ambições de Constantino e de outros. Na Batalha da Ponte Múlvia, no ano 312, Constantino venceu *Maxêncio e tornou-se imperador do Ocidente; no ano seguinte, outro tetrarca — *Licínio — derrotou *Maximino Daia, tornando-se imperador do Oriente. No ano 324, Constantino eliminou Licínio para tornar-se o único imperador e, em 330, inaugurou sua nova capital, Constantinopla. Sendo cristão desde que vencera a Batalha da Ponte Múlvia sob a proteção do Deus da cristandade, Constantino fez de sua capital uma cidade cristã; e sua excelente escolha estratégica permitiu que

Constantinopla, praticamente inexpugnável, continuasse até 1453 como o baluarte da cristandade e de Roma no Oriente. Grande reformador, como Diocleciano, Constantino continuou o trabalho de reconstrução dos fundamentos do Império, que quase entrara em colapso no século III. Seus três filhos que sobreviveram, *Constantino II, *Constâncio II e *Constante, governaram juntos após a morte de Constantino I, em 337. Em 340, Constante, no Ocidente, eliminou Constantino II, mas caiu vítima do usurpador *Magnêncio, no ano 350. Por volta de 353, Constâncio II era o único imperador; no ano 354, executou *Galo, por ele feito César no ano 351. Em 355, *Juliano foi nomeado César e enviado para governar a Gália e a Bretanha. Juliano tentou usurpar o governo do Império, mas o conflito armado foi evitado quando Constâncio morreu, em 361. Último dos imperadores romanos pagãos, Juliano morreu na Pérsia depois de breve reinado (361-363 d.C.), e foi substituído por *Joviano (363-364); após a morte deste, os irmãos *Valentiniano I (364-375) e *Valente (364-378) governaram respectivamente o Ocidente e o Oriente. Valentiniano reforçou as defesas do Reno e do Danúbio; Valente teve que enfrentar a rebelião de *Procópio em 365-366, e morreu lutando contra os visigodos no terrível desastre de Adrianópolis (378), do qual o exército romano jamais se recuperou. Os filhos de Valentiniano, *Graciano (375-383) e *Valentiniano II (375-392), o segundo ainda um menino, assumiram o governo do Ocidente, enquanto no Oriente *Teodósio I (379-395) fundava uma nova dinastia. Durante esses anos, houve dois usurpadores no Ocidente: Magno *Máximo (383-388), assassino de Graciano, e *Eugênio, com seu patrocinador *Arbogaste (392-394).

Ao morrer, Teodósio deixou seus filhos, ainda jovens, *Arcádio (395-408) e *Honório (395-423), no comando dos impérios oriental e ocidental, respectivamente; Honório ficou sob a tutela de *Estilício, comandante-em-chefe do exército, que rechaçou várias invasões e dominou o governo até sua execução, em 408. Nessa época, o Império do Ocidente começou a se desintegrar: o governo central perdeu o controle da Bretanha por volta do ano 407; em 406, os vândalos e outros bárbaros atravessaram o Reno e chegaram até a Espanha (409), e depois até a África (429).

d.C.; ver *Geiserico); os visigodos vieram para o Ocidente alguns anos depois da vitória de Adrianópolis, saquearam Roma em 410 (ver *Alarico) e estabeleceram, a partir de 418, um reino confederado a sudoeste da Gália (ver *Ataulfo). Uma série de homens poderosos, espécie de regentes (parentes ou oficiais), dominaram as cortes oriental e ocidental, não apenas no tempo de Arcádio e Honório, mas também no governo de seus sucessores, ainda jovens, *Teodósio II (Oriente, 408-450) e *Valentiniano III (Ocidente, 425-455). No oeste, o regente, em geral, era o comandante-em-chefe: *Constâncio (III) substituiu Estilício e até se tornou imperador por breve período (421 d.C.) ao se casar com Gala *Placídia. No Oriente, o poder geralmente esteve em mãos de civis que ocupavam altos cargos administrativos, ou de mulheres da casa imperial: *Rufino, prefeito pretoriano, em 392-395; o camareiro *Eutrópio(2), exilado em 399; a imperatriz *Eudóxia, morta em 404; *Antêmio(1), prefeito pretoriano de 405 a 415; *Pulquéria, irmã de Teodósio II, e sua rival *Eudóxia, esposa do imperador e banida em 443. Quando Valentiniano III foi feito imperador do Ocidente pelo governo oriental (425), sua mãe Gala Placídia e o comandante-em-chefe *Aécio — que mantinha estreitas relações com os hunos — governaram em seu nome, até ele ser assassinado pelo próprio Valentiniano, em 454. *Átila e seus hunos, do outro lado do Danúbio, eram a principal ameaça: na década de 440, eles invadiram os Bálcãs, mas foram periodicamente mantidos sob controle mediante pagamento de subsídios; em 451, eles invadiram a Gália, onde foram enfrentados, com algum sucesso, por *Aécio; no ano seguinte, invadiram a Itália, mas o papa *Leão os persuadiu a se retirarem de Roma. A morte de Átila, em 453, afastou a ameaça. Geiserico, vândalo da África, saqueou Roma em 455.

Com o fim da casa de Teodósio (455), os laços entre os impérios oriental e ocidental começaram a enfraquecer. No leste, o comandante-em-chefe *Áspar passou a criar

imperadores: primeiro *Marciano (450-457), depois *Leão I (457-474). No oeste, houve uma série de imperadores efêmeros (ver Tabela cronológica), vários deles sustentados pelo comandante-em-chefe *Ricimero (de origem bárbara, como Estilício e Áspar), que depôs *Avito, em 456 d.C., e manteve o poder nos dezesseis anos seguintes. *Majoriano, o primeiro que Ricimero indicara como imperador, mostrou-se muito ativo, e foi executado em 461; ele voltava de uma desastrosa expedição (associado ao Império do Oriente) contra os vândalos do norte da África, região de cultura de cereais cuja recuperação era vital para o Império do Ocidente. *Antêmio(2), indicado imperador ocidental pelo imperador do Oriente, também foi eliminado por Ricimero durante uma guerra civil (472 d.C.). Com a morte de Ricimero nesse mesmo ano, três outros imperadores assumiram o cargo em rápida sucessão; o último, um jovem chamado Rômulo (*Rômulo Augusto), que recebeu o título irônico de “Pequeno Augusto” (*Augustulus*), era filho do comandante-em-chefe *Orestes. Aquela época, havia não apenas vândalos na África e visigodos na Espanha e em partes da Gália, mas também burgúndios e francos no resto da Gália, alamanos na Récia, ostrogodos na Nórica e na Panônia; a Grã-Bretanha e a Pequena Bretanha eram independentes; além disso, a Dalmácia já era independente desde a morte de Aécio (454), sob domínio de *Marcelino e seu sucessor. Em 476, Rômulo foi deposto por um chefe germânico chamado *Odoacro, que não nomeou outro imperador mas assumiu o poder como rei da Itália: o Império do Ocidente estava morto. O Império do Oriente sobreviveu; assim, deparamos com um paradoxo: o leste grego, que os romanos haviam subjugado, sobreviveu como Império Bizantino, ao passo que o Ocidente romano, com uma economia menos estável e uma sociedade reduzida a senhores feudais e servos, sem classes intermediárias, desintegrou-se nos vários reinos bárbaros do início da Idade Média.

AALA, CAIO SERVÍLIO (*Ahala, Gaius Servilius*), século V a.C.

Supõe-se que Aala matou Espúrio *Mélio — de fato, essa seria uma explicação etiológica para seu cognome (Aala é geralmente interpretado como “axilas”, lugar onde costumava carregar a espada). Para os historiadores antigos (Cíncio e *Pisão Frugi), Aala agiu como cidadão, exercendo a obrigação universal de matar possíveis tiranos. Outros, talvez seguindo *Ênio e levando em conta o assassinato dos *Gracos, consideram Aala o comandante dos equestres de *Cincinato, e a execução de Mélio, um castigo por ter desafiado a convocação do ditador. *Bruto alegava ser descendente de Aala através de sua mãe e de seu pai adotivo.



Moeda de prata (denário) de Bruto (54 a.C.), em que figura seu legendário ancestral Caio Servílio Aala.

ABLÁBIO (*Ablabius*), prefeito pretoriano, 329-337 d.C.

Nascido em Creta, de origem humilde,

Flávio Ablábio começou exercendo um cargo junto ao governador de Creta e progrediu até chegar a “braço direito” de *Constantino e funcionário mais poderoso do Império — prefeito pretoriano do Oriente; foi cônsul em 331. Era cristão. Invejoso da influência que o filósofo *Sópatro exercia sobre Constantino, conspirou para conseguir sua queda. Constantino nomeou-o mentor do jovem Constâncio II; após a morte do pai, entretanto, Constâncio despediu-o, e mais tarde o executou. “Foi o pagamento que recebeu o ‘sempre afortunado’ Ablábio pela morte de Sópatro”, segundo *Eunápio. Sua filha Olímpíade foi inicialmente noiva de *Constante, mas casou-se com o rei da Armênia por volta de 354.

ÁCIO (*Accius*) (170-aprox. 85 a.C.).

Lúcio Ácio era nativo de Pésaro, na Úmbria, e autor prolífico: há testemunho sobre dois *prætextæ* e cerca de quarenta e cinco adaptações de tragédias gregas, de sua autoria. Escreveu também, tanto em verso quanto em prosa, sobre história da dramaturgia e ortografia. Os relatos sobre ele sugerem uma personalidade agressiva, enquanto os fragmentos mostram um crítico controverso e tortuoso, mas um dramaturgo de grande e real valor.

ADRIANO (*Adrianus* ou *Hadrianus*), imperador, 117-138 d.C.

Públio Élio Adriano nasceu no ano 76 d.C., provavelmente em Roma, embora a cidade de origem de sua família fosse Itália, na Espanha. Era filho de Públio Élio Adriano Áfer e de Domícia Paulina (de Gades), mas, quando seu pai morreu, em 85, tornou-

se tutelado do futuro imperador *Trajano. Fez o serviço militar durante as guerras da Dácia (102-103 e 105-106), governou a Panônia Inferior em 107, ocupou o consulado em 108, e governou a Síria em 114 d.C. Foi designado para o consulado em 118 d.C. Durante todo o início de sua carreira havia sido favorecido pela imperatriz *Plotina, mas quando Trajano morreu na Cilícia, em 8 de agosto de 117, ainda não estava certo de que Adriano seria seu sucessor. A morte de Trajano foi ocultada até que pudesse ser anunciada ao mesmo tempo que a nomeação de Adriano (que estava em Antióquia) como seu sucessor (11 de agosto).

No ano 118, Adriano triunfou contra os partos; realizou-se a repressão dos distúrbios provocados pelos sármatas e roxolanos na Mésia; sob a autoridade do Senado, foram executados quatro ex-cônsules acusados de "conspirar" contra Adriano; foi tomada ainda uma série de medidas fiscais generosas, com o fito de estabelecer a popularidade do novo regime. O reinado de Adriano foi um período muito importante na história do Império. Talvez sua maior contribuição tenha sido a nova política adotada com relação às regiões de fronteira. Adriano abandonou as conquistas de Trajano no Oriente e voltou-se



Busto de Adriano. Roma, Museo delle Terme.

Vila de Adriano, em Tívoli (aprox. 130 d.C.): vista da casa de recreio.



para uma política de consolidação. Viajou por todo o Império, mais do que qualquer imperador antes dele. Visitou a Gália e o Reno (120-121), a Bretanha (121-122), a Espanha (122), a Ásia (123), a Grécia (125), voltando para Roma via Sicília (127); em seguida, foi à África (128), a Atenas (inverno de 128), à Cária, Cilícia, Capadócia e Síria (129) e ao Egito (130). Voltou a Roma em 131, e passou o resto de seu reinado na Itália.

Adriano procedeu a uma completa revisão da instituição militar e consolidou o desenvolvimento de fronteiras lineares que havia sido iniciado no período dos Flávios. Os resultados puderam ser vistos muito claramente nas províncias do Reno e do Danúbio, na África e na Bretanha, onde a Muralha de Adriano foi construída entre 122 e 125. Houve apenas uma guerra de vulto durante seu reinado: na Judéia, onde os judeus se rebelaram sob a liderança de Simão *Bar-Kokhba, a repressão dessa revolta pôs um fim definitivo à existência da Judéia enquanto terra dos judeus.

Várias mudanças administrativas também foram introduzidas. Para os cargos burocráticos, designaram-se oficiais equestres que puderam, a partir de então, obter promoção através da ocupação de postos puramente civis. Formalizou-se a composição da junta de conselheiros do imperador, com a introdução de peritos legais. Adriano criou uma junta de juízes (os quatuórviros) para cuidar dos casos italianos, enfraquecendo, assim, a autoridade do Senado. Atuou pessoalmente em quase todas as áreas legislativas e jurídicas, e durante seu reinado houve desenvolvimentos importantes na legislação romana, inclusive a codificação do Édito do Pretor (por Sálvio *Juliano).

Adriano era grande admirador da cultura grega e afeito principalmente a Atenas que, durante seu reinado, ganhou vários edifícios novos e recebeu muito da prodigalidade imperial. Na Itália, ele foi responsável pela construção do Panteão, do Templo de Vênus e Roma, de seu próprio mausoléu e de uma vila magnífica em Tívoli. Seus gostos e atitudes não o tornaram querido da classe senatorial. Seu reino foi marcado, principalmente no começo e no fim, pelas mortes de vários senadores romanos, alguns deles executados ou forçados a cometer suicídio. Seu primeiro herdeiro adotado, *Élio César, mor-

reu em janeiro de 138 d.C., e Adriano elegeu *Antonino Pio, senador de origem gaulesa, que assumiu o trono em julho do mesmo ano, quando Adriano morreu em Baías, no dia 10, e foi enterrado em seu mausoléu em Roma.

ADVENTO, MARCO OCLATÍNIO (*Adventus, Marcus Oclatinus*), prefeito urbano e cônsul, 218 d.C.

Nascido por volta do ano 160, Advento tornou-se carrasco e espião do exército; serviu mais tarde como administrador financeiro do Império, na Bretanha, no tempo do imperador *Severo. Sua nomeação, por *Macrino, para o cargo de prefeito urbano e cônsul, e sua ascensão ao Senado despertaram oposição indignada.

AÉCIO (*Aetius*), comandante dos soldados, 430-432 e 433-454 d.C.

Flávio Aécio, general nascido na região do Danúbio, foi o comandante virtual do Império do Ocidente durante a maior parte do reinado de *Valentiniano III. Sua carreira foi influenciada pelos contatos que manteve com os hunos, entre os quais estivera como refém quando ainda jovem. Chegou muito tarde para ajudar o usurpador João (423-425), mas assegurou para si o comando da Gália sob o novo regime de Gala *Placídia e Valentiniano, antes que seus hunos fossem mandados para casa. Por volta de 430, era comandante-em-chefe, e quando Gala Placídia tentou substituí-lo por *Bonifácio, Aécio recuperou a supremacia com o auxílio dos hunos (432-433). Usou seus aliados para restaurar a ordem na Gália, onde os visigodos e burgúndios se revoltaram (436-439), mas sua política fracassou quando *Átila atravessou o Reno e devastou a Gália (451). Aécio foi forçado a pedir às tribos que derrotara (principalmente aos visigodos) auxílio na luta contra seus antigos aliados. Obteve vitória parcial em Troyes (Gália), mas não impediu Átila de invadir a Itália em 452. O prestígio de Aécio não se recuperou desse golpe, mas só o assassinato conseguiu afastá-lo definitivamente: em 21 de setembro de 454, ele foi acusado de traição e esfaqueado até a morte pelo próprio imperador.

AFER, CNEU DOMÍCIO (*Afer, Gnæus Domitius*), cônsul, 39 d.C.

Grande orador em seu tempo, Afer to-

mou parte na maioria dos casos importantes durante os reinados de *Tibério, *Calígula e *Cláudio. Escapando da morte por pouco, no tempo de Calígula, foi nomeado cônsul. Seu aluno mais famoso foi *Quintiliano. Morreu no ano 59 d.C.

AFRAATE (*Aphra'at*), asceta persa, princípios do século IV d.C.

Primeiro dos escritores da Igreja Siríaca, Afraate viveu no Império Persa e ocupou um cargo na Igreja, escapando da perseguição ordenada por *Sapor II. Sua obra *Vinte e três demonstrações* ou *Homílias*, escrita em 337-345, forma um compêndio da fé cristã, e é fonte preciosa para o estudo do começo da cristandade na Pérsia.

AGOSTINHO, SANTO (*Augustinus*) (354-430 d.C.), bispo de Hipona, 395-430 d.C.

Aurélio Agostinho (ou Augustino), o grande filósofo e "doutor" da Igreja Ocidental, nasceu na cidade africana de Tagaste, filho de um pequeno proprietário de terras e uma mãe cristã e possessiva, Santa Mônica. Completou seus estudos de retórica em Cartago, mas nunca conseguiu dominar o grego. Suas *Confissões* (397/400), obra-prima de autobiografia introspectiva, analisa sua vida até a morte de sua mãe (387). Aos dezenove anos, leu *Hortênsio* de *Cícero (obra perdida), que o inspirou na busca da "sabedoria". No início, buscou-a como *maniqueu, mas desiludiu-se enquanto ensinava retórica em Cartago (376-383). Mudou-se para uma cátedra em Roma (383-384) e depois, por referência de *Símaco, para uma cátedra na capital imperial de Milão (384). Abandonou o ceticismo quando os sermões de Santo *Ambrósio esclareceram-lhe o Antigo Testamento e quando a descoberta do neoplatonismo (ver *Plotino) lhe revelou o conceito de uma realidade transcendente. Converteu-se, primeiro, ao ideal de uma vida filosófica dentro da Igreja Católica (agosto de 386), mas, depois, devotou-se a uma vida ascética afastada das lides públicas e de um casamento vantajoso (pelo qual já havia sacrificado seu casamento não-oficial com uma jovem de quinze anos). Depois de batizado por Ambrósio (na Páscoa de 387), Agostinho voltou à África e passou a viver, monasticamente, em Tagaste (388-391). Em 391 d.C., foi ordenado padre na cidade de Hipona.

A ordenação e a consagração como bispo, em 395, foram momentos tão decisivos quanto sua conversão. Agostinho tornou-se uma figura pública, um pastor, um mestre cristão, o formidável porta-voz e agente da unidade católica na África. Escreveu e pregou contra o *donatismo, organizando concílios e intervenções seculares, o que culminou numa audiência entre as hierarquias rivais (Cartago, 411), que condenou os donatistas. Nessa audiência usou-se de coerção, mas Agostinho justificou-a pela necessidade de trazer os cismáticos de volta à Igreja universal. Começou então o "árduo e grande trabalho" da *Cidade de Deus* (413-426), para rebater a acusação pagã de que Roma se degradara nos tempos cristãos; porém, passou da demolição do paganismo para a idéia de uma comunidade cristã neste mundo e no outro, em contraste com a "Cidade Terrestre". Entre os refugiados de Roma que visitaram a África estava *Pelágio, cuja doutrina sobre o livre-arbítrio fora inspirada numa sentença das *Confissões* (cap. 29): "Dai o que ordenais, e ordenai o que quiserdes". Numa série de tratados contra Pelágio e seu discípulo Juliano de Eclana, Agostinho desenvolveu teses sombrias sobre a impotência da vontade humana e sobre a inescrutabilidade da justiça de Deus; a humanidade seria uma "massa de pecados" devidos ao Pecado Original de Adão, e as almas só poderiam ser salvas (algumas delas) pela Graça de Deus. No fim de sua vida (426/427), Agostinho reviu sua enorme produção literária: noventa e três obras, a maioria das quais ainda sobrevive (duzentos e trinta e dois volumes), bem como centenas de sermões e cartas. Agostinho morreu em 28 de agosto de 430 d.C., durante o cerco de Hipona pelos vândalos invasores, consolando-se com o pensamento de que nenhum grande homem se preocupa com a queda de pedras e madeiras ou com o desaparecimento de mortais. Esse pensamento era de Plotino.

AGRÍCOLA (*Agricola*) (40-93 d.C.), governador da Bretanha, 78-85 d.C.

Cneu Júlio Agrícola nasceu em Fréjus e foi educado em Marselha. Sua mãe foi morta pelas tropas de *Oto, enquanto seu pai foi condenado à morte por *Calígula, porque recusara processar Marco Silano. Agrícola foi promovido rapidamente por *Vespasiano e, quando cônsul, no ano 77, contratou o casa-

mento de sua filha com o historiador *Tácito que, posteriormente, fez uma descrição panegírica (ainda existente) de sua vida. Quando governador da Bretanha, ativou a romanização da província e ampliou suas fronteiras com uma série de campanhas vigorosas e bem-sucedidas contra a Escócia. *Domiciano chamou-o de volta antes que terminasse a conquista, e cuidou para que o restante de sua carreira não fosse tão notável.

AGRIPA (*Agrippa*) (falecido em 12 a.C.), delegado de Augusto.

Marco Vipsânio Agripa foi o mais importante dos partidários de *Augusto, e seu amigo desde a infância. Foi seu auxiliar na guerra contra os perusinos; lutou contra os aquitanos e os úbios, e foi o principal líder

da guerra naval contra Sexto *Pompeu, da guerra dalmática e da Batalha de Áccio. Quando Augusto foi finalmente confirmado imperador, enviou Agripa para enfrentar os gauleses e os cântabros, que não estavam pacificados; enviou-o depois ao Oriente, numa missão de dez anos, onde ele solucionou os problemas do mar Negro. De volta à Itália, Agripa desempenhou atividades de censor, recebeu poder tribunicio e ocupou dois consulados com Augusto, enquanto gastava no embelezamento de Roma a sua parte dos espólios de guerra, com uma prodigalidade que igualava a do próprio imperador. Casou-se primeiro com a filha do grande equestre Pompônio *Ático; seus casamentos posteriores com a sobrinha de Augusto, Marcela, e, em 21 a.C., com *Júlia (2), colocaram-no em contato direto com ramificações da dinastia, o que envolveu a ele e a seus filhos nos planos de sucessão (ver árvores genealógicas). Entretanto, não estava muito certo de seu papel antes da morte de *Marcelo, e havia,

O Panteão, Roma, construído por Adriano para substituir o templo original de Marco Agripa, no Campo de Marte (27-25 a.C.).



inclusive, imposto a si mesmo o exílio em Lesbos, mas seu casamento com Júlia restituiu-lhe a antiga posição. Morreu no ano 12 a.C., e suas cinzas foram colocadas no Mausoléu de Augusto.

Sua modesta recusa dos triunfos e sua dócil obediência a Augusto, que podem causar surpresa, derivam em parte da impossibilidade de obter a posição de *princeps* por causa de seu nascimento humilde — nas circunstâncias, achou conveniente referir a si mesmo como Marco Agripa, omitindo seu bizarro nome gentílico. Suas recompensas foram o poder e a influência em larga escala, e a consciência de que, sem sua perícia militar, o estabelecimento de Augusto teria sido impossível.

AGRIPA, "HERODES" (*Agrippa "Herodes"*), rei da Judéia, 37-44 d.C.

Neto de *Herodes, o Grande, Marco Júlio Agripa nasceu no ano 10 a.C., foi educado com seus contemporâneos *Cláudio e *Druso (filho de *Tibério) e esteve sempre ligado ao círculo de *Antônia. Suas atividades durante o reinado de Tibério, conhecidas em grande detalhe através de *Josefo, formam uma história complexa de prodigalidade, dívidas, brigas com parentes de oficiais romanos do leste, e mais tarde suspeita de traição. A ascensão de *Calígula ao poder salvou-o, e ele recebeu um grande reino; conseguiu também evitar que Calígula insistisse em colocar sua própria estátua no Templo de Jerusalém. Cláudio dava muito valor aos seus conselhos sobre assuntos orientais, mas Agripa parecia ter um espírito muito independente para um rei cliente de Roma, e apenas sua morte, em 44, evitou um confronto entre os dois. Era um judeu devoto, e perseguiu a cristandade nascente nos últimos anos de seu reinado.

AGRIPA PÓSTUMO (*Agrippa Postumus*), (12 a.C.-14 d.C.).

Filho de *Agripa e de *Júlia (2), Marco Vipsânio Agripa Póstumo foi adotado por *Augusto em 4 d.C. Suas maneiras agressivas e desajeitadas parecem ter sido agravadas pelas dificuldades e frustrações de seu papel de segundo plano em relação ao outro herdeiro, *Tibério, muito mais ilustre, e que gozava da simpatia de *Lívia. Seguiu-se o exílio, primeiro para Sorrento e depois para Planásia e, no ano 14 d.C., *Salústio Crispo tomou

a precaução de mandar matá-lo. A extensão dos rumores e o episódio do falso Agripa provaram que isso fora prudente.

AGRIPINA, A VELHA (*Agrippina*) (falecida em 33 d.C.).

Agripina era filha de *Agripa e de *Júlia (2), e esposa de *Germânico, com quem teve nove filhos, incluindo o imperador *Calígula (ver árvore genealógica). Foi incansável em seu auxílio ao marido, acompanhando-o à Germânia e ao leste, de onde trouxe suas cinzas no ano 21. Seu comportamento independente desgostou *Tibério e, assim, *Sejano, aproveitando este desagrado, fez com que ela fosse exilada na ilha de Pandátia, em 29, onde ela decidiu, mais tarde, passar fome até morrer. Era muito popular em Roma.



Epitáfio de Agripina, a Velha, esposa de Germânico, mãe do imperador Calígula, no Mausoléu de Augusto, Roma.

AGRIPINA, A JOVEM (*Agrippina*) (15-59 d.C.).

Filha de *Germânico e de *Agripina, a Velha, Júlia Agripina casou-se em 28 d.C., por ordem de *Tibério, com Cneu *Domício



Estátua de mármore de Agripina, a Jovem (45-50 d.C.). Nápoles, Museo Nazionale.

Enobarbo (2). Participou das honras de suas irmãs, sob o reinado de *Calígula, mas foi exilada por ter tomado parte na conspiração de *Lênulo Getúlico. Foi trazida de volta a Roma por *Cláudio e, ficando viúva, não conseguiu persuadir *Galba a se casar com ela; escolheu então *Salústio Passieno Crispo, a quem, segundo se diz, mandou matar para herdar sua fortuna. Mesmo assim, era popular em Roma e, com o auxílio de *Palante e de *Vitélcio, conseguiu casar-se com seu tio Cláudio, em 49 d.C. Passou então a desfrutar enorme poder. No ano 50, tornou-se augusta,

e fez com que seu filho *Nero fosse adotado. Entre seus atos estão: a fundação da Colônia Agripina (hoje Cologne), o afastamento de *Lólia Paulina, a nomeação de *Burro para o cargo de prefeito pretoriano. Temerosa de que o imperador preferisse *Britânico a Nero, Agripina envenenou Cláudio e anunciou Nero como sucessor. No início, seu poder diminuiu pouco; mas logo Nero começou a se destacar, principalmente na sua vida particular, contando com o apoio de Burro e de *Sêneca. Vários planos minuciosos foram elaborados para matar Agripina, o que se revelou tarefa difícil. Seu assassinato no ano 59 provocou regozijo público.

ALARICO (*Alaricus*), líder dos visigodos, aprox. 395-410 d.C.

Alarico saqueou Roma (agosto de 410), façanha que chocou o mundo, mas não conseguiu achar um lar para seu povo. Depois de lutar por *Teodósio em 394, rebelou-se com a morte do imperador e, conseguindo eludir *Estilício na Grécia, chegou a um acordo com o governo oriental (397). No ano 401 invadiu a Itália, mas foi expulso por Estilício, com quem, entretanto, colaborou mais tarde num plano para conquistar a Ilíria oriental. Quando este falhou e Estilício foi assassinado, Alarico fez pressão sobre o governo ocidental, invadindo a Itália e bloqueando Roma (408-410 d.C.). Chegou a proclamar um imperador rival de *Honório, Prisco *Átalo, mas foi incapaz de negociar um acordo. Pouco depois do saque de Roma, morreu no sul da Itália, enquanto se preparava para invadir a Sicília.

ALECTO (*Allectus*), usurpador, Bretanha, 293-296 d.C.



Medalhão de ouro onde se vê Constâncio I entrando em Londres depois de derrotar Alecto. Arrás, museu.

Alecto ocupou um alto cargo sob o usurpador *Caráusio (287-293), a quem assassinou e depois sucedeu. Governou a Bretanha e o norte da Gália durante três anos, até que o exército do César *Constâncio I matou-o em batalha no sudeste da Bretanha. A vitória foi comemorada em um panegírico de Constâncio e em um medalhão de ouro encontrado em Arrás, que mostra a entrada triunfal de Constâncio em Londres.

ALEXANDRE DE ABONUTICOS (*Alexander*), impostor religioso, século II d.C.

Místico da Paflagônia, de língua grega. Mais conhecido através das críticas recebidas de seu contemporâneo *Luciano. Alegando receber ajuda divina — de Asclépio em forma de serpente — Alexandre fazia oráculos e conduzia ritos místicos, para os quais tinha grande número de seguidores.

ALEXANDRE, DOMÍCIO (*Alexander, Domitius*), usurpador, África, 308-309/311 d.C.

A abdicação de *Diocleciano foi seguida de guerras civis complexas. No ano 308, *Maxêncio, que governava Roma, tentou consolidar seu controle sobre a África; o fraco exército africano, com presteza, proclamou um imperador: Domício Alexandre, o idoso e tímido governador-geral da África. Roma, principal ponto de apoio de Maxêncio, ficou assim sem seu principal fornecedor de trigo. Maxêncio, então, enviou um exército para a África, que derrotou e estrangulou Alexandre e devastou as mais ricas regiões da África.

ALEXANDRE PELOPLATÃO (*Alexander Peloplatone*), sofista, século II d.C.

Sofista natural da cidade de Selêucia, na Cilícia (o cognome significa "Platão de barro"), Alexandre visitou Roma no tempo de *Antonino Pio como enviado oficial de sua cidade de origem. Chamado por *Marco Aurélio para ir até a Panônia durante as guerras contra os marcomanos, recebeu o posto de secretário da correspondência em grego. Morreu enquanto ocupava o cargo.

ALÍPIO (*Alypius*), governador-geral da Bretanha, 358 d.C.

Educado em Antioquia e inicialmente governador-geral da Bretanha, Alípio supervisionou a tentativa do imperador *Juliano de reconstruir o Templo de Jerusalém (363).

Diz-se que o projeto foi abandonado por causa das chamas que irrompiam constantemente das fundações.

AMANDO (*Amandus*), usurpador gaulês, aprox. 286 d.C.

Amando foi líder dos bagaudos da Gália, juntamente com Eliano. Ambos foram derrotados por *Maximiano, por volta do ano 286.

AMBRÓSIO, SANTO (*Ambrosius*), bispo de Milão, 374-397 d.C.

Filho de um prefeito pretoriano (nasceu em aprox. 340), versado em latim e grego, Ambrósio era governador da província cuja capital era Milão quando, no ano de 374, foi escolhido por aclamação popular para ser bispo. Não havia sido batizado, mas sua irmã mais velha era freira havia vinte anos (ele se tornou um zeloso defensor da virgindade). Depois de ordenado, acumulou mais influência do que a maioria dos prefeitos pretorianos: eloquência, força de caráter, contatos na corte e uma grande massa de seguidores tornaram-no mais apto do que qualquer panegirista pagão para impor padrões morais aos imperadores que residiam em Milão. *Graciano, no ano 382, tirou da casa do Senado romano o altar da Vitória e, em 384, Ambrósio derrotou o apelo de seu parente *Símaco para que o altar fosse restaurado. No Concílio de Aquiléia (381), destituiu os bispos *arianos sobreviventes: quando, em 385-386, a imperatriz *Justina exigiu uma igreja para o culto *ariano, Ambrósio ocupou-a com uma congregação preparada para resistir a um "cerco": a corte teve que desistir. Com enorme entusiasmo, descobriu as relíquias de dois mártires locais. Quando esteve na Itália, *Teodósio I submeteu-se também à influência de Ambrósio, tomando uma atitude mais dura contra o paganismo e penitenciando-se publicamente por ter ordenado o massacre em Tessalônica (390).

Apesar de ser um leigo, Ambrósio rapidamente tornou-se um pregador consumado, ganhando a admiração profissional de Santo Agostinho. Tornou-se um "doutor" da Igreja ocidental, assim como Agostinho e São *Jerônimo (que não gostava dele), por definir em latim a fé católica, a partir do conhecimento direto que possuía da teologia grega e do neoplatonismo (ver *Plotino, *Mânlio Teodoro). A conversão de Agostinho deu-se dentro do

contexto da vida intelectual de Milão: foi batizado por Ambrósio na Páscoa de 387, ano no qual a lembrança de um hino de Ambrósio (*Deus, creator omnium*) o confortou da dor causada pela morte da mãe. Ambrósio, arquétipo dos eclesiásticos ousados e valentes que afirmaram a independência da Igreja ocidental, sabia como falar ao coração dos homens.

AMBRÓSIO, AURÉLIO (*Ambrosius, Aurelius*), líder romano-britânico, meados do século V d.C.

Talvez lendário, mas citado por Gildas (século VI), Aurélio Ambrósio é tido como inspirador da resistência britânica às invasões saxônicas. Sua carreira pode ter constituído a base das lendas sobre o rei Artur.

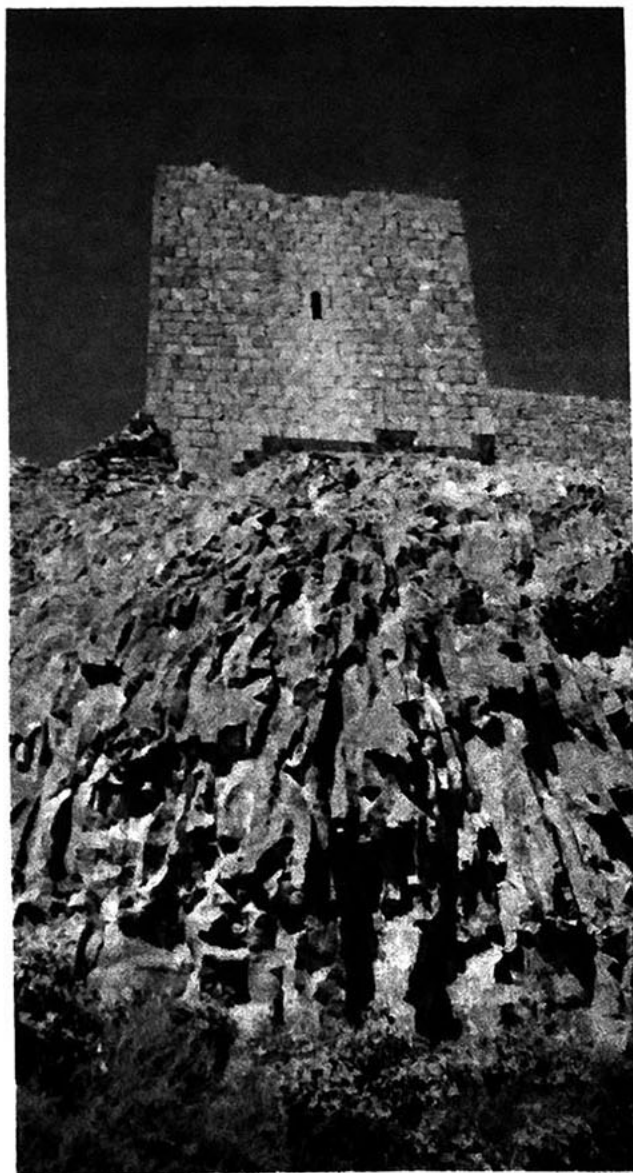
AMIANO MARCELINO (*Ammianus Marcellinus*) (aprox. 330-aprox. 395 d.C.), historiador.

Amiano, que se denominava “antigo soldado e grego”, veio de Antióquia, mas escreveu sua história do período 96-378 d.C. em Roma, e em latim. Os livros que permaneceram (353-378 d.C.) constituem a fonte principal da história secular dos reinos de *Constâncio II, *Juliano, *Valentiniano I e *Valente. Amiano foi oficial do exército, inicialmente sob o comando de *Ursicino; participou do serviço ativo na Gália (colaborando no assassinato de *Silvano) e na Mesopotâmia (foi cercado pelos persas na fortaleza de Amida e tomou parte na expedição de Juliano à Pérsia). Depois de se desligar do exército, em 363, viveu em Antióquia e continuou a viajar. Estabeleceu-se finalmente em Roma, talvez por volta de 383. Através de uma carta de congratulações escrita por *Libânio, sabemos que em 392 já publicara parte de sua história.

Ao registrar a história contemporânea, Amiano usou suas próprias anotações e as de outras pessoas, bem como todos os relatos escritos disponíveis (ver *Eunápio). Escreveu cuidadosamente, num latim “literário”, rebuscado e típico do fim do Império, para agradar aos círculos intelectuais de Roma; mas suas descrições satíricas da sociedade romana sugerem que ele se via como um forasteiro. Não compartilhava a complacência de *Símaco para com a classe senatorial, nem suas preferências em história, fosse o tipo miscelâ-

nea ou a pura biografia (ver *Eutrópio, Aurélio *Vitor, *História augusta). Ao invés disso, Amiano fez um trabalho de grande alcance, no qual os acontecimentos de Roma são secundários e a ênfase é dada às descrições das guerras imperiais e das relações diplomáticas com povos estrangeiros, às fraquezas internas do Império, tais como corrupção burocrática, intrigas na corte, julgamentos por traição, usurpações. Como Heródoto, fez digressões sobre os assuntos que o interessavam — descrições de províncias romanas e povos estrangeiros, indisciplina no exército, desonestidade dos advogados, ciências popu-

Amida (atual Diyarbakir, no sudeste da Turquia): torre da fortaleza, na parede oriental do penhasco de basalto sobre o rio Tigre.



lares (adivinhações, hieróglifos egípcios, arco-íris, eclipse, terremoto, construção de máquinas de guerra). O resultado é muito rico e agradável de ler; mas Amiano é também notável como historiador, extraordinariamente exato e imparcial: por isso, criticava seu herói Juliano e registrava atos que fazem honra a pessoas de quem não gostava. Omitiu a história religiosa por questões de segurança ou, talvez, por não ser clássica; era pagão, mas reprimia suas crenças pessoais e limitava suas críticas à cristandade aos desvios das próprias normas da moralidade cristã. Amiano começou seu trabalho onde *Tácio parara, numa homenagem ao mestre, e dentre os últimos historiadores que escreveram em latim, é o único que pode ser comparado a ele: no estilo e na ordenação do material, Tácito é bem superior, mas Amiano o ultrapassa em amplitude e imparcialidade.

AMÍLCAR BARCA (*Hamilcar Barcha*) (falecido em 229/228 a.C.), general cartaginês.

Como comandante cartaginês na Sicília, Amílcar não pôde ser vencido em 241 a.C., quando negociou a paz com C. Lutácio *Cátulo. Amílcar deteve, em 238 a.C., uma revolta de mercenários na África, e a partir de 237 até sua morte criou um novo império cartaginês na Espanha. A demonologia romana o representa como pessoa que alimentava ódio obsessivo por Roma, ódio que ele inculcou em seu filho *Aníbal.

AMÔNIO SACAS (*Ammonius Saccas*), filósofo, meados do século III d.C.

Este pensador alexandrino é pouco conhecido, embora tenha sido um pioneiro da revivência do platonismo no fim da Antiguidade. Não escreveu nada, mas suas preleções eletrizavam seus alunos. Foi principalmente através de *Plotino — seu discípulo por onze anos — que a influência de Amônio permaneceu viva nos círculos neoplatônicos do século IV.

ANDRISCO (*Andriscus*), rei da Macedônia, aprox. 150 a.C.

Grego asiático que alegava ser Filipe, filho de *Perseu e herdeiro do extinto trono da Macedônia, Andrisko foi preso na Síria por *Demétrio Sóter e enviado a Roma; conseguiu fugir e, em 150/149 a.C., invadiu facilmente a Macedônia com a ajuda das di-

nastias trácias. O sucesso do falso Filipe ao se estabelecer como rei da Macedônia foi considerado incompreensível por seus contemporâneos. Derrotou um exército romano que era comandado por Públio Juvêncio Talna; mais tarde, em 148 a.C., rendeu-se a *Metelo Macedônico.

ÂNIA FAUSTINA (*Annia Faustina*), imperatriz, 221 d.C.

Ânia Aurélia Faustina foi uma das três esposas de *Elagábalo registradas pela história. Elagábalo casou-se com ela por causa do prestígio (os pais dela eram ambos parentes de *Marco Aurélio) e da necessidade de estabilizar o reino, ameaçado por sua fraqueza e sua degradação.

ANÍBAL (*Anibal* ou *Hannibal*) (247-183 a.C.), general cartaginês.

Um dos maiores gênios militares da Antiguidade, Aníbal foi considerado pelos romanos o mais formidável inimigo de sua história. Filho de *Amílcar, Aníbal assumiu o comando das forças cartaginesas na Espanha, em 221 a.C. Seu ataque, em 219 a.C., a Sagunto, cidade aliada de Roma, marcou o início da Segunda Guerra Púnica, que mais tarde os historiadores tentaram apresentar como uma guerra pessoal de vingança que Aníbal decla-



Moeda de prata cartaginesa, cunhada na Espanha com retrato de Aníbal (ampliação).

rou de modo gratuito, obedecendo a um juramento feito a seu pai. Ao invadir a Itália por terra, em 218 a.C., Aníbal anulou os planos romanos de fazer uma ofensiva em duas frentes, contra a Espanha e a África. Sua marcha épica pelos Alpes custou-lhe milhares de homens e a maior parte dos elefantes de guerra, mas ele assegurou o apoio militar de várias tribos da Gália Cisalpina e conseguiu, assim,

infligir aos romanos derrotas sucessivas, que culminaram na destruição dos dois exércitos consulares em Canas (216 a.C.). Alguns dos aliados italianos de Roma passaram para o lado de Aníbal, mas sua estratégia de longo alcance, que consistia em destruir a confederação italiana, não se concretizou porque a maioria dos italianos permaneceu leal, assegurando a Roma uma contínua vantagem em potencial humano.

Depois de Canas, Roma evitou outras confrontações diretas com Aníbal, permitindo-lhe manter o domínio da maior parte do sul da Itália. Mas sua posição tornou-se insustentável depois que *Asdrúbal não conseguiu trazer reforços da Espanha, em 207. Aníbal foi forçado a assumir uma posição cada vez mais defensiva, até que foi chamado à África (203 a.C.) para enfrentar a invasão de *Cipião Africano. Foi derrotado por Cipião, em Zama, no ano 202, e em seguida aconselhou os cartagineses a aceitarem a paz. Em 195, foi expulso de Cartago por inimigos políticos e procurou asilo na corte de *Antíoco III, provocando, em Roma, o temor de uma nova invasão da Itália. Depois da derrota de Antíoco, Aníbal fugiu para perto de Prússia, na Bitínia, mas quando Roma enviou *Flaminio para exigir sua rendição, Aníbal suicidou-se (183 a.C.).

ANIBALIANO (*Hannibalianus*) (falecido em 337 d.C.), sobrinho de Constantino.

Filho mais jovem de Fl. *Dalmácio, foi educado com o irmão Fl. Júlio *Dalmácio em Toulouse e, como ele, foi incluído nos planos de sucessão de *Constantino. Em 335 d.C., recebeu o título de *nobilissimus*, casou-se com *Constantina e foi nomeado governante da Armênia e do Ponto, com o título armênio de "rei dos reis". Foi morto em 337 d.C., juntamente com seu pai, seu irmão e outros parentes.

ANÍCIO GALO, LÚCIO (*Anicius Gallus, Lucius*), cônsul, 160 a.C.

Como pretor, em 168 a.C., Anício conduziu uma campanha relâmpago contra o aliado de *Perseu, Gêntio, rei da Ilíria, que se rendeu em um mês. Tito *Lívio alegava que a vitória fora comentada em Roma antes da notícia do início da campanha. O triunfo de Anício Galo, em 167, foi seguido por jogos bizarros, descritos por *Políbio (30.22.1-12),

nos quais famosos flautistas gregos tinham que lutar uns com os outros no palco, para agradar à platéia de filisteus da cultura romana. O ano do consulado de Anício ficou famoso por sua safra de vinhos.

ÂNIO VERO (*Annius Verus*), cônsul, 97, 121 e 126 d.C.

Nascido numa família de origem espanhola, Marco Ânio Vero foi um senador da segunda geração e avô de *Marco Aurélio. *Vespasiano concedeu-lhe a posição de patrício, e seu mérito transparece na honra excepcional de ter sido escolhido para um terceiro consulado no ano 126. Após a morte de seu filho (também chamado Marco Ânio Vero), pai de Marco Aurélio, Ânio adotou o neto. Este, nas suas *Meditações*, refere-se à influência exercida por seu avô. Diz-se que era aficionado de um jogo em que se usava uma bola de vidro.

ANTEMIO(1) (*Anthemius*), prefeito pretoriano, 405-415 d.C.

Era neto de *Filipo, prefeito pretoriano no tempo de *Constâncio II. Depois de ocupar outros cargos na corte, Antêmio foi prefeito pretoriano do Oriente durante uma década, período em que atuou como regente virtual do imperador *Teodósio II, ainda criança. Sua prefeitura foi marcada pela construção das grandes muralhas de terra que protegiam Constantinopla.

ANTEMIO(2) (*Anthemius*), imperador do Ocidente, 467-472 d.C.

Neto do regente do Império do Oriente, *Antêmio(1), e genro de *Marciano, Antêmio teve uma carreira notável no Oriente antes de sua nomeação, por *Leão, e de sua proclamação, em 467, como imperador do Ocidente. Apesar do apoio recebido do leste, seu reinado marcou-se por desastres na luta contra os vândalos (468) e os visigodos da Gália. As relações com seu genro *Ricimero foram sempre tensas, e o conflito declarado se iniciou em 472. Antêmio foi cercado em Roma e, segundo se diz, preso numa igreja romana, disfarçado como mendigo. Foi executado por Gundobado, o burgúndio.

ANTINOO (*Antinous*), cortesão imperial, reinado de Adriano.

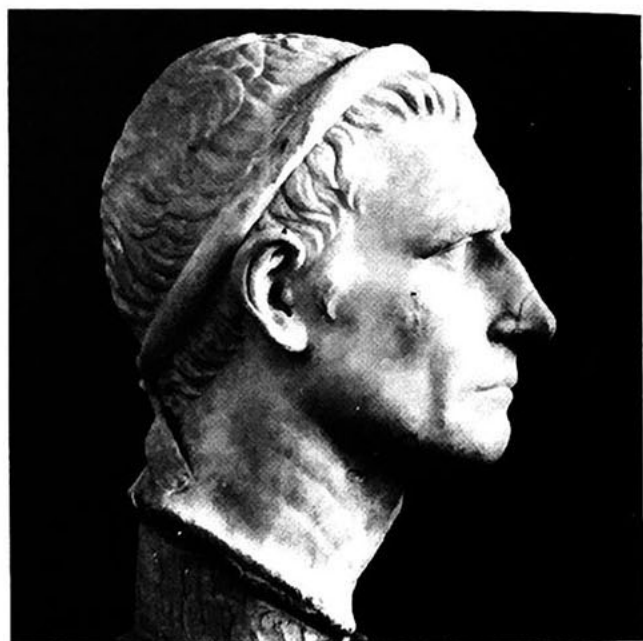
Oriundo de Claudiópolis, na Bitínia, An-



Antínoo como Ganimedes. Liverpool, Walker Art Gallery.

tínoo foi o favorito de *Adriano. Morreu afogado no Nilo durante a viagem de Adriano ao Egito (130). Adriano fundou uma cidade com seu nome, Antinoópolis, e o transformou em deus, estabelecendo templos para seu culto. Existem ainda hoje várias estátuas suas.

ANTIÓCO III (O GRANDE) (*Antiochus*), rei da Selêucia, 223-187 a.C.



Cabeça de Antíoco III, o Grande. Paris, Louvre.

As campanhas de Antíoco no Oriente, de 212 a 206 a.C., seguindo o exemplo de Alexandre, proporcionaram-lhe uma reputação formidável, o título de "o Grande" e conquistas extensas mas transitórias. Depois da derrota de *Filipe V nas colinas Cinocéfalas, questões de território levaram Antíoco, contra sua vontade, a entrar em um conflito com Roma em 192-191, após cinco anos de "guerra fria". Os romanos haviam superestimado suas forças: em duas campanhas (191-190), ele foi facilmente vencido por *Glabrião e pelos *Cipiões (Africano e Asiágeno), sendo forçado a abandonar a Ásia.

ANTIÓCO IV EPÍFANO (*Antiochus IV Epiphanes*), rei da Selêucia, 175-164/163 a.C.

Filho mais jovem de *Antíoco III, Epífano esteve em Roma como refém de 188 até 175, quando sucedeu o irmão no trono da Selêucia. *Políbio chama a atenção para sua excentricidade (26.1), mas Epífano era hábil na guerra e possuía uma política de longo alcance para fortalecer seu reino através da helenização e da urbanização. Essa política o aproximou de grupos minoritários, especialmente os judeus, e sua reputação sofreu por isso. Tentou, a todo o custo, manter boas relações com Roma, mas tirou vantagem do envolvimento de Roma na Terceira Guerra Macedônica para anexar o Egito de Ptolomeu. Em 168 a.C., entretanto, Caio *Popílio Lenas, que representava a ameaça de possível guerra com Roma, forçou-o a abandonar esta excelente presa. Depois de sua morte, e com o encorajamento de Roma, o reino selêucida entrou em declínio permanente.



Moeda de prata (quatro dracmas) de Antíoco IV Epífano.

ANTÔNIA (*Antonia*) (36 a.C.-37 d.C.).

Filha de *Antônio e *Otávia, irmã de *Augusto, Antônio casou-se com o mais velho dos *Drusos e deu-lhe vários filhos, entre eles *Germânico e *Cláudio. Após a morte de Druso, no ano 9 a.C., resistiu às pressões para se casar novamente e transformou-se num modelo de comportamento matronal,

conservando sua influência durante todo o reinado de *Tibério. Através de seus libertos (entre os quais *Palante, ministro de *Cláudio, e Cene, amante de *Vespasiano), Antônio parece ter desempenhado papel vital no auxílio dado a Tibério para frustrar as ambições de *Sejano. Após a morte de *Lívia, *Calígula e Drusila, netos de Antônio, foram criados em sua casa, onde vários príncipes orientais que lhe eram submissos, como "Herodes" *Agripa, podiam ser encontrados com frequência. Antônio havia herdado de seu pai muitas amizades e conexões (bem como enormes propriedades) no Oriente. Morreu em 37 d.C.; a história que se conta, segundo a qual Calígula a teria forçado ao suicídio, não tem fundamento. Antônio somente recebeu as honras póstumas no reinado de seu filho Cláudio.

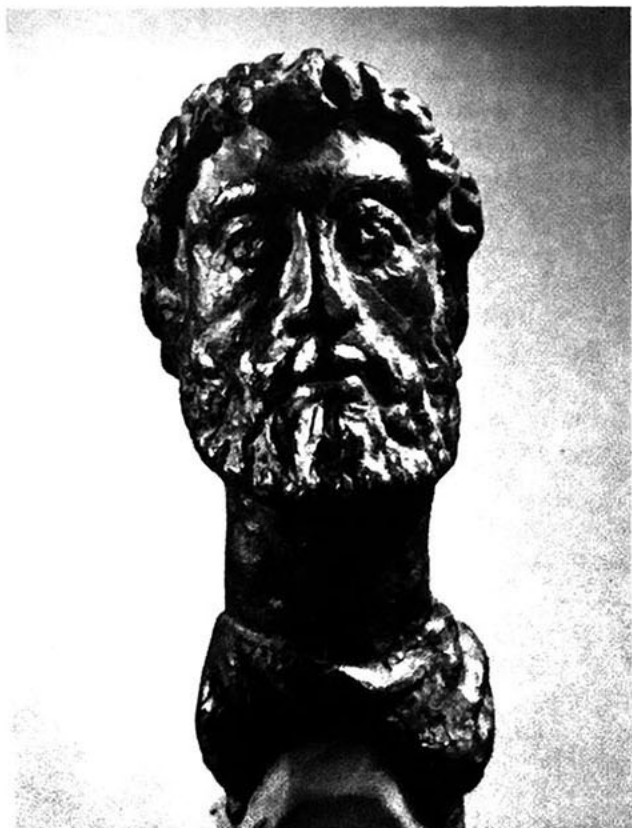
ANTONINO PIO (*Antoninus Pius*), imperador, 138-161 d.C.

Tito Aurélio Fulvo Boiônio Antonino nasceu em Lanúvio, em 19 de setembro de 86. Sua família era natural de Nîmes, na Gália Narbonense, mas seu avô e seu pai haviam ambos sido cônsules em Roma. O próprio Antonino ocupou o consulado no ano 130 e foi posteriormente nomeado quatuórviro (um posto judiciário) na Etrúria e na Úmbria, antes de ser governador da Ásia (133/136). Existe um episódio famoso ligado a esse posto de governador: o sofista *Polemão de Esmirna teria expulsado Antonino de sua casa. Em 25 de fevereiro de 138 ele foi adotado por *Adriano como filho e sucessor, recebeu poder tribunicio e *imperium* proconsular; quando Adriano morreu, em 10 de junho do mesmo ano, Antonino tornou-se imperador.

Um dos seus primeiros atos foi conseguir do Senado — que se ressentira de Adriano nos últimos anos — a deificação de seu predecessor e a ratificação de seus atos. Conseguiu isso prometendo abolir os juízes itinerantes italianos (quatuórviros) instituídos por Adriano. O Senado conferiu a Antonino o título de "pio" como reconhecimento de seu senso de dever em relação a Adriano. No ano seguinte (139) recebeu também o título de "pai da pátria" (*pater patriae*). Conseguiu manter boas relações com o Senado durante todo o seu reinado, principalmente graças a seu tato, pois os poderes e as responsabilidades dos senadores não foram aumentados em nada. Na realidade, a burocracia tornou-se

mais dinâmica e Antonino reservara para seu conselho privado todas as decisões sobre os assuntos de importância.

O reinado de Antonino, em sua maior parte, foi um período de paz e prosperidade. Ele não era extravagante (parece ter deixado seiscentos e setenta e cinco milhões de denários no Tesouro ao morrer), mas apoiou a construção de edifícios, principalmente na Itália. Ocorreram desordens em algumas províncias. Na Bretanha foi construída uma muralha de turfa (a Muralha de Antonino) entre os estuários do Forth e do Clyde; a muralha começou a ser construída em 143, depois de dois anos de lutas sérias. Acontecimentos importantes continuaram a ocorrer na fronteira do Reno. As províncias da África foram perturbadas pelo aumento do banditismo, que culminou na revolta da Mauritânia (aprox. 145-150). Houve revoltas na Dácia e problemas no limite oriental das fronteiras do Danúbio. Nos últimos anos do reinado de Antonino, houve ameaças de uma séria guerra com os partos, mas a paz foi acertada às pressas.



Busto de bronze de Antonino Pio (altura: 95 mm) em Willingham Fen, Cambridgeshire, Cambridge, Museu de Arqueologia e Etnografia.

Antonino morreu em 7 de março de 161, em Lório (Etrúria), e foi enterrado no Mausoléu de Adriano, em Roma. Os principais monumentos construídos por ele em Roma foram o Templo de Antonino e Faustina, no Fórum, e uma coluna comemorativa, originalmente localizada no Campo de Marte.

Seu caráter e sua personalidade receberam aprovação geral. Suas qualidades estão mais bem descritas nas *Meditações* de seu herdeiro *Marco Aurélio: “gentileza e resolução inabaláveis nos julgamentos obtidos após exame minucioso; renúncia às honras exteriores; amor ao trabalho e à perseverança; presteza para ouvir aqueles que têm algo a contribuir para o bem-estar público; o desejo de recompensar cada homem de acordo com seu mérito, com imparcialidade”; Marco Aurélio menciona ainda “sua energia na defesa de tudo o que fosse feito de acordo com a razão, sua equanimidade constante, sua expressão serena, sua doçura, seu desdém pela glória, sua ambição de dominar todos os problemas” (trad. A. S. L. Farquharson, 1944).

ANTONINO, ÁRRIO (*Antoninus, Arrius*), cônsul, 69 d.C., e possivelmente no reinado de Nerva.

Conhecem-se poucos fatos da vida de Ário, a não ser que governou a Ásia com sucesso durante o reinado de *Vespasiano e que era o avô de Antonino Pio. Sua importância, entretanto, é evidenciada pelo elogio elaborado que *Plínio, o Jovem, fez de sua benevolência e de sua amizade. Foi amigo particular de *Nerva.

ANTÔNIO, SANTO (*Antonius*) (aprox. 251-356 d.C.).

Antônio viveu sozinho com Deus, lutando com os demônios no deserto egípcio durante vinte anos, antes que seu modo de vida atraísse a atenção. Outros eremitas haviam vivido antes nas vilas, mas foi durante a Grande Perseguição que muitos cristãos passaram a viver no deserto, principalmente como discípulos de Antônio. Mais tarde, grandes homens foram buscar o auxílio deste homem analfabeto, filho de um fazendeiro copta: entre eles estava *Atanásio, bispo de Alexandria, cuja obra popular e influente, *Vida de Antônio*, inflamou os ideais monásticos em todo o Império. Ver também *Pacômio.

ANTÔNIO, IULO (*Antonius, Iullus*), cônsul, 10 a.C.

*Augusto tentou acabar com as dificuldades geradas pela guerra civil, permitindo que o filho de *Marco Antônio, Iulo Antônio, tivesse uma carreira política normal e que se casasse com sua sobrinha Marcela. Esse plano de ação teve sucesso por bastante tempo; no entanto, Iulo Antônio foi posteriormente envolvido no escândalo de *Júlia, no ano 2 a.C., o que poderia significar uma conspiração, e suicidou-se para evitar as consequências de seus atos.

ANTÔNIO, MARCO (*Antonius, Marcus*), cônsul, 99 a.C.

Notável orador, Antônio aparentemente obteve proeminência política no tempo de *Mário. Como pretor, em 102 a.C., foi indicado para um importante comando proconsular contra os piratas da Cilícia. Embora não tivesse realizado muito, conseguiu para si um triunfo ao voltar a Roma, no ano 100, e assegurou sua eleição para o consulado de 99. Enquanto ocupava o cargo de censor, no ano 97, concedeu a cidadania romana a alguns italianos, o que gerou polêmica; seu ato foi revogado pelos cônsules do ano 95, um dos quais era L. *Crasso, seu rival na política e na oratória. Na década de 90 a.C., Antônio deu seu apoio a alguns líderes que sustentavam Mário, principalmente a *Aquílio(2) e *Norbano, mas logo mudou sua lealdade: apoiou Lívio *Druso(2) em 91, morrendo em 87, vítima do massacre dos oponentes políticos de Mário.

ANULINO (*Anullinus*).

Caio Ânio Anulino, cônsul em 295 d.C., foi procônsul da África durante a perseguição de cristãos ordenada por *Diocleciano. Prefeito urbano em Roma, em duas ocasiões, durante o governo do usurpador *Maxêncio, foi conservado em seu posto por *Constantino (312). Seu filho (?) Anulino foi procônsul da África no ano seguinte (313), e recebeu cartas de Constantino que favoreciam os cristãos.

ANULINO, PÚBLIO CORNÉLIO (*Anullinus, Publius Cornelius*), prefeito urbano, 196 d.C.

Nascido na Espanha, Anulino foi amigo de *Severo durante muito tempo. Serviu como



Monastério copta de São Simeão (ainda em uso), no deserto ocidental de Assuã, no Egito. Vista da igreja (plano inferior), com a fortaleza ao fundo.

procônsul da África em 193, e também como general na luta contra *Pescênio Nigro, em 194, e durante a primeira guerra contra os partos. Foi prefeito urbano em 196 e cônsul ordinário em 199.

ÁPER ou APRO (*Aper*), prefeito pretoriano, falecido em 284 d.C.

Áper foi prefeito pretoriano de *Numeriano (283-284 d.C.), o qual se casara com sua filha. Escritores antigos acusam Áper de ter assassinado o genro para tornar-se imperador em seu lugar. Se Áper é culpado, seu plano não teve sucesso: *Diocleciano foi prontamente proclamado imperador. Na parada solene de inauguração do novo governo, Diocleciano confirmou sua própria inocência;

então, virando-se para Áper, que estava a seu lado, matou-o com a espada, diante de suas tropas atônitas.

APIANO (*Apianus*), historiador, século II d.C.

Nascido em Alexandria no reinado de *Domiciano, Apiano morreu por volta de 165 d.C. Em seus escritos menciona uma experiência com a revolta dos judeus no Egito (115-117). Ocupou um cargo administrativo em Alexandria e foi para Roma, onde provavelmente ocupou o posto equês de advogado do Tesouro imperial, recebendo depois uma procuradoria de *Antonino Pio, graças a *Frontão. Seu principal trabalho histórico (escrito em grego) compreende vinte e quatro livros, dos quais nove ainda existem completos, e outros sete, sob forma de fragmentos. A obra trata das guerras e das conquistas de Roma, organizadas de modo etnográfico. A parte mais importante, apesar dos erros, é a seção que lida com as "guerras civis" entre os anos 146 e 70 a.C. (livros 13-17), período sobre o qual não se tem outros relatos históricos.

APÍCIO (*Apicius*).

Durante longo período, Apício era apelido dado aos glutões, notadamente a Marco Gávio no tempo de *Tibério. O nome ficou ligado a uma coleção de receitas de cozinha com títulos desconhecidos, de origem incerta (séculos IV ou V da era cristã), mas ainda hoje existente. Nestas receitas, os ingredientes estranhos e as dosagens adulteradas representam, há longo tempo, um desafio a críticos e gastrônomos.

APOLINÁRIO (*Apollinaris*) (aprox. 310-aprox. 390 d.C.), heresiarca.

Filho de um gramático de Beirute, Apolinário foi um forte e dedicado antiariano que se tornou bispo de Laodicéia, na Síria, por volta do ano 360. Com seu pai, também chamado Apolinário, transformou a Bíblia numa obra clássica (uso do estilo épico, do diálogo platônico, etc.) exatamente quando *Juliano (361-363) proibiu o ensino dos clássicos pagãos pelos cristãos. Sua doutrina herética, inspirada no pensamento grego, afirmava que o Logos (Verbo) substituíra o espírito em Cristo. Esta afirmação, entretanto, tornava Cristo um ser humano incompleto, o que foi rejeitado

pelos concílios de Roma e Constantinopla (381). Alguns de seus trabalhos ainda sobrevivem.

APOLÔNIO DE TIANA (*Apollonius*), filósofo, século I d.C.

Os detalhes da vida de Apolônio são conhecidos através de uma biografia escrita por *Filostrato, por volta do ano 220. Apolônio nasceu no início do século I e morreu durante o reinado de *Nerva (96-98). Suas cartas e seus escritos eram conhecidos na Antiguidade, mas hoje se perderam. Era um filósofo neopitagórico; afirmava-se sobre ele que realizava milagres: ressuscitou mortos, ou curou doentes e subiu para o céu em carne e osso. Supõe-se também que, enquanto estava em Éfeso, Apolônio teve uma visão de como ocorreria, em Roma, o assassinato de *Domiciano. Como não há virtualmente nenhuma referência a ele antes do século III (*Luciano fez uma declaração breve mas desfavorável), fica difícil separar os fatos da lenda. Durante a perseguição aos cristãos no tempo de *Dioleciano, pela primeira vez foi estabelecido um paralelo entre Apolônio e Cristo, e os pagãos tentaram alegar que Apolônio e Cristo eram iguais. Assim, no século IV, Apolônio tornou-se figura importante na luta do paganismo contra o cristianismo, e o próprio Santo *Agostinho, embora refutasse a comparação, com certeza a levou a sério.

APULEIO ou APULEU (*Apuleius*) (falecido em aprox. 125 d.C.), romancista, polemista, filósofo.

Originário de Madauros, na Numídia, Apuleio estudou em Cartago e em Atenas, viajou pelo Oriente, morou em Roma, voltou ao norte da África, casou com uma viúva rica e, em 158/159, foi acusado de tê-la conquistado com magia negra. Julgado em Sabrta, foi considerado inocente; mudou-se então para Cartago, e lá gozou a velhice respeitável de um filósofo, poeta e retórico ilustre (já foi descoberto o pedestal de uma das várias estátuas erigidas em sua honra).

Seus escritos são muito numerosos, e os trabalhos que ainda sobrevivem (vários se perderam) mostram um domínio incomum de variados estilos: 1) *Sobre o demônio de Sócrates* e *Sobre Platão e seu dogma* — exposições populares e pouco acuradas do platonismo; 2) *Sobre o mundo* — tradução da

obra pseudo-aristotélica *Sobre o cosmos*; 3) *Florida (Buquê)* — seleção de vinte e três discursos de sua velhice respeitável; 4) *Apolonia* — defesa vigorosa contra a acusação de bruxaria; 5) *Metamorfoses* — romance escrito em onze livros, cuja data é incerta. Superficialmente, trata de um certo Lúcio que, por causa de sua curiosidade excessiva, é transformado em asno; mas, no fim, Ísis lhe devolve a forma humana. O livro 11, entretanto, é parcialmente autobiográfico, e revela uma devoção apaixonada à deusa. No romance está inserida a história "Cupido e Psiquê", tema paralelo que ocupa aproximadamente dois livros. Enquanto o romance principal pode ser comparado diretamente ao romance grego *Lúcio ou O asno*, atribuído a *Luciano, "Cupido e Psiquê" é um conto popular original, escrito por Apuleio com todos os refinamentos de literatura mais sofisticada. O estilo do conjunto é muito rico, bizarro e barroco, aproximando-se do tipo de retórica do asianismo, tão criticado por *Cícero, e da retórica grega contemporânea de Apuleio. A obra completa é um fascinante documento religioso, ao mesmo tempo que uma deliciosa história de aventuras.

AQUILES (*Achilles*), rebelde do Egito, 297-298 d.C.

No verão de 297, o Egito revoltou-se contra a Tetrarquia. Nas narrativas, Aquiles é citado como o líder da rebelião, embora as moedas e os documentos em papiro mostrem Domício Domiciano como imperador rebelde. *Diocleciano encarregou-se pessoalmente das operações militares, e recapturou Alexandria após um cerco de oito meses.

AQUÍLIA SEVERA (*Achillia Severa*), imperatriz, aprox. 220, 221-222 d.C.

Júlia Aquília Severa foi uma vestal com quem o imperador *Elagábalo se casou por volta do ano 220, causando grande escândalo em Roma. O imperador alegou que o casamento tinha funções religiosas, mas a opinião pública não ficou satisfeita. Depois de se divorciar dela para se casar com *Ânia Faustina, desposou novamente Aquília em fins de 221 d.C.

AQUÍLIO(1), MÂNIO (*Achillius, Manius*), cônsul, 129 a.C.

Como cônsul, Aquílio eliminou os últi-

mos remanescentes da revolta de *Aristonico na Ásia Menor, e organizou o antigo reino de Pérgamo como nova província romana (Ásia). Voltou a Roma em triunfo, no ano 126 a.C. Recebeu, em Pérgamo, o título de divino, mas em Roma foi acusado (sem sucesso) de extorsão.

AQUÍLIO(2), MÂNIO (*Achillius(2), Manius*), cônsul, 101 a.C.

Aquílio foi o principal companheiro político de C. *Mário, de quem se tornou amigo durante o consulado do ano 101 a.C. Tinha uma excepcional folha de serviços no exército, tanto como oficial superior, sob o comando de Mário durante as guerras germânicas, quanto como cônsul na Sicília, onde reprimira uma séria revolta de escravos. Mas a maneira como espoliou a Sicília deu-lhe a fama de grande avareza pessoal, que ele mais tarde lamentaria, embora tenha sobrevivido a um julgamento em Roma por extorsão. No ano 89, chefiou uma embaixada à Ásia Menor com o objetivo de restaurar ali o abalado prestígio de Roma. Teve então oportunidade de explorar a considerável influência pessoal que seu pai *Aquílio(1) adquirira na região, e conseguiu forçar *Mitridates a abandonar a Bitínia e a Capadócia. Foi muito longe, entretanto, ao convencer Nicomedes, rei da Bitínia, a invadir o Ponto, provocando assim uma guerra entre Mitridates e Roma. Mitridates venceu facilmente as poucas forças que Roma então mantinha na Ásia e, tendo capturado Aquílio, fez dele um exemplo público do domínio opressor e extorsivo que Roma exercia sobre a Ásia: matou-o de modo cruel, mas irônico, mandando derramar ouro derretido em sua garganta.

ARBÍCIO (*Arbitio*), comandante da cavalaria, 351(?) - 361 d.C.

Tendo começado como soldado comum, Flávio Arbício chegou a comandante-em-chefe e a cônsul no ano 355. *Constâncio II usou seus serviços como comandante de cavalaria contra o usurpador *Magnêncio e em várias outras tarefas, inclusive a inspeção das tropas de *Galo César, em 354; a campanha contra os alamanos, em 355; a investigação da queda da cidade de Amida (ver *Ursicino, *Amiano), em 360; e na resistência contra *Juliano. Ao se tornar imperador, para ganhar o apoio de Arbício, Juliano nomeou-o

presidente da Comissão da Calcedônia (361); ele e os outros generais do grupo tiveram, então, oportunidade de se vingar de *Úrsulo. Arbício aposentou-se, mas ainda usou sua influência sobre as tropas para auxiliar o imperador *Valente durante a rebelião de *Procópio, em 365-366. Amiano o descreve como injusto e cruel, sempre intrigando contra os rivais, capaz de se enriquecer com as propriedades de suas vítimas.

ARBOGASTE (*Arbogastes*), comandante dos soldados, falecido em 394 d.C.

Como seu tio *Ricomero, Arbogaste era um dos generais francos da corte de *Graciano. Desempenhou papel importante na derrota que *Teodósio I infligiu ao usurpador *Máximo, e uniu-se a *Valentiniano II como seu comandante-em-chefe (388). Eles brigaram e, depois da morte inexplicável de Valentiniano (provável suicídio), Arbogaste assumiu o poder juntamente com *Eugênio. Permaneceu como governante virtual e, com Nicômaco *Flaviano, reviveu os cultos pagãos. Suicidou-se depois que seu exército foi derrotado por Teodósio (setembro de 394).

ARCÁDIO (*Arcadius*), imperador do Oriente, 395-408 d.C.

Como o filho mais velho de *Teodósio I, Flávio Arcádio foi desde cedo marcado como seu sucessor, recebendo o título de augusto em 383, quando ainda criança. Seu tutor foi o filósofo *Temístio. Sucedeu ao pai, no trono de Constantinopla, em janeiro de 395, quando chegaram as notícias da morte de Teodósio em Milão. Apesar de sua posição como augusto mais velho (seu irmão mais moço, *Honório, governava o Ocidente), Arcádio nunca conseguiu se libertar do domínio de outras pessoas. Em 27 de novembro de 395, assistiu ao assassinato do prefeito pretoriano *Rufino pelas tropas, ato que facilitou a ascensão do camareiro *Eutrópio. Quatro anos mais tarde, Eutrópio, por sua vez, caiu vítima do poder da imperatriz *Eudóxia (cujo casamento com Arcádio ele mesmo havia incentivado). O poder de Eudóxia terminou com sua morte em 404 d.C., mas o prefeito pretoriano *Antêmio surgiu então como a principal influência sobre os últimos anos de Arcádio; sua supremacia na corte perdurou mesmo após a morte do imperador, em maio de 408.



Busto do imperador Arcádio. Istambul, Museu Arqueológico.

ÁRIO (e ARIANISMO) (*Arius*) (aprox. 260-336 d.C.), heresiarca.



Batistério dos arianos, em Ravena: mosaico da abóbada, século V. d.C.

Provavelmente líbio de nascimento, aluno de *Luciano de Antióquia, depois um dos principais padres de Alexandria, Ário foi o mais importante herético do início da Igreja Cristã. Por volta de 319 d.C., Ário começou a propagar a teoria de que o Filho de Deus é uma criatura subordinada ao Pai; o Filho foi criado antes do Tempo, e é superior ao resto da criação, mas é diferente do Pai em substância (em grego *ousia*, em latim *substantia*). Ário escreveu canções populares para difundir suas doutrinas. Excomungado por um concílio convocado pelo bispo de Alexandria, Ário procurou o apoio de companheiros que haviam sido discípulos de Luciano, em especial *Eusébio, bispo de Nicomédia. *Constantino, o Grande, que chegou ao Oriente em 324, enviou o bispo *Hósio como mediador, mas ele falhou. O grande Concílio Ecumênico de Nicéia reuniu-se em 325 e, através da influência de Santo *Atanásio, então diácono em Alexandria, condenou Ário e seus ensinamentos e adotou o termo *homo-ousios* ("de substância idêntica") para descrever a relação de Cristo com o Pai; Ário foi exilado na Ilíria. Algum tempo depois, mais favorável ao arianismo, Constantino chamou-o de volta de seu exílio (aprox. 334). Ário morreu em Constantinopla, em 336, segundo se alega, de uma hemorragia súbita

que o acometeu quando estava a caminho para receber a comunhão novamente.

As doutrinas de Ário, adotadas por *Constâncio II (337-361), tornaram-se a ortodoxia predominante no reinado desse imperador; mas, apesar de uma série de concílios e perseguições, Constâncio não conseguiu impor suas idéias à Igreja. *Valente, imperador oriental de 364 a 378, também era ariano e, assim, a doutrina de Nicéia só foi aceita no Oriente após o Concílio de Constantinopla, em 381. A evangelização dos godos, por *Ulfila, no reinado de Constâncio, prolongou a sobrevivência do arianismo, ao difundi-lo entre os bárbaros do norte. No século V, os ortodoxos foram perseguidos por vândalos arianos no norte da África, e por visigodos na Espanha. Depois disso, o arianismo desapareceu gradualmente.

ARISTIDES, ÉLIO (*Aristides, Aelius*) (118-aprox. 180 d.C.), sofista.

Públio Élio Aristides Teodoro nasceu a 27 de janeiro de 118 em uma família de ricos proprietários de terra em Mísia, na Ásia Menor; seu pai, Eudêmones, pode ter sido um amigo de *Adriano. Aristides era cidadão de

Colunata norte do Asclepieium, Pérgamo.



Esmirna. Entre seus professores estavam o gramático Alexandre, *Polemão, Tibério Cláudio Aristocles, em Pérgamo, e *Herodes Ático, em Atenas. A partir do ano 140, viajou pelas cidades e ilhas da Ásia e pelo Egito; visitou Roma pela primeira vez em 144 (onde compôs o famoso panegírico *Para Roma*). Começou então a primeira de uma longa série de doenças (agravadas por profunda hipocondria) que o forçaram a viver o resto da vida em sua casa de Esmirna, escrevendo e ensinando, ou então no Asclepieium de Pérgamo. Dava grande importância aos serviços que prestava à sua cidade, principalmente à intercessão junto aos imperadores para obter auxílio financeiro, quando Esmirna quase foi destruída por um terremoto em 177. Seus escritos (em grego) incluem discursos públicos e privados, declamações sobre temas históricos, ensaios polêmicos e hinos em prosa. Sua obra mais admirável talvez seja os *Contos sagrados* (em seis livros): é um longo relato das revelações que Asclépio lhe fez em sonho; na realidade, o tema é o relato de uma experiência religiosa pessoal. Morreu no ano 180 d.C., ou pouco depois.

ARISTOBULO (*Aristobulos*), prefeito pretoriano; cônsul, 285 d.C.

Tibério Cláudio Aurélio Aristobulo ocupou o posto de prefeito pretoriano no tempo de *Caro e *Carino (282-284 d.C.), e *Diocleciano o manteve no posto, apesar de sua oposição inicial a esse imperador (Aurélio *Vitor, "Césares", XXXIX, 14). Mais tarde, foi procônsul da África (290-294) e construiu edifícios públicos em várias cidades pequenas do interior. Em 295-296 d.C., foi prefeito urbano de Roma.

ARISTÓFANES (*Aristophanes*), governador no reinado de Juliano, 363 d.C.

Membro do conselho local de Corinto, Aristófanês estudou em Atenas e, depois de se apossar da herança de um parente que fora oficial poderoso, fugiu para a Síria, onde se tornou agente do Estado. No ano 357, foi enviado ao Egito, mas, em 359, envolveu-se com o governador nos julgamentos por traição e magia que eram realizados em Sitópole, na Palestina; foi exilado por três anos e multado. Em 362, *Libânio fez um discurso em favor de Aristófanês diante do novo imperador, *Juliano, que reabilitou o devoto pa-

gão e lhe deu um alto cargo (talvez governador-geral da Macedônia).

ARISTONICO (*Aristonicus*), rebelde da Ásia Menor, aprox. 130 a.C.

Filho ilegítimo de *Êumenes II, Aristonico incitou uma revolta na Ásia quando o último rei de Pérgamo doou seu reino a Roma. Com base em sua postura anti-romana, Aristonico adotou um programa aparentemente idealístico e socialmente revolucionário. O apoio a ele não abrangia as cidades gregas da Ásia, mas principalmente a população asiática não-grega e os escravos, aos quais prometera liberdade. Aristonico foi vencido por Marco Perperna, cônsul no ano 130 a.C., e mais tarde, executado em Roma.

ARMÍNIO (*Arminius*), líder germânico, 9 d.C.

Armínio era um nobre germânico; recebeu a cidadania romana e seguiu, no exército, a carreira de eqüestre. Incitou a revolta das tribos germânicas que levou à destruição das legiões de *Varo. Outras lutas contra Roma, ou contra tribos vizinhas, tiveram sucesso menos espetacular. Morreu no ano 19 d.C., quando já era um herói popular.

ARNÓBIO (*Arnobius*), homem de letras, ativo em aprox. 300 d.C.

Arnóbio, retórico do norte da África, converteu-se ao cristianismo por causa de um sonho. Mais tarde, escreveu sete livros intitulados *Contra os pagãos*, que contêm pouca doutrina cristã, mas que condenam, com vigor desordenado e muitos detalhes intrigantes e vívidos, os costumes vigentes nas cidades da África romana. Diz-se que Arnóbio foi tutor de *Lactâncio.

ÁRRIA (*Arria*), estóica, século I d.C.

Depois do fracasso da conspiração de *Escriboniano (42 d.C.), um dos envolvidos, Cecina Peto (cônsul em 37 d.C.), aprendeu com sua mulher Ária como deveria morrer: ela apunhalou-se, dizendo "Não dói, Peto". Sua filha, também chamada Ária, foi contida com dificuldade para não repetir o ato da mãe, quando seu marido *Trásea Peto cometeu suicídio no ano 66 d.C. *Fânia, filha desta Ária e neta da mais velha, casou-se com *Helvídio Prisco. As duas Árias estavam no centro da tradição dissidente do fim do século

I d.C., embora a mais jovem tenha sobrevivido no exílio para conhecer dias melhores no tempo de *Nerva.

ARRIANO (*Arrianus*), filósofo e historiador; cônsul em 129 d.C.(?).

Nascido em Nicomédia, na Bitínia, Flávio Arriano foi aluno do filósofo estóico *Epiteto. Após seu consulado, foi governador da Capadócia, onde reprimiu uma invasão dos alanos. Foi o responsável pela conservação dos *Discursos* de seu mestre Epiteto (quatro dos oito livros foram preservados, com um *Manual* que resume seus ensinamentos). Imitador do estilo de Xenofonte, Arriano escreveu, em grego, várias obras históricas: sobre a Pércia (Pércia); sobre a Índia; um relato da expedição contra os alanos; uma história dos sucessores de Alexandre, o Grande. Existe também uma obra sobre tática militar, mas sua grande importância como historiador repousa no *Anábasis*, o melhor relato existente sobre as campanhas de Alexandre.

ARTEMIDORO DE DÁLDIS (*Artemidorus*), escritor, século II d.C.

Não se conhece nada da vida de Artemidoro, autor de *A interpretação dos sonhos*, a mais importante obra antiga sobre o assunto, possivelmente dedicada a *Máximo de Tiro. Escreveu também obras sobre augúrios e quiromancia, mas estas se perderam.

ARÚNCIO, LÚCIO (*Arruntius, Lucius*), cônsul, 6 d.C.

Arúncio era rico, eloquente e incorruptível. *Augusto o considerava não só merecedor do poder imperial, como também capaz de lutar por ele. Era franco demais para com *Tibério, e inimigo de *Sejano e *Macrão, cujas intrigas levaram Arúncio ao suicídio (ano 37 d.C.). Seu pai (tinha o mesmo nome e foi cônsul em 22 a.C.) escreveu a história das Guerras Púnicas usando o estilo de *Salústio; adotou Camilo *Escriboniano como seu filho.

ASCLEPIÓDOTO (*Asclepiodotus*), prefeito pretoriano, 290-296 d.C.; cônsul, 292 d.C.

Asclepiódoto era militar; atingiu o posto de prefeito pretoriano nos primeiros anos do reinado de *Diocleciano. Em 296 d.C., *Constâncio I expulsou da Bretanha o usurpador *Aletto, nomeando Asclepiódoto como coman-

dante de uma das duas forças expedicionárias. Oculto pela neblina do canal, Asclepiódoto desembarcou em Hampshire e derrotou Aletto facilmente. Constâncio, vindo do leste, entrou em Londres, assegurando assim a fronteira noroeste do Império.

ASCÔNIO (*Asconius*) (9 a.C.-76 d.C.), gramático.

Da considerável produção literária de Quinto Ascônio Pediano (que ficou cego no ano 64 d.C.), sobreviveram apenas os comentários sobre cinco discursos de *Cícero, dois deles sobre discursos que se perderam. Seu trabalho é cuidadoso, baseado em boas fontes; freqüentemente, tem grande valor.

ASDRÚBAL (*Hasdrubal*) (falecido em 207 a.C.), general cartaginês.

Irmão mais jovem de *Aníbal, enviado para a Espanha como comandante das forças cartaginesas (218. a.C.), Asdrúbal não conseguiu juntar-se a Aníbal, na Itália, depois de Canas, por ter sido impedido por P. e Cn. *Cipião. Quando, afinal, chegou à Itália em 207, foi derrotado por C. Cláudio *Nero e *Salinátor, no rio Metauro, onde morreu lutando. Sua cabeça foi atirada ao campo de Aníbal.



Asdrúbal(?): moeda de prata cartaginesa (ampliação).

ASÍNIO GALO (*Asinius Gallus*), cônsul, 8 a.C.

Filho do orador e historiador C. *Asínio Pólio, Caio Asínio Galo foi pai de três cônsules. Foi também um orador competente, embora obscurecido por seu pai, de quem herdou a antipatia por *Cícero. Asínio Galo era amigo de *Augusto, que o caracterizou como ávido pelo poder imperial, mas incompetente para tanto. *Tibério sempre teve má vontade

para com ele, em parte por ter se casado com Vipsânia depois que ela se divorciou de Tibério, mas também por causa de sua atitude intransigente no Senado. Foi prejudicado, também, por sua associação com *Sejano e com *Agripina. Condenado no ano 30 d.C., morreu em 33, sob custódia, provavelmente de inanição.

ASÍNIO PÓLIO, CAIO (*Asinius Pollius, Gaius*), cônsul, 40 a.C.

Partidário de *César e, mais tarde, de *Marco Antônio, Pólio, na condição de governador da Espanha Ulterior, depois da morte de César, uniu suas forças com as de Marco Antônio e *Lépido(3) contra a República. Apoiou Marco Antônio na guerra contra os perusinos, mas, como cônsul em 40 a.C., colaborou para a reconciliação deste com Otaviano em Brindisi, na Calábria. No ano 39, quando era procônsul da Macedônia, venceu os partinos da Ilíria; retirou-se então da vida pública, para dedicar-se à literatura. Teve grande importância na literatura romana, tanto como fundador da primeira biblioteca pública da cidade, quanto como iniciador do pernicioso costume dos recitais de declamação, apresentados a pedidos. Suas relações e sua carreira literária abarcam tanto a geração de *Cícero e *Catulo, quanto a de *Virgílio e Cornélio *Galo. Compôs tragédias sobre as quais escreveu a Cícero, e que eram conhecidas por Virgílio e *Horácio; foi famoso como orador e, mais tarde, como declamador; pronunciou comentários de extremo vigor sobre questões literárias e estilísticas, mas conquistou grande renome por ser o autor de uma obra, muito original e de discutível influência, sobre a história do período que vai do ano 60 (ou 49) a.C. até o ano 42 (?) (ver Horácio, *Odes*, II, 1).

ÁSPAR (*Aspar*), comandante dos soldados; cônsul, 434 d.C.

Um dos mais hábeis generais do Império do Oriente, Flávio Ardabúrio Áspar atingiu preeminência como aliado de Gala *Placídia contra o usurpador João (ano 425); foi recompensado com um consulado no Ocidente, em 434, depois de tê-la servido na África (um *missorium* com inscrição comemora esse evento). Alano de nascimento, a posição de domínio ocupada por Áspar explica-se pela presença, em Constantinopla, de militares ger-

mânicos, principalmente ostrogodos. Foi ele quem planejou a escolha de *Marciano e *Leão para serem imperadores (450 e 457), mas a partir de 466 d.C. sua posição foi desafiada por Zenão, promovido por Leão. Embora seu filho, Patrício, tenha sido indicado para ser César, em 470, as intrigas da família para conservar a posição de Ásper culminaram com seu assassinato por eunucos do palácio (470/471 d.C.).

ASTÚRIO (*Asturius*), cônsul, 449 d.C.

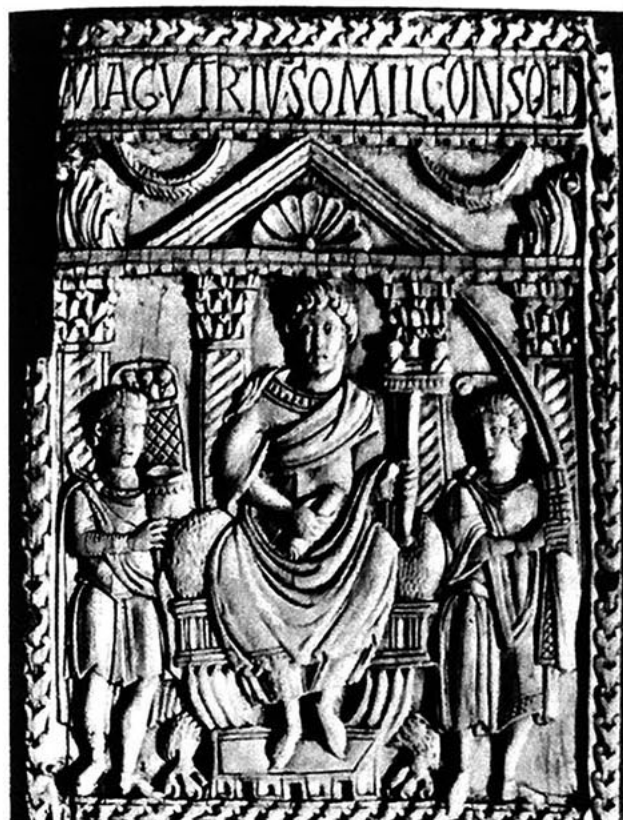
Os festejos consulares de Túrcio Rúfio Astúrio (449), em Arles, foram celebrados por Apolinário *Sidônio e assinalados em um dos poucos dípticos do século V que sobreviveram e podem ser atribuídos a uma personagem específica.

ÁTALO I (*Attalus I*), rei de Pérgamo, 241-197 a.C.

A reputação de Átalo foi confirmada por suas vitórias sobre os gálatas, na década de 230 a.C., feito registrado nas grandes esculturas da acrópole de Pérgamo. A posição assumida por Átalo contra as ambições de *Filipe V levou-o a cooperar (juntamente com

Travessa de prata (missorium) de Áspar, destinada a comemorar sua ascensão ao consulado, no Ocidente, em 434 d. C. (42 cm de diâmetro). Florença, Bargello.





Díptico consular de Astúrio, em marfim. Darmstadt, museu.



Busto de Atalo I. Berlim, Preussischer Kulturbesitz.

os etólios) com os comandantes romanos *Leviano e Públio Sulpício *Galba (210-207 a.C.). Confirmou a futura situação de Pérgamo como títere de Roma quando, em 201 a.C. (junto com Rodes), levou os romanos a uma segunda guerra macedônica. Átalo morreu pouco antes da derrota de Filipe nas colinas Cinocéfalas.

ÁTALO II FILADELFO (*Attalus II Philadelphus*), rei de Pérgamo, 159-138 a.C.

Graças à participação nas campanhas contra *Antíoco III e *Perseu, Átalo ganhou a amizade de muitos romanos influentes. Por isso, seu irmão *Eúmenes II mandou-o pelo menos quatro vezes a Roma como embaixador. Numa dessas ocasiões, em 168/167 a.C., Átalo foi abordado por importantes senadores, que lhe ofereceram parte do reino de Eúmenes. Embora tenha permanecido fiel a seu irmão, seu poder no reino de Pérgamo tornou-se bem maior devido à sua influência em Roma. Quando sucedeu a Eúmenes, em 159 a.C., sua política externa foi inicialmente bem arrojada, mas um documento do ano 156 mostra que ele logo adotou a política de completa fidelidade aos desejos de Roma.

ÁTALO, PRISCO (*Attalus, Priscus*), usurpador, 409-410, 414-415 d.C.

Prisco Átalo foi senador importante em Roma (prefeito urbano em 409) e teve a honra excepcional de ser duas vezes proclamado imperador pelos godos, num esforço para impor seus termos ao governo de *Honório, em Ravena: foi imperador em Roma, no ano 409, e em Bordéus, no ano 414. Seus dois reinados duraram apenas alguns meses; o primeiro terminou quando ele foi deposto por *Alarico, e o segundo, quando foi capturado pelos homens de Honório ao tentar fugir. Antes de terminar seus dias exilado nas ilhas Lípari foi obrigado a acompanhar o triunfo de Honório pelas ruas de Roma, em 416 d.C.

ATANÁSIO, SANTO (*Athanasius*), bispo de Alexandria, 328-373 d.C.

Nascido em Alexandria por volta de 296 d.C., Atanásio, o grande defensor da doutrina de Nicéia contra o arianismo, foi provavelmente educado numa escola cristã (catequética) de sua cidade, antes de se tornar diácono e secretário do bispo. Foi através de sua influência que *Ário e suas doutrinas foram conde-

nados pelo Concílio de Nicéia, no ano 325 d.C. Atanásio tornou-se bispo de Alexandria em 328. Homem duro, intolerante e de mentalidade estreita, fez grandes inimigos: primeiro, desentendeu-se com a corte de *Constantino (o Grande), onde Ário tinha poderosos defensores (ver *Eusébio de Nicomédia), e ficou exilado em Trier nos anos 336-337; mais tarde, desentendeu-se com *Constâncio II, ariano moderado, tornando-se seu maior oponente religioso (337-361). Em 339, Atanásio fugiu para Roma; voltou a ser bispo de Alexandria em 346, por insistência do imperador *Constante e contra a vontade de Constâncio; em 356 d.C., foi novamente afastado de sua sé. Esteve exilado mais duas vezes (362-363; 365-366). Em 362, conseguiu conciliar os semi-arianos (*homoiousianos* que afirmavam a semelhança das essências de Cristo e do Pai) com os ortodoxos *homoousianos*, que professavam a doutrina de Nicéia da consubstancialidade total; lutou então pelo triunfo da ortodoxia no Império do Oriente, o que se tornou realidade em 381. Atanásio morreu em 373.

Homem de educação apenas medíocre, Atanásio manteve relações estreitas com Santo *Antônio e com os monges camponeses do Egito, e se opôs aos sutis teólogos seguidores de *Orígenes, que eram amigos de Ário; escreveu tratados teológicos breves (em especial *Sobre a encarnação*) e vários trabalhos contra as idéias do arianismo e suas manobras políticas. A vitória da doutrina da consubstancialidade é devida mais a ele do que a qualquer outra pessoa. Introduziu também, no Ocidente, a idéia do monasticismo.

ATAULFO (*Ataulphus*), líder dos visigodos, 410-415 d.C.

Ataulfo herdou de seu cunhado, *Alarico, a quem sucedeu, um impasse absoluto nas relações com o governo de *Honório, consequência do saque de Roma, em 410. Ele, entretanto, estava em boa posição para fazer uma barganha: em 412, rompeu a aliança com o usurpador gaulês Jovino e entregou-o aos romanos; além disso, tinha como refém, em sua corte, a meia irmã de Honório, Gala *Placídia, com quem se casou em Narbona, em janeiro de 414, confirmando assim seu alegado desejo de reconciliar os godos e o Império Romano. Encontrou, porém, a forte resistên-

cia do comandante de Honório, *Constâncio III, que bloqueou a costa mediterrânea da Gália e da Espanha. Ataulfo foi assassinado em Barcelona, no ano 415, por instigação de um chefe rival.

ATENÁGORAS (*Athenagoras*), apologista cristão, século II d.C.

Autor de vigorosa apologia de *Marco Aurélio e *Cômodo, Atenágoras preocupava-se não só em rebater os difamadores do cristianismo, como também em fazer apresentações positivas da doutrina, em geral com fundamentação filosófica.

ATENEU (*Athenaeus*), escritor, ativo em aprox. 200 d.C.

Natural de Naucrátide, no Egito, Ateneu foi o autor de uma obra perdida sobre os reis sírios e do *Banquete dos intelectuais*, do qual sobreviveram quinze livros. Grande número de convidados — filósofos, literatos, doutores, artistas — discutem, durante vários dias, questões de linguagem, literatura, artes, filosofia, leis e ciências, e suas discussões são ilustradas, de modo completo, por valiosíssimas citações de autores mais antigos.

ÁTICO (*Atticus*) (110-32 a.C.).

Amigo íntimo de *Cícero, Tito Pompônio Ático foi o mais regular de seus correspondentes. Afastou-se da Roma dilacerada pela discórdia dos anos 80 a.C., para fixar-se, primeiro, em Atenas, e depois no Épiro, de modo intermitente. Embora tivesse alguma influência na política de Roma, seguiu o ideal epicurista de uma vida afastada dos traumas e pressões das lides políticas. Porém, não deixou de ocupar-se com atividades financeiras e comerciais, graças às quais conseguiu enorme fortuna; seus amplos interesses literários envolveram-no também na publicação das obras de Cícero. Foi o autor de um *Liber annalis* que estabeleceu uma base cronológica fidedigna para o estudo da história romana, e que suplantou a *Chronica*, de *Nepos; escreveu ainda vários tratados sobre genealogia, assunto então muito em voga, e uma coleção de crônicas biográficas, embora em escala menor do que as *Imagens*, de *Varrão. Não se pode dizer que possuísse uma editora, no sentido moderno da palavra, mas seus numerosos escravos eram exímios copistas.

ÁTILA (*Attila*), rei da Confederação dos Hunos, 434-453 d.C.

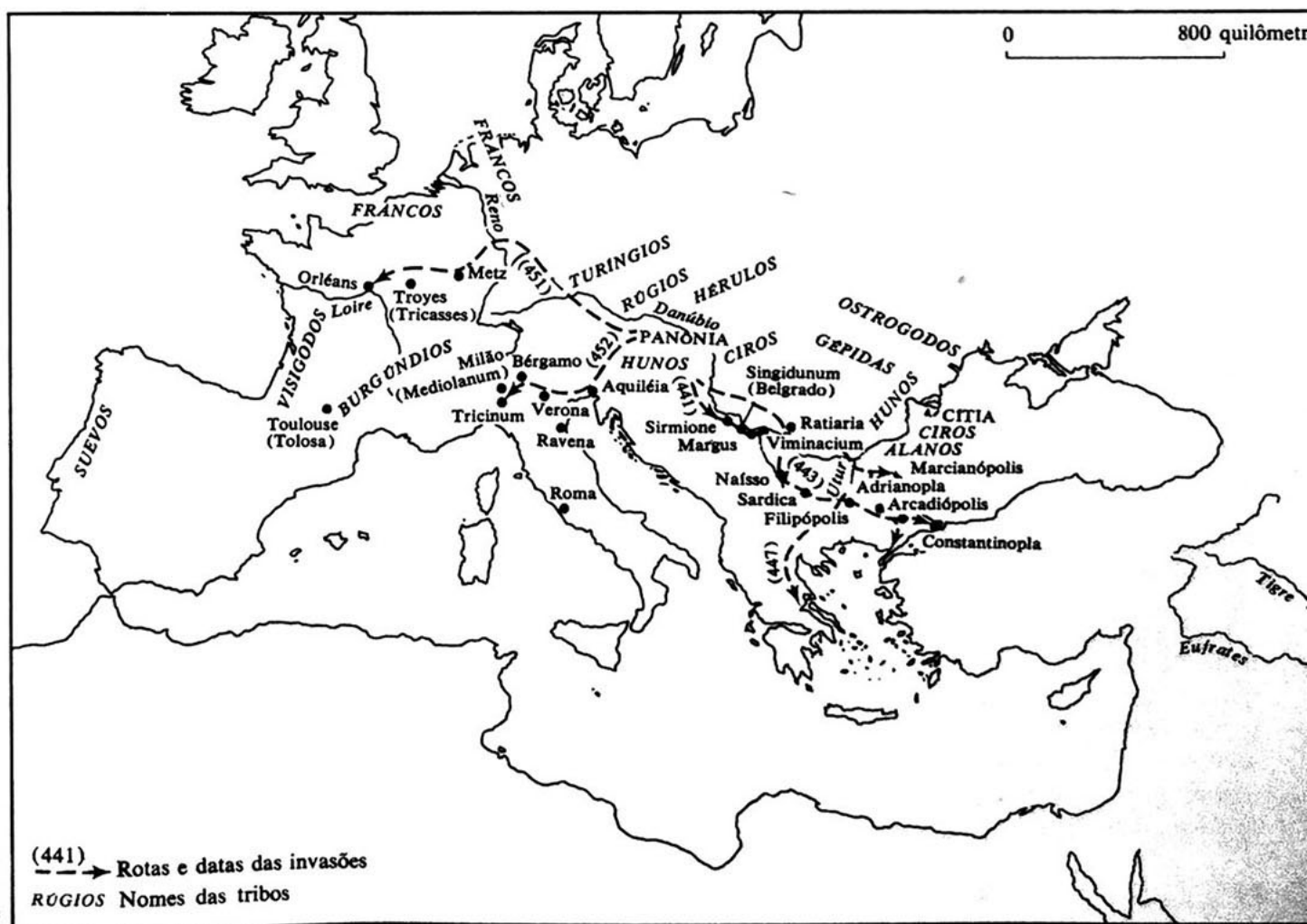
Átila, o Huno, filho de Mundiuch, sucedeu seu pai como líder dos hunos (434) juntamente com seu irmão, Bleda, que ele mais tarde assassinou (445). Sua personalidade dominadora manteve unida a federação das tribos subjugadas, estendendo-a da Cítia ao leste do Reno, e dos Alpes até o Báltico — um império que se desintegrou com sua morte.

Por seus contemporâneos, Átila era conhecido como um homem que combinava o amor à guerra com a moderação, era sensato em suas opiniões e tolerante com aqueles a quem prometia proteção. Fisicamente, era baixo, tinha peito largo e cabeça grande, olhos pequenos, barba rala, nariz chato e compleição escura; inspirava temor por seu andar arrogante e seus olhos revirados. Tinha muitas esposas, a última das quais, Íldico, o viu morrer (de apoplexia?) na noite de seu casamento (453 d.C.)

Átila, o Flagelo de Deus, retrato suposto: placa de madeira do Renascimento, colocada no pódio do frontispício da Cartuxa de Pavia.



O Império Romano e as invasões de Átila, 441-452 d.C.



De sua base na Panônia, formalmente cedida aos hunos por *Aécio (433), Átila ameaçava as duas metades do Império. Auxiliares hunos ajudaram Aécio na Gália, na luta contra os burgúndios e os visigodos, até a derrota de Litório em Toulouse (439); no entanto, a omissão de *Teodósio II em garantir aos hunos a imunidade do acordo de 435 serviu como desculpa para as invasões, que avançaram pelo Danúbio como um turbilhão. Foram marcadas pelos saques das grandes cidades imperiais, como Singiduno e Sirmio (441), Naísso e Sérдика (443). Em 447, a queda de Marcianópolis nas mãos de Átila causou pânico em Constantinopla, mas os hunos foram contidos pelas muralhas de *Antêmio(1), reconstruídas apressadamente. Depois de um novo tratado, Átila ficou livre para atacar o Ocidente; sua invasão da Gália, no entanto, foi impedida em Orléans, e ele foi derrotado nas planícies da Catalunha por Aécio, auxiliado pelos visigodos (451). No ano seguinte, depois de saquear Aquiléia, foi persuadido a se retirar da Itália pelo papa *Leão (talvez, também, por receio de um ataque à sua retaguarda na Panônia). Enquanto isso, no Império do Oriente, *Marciano se recusou a manter a imunidade dos hunos, e o Império só foi poupado das consequências dessa atitude porque Átila morreu antes de poder retaliar.

O feito mais duradouro de Átila foi a lenda que inspirou. Sua "descoberta" da assim chamada Espada de Marte, na Cítia, foi considerada a precursora do renascimento do poderio militar dos hunos. A notícia de sua morte chegou a Marciano em sonho, no qual ele viu que o arco de Átila estava quebrado; foi um presságio verdadeiro, pois a ameaça que os hunos representavam para o Império Romano morreu com Átila.

AUFÍDIO VITORINO (*Aufidius Victorinus*), cônsul, 155(?) e 183 d.C.

Oriundo de Pesaro, na Úmbria, Caio Aufídio Vitorino foi colega e amigo íntimo de *Marco Aurélio, bem como correspondente de *Frontão. No período entre seus consulados, ele governou as províncias da Germânia Superior, Bética e Tarraconense (simultaneamente), e da África. Depois de se distinguir nas lutas contra os germanos, tornou-se prefeito urbano no fim do reinado de Mar-

co Aurélio. Pouco antes de 185, caiu no desfavor de *Cômodo, mas morreu logo depois.

AUGUSTO (OTAVIANO) (*Augustus Octavianus*) (63 a.C.-14 d.C.), imperador, 27 a.C.-14 d.C.

As conquistas colossais do primeiro imperador romano impossibilitam qualquer relato biográfico comum. Caio Otávio, filho de família senatorial, mas humilde, tornou-se Caio Júlio César Otaviano, herdeiro legal (e político) de *César; em 27 a.C., já firmemente estabelecido como senhor do mundo, Otaviano tornou-se César Augusto. Tinha então trinta e seis anos de idade. Apesar da volumosa informação que temos sobre os acontecimentos que levaram à sua extraordinária ascensão ao poder e seu formidável reinado, é quase impossível definir os talentos e as qualidades de caráter que possibilitaram a esse homem — do fim da adolescência até a velhice — tomar posse de, e governar, domínios tão diversos.

O homem Augusto — sua maneira orgulhosa de manter os erros gramaticais infantis, suas incursões pelo drama grego, seu interesse de antiquário pelo estudo dos fósseis, seus jogos de dados, suas pilhérias, gostos e apetites —, tudo foi preservado para nós por *Suetônio e outros, mas o imperador permanece oculto. Alguns têm tentado, por isso, apresentar *Agripa, *Tibério, *Druso, *Estátílio Tauro e Munácio *Planco como os responsáveis pela ascensão de Augusto ao poder, sustentado ainda por *Mecenas e *Lívia. Certamente, ele teve muita sorte com aqueles que o ajudaram, assim como o favoreceram as fraquezas de *Marco Antônio ou a fragilidade daqueles que tentaram perturbar a ordem de seu governo; teve sorte, principalmente, porque encontrou um mundo romano cansado de guerras, no qual a classe senatorial estava em declínio, remanescente da República anterior a César, de existência longa e (na maior parte) saudável. Maiores explicações são necessárias e, embora os historiadores façam deduções fáceis sobre sua crueldade, sua inteligência, seu cinismo, suas ambições e sua sagacidade, uma análise mais satisfatória continua impossível. Torna-se mais fácil encontrar suas fraquezas: era um comandante apenas moderadamente hábil; como estrategista, era excessivamente otimista; transformou sua família, de um possível esteio, em um foco

de desordem. Acima de tudo, impôs dificuldades insuperáveis a seus três sucessores, ao criar um sistema fortemente centrado na figura do *princeps*, dentro de uma estrutura política que pretendia dar ao Senado participação no governo. Essa estrutura — que não era uma diarquia, mas que dependia totalmente das personalidades de Augusto e de seus contemporâneos — foi responsável pela agitação que associamos ao período júlio-claudiano. Não que Augusto tentasse impor um sistema monolítico ao Estado romano; na realidade, suas várias experiências administrativas e constitucionais, pelas quais ele adaptou, de modo criativo, todos os aspectos mais positivos da organização política e social da República para que se conformassem às suas necessidades, impressiona muito mais do que outros sucessos, tão alardeados. A adoção do poder tribunício como “indicação da hierarquia superior” é apenas o mais famoso desses expedientes; alguns falharam, como a tentativa de reviver os censores, no ano 22 a.C.; mas outros, mais numerosos, por exemplo, a prefeitura urbana, mostraram-se muito úteis e persistiram até o fim do Império. Como todo político romano, Augusto também dependeu de sua influência pessoal; de fato, apenas isso já o qualificaria para o cargo de *princeps* (isto é, *senatus*), que não conferia poder. O sucesso de seus exércitos e a posse de riquezas imensas garantiram essa autoridade informal.

Foi graças a uma combinação semelhante de influência e poder que Augusto pôde incrementar de modo tão intenso o processo de união da área sob controle direto de Roma, grande e heterogêneo aglomerado de cidades aliadas, reinos e tribos dependentes, que preenchiam os espaços vazios entre as províncias romanas e as cercavam, formando o *imperium romanum*, grande parte do qual ele supervisionava pessoalmente. Um de seus principais instrumentos nessa tarefa foi a exaltação da cidade de Roma; no fim de seu reinado, a cidade havia se tornado o digno centro do novo império: repleta de edifícios nobres, administrada de modo eficaz, glorificada, assim como seu governante, pelas vozes dos maiores poetas da época. É fácil esquecer que, antes de Augusto, Roma havia sido a capital do mundo apenas na prática. Augusto tornou muito mais óbvio o fato de Roma ser realmente o centro do mundo, como César já pretendia fazer; o período de maior glória da cidade

começa então com o Império. E é exatamente por esse aspecto — bem como pelas contribuições dos maiores poetas romanos, em especial *Virgílio e *Horácio — que o reino de Augusto é mais bem lembrado.

O próprio Augusto escreveu o *Registro de seus empreendimentos* (*Index rerum a se gestarum*, mais conhecido como *Res gestæ*), ordenando que fosse publicado após sua morte. O documento sobrevive em cópias feitas em pedras, principalmente no Monumento de Ancira (*Monumentum Ancyranum*), em uma tradução local para o grego: o estilo é claro, sóbrio e formal, na melhor tradição dos registros oficiais.

A estrutura factual e cronológica da marcha desses acontecimentos é a seguinte: os principais partidários e oponentes de Otaviano haviam se declarado já nos primeiros anos após a morte de César, quando o acordo que criara o Segundo Triunvirato (43 a.C.) rompeu-se. Os anos de guerra que se seguiram viram-no casado com Escibônia, parente de

*Augusto falando às tropas: cópia do período de *Tibério (Porta Principal) de uma estátua do fim do século I a.C. Roma, Museu do Vaticano.*



Marco Antônio, que lhe deu sua única descendente, *Júlia, e depois com Lívia, que o apoiou durante toda a vida. A derrota de Sexto *Pompeu e a neutralização de *Lépido garantiram-lhe o Ocidente, e ele pôde começar o trabalho de sua vida pela unificação e restauração da Itália. A campanha de Áccio, no ano 31 (na qual a batalha propriamente dita teve pouca importância), deu-lhe supremacia total. Marco Antônio suicidou-se. Os anos seguintes foram gastos na consolidação e no aperfeiçoamento de sua posição; esse processo atingiu seu clímax no ano 27 a.C., quando Augusto mudou de nome e assumiu o poder provincial. Houve ainda outras modificações importantes na sua posição hierárquica, nos anos 23 e 19 a.C.; quando ele se ausentou de Roma para comandar as campanhas na Espanha (27-25) e no Oriente (22-19), surgiram problemas na capital (ver M. *Inácio Rufo); a doença que quase o matou no ano 23, e a morte de seu herdeiro, *Marcelo, provocaram uma séria ruptura no círculo de auxiliares mais próximos. Tibério e Druso, filhos de Lívia, tornaram-se seus principais auxiliares. No ano 2 a.C., uma grande demonstração da maturidade do sistema, centrado nos novos herdeiros, Caio e Lúcio, e a abertura de seu novo Fórum em Roma, verdadeiro monumento da dinastia, mostraram como as coisas haviam mudado; Agripa, Mecenas e Druso estavam mortos, e Tibério vivia afastado, em Rodes, num exílio auto-imposto. Esses anos foram marcados ainda por conquistas espetaculares, principalmente nos Bálcãs e no Danúbio. Com a desgraça de Júlia, as mortes de Caio e Lúcio, a volta de Tibério e sua adoção, a revolta na Panônia e o desastre de *Varo na Germânia, começou o último período do principado; embora essa fase tenha representado o fracasso parcial de uma série de projetos, as dificuldades que Tibério teve de enfrentar ao assumir o poder, no ano 14 d.C., se deviam a motivos pessoais e foram o produto inevitável do sistema, e não consequência da senilidade do velho imperador. Ainda que tenha delegado alguns assuntos a seus assessores, Augusto permaneceu no controle do Império até o fim.

AURELIANO (*Aurelianus*), imperador, 270-275 d.C.

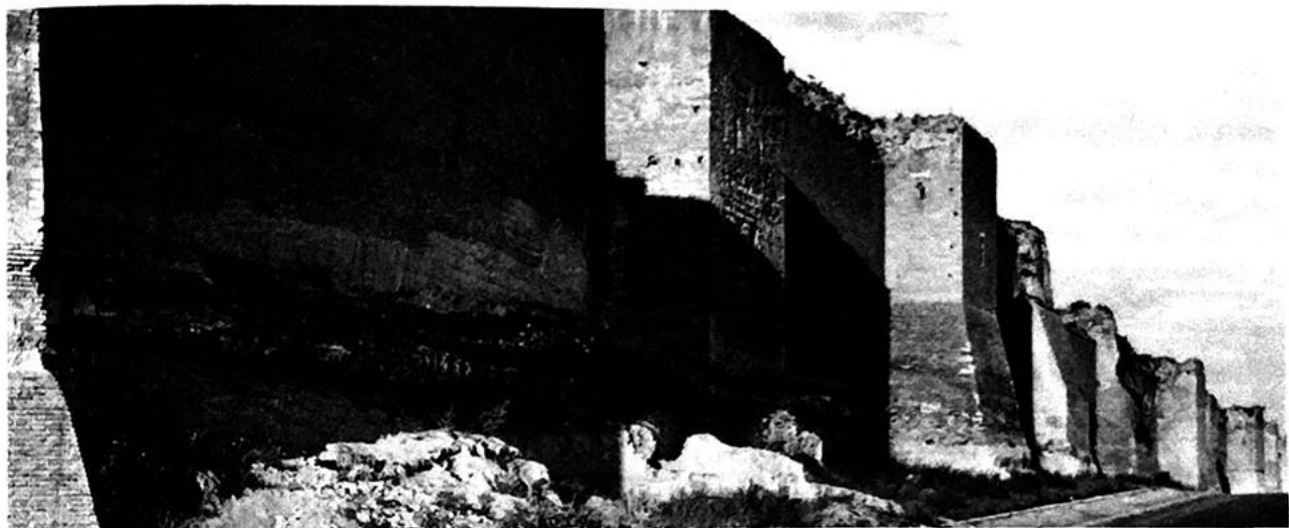
Iliriano de origem humilde, Aureliano (Lúcio Domício Aureliano) pertenceu ao gru-

po dos "soldados-imperadores" do fim do século III, que foi importante na restauração do Império. Notável por sua habilidade militar, Aureliano era dotado de uma mente poderosa e muita força física, mas não possuía sutileza. Sua imperatriz foi Úlpia Severina, sobre quem quase nada se sabe, mas cuja existência é atestada por inscrições e moedas. No começo de seu reinado, Aureliano deteve com sucesso e derrotou os iutungos, quando voltavam para casa, após terem invadido a Itália. Pouco tempo depois, derrotou de modo decisivo os vândalos que haviam invadido a Panônia. Em uma segunda invasão da Itália pelos iutungos, Aureliano foi inicialmente vencido, mas, depois, virtualmente os destruiu. De volta a Roma, sufocou uma revolta dos cunhadores de moedas imperiais, e começou a fortificar a cidade com novas muralhas. A reorganização da fronteira do Danúbio forçou a retirada de tropas e contingentes civis



Moeda de Aureliano, restaurada: reverso com o deus Sol

da Dácia e a formação de uma nova Dácia, composta por regiões da Mésia, da Dardânia e da Trácia. No ano 271, foi forçado a lidar com o problema de Palmira. *Zenóbia, rainha de Palmira, embora nominalmente aliada de Roma, havia atacado o Egito e estava tentando ocupar a Ásia Menor até o Helesponto. Aureliano reconquistou os territórios asiáticos e o Egito, e então sitiou Palmira com sucesso. No ano 272, teve que lutar com os carpos, no Danúbio. Uma segunda rebelião de Palmira em 273 d.C. teve como consequência a derrota e o saque da cidade. Aureliano voltou-se contra o império gaulês, e, em 274, depois de uma batalha com *Tétrico perto de Châlons, recuperou a Gália para o Império Romano. Aureliano fez também uma reforma do suprimento de cereais, em Roma, bem como da cunhagem das moedas. No ano 275, enquanto em campanha no Oriente, foi assassinado por seus generais.



Muralhas de Aureliano, Roma. Parte bem conservada (com algumas reformas posteriores) a leste da Porta Ápia.

AURÉOLO (*Aureolus*), usurpador, Itália, 268 d.C.

De origem humilde, Auréolo serviu no exército de *Valeriano, derrotou o usurpador *Ingênuo no ano 260 e, provavelmente, foi comandante de cavalaria de *Galieno na Ilíria (aprox. 261-267 d.C.). No ano 267, foi enviado para o norte da Itália onde, no ano seguinte, assumiu o título de augusto. Depois do assassinato de Galieno, no mesmo ano (268), Auréolo rendeu-se a *Cláudio II em Milão, mas foi condenado à morte.

AUSÔNIO (*Ausonius*) (aprox. 310-aprox. 393 d.C.), poeta e político.

Decímio Magno Ausônio, filho de um médico famoso de Bordéus, ensinou literatura latina e retórica em sua universidade, por trinta anos, antes de ser chamado à corte (aprox. 367) como tutor do príncipe herdeiro *Graciano. O tio de Ausônio, professor em Toulouse, havia feito fortuna ensinando em Constantinopla e exercendo a função de tutor de um dos filhos de *Constantino I; a carreira de Ausônio ilustra as oportunidades abertas à educação clássica no fim do Império. Quando Graciano sucedeu a seu pai (novembro de 375), Ausônio tornou-se uma figura chave do governo: assumiu a prefeitura pretoriana (378-379) e assegurou outros cargos para vários de seus parentes; antes, já havia

sido correspondente de alguns dos principais senadores, como *Símaco e Petrônio *Probo (embora mantendo uma distância respeitosa). Em 379, Ausônio retirou-se para suas propriedades em Bordéus, com o título de cônsul, que agradeceu a Graciano com um panegírico em prosa de autocongratulação.

Ausônio fazia versos com fluência, e muitos de seus trabalhos sobreviveram. Incluía epigramas e catálogos eruditos (dias da semana, principais cidades do Império, etc.); versos obituários para parentes e colegas que, em conjunto, formam a maior fonte de história social de seu tempo; e também uma ode ao casamento, montada com trechos de *Virgílio, para competir com outra, composta por *Valentiniano I. Uma peça tem verdadeiro mérito poético: uma descrição do rio Mosela, onde ficava Trier, capital de Valentiniano; apesar das muitas semelhanças com as *Geórgicas* e de listas ilustrativas (peixes, tributários, etc.), foi inspirada por um verdadeiro sentimento de beleza natural. Nominalmente, Ausônio era um cristão, mas sua correspondência (unilateral), em prosa e em verso, com seu antigo aluno S. *Paulino, lamentavelmente ilustra o abismo crescente entre o novo ideal ascético de afastamento do mundo e a tradição do governo exercido por amadores eloquentes.

AVÍDIO CÁSSIO (*Avidius Cassius*), usurpador, 175 d.C.

Nascido em Cirro, na Síria, no reinado de *Adriano, Caio Avídio Cássio era filho de *Avídio Heliodoro. Cônsul substituto em

160/169 d.C., destacou-se como peça importante na guerra contra os partos, durante o reinado de *Marco Aurélio (162-166). Pôs fim à revolta dos bucólicos no Egito (172-173) e tornou-se governador da Síria (talvez, também, regente virtual do Oriente). Em 175 d.C., instigado por rumores falsos sobre a morte de Marco Aurélio, e talvez com a cumplicidade de *Faustina I (com quem parece ter tido uma aventura amorosa), Avídio fez-se proclamar imperador. Seu "reinado" durou apenas três meses (abril-julho de 175 d.C.), e só foi reconhecido em algumas regiões do Oriente. Foi assassinado por um centurião quando Marco Aurélio preparava uma expedição para acabar com a revolta.

AVÍDIO HELIODORO (*Avidius Heliodorus*), secretário imperial, século II d.C.

Retórico grego de Cirro, na Síria, Caio Avídio Heliodoro ocupou o posto equestre de secretário da correspondência em grego, durante o reinado de *Adriano, antes de se tornar prefeito do Egito (137-142). Foi o pai de *Avídio Cássio.

AVIÊNIO, PÓSTUMO RÚFIO FESTO (*Avienus, Postumus Rufius Festus*), poeta, meados ou final do século IV d.C.

Nascido em Volsínios, Aviênio (inicialmente conhecido como Avieno) é autor de uma tradução para o latim da obra de Arato sobre astronomia, *Fenômenos* (*Phaenomena*), antes de 387 d.C.; escreveu ainda *Descrição do mundo e Praias marítimas*; levou uma vida próspera, evidenciada por sua dedicatória em versos à deusa etrusca do destino, Nórnia (*CIL*, VI, 537); foi procônsul da África e da Acaia (Grécia). Era descendente de *Mussônio Rufo, o filósofo estóico.

AVIENO (*Avienus*), poeta, ativo no século V d.C.

Avieno, poeta pagão, autor de fábulas que gozaram de grande popularidade na Idade Média, nasceu, provavelmente, por volta de 380 d.C. Dedicou suas obras a *Macróbio e, com certeza em troca desse cumprimento, foi anacronicamente colocado como o interlocutor mais jovem das *Saturnálias* (*Saturnalia*).

AVITO (*Avitus*), imperador do Ocidente, 455-456 d.C.

Epárquio Avito, sogro de Apolinário *Si-

dônio, foi educado para vestir a púrpura, na morte de *Petrônio Máximo, como candidato da nobreza galo-romana. Contava com o apoio dos visigodos, com quem negociara um tratado (439) e que recrutara para a luta contra *Átila (451). Menosprezou, porém, o apoio da Itália e, enquanto seus aliados góticos lutavam na Espanha, foi vencido por *Ricimero e *Majoriano em Placência e forçado a se consagrar bispo. Morreu durante uma viagem a Clermont, e foi enterrado no santuário de São Julião, em Brioude.

BALBINO (*Balbinus*), imperador, 238 d.C.

O Senado elegeu imperador Décio Célio Calvino Balbino (aprox. 178(?) - 238), juntamente com *Pupieno, na confusão que se seguiu à queda dos *Gordianos I e II na África, e enquanto *Maximino Trácio marchava para invadir a Itália. Com a derrota e a morte de Maximino, o poder dos dois imperadores senatoriais parecia assegurado, mas a guarda pretoriana, insatisfeita, assassinou os dois apenas noventa e nove dias depois de sua ascensão ao poder.

BALBO, LÚCIO CORNÉLIO (*Balbus, Lucius Cornelius*), cônsul, 40 a.C.

Milionário espanhol, Balbo recebeu a cidadania romana de *Pompeu, em 72 a.C., e tornou-se muito influente em Roma, principalmente como agente de *César nos anos 50. Quando, em 56, sua cidadania foi contestada, o ataque se dirigia, na verdade, ao primeiro triunvirato, e tanto Pompeu como *Cícero falaram em sua defesa. Balbo sobreviveu e, embora não fosse senador, tornou-se muito importante entre os partidários de César durante e depois da guerra civil. Após o ano 44, transferiu sua fidelidade para *Otaviano, que o recompensou com breve consulado.

BALISTA (*Ballista*), general e prefeito pretoriano (260-261 d.C.).

General do período de *Valeriano, sob cujo comando lutou contra os persas, Balista persuadiu Fúlvio *Macriano a permitir que seus filhos (de Macriano) fossem proclamados imperadores, depois que Valeriano foi capturado pelos persas. Foi derrotado e morto, juntamente com *Quieto, por *Odenato, em aprox. 261 d.C.

BÁRBIA ORBIANA (*Barbia Orbiana*), imperatriz, 225-226 d.C.

Possivelmente filha de Seio Herênio Salústio Bárbio, Cnéia Seia Herênia Salústia Bárbia Orbiana casou-se com *Severo Alexandre por volta de 225. Depois que seu pai foi morto por causa de uma tentativa de revolução (aprox. 227), Bárbia foi exilada.

BARDESANES (*Bar-Daisan*) (154-222 d.C.), heresiarca armênio.

Bardanes de Edessa acreditava que o corpo de Cristo era um fantasma e negava, assim, a ressurreição do corpo. Foi compositor de hinos e autor(?) do *Livro das leis das nações*, um diálogo antignóstico sobre o destino, o pecado e o livre-arbítrio, existente ainda hoje no siríaco original e em grego e latim.

BÁREA SORANO (*Barea Soranus*), cônsul, 62 d.C.

Amigo de *Rubélio Plauto e *Vespasiano, e provavelmente tio de Márcia Furnila, esposa de *Tito, Bárea era renomado por sua riqueza e bondade — foi excepcionalmente consciencioso enquanto procônsul da Ásia —, mas não se opunha a propor medidas populares nos altos círculos. Acusado de traição no ano 65 d.C., cometeu suicídio.

BAR-KOKHBA, SIMÃO (*Bar-Kokhba, Simon*) (falecido em 135 d.C.), líder judeu.

"Filho de uma estrela", Simão Bar-Kokhba foi o líder da revolta dos judeus contra Roma, em 132-135. Sob sua liderança, os judeus armaram uma prolongada resistência

à opressão romana, resistência que teve como consequência uma guerra séria e custosa, em que *Adriano teve de empenhar uma grande força de legionários. As recentes descobertas de cartas de Bar-Kokhba, em uma caverna do deserto judaico, têm lançado novas luzes sobre a rebelião. Elas mostram que uma das bases dos insurgentes judeus ficava em Engeddi. Na fase final da revolta, os judeus recorreram às táticas de guerrilha. Alguns desses guerrilheiros refugiaram-se nas cavernas do mar Morto, e outros resistiram em Betar, onde Bar-Kokhba foi morto. Tem-se, também, conhecimento de algumas moedas cunhadas durante a revolta por Bar-Kokhba, em que ele figura como "Simão, presidente de Israel". Quando a revolta terminou, foi criada uma nova província — a Síria Palestina — em lugar da Judéia, e a cidade de Jerusalém recebeu o novo nome de Élia Capitolina, encerrando, assim, de modo efetivo, a ocupação pelos judeus de sua região tradicional.

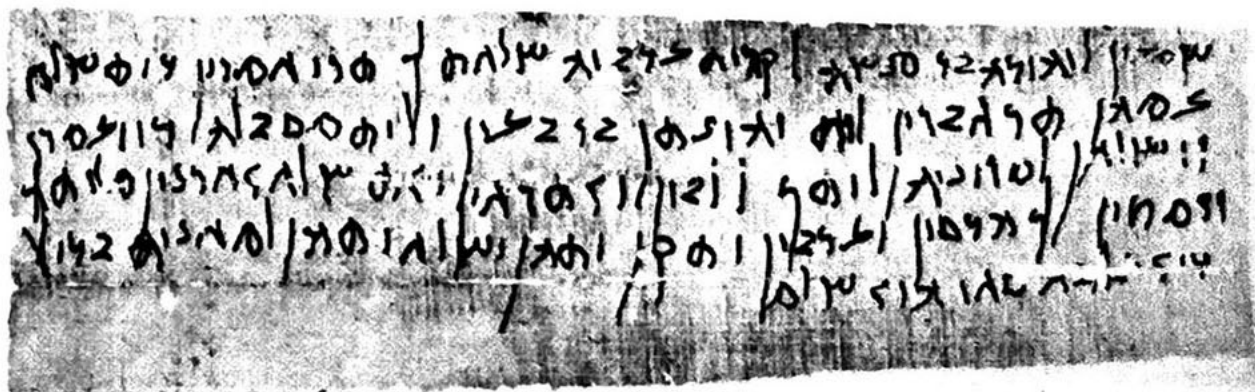
BASILIDE (*Basilides*), teólogo cristão, século II d.C.

Um dos primeiros e mais importantes gnósticos cristãos (acreditava que, através da revelação do conhecimento de Deus, a redenção espiritual poderia ser atingida), Basilide ensinou em Alexandria (aprox. 125-150 d.C.). Escreveu um comentário bíblico em vinte e quatro volumes (*Exegética*).

BASÍLIO, O GRANDE, SÃO (*Basilus*) (aprox. 330-379 d.C.), bispo de Cesaréia, na Capadócia, 370-379 d.C.

Basílio, seu irmão mais jovem, São *Gregório de Nissa, e seu amigo, São *Gregório de Nazianzo, foram os "padres capadócijs" que conseguiram a vitória do catolicismo oriental sobre a heresia do *arianismo. Basílio, nascido numa rica família cristã de Ce-

Fragmento de carta (quatro tipos) de Bar-Kokhba, em aramaico, solicitando ramos de palmeira, cidra, murta e salgueiro para a Festa do Tabernáculo. Jerusalém, Museu de Israel.



saréia, estudou em Constantinopla e Atenas, mas, sob influência de sua irmã mais velha, Santa Macrina, tornou-se eremita (358-364) no Ponto, onde fundou monastérios e delineou as regras que ainda norteiam a vida monástica da Igreja Ortodoxa. Em 364, voltou a Cesaréia e foi consagrado bispo (370). Apesar da saúde fraca, era intensamente ativo como bispo metropolitano da Capadócia, bem como do Ponto e da Armênia. Conquistou o respeito pessoal do imperador *Valente e conseguiu mitigar os efeitos da perseguição arianizante, graças a seus contatos na corte; conseguiu também convencer os semi-arianos a aceitarem a doutrina de Nicéia; mas não obteve apoio do Ocidente. Fundou, fora de Cesaréia, várias instituições de caridade.

BASILISCO (*Basiliscus*), usurpador no Oriente, 475-476 d.C.

Irmão da esposa do imperador *Leão, Basilisco comandou a frota enviada contra os vândalos em 468, mas foi enganado por *Geiserico e concedeu uma trégua, durante a qual os vândalos prepararam um ataque de surpresa com navios cheios de combustível para incendiar os navios inimigos. Depois da morte de Leão, em 474 d.C., Basilisco explorou as intrigas de sua irmã para depor Zenão, o sucessor de Leão, mas perdeu o apoio de

várias partes da sociedade, por causa de seus decretos e da condenação das decisões de Calcedônia. Quando Zenão voltou, Basilisco foi exilado na Capadócia, onde morreu.

BASSO, JÚNIO (*Bassus, Junius*), prefeito pretoriano, 318-331, d.C.; cônsul, 331 d.C.

Membro da aristocracia senatorial, Júnio Basso foi um dos prefeitos pretorianos de *Constantino I. Construiu uma basílica no monte Esquilino, da qual sobrevive uma barra de mármore incrustada, representando sua procissão consular e executada em estilo bem diferente do clássico. Era possivelmente cristão.

BASSO TEOTÉCNIO, JÚNIO (*Bassus Theotecnus*), prefeito urbano de Roma, 359 d.C.

Nascido em 317, filho de Júnio *Basso, Júnio Basso Teotécnio ocupou vários postos, que culminaram com a prefeitura de Roma, mas morreu logo depois de tomar posse. Era cristão e foi batizado, segundo o costume da época, em seu leito de morte. Foi enterrado na Igreja de São Pedro, em Roma, e seu sar-

Obra de marchetaria com mármore, representando a procissão consular; Basílica de Júnio Basso, em Roma. Roma, Palazzo dei Conservatori.



cófago, hoje na cripta, é a mais bela obra-prima do tipo na arte romana cristã. Um poema inscrito no tampo do sarcófago descreve o luto da cidade e a disputa do povo romano para carregar seu esquife.

BERENICE (*Berenice*) (nascida em 28 d.C.), princesa judia.

Júlia Berenice era filha de "Herodes" *Agripa I. Segundo os Atos (25, 13), ela participava dos problemas do reino ao lado de seu irmão Agripa II, e continuou a fazê-lo após breve casamento com outro príncipe oriental. Berenice tornou-se simpatizante de Flaviano, e *Tito ficou tão enamorado que lhe prometeu casamento; em Roma, entretanto, isso se mostrou muito embaraçoso por causa da nacionalidade de Berenice, e ele teve que desistir do compromisso.

BÍBULO (*Bibulus*), cônsul, 59 a.C.

Como colega de *César no consulado (59 a.C.), Marco Calpúrnio Bíbulo sofreu violências e ofensas dos partidários de César quando tentou bloquear a aprovação das leis agrárias. Afastou-se então para a segurança de sua casa, de onde tornou tecnicamente sem valor toda a subsequente legislação de César, ao ficar aguardando os augúrios. Sua resistência aos métodos violentos granjeou-lhe muita sim-

patia e apoio. Mais tarde, propôs o consulado especial de um só homem para *Pompeu (52 a.C.) e, depois de ter governado a Síria, foi encarregado do comando da frota de Pompeu na luta contra César (49 a.C.).

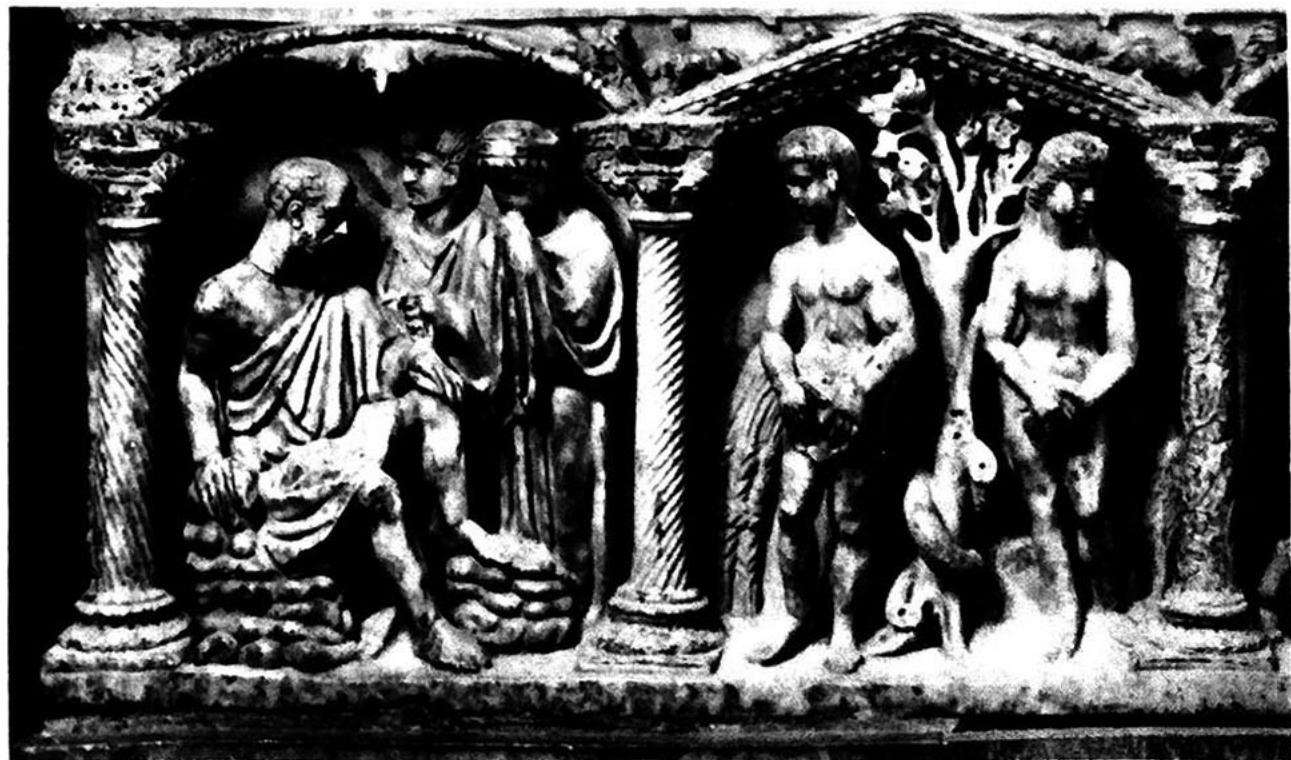
BLÓSSIO (*Blossius*) (falecido em 129 d.C.), filósofo.

Blóssio de Cuma (*Cyma*) era filósofo estoíco, amigo leal e mentor de Tibério *Graco. Após a morte de Tibério, Blóssio uniu-se à rebelião de *Aristonico e, quando ela foi reprimida, suicidou-se.

BOÉCIO (*Boethius*) (aprox. 476-524 d.C.), poeta e filósofo.

Filho de Mânlio Boécio (cônsul, 487 d.C.) e bisneto de *Símaco, Anício Mânlio Severino Boécio, poeta, filósofo e estadista, foi um perfeito conhecedor do grego, renomado por sua erudição (Enódio, *Ep.*, VII, 13) já em 507 d.C. Devotou sua juventude à tradução, bem como ao comentário, das obras de Aristóteles; era sua intenção traduzir para o latim as obras completas de Aristóteles e Pla-

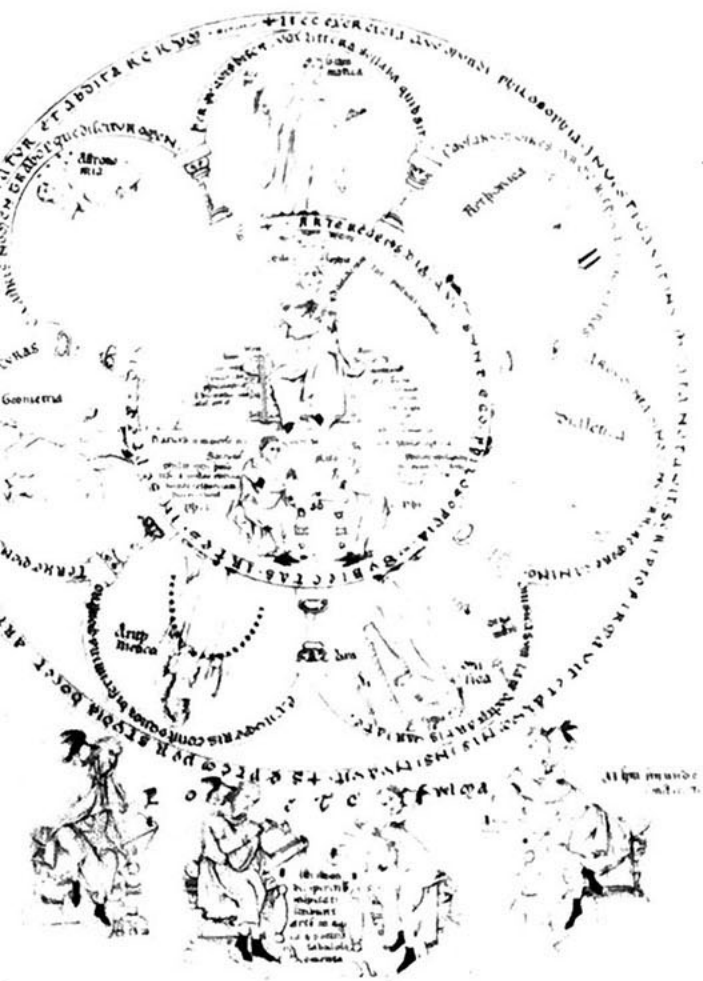
Detalhe do sarcófago de Júnio Basso Teotécnio: Jó em sua esterqueira; Adão e Eva. Roma, Catedral de São Pedro.



tão, bem como tentar reconciliar as duas filosofias, mas não viveu o suficiente para completar a tarefa. Desse período, existem ainda hoje uma tradução comentada de *Sobre a interpretação*, de Aristóteles, e uma tradução de *Sobre o ensino da aritmética*. Boécio foi nomeado cônsul, no ano 510, por Teodorico: sua ascensão se consolidou e em 522 d.C. viu dois filhos exercerem juntos o consulado, enquanto ele próprio, superintendente dos funcionários públicos, escreveu um panegírico dedicado a Teodorico. No ano 523, entretanto, caiu em desfavor; ficou preso durante cerca de um ano em Pavia, período em que escreveu *Sobre a consolação da filosofia*. No ano seguinte (524), foi sumariamente espancado até a morte, depois de ter sofrido torturas terríveis.

A natureza de seu crime é controversa: provavelmente ficou muito impaciente ao defender um senador, seu companheiro, que fora acusado de traição por corresponder-se com o imperador Justino, e por isso se en-

A Filosofia e as Sete Belas-Artes. Ilustração do século XII no manuscrito do Jardim das Delícias (Hortus Deliciarum), de Herrade de Landsberg.



volveu na acusação. Fontes contemporâneas (Procópio, o Anônimo Valesiano) consideraram-no inocente, e a impressão de um caráter ético e apaixonado, tão evidente em seus próprios trabalhos, confirmaria sua inocência. Sua obra mais importante, *Sobre a consolação da filosofia*, escrita de acordo com a fórmula estilizada da sátira menipéia, baseada em *Marciano Capela, trata dos problemas clássicos da filosofia: a natureza do destino e da sorte, e a relação entre o mal, o livre-arbítrio e a providência. Por muito tempo duvidou-se que Boécio fosse cristão, pois havia-se voltado para a filosofia, e não para a teologia; quatro opúsculos cristãos, atribuídos a ele, foram considerados espúrios. A descoberta de *Anecdota Holderi*, em 1871, pôs fim à controvérsia e estabeleceu sua autoria sem qualquer dúvida. A síntese entre platonismo e cristianismo, realizada na *Consolação*, tornou essa obra muito influente e popular durante a Idade Média.

BOLANO, VÉTIO (*Bolanus, Vettius*), governador da Bretanha, 69-71 d.C.

Marco Vétio Bolano lutou sob o comando de *Corbulão, na Armênia; em 69 d.C., *Vitélcio nomeou-o governador da Bretanha, onde era popular entre as tropas, mas pouco eficiente nas manobras militares. Mais tarde, foi procônsul da Ásia.

BONIFÁCIO (*Bonifatius*), comandante dos soldados, 432 d.C.

Partidário leal de Gala *Placídia, Bonifácio já adquirira reputação de grande coragem por ter ferido o chefe godo *Ataulfo, em Marselha, no ano 413. Como conde da África, apoiou de modo decisivo a reintegração de Placídia e *Valentiniano III durante a usurpação de João, em 423-425 d.C., mas foi hostilizado pelos católicos da África por ter-se casado com uma *ariana. Recusou o pedido feito para que fosse chamado de volta, e foi forçado a se rebelar (427); mais tarde, alegou-se que os vândalos tinham vindo da Espanha até a África a seu convite, mas foi Bonifácio quem liderou a resistência aos invasores. Estava sitiado em Hipona ao tempo da morte de *Agostinho, em 430 d.C. Ao ser chamado de volta para a corte, como comandante dos soldados, em 432, teve que lutar na guerra civil e derrotou *Aécio, mas morreu logo depois.

BONOSO (*Bonus*), usurpador na Gália, 276-280 d.C.

Conhecido graças a uma biografia obviamente espúria da *História augusta*, e através de algumas moedas cunhadas pelos bárbaros, a existência de Bonoso é duvidosa.

BOUDICA ou BOADICÉIA ou BOUDICÉIA (*Boudicca*), rainha britânica, meados do século I d.C.

Boudica era esposa de Prasutago, rei dos icenos, que havia cooperado com os romanos. Atrocidades cometidas após a morte de Prasutago, em 61 d.C., levaram-na a liderar uma revolta. A ausência do governador, Suetônio Paulino, e a desunião das forças romanas, permitiram que ela queimasse as cidades de Colchester, Londres e Santo Albano, mas o retorno de Suetônio da campanha em Anglesey provocou a derrota de Boudica numa batalha campal. Boudica suicidou-se. (Boadicéia é uma variante textualmente falsa.)

BRENO (*Brennus*), líder gaulês.

Breno foi um famoso líder gaulês durante o saque de Roma, em 390 a.C. Seu nome é provavelmente coincidente com o do chefe que comandou o ataque gaulês à Grécia, em 280-279 a.C.

BRITÂNICO (*Britannicus*) (41-55 d.C.)

Tibério Cláudio Britânico era filho de Cláudio e Messalina; depois da perda de prestígio de sua mãe, sua posição como herdeiro ficou seriamente prejudicada. A adoção de Nero tornou a situação ainda mais difícil e, embora Cláudio pareça ter se dado conta do problema pouco antes de morrer, nada foi feito. Britânico não viveu muito depois da ascensão de Nero: sua morte violenta, durante um jantar, foi atribuída à epilepsia.

BRÚTIO PRESENTE (*Bruttius Præsens*), cônsul, 118-119 e 139 d.C.

Amigo e correspondente de Plínio, o Jovem, Caio Brúcio Presente foi condecorado na guerra de Domiciano contra os marcomanos (89) e, depois, na guerra de Trajano contra os partos, ocasião em que comandou uma legião. Governou a Cilícia no ano 117 d.C. e, depois de seu primeiro consulado, governou a Capadócia, a Mésia Inferior, a África (133-134) e a Síria, no fim do reinado de Adria-

no. Seu mérito é demonstrado pelo fato de ter sido o primeiro colega consular de Antônimo Pio, no começo de seu reinado.

BRUTO (*Brutus*), assassino de César, 44 a.C.

Aristocrata hábil e popular, famoso por sua integridade moral e seu patriotismo, Marco Júnio Bruto apareceu no ano 44 a.C. como o líder dos assassinos de César e, durante o Segundo Triunvirato, como líder da resistência republicana. No ano 53, serviu na Cilícia como questor junto a Ápio Cláudio Pulcro, cujo sucessor, Cícero, descobriu que o "honrado Bruto" estava extorquindo quarenta e oito por cento de juros em um empréstimo feito à cidade de Salamina, em Chipre. Ensinado por sua mãe, Servília, a odiar Pompeu (que no ano 77 a.C. havia matado seu pai, Marco Bruto, na rebelião de Lépido (2)), Bruto no entanto uniu-se a ele em 49 contra César, antigo amante de sua mãe. Talvez já estivesse, aqui, seguindo seus instintos republicanos e o exemplo de Catão "Uticense", cuja filha, Pórcia, desposou posteriormente.

Depois de Farsala, Bruto foi perdoado por César, que lhe deu um comando na Gália Cisalpina, elevou-o ao cargo de pretor (44) e designou-o para o consulado de 41 a.C. Bruto foi instigado, por seu amigo e colega Cássio, a se tornar o cabeça da conspiração contra César, conferindo assim respeitabilidade ideológica aos planos de um "tiranicídio". Ele foi forçado a sair da Itália um mês depois dos Idos de Março, por causa do ressentimento popular e da crescente influência de Marco Antônio, mas no ano 43 o Senado indicou-o para um comando proconsular nas províncias



Denário de Bruto: retrato (verso); "Idos de Março" (EID MAR), adagas e capacete da liberdade (reverso).

dos Bálcãs. Junto com Cássio, Bruto liderou no Oriente uma poderosa corrente republicana contra o Triunvirato, mas em 42 a.C. foi derrotado por Antônio e *Otaviano em Filipos, onde cometeu suicídio.

BRUTO, LÚCIO JÚNIO (*Brutus, Lucius Junius*), cônsul, 509 a.C.(?).

De acordo com a tradição, Bruto foi o principal responsável pela queda da monarquia romana. Outros Júnios, que viveram depois, em especial *Bruto, o assassino de *César, alegaram ser seus descendentes, mas seu *status* de plebeu suscita dúvidas quanto à legitimidade das alegações. L. J. Bruto foi, na verdade, um dos primeiros cônsules, e seu papel de revolucionário foi provavelmente elaborado com base nesse fato. Embora a lenda de *Lucrécia, no seu início, fosse provavelmente independente, já no começo do século II a.C. Bruto havia sido incorporado a ela. Como cônsul, sustenta-se que Bruto executou os próprios filhos por traição e concluiu o primeiro tratado com os cartagineses.

BRUTO ALBINO, DÉCIMO JÚNIO (*Brutus Albinus, Decimus Junius*), pretor, 45 a.C.

Bruto Albino foi, inicialmente, um dos importantes partidários de *César, a quem serviu como legado durante as lutas na Gália e na guerra civil, e como propretor na Gália, de 48 a 46 a.C. César assegurou-lhe um comando proconsular na Gália Cisalpina (44), e já o havia designado para o consulado de 42. No entanto, antes de partir para sua província, Bruto aliou-se aos conspiradores para assassinar César e, depois, tornou-se o principal comandante das forças republicanas que combateram *Marco Antônio no norte da Itália (44-43 a.C.). Resistiu a um longo cerco em Módena, antes de ser substituído por *Hircio e *Otaviano; mas caiu numa armadilha e foi assassinado por M. Antônio, a quem perseguiu até a Gália.

BURRO (*Burrus*), prefeito pretoriano, 51-62 d.C.

Originário de Vaison, na Provença, e membro de uma família de oficiais equestres, Burro conseguiu ascender aos cargos mais elevados graças à assistência de *Lívia, *Tibério e *Cláudio, e atingiu o posto de prefeito pretoriano em 51 d.C., através da influência de *Agripina. Ele e *Sêneca, confiando no apoio

mútuo, atuaram como conselheiros de *Nero nos primeiros anos de seu reinado, embora o imperador se tornasse cada vez mais impaciente com suas restrições. Ambos ajudaram a enfraquecer a posição de Agripina, mas Burro não conseguiu auxiliar *Otávia. Quando ele morreu, no ano 62 d.C., suspeitou-se de envenenamento.

CAIO (*Gaius*), jurista, século II d.C.

Nascido provavelmente na primeira metade do século II, Caio parece ter vivido e escrito em Roma, embora oriundo do Oriente de fala grega. Sua importância como advogado da Roma clássica só se estabeleceu no século V, quando sua autoridade foi igualada à de *Paulo, *Ulpiano, Herênio e *Papiniano. Escreveu trabalhos importantes sobre o Édito Provincial, o Édito do Pretor Urbano e a Lei das Doze Tábuas, partes dos quais nos foram transmitidas por compilações jurídicas posteriores. Sua obra mais importante, *Preceitos jurídicos*, foi completada provavelmente logo depois de 161 d.C. Consta de quatro livros: um sobre a lei das pessoas, dois sobre a lei das coisas e um sobre a lei das ações. A descoberta, no século XIX, de um manuscrito desta obra preservou em sua forma original o único trabalho jurídico clássico que possuímos. A grande influência dos *Preceitos* de Caio pode ser percebida, em especial, nos *Preceitos* de Justiniano.

CALCÍDIO (*Calcidius*), filósofo, início do século IV d.C.

Calcídio, autor de uma importante tradução e de um comentário platônico (escrito no início do século IV d.C.) do *Timeu*, era provavelmente cristão e diácono de *Hósio de Córdoba.

CALÍCRATES DE LEÔNCIO (*Callicrates*), estadista aqueu, aprox. 180-149 a.C.

Calícrates destacou-se como embaixador em Roma, em aprox. 180 a.C., ao fugir das instruções recebidas e insistir com o Senado para que desse apoio irrestrito aos partidários romanos da Grécia (dos quais ele era um exemplo típico). Sua influência suplantou a política mais independente de *Filopêmene, e impôs obediência aos desejos de Roma em todos os assuntos importantes. A posição de

Calícatres foi reforçada pela deportação de mil nobres aqueus (entre eles *Políbio) para a Itália, de 167 até 151 a.C. Sua morte, em 149/148 a.C., permitiu o ressurgimento da hostilidade dos aqueus para com Roma, o que resultou na conquista da Acaia por L. *Múmio, no ano 149 a.C. Políbio era grande inimigo de Calícatres, a quem considerava um aqueu popular.

CALÍGULA (*Caligula*) (12-41 d.C.), imperador, 37-41 d.C.

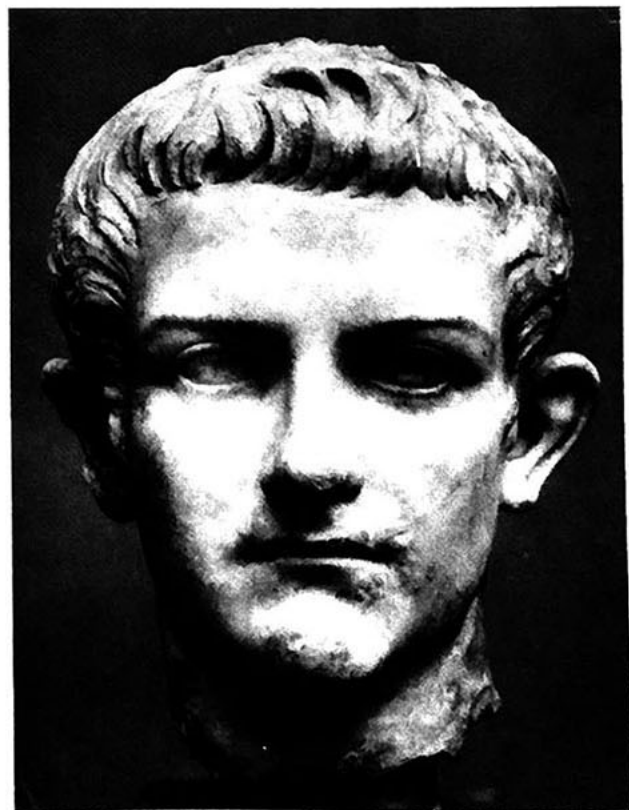
Caio Júlio César Germânico era filho de *Germânico e de *Agripina (a Velha), dos quais herdara a enorme popularidade. Ainda pequeno, ajudou a fomentar essa adulação ao desfilar como mascote diante dos exércitos do Reno, na época em que haviam se amotinado (14 d.C.). Foi então que ganhou o apelido de "Botinha". A morte violenta de seu pai em Antióquia, a supervisão, primeiro de *Lívia, depois de *Antônia (em seu lar de herdeiros do Império do Oriente), vários anos em Capri, junto com *Tibério, tudo isso sem dúvida influenciou seu caráter. Escapou por pouco das maquinações de *Sejano, e culti-

vou a amizade de seu sucessor, *Macrão. Por essa época, ele já era o herdeiro óbvio de Tibério, mas só pôde iniciar uma educação condizente com tal situação após a morte do imperador (morte que não parece ter sido precipitada por Calígula).

Suas ações, que sem dúvida alguma foram exageradas pela tradição e pela imaginação fértil dos historiadores da Antiguidade, vão mesmo da ostentação e do bizarro até os limites da loucura. Os eruditos divergem sobre a importante questão de como classificá-lo: doido, perverso ou doente? Porém, os resultados são semelhantes em qualquer caso. A ênfase na autocracia, ao estilo oriental, e o desrespeito pelo comportamento constitucional de seus dois predecessores degeneraram em tirania e em condenações arbitrárias. As expedições militares para suprimir as ameaças internas — principalmente de *Lêntulo Gétúlico e seus seguidores nobres —, e destinadas também a assegurar a paz no norte, enquanto se confirmava a lealdade dos exércitos do Reno, proporcionaram uma desculpa para grosserias e extravagâncias sem conta. Os gastos públicos rapidamente se tornaram simples esbanjamento. Seus atos administrativos, na melhor das hipóteses, foram mal julgados — suas relações com os judeus foram particularmente inúteis (ver *Petrônio, Públio). Não basta explicar, por exemplo, suas aspirações divinas comparando-as na prática com as convenções orientais do culto ao governante: o fato de ter satisfeito esses seus caprichos, em Roma, e de maneira tão livre, representou uma falta de juízo que atinge as raias da loucura. Desprezo, medo e ódio se seguiram à alegria do início do seu reinado; e os pretorianos, insatisfeitos, uniram-se aos senadores antimonarquistas para assassiná-lo. Mas, nesse momento, suas vítimas já eram numerosas, e o Estado estava falido.

CALPÚRNIO SÍCULO (*Calpurnius Siculus*), poeta bucólico, metade do século I d.C.(?).

Tito Calpúrnio Sículo foi o autor de sete poemas bucólicos em estilo muito próximo ao de *Virgílio (a quem chamava "bardo santo"; IV, 65)), mas em que aborda assuntos algumas vezes completamente diferentes — principalmente o sétimo, sobre o Coliseu. A data é controversa: Champlin argumenta com ardor pelo período de *Severo Alexandre, mas a análise métrica parece comprovar



Calígula. Copenhagen, Ny Carlsberg Glyptotek.

a data convencional da composição no período de *Nero.

CALVINO, CNEU DOMÍCIO (*Calvinus, Gnaeus Domitius*), cônsul, 53 e 40 a.C.

Calvino foi um importante opositor do Primeiro Triunvirato nos anos 50 a.C., como tribuno durante o consulado de *César e como candidato contra o Triunvirato, durante as eleições de cônsul para o ano 53 a.C., notoriamente corruptas. Calvino assegurou sua eleição com o apoio dos conservadores, e pela compra da conivência dos cônsules titulares L. *Domício Enobarbo(1) e Ápio *Cláudio Pulcro. Mas, durante a guerra civil, foi um dos poucos ex-cônsules que apoiou *César ativamente. Depois de sua morte, transferiu sua fidelidade para *Otaviano. Ocupou um segundo consulado no ano 40 a.C., e assumiu vários comandos militares importantes; entretanto, apesar de sua evidente proeminência, restaram poucos registros de suas realizações.

CALVO, CAIO LICÍNIO (*Calvus, Gaius Licinius*) (nascido em 82 a.C.), orador e poeta.

Filho de C. Licínio *Macro, Calvo chamou *Cícero de “flácido e amorfo”; Cícero retrucou com “seco e exangue” (isto é, “atísta”). Amigo de *Catulo (poema 96), Calvo também era admirado como poeta do amor, e ganhou notoriedade como um dos difamadores de *César e de seus homens de confiança.

CAMILO, MARCO FÚRIO (*Camillus, Marcus Furius*), tribuno consular, 401, 398, 394, 386, 384 e 381 a.C.

Depois de um primeiro posto de censor (403 a.C.), Camilo impôs-se em Veios como ditador, em 396, oferecendo um templo à deusa da cidade, Juno Regina, e talvez fazendo oferendas em Delfos. Promoveu a paz com os faliscos (394 a.C.), mas depois foi exilado (de acordo com a maioria das fontes, em 391). É plausível que tenha sido chamado de volta após o saque de Roma pelos gauleses (390 a.C.), mas suas vitórias sobre os gauleses, etruscos, volscos e équos, como ditador (390 e 389 a.C.), provavelmente são ficções patrióticas. Mais tarde, sustenta-se que ele derrotou os volscos (386 e 381 a.C.), recuperou Sútrio e Nepete (386) e garantiu a lealdade de Túsculo (381 a.C.). Suas ditaduras de 368 e 367, bem como a fundação de um templo da Concórdia, ligadas à agitação de

C. Licínio *Estolão, são historicamente duvidosas.

CÂNDIDO, TIBÉRIO CLÁUDIO (*Candidus, Tiberius Claudius*) senador; general; século II-III d.C.

Provavelmente originário da Numídia, Cândido havia sido oficial equestre no fim do reinado de *Marco Aurélio, e foi feito senador por *Cômodo. Serviu como general no tempo de *Severo e comandou o exército da Ilíria, de 193 a 197 d.C.

CANULEIO, CAIO (*Canuleius, Gaius*), tribuno, 445 a.C.

Segundo se afirma, Canuleio propôs um plebiscito para remover a proibição, contida nas Doze Tábuas, do casamento entre patrícios e plebeus (embora, de modo estrito, os plebiscitos iniciais não tivessem valor legal). *Dionísio de Halicarnasso omite o fato completamente.

CAPITÃO, CAIO ATEIO (*Capito, Gaius Ateius*), advogado e cônsul, 5 d.C.

Como jurista, Capitão obteve renome principalmente por seu grande conhecimento das leis pontifícias. Legítimo conservador, foi eclipsado por *Labeão, e seu nome não teve ressonância a não ser, talvez, no ritual dos jogos seculares.

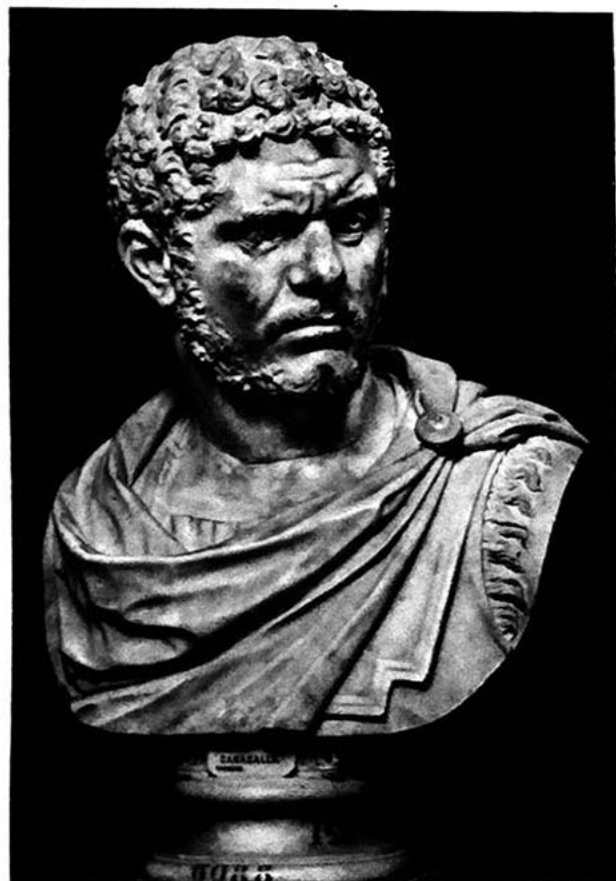
CARACALA (*Caracalla*) (*Marcus Aurelius — Septimius Bassianus — Antoninus*), imperador, 211-217 d.C.

Filho mais velho de *Severo e *Júlia Domna, Caracala nasceu na Gália em 188 d.C. Em 195, dois anos depois de se tornar imperador, Severo proclamou-se filho de *Marco Aurélio, mudando por isso o nome



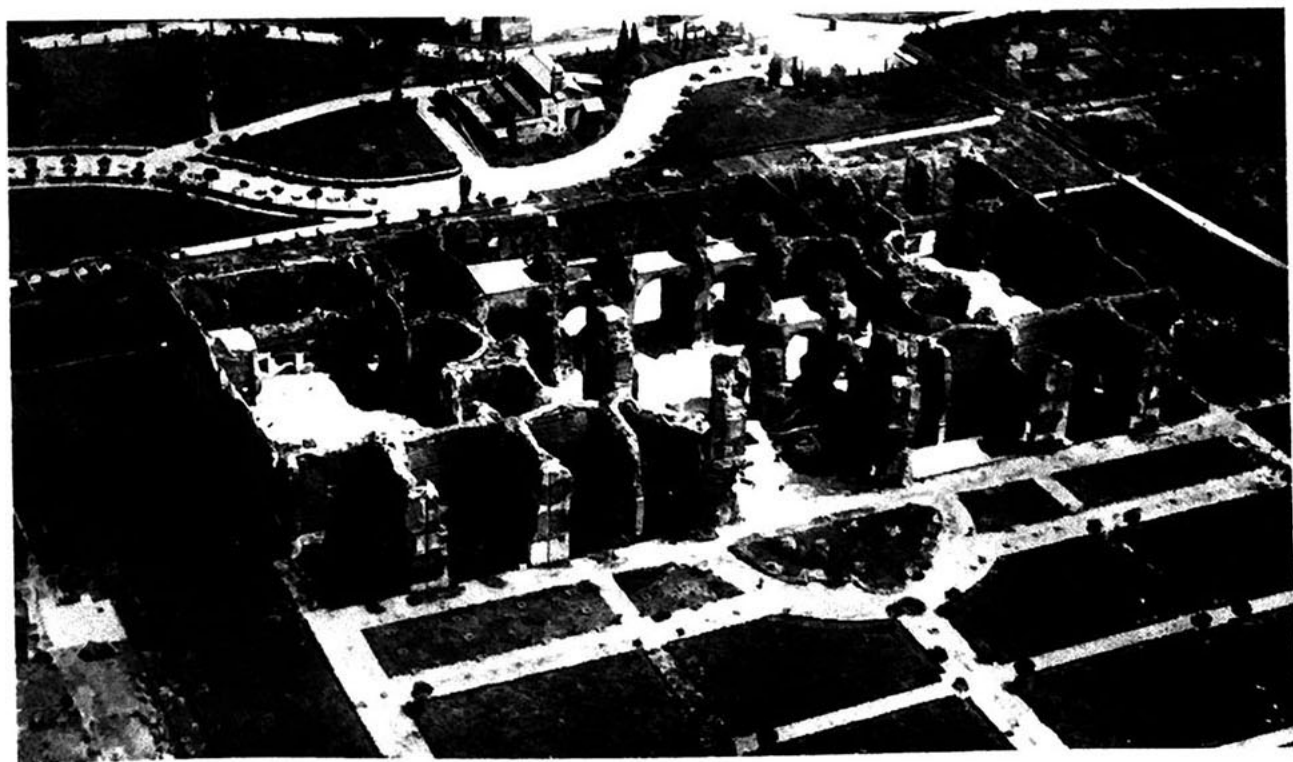
Moeda de prata (antoniniana) com um imperador usando a coroa radiada introduzida por Caracala.

de Caracala. Foi nomeado César em 196, designado imperador em 197, aceito pelos colégios sacerdotais e chamado *augusto* em 198. No ano 202 d.C., o todo-poderoso prefeito pretoriano *Plauciano promoveu o casamento de sua filha *Plautila com Caracala, mas este detestava tanto a noiva quanto o pai dela, e se recusou a ter com ela qualquer relacionamento; depois da queda de Plauciano, em 205, mandou exilá-la. De acordo com *Dião, Caracala imaginou a trama que levou Plauciano à morte, alegando que ele pretendia matar os imperadores. De 205 a 208, Caracala e seu irmão mais moço, *Geta, ganharam a reputação de dissolutos; aos poucos, a intensa rivalidade entre eles transformou-se em ódio. Ambos acompanharam o pai nas campanhas da Bretanha, de 208 a 211. Por essa época, a instabilidade mental de Caracala começava a causar preocupação e, em certa ocasião, quase esfaqueou o pai, pelas costas, na frente de todo o exército. Depois da morte de Severo, em 211 d.C., Caracala e Geta abandonaram a campanha britânica e voltaram para Roma, onde a rivalidade entre os dois cresceu tanto que até o palácio ficou dividido; no fim do mesmo ano (211 d.C.), Caracala mandou matar o irmão. Sua força como imperador provinha da habilidade com que conquistava a fidelidade dos soldados, compartilhando de suas obrigações. O apelido



Busto de Caracala. Nápoles, Museo Nazionale.

As Termas de Caracala, em Roma (construídas em 212-216 d.C.).



"Caracala" veio do nome do manto com capuz que usava frequentemente. Sua instabilidade mental, o tratamento brutal que reservava ao Senado e a todos aqueles que se opunham a ele, e sua política fiscal muito severa fizeram com que se tornasse odiado. Nos anos 213 a 217 promoveu uma campanha contra os partos no Oriente, mas em 217 foi assassinado por seu prefeito pretoriano, *Macrino. O evento mais marcante de seu reinado talvez tenha sido o édito de 212 d.C., que concedia cidadania romana a todos os habitantes livres do Império.

CARATACO (*Caratacus*), rei britânico, aprox. 41/42-51 d.C.



Moeda de prata (denário) com a efígie de Carataco.

A Bretanha, 43-80 d.C.



Filho de *Cunobelino, Carataco resistiu galhardamente à invasão romana de 43 d.C., sustentando-se por vários anos nos pântanos galeses. Derrotado por *Ostório Escápula, no ano 51, foi capturado graças à traição da rainha *Cartimândua e enviado a Roma, mas seu comportamento digno fê-lo merecer o perdão e as honrarias de *Cláudio.

CARÁUSIO (*Carausius*), usurpador da Bretanha e da Gália, aprox. 287-293 d.C.

Marco Aurélio Mausônio Caráusio foi um notável soldado dos Países Baixos que, ainda jovem, ganhava a vida pilotando embarcações. Por volta de 286 d.C., o imperador *Maximiano nomeou Caráusio comandante de uma frota que deveria livrar dos piratas o mar do Norte. O seu grande sucesso levou à suspeita de que ele não estaria entregando todo o butim aos fundos públicos, e Maximiano sentenciou-o à morte. Caráusio então usou suas forças (pagas com grande quantidade de moedas, em parte obtidas dos despojos dos bárbaros) para conquistar a Bretanha

Forte saxão à beira-mar, em Richborough, na costa de Kent, ocupado por Caráusio. Os fossos do tempo de *Cláudio ainda são visíveis.



e o norte da Gália, e proclamar a si mesmo imperador. Maximiano não conseguiu deslocá-lo em 290 d.C.; no ano 293, o novo César *Constâncio I já estava se adentrando nos territórios de Caráusio quando o usurpador foi assassinado por *Aletio, um de seus próprios generais.

CARBÃO, CNEU PAPIRIO (*Carbo, Gnaeus Papirius*), cônsul, 85, 84 e 82 a.C.

Depois de serviços prestados na Guerra Social, Carbão tornou-se figura de destaque durante o regime de *Cina, participando com ele dos consulados de 85 e 84 a.C. Com a morte de Cina, abandonou a campanha contra os dálmatas e concentrou-se na consolidação da força e da popularidade do governo na Itália, promovendo o projeto, há muito adiado, de distribuir igualmente entre as tribos novas concessões de cidadania. Diante da iminente invasão da Itália pelas forças de *Sila, muito superiores militarmente, Carbão foi incapaz de obter, quer da Itália, quer do Senado, a lealdade suficiente para uma resistência bem-sucedida, e tampouco manteve o controle que Cina possuía sobre os acontecimentos em Roma. Depois dos fracassos militares de *Norbano e de seu colega, no ano 83 a.C., Carbão assumiu um terceiro consulado em 82, com o filho de *Mário; mas, após uma série de reveses impostos por *Metelo Pio, *Pompeu e Sila, Carbão fugiu da Itália para a Sicília, onde foi capturado e morto.

CARINO (*Carinus*), imperador, 283-285 d.C.

Filho mais velho de *Caro e marido de Mágnia Urbica, Marco Aurélio Carino foi proclamado César por seu pai, em 282 d.C., e governou o Ocidente. Ficou famoso por sua natureza cruel e cheia de vícios. Não se sabe ao certo se o pai de Nigriniano foi ele mesmo ou seu irmão *Numeriano. Carino foi morto por seus próprios homens durante a Batalha de Margo, travada contra *Diocleciano no ano 285 d.C.

CARO (*Carus*), imperador, 282-283 d.C.

Marco Aurélio Caro foi proclamado imperador em 282 d.C., antes da morte de *Probo, cujo assassinato, pelas próprias tropas, evitou uma guerra civil. Caro nasceu provavelmente na Gália, e ocupou cargos

civis e militares, servindo como prefeito pretoriano no tempo de Probo. Tendo assumido o cargo de imperador, Caro concentrou sua atenção na campanha da Pérsia, pondo fim inicialmente a uma incursão dos quados e dos sármatas. Derrotou depois os persas de modo decisivo, tomando a Selêucia em 283 d.C. Ao continuar a campanha, é quase certo que ele foi morto por um raio, perto de Ctesifonte, tornando-se assim um dos raros imperadores do século III d.C. que sofreram morte natural.

CÁROPE (*Charops*), dinasta de Epiro, aprox. 170-60 a.C.

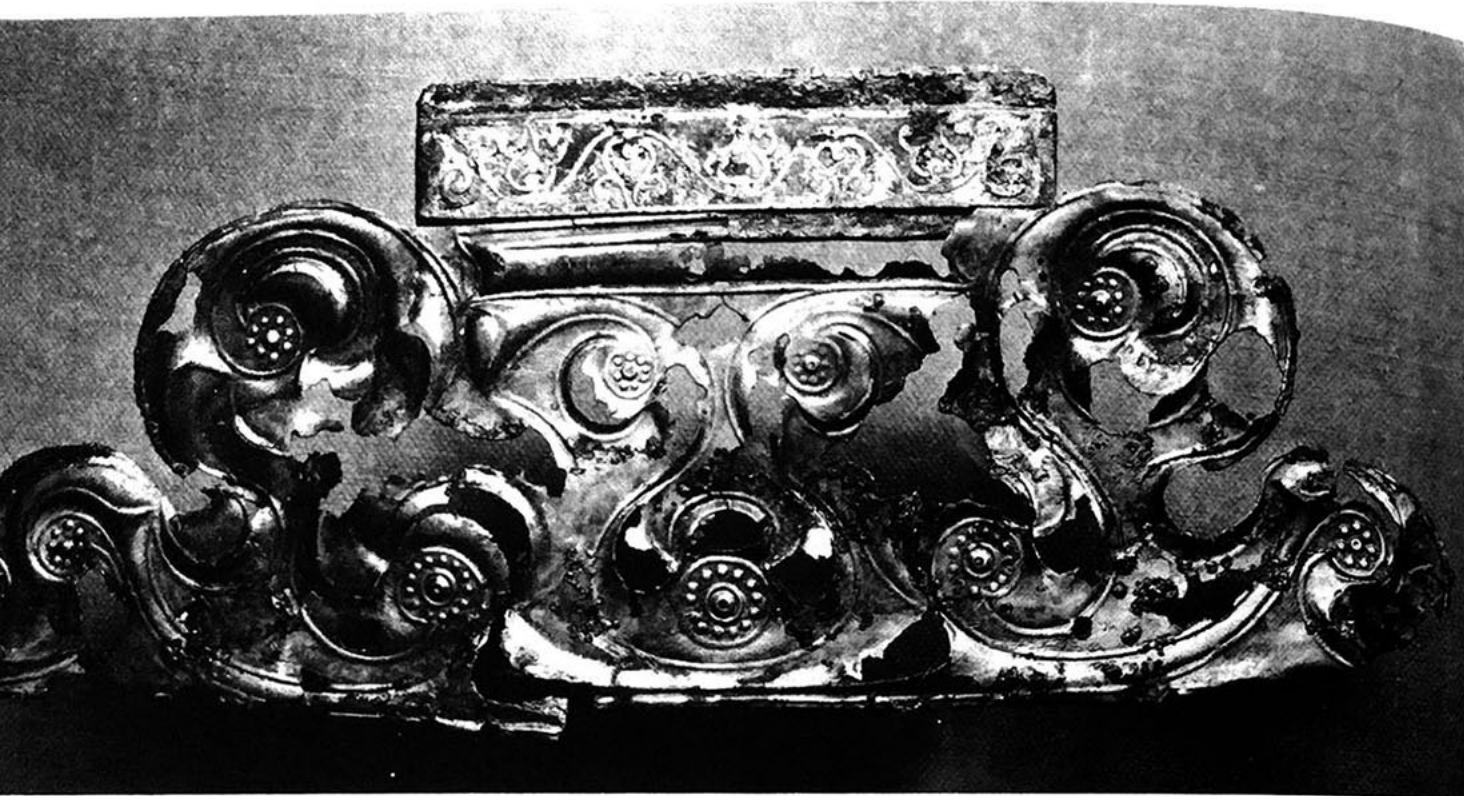
Um dos primeiros dinastas orientais a ser educado em Roma, Cárope valeu-se da Terceira Guerra Macedônica e de seus contatos em Roma para estabelecer uma posição quase tirânica no Epiro (caracterizada por *Políbio como um reinado de terror). Notoriamente pró-Roma, sua política de esquerda provocou provavelmente o ódio intenso de Políbio e vedou-lhe o acesso às casas de *Lépido(1) e *Paulo(2), quando era embaixador em Roma, por volta de 160 a.C. Em 167, pode ter sido implicado, por Paulo, no massacre de uma tribo epirota rival.

CARTIMÂNDUA (*Cartimandua*), rainha britânica dependente, meados do século I d.C.

Rainha dos brigantões, no norte da Bretanha, Cartimândua manteve sua posição graças ao apoio dos romanos (que a levou a formar um Estado-tampão), após a conquista do sul e do centro da Bretanha, no ano 43 d.C. No ano 51, ela entregou aos romanos o rei fugitivo *Carataco. Sua expulsão em 68/69 encorajou os romanos, sob *Vespasiano, a avançarem para o norte (ver Petílio *Cereal, *Agrícola).

CARVÍLIO MÁXIMO, ESPÚRIO (*Carvilius Maximus, Spurius*), cônsul, 293 e 272 a.C.

Homem novo, Carvílio capturou seis fortalezas etruscas e obrigou os faliscos a suplicarem pela paz, após bem-sucedidas campanhas em Sâmnio, no ano 293 a.C., realizadas juntamente com seu colega Lúcio Papírio Cúrsor, o Jovem. No ano 272, ele e Papírio finalmente subjugaram Tarento e seus aliados itálicos.



CASSIANO, JOÃO (*Cassianus, Joannes*) (aprox. 360-aprox. 433 d.C.), monge de Marselha.

Cassiano tornou-se uma influência importante ao trazer para o Ocidente as idéias monásticas que floresciam no deserto do Egito. Com seu amigo Germano, Cassiano passou algum tempo em um monastério em Belém, e de lá dirigiu-se a Cete, no Egito, a fim de visitar os monges. Por volta do ano 400 d.C., ambos tiveram que se afastar do Egito e fugiram para Constantinopla, onde foram recebidos por *João Crisóstomo. Uma embaixada em favor do exilado Crisóstomo levou-os a Roma. Mais tarde, Cassiano fixou-se em Marselha, onde estabeleceu alguns monastérios para homens e mulheres, seguindo os modelos que conhecera no Oriente. Em Marselha, escreveu os *Preceitos*, em que definia as regras monásticas, e as *Conferências*, em que registrava seus encontros com os monges egípcios; os dois trabalhos foram fortemente influenciados pelo pensamento monástico de Evágrio do Ponto.

CÁSSIO (*Cassius*), assassino de César, 44 a.C.

Como questor de *Crasso, na Síria (53 a.C.), Caio Cássio Longino sobreviveu a um revés em Carras e assumiu o comando das forças restantes. Obteve sucessos militares im-

*Encaixe de bronze, decorado com arabescos celtas, do período (60-70 d.C.) e da região (Elmswell, Yorkshire) de *Cartimândua, dos brigantes.*

portantes, antes de ser substituído por *Bíbulo, em 51 a.C. Lutou ao lado de *Pompeu em 49, mas foi perdoado por *César depois de Farsala. Assim como *Bruto, cuja carreira é paralela à sua, Cássio foi pretor de César em 44 e indicado cônsul para o ano 41 a.C. Tornou-se, entretanto, o principal instigador do plano para assassinar César, e foi forçado a sair da Itália em abril de 44. Na distribuição das províncias, feita pelo Senado em 43, coube a ele a Síria, onde suplantou e derrotou o cesariano *Dolabela. Juntou suas forças às de Bruto para lutar contra os triúmviros, em 42, na Grécia, e suicidou-se depois da derrota em Filipos.

CÁSSIO LONGINO, CAIO (*Cassius Longinus, Gaius*), cônsul, 30 d.C.

O fato de ser descendente do assassino de *César pôs em risco a vida de Cássio durante os reinados de *Calígula e de *Nero, mas ele sobreviveu a ambos para morrer velho, cego, rico e muito respeitado, no tempo de *Vespasiano. Recebeu a difícil tarefa de governar a Síria depois da morte de *Agripa, e exerceu grande influência como jurista.

CÁSSIO QUÉREA (*Cassius Chaerea*), assassino, 41 d.C.

Enquanto centurião, Quérea distinguiu-se por sua bravura durante o motim do exército do Reno, no ano 14 d.C. Foi promovido à guarda pretoriana e tornou-se tribuno. Os insultos de *Calígula levaram-no a planejar o bem-sucedido assassinato de 24 de janeiro de 41. *Cláudio condenou-o à morte.

CÁSSIO VICELINO, ESPÚRIO (*Cassius Vellinus, Spurius*), cônsul, 502, 493 e 486 a.C.

Segundo se alega, Cássio realizou campanhas contra os auruncos (certamente, um fato fictício) ou contra os sabinos (502 a.C.), dedicou o templo de Ceres, e concluiu um tratado com os latinos (493). Em 486, afirma-se que ele fez as pazes com os hérnicos e propôs a redistribuição da terra pública. Foi acusado de pretender ser um tirano, e executado por seu pai ou questor(es); sua casa, no lugar em que mais tarde seria erigido o



Moeda de prata (denário) do ano 102 a.C., comemorativa da dedicação do templo de Ceres por Espúrio Cássio Vicelino.

templo de *Tellus* (a Terra), foi destruída, e suas propriedades, confiscadas (485). As narrativas sobre seu papel de agitador das massas baseiam-se principalmente nos acontecimentos do período dos *Gracos. Inicialmente, entretanto, só a execução por ambições tirânicas deve ter sido lembrada. Se a história é genuína, pode ser ligada com o período do domínio fabiano, de 485 a 479 a.C.; se é uma ficção, constituiria uma explicação etiológica para a estátua no templo de Ceres que tem a inscrição: "Contribuição das propriedades de Cássio".

CATÃO, O VELHO (*Cato*) (234-149 a.C.), cônsul, 195 a.C.

Personalidade política e orador de enorme estatura, Marco Pórcio Catão projetou-se como defensor vigoroso da sociedade e dos valores tradicionais de Roma, contra a intrusão de novas e perigosas influências. Nasceu no ano 234 a.C., sua ascensão política como hábil "homem novo" (*novus homo*) deve-se ao patrocínio do nobre Lúcio Valério Flaco, com quem ocupou o consulado em 195 a.C. Nesse mesmo ano, foi nomeado para a Espanha, onde seus sucessos militares foram suficientes para que merecesse um triunfo. Não é provável que *Cipião Africano tenha tentado substituí-lo em seu comando, como afirmam algumas fontes; no entanto, a hostilidade certamente existiu na década de 180, quando Catão destacou-se pelos ataques políticos contra Africano e seu irmão, *Cipião Asiágeno. Catão conseguiu ainda maior preeminência militar em 191 a.C.: atuando como legado de *Glabrião na Grécia, reivindicou para si grande parte dos créditos pela vitória romana sobre *Antíoco II nas Termópilas.

Suas sólidas realizações, seu histórico de oposição aos Cipiões, bem como uma imagem pública cuidadosamente cultivada, com certeza auxiliaram a eleição de Catão como censor em 184 a.C., tendo outra vez Flaco como colega. Seu período como censor tornou-se proverbial por sua severidade: Catão sustentou, de modo agressivo, o papel tradicional dos censores como guardiães da moral do Estado, e entrou em choque com os publicanos. Usou também o cargo para fazer valer seus ataques aos oponentes políticos, principalmente os Cipiões e *Flaminino, cujas carreiras tendiam perigosamente à autocracia.

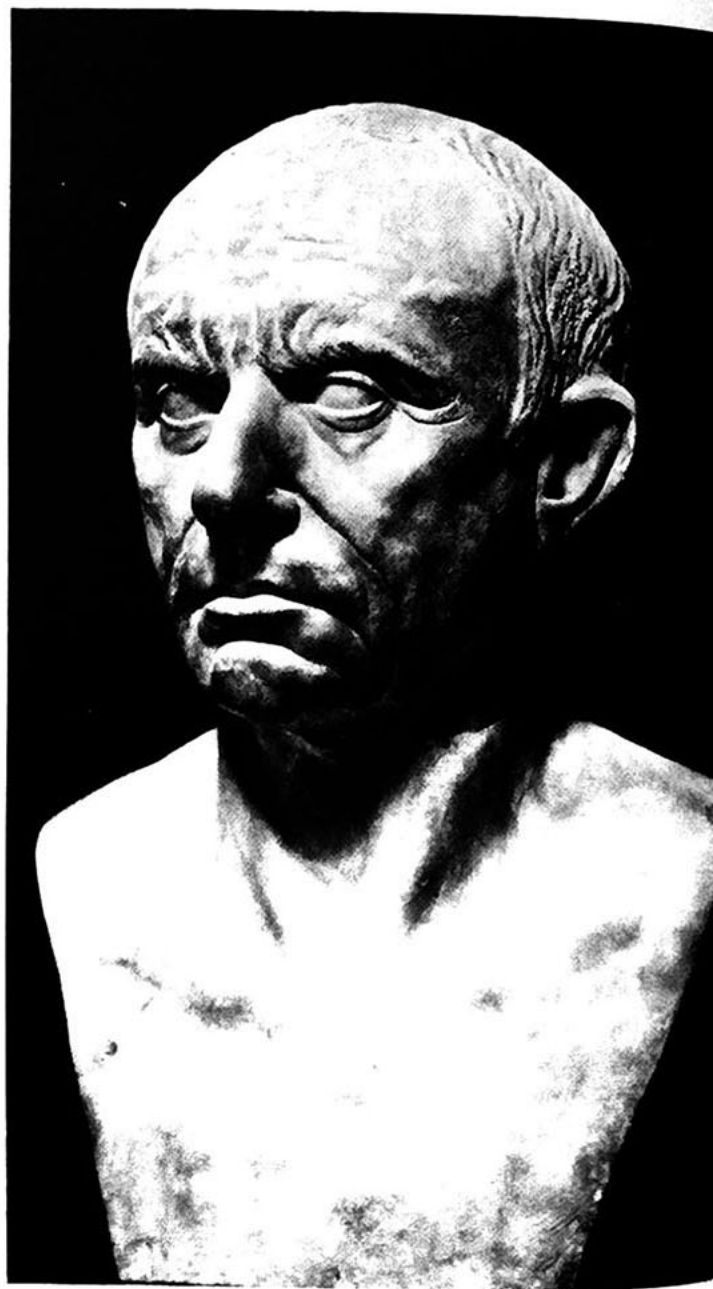
Catão sobreviveu trinta e cinco anos como estadista digno e respeitado, opondo uma resistência tenaz mas pouco efetiva contra a onda de luxúria e de cultura grega que contribuía para a decadência moral de Roma. Nos assuntos estrangeiros, salvou Rodes da ameaça de guerra em 167 a.C. e, em 151, conseguiu a libertação dos aqueus mantidos em custódia. Após o ano 153, entretanto, ficou obcecado pela ameaça cartaginesa, e terminava todos os seus discursos no Senado com a frase famosa: "Cartago deve ser destruída". Ao morrer, em 149 a.C., havia vencido a oposição de *Cipião Nasica, e a guerra havia sido declarada.

Poseur consumado, Catão distorceu com sucesso todos os dados biográficos com sua própria propaganda. Atrás da fachada pública de um resoluto soldado-camponês de Túsculo, um segundo Cúrio *Dentato, ocultava-se um rico proprietário de terras que também auferia lucros com empreendimentos duvidosos. Ainda, o áspero anti-helenista mascarava um homem de fina educação, cuja erudição abrangia vários campos da cultura grega. "Atenham-se ao assunto, e as palavras brotarão" (fragmento 15), costumava afirmar; no entanto, sua contribuição para a prosa latina foi sempre substancial e sofisticada. Dos tratados sobre agricultura, retórica e medicina, dedicados a seu filho, dos trabalhos sobre leis e guerras e mais cento e cinquenta discursos, restaram apenas fragmentos, que justapõem o latim, ainda simples e pouco elaborado, ao conhecimento de grego e de retórica. Os sete livros sobre as *Origens* tratam das lendas da fundação de Roma e de outras cidades italianas (os livros baseavam-se em fontes escritas, em lendas locais e em pesquisas pessoais), e da história das guerras mais recentes. O vigoroso e confuso tratado *Sobre a agricultura* sobreviveu: consiste numa breve e cativante mistura de orações, encantamentos, receitas e preceitos. Sua propalada parcimônia foi interpretada por *Plutarco como mesquinhez indesculpável, principalmente tendo em vista sua notória maneira de tratar os escravos. Mas foi sempre coerente em sua posição pública e bastante exato no seu diagnóstico dos efeitos corruptos do novo poder, da nova riqueza e das novas idéias sobre a sociedade romana e a própria aristocracia.

CATÃO "UTICENSE" ou DE ÚTICA, O JOVEM (*Cato "Uticensis"*), defensor da República e pretor, 54 a.C.

Movido por princípios estoicos, por seu respeito às tradições romanas, e por um desejo de igualar o seu grande ancestral, *Catão, o Velho, Marco Pórcio Catão "Uticense" ganhou fama como defensor apaixonado do regime republicano aristocrático, quando este regime começava a morrer. Apesar de sua juventude e de sua posição de novato, surgiu no ano 63 a.C. como líder dos nobres ou *optimates*, suplantando o idoso *Cátulo(2) e entrou em choque com *César a respeito da execução dos partidários de *Catilina. No fim dos anos 60, dominou o Senado, principal-

mente ao se opor aos pedidos dos dinastas *Pompeu e *Crasso e à candidatura de César para o consulado de 59 a.C. Assim, por causa de sua adesão intransigente aos princípios constitucionais, acabou precipitando a formação do Primeiro Triunvirato, e acelerou o movimento em direção à ditadura, à qual tão resolutamente se opusera. No ano 59 a.C., sua oposição à legislação de César foi violenta mas ineficaz, embora tenha ajudado a tornar público o sentimento contra os triúmviros. Catão foi afastado de Roma em 58 a.C. por uma lei de *Clódio em favor dos triúmviros,



Busto de Catão "Uticense". Roma, Museu Capitolino.

que o indicaram para administrar a anexação de Chipre. Voltando a Roma, apoiou a campanha de seu cunhado L. *Domício Enobarbo(1) contra César, e foi mantido fora da pretoria até o ano 54 pela prorrogação do Triunvirato. O consulado individual de Pompeu, em 52 a.C., significava o abandono dos princípios de Catão, e este, depois de fracassar na candidatura para o consulado de 51, perdeu temporariamente sua posição de destaque, talvez por não querer se associar diretamente a Pompeu. Catão inspirou ainda a atitude intransigente em relação a César que precipitou o início da guerra civil, e, depois de Farsala, tornou-se a principal figura da resistência republicana. Servindo sob o comando de *Metelo Cipião na África, resistiu em Útica, onde cometeu suicídio depois da vitória de César em Tapso.

CATILINA (*Catilina*), conspirador, 63 a.C.

Aristocrata ambicioso e sem princípios, pertencente a uma família patriciana obscura, Lúcio Sérgio Catilina enriqueceu-se como legado de *Sila durante os banimentos de 82 a.C., e obteve destaque político nos anos 60. Pretor em 68, foi impedido de se candidatar ao consulado até 64 a.C., por causa de uma prolongada acusação por extorsão; em 64, não conseguiu o cargo porque *Cícero controlou os votos dos conservadores. Tornando-se um demagogo, começou a formar uma grande clientela pessoal, explorando a agitação agrária espalhada pela Itália, e propondo reformas revolucionárias. Mesmo assim, não conseguiu assegurar para si o consulado de 62 a.C., pois os elementos conservadores mais uma vez se uniram contra ele. Perseguido pelo cônsul Cícero, Catilina deixou Roma no fim de 63 a.C. e passou para o lado da rebelião aberta contra a instituição senatorial, juntando forças (como *Lépido(2) em 78 a.C.) com as revoltas antigovernamentais que fomentara por toda a Itália. A rebelião foi facilmente esmagada por Cícero, que valorizou seu feito ao apresentá-la como uma conspiração gigantesca e bem-coordenada contra o Estado, inventando uma "primeira conspiração catilinária" em 66/65, que provavelmente não ocorreu.

CATÍLIO SEVERO (*Catilius Severus*), cônsul, 110 e 120 d.C.

Senador ilustre, correspondente de *Plínio, o Jovem, e pai da madrastra de *Marco

Aurélio, Lúcio Catílio Severo ocupou uma série de postos administrativos e militares no tempo de *Trajano, e foi condecorado por seus serviços na guerra contra os partos (114-117 d.C.). Com a ascensão de *Adriano, ele foi nomeado governador da Síria e, depois de seu segundo consulado, foi governador da África e prefeito urbano. Ocupava o último cargo quando Adriano adotou *Antonino Pio, e diz-se que Catílio exprimiu desagrado, pois tinha esperanças de suceder ao imperador. Isso despertou a ira de Adriano, e Catílio foi destituído de seu posto.

CATULO (*Catullus*), poeta, ativo em 60-65 a.C.

Nativo de Verona, Caio Valério Catulo era filho de um cidadão rico e conhecido de *César. Frequentava os círculos literários romanos, como atestam os poemas dedicados a *Cícero (49), Cornélio *Nepos(1), *Hortênsio (65), Hélius *Cina (95) e *Calvo (14). Sua visita à Bitúnia como integrante do séquito do governador Caio *Mêmio(2) (ver *Lucrécio), provavelmente em 57-56 a.C. (poemas, 4, 10), é o único fato biográfico sólido e datável. Seu famoso caso de amor com Lésbia, pseudônimo provável de *Clódia, a pretensa esposa de Quinto Metelo Céler (pretor, ano 63 a.C.), não pode ser conhecido em detalhe (51: o primeiro poema; 11: o último?), nem pode ser confirmada a rivalidade com *Célio pelos favores dela (poemas 58, 77, 100). Em público, não poupou nem César (29, 93, etc.), nem seu principal engenheiro, Mamurra (29, 94, etc., frequentemente sob o pseudônimo de Mênula).

A coleção dos poemas que sobreviveram é, em si, um enigma. Consiste em: a) *libellus* (livrinho) de poemas curtos, em grande variedade de métricas líricas (1-51a; 51b-60), quase todos coligidos pelo autor e com fortes traços de cuidadosa adaptação; b) 61-64, uma sequência de poemas longos (que inclui o extraordinário *tour de force* métrico do poema 63, em tetrametros, sobre a adoração extática de Atide), cujo clímax é o *epyllion* de 408, hexâmetros de "Peleu e Tétis"; e c) 65-68 (longos poemas elegíacos) e 69-116 (sequência de epigramas em versos elegíacos). Os itens b e c parecem ter sido coletados por um editor. Embora, quanto ao assunto, a e c contenham muitos elementos comuns (por exemplo, poemas de amor, poemas de desilu-

são erótica, ataque a César, sátiras literárias), fica claro que os três elementos da coleção diferem de modo significativo: os itens *a* e *b*, bem como 65-68, contêm experiências literárias audaciosas, fluentes e muitas vezes eruditas, sob forte influência da poesia alexandrina, enquanto os poemas de *c* desenvolvem-se em linhas mais simples e expressam emoções fortes em termos romanos tradicionais (a aplicação do "vocabulário da aliança política" à poesia de amor é o exemplo mais claro).

CÁTULO, CAIO LUTÁCIO (*Catulus, Gaius Lutatius*), cônsul, 242 a.C.

Enquanto ocupava o cargo de cônsul, Cátulo renovou a força naval de Roma e, no cargo de procônsul, obteve a vitória naval decisiva nas ilhas Egadi, em 10 de março de 241 a.C., que terminou a luta de vinte e quatro anos contra Cartago pelo domínio da Sicília (Primeira Guerra Púnica). Cátulo negociou um tratado com *Amílcar que recebeu o seu nome.

CÁTULO(1), QUINTO LUTÁCIO (*Catulus(1), Quintus Lutatius*), cônsul, 102 a.C.

Cátulo foi um senador tradicionalista, notável por seus interesses culturais e por ser patrono da literatura. Seu consulado como colega de *Mário (102 a.C.) e o triunfo de que participaram juntos refletem a solidariedade da instituição senatorial para com Mário durante a crise das guerras germânicas. Ofendido com a reputação de Mário, na década de 90 Cátulo tornou-se seu acerbo oponente político. No ano 87 a.C., foi uma das vítimas importantes do reinado de terror de Mário.

CÁTULO(2), QUINTO LUTÁCIO (*Catulus(2), Quintus Lutatius*), cônsul, 78 a.C.

Cátulo herdou os fortes instintos conservadores de seu pai, *Cátulo(1), e depois de se unir a *Sila em 83 a.C., tornou-se respeitável sustentáculo do período pós-Sila, o qual defendeu como cônsul, em 78 a.C., contra a tentativa de golpe de Estado de seu colega *Lépido(2). Como procônsul em 77, derrotou Lépido, mas não conseguiu subjugar o exército particular de Pompeu. Aceitou a restauração dos poderes dos tribunos, no ano 70, mas opôs-se tenazmente ao seu uso para garantir os comandos extraordinários de Pompeu em 67 e 66 a.C. Como censor, no ano 65, entrou em choque com seu colega *Crasso,

mas sua influência reacionária foi anulada definitivamente em 63 a.C., quando *César foi eleito pontífice máximo às custas de Cátulo.

CECINA ALIENO, AULO (*Caecina Alienus, Aulus*), cônsul, 69 d.C.

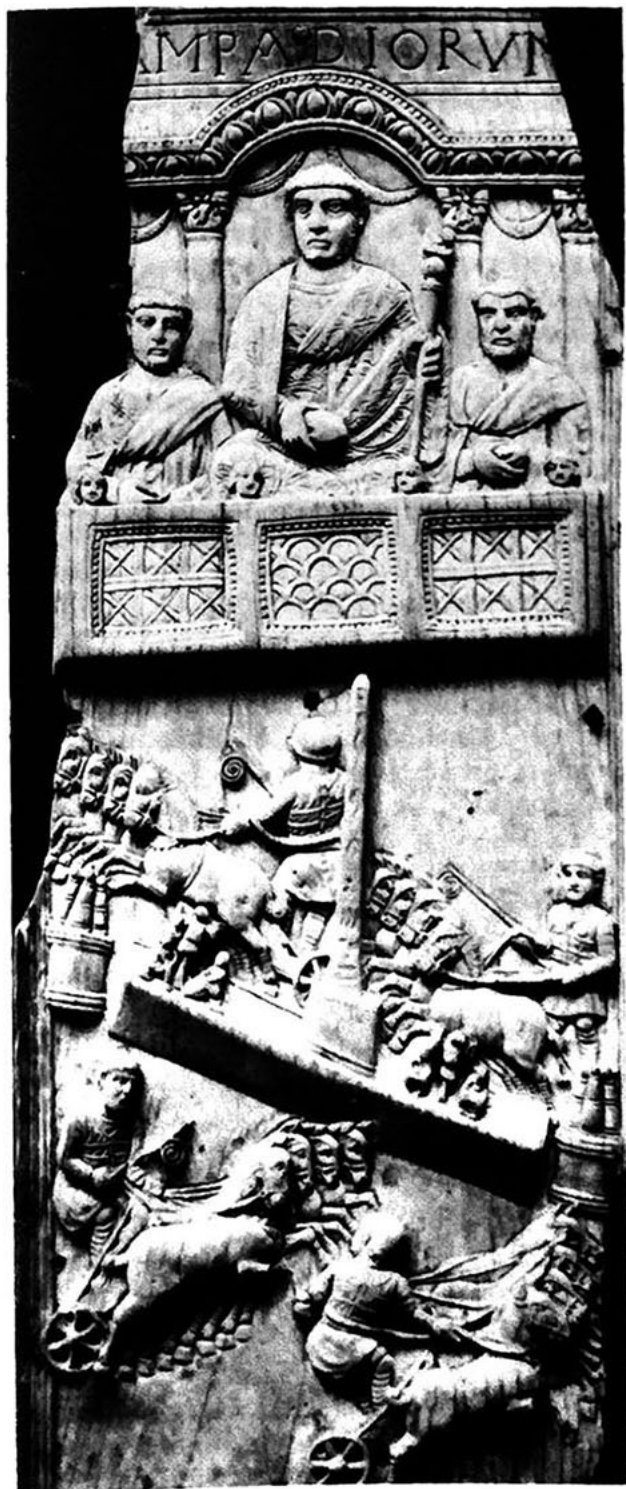
Cecina uniu-se primeiro a *Galba e depois a *Vitêlio, por quem lutou vigorosamente contra *Oto. Transferiu, com sucesso, sua fidelidade a *Vespasiano, e apenas caiu no desagrado da nova dinastia no ano 79, quando se uniu a *Éprio Marcelo numa conspiração misteriosa e inútil.

CEIÔNIOS ou CIÔNIOS (*C(a)eionii*), família aristocrática romana.

Esta prolífica família do fim do Império, com origens no século III ou mesmo antes, produziu, nos séculos IV e V, muitos cônsules e prefeitos urbanos, bem como governadores de províncias na Itália e na África. A figura central é Caio Ceiônio Rufino Volusiano (cônsul em 314 d.C.), que recuperou a África para o usurpador *Maxêncio e tornou-se prefeito urbano em 310, e depois sob *Constantino (313-315). Seu filho Ceiônio Rúfio Albino (cônsul em 335) também foi prefeito urbano (335-337), bem como o filho de Albino, Caio Ceiônio Rúfio Volusiano Lampádio, que em 365 d.C. chamou a atenção ao mandar consertar treze pontes no rio Tibre e vários edifícios públicos. Entrementes, em 364-367, o filho de Lampádio, Publílio Ceiônio Cecina Albino, foi um governador extraordinariamente ativo na Numídia, onde dezoito inscrições atestam os reparos que fez nos edifícios públicos, inclusive templos. A família era obstinadamente pagã, embora tivesse propensão para casamentos com herdeiras de famílias cristãs. Albino, pai do patrono de São Jerônimo, Laeta (ver *Eustóquia), e seu irmão Ceiônio Rúfio Albino (prefeito urbano em 389-391), avô de Santa *Melânia, a Jovem, são dois dos eruditos pagãos das *Saturnálias* de *Macróbio. No entanto, o filho de Rúfio, Rúfio Antônio Agrípnio Volusiano (prefeito urbano em 417-418), correspondeu-se amigavelmente com Santo *Agostinho sobre as dificuldades de se aceitar a fé cristã, e foi batizado em seu leito de morte. Os cônsules da família durante o século V (até Cecina Décio Fausto Albino, em 493 d.C.) podem incluir o "Lampádio" mostrado num díptico de már-

more de aproximadamente 425 d.C., presidindo os tradicionais (e caríssimos) jogos do Circo: é, possivelmente, o prefeito urbano Rúfio Cecina Félix Lampádio que reconstruiu o Coliseu (426/450 d.C.).

Díptico de marfim: o Ceônio (?) Lampádio e seus filhos presidindo o Circo Máximo. Bréscia.



CÉLIO (*Caelius*), filósofo, século II d.C.

Político jovem, bem-dotado mas impetuoso, membro da alta sociedade romana dos anos 50 a.C., Marco Célio Rufo sucedeu *Catulo na linha dos amantes de *Clódia. Era amigo de *Cícero, que o defendeu num famoso julgamento por intimidação em 56. De 51 a 50 a.C., manteve Cícero informado sobre os acontecimentos de Roma, numa série de cartas que combinavam estilo literário perfeito com evidente inclinação pelo jornalismo político. Quando a guerra civil foi deflagrada, Célio seguiu *César, que obteve para ele uma pretoria em 48 a.C. Desapontado pelo fracasso do ditador em fazer aprovar uma legislação revolucionária, Célio passou a advogar um programa radical e provocou uma rebelião, um tanto desesperada, no sul da Itália, onde *Milão aliou-se a ele. A rebelião foi facilmente reprimida pelas tropas de César, e tanto Milão quanto Célio foram mortos.

CELSE (*Celsus*) filósofo, século II d.C.

Platônico que falava grego, Celso escreveu um texto polêmico contra a cristandade (hoje perdido) por volta do fim do reinado de *Marco Aurélio. Seu conteúdo é conhecido através da refutação feita por *Orígenes, e teve grande influência sobre o pensamento anticristão do fim do neoplatonismo.

CELSE, AULO CORNÉLIO (*Celsus, Aulus Cornelius*), enciclopédista, ativo sob Tibério.

Na tradição de *Catão, o Velho, e de *Varrão (*Disciplinas*), Celso compôs uma enciclopédia (*Artes*) no tempo de *Tibério, da qual sobreviveram oito livros (VI-XIII do todo) sobre medicina. Muito respeitado na Idade Média, Celso apresenta uma admirável visão geral da ciência médica, tal como era compreendida em Roma.

CELSE, PÚBLIO JUVENCIO (*Celsus, Publius Juventius*), jurista, ativo em aprox. 100 d.C.

Chefe da Escola Proculiana de juristas, sucessor de *Pégaso, Celso foi um destacado jurista no reinado de *Domiciano. Afirma-se que ele conspirou contra esse imperador, mas salvou-se por meio de um ardil.

CEPIÃO, QUINTO SERVÍLIO (*Caepio, Quintus Servilius*), cônsul, 106 a.C.

Extremamente conservador, durante seu consulado Cepião apoiou uma lei que devolvia ao Senado o controle dos júris nos julgamentos políticos, cada vez mais freqüentes em Roma. Promoveu uma campanha militar no sul da Gália, onde conquistou Toulouse, mas os imensos despojos de guerra desapareceram. Como procônsul, no ano 105 a.C., durante a luta contra os cimbrios, Cepião recusou-se a cooperar com seu comandante militar, Cneu Málio Máximo, inferior a ele na escala social. Essa recusa acarretou, na Batalha de Aráusio (Orange), a pior derrota dos romanos desde Canas. Imediatamente, Cepião perdeu seu *imperium* e foi expulso do Senado. No ano 103 a.C., sucumbiu à acusação de ter-se apropriado do tesouro de Toulouse.

CEREAL, NERÁCIO (*Cerealis, Naeratius*), cônsul, 358 d.C.

Cereal, aristocrata romano como seu meio irmão *Rufino (Vulcácio), tinha a confiança de *Constâncio II, que o nomeou prefeito urbano de Roma (352-353), imediatamente após a derrota do usurpador *Magnêncio. Já velho, pediu a Santa Marcela que se casasse com ele, mas foi repellido: "Se eu quisesse me casar, procuraria um marido, não uma herança".

CEREAL, PETÍLIO (*Cerealis, Petillius*), cônsul, 70, 74 (?) e 83 d.C.

Provavelmente filho adotivo de um informante de *Tibério, de origem úmbria, Quinto Petílio Cereal Césio Rufo era comandante do IX Hispana quando foi dispersado por *Boudica no ano 60-61 d.C.; não teve muito sucesso como comandante da cavalaria flaviana durante a marcha contra Roma, posição que conseguira graças a conexões familiares com os Flávios, e tampouco sua conduta na guerra contra *Civile mereceu aprovação. Seguiram-se dois consulados; no período entre os dois, foi governador da Bretanha. É quase certo que, nos três anos em que esteve na Bretanha (71-73), não só conquistou os brigantões (ver *Cartimândua), como também lançou as bases do sucesso de *Agrícola, através de expedições bem mais ao norte. *Tácito hostilizava Petílio, que pode ter sido favorecido por *Domiciano com um terceiro

consulado, em 83 d.C., apenas para humilhar Agrícola. Petílio permanece como uma das figuras mais importantes do começo do período flaviano.

CÉSAR (*Caesar*) (100-44 a.C.), cônsul, 59, 48, 46-44 a.C.; ditador, 49-44 a.C.

Caio Júlio César foi a personificação do gênio militar e administrativo dos romanos. Suas realizações mais notáveis foram a conquista da Gália e a desarticulação permanente da constituição republicana de Roma. O início de sua carreira foi marcado por uma defesa intransigente do curso das magistraturas, num momento em que o governante em exercício, *Pompeu, ignorava todas as regras constitucionais. Senador antes de 70 a.C., César aderiu à linha dos populares nos anos 60, justificando sua posição de antagonista de Sila pelo fato de ser sobrinho de *Mário e genro de *Cina. Participou dos planos de *Crasso (de quem recebeu poderoso auxílio) para suplantar Pompeu na estima do povo, mas também procurou popularidade ao apoiar os interesses de Pompeu contra os nobres (*optimates*). No ano 63, destacou-se no conflito entre Caio Rabírio e *Labieno, e ao se opor à execução dos seguidores de *Catilina, advogada por *Cícero. No mesmo ano, foi eleito para o prestigioso cargo de pontífice máximo, derrotando os nobres *Cátulo(2) e *Servílio Vácia; no ano seguinte, 62 a.C., tornou-se pretor, posto seguido por bem-sucedido comando na Espanha.



Moeda de prata (denário) mostrando a cabeça coroadada de César.

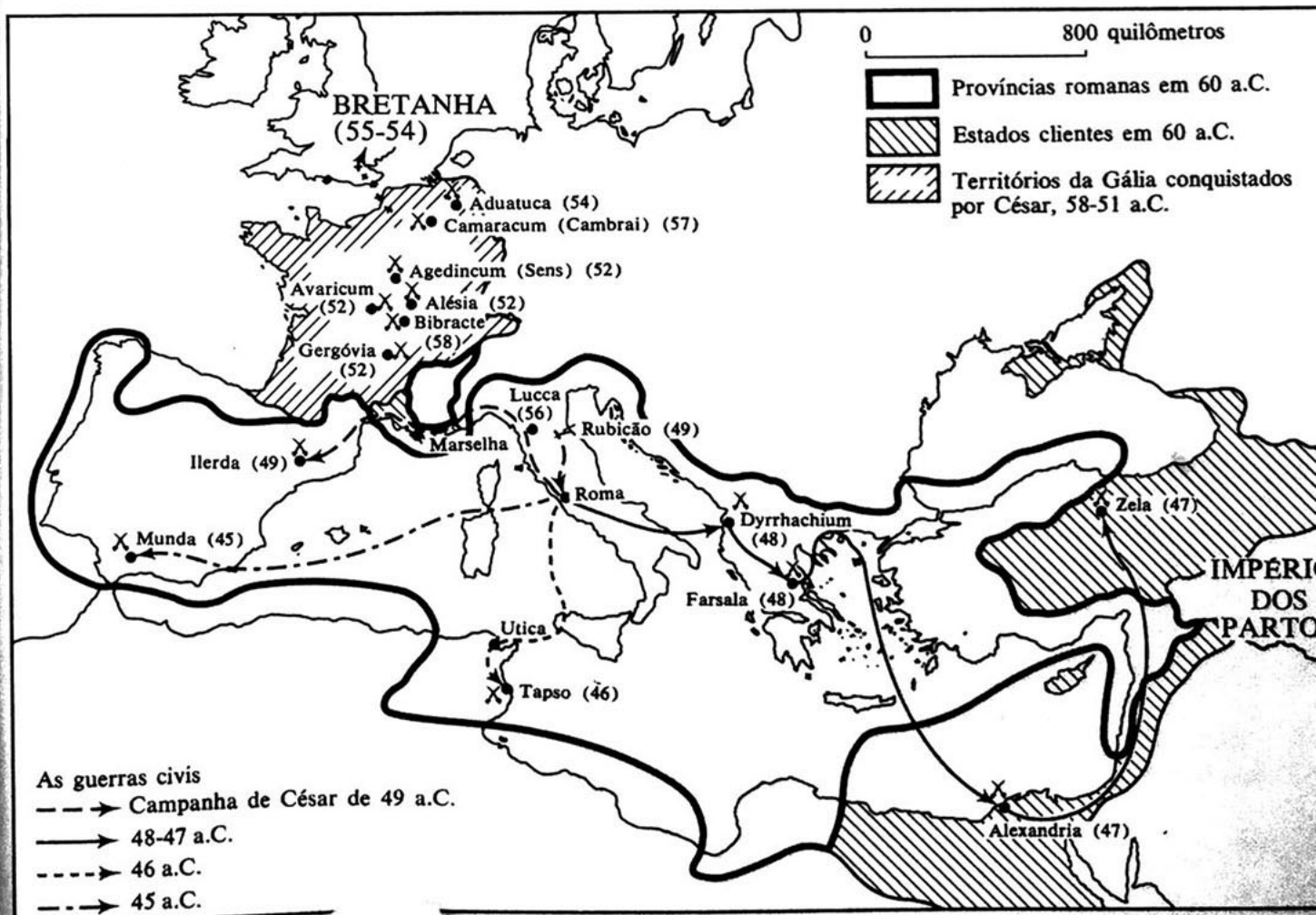
Voltando para Roma em 60 a.C., César enfrentou a hostilidade de *Catão, e teve de acenar com seu direito a um triunfo para poder candidatar-se ao consulado de 59. Como

cônsul, promoveu os interesses de Pompeu e Crasso, e conseguiu unir-se a ambos numa coalizão informal contra os nobres (Primeiro Triunvirato), recebendo para si um cobiçado comando proconsular de cinco anos na Gália e na Ilíria (graças a uma lei de *Vatínio). As leis radicais de César, principalmente as agrárias, granjearam um amplo apoio popular, mas foram sustentadas principalmente por intimidação, devido à forte oposição do Senado, liderado por Catão e *Bíbulo. As ilegalidades de seu consulado e os poderosos inimigos que fez neste período tornaram-no especialmente vulnerável a qualquer acusação, caso por algum motivo perdesse o seu *imperium*: esse fato influenciou sua carreira subsequente de modo decisivo. Assim, quando em 56 Lúcio *Domício Enobarbo ameaçou suplantá-lo na Gália, tornou-se necessário que o Triunvirato fosse prolongado a fim de manter Enobarbo afastado do consulado, e prorrogou-se o comando de César por mais cinco anos. Uma vez que o exército de César estava estacionado próximo a Roma, ele podia usá-lo para influenciar a política romana e, com os enormes despojos de guerra das suas campanhas na Gália, comprar adeptos

no Senado. Mas sua influência diminuiu sensivelmente no fim dos anos 50, quando Pompeu se aliou aos nobres para lutar contra seu rival, agora poderoso demais.

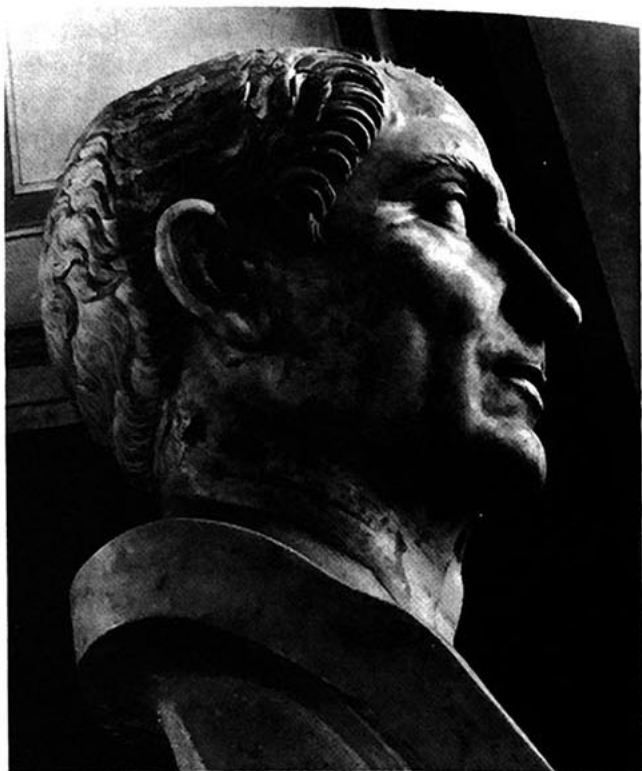
César havia completado a pacificação da Gália já em 56 a.C., mas ficou ocupado até o ano 51 com demonstrações militares na Bretanha e na Alemanha, e com uma série de revoltas que culminaram na de *Vercingetorix. Havia então alcançado não apenas uma formidável reputação militar, comparável à de Pompeu, mas também um exército leal e dedicado, formado por experientes veteranos, prontos a marchar contra o governo em defesa da honra (*dignitas*) de seu comandante. Quando o Senado, no início do ano 49 a.C., recusou a César, *in absentia*, a permissão para que se candidatasse ao consulado do ano 48, e também o declarou inimigo público, ele atravessou o Rubicão (vindo de sua província para a Itália) e rapidamente dominou a península. Garantiu o domínio sobre a Espanha antes de enfrentar, nos Bálcãs, as principais forças republicanas sob o

César: a Guerra da Gália e a guerra civil.

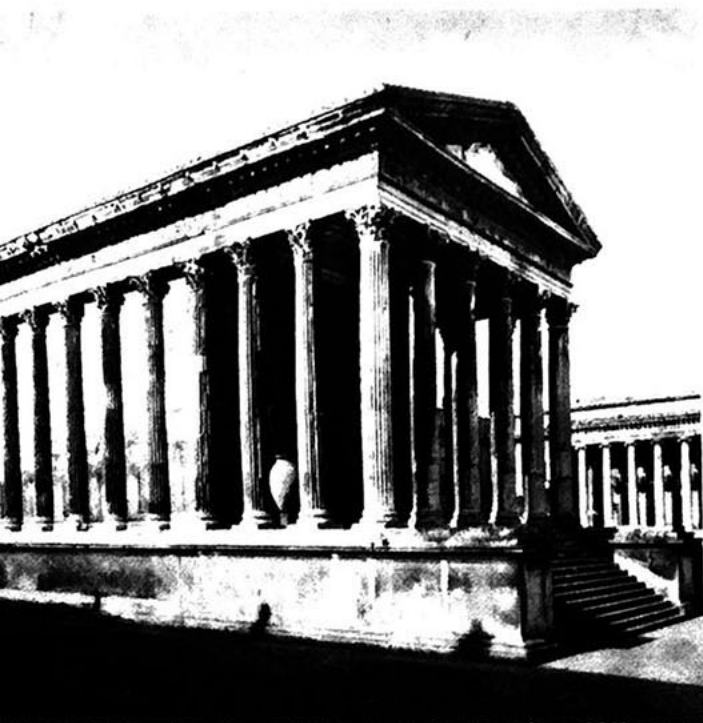


comando de Pompeu; derrotou-as em Farsala, no ano 48 a.C.

César consolidou seu domínio do mundo através de uma série de campanhas complementares: no Egito, no Ponto, na África, na Espanha (48-45 a.C.). Em Roma, sua posição tornou-se cada vez mais monárquica, à medida em que assumia consulados sucessivos (exceto em 47 a.C.); progressivamente, recebeu concessões mais longas de poderes ditatoriais (a partir de 49 a.C.); por fim, assumiu os ornamentos da realeza e da divindade. Entre o povo e as importantíssimas legiões, sua popularidade continuava forte, quase uma idolatria, principalmente depois da magnífica série de triunfos que realizou em 46 a.C. Mas, embora ele tentasse conciliar a oposição senatorial com sua famosa *clementia*, sua intenção evidente de abolir definitivamente o regime republicano provocou a conspiração de *Cásio e *Bruto para matá-lo, em 44 a.C. Durante sua ditadura, César conseguiu reestruturar parcialmente o governo, introduziu várias reformas administrativas essenciais e estendeu a cidadania romana à Gália Cisalpina. O calendário juliano, que permaneceu inalterado até o século XVI, foi introduzido em 1.º de janeiro de 45 a.C., encerrando assim séculos de confusão causada pela defasagem entre o



Busto de César. Nápoles, Museo Nazionale.



Edifício quadrangular (Maison Carrée) construído em Nîmes, França (aprox. 20 a.C.): templo dedicado a Caio e Lúcio César, herdeiros de *Augusto.

ano lunar e o ano solar; o ano 46 a.C. foi aumentado para quatrocentos e quarenta e cinco dias, a fim de corrigir a divergência. Antes de sua morte, César estava planejando uma invasão da Pérsia.

A influência decisiva de César no curso da história de Roma deveu-se também a uma formidável atuação intelectual. Era um orador de grande mérito (*ORF*, 383 e segs.), descrito por Cícero como o mais elegante dos oradores romanos; era também poeta (alguns comentários — algo desfavoráveis — sobre *Terêncio, escritos em versos, ainda sobrevivem), gramático (dois livros sobre analogia gramatical, dedicados a Cícero, foram escritos enquanto César atravessava os Alpes), escritor espirituoso (seus ditos e chistes foram publicados), panfletário, copioso missivista e grande autoridade em astronomia. É famoso principalmente por seus *Comentários*, que abrangem sete livros sobre a Guerra da Gália (escritos por volta de 52-51) e três sobre a guerra civil (incompletos e evidentemente escritos no fim da vida). A escolha da forma (*comentarii*) foi uma questão de cálculo requintado: o gênero era o das “notas”, material bruto do historiador, registro árido de acontecimentos a serem narrados pelo esti-

lista literário. Cícero (*Brutus*, 262) declara, em uma passagem de calorosa admiração, que não havia realmente nada nos *Comentários* que pudesse ser melhorado. A narrativa na terceira pessoa, fria, sóbria, castiça, contendo passagens abundantes em discurso indireto, e na *Guerra da Gália* digressões etnográficas ocasionais, pretendia criar a ilusão de objetividade imparcial. Na realidade, as duas peças são obras-primas de sutil propaganda e, em sua moderação estudada, procuram neutralizar as numerosas acusações de agressão (contra a Gália e contra Pompeu) que foram feitas a César. *Hércio completou e fez acréscimos aos *Comentários*; as guerras da Espanha e da África foram narradas por membros do corpo de auxiliares de César, hoje anônimos.

CÉSAR, CAIO (*Caesar, Gaius*), herdeiro de Augusto, falecido em 4 d.C.

Filho mais velho de *Agripa e *Júlia(2), nascido em 20 a.C., Caio Júlio César foi adotado no ano 17 por *Augusto; foi claramente designado como sucessor, a julgar pela série de honrarias que culminaram em sua apresentação pública pelo próprio Augusto, em 5 a.C. (já haviam ocorrido algumas demonstrações ruidosas em seu favor). Seu treinamento continuou com um rápido progresso no curso das magistraturas, sua participação em debates, como por exemplo sobre a questão da Judéia (4 a.C.), e uma tranqüila visita

à região do Danúbio. No ano 1 a.C., Caio recebeu sua primeira tarefa oficial, uma missão no Oriente, em que tinha poderes extraordinários; seu primeiro consulado, no ano 1 d.C., iniciou-se quando ele ainda estava na Síria. Seus conselheiros foram selecionados com cuidado (incluíam *Lólio, *Quirínio, *Domício Enobarbo e *Sejano), e a expedição teve grande sucesso; mas Caio foi ferido em uma luta com os partos e morreu na província de Lícia, no ano 4 d.C., na viagem de volta a Roma, frustrando assim os planos de Augusto para sua sucessão.

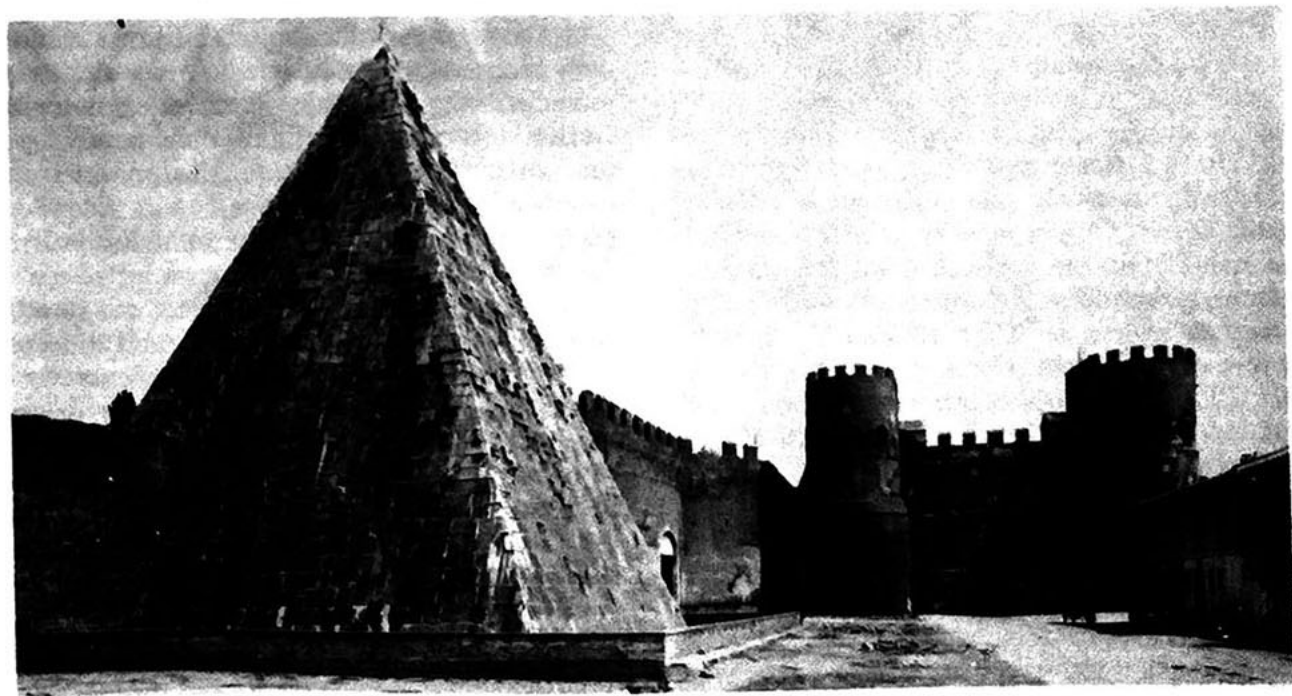
CÉSAR, LÚCIO (*Caesar, Lucius*), herdeiro de Augusto, falecido em 2 d.C.

Lúcio nasceu no ano 17 a.C., filho de *Agripa e *Júlia(2), e foi imediatamente adotado por *Augusto. As honrarias que recebeu no ano 2 a.C. tornaram claro que ele, juntamente com seu irmão mais velho, Caio *César, deveria ser o sucessor de Augusto; mas Lúcio morreu em Marselha, no ano 2 d.C., quando se dirigia ao encontro dos exércitos estacionados na Espanha.

CÉSTIO EPULÃO, CAIO (*Cestius Epulo, Gaius*)

Não se conhece nada sobre Céstio, sena-

Pirâmide de Céstio Epulão, em Roma, incorporada à Porta Ostiense (hoje Porta de São Paulo).



dor do tempo de *Augusto, a não ser que ele era um tribuno *septemvir epulonum* (membro de pequeno grupo de sacerdotes), e que deixou parte de suas propriedades para *Agripa: essa informação está na inscrição do grande túmulo piramidal que ficava na estrada de Óstia, e que foi mais tarde incorporado à Porta Ostiense, sendo assim preservado.

CÉVOLA, MÚCIO (*Scaevola, Mucius*)

Caio Múcio Cordo Cévola, segundo se afirma, tentou assassinar Porsena, mas, quando foi preso, ganhou a admiração deste por sua coragem. A lenda talvez tenha servido como uma explicação etiológica dos Prados Mucianos (que, pretende-se, foram dados a ele), e a queima de sua mão direita teria sido acrescentada posteriormente para explicar o cognome *Scaevola* (interpretado como “cavato”), usado mais tarde pelos Múcios.

CÉVOLA, QUINTO MÚCIO (*Scaevola, Quintus Mucius*), cônsul, 95 a.C.

Jurista e orador eminente, Cévola tornou-se um modelo de bom governador provincial por sua conduta na Ásia durante a década de 90. Foi provavelmente depois de seu consulado com Lúcio *Crasso, em 95 a.C., que Cévola foi nomeado para um comando proconsular especial na Ásia, tendo o antigo ex-cônsul P. *Rutílio Rufo como seu legado. A tarefa de ambos não era militar, mas consistia na reforma da administração da província e, em especial, no controle dos abusos associados com os publicanos, objetivando uma melhoria na desacreditada administração romana das províncias. Mas, apesar do sucesso obtido — que foi reconhecido por todos —, ainda restou muita coisa para ser usada por *Mitridates em sua propaganda anti-romana de 88. Cévola recebeu honras inauditas na Ásia, como um segundo fundador da província, tornando-se até objeto de culto. Sobreviveu ao regime de *Cina até 82 a.C., quando teve morte violenta. Como jurista (foi mestre de *Cícero), compôs o primeiro tratado sistemático da legislação civil romana, tratado que exerceu ampla e prolongada influência.

CÍCERO (*Cícero*) (106-43 a.C.), orador; cônsul, 63 a.C.

O maior dos oradores romanos, político eloquente mas obstinado, Marco Túlio Cícero é a personalidade republicana mais intima-

mente conhecida, principalmente através de seus volumosos escritos, nos quais, entretanto, sua importância política é exagerada. “Homem novo” (*novus homo*), conseguiu progredir politicamente na condição de advogado de sucesso nos julgamentos políticos, em especial por sua acusação contra *Verres, em 70 a.C., quando eclipsou a reputação jurídica de Q. *Hortênsio. Seguiu uma linha moderadamente popular (*popularis*), ligando-se sobretudo à causa de seu herói, *Pompeu; como pretor, Cícero falou em favor dos poderes ilimitados concedidos a Pompeu pela *Lex Manilia* (Lei de Manílio), em 66 a.C. Em 64, aproveitou-se das suspeitas levantadas contra *Catilina para assegurar para si o cargo de cônsul em 63 a.C., como um candidato “seguro”. Esse foi um momento crucial de sua carreira: tendo aberto caminho no exclusivista e exaltado grupo da nobreza (onde não foi recebido com muito entusiasmo), continuou a se identificar com os interesses dos nobres, combatendo o projeto radical de lei agrária proposto por Rulo, e assumindo uma posição solidamente conservadora contra a postura revolucionária de Catilina. A perseguição incansável por parte de Cícero levou Catilina à rebelião declarada, suprimida com sucesso pelo próprio Cícero, que se fez passar pelo homem que salvara Roma e a instituição republicana de um violento golpe de Estado. Ao exagerar o significado e o objetivo da “conspiração”, ele conseguiu aumentar a importância de seu próprio feito.

O temor provocado por Catilina suscitou uma momentânea solidariedade da alta aristocracia, detentora de grandes privilégios (senatoriais ou não), solidariedade cuja perpetuação se tornou o grande ideal político de Cícero (*concordia ordinum*). Mas ele não pôde evitar que os nobres extremados, liderados por *Catão “Uticense”, precipitassem a formação do Primeiro Triunvirato, em 59 a.C. (ver *César); depois disso, Cícero foi impedido pelos dinastas militares de exercer a autoridade e a influência a que fazia jus por sua posição. Gabar-se constantemente por ter vencido os catilinários acabou sendo uma séria desvantagem e, em 58 a.C., foi exilado por uma lei especial de *Clódio, por ter executado cidadãos romanos sem julgamento. Foi chamado de volta em 57 a.C., por iniciativa de Pompeu, de quem continuava admirador e a quem procurava associar à nobreza.

Depois de 56 a.C., a independência política de Cícero foi contrariada de modo humilhante pelo Triunvirato, do qual ele acabou sendo um instrumento, ao ter de fazer a defesa de seus antigos inimigos. Uma lei de Pompeu, em 52 a.C., nomeou-o para um comando proconsular na Cilícia; aí, tentou pôr em prática seus princípios teóricos de bom governo, conseguindo um sucesso um tanto ambíguo. Retornando a Roma em 49, no início da guerra civil, Cícero conservou seu *imperium* como procônsul até o ano 47 a.C., mas desempenhou um papel pequeno durante a guerra. Depois de Farsala (48 a.C.), recusou-se a continuar resistindo a César e aceitou seu perdão.

Cícero considerou bem-vindo o assassinato de César em 44 a.C. Saindo então de uma prolongada obscuridade política, atacou as ambições autocráticas de *Marco Antônio numa série de discursos históricos (as *Filípicas*) e procurou — no início, com sucesso — associar *Otaviano à causa republicana. Seu fracasso tornou-se evidente em 43 com a formação do Segundo Triunvirato: Cícero foi uma das primeiras e mais importantes personalidades a sofrerem banimento.

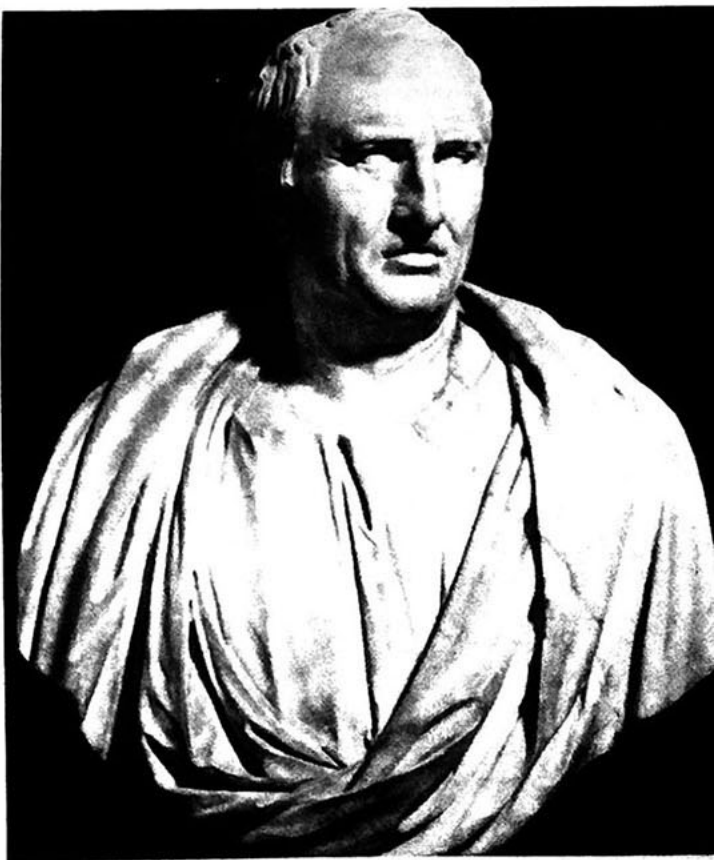
Obras. I. Poemas. Cícero foi muito mais do que um dilettante em poesia; em sua juventude, fez várias experiências com formas hêlicas, e traduziu do grego o poema astronômico de Arato; sobreviveram quarenta fragmentos e uma seqüência de quatrocentas e oitenta linhas. Mais tarde, escreveu dois poemas épicos, cada um em três livros: *Sobre seu consulado* e *Sobre sua própria época*; do primeiro existem ainda vários fragmentos, mas do segundo não restou nada. Além disso, seus trabalhos filosóficos contêm numerosas traduções de tragédias e poemas épicos gregos. Os deslizes ocasionais de seus poemas épicos bombásticos e pouco inspirados tenderam a cegar os críticos para a fluência e a habilidade técnica de suas composições, principalmente a versão de Arato.

II. Cartas. Estão reunidas em: *Cartas a Ático* (a coleção atual em dezesseis volumes — não a primeira — foi provavelmente coligida durante o reinado de *Nero); *Cartas a seus amigos* (também em dezesseis volumes, incluem algumas cartas dirigidas a seu irmão Cícero); *Cartas a seu irmão Quinto*, em três livros; e dois livros da correspondência entre Cícero e *Bruto (43 a.C., incluindo oito car-

tas de Bruto). É provável que as três últimas coleções (e outras hoje perdidas) tenham sido publicadas por *Tirão. Foi preservado um total de novecentas e trinta e uma cartas, na maior parte escritas pelo próprio Cícero. A maioria das cartas, embora não todas, foram escritas sem qualquer idéia de publicação, num estilo coloquial, alegre, vivo, cheio de alusões, abundantemente salpicado com citações em grego; elas nos apresentam um quadro valioso, excepcionalmente vivo, da história e da sociedade do período 61-43 a.C. (apenas umas poucas cartas são anteriores).

III. Discursos. Conservaram-se cinquenta e oito deles, alguns incompletos; o mais antigo é de 81 a.C. (*Em defesa de Quíncio*), o último (*Décima quarta filípica*) foi apresentado em 21 de abril de 43 a.C. Durante esse período, estilo e forma permaneceram relativamente constantes nos últimos trinta anos, depois que Cícero deixou de dar muita atenção à estrutura formal, abandonou as exuberâncias do estilo asiático de sua juventude e começou a discursar com a autoridade de sua posição pública.

Busto de Cícero. Roma, Museu Capitolino.



As circunstâncias de seus discursos são muito variadas: nem todos foram apresentados, alguns foram apenas escritos (os cinco últimos *Verrinas*, o *Em defesa de Milão*, o divino *Segunda filípica*), e muitos foram alterados ao serem publicados. Alguns discursos foram compostos para o Senado (as *Catilinárias* e as *Filípicas*, numa época de grande crise nacional), alguns para a Assembléia Popular, outros para os tribunais (nem todos para clientes tão atraentes quanto *Célio, 56 a.C.), alguns para defender (em especial o *Em defesa de Milão*) e outros para acusar (de modo espetacular no *A respeito dos Pisões — In Pisonem*). Assim, fica difícil isolar características gerais: na *Primeira Catilinária*, não havia espaço para finuras ou graças; no *Em defesa de Célio*, não havia lugar para o esplendor retórico e dramático. Apenas seu estilo copioso (em verdade, muitas vezes pomposo) e a estrutura frasal rítmica e regular (ver “Cláusula” no glossário) permanecem constantes.

IV. Obras retóricas. O primeiro tratado de Cícero sobre retórica, *Rhetorica*, em dois livros, foi provavelmente escrito quando ele era muito jovem; o último, *Topica*, é de 44 a.C., como muitos de seus escritos sobre o assunto. Certos temas de importância permanente estão aí incluídos: 1. a história da oratória em Roma (principalmente em *Bruto*, que contém generosas homenagens aos mestres de Cícero e aos grandes oradores de sua juventude); 2. as características e a educação do orador perfeito (*De oratore, Orator*), que devia também ser filósofo, historiador, jurista; 3. a controvérsia entre os asianistas rebuscados e os aticistas austeros, a respeito da qual Cícero sempre manteve intransigente neutralidade, insistindo no seu apego ao meio-termo; e 4. as classificações formais e as divisões da retórica clássica.

V. Filosofia. A educação filosófica de Cícero foi excelente, e seu interesse pela filosofia ocupou toda a sua vida (ver acima sua opinião sobre a necessidade de uma formação filosófica para o orador). Dois diálogos políticos, *Sobre o Estado* e *Sobre as leis*, dos anos 50 a.C., consistem em objeções de um romano a Platão, influenciadas pela teoria helênica, a história romana e a reação contra os acontecimentos de então. O restante de sua imensa produção filosófica pertence a um período

de intensa atividade, 46 a 44 a.C., durante o qual sintetizou ecleticamente vastas áreas do pensamento ético grego (por exemplo em *Sobre os deveres*, *Sobre as finalidades* — isto é, a busca do bem e do mal —, *Sobre a velhice*, *Questões tusculanas*, em especial sobre o sofrimento e a morte) e do pensamento religioso (*Sobre as adivinhações*, *A natureza dos deuses*, *Sobre o destino*, em que discute o livre-arbítrio), muitas vezes em atraente forma dialogada, criando um vocabulário filosófico latino bem-sucedido e de duração notavelmente longa, e tornando o pensamento grego acessível àqueles que não compreendiam a língua grega, ao mesmo tempo em que transmitia para épocas posteriores muito do que se sabia da ética grega.

CÍCERO, QUINTO TÚLIO (*Cicero, Quintus Tullius*), pretor, 62 a.C.

Irmão mais moço de *Cícero, Quinto Cícero é considerado o autor de *Commentariolum petitionis* (*Pequeno comentário sobre solicitações*), tratado em forma epistolar que aconselhava o irmão sobre as técnicas para angariar votos para o consulado. Depois de sua pretoria, governou a Ásia como procônsul e, mais tarde, serviu como legado de *César na Gália e na Bretanha, e como legado de seu irmão na Cilícia. Discutiu com Cícero a respeito de suas relações com César após Farsala, mas compartilhou da sorte do irmão nos banimentos de 43 a.C.

CILÃO, LÚCIO FÁBIO (*Cilo, Lucius Fabius*), cônsul, 193 e 203 d.C.

Senador originário de Ilurão, na Bética, Cilão era amigo íntimo do imperador *Severo, e foi favorecido por ele. Foi cônsul substituto em 193, governador da Bitínia e do Ponto e da Mésia Superior (195-196 d.C.), governador da Panônia, prefeito urbano e, em 203, cônsul ordinário.

CINA (*Cinna*), cônsul, 87, 86, 85 e 84 a.C.

Lúcio Cornélio Cina serviu durante a Guerra Social, provavelmente como legado de *Pompeu Estrabão, até 88 a.C., e foi eleito cônsul em 87. Desprezou o juramento de observar a legislação conservadora de *Sila, que havia sido pouco antes aprovada à força, e propôs uma lei liberal para a cidadania italiana, bem como o retorno dos inimigos de

Sila que haviam sido exilados. Foi violentamente atacado e deposto por seu colega conservador Cneu Otávio; conseguiu fugir de Roma e, no fim de 87 a.C., reocupou a cidade com um grande exército de italianos insatisfeitos, legiões que não haviam debandado e vários exilados (incluindo *Mário). Não conseguiu controlar o massacre dos oponentes políticos, incitado por Mário, mas restaurou a ordem depois da morte deste, no começo de 86 a.C. O período de seus três últimos consulados (86-84) é freqüentemente denominado "jugo de Cina" (*Cinae dominatio*), mas seu mandato parece ter sido marcado pela moderação política e a conciliação. A tradição histórica de Cina foi manchada pela propaganda de Sila. Foi morto num motim de tropas recém-recrutadas, em Ancona, no ano 84, quando a ameaça do ausente Sila começava a ser levada a sério.

CINA, CAIO HÉLVIO (*Cinna, Gaius Helvius*) (falecido em 44 a.C.), poeta.

Talvez tribuno da plebe em 44 a.C., Cina, o poeta, foi morto pela multidão após o assassinato de *César por ter sido confundido com o conspirador Lúcio Hélvio Cina. Amigo de *Catulo (poema 95), foi autor de um poema dedicado a *Pólio, de poemas de amor, de epigramas e do *Esmirna* — pequena obra sobre o amor anormal, de profunda inspiração alexandrina, que levou nove anos para completar.

CINCINATO, LÚCIO QUÍNCIO (*Cincinnatus, Lucius Quinctius*), ditador, 458 a.C.

Cincinato foi um herói lendário que abandonou seu arado para salvar Roma de uma crise militar. A história, ligada etiológicamente aos Prados Quincianos, tem sido datada usualmente de 458 a.C., quando Cincinato salvou L. *Minúcio Esquilino Augurino (personagem fictícia inspirada na atuação de Q. *Fábio Máximo Verrucoso, conhecido como "Cuntátor", em 217 a.C.), que vivia sitiado. Foi recompensado então com um posto de cônsul substituto (460 ?) ou, de acordo com *Diodoro, com a participação num colégio especial de cônsules (457-456). Sua pobreza foi atribuída ao confisco de seus bens para pagar a fiança de seu filho (461 a.C.). Em 439, tornou-se novamente ditador, a fim de conter *Mélio.

CINÉGIO (*Cynegius*), prefeito pretoriano, 384-388 d.C.

Materno Cinégio foi um dos principais membros do grupo de espanhóis piedosos que cercava *Teodósio I, de quem pode ter sido parente. Depois de ocupar cargos inferiores na corte, tornou-se prefeito pretoriano em 384 d.C. e inspirou uma série de leis contra judeus, heréticos e pagãos. Durante uma viagem oficial de inspeção ao Egito e à Síria, encorajou a destruição de templos pagãos por bandos de monges, apesar dos protestos do orador *Libânio contra o comportamento ilegal de "homens vestidos de preto que comem mais do que elefantes". Eleito cônsul em 388 d.C., morreu enquanto ocupava o cargo.

CIPIÃO, PÚBLIO CORNÉLIO (*Scipio, Publius Cornelius*), cônsul, 218 a.C., e **CIPIÃO CALVO, CNEU CORNÉLIO** (*Scipio Calvus, Gnaeus Cornellius*), cônsul, 22 a.C.

Quando Roma declarou guerra contra Cartago, em 218 a.C., o cônsul P. Cipião foi enviado (com seu irmão Cneu como legado) ao encontro de *Aníbal na Espanha, mas o exército de Aníbal esgueirou-se pelo sul da França, forçando Públio a dividir seu exército e voltar para dar combate a ele. Públio sofreu duas derrotas, às margens do Ticino e do Trébia. Em 217, como procônsul, Públio chegou à Espanha, onde Cneu já havia realizado uma campanha com sucesso. Os dois irmãos trabalharam para minar a influência dos cartagineses na Espanha e para ganhar simpatia e apoio dos espanhóis; expandiram o controle romano por toda a costa leste da Espanha e conquistaram Sagunto (aprox. 212 a.C.); mas sua principal realização foi impedir que *Asdrúbal se juntasse a Aníbal na Itália, ao derrotá-lo em 215, perto de Ibera. Entretanto, inferiorizados em número pelas forças púnicas na Espanha, acabaram por ser derrotados e mortos em 211 a.C.

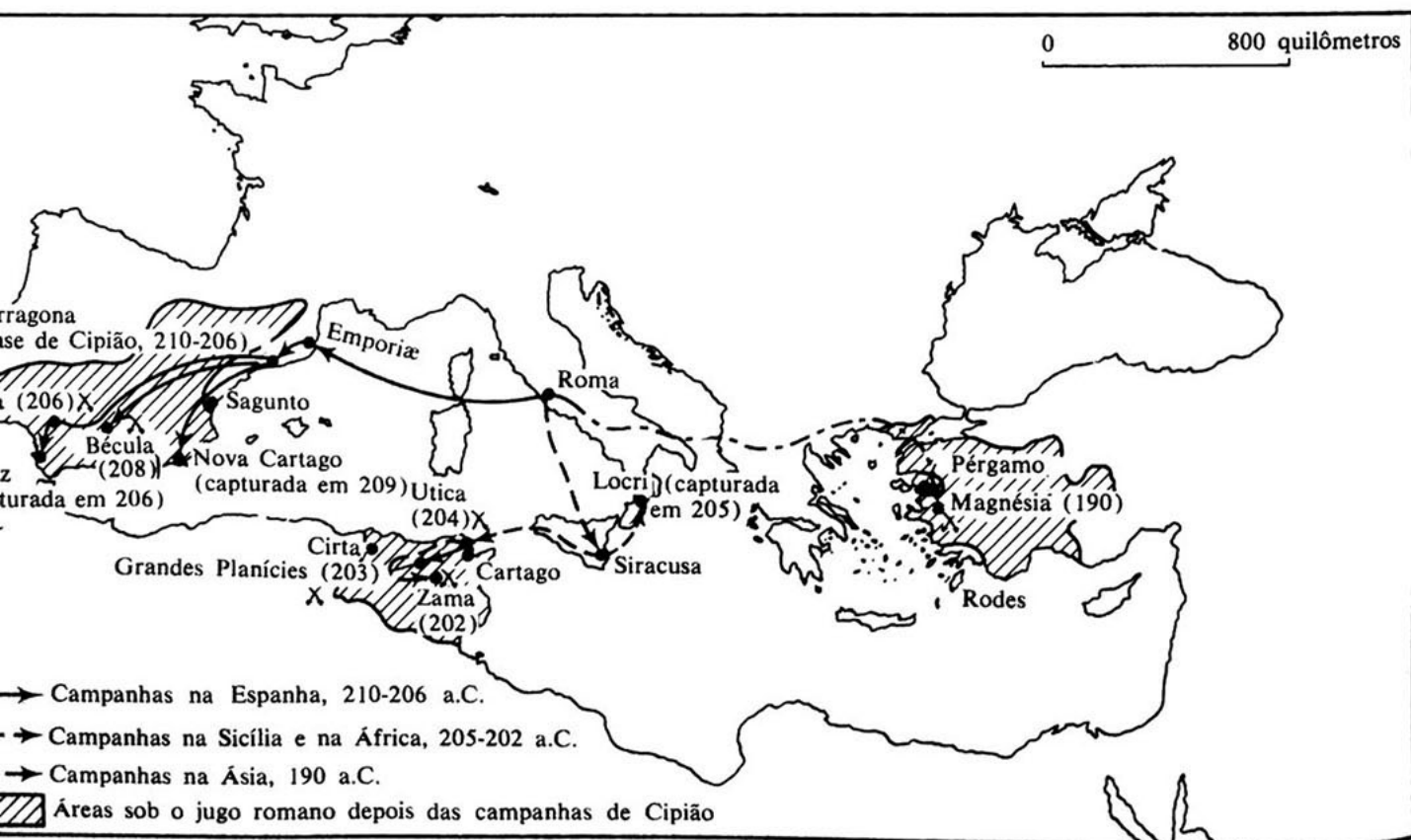
CIPIÃO AFRICANO (*Scipio Africanus*), cônsul, 205 e 194 a.C.

Conquistador da Espanha, da África e da Ásia Menor, Públio Cornélio Cipião Africano sobressai, mais do que qualquer outro indivíduo, como o arquiteto da supremacia mundial de Roma. Sua grande popularidade junto ao povo e suas comprovadas habilidades militares elevaram-no, de modo extraordi-

nário e quase sem precedentes, a um comando proconsular na Espanha (210 a.C.), embora ele tivesse apenas vinte e seis anos e fosse um simples cidadão. Por volta de 206, ele havia expulsado os cartagineses da Espanha e estabelecera aí o controle total de Roma. Os anos passados na Espanha fizeram de Cipião um gênio militar excepcional e um líder carismático. Pôs-se então a treinar seu exército num grau de profissionalismo tal que lhe permitiu, com o tempo, suplantar *Aníbal e, de modo mais imediato, levou-o a duas vitórias brilhantes contra os cartagineses em Bécula (208) e em Ilipa (206). Sua personalidade magnética e sua competência diplomática asseguraram a cooperação dos chefes nativos, muitos dos quais o consideravam um rei. Essa cooperação contribuiu muito para a vitória na guerra contra os cartagineses na Espanha e, para consegui-la, Cipião beneficiou-se dos contatos estabelecidos por seu pai, P. Cornélio *Cipião, nos anos anteriores a 211 a.C. Ganhou também a lealdade e a devoção de seus soldados, entre os quais corria a lenda de que Cipião era auxiliado pelos deuses, principalmente depois do aparentemente miraculoso fluxo de maré que lhe permitiu capturar Nova Cartago (209).

De volta a Roma, na condição de herói, Cipião foi eleito cônsul em 205 e iniciou a implementação de sua ambiciosa estratégia para ganhar a guerra com uma derrota completa de Cartago, na África. Entrou então em conflito com o pensamento conservador do Senado, articulado por *Fábio Cuntátor, que defendia que primeiro Aníbal deveria ser derrotado na Itália; mas, ameaçando passar por cima do Senado e apelar diretamente ao povo, Cipião conseguiu que a África se tornasse seu campo de operações. Uma ulterior obstrução senatorial impediu Cipião de recrutar tropas, mas seu prestígio e sua imagem atraíram um número suficiente de voluntários para a campanha na África. Passou um ano na Sicília treinando seu novo exército, e chocou a opinião tradicional romana ao usar roupas gregas e assumir, abertamente, atitudes culturais gregas. Depois de sobreviver, por estreita margem, ao escândalo de *Plemínio, Cipião foi para a África em 204 a.C. e aí justificou sua estratégia através de uma série de vitórias que forçaram Aníbal a voltar para a África, abandonando a Itália (203). Tendo garantido o valioso auxílio da cavalaria de *Masinissa, infligiu ao até então invencível Aníbal a derrota de Zama (202 a.C.), que decidiu a guerra. Cipião concordou com os termos de paz, mais tarde ratificados pelo Senado, e voltou para Roma para um

As campanhas de Cipião Africano.



esplêndido triunfo, assumindo então o sobrenome "Africano" por causa de sua grande vitória. Em 199 a.C., quando atingiu o posto de censor — ápice da carreira pública romana —, tinha apenas trinta e sete anos de idade. Sua juventude, aliada a uma série de outras qualidades (algumas, sem dúvida, cultivadas conscientemente), geraram comparações inevitáveis com Alexandre.

Durante seu segundo consulado (194 a.C.), e com vistas a um possível ataque contra *Antíoco III, Cipião opôs-se violentamente, mas sem sucesso, à política de *Flaminino, segundo a qual Roma deveria retirar-se da Grécia; mas, em 190, ele liderou o primeiro exército romano a se deslocar para a Ásia, nominalmente como legado de seu irmão L. *Cipião Asiágeno. No caminho, estabeleceu íntima amizade com *Filipe V, agora importantíssimo aliado de Roma. Cipião obteve novos sucessos diplomáticos na Ásia: insistiu em que Antíoco se retirasse de modo completo da Ásia Menor e, com essa condição, concedeu a paz, depois da batalha crucial de Magnésia. (O comando efetivo em Magnésia não foi exercido nem por Cipião, que estava doente, nem por seu irmão, e sim por Cneu Domício Enobarbo.)

Cipião atingira uma posição de grandeza inaudita em Roma, e que nenhum romano atingiu depois, até o aparecimento de *Pompeu e de *César. Sua carreira revelara vários e perigosos desvios da prática romana tradicional, como o culto da personalidade e o conceito helênico de majestade. Em consequência, seus oponentes políticos cerraram fileiras contra ele na década de 180, o que resultou na tentativa de impugnação de L. Cipião por crimes de peculato na Ásia. Num contra-ataque característico e corajoso, Africano rasgou os relatórios concernentes ao caso diante do povo, enquanto lhe lembrava as obrigações que devia a ele como seu salvador. Mais tarde, entretanto, foi forçado a se retirar da vida pública, e morreu em 183 a.C.

CIPIÃO ASIÁGENO (*Scipio Asiagenus*), cônsul, 190 a.C.

Dotado de poucas habilidades, Lúcio Cornélio Cipião Asiágeno deveu todo o seu progresso na carreira pública a seu irmão mais velho, *Cipião Africano, e aos sucessos deste. Recebeu o comando consular contra *Antíoco III em 190 a.C., com a condição

de que Africano o acompanhasse como legado e assumisse o comando efetivo. Liderou o primeiro exército romano que marchou contra a Ásia; mereceu um triunfo e o sobrenome "Asiágeno" (Asiático) pela vitória decisiva contra Antíoco, em Magnésia. Na década de 180, o ataque político contra Africano foi efetivado através do pouco afortunado Lúcio: foi impugnado em 187 a.C. sob acusação de peculato na Ásia, e humilhado publicamente por *Catão, censor no ano 184 a.C.



*Denário (101 a.C.) mostrando Júpiter em uma quadriga, em comemoração ao triunfo de Lúcio Cipião Asiágeno sobre *Antíoco III.*

CIPIÃO EMILIANO (*Scipio Aemilianus*), cônsul, 147 e 134 a.C.

Importante líder político e militar do século II a.C., Públio Cornélio Cipião Emiliano nasceu por volta de 185, filho natural de Emílio *Paulo(2), sob cujo comando serviu na Macedônia, em 168. Por essa época, entretanto, havia sido adotado pela *gens* (família) Cornélia, através do filho mais velho de *Cipião Africano. A combinação das influências herdadas de Paulo e de Africano é suficiente para explicar sua preeminência política. Para o historiador *Políbio, seu amigo e admirador, o jovem Cipião sobressaía como modelo de virtudes heróicas, em uma geração corrompida pela luxúria e pelo helenismo. Mas Cipião unia um profundo respeito pela austeridade tradicional dos romanos a um vivo interesse intelectual pela cultura grega. O assim chamado "círculo cipiônico" era um agrupamento de pessoas associadas por um mesmo espírito político, mais os seus protegidos entre os literatos (ver *Lélio, *Terêncio, *Lucílio, *Panécio).

Como jovem membro do Senado, em 151 a.C., Cipião ajudou a superar uma crise enorme nos recrutamentos militares, oferecendo-se

como voluntário para servir na Espanha e encorajando outros a seguirem seu exemplo. Uma notável folha de serviços militares na Espanha e na África levou à sua eleição irregular para cônsul no ano 147 (cargo para o qual não estava qualificado, nem pela idade nem pela posição hierárquica), e, portanto, tornou-se também comandante da terceira guerra contra Cartago. No ano seguinte, conseguiu vencer a guerra com a destruição brutal de Cartago. Cipião tornou-se censor em 142, mas seu plano reacionário de realizar um expurgo moral foi frustrado por seu colega, mais liberal, L. *Múmio. Provavelmente em 140 a.C., liderou uma missão muito importante, cobrindo vasta área do Oriente e que parece ter tido como um dos objetivos a investigação dos negócios de vários Estados clientes de Roma. Em 134, as regras constitucionais foram de novo quebradas, para permitir que Cipião fosse eleito para um segundo consulado. Dessa vez, sua tarefa militar era pôr um fim à guerra contra a Numância (Espanha), que se prolongava de modo embaraçoso. Cumpriu a tarefa com eficiência, capturando e destruindo a cidade em 133.

A ausência de Cipião, tão influente politicamente, pode ter levado à introdução das leis agrárias de Tibério *Graco. Voltando a Roma para um segundo triunfo, Cipião, com seu conservantismo natural, superou qualquer sentimento familiar em relação ao falecido irmão de sua esposa: condenou as atividades de Tibério, aprovou seu linchamento e iniciou o trabalho para abolir sua legislação. A enorme popularidade de Cipião começou a diminuir e, em 129 a.C., ele sofreu morte súbita, em circunstâncias bastante misteriosas.

CIPIÃO NASICA (*Scipio Nasica*), cônsul, 191 a.C.

Filho de Cipião Calvo (ver *Cipião, Públio), Públio Cornélio Cipião Nasica, considerado o mais nobre e o mais íntegro dos cidadãos de Roma, foi designado em 204 a.C. para receber em solo romano as relíquias sagradas da *Magna Mater* asiática. O resto de sua carreira não atingiu as alturas desse auspicioso começo, embora tenha sido cônsul e merecesse um triunfo em 191 a.C. Em 181, fundou a Aquiléia (Itália setentrional).

CIPIÃO NASICA CÓRCULO (*Scipio Nasica Corculum*), cônsul, 162 e 155 a.C.

Filho de *Cipião Nasica, Públio Cornélio Cipião Nasica Córculo dominou a política romana na metade do século II a.C., adquirindo a reputação de integridade intelectual e moral. Como tribuno militar, em 168, desempenhou importante papel na vitória em Pidna; sua narrativa dessa batalha foi usada por *Plutarco como fonte histórica. A eleição de Nasica para o consulado de 162 não foi considerada válida, mas isso não impediu que se tornasse censor (159), nem que fosse eleito para um segundo consulado, durante o qual mereceu um triunfo por sua vitória sobre os dálmatas (155 a.C.). Foi *princeps senatus* desde 147 até sua morte, por volta de 141. Assim como *Catão, o Velho, Nasica opôs-se à luxúria e à erosão da moral tradicional de Roma; mas, no fim da década de 150, liderou a oposição do Senado contra Catão e suas exigências de uma aniquilação total de Cartago, baseando-se na falta de um pretexto válido e na necessidade de se manter um inimigo externo de Roma como estímulo moral.

CIPIÃO NASICA SERAPIÃO (*Scipio Nasica Serapio*), cônsul, 138 a.C.

Públio Cornélio Cipião Nasica Serapião era filho de *Cipião Nasica Córculo, e atingiu notoriedade em 133 a.C. quando, como senador mais velho e pontífice máximo, liderou a oposição senatorial contra as atividades inconstitucionais de Tibério *Graco. Não tendo conseguido persuadir o cônsul a reprimir Graco pela força, Nasica conclamou os outros senadores a se unirem a ele e, com o auxílio de seus clientes, atacou e matou Graco e seus partidários. A ação de Nasica foi considerada pelos conservadores como um tiranicídio justificável, mas o ressentimento popular forçou-o a sair de Roma no mesmo ano, numa missão em Pérgamo. Nasica morreu durante a viagem.

CIPRIANO, SÃO (*Cyprianus*), bispo de Cartago, aprox. 248-258 d.C.

Nascido em Cartago, no início do século III, Tásccio Cecílio Cipriano recebeu instrução formal em retórica. Converteu-se ao cristianismo por volta de 246 e, por volta de 248 d.C., tornou-se bispo de Cartago. Durante os dez anos seguintes, foi molestado e perseguido durante o combate aos cristãos nos períodos

de *Décio, *Treboniano Galo e *Valeriano, e nesse último período perdeu sua vida. Foi escritor prolífico em vários assuntos, e envolveu-se ativamente na questão de dar ou não permissão aos apóstatas para voltarem ao seio da Igreja, e quais seriam os termos. Sua grande autoridade moral possibilitou o estabelecimento de um compromisso, o qual iludiu a Igreja africana depois da grande perseguição de aprox. 300 d.C. (ver *Donato).

CIRILO DE ALEXANDRIA, SÃO (*Cyrillus*), bispo, 412-444 d.C.

Cirilo foi uma figura notável em seu tempo por sua influência política e sua sagacidade teológica. Em Alexandria, exerceu vigorosa oposição ao judaísmo, à heresia e ao paganismo (pode ter sido, em parte, culpado da morte de *Hipácia), enquanto na Igreja, em geral, foi o principal defensor da cristologia "alexandrina", a união de Deus e do homem em Cristo. Isso causou um conflito com *Nestório, bispo de Constantinopla, a quem Cirilo acusou de negar a divindade de Cristo. Valendo-se de sua influência sobre a corte de Constantinopla (principalmente a imperatriz *Pulquéria), Cirilo conseguiu a condenação de Nestório no Concílio de Éfeso, em 431 (embora tivesse que gastar grandes somas no subsídio da corte, a fim de evitar sua própria condenação por um sínodo rival realizado pelos partidários de Nestório). Em 433 d.C., Cirilo aceitou a reconciliação, e a controvérsia acalmou-se até o fim de sua vida. Escreveu várias obras, inclusive uma defesa da Igreja contra os ataques do imperador *Juliano.

CIRILO DE JERUSALÉM, SÃO (*Cyrillus*), bispo, aprox. 349-386 d.C.

Cirilo foi banido de sua sé em 357 por ter-se oposto ao arianismo (ver *Ário), mas foi reintegrado pelo Concílio de Selêucia, em 359; depois disso, foi banido mais duas vezes. Dúvidas levantadas contra sua posição doutrinária tiveram como consequência a missão de *Gregório de Nissa, em 379 d.C. Em 381 d.C., Cirilo pode ter recitado a atual versão do Credo de Nicéia, no Concílio de Constantinopla. As vinte e quatro *Catequeses*, principal obra sua que sobreviveu, foram compostas por volta de 350 d.C., com vistas à preparação dos candidatos ao batismo. Em 351/353, testemunhou a visão de uma cruz

celestial e escreveu a *Constância II sobre isso.

CIRO (*Cyrus*), prefeito pretoriano, 439-441 d.C.

O egípcio Flávio Ciro foi um dos primeiros "poetas peregrinos" de Bizâncio. Seu talento chamou a atenção da imperatriz *Eudécia, que o tornou prefeito urbano de Constantinopla (439 d.C.) e prefeito pretoriano (439-441 d.C.). Ciro foi o primeiro prefeito a usar oficialmente o grego em vez do latim, e tornou-se popular em Constantinopla por completar a construção da Muralha de *Antêmio e providenciar a iluminação das ruas. Mas, quando Eudécia perdeu o poder (fim de 441?), Ciro foi acusado de simpatias pagãs e removido para uma obscura diocese da Frígia, onde seu primeiro sermão ficou famoso pela concisão.

CIVILE ou CIVIL (*Civilis*), líder rebelde, 69-70 d.C.

Nobre batavo, de sangue real, Caio(?) Júlio Civile serviu com os auxiliares do exército romano, prática então comum (ver *Arminio), mas foi acusado de fomentar uma rebelião. Os maus-tratos que sofreu, apesar de ter sido declarado inocente por *Galba, fizeram com que Civile se voltasse contra Roma. Resolutamente, provocou uma revolta no nordeste da Gália, que só foi reprimida por Petílio *Cerealis com muita dificuldade. *Tácio fez comentários sobre sua inteligência; cego de um dos olhos, Civile foi comparado a alguns dos grandes inimigos de Roma, tais como *Sertório e *Aníbal.

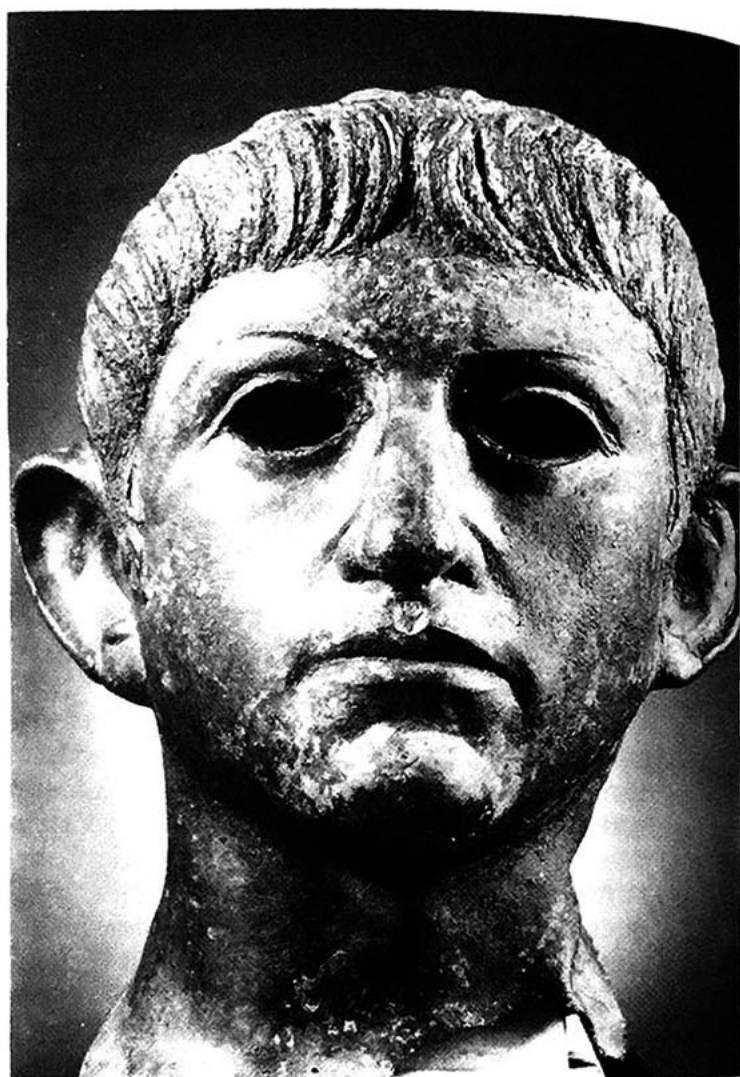
CLAUDIANO (*Claudianus*) (aprox. 370-aprox. 404 d.C.), poeta.

Cláudio Claudiano, o mais talentoso dos poetas do fim do Império Romano, nasceu no Egito por volta de 370 d.C. Escreveu tanto em grego quanto em latim, compondo epigramas, o poema *Patria*, sobre Berito, Tarso, Anazarbo e Nicéia, e também uma *Gigantomquia*, antes de ir para Roma em 394. Ali, em 395 d.C., compõe um panegírico para o consulado de Probo e Olíbrio, filhos de Petronio *Probo e, portanto, membros da poderosa família cristã dos Anícios. Em janeiro de 396 d.C., Claudiano já havia iniciado sua mais importante encomenda poética, uma apologia de *Estilício, em seu poema sobre o

terceiro consulado de *Honório. Dessa época até 404 d.C., é possível estudar as disputas políticas da corte ocidental através de suas poesias. Claudiano usa, de modo notável, a invectiva no poema *Contra Rufino*, escrito em duas partes e provavelmente recitado em 397, após o assassinato de *Rufino. A *Guerra Gildônica* (*Gildonicum bellum*), épico histórico sobre a revolta de *Gildão, conde da África, vem em seguida; em 399, escreve *Contra Eutrópio*, um ataque ao eunuco *Eutrópio, ministro-chefe de *Arcádio, e uma das mais selvagens denúncias jamais escritas. No ano 400, foi recitado o *Sobre o consulado de Estilício* (I-III) e, em 402, o *Sobre a guerra dos getas*, ambos trabalhos políticos, relatos tendenciosos das campanhas de Estilício contra *Alarico. Claudiano morreu provavelmente em 404, quatro anos antes da queda de seu patrono. Além das obras políticas e dos panegíricos, conservou-se ainda o *Rapto de Prosérpina*, poema épico mitológico. Claudiano invalida a noção de que os autores do fim do Império foram medíocres: escreveu na mais pura tradição clássica e foi um poeta excepcionalmente completo, mestre na descrição retórica e no hexâmetro de forma perfeita e graciosa.

CLÁUDIO (*Claudius*) (10 a.C.-54 d.C.), imperador, 41-54 d.C.

Filho de *Druso(1) e de *Antônia, Tibério Cláudio Druso era o irmão mais jovem de *Germânico, e membro da família patricia dos Cláudios. Nasceu em Lyon, na Gália, pouco antes da morte de seu pai. Uma doença séria, que o tornou incapaz de manter a dignidade da família imperial nas ocasiões públicas, impediu-o de seguir qualquer carreira; dedicou-se então à erudição com algum sucesso: escreveu as histórias da Etrúria e de Cartago, bem como uma continuação de *Lívio. Ocasionalmente, era incumbido de alguma tarefa — no tempo de *Calígula foi cônsul —, e *Suetônio guardou cartas de *Augusto a *Lívia em que o imperador se mostra surpreso com a astúcia do jovem Cláudio. Além disso, na casa de Antônia não ficava muito afastado dos conselhos de Estado; durante seu reinado, a inexperiência em governar só é aparente em sua obsessão com respeito aos detalhes e sua espantosa devoção ao exercício do poder, que lhe tinha sido negado por tanto tempo.



Cabeça da estátua de bronze de Cláudio, encontrada em um rio próximo a Colchester. Londres, Museu Britânico.

Seu modo retraído de vida, a crença geral em sua estupidez e as vicissitudes da dinastia em geral pouparam-no de suspeitas e mesmo de exílio ou morte durante o período de *Tibério e Calígula; assim, Cláudio era o único adulto vivo do sexo masculino das famílias Cláudia e Júlia, quando o assassino de Calígula o entregou aos cuidados da guarda pretoriana. Esse apoio militar forneceu-lhe uma base firme de onde atacar o grupo de senadores que, de modo ineficiente, controverso, grandiloquente, tentava governar sem um *princeps*. A revolta mais séria veio da Dalmácia, com *Escriboniano, e o apoio militar foi, mais uma vez, vital para Cláudio; ele se aproveitou disso para eliminar alguns elementos dissidentes. Embora se compromete-

tesse executando senadores, isso se deu não tanto porque ele quisesse governar sem a ajuda do Senado, ou porque deixasse de respeitar a oposição de muitos senadores, mas sim porque os chocavam sua maneira de governar e seu estilo. De fato, o reinado de Cláudio é mais um capítulo na história da incompatibilidade das duas instituições, história cujo primeiro capítulo foi escrito no tempo de Tibério. Desacostumado com os deputados senatoriais, sem um grupo grande de amigos no Senado, Cláudio foi obrigado a confiar em libertos e oficiais equestres, principalmente nos primeiros, e nos amigos que possuía, em especial Lúcio *Vitéllo, que adquiriu grande poder e responsabilidade.

A maior convulsão em seu reinado foi a descoberta, por Cláudio, das traições e dos adultérios de sua esposa *Messalina; as repercussões incluíram um novo casamento de Cláudio com sua sobrinha *Agripina, a Jovem, e a decisão de adotar o filho dela, Domício (mais tarde *Nero), em vez de deixar a sucessão para *Britânico, filho que tivera com Messalina.

Cláudio era impetuoso, distraído e cruel, e controlava mal o sistema de governo que criara. O ódio que os senadores sentiam por ele, mais bem exemplificado pela sátira de *Sêneca, *Apocolocyntosis*, era pois justificado. Entretanto, seu estilo de governo foi, de

muitas maneiras, o precursor daquele que iria funcionar tão bem com os Flávios (de 69 d.C. em diante) e seus sucessores; e as leis de Cláudio que permaneceram demonstram muito bem que ele era ponderado e cuidadoso, embora pedante e idiossincrático, como legislador e administrador. A mistura de apologia e fanfarronice, de citações eruditas e digressões irrelevantes, que encontramos nesses documentos, evoca vividamente seu caráter, descrito por *Suetônio: mas é claro que o Império se beneficiou de sua atuação, apesar do ódio da classe senatorial pelo bufão pedante e fútil que a governou tão rigidamente.

Um dos importantes passos do reinado de Cláudio foi a anexação da Bretanha em 43 d.C.; distinguiu-se também por sucessos militares em outras áreas (incluindo a Germânia e a Mauritânia). Cláudio compreendeu logo que ser irmão de Germânico e filho de Druso lhe dava grandes vantagens, e procurou explorar isso enquanto mantinha o exército ocupado. No ano 54 d.C., Agripina, que participara da maquinaria do governo por algum tempo, resolveu abolir o reinado, e Cláudio foi envenenado com um prato de cogumelos.

CLÁUDIO II, GÓTICO (*Claudius II, Gothicus*), imperador, 268-270 d.C.

Iliriano, Marco Aurélio Valério Cláudio nasceu provavelmente em 214 d.C. Teve carreira militar ilustre, cujos detalhes são um tanto incertos devido à pouca confiabilidade da **História augusta*. Pode ter sido tribuno militar no tempo de *Décio, e tornou-se comandante supremo das legiões dos Bálcãs no tempo de *Valeriano. Cláudio foi proclamado imperador depois da morte de *Galieno, ar-

Moeda que comemora a deificação (consecratio) de Cláudio II.



*Camaféu de ônix. Cláudio; *Agripina, a Jovem; *Tibério(?) e *Lívia. Viena, Kunsthistorisches Museum.*



quitetada por ele e outros generais. Continuou o cerco, em Milão, contra *Auréolo (general de Galieno que se rebelara), e, após a rendição, condenou-o à morte. Cláudio conduziu então, com sucesso, uma campanha contra os alamanos. Entretanto, foi incapaz de lidar com *Póstumo e com *Vitorino, na Gália, enquanto, no Oriente, os palmirenos expandiam seu império e absorviam territórios romanos (ver *Odenato, *Zenóbia). Cláudio empenhou todas as suas energias na grande campanha contra os godos, e venceu-os completamente na batalha de Naísso (Nissa), recebendo o título de "Gótico Máximo". Morreu, possivelmente em Sírmio, em 270 d.C., vítima da peste que devastava a região.

CLÁUDIO CÁUDICE, ÁPIO (*Claudius Caudex, Appius*), cônsul, 26 a.C.

Cônsul com ambições militares, Ápio persuadiu o povo, contra os avisos do Senado, a intervir na Sicília em favor de Messina. Atravessou a Sicília e declarou guerra a Cartago, envolvendo Roma em séculos de guerras e de expansão para fora da Itália.

CLÁUDIO CECO, ÁPIO (*Claudius Cæcus, Apius*), cônsul, 307 e 296 a.C.

Como censor (312 a.C., ou 310 a.C., segundo *Diodoro), Ápio construiu a Via Ápia e o Aqueduto Ápio (o primeiro de Roma). Promoveu as primeiras agregações para o Senado, admitindo filhos de libertos (ver também Cn. *Flávio), e talvez tenha anulado as restrições à participação das tribos rurais. Seu primeiro consulado não foi notável, e o segundo foi narrado de várias maneiras, com possíveis campanhas em Sâmnio, na Etrúria (onde ofereceu um templo a Belona, deusa dos combates), e contra os sabinos. Como pretor (295 a.C.), derrotou os samnitas na Campânia e, em 280/279, opôs-se com sucesso à paz com *Pirro. Censor individualista e inovador, a interpretação de sua carreira foi confundida pela descrição esquemática que as fontes dão dele, ora populista, ora reacionário, bem como pelo contraste provocado pela suposta inimizade entre Ápio e *Fábio Máximo Ruliano.

Via Ápia, perto de Roma. Trecho da estrada construída por Ápio Cláudio Ceco, ligando Roma a Brindisi.



CLÁUDIO CRASSO IRREGILENSE SABI-NO, ÁPIO (*Claudius Crassus Irregillensis Sabius, Appius*), decênviro, 451-449 a.C.

Eleito cônsul para o ano 451 a.C., Ápio, ao contrário, tornou-se membro do Primeiro Decenvirato, estabelecido para compilar as Doze Tábuas. A formação do Segundo Decenvirato, que ele supostamente encabeçou, e sua introdução na lenda de *Virgínia, encorajou a descrição de Ápio como um tirano em potencial, cuja conduta provocou a derrubada do Decenvirato (449 a.C.). Os Fastos Capitolinos, talvez corretamente, parecem identificar Ápio com o cônsul de 471 a.C., a quem os historiadores atribuem uma hostilidade do gênero claudiano em relação à plebe, bem como um fim igualmente desonroso (470 a.C.).

CLÁUDIO ETRUSCO (*Claudius Etruscus*)

Oficial eqüestre que gozava do favor de *Domiciano, Cláudio Etrusco ficou famoso por causa da carreira de seu pai (cujo nome se perdeu), que elevou a posição da família de servil a eqüestre: originário de Esmirna, escravo liberto por *Tibério, acompanhou *Calígula ao norte e chegou a ser secretário das finanças no tempo de *Nero. *Vespasiano continuou a promovê-lo, mas caiu em desgraça no tempo de Domiciano.

CLÁUDIO FRONTÃO, MARCO (*Claudius Fronto, Marcus*), cônsul, 165 ou 166 d.C.

Um dos principais generais do reinado de *Marco Aurélio, Cláudio Frontão ganhou várias condecorações na guerra contra os partos (162-166), e ocupou postos de governador em muitas províncias dos Bálcãs. O Senado ofereceu-lhe, às expensas do povo, uma estátua no Fórum de *Trajano.

CLÁUDIO POMPEIANO ou POMPEANO (*Claudius Pompeianus*), cônsul, antes de 167 d.C. (?) e em 173 d.C.

Senador originário de Antióquia, de família humilde, Tibério Cláudio Pompeiano casou-se com a filha de *Marco Aurélio, *Lucila, depois da morte de Lúcio *Vero, em 169 d.C. Foi o principal general de M. Aurélio nas guerras germânicas e, depois da morte do imperador, tentou persuadir *Cômodo a continuar a guerra, mas não obteve sucesso. Quando seu sobrinho se envolveu numa conspiração contra Cômodo (182 d.C.), Cláudio retirou-se da vida pública, alegando proble-

mas de saúde e de visão, mas voltou a Roma quando Cômodo foi assassinado em 192 d.C. *Pertinace, de quem fora oficial comandante e patrono, ofereceu-lhe o trono num gesto formal, mas Cláudio sabiamente recusou. Depois do assassinato de Pertinace, *Dídio Juliano convidou-o a participar do poder imperial, mas ele recusou de novo.

CLÁUDIO PULCRO, ÁPIO (*Claudius Pulcher, Appius*), cônsul, 54 a.C.

Irmão mais velho de P. *Clódio, Ápio obteve o consulado em 54 a.C. e foi o predecessor de *Cícero no governo da Cilícia (53-51 a.C.). Cícero, que se correspondia com ele, reconheceu sua degradação, mas cultivou-lhe a amizade por causa de sua influência na instituição senatorial; sua reputação viu-se ameaçada frequentemente — pela união com Clódio, pela acusação feita por *Dolabela de má conduta no governo da Cilícia (50 a.C.), e pelas tentativas do próprio Cícero de remediar seus abusos como governador. Como censor, em 50 a.C., Ápio usou seu posto como instrumento contra os partidários de *César. Morreu em 48 a.C., enquanto era governador republicano da Acaia.

CLÁUDIO PULCRO, PÚBLIO (*Claudius Pulcher, Publius*), cônsul, 249 a.C.

Comandante impetuoso, Cláudio atacou Deprana, na Sicília, por mar, em 249 a.C., sem obter sucesso. A lenda diz que ele mandou afogar as galinhas sagradas porque elas não haviam propiciado bons augúrios. A derrota desastrosa de Cláudio e seu colega refreou o esforço naval de Roma até a campanha de Caio Lutácio *Cátulo, em 242 a.C.

CLÁUDIO SEVERO (*Claudius Severus*), cônsul, antes de 163 a.C. e em 173.

Filho de Cneu Cláudio Severo Arabianus, que foi cônsul em 146 d.C., Cneu Cláudio Severo foi um amante da filosofia, em especial de Aristóteles, seguidor e patrono de *Galeno, amigo e genro de *Marco Aurélio e marido, talvez, de Ânia Galéria Aurélia Faustina. Cláudio acompanhou Marco Aurélio em sua viagem a Atenas, em 176 d.C.

CLEANDRO, MARCO AURÉLIO (*Cleander, Marcus Aurelius*), prefeito pretoriano, 187-189 d.C.

Escravo nascido na Frígia, educado no

palácio imperial como companheiro de *Cômmodo, Cleandro foi libertado por *Marco Aurélio e, com a morte de *Saotero, tornou-se camareiro de Cômmodo. Foi um dos auxiliares mais íntimos do imperador, e exerceu grande poder. Foi responsável pela destituição de Tigídio *Perene da prefeitura pretoriana, e pelo assassinato de outro prefeito pretoriano, Ebuciano, assumindo então ele mesmo o posto, com mais dois colegas. Foi morto por ordem de Cômmodo, em 189 d.C., depois que o prefeito responsável pelo suprimento de trigo, para inflamar a multidão contra Cleandro, fez com que se agravasse a escassez do cereal em Roma.

CLÉLIA (*Cloelia*), heroína lendária, século VI a.C.

Clélia estava entre os reféns entregues por Roma a *Porcena; corajosamente, planejou a fuga de todos. Uma estátua equestre da Via Sacra, supostamente erigida em sua honra, mas que provavelmente representava a Vênus Equestre, pode ter sugerido essa lenda.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA (*Clemens*) (aprox. 150-215 d.C.), escritor cristão.

Nascido provavelmente em Atenas, Tito Flávio Clemente foi aluno de *Panteno, em Alexandria, e o sucedeu como chefe da Escola Catequética, em 190 d.C. Um dos mais importantes escritores e pensadores cristãos de sua época, fugiu de Alexandria durante a perseguição do ano 202 com seu aluno Alexandre, bispo da Capadócia. Foi muito influenciado pelas idéias gnósticas e trouxe, para a teologia cristã, o conhecimento da filosofia e da literatura gregas. Suas obras são: *Protrepticus* (*Exortação aos gregos*), na qual afirma a superioridade do cristianismo em relação à religião e à filosofia pagãs; *Paidagogus*, um exame dos ensinamentos morais de Cristo; *Stromateis*, comparações variadas entre as idéias filosóficas gregas e cristãs.

CLEMENTE DE ROMA, SÃO (*Clemens*), teólogo, ativo em aprox. 96 d.C.

Clemente sucedeu a São *Pedro, Lino e Anacleto como bispo de Roma, e escreveu uma carta aos coríntios exortando-os à ordem e à obediência. O documento é um testemunho valioso dos primeiros desenvolvimentos da hierarquia e da eucaristia, por volta de 96 d.C. Estão ligadas ao seu nome várias

obras espúrias e várias obras históricas, principalmente sobre um exílio no período de *Trajano.

CLEMENTE, FLÁVIO (*Clemens, Flavius*), cônsul, 95 d.C.

Sobrinho de *Vespasiano, Clemente casou-se com sua parente Flávia Domitila. *Domiciano pretendia que os filhos desse casamento seriam seus possíveis sucessores. Em 95 d.C., entretanto, Clemente foi morto, e Domitila, exilada, acusados de impiedade, acusação ligada, de alguma forma, ao judaísmo. Tem-se alegado que eles haviam se convertido ao cristianismo, mas é mais provável que fossem mesmo adeptos do judaísmo (ver árvore genealógica).

CLEÓPATRA (*Cleopatra*), rainha do Egito, 51-30 a.C.

Última na linhagem macedônica dos governantes do Egito, Cleópatra sucedeu a seu pai, *Ptolomeu Aulete, como participante do governo em 51 a.C. Sua posição foi reforçada por suas relações com *César (48/47) e *Marco Antônio (41/40), com os quais teve filhos. A partir de 37 a.C., tornou-se auxiliar cada vez mais próxima de Marco Antônio, dando-lhe dinheiro e suprimentos e funcionando como importante estímulo de sua lealdade ao Oriente grego. No Ocidente, porém, ela tornou-se vítima da propaganda hostil de *Otaviano, que a acusava de ser uma ameaça oriental à predominância de Roma. Depois da vitória de Otaviano em Áccio, suicidou-se com Marco Antônio, escolhendo para tanto a mordida venenosa de uma áspide real (30 a.C.).

Moeda de prata (denário) de Marco Antônio, com retrato de Cleópatra, 34 a.C. Reverso.





Altar de Mitras (Mithraeum), sob a Igreja de São Clemente, Roma.

CLÓDIA (*Clodia*), mulher da sociedade, meados do século I a.C.

Irmã de Clódio, aristocrata demagogo, Clódia usava a promiscuidade sexual para obter influência política. Existem duas descrições bem diferentes de Clódia: o retrato idealizado de "Lésbia", nos poemas de seu amante *Catulo, e o retrato escandaloso nas cartas de seu acerbo inimigo *Cícero, que a acusou de envenenar seu marido e manter relações incestuosas com seu irmão.

CLÓDIO (*Clodius*), edil, 56 a.C.

Públio Clódio Pulcro era um aristocrata brilhante mas não ortodoxo, cujos métodos demagógicos o firmaram como uma poderosa personalidade independente na Roma dos anos 50 a.C. Seu oportunismo político já se tornara patente em 68 a.C., quando incitou ao motim o exército de seu cunhado *Luculo. Em 61 a.C. sobreviveu a uma acusação de sacrilégio, depois de profanar uma cerimônia religiosa proibida aos homens, mas guardou ressentimento contra *Cícero, que destruíra seu álibi. Clódio, que usava a forma popular de seu nome patrício de família, "Cláudio", sempre cortejou a popularidade. Procurou mesmo ser adotado por uma família plebéia

para que pudesse ocupar legitimamente o tribunato, cargo que lhe permitiria aumentar em muito sua clientela popular. Cícero, vítima desse tribunato, entendeu egoisticamente que toda a manobra era um ato de vingança contra sua pessoa. *César e *Pompeu tomaram parte na controvertida adoção de Clódio, em 59 a.C., e provavelmente auxiliaram-no a obter o tribunato de 58 a.C.; uma vez no cargo, Clódio afastou de Roma os opositores mais influentes dos triúmviros, Cícero e *Catão "Uticense".

Clódio, entretanto, não foi um instrumento dos triúmviros por muito tempo, se é que alguma vez o foi: toda a sua legislação tinha como objetivo aumentar sua própria autoridade pessoal e sua influência, principalmente entre os plebeus da cidade; julgando útil preencher o vácuo que produzira, atacou então várias vezes o impopular triunvirato. Consolidou seu controle sobre as assembleias populares organizando grupos armados e intimidando seus oponentes. Os ataques físicos e políticos contra Pompeu levaram este a incentivar *Milão, em 57 a.C., para que,

copiando os métodos de Clódio, acabasse com sua influência. A volta de Cícero do exílio marcou o fim de seu domínio temporário, mas Clódio continuou sendo uma figura poderosa, embora não mais independente. Candidatou-se à pretoria de 52 a.C., tentando evitar que Milão se tornasse cônsul, mas no início deste ano (52) foi morto em um violento choque com o grupo de Milão. Revoltados, os partidários de Clódio queimaram o Senado, e a escalada de violência teve como resultado a indicação de Pompeu como cônsul único.

CLÓDIO ALBINO (*Clodius Albinus*), César e usurpador, 193-197 d.C.

Nascido em Hadrumeto, na África, Décimo Clódio Albino cedo ganhou notoriedade no reinado de *Cômodo, numa campanha contra os dácios. Pode ter sido governador da Germânia Inferior antes de assumir o governo da Bretanha, no fim do reinado de Cômodo (provavelmente, em 192 d.C.). Quando *Severo foi proclamado imperador, no verão de 193, ofereceu a Clódio o título de César, o que implicava dividir o poder com ele, a fim de evitar a franca inimizade. Albino ocupou o consulado com Severo em 194; durante esse ano, começou a assumir, mais

abertamente, ares de imperador, emitindo mesmo moedas que o proclamavam Augusto. Enquanto Severo estava ocupado com *Pescênio Nigro, no Oriente, Albino ganhou o controle da Gália, que manteve durante o ano 195 e parte de 196, quando Severo se voltou então contra ele. A batalha decisiva entre os dois rivais aconteceu em Lyon, em 19 de fevereiro de 197 d.C. Albino foi derrotado e cometeu suicídio. Diz a lenda que Severo passou, cavalcando, sobre o cadáver do rival.

COGIDUBNO, TIBÉRIO CLÁUDIO (*Cogidubnus, Tiberius Claudius*), rei britânico dependente, meados do século I d.C.

Quando *Ostório Escápula era governador da Bretanha, Cogidubno foi recompensado com um território extra. Em Chichester existe uma inscrição, talvez alusiva a ele, em que é tratado de "grande rei", e é quase certo que o palácio próximo de Fishbourne também foi parte da recompensa. Os serviços prestados por Cogidubno estavam ligados, provavelmente, à importância estratégica dos portos de Solent.

Inscrição no Templo de Netuno e Minerva, em Chichester, em que Cogidubno é citado como "grande rei na Bretanha".



COLUMELA (*Columella*), agrônomo, meados do século I d.C.

Contemporâneo de *Celso (A. Cornélio), de *Plínio, o Velho, e de *Sêneca, e nascido em Cádiz, Lúcio Júnio Moderato Columela possuía terras na Itália, e sua família era proprietária na Bética. Depois de prestar serviços militares, inclinou-se para os tratados sobre agricultura. Do primeiro tratado, escrito em dois livros, ficou apenas o segundo: *Sobre árvores*. Já o segundo tratado, *Sobre agricultura*, permaneceu intacto em seus doze livros, bem organizados e escritos com muita lucidez; nota-se ali a influência de autores mais antigos (*Varrão, Celso, *Virgílio), bem como da própria experiência pessoal de Columela. No livro X, retoma o legado deixado por Virgílio — *Geórgicas*, IV, 147, um exaustivo tratado de horticultura — e o desenvolve em hexâmetros solenes, pastiches das próprias *Geórgicas*; os livros XI e XII (também em prosa), sobre os deveres dos intendentos e de suas mulheres, foram acrescentados já na velhice do autor, como uma espécie de reflexão posterior.

CÔMIO (*Commius*).

Chefe gaulês instalado por *César como rei dos atrébates belgas, Cômio foi enviado por ele à Bretanha antes da invasão de 55 a.C. Mais tarde, Cômio uniu-se à rebelião de *Vercingétorix contra César; mudou-se então para a Bretanha, onde estabeleceu uma poderosa dinastia como governante dos atrébates britânicos.

COMODIANO (*Commodianus*), poeta cristão, século III d.C.

Nascido em Gaza como pagão, Comodiano converteu-se ao cristianismo depois de ler as Escrituras. É o autor de *Instructiones*, polêmica cristã estruturada em acrósticos, e de *Carmen Apologeticum* (*Canto apologético*), relato em versos da doutrina básica cristã. Comodiano escrevia em hexâmetros muito peculiares, baseados mais no compasso do que no número de sílabas. As datas são incertas; escreveu provavelmente por volta de 250 d.C.

CÔMODO (*Commodus*) (Marco Aurélio Cômmodo Antonino), imperador, 177-192 d.C.

Filho de *Marco Aurélio, Lúcio Aurélio Cômmodo nasceu em 31 de agosto de 161 d.C.,



Cômmodo e Crispina como Marte e Vênus. Roma, Museo delle Terme.

juntamente com um irmão gêmeo que morreu por volta de 165 d.C. Sua posição como herdeiro do Império foi consolidada em várias etapas: em 166 recebeu o título de César, em 176, o de *imperator*. Ocupou seu primeiro consulado em 177 d.C. e, no mesmo ano, tornou-se governante, juntamente com seu pai. Os últimos três anos do reinado de Marco Aurélio foram ocupados pela luta contra os marcomanos, e quando ele morreu em Viena, em 17 de março de 180 d.C., Cômmodo tornou-se o único imperador. O julgamento da posteridade sobre seu reinado reforçou a noção de que ele era ocioso, corrupto e dissoluto, embora um historiador da época estivesse mais inclinado a interpretar suas falhas como uma vulnerabilidade às más influências. Para Edward Gibbon, o começo de seu go-

verno como único imperador foi um momento crítico na história do Império.

No início de seu reinado, Cômodo conservou os serviços dos melhores auxiliares de seu pai, embora agisse contra seus conselhos ao concluir, imediatamente, um tratado de paz com os sármatas e os germânicos, tratado que envolvia o pagamento de pesados subsídios e a evacuação das guarnições romanas dos territórios que haviam sido ocupados por Marco Aurélio. Voltou a Roma, onde foi muito bem recebido, mas as coisas logo começaram a complicar-se. Em 182 d.C., um suposto plano para assassiná-lo (frustrado, ao que parece) envolveu sua irmã *Lucila e outras pessoas importantes. Desse momento em diante, Cômodo mostrou uma crescente hostilidade pelo Senado, passando a governar através de seus favoritos pessoais: primeiro

Busto de Cômodo sob os traços de Hércules. Roma, Palazzo dei Conservatori.



Tigídio *Perene (até 185 d.C.), depois *Clandro (até 189) e finalmente Emílio *Leto.

Depois de firmada a paz nas fronteiras germânicas, um único problema militar mais sério ocorreu em seu reinado. Em 184 d.C., os caledônios da Bretanha atravessaram a Muralha de Antonino e invadiram o sul da Escócia. Foram necessárias três campanhas, levadas a efeito pelo governador Úlpio *Marcelo, para que eles fossem contidos.

Os últimos anos de Cômodo foram marcados por seus excessos pessoais. Afirma-se até mesmo que a cidade de Roma mudou então seu nome para "Colônia Comodiana". Em 190 d.C., a eleição do consulado foi uma farsa: elegeram-se vinte e cinco cônsules para o mesmo ano. Cômodo exibia grande devoção ao culto de Hércules; com o tempo, adotou as roupas e as armas do herói, e impôs a adoração de sua pessoa como a reencarnação viva de Hércules. Foi a paixão de Cômodo pelo combate de gladiadores, como espectador e como participante, o que o levou a seus maiores excessos. Em 192 d.C., organizou uma extravagante série de jogos que duraram duas semanas, e na qual tomou parte pessoalmente. A gota d'água parece ter sido sua idéia de aparecer como cônsul, em 1.º de janeiro de 193, vestido com roupas de gladiador. Um plano para assassiná-lo foi arquitetado por *Márcia, *Ecleteo e Emílio Leto. Na véspera do ano-novo, tentaram envenená-lo; quando esse plano falhou, mandaram um atleta (chamado Narciso) estrangulá-lo. Foi enterrado no Mausoléu de *Adriano, em Roma. As novas de sua morte provocaram manifestações de alegria do Senado e pensamentos de vingança: sua memória foi apagada (*damnatio memoriae*), mas logo restaurada por *Severo, que o deificou (consequência óbvia das próprias ilusões de Severo, que alegava ser filho de Marco Aurélio).

CONSTÂNCIA (*Constantia*), imperatriz, 313-324 d.C.

Filha de *Constâncio I e Teodora, Constância era irmã consanguínea de *Constantino I, que a casou com seu colega imperador *Licínio (em Milão), em 313, para fortalecer a aliança. O filho de Constância, também chamado Licínio, foi executado em 326, depois da derrota e morte, em 324, de seu marido, que ela tentou defender junto a seu

irmão. Era cristã ariana, supostamente responsável pela reconciliação de Constantino com *Ário: afirma-se que Constantino o teria aceito como confessor, para atender a um desejo dela em seu leito de morte.

CONSTÂNCIO I (*Constantius*), imperador do Ocidente, 293-306 d.C.



Constâncio I oferecendo em sacrifício (à esquerda, usando capacete com espigão). Base de um monumento comemorativo dos Jogos Decenais. Roma, Fórum.

Constâncio havia sido governador da importante província da Dalmácia no início do governo de *Diocleciano; em 293, ele e *Galério foram escolhidos como céсарes na recém-formada tetrarquia. Constâncio ficou responsável por todas as províncias ao norte dos Alpes e, ajudado por *Asclepiódoto, venceu *Aletto, usurpador da Bretanha. *Lactâncio afirma que a grande perseguição ocorrida durante o domínio de Constâncio não foi além da destruição dos edifícios cristãos; se tal fato é verdade, não foi um ato inútil: como pagão zeloso, ele naturalmente pensava que os templos eram essenciais à observância religiosa. Constâncio teve muito trabalho para guardar as fronteiras do Reno. Sua base em Trier ganhou edifícios públicos dignos de uma cidade imperial. Recebeu o título de augusto em 305 d.C., quando Diocleciano e *Maximiano abdicaram, mas morreu em York, no ano seguinte. Suas tropas imediatamente proclamaram seu filho soldado, *Constantino, imperador em seu lugar.

CONSTÂNCIO II (*Constantius*), imperador, 337-361 d.C.

Filho de *Constantino I e de *Fausta, Flávio Júlio Constâncio foi o mais eficiente, como governante, dentre os filhos de Constantino. Nasceu em 7 de agosto de 317 e foi feito César por seu pai em 324. Em 333, instalou-se em Antioquia, e no ano 335 casou-se com a filha de seu tio Júlio *Constâncio. (Mais tarde, ele se casaria com *Eusébia e com Faustina, com quem teve uma filha póstuma.) Quando Constantino I morreu, em maio de 337, Constâncio (com dezenove anos apenas) recebeu em testamento a rica parte oriental do Império, enquanto seu irmão mais velho, *Constantino II, ficou com a Bretanha, a Gália e a Espanha, e seu irmão mais jovem, *Constante, com a Itália, a África e a Panô-

Constâncio II: colossal cabeça de bronze. Roma, Palazzo dei Conservatori.



nia. Os sobrinhos de Constantino, Fl. Júlio *Dalmácio e *Anibaliano, ficaram respectivamente com os Bálcãs e a Ásia Menor oriental. Suspeitas mútuas entre filhos e sobrinhos tornaram o governo impossível, e foi provavelmente Constâncio, o homem forte do novo regime, quem instigou o massacre, em Constantinopla, de quase toda a facção de seus tios (Flávio *Dalmácio e Júlio *Constâncio) e primos. Depois da eliminação de Constantino II, em 340 d.C., Constâncio continuou a governar o Oriente, e Constante, o Ocidente, até a usurpação de *Magnêncio e a morte de Constante em 350. Constâncio moveu longas campanhas contra a Pérsia, obtendo sucesso variável. Em 353, finalmente, derrotou Magnêncio e tornou-se o único imperador. No ano 351 d.C., nomeou *Galo, seu primo e irmão mais velho de *Juliano, para a posição de César, mas em 354 Galo foi deposto e executado. As invasões bárbaras da Gália, em 355, forçaram-no a elevar Juliano à posição de César, para que se encarregasse da região, enquanto ele mesmo voltava para o Oriente

13



Constâncio II, como cônsul, distribuindo riquezas; calendário de 354 (ver *Filócalo). Roma, Biblioteca do Vaticano.

após magnífico triunfo em Roma, em 357 d.C. (Foi erigido um obelisco comemorativo.) Campanhas no Danúbio e na Mesopotâmia ocuparam seus últimos anos. Em 361, quando viajava para enfrentar a usurpação de Juliano, morreu subitamente de febre, perto de Tarso (5 de outubro).

Homem intelectualmente medíocre, mas dotado de inquebrantável devoção ao dever, Constâncio deu ao Império vinte e quatro anos de governo estável e continuidade ao sistema de Constantino. Suas principais falhas foram a desconfiança exagerada, que o tornava rude e cruel e o levou a promover em seu prejuízo uma série de julgamentos por traição, baseados em provas superficiais; e o excesso de generosidade para com seus favoritos (nisto, foi pior que o pai). Expandiu também, desnecessariamente, a burocracia e o corpo de auxiliares do palácio. Criado como cristão, logo se tornou ariano (ver *Ário) moderado, opôs-se a *Atanásio e fez esforços constantes para obter a unidade da Igreja em torno de um credo ariano moderado; mas foi suficientemente diplomático para desistir quando seu irmão Constante, ortodoxo fanático, ameaçou declarar-lhe guerra. Depois da morte de Constante, Constâncio perseguiu os ortodoxos a fim de controlar as sés mais importantes. Muito supersticioso, impôs leis muito duras contra a magia e o paganismo, e muitos templos foram destruídos. Mas a indicação de Juliano como seu sucessor (segundo se afirma, feita em seu leito de morte) abriu o caminho para o renascimento do paganismo.

CONSTÂNCIO III (*Constantius*), imperador do Ocidente, 421 d.C.

Constâncio nasceu na região do Danúbio. Por volta de 411 d.C., era chefe dos soldados na corte de *Honório, e sua influência foi a mais marcante desde a queda de *Estilício (408 d.C.). Conseguiu dominar o usurpador *Constantino III, e fez um acordo com os visigodos, que haviam enganado Estilício. O vigoroso bloqueio da costa mediterrânea da Gália e da Espanha forçou a queda dos regimes de *Ataulfo e *Átalo, e garantiu a volta de Gala *Placídia. Ela casou-se com Constâncio (417 d.C.), união política da qual nasceu, em 419, o futuro imperador *Valentiniano III. Em 8 de fevereiro de 421, Constâncio recebeu de *Honório o título de augus-

to (para governar juntamente com ele), mas morreu sete meses depois.

CONSTÂNCIO, JÚLIO (*Constantius, Julius*), cônsul, 335 d.C.

Filho de *Constâncio I e de sua segunda esposa, Teodora, Júlio Constâncio era o segundo meio irmão de *Constantino I e foi o líder do partido formado por seus outros irmãos, irmãs e sobrinhos. (Ver árvore genealógica de Constantino.) Casou-se primeiro com Gala, de cuja união nasceram *Galo (César) e outro filho; casou-se depois com a nobre cristã Basilina, e o filho dos dois foi o futuro imperador *Juliano. Passou toda a juventude e parte da vida adulta em Toulouse e Corinto, em uma espécie de exílio provocado pelo ciúme de *Helena, mãe de Constantino. Saiu então da obscuridade; com o resto da família, tornou-se patrício e foi eleito cônsul para o ano 335 d.C. Ele e seu filho mais velho morreram no massacre da família, ocorrido em 337 d.C., depois da morte de Constantino (ver *Constâncio II).

CONSTANTE (*Constans*), imperador do Ocidente, 337-350 d.C.



Moeda de bronze (em tamanho ampliado) do imperador Constante.

Filho mais jovem de *Constantino I e *Fausta, Flávio Júlio Constante nasceu por volta de 320 d.C., e foi proclamado César em 25 de dezembro de 333. Depois da morte de seu pai, em maio de 337, ele governou a Itália, a África e a Ilíria, sob a supervisão de seu irmão mais velho, *Constantino II, que foi derrotado e morto quando invadiu a Itália em 340; assim, Constante passou a dominar todo o Ocidente. Visitou a Bretanha em 342/343 d.C., e foi o último dos imperadores a fazê-lo. Cristão batizado, fanaticamente or-

todoxo, em 346 ameaçou declarar guerra contra o imperador oriental, seu segundo irmão *Constâncio II, se ele não permitisse que *Atanásio voltasse para Alexandria. Em janeiro de 350 d.C., foi morto na Gália pelo usurpador *Magnêncio.

CONSTANTINA (*Constantina*), esposa de Galo César, 351-354 d.C.

Filha mais velha de *Constantino I e de *Fausta, e irmã de *Constâncio II, Constantina casou-se primeiro com seu primo *Anibaliano (335-337), e mais tarde, também por razões de dinastia, com outro primo, *Galo César (351-354). Em 350, após a usurpação da Gália por *Magnêncio, ela persuadiu *Vetrânio a rebelar-se e bloquear o trajeto de Magnêncio para o leste. Magnêncio queria casar-se com ela, mas Constâncio II deu-a em casamento a Galo. *Amiano descreve Constantina como "fúria mortal" que encorajou a crueldade de Galo. Morreu na Bitínia, quando se dirigia a Constâncio para defender o caso do marido, e foi enterrada em Roma, num belo sarcófago de pórfiro, depositado num mausoléu anexo à Basílica de Santa Inês, que havia fundado. Conhecido como Santa Constança, o mausoléu e sua decoração de mosaicos, que inclui motivos cristãos e motivos pagãos purificados, existem ainda hoje.

CONSTANTINO I (O GRANDE) (*Constantinus*), imperador, 306-337 d.C.

Flávio Valério Constantino, primeiro imperador cristão, era filho do tetrarca *Constâncio I e de *Helena, e nasceu por volta de 285 d.C. em Naissos, na Sérvia. Passou sua juventude na corte oriental de *Diocleciano, chefe da tetrarquia, como refém para garantir o bom comportamento de seu pai, e serviu como oficial do exército. Em 306 d.C., escapou da corte de *Galério, sucessor de Diocleciano, e uniu-se a seu pai no Ocidente, pouco antes que ele morresse em York (25 de julho). Constantino, então, foi imediatamente proclamado imperador pelas tropas, e com o consentimento de Galério, passou a governar a Bretanha e a Gália, com o título de César.

A usurpação de Roma, em 28 de outubro de 306, por Maxêncio, deu-lhe maiores oportunidades. De início, eles se tornaram aliados, e Constantino casou-se com *Fausta, filha do ex-imperador *Maximiano, que apoia-

va seu filho Maxêncio. Depois, Maximiano brigou com o filho e refugiou-se junto de Constantino. Em 309/310, rebelou-se contra Constantino, que o matou. Para contrabalançar essa ligação desacreditada, "descobriu-se" que Constantino descendia de *Cláudio Gótico. Por essa época, Constantino já conquistara a Espanha e o título de augusto. Em maio de 311, Galério morreu e os quatro governantes *de facto* que restavam formaram alianças rivais: Constantino com *Licínio, e Maxêncio com *Maximino Daia. Fortalecido, Constantino voltou-se contra Maxêncio, em 312, marchando através da Itália para uma vitória final na Ponte Múlvia (28 de outubro). Constantino se tornou o imperador do Ocidente, tendo acrescentado a seus domínios a Itália e a África. No ano seguinte, em 313 d.C., Licínio eliminou Maximino Daia e tor-

nou-se imperador do Oriente, tendo-se casado com a irmã de Constantino, *Constância. Constantino venceu a guerra para manter o domínio dos Bálcãs, em 316 d.C., e então os dois imperadores governaram juntos, numa cooperação difícil, até 324. Nesse ano, Constantino finalmente derrotou Licínio e o matou, tornando-se então único governante de um império reunificado.

Já em 312 d.C., Constantino dera seus primeiros passos em direção ao cristianismo, consequência de uma visão que o levava a confiar ao Deus cristão seu exército e a sorte da campanha contra Maxêncio. A vitória na Ponte Múlvia convenceu-o da necessidade de colocar todo o império sob a proteção de seu novo patrono. Com o Édito de Milão, em fevereiro de 313 (com o acordo de Licínio), terminou com a grande perseguição aos cristãos que se iniciara no governo de Diocleciano. O patrocínio às igrejas aumentou, e muitos esforços foram despendidos para a

Santa Constança, em Roma: interior do Mausoléu Constantina (325-350 d.C.).



unificação da fé cristã, ameaçada primeiro pelo cisma donatista (ver *Donato) na África, e, depois de 324 d.C., pela heresia arianista (ver *Ário) no Oriente. Vários concílios foram realizados, entre eles o famoso Concílio de Nicéia de 325, no qual se alcançou uma ilusória unanimidade contra o arianismo. Constantino encorajou a conversão ao cristianismo das classes governantes e do exército, promovendo-a pelo exemplo e pela concessão de favores. Constantino foi batizado em seu leito de morte, como era costume então.

Por causa de sua conversão, a nova capital, a grande Constantinopla, foi fundada (em 324-330) na condição de cidade cristã, resplendente de novas igrejas. Considerações estratégicas ditaram o estabelecimento da capital principal perto das fronteiras mais ameaçadas do Império, e Bizâncio era mais indicada do que a Nicomédia de Diocleciano.



Moeda de ouro (sólido) de Constantino I. Reverso de uma moeda de prata com a personificação de Constantinopla, em que se comemora a consagração da cidade, em 11 de maio de 330. Milão, Museo del Castello Sforzesco.

A “Nova Roma”, embora tecnicamente inferior em *status*, tinha um Senado e garantia a distribuição de trigo ao povo. Foi inaugurada com magníficas cerimônias, em maio de 330 d.C. Uma tragédia doméstica ocorreu durante uma visita a Roma, em 326, quando executou seu filho mais velho, *Crispo, e depois sua própria esposa, Fausta, apressou o afastamento de Constantino da velha capital.

Grande reformador, que ao longo de seu reinado ocupou muitos verões com campanhas nas fronteiras do Reno e do Danúbio, e estava preparando uma guerra contra a Pérsia quando morreu, Constantino criou uma força-reserva formada por tropas de primeira ordem, capazes de reforçar rapidamente qual-

quer exército de fronteira que fosse sitiado, preenchendo assim uma necessidade vital para a sobrevivência do Império. Completou, também, a separação dos poderes civil e militar, que Diocleciano iniciara, nomeando dois comandantes supremos — o chefe da infantaria e o chefe da cavalaria —, que responderiam diretamente ao imperador. A administração civil também foi reorganizada, e o cargo de prefeito pretoriano começou a ser atribuído a vários cidadãos. A cunhagem, reformada, compreendia moedas de ouro e de prata, e contribuiu em muito para o restabelecimento de uma economia monetária; as moedas de bronze, entretanto, foram desvalorizadas. A hereditabilidade compulsória da profissão foi estendida dos agricultores para os soldados, padeiros, empregados civis e outros, numa espécie de sistema de castas idealizado para fazer frente à falta de poten-



Constantino I: colossal cabeça de uma estátua, hoje em fragmentos. Roma, Palazzo dei Conservatori.

cial humano, causada pelas epidemias e pelas guerras do século III d.C.

Constantino tinha então três filhos vivos — *Constantino II, *Constâncio II e *Constante — e dois sobrinhos, filhos de seu meio irmão Flávio *Dalmácio (Júlio *Dalmácio e *Anibaliano), todos em idade de governar, o que causava problemas à sua sucessão. Ele tentou, valentemente, estabelecer um sistema em que todos participassem do governo, mas depois de sua morte (22 de maio de 337) o sistema foi destruído por suspeitas mútuas entre filhos e sobrinhos, o que levou a um massacre em que seus filhos saíram ganhando.

Exaltado e generoso, homem de ação, sem paciência para as sutilezas teológicas ou enfurecido por algum exemplo de opressão, supersticioso como todos os seus contemporâneos, mas dotado da profunda consciência de ser o vice-gerente de Deus na terra, o fundador do Império Cristão é, para nós, uma personalidade vívida, facilmente identificável nas cartas e leis que sobreviveram e através dos relatos de suas ações. Governante e reformador forte e eficiente, divide com Diocleciano o crédito principal da própria existência do Império Romano nos séculos IV e V; os longos anos de estabilidade proporcionados por seu reinado possibilitaram um genuíno renascimento da vida civil e das belas-artes.

CONSTANTINO II (*Constantinus*), imperador do Ocidente, 337-340 d.C.



Medalhão de ouro do imperador Constantino II.

Filho de *Constantino I e de *Fausta, Flávio Cláudio Constantino nasceu em Arles, em 317, e foi proclamado César logo depois. Instalado em Trier no ano 333 d.C., governou a Bretanha, a Gália e a Espanha depois da morte do pai, em 337 d.C., e assessorou seu

irmão mais jovem, *Constante, que governava a Itália, a África e a Ilíria, enquanto *Constâncio II governava o Oriente. Constantino brigou com Constante em 340 e invadiu a Itália, mas foi derrotado e morto. Era cristão ortodoxo, e protegeu *Atanásio.

CONSTANTINO III (*Constantinus*), usurpador, 407-411 d.C.

Constantino, soldado comum com um nome ilustre, foi o terceiro em uma série de usurpadores que surgiram na Bretanha nos últimos anos do domínio romano (406-407). Invadiu a Gália, estabeleceu sua corte em Arles, conseguiu o controle da Espanha e, embora temporariamente, obteve o reconhecimento de *Honório (409). Mas logo perdeu a Espanha para seu próprio general, Gerônimo, e, no ano 411, foi sitiado em Arles por *Constâncio (III), generalíssimo de Honório. Foi executado depois da rendição.

CORBULÃO (*Corbulo*) (falecido em 67 d.C.), general.

Como governador da Germânia Inferior, em 47 d.C., Cneu Domício Corbulão realizou campanhas tão brilhantes que, segundo *Tácio, deixaram saudades do tempo em que os generais romanos eram mais independentes dos poderes superiores. Ganhou, assim, excelente reputação, que cresceu quando Corbulão foi enviado ao Oriente, com poderes especiais, para resolver o problema da Armênia. (Suas ligações com o círculo de L. *Vitêlio ajudaram também.) Esteve no Oriente durante dez anos (de 54 a 64 d.C.), e suas campanhas foram detalhadamente descritas por Tácito, que, como outras pessoas, o admirava muito como modelo das antigas e quase extintas qualidades de independência, retidão e firmeza. Uns poucos acreditaram que suas relações de família comprovavam sua ligação com vários dissidentes; mas essa suspeita, que levou *Nero a chamá-lo para a Grécia e a ordenar-lhe que cometesse suicídio, parece ter-se baseado apenas no ciúme de sua popularidade e de seu sucesso, principalmente no Oriente (onde, conforme sabemos hoje, ele era adorado como herói). De fato, seu porte e maneiras parecem ter sido tão responsáveis por sua imagem quanto os sucessos militares, os quais foram limitados pelas dificuldades do terreno e da política local, por desentendimentos com alguns de seus subor-

dinados e pela incompetência de outros (por exemplo, a de Cesênio *Peto).

CORIOLOANO (*Coriolanus*).

Depois de se distinguir em campanhas militares, principalmente em Coríolos (donde seu cognome), Cneu Márcio Coriolano alienou a plebe e foi por isso exilado (491 a.C.). Por volta de 489/488 a.C., Coriolano liderou os volscos através do Lácio e só não atacou Roma por causa das súplicas de sua mãe Vetúria (uma etiologia do templo da Fortuna Feminina). A fonte desta lenda — provavelmente de data muito remota — é incerta: pode ter sido uma história de família dos plebeus Márcios, alguns dos quais nasceram em Coríolos.

CORNÉLIA (*Cornelia*) (nascida em 190 d.C.), mãe dos Gracos.

Filha mais jovem de *Cipião Africano, Cornélia casou-se com Tibério Semprônio *Graco, tornando-se famosa como a mãe dos *Gracos. Sobreviveu a pelo menos onze de seus doze filhos, bem como a seu marido, mas manteve a severa dignidade de uma aristocrática matrona romana. Quando ficou viúva, rejeitou o pedido de casamento de um monarca reinante, *Ptolomeu VIII. Tinha ambições com relação a seus filhos, mas provavelmente não influenciou suas atividades políticas.

CORNIFÍCIO, LÚCIO (*Cornificius, Lucius*), cônsul, 35 a.C.

Antigo partidário de *Otaviano, que procurou obter sucesso acusando *Bruto do assassinato de *César, Cornifício serviu sob o comando de Otaviano, na Sicília, na guerra contra Sexto *Pompeu. Suas façanhas militares foram recompensadas com o consulado de 35 a.C., e comemoradas por seu hábito, um tanto estranho, de andar em um elefante quando jantava fora de casa.

CORNUTO, LÚCIO ANEU (*Cornutus, Lucius Annaeus*) (nascido em 20 d.C.), filósofo.

Nascido em Lepcis e liberto que servira um dos *Sênecas, Cornuto ensinou *Lucano e *Pérsio (que lhe dedicou o poema V). Foi exilado, provavelmente por causa de seu envolvimento na conspiração de C. Calpúrnio *Pisão (65 d.C.). Escreveu sobre literatura e filosofia, tanto em grego quanto em latim.

De seus escritos, permaneceram fragmentos e um tratado sobre mitologia, do ponto de vista da filosofia estoica.

CORUNCÂNIO, TIBÉRIO (*Coruncanius, Tiberius*), cônsul, 280 a.C.

Homem novo (*novus homo*), nascido em Túsculo, Coruncânio realizou várias campanhas na Etrúria e reforçou o exército de seu colega Públio Valério Levino depois da vitória de *Pirro em Heracléia (280 a.C.). Foi designado ditador para garantir as eleições em 246 a.C. Eleito pontífice máximo (em aprox. 254 a.C.), tornou-se o primeiro plebeu a ocupar o cargo, que conservou até a sua morte, em 243 (?). De acordo com Pompônio, jurista do século II d.C., Coruncânio foi o primeiro a admitir os leigos (regularmente?) em seus conselhos legais, contribuindo assim, em última análise, para tirar dos colégios sacerdotais o privilégio exclusivo da interpretação das leis como peritos.

COSSO, AULO CORNÉLIO (*Cossus, Aulus Cornelius*), cônsul, 428 a.C.; tribuno consular e comandante da cavalaria, 426 a.C.

Cosso mereceu os despojos opimos (espólios de honra) por matar Lars Tolúmnio, rei de Veios. A data geralmente mencionada para a façanha de Cosso é 437 a.C., quando ele era tribuno militar; mas essa campanha é historicamente duvidosa e se, como em geral se acredita, só os generais podiam receber os despojos opimos, então o feito de Cosso deve datar de 428 ou 426 a.C. Entretanto, segundo *Augusto, a inscrição dos espólios de Cosso em que ele é designado cônsul é provavelmente fictícia, o que justificaria o fato de ter negado a M. Licínio *Crasso, cônsul em 30 a.C., o direito de receber os despojos opimos.

CRASSO (*Crassus*), cônsul, 70 e 55 a.C.

Marco Licínio Crasso foi um aristocrata muito influente, notável por sua riqueza e por sua incessante disputa com *Pompeu pela supremacia no Estado romano. Nasceu por volta de 115 a.C., de família nobre e ilustre. Seu pai morreu no massacre provocado por *Mário (87 a.C.), e ele fugiu para a Espanha antes de 85 a.C.; organizou, então, um grande exército particular formado por clientes da família, e em 83 uniu-se a *Sila para derubar o governo de Mário. A famosa riqueza

de Crasso originou-se, em grande parte, de propriedades adquiridas nos banimentos realizados por Sila, e ajudou-o a estabelecer sua influência política na década de 70 a.C. No governo de Sila, atingiu a pretoria (provavelmente em 73 a.C.), pelas vias costumeiras, ao mesmo tempo em que observava, com apreensão, a ascensão meteórica do recém-chegado Pompeu. Em 72 a.C., Crasso recebeu um comando proconsular de seis legiões para combater *Espártaco, no sul da Itália, superando os dois cônsules que haviam sido vencidos. Terminou a guerra em seis meses, e recebeu um pequeno triunfo (*ovatio*) em 71 a.C.; mas ficou enfurecido com o comportamento de Pompeu, que, voltando da Espanha, havia derrotado uma pequena facção do exército de Espártaco remanescente no norte da Itália, e por isso reclamava os créditos de ter terminado a guerra. Crasso foi eleito cônsul para o ano 70 a.C., tendo como colega o incômodo *Pompeu; mas cooperou com ele na restauração dos poderes tribunícios, a fim de evitar que o companheiro ficasse com todos os créditos.

A partir de 67 a.C., tornou-se cada vez mais preocupado em igualar a excessiva influência de Pompeu (agora, com poderes ilimitados no Oriente); arquitetou planos com o fito de usurpar o eleitorado popular de Pompeu e assegurar, para si, o apoio total do povo. Seus métodos "populares" e sua associação com *César, *Catilina e Rulo afastaram-no dos nobres: sua tentativa, como censor em 65 a.C., de estender a cidadania romana à Gália Transpadana, foi frustrada por seu colega *Cátulo(2). Juntou-se aos nobres liderados por *Catão, que se opunham às demandas de Pompeu, mas foi contrariado por eles em relação às suas próprias solicitações em favor dos publicanos asiáticos. Assim, em 59 a.C., foi convencido por César a aceitar um pacto temporário de cooperação com Pompeu (o Primeiro Triunvirato), pacto que ele foi forçado a renegociar em 56 para evitar a possível coalizão de Pompeu com os nobres. Obteve um segundo consulado, em 55 a.C., e um importante comando militar contra os partos, essencial para a preeminência política que desejava. Invadiu o império dos partos em 53, em busca de glórias militares, mas em poucos meses foi derrotado e morto em Carras.

CRASSO, LÚCIO LICÍNIO (*Crassus, Lucius Licinius*), cônsul, 95 a.C.

Membro influente, mas obscuro, da instituição senatorial no tempo de *Mário, era considerado por *Cícero o maior orador romano até então. Descendente de antiga e nobre família, não carecia de habilidade retórica para obter sucesso na vida política; e, de fato, quando ocupava o cargo de censor em 92 a.C., Crasso desencorajou o progresso político dos não-nobres, banindo o ensino de retórica latina. Como cônsul, ao lado de Q. Múcio *Cévola (95 a.C.), privou da cidadania romana os italianos que tinham acabado de receber os direitos civis. Em 91 a.C., apoiou seu protegido, Lívio *Druso(2), fazendo importante discurso contra L. *Filipe, mas morreu no mesmo ano, antes que a crise se acirrasse.

CRASSO, MARCO LICÍNIO (*Crassus, Marcus Licinius*), cônsul 30 a.C.

Crasso foi partidário de Sexto *Pompeu e depois de *Marco Antônio, antes de juntar-se a *Otaviano. Quando lutava na Mésia, em 29 a.C., matou pessoalmente o líder inimigo, obtendo com isso um triunfo. Otaviano, entretanto, negou-lhe os despojos opimos a que fizera jus por sua façanha militar (ver Aulo Cornélio *Cosso); Crasso foi o quarto comandante romano a se tornar merecedor dos despojos opimos.

CRASSO FRUGI, MARCO LICÍNIO (*Crassus Frugi, Marcus Licinius*), cônsul, 27 d.C.

Crasso foi morto, em 46 d.C., por instigação de *Messalina, porque seu nascimento e seu sucesso militar na Macedônia e na Bretanha eram uma ameaça a *Britânico. Sêneca achava que Crasso e *Cláudio eram "tão parecidos quanto dois ovos" e, portanto, que Crasso era "tão estúpido que até poderia ter sido imperador" (Sêneca, *Apocolocyntosis*, XI, 3-5).

CRINÁGORAS (*Crinagoras*) (aprox. 70 a.C.-15 d.C.), autor de epigramas.

Crinágoras escreveu cinquenta e um epigramas da *Antologia grega*, e atuou como embaixador de Metilena, sua cidade natal, tendo assim a chance de freqüentar os círculos imperiais. Em seus epigramas, comentava desde o palito dado de presente a Lúcio *César até as vitórias de Roma sobre os

bárbaros do norte. Crinágoras pode ter sido influenciado pelos poetas latinos de sua época, principalmente *Horácio.

CRISÂNTIO (*Chrysanthius*), filósofo neoplatônico, século IV d.C.

Membro de destacada família de Sardes, Crisântio estudou filosofia com *Edésio em Pérgamo, e ajudou seu condiscípulo *Máximo de Éfeso a iniciar o jovem *Juliano nos cultos e mistérios pagãos. Ao contrário de Máximo e de *Prisco, ele recusou o convite posterior de Juliano para que fizesse parte de sua corte (361-362), alegando augúrios desfavoráveis. Crisântio, assim como sua esposa, foi nomeado sumo sacerdote da Lídia, cargo em que também agiu com precaução. Mestre de *Eunápio, que escreveu sua biografia, Crisântio morreu com oitenta anos de idade.

CRISANTO (*Chrysanthus*), governador-geral da Bretanha, depois de (?) 395 d.C.

Crisanto foi um dos últimos governadores-gerais (*vicarii*) da Bretanha. Seu pai era sacerdote de uma rigorosa seita de *novacionistas (mais tarde consagrado bispo), e foi escolhido como tutor das filhas do imperador *Valente. Crisanto serviu na corte antes de governar uma província italiana no tempo de *Teodósio I; em seguida, governou a Bretanha. Retirou-se então para Constantinopla, onde esperava tornar-se prefeito urbano, mas, ao invés disso, foi forçado a se consagrar bispo dos novacionistas. Morreu em 419 d.C.

CRISPO (*Crispus*), César, 317-326 d.C.

Nascido por volta de 305 d.C., Flávio Júlio Crispo era o filho mais velho de *Constantino I com sua primeira esposa Minervina. Foi educado na Gália por *Lactâncio e proclamado César em 317, juntamente com seu meio irmão *Constantino II. Depois de se dis-

Moeda de bronze (follis) de Flávio Júlio Crispo, com lança e escudo.



tinguir como almirante na guerra contra *Licínio, em 324, acompanhou Constantino e a madrastra *Fausta em uma viagem à Itália (326 d.C.), mas, por razões que continuam desconhecidas, foi executado em Pola.

CUNOBELINO (*Cunobellinus*) (falecido em aprox. 41/42 d.C.), rei britânico independente.

Filho de Tasciovano, dos catuvelaunos, Cunobelino, durante um reinado de cerca de quarenta anos, estabeleceu um poderoso reino no sudeste da Bretanha, com uma nova capital e uma oficina de cunhagem em Colchester. Desenvolveu o comércio com os romanos, e suas moedas mostram a influência de Roma. Morreu antes da invasão romana de 43 d.C. (que encontrou a resistência de seu filho *Carataco), e passou para as fábulas medievais e a literatura de Shakespeare como Cymbeline.



Moeda de bronze celta (em tamanho ampliado) com retrato de Cunobelino, rei britânico cliente de Roma.

CÚRCIO, MÉTIO (*Curtius, Mettius*).

Métio Cúrcio é um nome inventado para explicar o nome do lago Cúrcio, no Fórum

Alto-relevo de Métio Cúrcio. Cópia do original datado do século II a.C., no Museu Capitolino, em Roma.



romano, dentro do qual supostamente entrou com seu cavalo, enquanto lutava a favor de Tito *Tácio contra *Rômulo. Outras fontes afirmam que um certo Marco Cúrcio sacrificou-se ali, em 362 a.C., para satisfazer um oráculo, ou que Caio Cúrcio (cônsul em 445 a.C.) cercou uma área atingida por um raio.

DACIANO (*Datianus*), cônsul, 358 d.C.

Eminência parda na corte de *Constâncio II, Daciano era filho de um criado dos banhos públicos. Tendo aprendido taquigrafia, tornou-se um "notário" no serviço civil do Império; progrediu até se tornar senador de Constantinopla, conde, cônsul e patrício. Era cristão.

DALMÁCIO, FLÁVIO (*Dalmatius, Flavius*), cônsul, 333 d.C.

Filho de *Constâncio I e Teodora, Flávio Dalmácio era o mais velho dos meios irmãos de *Constantino I (ver a árvore genealógica de Júlio *Constâncio). Tornou-se cônsul e censor em 333 d.C., e exerceu um comando no Oriente, onde subjugou um usurpador em Chipre e enfrentou dificuldades relacionadas com *Atanásio. Em 337 d.C., aparentemente foi vítima do massacre da família instigado pelos filhos de Constantino.

DALMÁCIO, FLÁVIO JÚLIO (*Dalmatius, Flavius Julius*), César, 335-337 d.C.

Flávio Júlio Dalmácio era o filho mais velho de Fl. *Dalmácio e sobrinho de *Constantino. Educado em Toulouse numa espécie de exílio, foi mais tarde incluído nos planos de sucessão de Constantino e nomeado César em 335 d.C. Seus domínios deveriam ser as

Moeda de bronze (follis) de Flávio Júlio Dalmácio. "GLORIA EXERCITUS"; reverso do follis de Flávio Júlio Dalmácio, com soldados e estandarte.



nações do Danúbio Inferior. Mas, em 337, foi vítima do mesmo massacre que matou seu pai, seu irmão *Anibaliano, seu tio Júlio *Constâncio e mais quatro primos.

DÂMASO, SANTO (*Damasus*), bispo de Roma, 366-384 d.C.

Dâmaso, papa cuja suntuosidade chocou o aristocrata pagão *Pretextato, somente sucedeu a *Libério (morto em setembro de 366) depois de sangrentas lutas entre seus seguidores e os de outro diácono, que o acusou de "deleitar os ouvidos das damas". Para São *Jerônimo, seu secretário, Dâmaso era "o mestre virgem da Igreja virgem". Para incentivar o culto dos mártires, restaurou seus santuários e os embelezou com seus próprios poemas, magnificamente gravados por *Filócalo. Organizou, entre os senadores cristãos, uma petição contra o altar da Vitória (ver *Símaco). Dâmaso não respondeu aos apelos de São *Basílio para que o ajudasse contra a perseguição ariana (ver *Ário).

DÉCIO, TRAJANO (*Decius, Traianus*), imperador, 249-251 d.C.



Busto do imperador Décio. Roma, Museu Capitolino.

Nascido na Ilíria entre 190 e 200 d.C., Caio Méssio Quinto Décio recebeu de *Filipe I a incumbência de restaurar a ordem no Dâmbio. Seu grande sucesso levou suas tropas a declará-lo imperador em junho de 249 d.C.; Filipe foi derrotado e morto numa batalha perto de Verona. O Senado romano honrou Décio com o nome de Trajano. Em 249-250, ele iniciou uma severa perseguição aos cristãos que só diminuiu de intensidade no fim de 250 por causa da guerra contra os godos. *Herênio, filho mais velho de Décio, tornou-se augusto e foi para a Mésia, lutar contra os godos. Décio seguiu-o, e ambos morreram na desastrosa Batalha de Abrita, em junho de 251 d.C.

DÉCIO MURE(1), PÚBLIO (*Decius Mus, Publius*), cônsul, 340 a.C.

Segundo se afirma, em 343 a.C., como tribuno militar, Décio salvou um exército consular que caíra em uma armadilha, e, em 340, "devotou-se" ao sacrifício durante uma batalha contra os latinos, perto de Cápuia (ver Mânlio *Torquato). A participação de Décio no combate e seu sacrifício têm sido rejeitados como uma antecipação dos atos de P. *Décio Mure(2); mas talvez ele tenha morrido no campo de batalha.

DÉCIO MURE(2), PÚBLIO (*Decius Mus, Publius*), cônsul, 312, 308, 297 e 205 a.C.

Supostamente enfermo em 312 a.C., mesmo assim Décio lutou com sucesso contra Volsínios (308), esteve entre os primeiros pontífices plebeus (300) e agiu contra os samnitas (297-296 a.C.). Em 295, ele e Q. *Fábio Máximo Ruliano (seu colega nos três últimos consulados e no cargo de censor, em 304) derrotaram os gauleses e seus aliados em Sentino, depois de Décio ter realizado um ritual de auto-sacrifício (*devotio*). Esse *devotio* é provavelmente histórico (Dúris de Samos, um contemporâneo, deve tê-lo registrado); já os de seu pai, P. *Décio Mure(1), e de seu filho, P. *Décio Mure(3), são mais duvidosos.

DÉCIO MURE(3), PÚBLIO (*Decius Mus, Publius*), cônsul, 279 a.C.

Décio e Públio Sulpício Saverrião foram derrotados por *Pirro em Ausculum (279 a.C.). *Enio e *Cícero acreditavam que ele, como seu pai P. *Décio Mure(2), "devotou-

se" ao sacrifício pela causa romana; outras fontes (*Dião e *Varões ilustres*) sugerem que ele sobreviveu à batalha.

DEJÓTARO ou DEIÓTARO (*Deiotarus*), rei de Galácia, falecido em 40 a.C.

Príncipe de Galácia e cliente de Roma, Dejótaro teve seu reino ampliado por *Pompeu como recompensa por sua lealdade a Roma nas guerras contra *Mitridates. Durante a guerra civil, ele frequentemente transferiu sua lealdade de um para outro dinasta, e em 45 a.C. foi obrigado a pedir a *Cícero, seu amigo pessoal, que intercedesse a seu favor junto a *César.

DEMÉTRIO (*Demetrius*), príncipe macedônico, falecido em 180 a.C.

Em 197 a.C., o pai de Demétrio, *Filipe V, enviou-o como refém a Roma, onde permaneceu até 190 a.C.; tornou-se pessoalmente popular e adquiriu atitudes pró-Roma. Quando, em 183 a.C., Filipe V enviou-o novamente a Roma como emissário especial, seu aparecimento no Senado foi muito importante para restaurar as desgastadas relações entre Roma e a Macedônia. Suas ambições foram encorajadas por vários romanos importantes, mas atraíram a hostilidade de seu irmão mais velho, *Perseu, e as suspeitas de seu pai, que o executou por traição em 180 a.C.

DEMÉTRIO, O CÍNICO (*Demetrius*), filósofo, século I d.C.

Demétrio recusou duzentos mil sestércios que *Calígula lhe oferecera; foi muito elogiado por *Sêneca; opôs-se à luxúria no reinado de *Nero; foi amigo de *Trásea Peto; expulso de Roma por *Tigelino e mais tarde, por sugestão de *Muciano, expulso por *Vespasiano; foi amigo e companheiro do sábio *Apolônio de Tiana. Figura eminente dos grupos dissidentes e antimonarquistas da alta sociedade de Roma, no fim do século I d.C.

DEMÉTRIO DE FAROS (*Demetrius*), rei da Ilíria, aprox. 230-219 a.C.

Subordinado iliriano de Teuta (Teutana), Demétrio tornou-se dinasta dependente de Roma depois de trair Corcira, em 229 a.C., e posteriormente sucedeu a Teuta na regência. Seu poder de expansão e seu comportamento independente, durante a década de 20, levaram o Senado a enviar *Paulo(1)

e *Salinátor para depô-lo (219 a.C.). Demétrio fugiu para a Macedônia e instigou *Filipe V a declarar guerra contra Roma.

DEMÉTRIO SÓTER (*Demetrius Soter*), rei da Selêucia, 162-150 a.C.

Demétrio substituiu seu tio *Antíoco Epífano como refém em Roma, em 175 a.C. Quando Epífano morreu em 164/163, Demétrio pediu ao Senado que o libertasse, pois pretendia reclamar o trono. Quando isso lhe foi recusado e chegaram a Roma notícias do assassinato de *Otávio, Demétrio conseguiu escapar da Itália de maneira dramática, com a convivência de seu amigo e companheiro de detenção, *Políbio (Pol. XXXI, 11 e segs.). Na Síria, conseguiu afastar o filho de Epífano, ainda menor, e apossou-se do trono. Embora tivesse partidários em Roma, o Senado como um todo nunca reconheceu seu reinado e, ao contrário, apoiou pretendentes rivais, política que enfurecia Políbio. Assim, Demétrio não pôde deter o declínio da Selêucia; foi morto quando lutava com um pretendente, em 150 a.C. Políbio mencionou, mais de uma vez, suas tendências ao alcoolismo.

DENTATO, MÂNIO CÚRIO (*Dentatus, Manius Curius*), cônsul, 290, 284 (?), 275 e 274 a.C.

Homem novo (*novus homo*), ele e Públio Cornélio Rufino concluíram vitoriosamente a Terceira Guerra Samnita; Cúrio então subjuguou os sabinos e distribuiu parte de seus territórios (290 a.C.). De acordo com *Políbio, Cúrio foi cônsul substituto (?) em 284 (?), derrotou os senonos, confiscou seus territórios e estabeleceu uma colônia em Sena (de acordo com *Lívio, em aprox. 290 a.C.). Em 275, ele derrotou o exército de *Pirro e, com os despojos de guerra, iniciou a construção de um aqueduto (o Ânio Veto) enquanto censor (272 a.C.). Sua integridade e frugalidade, freqüentemente proclamadas pelo velho *Cátão, tornaram-se lendárias.

DEXIPO (*Dexippus*) (aprox. 200-270 d.C.), historiador.

Públio Herênio Dexipo nasceu por volta de 200/205, filho de uma família intelectual de Atenas. Ocupou as principais magistraturas de Atenas, tornou-se membro do clero eleusiniense e promoveu os grandes jogos panatenaicos. Apenas três de suas obras so-

breviveram em fragmentos: *Sobre Alexandre*, provavelmente a primeira a ser escrita, mas pouco original, seguida de crônicas históricas (em doze livros) e da *Cítica*, que relatava, no estilo de Tucídides, as guerras de meados do século III no leste grego.

Já com mais de sessenta anos, liderou com sucesso um contra-ataque aos hérulos, que haviam capturado e devastado Atenas por volta de 267-268 a.C.

DIADUMENIANO (*Diadumenianus*), César, 217-218 d.C.; Augusto, 218 d.C.

Marco Opélio Antonino Diadumeniano era filho do imperador *Macrino. Seu pai nomeou-o César em 217 d.C., e mais tarde, Augusto; mas a incompetência militar e administrativa de Macrino teve como consequência o assassinato dos dois em 218 d.C., por tropas rebeldes.

DIÃO, CÁSSIO (*Dio, Cassius*), historiador; cônsul, 205/206 e 229 d.C.

Originário da cidade de Nicéia, na Bitínia, Cássio Dião talvez fosse parente, através da família de sua mãe, de *Dião Crisóstomo. Nasceu por volta de 163/164, foi para Roma em 180 d.C. e iniciou carreira no Senado, talvez em fins da década. Em 193 d.C., quando *Severo entrou em Roma, Dião enviou-lhe um panfleto que havia escrito sobre os sonhos e presságios que previam a subida de Severo ao poder. Tornou-se amigo do imperador e membro do grupo de seus conselheiros. Mais tarde, foi nomeado curador de Pérgamo e de Esmirna pelo imperador *Macrino. Governou a África (talvez em 223 d.C.), a Dalmácia (224-226 d.C.) e a Panônia Superior (226-228 d.C.). Seu segundo consulado foi particularmente notável, porque seu colega era o imperador *Severo Alexandre. Em seguida, voltou para Nicéia. Escreveu uma história das guerras civis de 193-197 d.C. (esta obra, assim como o panfleto sobre os sonhos, se perdeu), mas seu principal trabalho (escrito em grego) é uma história de Roma, desde sua fundação até a morte de Severo Alexandre. Foi escrita no período de 207 a 219 d.C., com exceção da última parte, e contém grande quantidade de material excelente, principalmente sobre a época de sua própria vida. O texto original dos livros 36 a 54 (que cobrem os anos 68 a 10 a.C.) foi preservado na íntegra, enquanto se conservaram apenas par-

cialmente os livros 55 a 60 (de 9 a.C. até 46 d.C.) e os livros 79 e 80 (de 217 a 220 d.C.). O restante da obra deve consistir em versões resumidas, elaboradas por eruditos de Bizâncio durante os séculos X a XII.

DIÃO CRISÓSTOMO ou DIÃO COCIANO (*Dio Chrysostomus*) (*Dio Cocceianus*) (aprox. 40-depois de 112 d.C.), homem de letras.

Dião Crisóstomo ("boca de ouro", ou seja, muito eloquente) ou Dião de Prusa (na Bitínia), foi filósofo e orador notável, o que justifica sua inclusão na obra *Vida dos sofistas*, de *Filóstrato. Dião chegou a Roma no tempo de *Vespasiano, e foi orientado para a filosofia por *Musônio Rufo. Banido de Roma no reinado de *Domiciano, viveu muitos "anos de peregrinação" nos Bálcãs; voltou a Roma e gozou do favor imperial. Dos seus oitenta discursos que sobreviveram, dois pertencem na verdade a seu aluno *Favorino. Dião escreveu sobre política, dando conselhos aos cidadãos de sua terra natal, aos romanos e aos imperadores; escreveu sobre trivialidades à maneira dos sofistas (*Do cabelo*); e escreveu literatura e filosofia moral popular à maneira dos estóicos e dos cínicos.

DÍDIO GALO (*Didius Gallus*), governador da Bretanha, 52-58 d.C.

Aulo Dídio Galo viveu seu melhor momento quando expulsou o rei Mitridates do reino do Bósforo e solucionou os problemas desse reino (45-46 d.C.). Depois, governou a Bretanha. *Tácito fala de sua dignidade, enquanto *Quintiliano cita um exemplo de sua perversidade.

DÍDIO JULIANO (*Didius Julianus*), imperador, 193 d.C.

Marco Dídio Severo Juliano nasceu em Milão, no fim do reinado de *Adriano, filho de família senatorial. Foi cônsul com *Hélio

Pertinace em 174 ou 175 d.C., e governou uma série de importantes províncias militares. Foi absolvido da acusação de envolvimento numa conspiração contra *Cômodo, e no começo da década de 190 governou a África. Quando Pertinace foi assassinado (28 de março de 193), Juliano estava a caminho de uma reunião do Senado, foi abordado por dois tribunos da guarda pretoriana, que insistiram com ele para que tomasse o poder e o levaram para o acampamento. Lá encontrou Flávio *Sulpiciano, que tentava ser proclamado imperador; os dois disputaram então o poder por meio de ofertas de donativos aos guardas. Juliano ganhou a disputa pagando vinte e cinco mil sestércios para cada homem, foi proclamado imperador e prometeu restaurar o bom nome de Cômodo. Seu reinado durou apenas sessenta e seis dias. Quando *Severo invadiu Roma, Juliano foi forçado a defender a cidade, mas o Senado, instigado por mensagens de Severo, condenou-o à morte depois de depô-lo. Juliano foi assassinado no palácio, em 1.º ou 2 de junho, por um soldado comum.

DIOCLECIANO (*Diocletianus*), imperador, 284-305 d.C.

Caio Aurélio Valério Diocleciano, comandante da guarda imperial, tornou-se imperador quando *Numeriano foi assassinado. Diocleciano foi o primeiro imperador, depois de mais de um século, a conseguir governar durante vinte anos. Tal estabilidade só voltaria a ser possível com a consolidação da dinastia de *Constantino.

Diocleciano escolheu Júpiter como seu protetor; e, assim como Júpiter, que tinha Hércules para fazer o trabalho pesado, em 286 d.C. Diocleciano nomeou seu amigo *Maximiano para ser augusto junto com ele. Em 293, *Constâncio I e *Galério foram indicados para ser césares, e se casaram com mulheres descendentes dos augustos. Deu-se muita ênfase à *concordia* resultante da tetrarquia formada: Constâncio apoiava Maximiano no Ocidente, e Galério governava com Diocleciano no Oriente. Em 305 d.C., os dois augustos abdicaram, e os césares ocuparam seus lugares.

Júpiter é o deus da vitória: muito do tempo dos tetrarcas foi gasto em lutas, contra rebeldes como *Caráusio e *Aquiles e contra inimigos estrangeiros. As fronteiras do Reno,

Moeda de ouro (áureo), em tamanho ampliado, do imperador Dídio Juliano.



do Danúbio e da Pérsia foram organizadas como linhas de defesa de grande extensão. Cidades estrategicamente bem situadas foram transformadas em residências imperiais. Nicomédia, entre a Síria e o Danúbio, foi fundada novamente como uma segunda Roma.

Júpiter também traz fartura e estabilidade. Um tema da propaganda de Diocleciano era sua intenção de trazer de volta a Idade de Ouro "que floresceu há muito tempo, no reinado de Saturno". Os edifícios públicos formam parte integrante e são símbolos adequados de sua política. O estilo dos edifícios era tradicional, porém mais pesado: tanto o governo como os monumentos dos tetrarcas foram feitos para durar. A volta aos valores romanos tradicionais foi deliberada. O latim, que há um século era desprezado como língua literária, renasceu na Gália e na Nicomédia, com os ensinamentos de *Lactânio. A cunhagem foi reformada, e as moedas de bronze traziam a inscrição: "Ao gênio do povo romano". Os tetrarcas consideravam-se "protetores da raça humana, que conseguiam ver longe". A administração foi am-

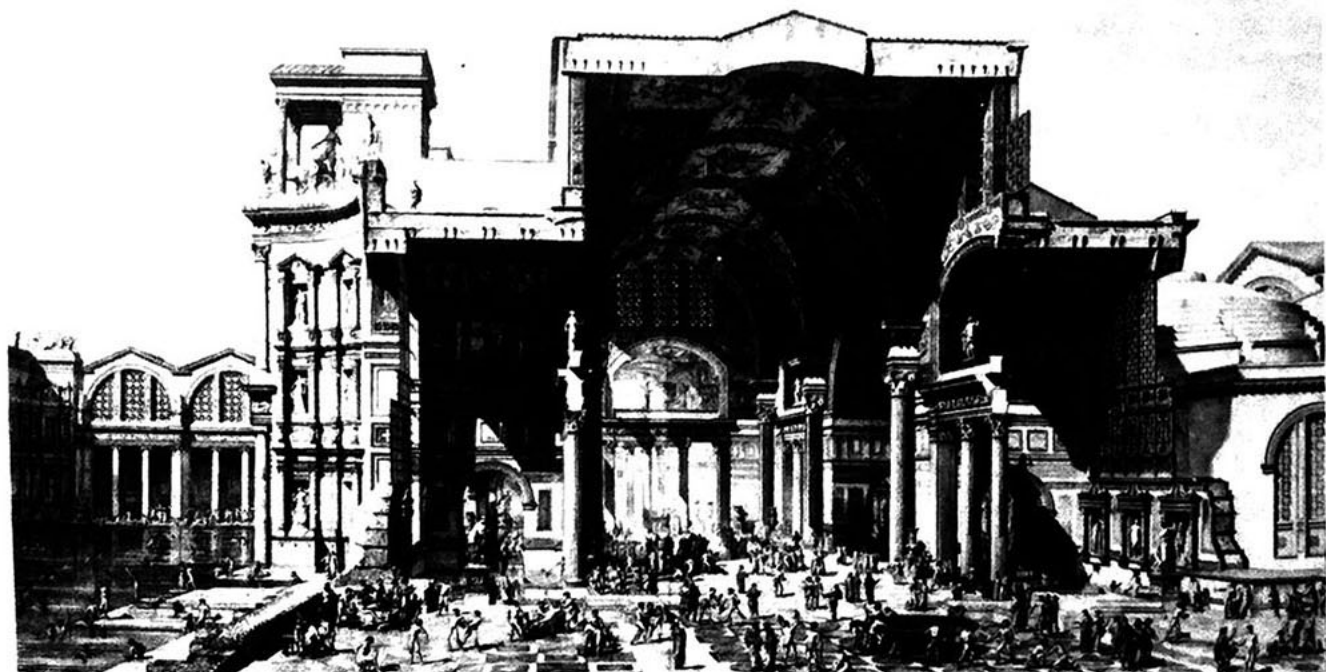
pliada: as províncias foram subdivididas e agrupadas em doze unidades, chamadas dioceses, cada uma com um governador-geral. Em 301 d.C., os tetrarcas tentaram, através de um édito, fixar preços máximos para os produtos de consumo.

Por volta de 303 d.C., Galério conseguira convencer Diocleciano a perseguir os cristãos; em 305 d.C., persuadiu-o a abdicar. Diocleciano retirou-se para Salona (Split, na Iugoslávia), e deu-se tão bem com o cultivo de vegetais que, nos tempos agitados que se seguiram, nada conseguiu tentá-lo a reassumir a púrpura.

DIODORO ou SÍCULO, DA SICÍLIA (*Diodorus*) (*Siculus*), historiador, ativo em fins do século I a.C.

Nativo de Agírio (na Sicília), "de inteligência moderada e imensa capacidade de trabalho" (Bowersock), Diodoro passou trinta anos (mais ou menos de 60 a 30 a.C.) viajando (por exemplo ao Egito), e fazendo pesquisas (em Roma, devido às suas excepcionais facilidades, embora seu latim não fosse tão seguro quanto ele afirmava), para colher material para os quarenta livros de sua *Biblioteca histórica*, que narravam os acontecimentos desde o início dos tempos até o ano 59

As Termas de Diocleciano, em Roma, iniciadas em 297/298 d.C. e consagradas em 305/306; reconstrução.



a.C. Quinze livros foram preservados intactos; dos restantes, existem fragmentos e citações. Esse trabalho obstinado, mas de segunda mão e pouco agradável, preserva, de modo inestimável — a par de alguma confusão —, os julgamentos e os relatos de homens importantes sobre a mitologia e a história (inclusive o desenvolvimento de Roma).

DIÓGENES LAÉRCIO (*Diogenes Laertius*), historiador da filosofia, início(?) do século III d.C.

Diógenes Laércio foi o autor de uma história da filosofia grega, que consiste em biografias de filósofos e resumos de suas doutrinas. Seu trabalho é confuso mas consciencioso, e contém preciosas informações, principalmente sobre Epicuro.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO (*Dionysius*), crítico e historiador, fim do século I a.C.

Dionísio foi muito ativo em Roma de 30 a 8 a.C., como professor de retórica da aristocracia romana — de quem admirava o bom gosto — e como incansável pesquisador. Crítico aticista da literatura clássica grega, cuidadoso, inteligente e possuidor de ouvido notavelmente sofisticado, escreveu principalmente sobre Tucídides e sobre os oradores gregos. Deixou, como principal “monumento de sua própria alma”, a volumosa *Arqueologia romana* (muitas vezes chamada *Antiguidades romanas*). Originalmente, era composta de vinte livros e chegava até a Primeira Guerra Púnica (ou seja, até o ponto em que *Políbio começou). Apenas a primeira metade da obra sobreviveu intacta (a segunda, em numerosos fragmentos e citações); não é um trabalho para ser lido por prazer — seu senso de humor é inconsciente —, mas serve como um exemplo essencial e fascinante dos métodos de pesquisa dos historiadores antigos, e é um monumento de vastíssima erudição, mas de julgamento estreito.

DIOSCÓRIDES (*Dioscorides*), farmacologista, meados do século I d.C.

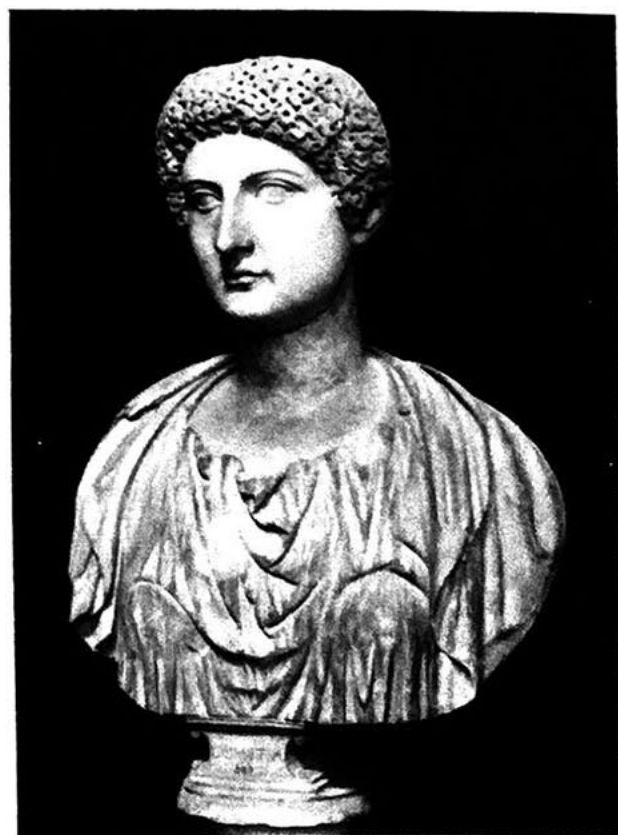
Nascido em Anazarbo (Cilícia) e médico do exército, Dioscórides compilou a obra *Materia medica*, de excelente qualidade e duradoura influência, preservada em manuscritos de excepcional beleza.

DOLABELA (*Dolabella*), cônsul, 44 a.C.

Jovem aristocrata, ambicioso e dissoluto, Públio Cornélio Dolabela casou-se com a filha de *Cícero, Túlia, contra a vontade do pai dela (em 50 a.C.), e obteve sucesso político como legado de *César durante a guerra civil. Tribuno radical e agressivo, em 47 a.C. entrou em choque com *Marco Antônio, mas, apesar de sua juventude e da oposição de Marco Antônio, César nomeou-o cônsul substituto quando assumiu o comando do exército da Pérsia (44 a.C.). Após a morte de César, Dolabela assegurou para si o consulado vago, e obteve a província da Síria graças a um rápido namoro com os líderes republicanos. Na Ásia, entretanto, entrou em choque com o governador republicano e matou-o; conseqüentemente, tornou-se proscrito e foi substituído em seu comando por *Cássio. Suicidou-se quando foi derrotado por Cássio, na Síria.

DOMÍCIA LONGINA (*Domitia Longina*), imperatriz, 81-96 d.C.

Filha de *Corbulão, Domícia foi forçada a se divorciar de Élio Lâmia para se casar



Busto de Domícia Longina, esposa de Domiciano. Roma, Villa Albani-Torlonia.

com *Domiciano, com quem teve um filho (73 d.C.), que morreu logo. Não escapou do fatalismo, comum a respeito das mulheres imperiais, e foi envolvida no assassinato de Domiciano; no entanto, viveu ainda vários anos do século II d.C., mais honrada pela memória de seu pai do que manchada pela reputação de seu segundo marido.

DOMICIANO (*Domitianus*), imperador, 81-96 d.C.

Quando Tito Flávio Domiciano era criança, seu pai, *Vespasiano, era pobre e sem importância; mas seu irmão *Tito foi educado na corte. Privado de qualquer posição de responsabilidade, Domiciano passou a desejar o poder, embora, como seu pai bem o percebeu, não fosse qualificado para exercê-lo. Chocado com os atos irresponsáveis de Domiciano, em Roma (69 d.C.), Vespasiano, durante seu reinado, deu-lhe apenas os ornamentos do poder, embora dissesse que o filho acabaria indicando o próximo imperador, tal era o entusiasmo com que exercia seu patrocínio. O reinado de Domiciano, no entanto, comprova que durante esse período ele aprendeu os princípios da administração criteriosa que caracterizou o reinado dos Flávios. Mas seu temperamento irascível e desconfiado —

o interesse pela personalidade e pelo principado de *Tibério evidencia bem seu caráter —, aliado à ânsia de poder, resultaram num reinado triste e tirânico. Ficou logo evidente que não haveria dissimulação: Domiciano era “senhor e deus”, e as ficções cuidadosamente preservadas, que disfarçavam o absolutismo do sistema, foram abandonadas. Ofendeu senadores e teóricos; seguiram-se várias tentativas de rebelião (a principal foi a de *Saturnino (L. Antônio)); cresceu inexoravelmente a terrível e lúgubre espiral de suspeitas e de repressão, até que, em 96 d.C., Domiciano foi assassinado por membros de sua própria casa, inclusive sua esposa, *Domícia Longina.

O caráter moral dos reinados que se seguiram foi introduzido pelos sobreviventes do reinado de terror do fim da vida de Domiciano, veementes na sua admiração pelo jovem *Helvídio Prisco ou por Aruleno Rústico. Membros influentes do grupo que se opunha aos excessos de autonomia no principado, eles odiavam os informantes e os acusadores, e o

A partida (profectio) de Domiciano: o imperador saindo de Roma. Alto-relevo; Roma, Museu do Vaticano.





Protótipo de moeda do imperador Domiciano.

próprio Domiciano, condenado pela tradição como um imperador comparável a *Calígula ou *Nero. No entanto, com sua escolha dos estadistas — inclusive de *Plínio e *Tácito, que o condenavam tão completamente — e com seu governo, com a energia com que se devotou aos problemas militares urgentes da região do Danúbio, com suas disposições financeiras, que lhe permitiram exercer uma extensa política de construções, ele não foi afinal um imperador tão desastroso. Na realidade, Domiciano era homem dotado de verdadeira cultura, e algumas medidas tomadas por ele, por exemplo, a proibição da castração dos escravos, foram visivelmente humanitárias. Embora fosse um homem desagradável — impiedoso, mórbido, egocêntrico, cruel —, não merece ser comparado, como governante, a outros como o selvagem e astuto Calígula, ou o tolo e criminoso Nero.

DOMICIANO, CAIO (*Domitianus, Gaius*), usurpador, aprox. 270/275(?) d.C.

Caio Domiciano é conhecido apenas por uma referência feita por Zósimo e por uma moeda de estilo aparentemente gaulês, mas de autenticidade duvidosa.

DOMÍCIO ENOBARBO(1), CNEU (*Domitius Ahenobarbus, Gnaeus*), cônsul, 122 a.C.

Durante um de seus comandos (122-120 a.C.) como cônsul e procônsul, Domício desempenhou papel muito importante na pacificação do sul da Gália, vencendo os alóbrogos e os arvernenses. Supervisionou a transformação da região em província romana (depois conhecida como Gália Narbonense) e ampliou suas vias de comunicação construindo a Via Domícia. Sua ampla influência e suas ligações pessoais na província foram herdadas



Inscrição de Cneu Domício Enobarbo(1) num marco miliário.

por seu filho, um dos fundadores da colônia-cidade em Narbonne, e exploradas por seu neto, *Lúcio Domício Enobarbo(1).

DOMÍCIO ENOBARBO(2), CNEU (*Domitius Ahenobarbus, Gnaeus*), cônsul, 32 d.C.

O rol das desgraças de Domício começou quando ele foi afastado da corte de Caio *César, no Oriente. Em 28 d.C., casou-se com a jovem *Agripina, mas conseguiu escapar com dificuldade às acusações de traição, adultério e incesto por ocasião da morte de *Tibério. Morreu quando seu filho, mais tarde o imperador *Nero, tinha apenas três anos, e foi descrito por *Suetônio como "abominável em todos os aspectos de sua vida".

DOMÍCIO ENOBARBO(1), LÚCIO (*Domitius Ahenobarbus, Lucius*), cônsul, 54 a.C.

Nobre de grande destaque, cuja imensa fortuna, influência e popularidade lhe permitiam, como a *Pompeu, a formação de exércitos particulares, Domício, juntamente com seu cunhado *Catão (de Útica), fez firme oposição ao Primeiro Triunvirato, que o privava da natural primazia a que tinha direito pela Constituição tradicional. Doía-lhe principalmente o fato de *César ter-se apossado da Gália Transalpina, região que, por ter sido conquistada por seu avô, Cn. *Domício Enobarbo(1), ele considerava como domínio privado de sua família. Como candidato ao consulado em 55 a.C., ele ameaçou transferir a província, mas Domício precipitou a prorrogação do Triunvirato em Luca, o que o man-

teve fora do consulado até 54 a.C. Recebeu a província de César no começo da guerra civil, em 49 a.C., e, contra as instruções de Pompeu, combateu César em Corfú. Derrotado, mas poupado por César, morreu em 48 quando comandava a ala esquerda do exército de Pompeu, em Farsala.

DOMÍCIO ENOBARBO(2), LÚCIO (*Domitius Ahenobarbus, Lucius*), cônsul, 16 a.C.

*Suetônio explica muitas das falhas de *Nero pela influência do avô, principalmente a arrogância. *Veleio limita-se a elogiar sua franqueza. Os feitos militares de Domício incluem campanhas na Trácia, em 15 a.C., e a vigorosa organização da Germânia, quando levou o exército para além do Elba, a uma distância maior do que qualquer outra atingida antes. Casou-se com a filha mais velha de *Marco Antônio, e morreu em 25 d.C.

DONATO (e DONATISMO) (*Donatus*), dissidente religioso africano (falecido em aprox. 355 d.C.).

Em 311 d.C., a Igreja de Cartago elegeu como bispo o arcediago Ceciliano. Muitos bispos africanos se opuseram a isso, porque um dos que haviam consagrado Ceciliano estava comprometido pelo fato de ter entregue exemplares da Escritura às autoridades durante a perseguição recente. Em lugar de Ceciliano, os bispos escolheram Donato, que fora bispo de uma pequena e afastada cidade de cultivadores de azeitonas, e que participava do entusiasmo de seus eleitores pelos mártires. O bispo de Roma, o Concílio de Arles (314 d.C.) e o imperador *Constantino não conseguiram evitar o cisma que se seguiu à eleição; apesar da condenação imperial, o donatismo permaneceu como a religião dominante da África romana até o começo do século V, quando se enfraqueceu devido a atos de coerção.

DONATO, ÉLIO (*Donatus, Aelius*), gramático, século IV d.C.

Donato, gramático e retórico, contemporâneo de Mário *Vitorino e professor de São *Jerônimo, viveu em Roma por volta de 353 d.C. Escreveu uma *Arte da gramática* e um comentário, inteligente e importante, sobre *Terêncio, que foram preservados. Seu comentário sobre *Virgílio, conhecido através de

citações de *Sérvio, infelizmente se perdeu.

DRIANTILA (*Dryantilla*), augusta, aprox. 260 d.C.

Sulpícia Driantila foi esposa do usurpador *Regaliano, e possivelmente era filha ou de Sulpício Justo ou de Sulpício Polião (da Ásia). Sua vida é pouco conhecida, embora sua existência esteja bem documentada em moedas.

DRUSO(1), MARCO LÍVIO (*Drusus, Marcus Livius*), cônsul, 112 a.C.

Druso era tribuno (122 a.C.) quando se tornou o principal arquiteto da queda de Caio *Graco, combatendo-o politicamente com grandiosos — embora nunca cumpridos — planos de colonização, e liderando o grupo que se opunha à concessão de cidadania aos italianos. Os serviços prestados à causa da instituição senatorial foram devidamente recompensados com uma carreira política de sucesso, que culminou com o cargo de censor em 109 a.C.

DRUSO(2), MARCO LÍVIO (*Drusus, Marcus Livius*), tribuno da plebe, 91 a.C.

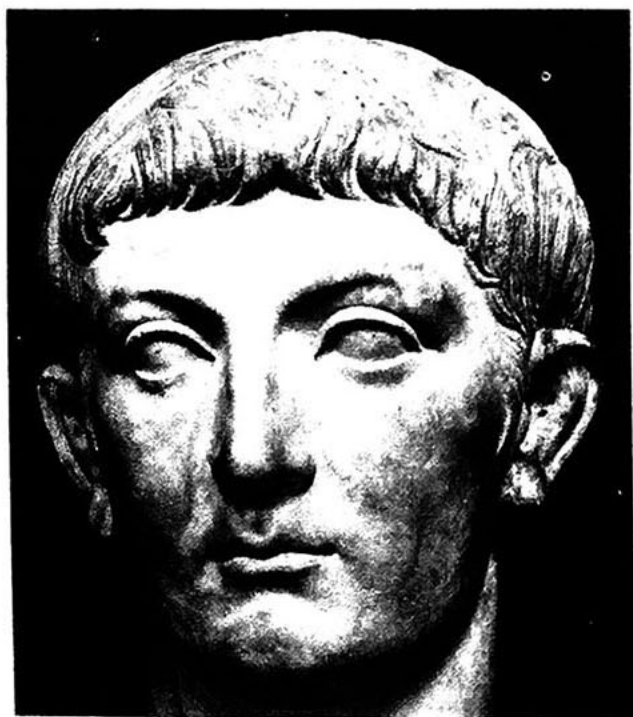
Jovem nobre, talentoso e cheio de ambição, Druso tornou-se tribuno em 91 a.C., e, procurando seguir o exemplo de seu pai, Lívio *Druso(1), valeu-se do cargo para progredir em sua própria carreira e para apoiar a instituição senatorial. Foi auxiliado por uma poderosa facção do Senado, à qual pertenciam *Escauro e L. Licínio *Crasso, e cujo principal objetivo era reformar os júris criminais após o escândalo ainda recente de *Rútilio (tio de Druso). Para garantir essa reforma, Druso tentou obter amplo apoio pessoal, propondo um programa de legislação popular. Forçado a enfrentar a oposição dos equestres (apoiados por *Mário) e do cônsul L. Márcio *Filipe, Druso tornou-se cada vez mais arrogante e demagogo. Não ficou claro em que momento ele aderiu à causa revolucionária da emancipação dos italianos, nem se ele pretendia usá-los para intimidar seus oponentes pela violência. Mas essa atitude fez-lo perder o apoio do grupo conservador do Senado e precipitou seu isolamento. Druso foi morto no Fórum, durante uma luta violenta; sua legislação foi repelida, mas a questão dos italianos acabou levando à Guerra Social.

DRUSO, NERO CLÁUDIO (o VELHO DRUSO) (*Drusus, Nero Claudius*) (38-39 a.C.), cônsul, 9 a.C.

Filho de *Lívia, nascido depois do casamento (realizado pela segunda vez) de sua mãe com Otaviano, Druso foi favorecido por suas relações íntimas com a família reinante, como era o caso de seu irmão *Tibério, ao lado de quem lutou contra a Récia em 15 a.C. No ano 13 a.C., iniciou uma série de expedições à Germânia, e, no ano 12, dedicou o grande Altar de Augusto, em Lyon. A campanha que se seguiu na região do delta do Reno foi um enorme sucesso, e a primeira de uma série de vitórias que o levaram até o rio Elba. Conselhos divinos, porém, o fizeram voltar, e Druso morreu após uma queda de seu cavalo; a notícia de sua morte provocou profundo pesar público. A tradição lembra ainda seus desentendimentos com *Augusto e seu desejo de restaurar a República, que, provavelmente, se deviam à ambição de preeminência pessoal de um membro bem-sucedido da família Cláudia, mais do que a qualquer idealismo político.

DRUSO JÚLIO CÉSAR (o JOVEM DRUSO) (*Drusus Julius Cæsar*), cônsul, 15 e 21 d.C.

Druso nasceu em 13 a.C., filho de Vipsânia Agripina e de *Tibério; casou-se com



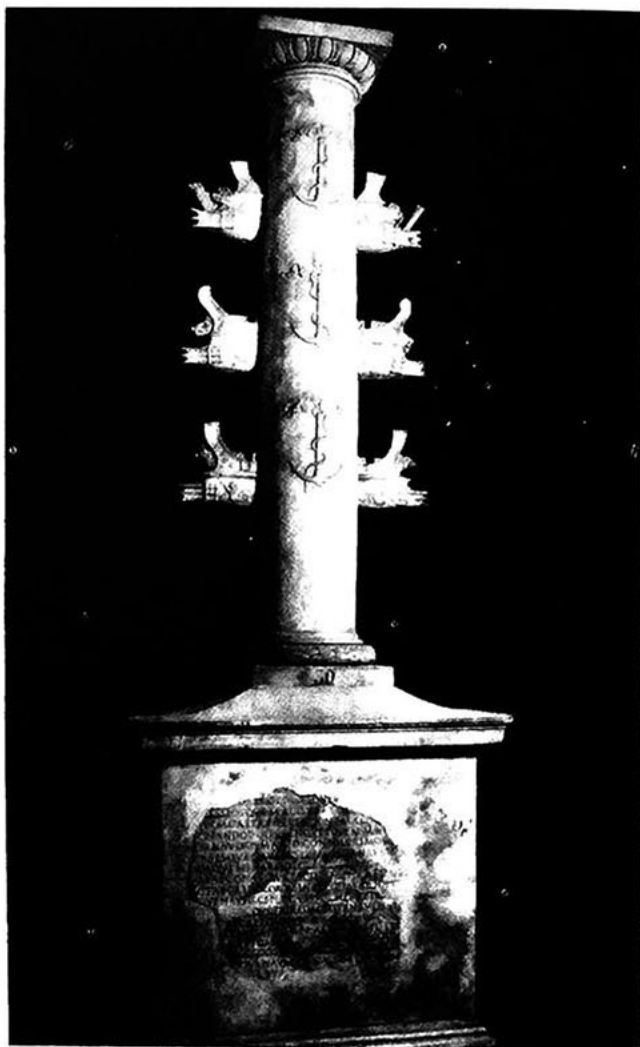
Druso Júlio César. Nápoles, Museo Nazionale.

Lívia Júlia (Livilla; ver árvore genealógica). Depois da adoção de seu pai por *Augusto, sua carreira progrediu muito. No ano 14 d.C., foi enviado à Panônia para acalmar as legiões que haviam se rebelado, e em 17 d.C. foi à Ilíria para resolver a questão de *Marobóduo. Após receber o poder tribunício (22 d.C.), tornou-se virtualmente um co-imperador. Dizem os boatos que sua morte (23 d.C.) resultou de um plano de sua esposa e de *Sejano.

DRUSO JÚLIO CÉSAR (*Drusus Julius Cæsar*), filho de Germânico; ver Nero Júlio César.

DUÍLIO, CAIO (*Duilius, Gaius*), cônsul, 260 a.C.

Duílio obteve o primeiro triunfo naval registrado pela história romana com sua vitória sobre a frota cartaginesa em Milas (260



Cópia, datada do período imperial, da Columna Rostrata de Caio Duílio, adornada com as proas dos navios capturados. Roma, Museu Capitolino.

a.C.). Grande parte de seu sucesso deveu-se à introdução de pontes de abordagem (*corvi*). Seus feitos foram gravados na *Columna Ros-trata* do Fórum romano.

ECLETO (ou ECLECTO) (*Eclectus*), corte-são imperial, fim do século II d.C.

Liberto do imperador Lúcio *Vero, de origem egípcia, Eclecto tornou-se camareiro de *Cômodo e, depois da morte de *Cleandro (189 d.C.), tornou-se íntimo associado do imperador, participando com ele de espetáculos de gladiadores. Juntamente com *Márcia (com quem se casara) e Emílio *Leto, conspirou para matar Cômodo, em 192 d.C., e para que *Pertinace fosse o novo imperador. Eclecto morreu em 28 de março de 193 d.C., juntamente com Pertinace.

EDÉSIO (*Aedesius*) (280/290-aprox. 355 d.C.), filósofo neoplatônico.

Natural da Capadócia, Edésio estudou filosofia neoplatônica com *Iâmblico, na Síria, antes de se estabelecer em Pérgamo como professor. Entre seus alunos estavam *Máximo de Éfeso, *Prisco e o futuro imperador *Juliano, a quem, talvez por receio da desaprovação imperial, ele convenceu a procurar seus alunos Eusébio e *Crisântio, pois suas forças já estavam declinando. Morreu pouco depois.

EFRÉM SIRO (*Ephr(a)em Syrus*) (aprox. 306-373 d.C.), poeta cristão de origem síria.

Efrém nasceu em Nísibis, na fronteira oriental do Império, e sobreviveu a vários sítios da cidade pelos persas. Depois da morte de *Juliano, Nísibis tornou-se persa; Efrém mudou-se então para Edessa, duzentos e vinte e cinco quilômetros a oeste, onde ensinou e continuou a compor hinos repletos de metáforas poéticas, nas quais transparece uma teologia característica.

EGÉRIA (*Egeria*), peregrina à Terra Santa, 381-384 d.C.

Partindo provavelmente do noroeste da Espanha, Egéria fez uma peregrinação à Terra Santa e ao Egito, através de Constantinopla; permaneceu em Jerusalém por três anos (381-384?). Escreveu uma descrição detalhada de sua viagem (da qual apenas uma parte

sobreviveu), incluindo os lugares santos que visitou, e uma descrição muito importante da liturgia da Igreja, que presenciou em Jerusalém. Seu relato é a prova mais significativa que temos do crescimento das peregrinações cristãs à Terra Santa, a partir da era de *Constantino I.

EGÍDIO (*Aegidius*), comandante dos soldados na Gália, aprox. 458 d.C.

Como comandante dos soldados de *Majoriano, Egídio defendeu Arles (458), mas rompeu com a política de *Ricimero em 461 e estabeleceu um território romano independente, com base em Soissons. Aceitou o apoio dos franco-sális e procurou estabelecer uma aliança com os vândalos contra os godos, mas morreu em 464.

ELAGÁBALO (VÁRIO AVITO BASSIANO MARCO AURÉLIO ANTONINO) (*Elagabalus — Varius Avitus Bassianus Marcus Aurelius Antoninus*), imperador, 218-222 d.C.

Nascido na Síria, filho de *Júlia Soêmia (sobrinha de *Júlia Domna) e de Sexto Vário Marcelo, Elagáballo foi proclamado imperador, em 218 d.C., por tropas orientais que haviam se rebelado contra o governo de *Macrino. Como Elagáballo se parecia muito com *Caracala, passava por ser seu filho bastardo. Macrino foi derrotado e morto um mês depois. O nome de Elagáballo deriva do deus de Emesa (Síria), do qual era sacerdote; ele se tornaria o mais insólito imperador que Roma já tivera. Devoto fanático do culto, trouxe seu deus para Roma — ou seja, trouxe com ele a pedra negra (o deus Baal) de Emesa. Seu comportamento scandalizou os senadores romanos e os soldados. Homossexual e travesti, nem por isso deixou de casar-se com



Moeda de bronze cunhada em Emesa (Síria), em que se vê a pedra negra (o deus Baal de Elagáballo) in situ.

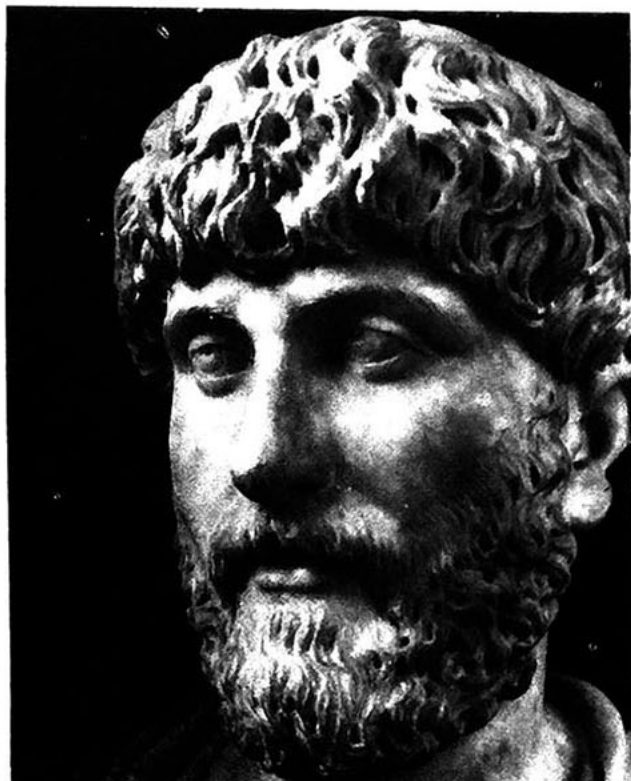
três mulheres (*Júlia Paula, *Aqüília Severa e *Ânia Faustina), inclusive com uma virgem vestal. Sob seu governo, os atores, dançarinos, aurigas e atletas atingiam posições de destaque com base em seus excessos sexuais, e nem sua mãe nem sua avó conseguiram controlá-lo. Os soldados ficaram tão repugnados com sua conduta que, por volta de 221 d.C., já corriam boatos de que ele seria assassinado. Sua avó, *Júlia Mesa, que contribuíra para sua ascensão ao trono, convenceu Elagábalo a adotar seu primo, *Severo Alexandre, como filho e César, em 221 d.C. Mas ele logo ficou com ciúmes do rapaz, muito popular junto às tropas, e tentou mandar matá-lo. Os soldados se revoltaram, e mataram Elagábalos e sua mãe em março de 222 d.C.

ELIANO (*Aelianus*) (aprox. 170-235 d.C.), escritor.

Cláudio Eliano ensinou retórica em Roma; sabe-se que ocupou um cargo de sacerdote em Preneste. De seus trabalhos (em grego) que permaneceram, os mais importantes são: *De natura animalium* (*Sobre a natureza dos animais*) e *Varia historia* (*Historia variada* — sobre a natureza humana e a história). Suas idéias filosóficas derivam do estoicismo e enfatizam o conceito de razão universal.

ÉLIO CÉSAR, LÚCIO (*Aelius Caesar, Lucius*), cônsul, 136 e 137 d.C.

Busto de Lúcio Élio César.



Descendente de ilustre família senatorial que começou a atingir preeminência no reinado de *Vespasiano, Lúcio Cônio Cômmodo era filho do cônsul do ano 106. No ano de seu próprio consulado, foi adotado por *Adriano como seu filho e sucessor (ao mesmo tempo, sua filha Fábia ficou noiva do jovem *Marco Aurélio). Adotou o nome de *Lúcio Élio César, foi designado cônsul para o ano 137 e recebeu o privilégio do poder tribunicio. Foi então enviado ao Danúbio com responsabilidades militares, como treinamento para o poder imperial que deveria assumir. Voltou a Roma no inverno de 137, ficou doente na véspera do ano-novo e morreu em janeiro de 138, talvez de tuberculose.

EMILIANO (*Aemilianus*), imperador, 253 d.C.

Como governador da Mésia Inferior, em 253, Marco Emílio (Marcus Aemilius Aemilianus) conseguiu acabar com a devastação provocada pelos godos, e foi proclamado imperador por suas tropas. Marchou imediatamente para a Itália, encontrou *Treboniano Galo desprevenido e o matou em batalha. Cerca de três meses mais tarde, foi assassinado enquanto marchava para o norte, a fim de sufocar a rebelião de *Valeriano.

ÊNIO (*Ennius*) (239-169(?) a.C.), poeta épico e dramático.

Natural de Rúdias (perto de Lecce), na Calábria, Quinto Ênio alegava ter três corações: um romano, um grego e um oscano. Foi professor em Roma e, mais tarde, seguiu M. Fúlvio *Nóbilior na campanha da Etólia, que ele narrou em *Praetexta* e nos *Annales*, recebendo então a cidadania romana. Sua produção literária foi muito grande e variada, e inclui uma obra filosófica, *Euhemerus*, e uma gastronômica, *Hedyphagetica*. Mais importantes foram as vinte e poucas tragédias e os *Annales*, que narravam em hexâmetros a história romana, desde Enéias até 171 a.C., com ênfase no período da Segunda Guerra Púnica. Uma parte substancial dessa obra sobreviveu, atestando sua popularidade duradoura e revelando seu esplêndido domínio do metro e da linguagem.

EPIFÂNIO, SANTO (*Epiphanius*), bispo de Salamina, 367-403 d.C.

Nascido na Palestina (310/320 d.C.),

Epifânio tornou-se monge e, em 367, bispo de Salamina, na ilha de Chipre (*Cyprus*). Passou toda a sua longa vida lutando contra as here-sias, oitenta das quais estão catalogadas no *Arca de mágicas* (374/377). Era fanaticamente hostil à filosofia grega e a *Orígenes (por ser considerado o inspirador do *arianismo).

EPITETO ou EPICTETO (*Epictetus*) (aprox. 55-135 d.C.), filósofo.

Filósofo estoíco de Hierápolis, na Frígia, Epiteto foi escravo de Epafrodito, por sua vez liberto de *Nero, bem como amigo e discípulo de *Musônio Rufo. Ensinou filosofia em Roma, até que teve de abandonar a cidade quando *Domiciano banuiu os filósofos (92/93 d.C.). Mudou-se então para Nicópolis, no Épiro, onde foi professor até sua morte. Seus ensinamentos, que provavelmente influenciaram *Marco Aurélio, dão ênfase à unidade e à ordem do universo como manifestação da divina providência. Seus trabalhos sobreviveram, em parte, numa coleção feita por seu aluno *Arriano em oito livros de *Discursos* (dos quais restaram quatro) e um *Manual*.

ÉPRIO MARCELO (*Eprius Marcellus*), cônsul, 60/68 e 74 d.C.

Apesar de sua origem humilde e muito pobre, Tito Clódio Éprio Marcelo foi um notável orador forense, cujos talentos foram usados por *Nero contra *Trásea Peto, no ano 66. Isso e sua posição pró-Senado puseram-no em freqüente conflito com *Helvídio

Prisco; mas foi útil para *Vespasiano, como o havia sido para Nero, e obteve poder e riquezas. Mesmo assim, em 79 d.C. conspirou contra Vespasiano, em circunstâncias que permaneceram obscuras, e cometeu suicídio.

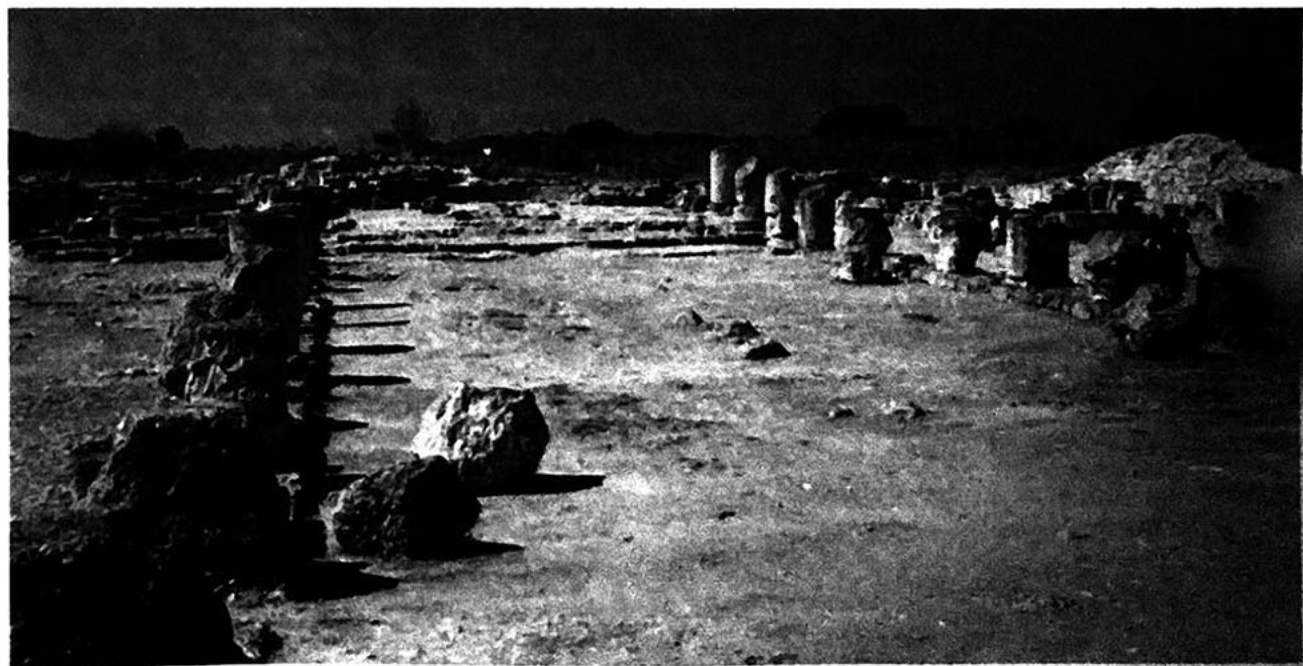
ERÚCIO CLARO (*Erucius Clarus*), cônsul, 117(?) e 146 d.C.

Sobrinho de Setício Claro, que fora prefeito pretoriano no início do reinado de *Adriano, Sexto Erúcio Claro dependeu, no começo de sua carreira, da amizade e do patrocínio de *Plínio, o Jovem. Foi legado durante a guerra de *Trajano contra os partos (114-117 d.C.) e capturou Selêucia, às margens do rio Tigre. No período entre seus consulados, ocupou o cargo de prefeito urbano. *Frontão afirmava que Erúcio estava entre os mais ilustres senadores, e Aulo *Gélio o considerava um amante da literatura.

ESCAURO, MARCO EMÍLIO (*Scaurus, Marcus Aemilius*), cônsul, 115 a.C.

Membro conservador do Senado, de imensa influência no período entre 120 e 90 a.C., Escauro foi protegido inicialmente pelos *Metelos, mas ascendeu a altos cargos políticos e à liderança da facção deles no Senado. Durante seu consulado (115), obteve um triunfo por suas vitórias na Ligúria e, surpreendentemente, foi eleito presidente do Senado

Catedral de Santo Epifânio, em Salamina (Chipre): século IV d.C.



pelos censores, em circunstâncias que permanecem obscuras. A partir de 117 a.C., foi um constante opositor dos partidários de *Jugurta no Senado, e em 112 liderou uma embaixada à Numídia que amedrontou Jugurta, mas não chegou a impedir sua agressão. Quando a guerra foi declarada, no ano seguinte, Escauro serviu como legado na África. Sua atuação contra Jugurta permitiu-lhe acompanhar a maioria popular e ser nomeado presidente da *quaestio* (inquérito) de *Mamílio, em 109, ano em que se tornou censor. Sua verdadeira postura conservadora ficou patente no ano 100 a.C., quando propôs o decreto senatorial de emergência que deu poderes a *Mário (então cônsul) para combater *Saturnino e seus partidários. Pouco antes de sua morte, prestou apoio a M. Lívio *Druso(2) no ano 91 a.C., mas provavelmente cerrou fileiras com a instituição senatorial na questão dos direitos de cidadania dos italianos.

ESCRIBONIANO (*Scribonianus*), conspirador, 42 d.C.

Lúcio Arúncio Camilo Escriboniano pertencia, por nascimento, à família dos Fúrios, o que lhe dava mais peso político do que sua família adotiva. Isso explica por que Ânio *Viniciano o escolheu como sucessor de *Cláudio durante a revolta de 42 d.C., quando Escriboniano era governador da Dalmácia. O exército, entretanto, permaneceu leal ao imperador, e um soldado comum, chamado Volagínio, matou o pretendente ao trono.

ESCRIBÔNIO LIBÃO DRUSO (*Scribonius Libo Drusus*), conspirador, 15 d.C.

Marco Escribônio Libão Druso era um jovem de origem nobre, mas dotado de alto grau de burrice, segundo *Sêneca. Foram seus familiares (inclusive a primeira esposa de *Augusto, Escribônia) que transformaram uma intriga leviana contra *Tibério (15 d.C.) num problema sério. Preso em 16 d.C. e condenado por traição, Escribônio suicidou-se.

ESPÁRTACO (*Spartacus*), líder de uma revolta escrava, 74-71 a.C.

Gladiador escravo, originário da Trácia, Espártaco escapou de Cápua em 74 e liderou uma revolta de escravos, que se espalhou rapidamente pelo sul da Itália e assumiu proporções enormes. O exército precário mas habilmente comandado por Espártaco criou

uma séria emergência militar, principalmente quando os rebeldes decidiram se enriquecer através de pilhagens, ao invés de fugir para o norte. Espártaco derrotou uma série de comandantes romanos, inclusive os dois cônsules do ano 72, mas foi posteriormente derrotado por um grande exército comandado por *Crasso, e a rebelião foi esmagada. Figura heróica, Espártaco foi idealizado tanto por seus contemporâneos quanto pela posteridade.

ESTÁCIO (*Stattius*) (40/45-aprox. 96 d.C.), poeta.

Filho de um professor napolitano de sucesso (*Silv.* v. 3), e tendo ganho com um panegírico um dos concursos de *Domiciano, Públio Papínio Estácio foi um escritor bem-relacionado e bem-estabelecido. Seus trabalhos que sobreviveram são: 1) *Tebaida*, publicado por volta de 91 d.C.: doze livros de hexâmetros sobre o conflito entre Etéocles e Polínice. Estácio tenta registrar o bizarro e o patético e busca efeitos retóricos em um épico considerado, por seus admiradores, ora como "barroco", ora como "maneirista". 2) *Aquileida*: o segundo livro ficou incompleto por causa da morte do autor. 3) *Silvæ*: cinco livros escritos em métricas variadas, com prefácio em prosa; foram compostos no período entre 92 e o ano da morte do poeta. Coletânea de trinta e dois poemas sobre assuntos diversos que retoma a poesia casual e cortesã num altíssimo nível. Os leitores que conseguem perdoar a subserviência de Estácio identificam sua grande capacidade de criação, seus conhecimentos pertinentes e sua habilidade nas descrições.

ESTÁCIO PRISCO (*Stattius Priscus*), cônsul, 159 d.C.

Originário de uma família de equestres, Marco Estácio Prisco foi importante general durante o reinado de *Marco Aurélio; foi governador da Dácia, da Mésia, da Bretanha (161/162) e da Capadócia. No ano 163, durante a guerra contra os partos, obteve importante vitória na Armênia, graças à qual Lúcio *Vero assumiu o sobrenome "Armênio".

ESTATÍLIO TAURO (*Statilius Taurus*), cônsul, 37 e 25 a.C.

Nesse período, um segundo consulado e um triunfo (na África, 33 a.C.) eram feitos estonteantes para um homem novo (*novus*

homo). Tito Estatílio Tauro conseguiu-o graças a seu apoio a Otaviano, na Dalmácia e em Áccio. Ocupando o posto de general no noroeste da Espanha, auxiliou *Augusto a consolidar a paz na região. Ficou também conhecido por construir um anfiteatro em Roma, o único que teve alguma duração antes do Coliseu. Em 16 a.C., enquanto Augusto estava na Gália, Estatílio foi encarregado dos negócios em Roma e, embora já fosse velho, saiu-se bem melhor que *Messala Corvino, em 26. Foi o fundador de uma família ilustre, que gerou mais tarde quatro côsules, e a terceira esposa de *Nero, Estatília *Messalina.

ESTILICÃO (*Stilicho*), comandante dos soldados, 394-408 d.C.

Flávio Estilício, meio vândalo por nascimento, governou o Império Ocidental no início do reinado de *Honório. Havia sido promovido pelo pai de Honório, *Teodósio I, e casara-se com a sobrinha deste, Serena, por volta de 384; posteriormente, estreitou mais suas relações com a família imperial, casando sua filha com Honório. Depois da vitória de Teodósio sobre *Eugênio, em 394, Estilício tornou-se comandante-em-chefe e, após a morte de seu patrono, alegou ter sido designado como guardião não apenas de Honório, como também de seu irmão mais velho, *Arcádio. Essa alegação dividiu as duas cortes imperiais, e em 397 Estilício foi declarado inimigo público em Constantinopla. Por duas vezes, tentou validar sua pretensão: inicialmente (397), intervindo na Grécia (sem sucesso) contra *Alarico e seus visigodos; e mais tarde (407), tentando estabelecer um acordo com Alarico para anexar a Ilíria oriental. Esse último plano fracassou devido às notícias da invasão da Gália e da sua usurpação por *Constantino (III), o que levou Estilício a pedir ao Senado que tentasse subornar Alarico, que agora ameaçava a Itália. Esse último fato deu a seus oponentes a oportunidade de levantar acusações de traição; em 408, as tropas se revoltaram contra os oficiais de Estilício, e ele próprio foi preso e executado (22 de agosto de 408). Sua cooperação com Alarico, nos últimos anos, fê-lo passar por traidor aos olhos de muitos, mas



Estilício: painel direito de díptico de márfin de aprox. 400 d.C. Monza, Tesouro da Catedral.

ele havia derrotado os godos na invasão da Itália de 401-402, e sua vivacidade para negociar afastou por algum tempo os desastres que assolaram a Itália logo depois de sua morte.

ESTOLÃO, CAIO LICÍNIO (*Stolo, Gaius Licinius*), tribuno da plebe, 376-367 a.C.

Em 376 a.C., Licínio e Lúcio Sexto propuseram: 1) que o pagamento de todas as dívidas de mais de três anos fosse calculado apenas com base no capital; 2) que os bens em terras públicas fossem limitados a quinhentos *iugera* (cerca de trezentos e cinqüenta acres) por indivíduo; 3) que o consulado fosse reestruturado, sendo que um dos cônsules passaria a ser sempre um plebeu. Depois de prolongada resistência por parte dos patrícios, estas propostas foram finalmente aprovadas em 367. A extensa narrativa desses acontecimentos contém muitos fatos duvidosos (por exemplo, a "anarquia" de cinco anos), mas, embora no sentido estrito esses plebiscitos não tivessem força legal e seus termos fossem anacrônicos, a agitação provocada por Licínio deve ter se baseado em fatos. Algumas fontes fazem dele o primeiro plebeu a atingir o posto de comandante da cavalaria (368 a.C.); algumas vezes, é identificado como o cônsul de 364, outras, como o do ano 361. Segundo se afirma, Estolão foi condenado por ter violado sua própria lei sobre propriedade de terras (357 a.C.).

ESTRABÃO (*Strabo*) (nascido em aprox. 64 a.C.; instalou-se em Roma em 29 a.C.), geógrafo.

Natural de Amaséia, no Ponto, Estrabão descendia de uma ilustre família local, que apoiara primeiro *Mitridates e depois *Luculo. Estudou em Roma por volta de 44-35, e viajou muito, ainda que seguindo roteiros definidos, "desde o Ponto Euxino até a Etiópia, e da Armênia até a Etrúria" (II, v. 11); com seu patrono Êlio Galo, prefeito do Egito, visitou a Etiópia e a Arábia Félix. Escreveu *Memorandos sobre a história*, em quarenta e sete livros, abrangendo do fim de *Políbio à(?) queda de Alexandria sob o poderio de *Otaviano; escreveu ainda dezessete livros sobre geografia — que foram preservados, mas que incluem vários fatos históricos e etnográficos, lendas e antiguidades, sempre com o fito de esclarecer os homens públicos.

EUDÓCIA (*Eudocia*) (falecida em 460 d.C.), imperatriz do Oriente, 421-441/442 d.C.

Élia Eudócia, esposa do imperador oriental *Teodósio II (7 de junho de 421), aliava a piedade cristã à cultura clássica. Era filha de um letrado ateniense, e tinha algum talento (poucos versos seus sobreviveram). Depois de se tornar augusta em 423, adquiriu situação igual à de sua dominadora cunhada *Pulquéria, com quem sempre manteve relações tensas. Eudócia fez uma peregrinação à Terra Santa em 438-439 d.C., e trouxe consigo as relíquias de Santo Estêvão; pouco depois, foi afastada da vida da corte (441/442?) e exilada, provavelmente por adultério. Passou o resto de sua vida em Jerusalém, onde morreu em 20 de outubro de 460 d.C.; foi enterrada na Basílica de Santo Estêvão, que ela própria fundara.

EUDÓXIA (*Eudoxia*), imperatriz do Oriente, 395-404 d.C.

Élia Eudóxia era a bela filha do general de origem franca, Bauto (cônsul em 385 d.C.), com quem o eunuco *Eutrópio(2) induziu *Arcádio a se casar (em 27 de abril de 395). Enérgica e irascível, ela dominou seu apático marido (tornando-se augusta em 9 de janeiro de 400), e debilitou a influência de Eutrópio.



Moeda de ouro (sólido) da imperatriz Eudóxia.

Era católica devota e incentivou a destruição do paganismo em Gaza, permitindo que o bispo Porfírio submetesse uma petição a seu filho *Teodósio I (nascido em abril de 401 d.C.), por ocasião de seu batismo. Sua admiração por São *João Crisóstomo transformou-se em ressentimento quando ele começou a denunciar a luxúria, o que ela tomou como um ataque à sua pessoa; permitiu, assim, que ele fosse deposto e exilado (404 d.C.). Eudó-

xia morreu pouco depois (9 de outubro de 404 d.C.), devido a um aborto accidental.

EUGÊNIO (*Eugenius*), usurpador no Ocidente, 392-394 d.C.

Flávio Eugênio foi proclamado imperador por *Arbogaste, para substituir *Valentiniano II, uma vez que era um político respeitável mas pouco importante: oficial de posto intermediário, ex-professor de retórica e indicado por *Símaco a *Ricomero, tio de Arbogaste. Embora fosse cristão, Eugênio tolerou o renascimento do paganismo em Roma. Quando *Teodósio I invadiu a Itália, ele foi feito prisioneiro e executado (em 6 de setembro de 394 d.C.).



Moeda de ouro (sólido) do usurpador Eugênio, em tamanho ampliado.

ÊUMENES II (*Eumenes*), rei de Pérgamo, 197-159 a.C.

Êumenes sucedeu a seu pai *Átalo I em 197 a.C., e continuou sua política favorável a Roma. Na década de 190, contribuiu para que Roma entrasse em luta com *Antíoco III, e beneficiou-se dos acordos do pós-guerra com uma grande expansão do território de seu reino. Assim, Pérgamo tornou-se poderoso dentro do mundo helênico, mas a posição de Êumenes continuou a ser a de um fantoche de Roma. Na década de 170 a.C., observou, com ciúmes, a crescente influência de *Perseu — um importante rival no mundo grego —, e no ano de 172 fez uma viagem a Roma especialmente para denunciar suas atividades. Foi recebido entusiasticamente pelo Senado (com exceção de *Catão, o Velho), e, com sua intervenção, parece ter colaborado diretamente para que Roma entrasse em guerra. Em 169 a.C., entretanto, quando o resultado da guerra ainda não se definira, Êumenes, misteriosa e tolamente, começou a se corres-

ponder com Perseu, e, como consequência, viu-se privado da boa vontade de Roma. Depois da guerra, o Senado romano humilhou Êumenes, impedindo sua entrada na Itália e transferindo todo o apoio para seu irmão *Átalo (II). Embora permanecesse fiel ao irmão, Átalo passou a governar Pérgamo, junto com Êumenes, até a morte deste, em 159 a.C. *Políbio observa que o prestígio de Êumenes no mundo grego aumentou bastante em função de seu declínio em Roma. Ele defendia o estabelecimento de um centro cultural em Pérgamo.



Moeda de prata (quatro dracmas) de Êumenes II, em tamanho ampliado.

EUNÁPIO (*Eunapius*) (345/346-aprox. 414 d.C.), historiador.

Autor do mais fiel relato grego sobre o século IV d.C. que sobrevive apenas em citações ou referências de historiadores posteriores (principalmente Zósimo, por volta do ano 500), Eunápio estudou literatura em Sardes (sua cidade natal) e em Atenas, voltando depois a Sardes para ensinar retórica. Sua *História* continuou a de *Dexipo (270 d.C.), chegando até a época em que estava sendo escrita, aparentemente a década de 380 d.C.; suas fontes incluem uma descrição de *Juliano por seu médico, *Oribásio; o próprio *Amiano parece ter confrontado seu relato com este. A perspectiva de Eunápio é francamente anticristã, e o tratamento do assunto é retórico, como na obra que se conservou até hoje, as *Vidas dos sofistas* (posteriores a 396 d.C.), narração das vidas "santas" de intelectuais e literatos neoplatônicos. Em 414, Eunápio publicou uma versão moderada da *História*, que estendia a narrativa até o ano 404 d.C.

EURICO (*Euric*), rei dos visigodos, 466-484 d.C.

Eurico tornou-se rei dos visigodos da Aquitânia ao assassinar seu irmão Teodorico II, no ano 466; iniciou imediatamente uma política mais agressiva contra os romanos na Gália, talvez por medo dos francos ao norte e dos burgúndios a leste. Em 469, avançou para o norte, conquistando Bourges e Tours (470 d.C.), e depois voltou-se para sudeste. A Auvergne foi formalmente cedida em 475, apesar da resistência heróica de Clermont, sob o comando de seu bispo Apolinário *Sidônio, e a Provença foi perdida por Roma em 476. Enquanto isso, a expansão de Eurico atingia também o nordeste da Espanha (aprox. 473).

Embora Eurico, sendo um ariano (ver *Ário), tenha perseguido o clero ortodoxo e privado algumas das sés de seus bispos durante muitos anos, também encorajou os oficiais romanos de sua administração, alguns dos quais foram responsáveis pelo código de leis redigido em 476 d.C., ou pouco depois. Seu nome tornou-se conhecido até na Pérsia e, por ocasião de sua morte, em 484, havia liquidado o poder romano na Gália, estabelecendo também as bases do reino visigodo no século VI, na Espanha.

EUSÉBIA (*Eusebia*), imperatriz, aprox. 353-360 d.C.

Segunda esposa de *Constâncio II e protetora de *Juliano, Eusébia, nascida na Tessalônica, era provavelmente filha de um cônsul do ano 347 d.C. Gentil e bem-educada, exerceu influência benéfica sobre Constâncio; persuadiu-o a permitir que Juliano fosse a Atenas em 354. Também apoiou a indicação de Juliano como César (355), e ele lhe escreveu um panegírico. Os irmãos de Eusébia, Eusébio e Hipácio, foram os cônsules do ano 359 d.C.

EUSÉBIO (*Eusebius*), camareiro-mor, 337-361 d.C.

Foi um dos eunucos cujo poder e riqueza, obtidos em função de suas relações com o imperador, eram muito invejados pelo resto da classe governante; mas personagens como ele preenchiam uma função bastante útil no fim do Império, pois ligavam o isolado deus-imperador à corte e ao governo. Eusébio foi um dos mais influentes cortesãos de *Constâncio II. Participava com frequência das in-

trigas, principalmente com relação a *Ursicino e a *Galo César, de quem foi um dos juízes. Era a favor de *Ário e contra *Atanásio. Estava presente no momento da morte de Constâncio (361), mas, em seguida, tornou-se uma das vítimas dos expurgos que iniciaram o reinado de *Juliano; foi executado pela Comissão da Calcedônia. Ver também *Eutério, *Eutrópio(2).

EUSÉBIO DE CESARÉIA (*Eusebius*) (aprox. 260-340 d.C.), historiador da Igreja.

Eusébio, o "pai da história da Igreja", estudou em Cesaréia, na Palestina, com Pânfilo, intelectual origenista (ver *Orígenes), martirizado em 309/310. Eusébio fugiu então para Tiro, e depois para o Egito, onde ficou preso por uns tempos. Tornou-se bispo de Cesaréia por volta de 314, e quando se inflamou a controvérsia sobre o arianismo, por volta de 319 d.C., Eusébio ligou-se ao origenista *Ário e tornou-se um importante ariano moderado, como *Eusébio de Nicomédia. No Concílio de Nicéia, em 325 d.C., tomou posição a favor de um compromisso, mas sem sucesso; foi finalmente persuadido a unir-se à maioria que condenou Ário. No ano de 335, estava no Concílio de Tiro que condenou *Atanásio. Eusébio era amigo de *Constantino, a quem louvou num discurso no jubileu desse mesmo ano. Depois da morte de Constantino (337), Eusébio escreveu um panegírico, *Vida de Constantino*, fonte importante — embora nem sempre confiável — sobre eventos do seu reinado. A obra mais importante de Eusébio é a *História da Igreja*, que abrangia desde os primeiros tempos até os acontecimentos contemporâneos (aprox. 324 d.C.). Nessa obra, ele faz um uso completo, ainda que pouco crítico, de muitos documentos que foram, assim, preservados. O primeiro imperador cristão aparece em sua obra como o ponto culminante da história. *Rufino de Aquiléia traduziu a *História da Igreja* para o latim, e continuou-a de modo a abranger os acontecimentos até o ano 395 d.C. Outros trabalhos de Eusébio incluem: *Preparação para o Evangelho*, que rejeitava a filosofia grega; *Demonstração do Evangelho*, comentários bíblicos baseados no Velho Testamento; *Contra *Hiérocles*; e uma *Crônica* (traduzida para o latim e continuada por *Jerônimo).

EUSÉBIO DE NICOMÉDIA (*Eusebius*), bispo, falecido em 341 d.C.

Político eclesiástico e líder do partido ariano moderado, Eusébio estudou, junto com *Ário, com o mestre *Luciano de Antióquia, antes de tornar-se bispo da capital imperial da Nicomédia, em 323. Quando Ário apelou para ele, Eusébio ampliou a controvérsia sobre o arianismo em uma luta mais ampla da Igreja, apoiado por sanções imperiais. Vencido em sua estratégia e exilado depois do Concílio de Nicéia (325), foi chamado de volta em 327/328 e continuou a trabalhar em favor de Ário, contra *Atanásio e seu partido. Tornou-se muito influente junto a *Constantino, que ele batizou em seu leito de morte (337), e depois junto a *Constâncio II, sendo consagrado bispo de Constantinopla em 337 d.C. Desse ano até sua morte, foi mentor do jovem imperador.

EUSTÁTIO (*Eustathius*) (aprox. 300-aprox. 377 d.C.), bispo de Sebástia.

Aluno de *Ário durante algum tempo, defensor moderado do arianismo, mais tarde um herético que discutia a divindade do Espírito Santo, Eustácio tornou-se bispo de Sebástia, no Ponto, por volta de 357. Pioneiro do movimento monástico na Ásia Menor (mas de opiniões extremadas, como por exemplo a condenação do casamento e dos padres casados, denunciada pelo Concílio de Gangra, por volta de 345), foi um dos que mais influenciou São *Basílio.

EUSTÓQUIA, SANTA JÚLIA (*Eustochium, Julia*), freira (370-418/419 d.C.).

Eustóquia, cujos pais alegavam ser descendentes de Enéias e dos *Cipiões, foi uma figura central entre os patronos aristocráticos de São *Jerônimo. Ela e sua cunhada Leta receberam tratados importantes sobre os deveres e a educação de uma freira; São Pamáquio, o senador que se tornou monge, era seu cunhado, e o líder pagão *Pretextato era seu tio pelo casamento. A morte de sua irmã Blesila, que seguia o regime ascético de São Jerônimo, fez com que este fosse forçado a deixar Roma (385), no que foi seguido por Eustóquia e Santa Paula, sua mãe. Paula fundou o monastério de Jerônimo, em Belém, e um convento que Eustóquia dirigiu depois da morte de sua mãe (404).

EUTÉRIO (*Eutherius*), camareiro-mor, 356-360 d.C.

Armênio, capturado e castrado ainda menino, vendido a mercadores romanos, Eutério serviu nas cortes de *Constantino e *Constante, antes de ser nomeado camareiro-mor de *Juliano César, na Gália. Juliano usou-o como enviado confidencial. Pagão de notável honradez e inteligência, Eutério é um exemplo do "bom" eunuco (em contraste com *Eusébio). Duas travessas de prata do Tesouro Mildenhall trazem o nome Eutério, e podem ter pertencido a ele.



Tesouro de Mildenhall: exemplar de um par de travessas de prata, cada uma com um sátiro e uma mênade que dançam, e no verso das quais se lia o nome de Eutério (século IV d.C.); provavelmente parte de um conjunto com travessa grande. Londres, Museu Britânico.

EUTIQUEIANO (*Eutychianus*), ator, início do século III d.C.

Públio (Marco?) Valério Comázon Eutiquiano foi autor de um plano secreto, em 218 d.C., que levou *Elagábalos a vestir roupas emprestadas e fingir ser o filho bastardo de *Caracala. As tropas sírias, descontentes com o governo de *Macrino, proclamaram Elagábalos imperador.

EUTRÓPIO(1) (*Eutropius*), historiador; cônsul em 387 d.C.

Autor de uma *Síntese da história romana*

(até 364 d.C.), que subsiste ainda e cujo estilo — simples e muito claro — fez dela, durante séculos, um livro de textos para os iniciantes do estudo do latim, Eutrópio era gaulês, provavelmente de Bordeaux, e trabalhou no Oriente. Escreveu a *Síntese* quando diretor dos redatores públicos na corte de *Valente; em 371/372 governou a Ásia, mas foi forçado, por seu sucessor *Festo, a se aposentar. Logo depois da ascensão de *Teodósio I, foi nomeado prefeito pretoriano da Ilíria (380-381).

EUTRÓPIO(2) (*Eutropius*), camareiro-mor, 395-399 d.C.

Eutrópio foi o primeiro (e único) eunuco a se tornar cônsul (399). Essa foi praticamente a única acusação substancial levantada por *Claudio na "mais cruel invectiva de toda a literatura antiga". Eutrópio era um escravo armênio(?) castrado que se tornou um dos camareiros de *Teodósio I; suplantou *Rufino ao induzir *Arcádio a casar-se com *Eudóxia (abril de 395 d.C.), e, depois do assassinato de Rufino (novembro de 395), dominou Arcádio "como a um carneiro". Após derrotar pessoalmente os hunos na fronteira do leste, ocupou o consulado em 399, o que causou péssima impressão, fatos de que se valeu *Estilício. No verão desse ano, tendo Eudóxia solapado sua influência junto a Arcádio, Eutrópio caiu em desgraça quando um general rebelde exigiu seu afastamento do cargo. Foi exilado e logo chamado de volta para ser executado.

FABIANO (*Fabianus*), bispo de Roma, 226-250 d.C.

Bispo empreendedor, Fabiano se celebrou por ter dividido Roma em sete distritos, para fins administrativos, e por ter reorganizado a atividade caritativa do clero. Foi martirizado em 250 d.C., durante a perseguição ordenada por *Décio.

FÁBIO BUTEÃO, MARCO (*Fabius Buteo, Marcus*), cônsul em 245 a.C.; censor em 241 a.C.

Em 218 a.C., na condição de senador mais idoso, Fábio chefiou uma delegação ao Senado cartaginês para exigir a extradição de *Aníbal. A rejeição desse ultimato provocou

a dramática declaração de guerra de Fábio: agarrando as pregas de sua toga, ele anunciou que nelas estavam contidas a paz e a guerra (*Políbio, 3, 33, 1 e segs.). *Lívio, erroneamente, cita o episódio como se houvesse ocorrido com Q. *Fábio Máximo ("Cuntátor").

FÁBIO MÁXIMO RULIANO, QUINTO (*Fabius Maximus Rulianus, Quintus*), cônsul em 322, 310, 308, 297 e 295 a.C.

Famoso por ter derrotado os samnitas quando era comandante da cavalaria, num desafio a L. *Papírio Cúrsor (325 a.C.), Fábio lutou na Etrúria e em Sâmnio durante seus cinco consulados. Como ditador, em 315 a.C. (*Diodoro atribui a ele outra ditadura em 313 a.C.), sofreu pesada derrota frente aos samnitas em Láutulas. Sua vitória mais importante (na qual foi auxiliado por P. *Décio Mure(2), seu colega nos últimos três consulados) foi contra os gauleses e seus aliados, em Sentino (295). Quando ocupavam o cargo de censor (304), ele e Décio impuseram restrições à participação das tribos rurais como membros da sociedade romana. Seu retrato tem sido elaborado, de modo duvidoso, com base no modelo de Q. *Fábio Máximo "Cuntátor" (ver também Ap. *Cláudio Ceco). As pinturas de seu túmulo no monte Esquilo provavelmente representam episódios de sua carreira.

FÁBIO MÁXIMO VERRUCOSO, QUINTO ("CUNTÁTOR") (*Fabius Maximus Verrucosus, Quintus* — *Cuntactor*), cônsul, 233 a.C., etc.

Último dos grandes Fábios, Fábio Máximo só obteve destaque em 217 a.C., quando, depois dos cinquenta anos, foi eleito ditador para enfrentar uma emergência militar, consequência da derrota e morte de C. Flamínio na Etrúria. Bem antes, quando era cônsul (233 a.C.), havia merecido um triunfo por sua campanha contra a Ligúria; mais tarde já como ilustre dignitário da aristocracia romana, havia se oposto à reação agressiva de Flamínio contra a invasão de *Aníbal, aconselhando, ao contrário, uma estratégia de defesa, que excluía batalhas campais. Seu conselho foi confirmado pela derrota de Flamínio, e como ditador, durante o resto do ano 217, pôde colocá-lo em prática. Ele compreendia bem que a força de Roma repousava em seu po-

tencial humano superior e na lealdade dos aliados italianos, e que o exército comparativamente pequeno de Aníbal podia ser cercado e neutralizado sem que se arriscasse uma batalha maior. Foi por essa estratégia que recebeu o apelido de cuntátor ("aquele que adia ou protela"), e acabou permitindo que Roma sobrevivesse à invasão de Aníbal. No início, a estratégia de Fábio era pouco popular, e houve até uma reação contra ela, que terminou com a derrota de *Varrão e *Paulo(1), em Canas. Em seguida, Fábio foi eleito para três consulados, e sua principal façanha foi a captura de Tarento em 209 a.C., o que lhe valeu novo triunfo. Entretanto, os sucessos de Roma, por volta do ano 206, foram tais que a política de Fábio foi eclipsada, e ele passou a ser considerado excessivamente cauteloso. Fábio liderou a oposição a *Cipião Africano e à sua expedição de 205 a.C., tentando sem sucesso chamá-lo de volta ou substituí-lo. Morreu em 203 a.C.

FABRÍCIO LUSCINO, CAIO (*Fabricius Luscinus, Gaius*), cônsul, 282 e 278 a.C.

Homem novo (*novus homo*), Fabrício ajudou a cidade de Túrio contra seus vizinhos itálicos, lutou na campanha contra os samnitas (282 a.C.), negociou com *Pirro (280 ou 279) e lutou contra os aliados itálicos deste (278). Conforme a opinião geral, foi um censor moralista (275), e sua retidão e caráter incorruptível tornaram-se lendários.

FÂNIA (*Fannia*), meados do século I d.C.

Como filha de *Trásea Peto e da jovem *Árria, neta de Cecina Peto, esposa de *Helvídio Prisco, o Velho, e madrastra de seu filho de mesmo nome, Helvídio Prisco, Fânia liderou esse grupo dissidente com atitudes próprias, o que lhe valeu vários exílios. Assim como Árria, Fânia voltou para Roma depois da morte de *Domiciano.

FAUSTA (*Fausta*), imperatriz, 307-326 d.C.

Flávia Máxima Fausta, filha do imperador *Maximiano e de Eutróbia, nasceu e foi criada em Roma, assim como seu irmão *Maxêncio. Em 307, casou-se com *Constantino para consolidar uma aliança de família e depois revelou a ele a conspiração de Maximiano. Teve três filhos: *Constantino II, *Constâncio II e *Constante, e foi madrastra de *Crispo. Em 326 d.C., pouco depois da

execução de Crispo, Fausta foi morta em Roma, presumivelmente por afogamento em uma banheira superaquecida, sob a acusação de adultério com um oficial do palácio.

FAUSTINA I (*Faustina*), imperatriz, 138-140/141 d.C.

Filha de Marco *Ânio Vero e Rupília Faustina, Ânia Galéria Faustina foi esposa de *Antonino Pio, com quem se casou por volta de 110 d.C. Teve quatro filhos, dos quais três já haviam morrido quando Antonino tornou-se imperador (a quarta criança, *Faustina II, casou-se com *Marco Aurélio). Depois da ascensão de Antonino, Faustina recebeu o título de augusta, mas morreu ainda no início do reinado (140 ou 141). Afirma-se que Antonino era muito dedicado a ela; depois de sua morte, foi construído um templo em sua homenagem, próximo ao Fórum, e, quando Antonino morreu, o templo passou a chamar-se Templo de Antonino e Faustina. Sabe-se pouco de sua personalidade, mas sua franqueza e sua alegria de viver foram lembradas.



Retrato de Faustina I: molde de entalhe em lápis-lazúli.

FAUSTINA II (*Faustina*), imperatriz, 161-176 d.C.

Filha de *Antonino Pio e de *Faustina I, Ânia Galéria Faustina estava prometida a

Lúcio *Vero no fim do reinado de *Adriano, mas, após a morte do imperador, os acordos mudaram e ela foi prometida a *Marco Aurélio. Faustina e Marco Aurélio casaram-se em 145, e ela teve doze filhos (talvez treze). Estava com Marco Aurélio no Oriente quando morreu, mais ou menos com quarenta anos (176), numa pequena vila no sopé do monte Tauro, que recebeu o nome de Faustinópolis em sua honra. Os senadores votaram a favor de sua deificação. As fontes antigas registram uma grande quantidade de boatos sobre suas supostas infidelidades. Considerava-se que ela tinha preferência por gladiadores, e há referência sobre um caso seu com o usurpador *Avídio Cássio.



Retrato de Faustina II: molde de um entalhe em cornalina.

FAVÔNIO EULÓGIO (*Favonius Eulogius*), retórico, séculos IV e V d.C.

Favônio Eulógio estudou retórica com Santo *Agostinho em Cartago, entre 375 e 383 d.C., e depois tornou-se professor municipal de retórica na mesma cidade (384/387); escreveu um pequeno tratado, o *Debate sobre o sonho de Cipião* (388/426), que discutia questões aritmológicas e a harmonia celeste, e que influenciou o trabalho posterior de *Macróbio Capela e o de *Marciano Capela.

FAVORINO (*Favorinus*) (aprox. 80-aprox. 150 d.C.), sofista.

Nascido em Arles no início da década de 80, eunuco congênito, Favorino recebeu educação grega em Marselha, e tornou-se um dos principais sofistas e retóricos da primeira metade do século II. Trabalhou principalmente em grego, fez conferências em Atenas, Corinto, em cidades da Ásia (tinha uma ligação particular com Éfeso), e ensinou *Herodes Ático, Aulo *Gélio e *Frontão. Foi membro do círculo de *Adriano e recebeu título eqüestre, mas caiu em desgraça por volta de 130 d.C., sendo exilado em Quios. *Antonino Pio permitiu que Favorino voltasse a Roma, onde morreu, durante seu reinado. Esteve envolvido em uma famosa rivalidade com *Polemão de Esmirna. São conhecidos quase trinta títulos de suas obras, que compreendiam discursos com conteúdo filosófico, mais duas miscelâneas. Dois discursos sobreviveram na coleção de obras de *Dião Crisóstomo (37, 64), e um terceiro em papiro.

FEDRO (*Phaedrus*), fabulista, viveu na era de Augusto.

Fedro era liberto de *Augusto, talvez originário da Macedônia. Foi acusado por *Sejano (III, *prol.*, 41 e segs.) — antes, portanto, de 31 d.C. — por supostas implicações subversivas em algumas de suas fábulas (I, *prol.*, 5 e segs.), mas sobreviveu. Sofreu também críticas de literatos pela banalidade e pouca importância de suas fábulas (IV, 7, 1 e segs.). Sobreviveram cinco livros incompletos de fábulas, escritas em versos iâmbicos de seis pés, concisas, humorísticas, algumas vezes obscuras e também satíricas.

FÉLIX ou FELÍCIO (*Felix*), governador da Judéia, 52-55/60 d.C.

Escravo liberto de *Antônia, Marco Antônio Félix deveu sua influência, e o fato de ter sido perdoado de um castigo por opressão, a seu irmão *Palante. Seu governo na Judéia foi prejudicado por sua falta de tato, sua corrupção e sua severidade; era famoso por suas ligações com a realeza oriental. São *Paulo foi levado a julgamento durante seu governo (Atos, 23, 24). A data em que foi chamado de volta a Roma e processado por corrupção é incerta, provavelmente 55/56 ou 60 d.C.

FÊNIO RUFO (*Faenius Rufus*), prefeito pretoriano, 62-65 d.C.

Lúcio Fênio Rufo, como comissário do suprimento de trigo (55 a 62 d.C.), notabilizou-se por não ter auferido nenhum lucro. No ano 62, tornou-se prefeito pretoriano juntamente com *Tigelino, mas sua amizade com *Agripina lhe foi muito prejudicial. Rufo aderiu à conspiração de Caio Calpúrnio *Pisão, e foi executado.

FESTO (*Festus*) (falecido em 380 d.C.), historiador.

Festo foi o autor de um *Resumo* da história romana, publicado por volta de 369 d.C., quando era diretor dos redatores públicos na corte de *Valente. O resumo, que sobreviveu, inclui um breve relato sobre a conquista das várias províncias e as guerras entre Roma e Pártia/Pérsia. Era advogado em Trento e trabalhou no Oriente; de 372 a 378 governou a Ásia, perseguindo intelectuais pagãos, como *Máximo de Éfeso e seu predecessor *Eutrópio.

FESTO, PÓRCIO (*Festus, Porcius*), governador da Judéia, aprox. 60-62 d.C.

Pórcio Festo sucedeu a *Félix, que deixara sem solução o caso São *Paulo (Atos, 24). *Josefo lembra sua vigorosa ação contra os salteadores. A data de seu governo é incerta (ver *Félix).

FILÃO, O JUDEU (*Philo Judaeus*) (aprox. 30 a.C.-45 d.C.), polemista.

Filão, chamado o Judeu, descendia de uma importante família de Alexandria, e era tio de *Tibério Alexandre. Representou o ápice cultural do judaísmo em Alexandria; usava a língua grega, e parece não ter tido conhecimento do hebreu. Em 39-40, foi enviado a Roma com a missão de discutir a perseguição dos judeus por Flaco, prefeito do Egito, e a recusa dos judeus em participar do culto ao imperador. Foi autor prolífico: a parte principal de seus trabalhos foi preservada, mas, em alguns casos, nas versões em latim ou em armênio. Teve importância excepcional por seus comentários sobre a filosofia judaica para o mundo helênico e, para os apologistas cristãos, por suas discussões sobre lealdade e perseguição, contidas principalmente nas obras *Contra Flaco* e *A missão junto a *Calígula*, do tempo de *Cláudio.

FILIFE I, O ÁRABE (*Philippus*), imperador, 244-249 d.C.

Marco Júlio Filife era árabe por nascimento, mas o início de sua vida é obscuro. Tornou-se prefeito pretoriano após a morte de *Timesíteo, e imperador depois do assassinato de *Gordiano III, no início de 244.



Moeda de prata de Filife, o Árabe, em que se comemoram os jogos.

Logo em seguida indicou seu filho, *Filipe II, para o cargo de César, e, abandonando a campanha contra os persas, voltou rapidamente para Roma. Em 246, realizou campanhas no Danúbio com sucesso. Em 247, fez seu filho Augusto, e em 248 promoveu os últimos Jogos Seculares de Roma. Uma série de usur-

Busto de Filife, o Árabe. Roma, Museu do Vaticano.



pações abalou sua confiança, e *Décio foi indicado para enfrentar a situação no Danúbio. Em 249, as tropas proclamaram Décio imperador, e Filipe foi derrotado na batalha contra ele; após sua morte, a guarda pretoriana, em Roma, assassinou seu filho.

FILIFE II (*Philippus*), César em 244 d.C.; Augusto em 247 d.C.

Júlio Severo Filipe foi nomeado César por seu pai, *Filipe I, em 244, com a idade de sete anos; tornou-se Augusto em 247. A guarda pretoriana matou-o, depois que seu pai morreu na luta contra *Décio (249).

FILIFE V (*Philippus*), rei da Macedônia, 221-179 a.C.

Monarca jovem e ambicioso, Filipe foi persuadido por *Demétrio de Faro a tirar vantagem dos sucessos de *Aníbal na Itália, atacando o protetorado romano da Ilíria. O tratado secreto de mútua assistência, que firmou em 215 com Aníbal, acabou sendo denunciado aos romanos, que o consideraram um golpe baixo. O Senado enviou *Levino, e mais tarde Sulpício *Galba, contra Filipe, mas confiou principalmente a seus aliados etolianos a tarefa de neutralizá-lo até 205, quando foi assinado um tratado de paz que lhe era favorável. Em 203/202 a.C., Filipe parece ter concluído um acordo ineficaz com *Antíoco III para dividir as possessões ptolemaicas; ao mesmo tempo, iniciou um programa agressivo de expansão pelo Egeu. Em fins de 201, o Senado romano convencer-se de que Filipe representava uma ameaça, e declarou guerra contra ele. Na Segunda Guerra Macedônica (200-197 a.C.), Filipe foi derrotado por *Flaminio no desfiladeiro das Ci-

nocéfalas, teve seu território diminuído e tornou-se um aliado de Roma. Cooperou, então, com *Glabrião e outros comandantes romanos contra Antíoco III (191-189), e retomou alguns dos territórios que perdera. As tentativas que fez em seguida para reforçar a fronteira norte da Macedônia, e para obter uma regeneração demográfica e econômica dentro de seu reino, provocaram queixas dos Estados vizinhos, mais fracos, e suspeitas hostis em Roma. Suas relações deterioraram durante a década de 180, exacerbadas pela tentativa de Roma de obter a lealdade de *Demétrio, filho mais moço de Filipe. Acredita-se que Filipe estava planejando outra guerra contra Roma quando morreu, em 179 a.C.

FILIFE, FLÁVIO (*Philippus, Flavius*), prefeito pretoriano, 344-351 d.C.

Filho de um fabricante de lingüiça, Filipe aprendeu taquigrafia e tornou-se "notário" no serviço imperial; ascendeu até os postos de prefeito pretoriano do Oriente (344-351) e cônsul (348). Assim como a de *Ablábio, sua carreira ilustra a importância dos cargos burocráticos para a ascensão de homens de talento. *Constâncio II valeu-se dele para implementar sua política pró-Ário; instalou em Constantinopla um bispo ariano, Macedônio, e deportou o bispo ortodoxo Paulo, executando-o mais tarde. Em 351, Filipe foi enviado para junto do usurpador *Magnêncio e falou às tropas, acusando-as de deslealdade para com a dinastia de *Constantino. Magnêncio prendeu-o, e ele morreu logo depois.

FILIFE, LÚCIO MÁRCIO (*Philippus, Lucius Marcius*), cônsul, 91 a.C.

Moeda de prata (denário) de 129 a.C., em que se comemora a influência de Quinto Márcio Filipe na Macedônia.

Protótipo de moeda de Filipe V da Macedônia.



Eminente figura política durante as três primeiras décadas do século I a.C., a sobrevivência de Filipe e sua complexa carreira política podem ser melhor explicadas se o caracterizarmos como “flexível”. Como cônsul, em 91 a.C., liderou a oposição ao tribuno *Druso(2) e revogou várias de suas leis. Sua inclinação fortemente conservadora não o impediu de desempenhar papel fundamental no regime popular de *Cina: foi censor em 86, mas transferiu sua lealdade para *Sila, em 83, no momento exato, e derrotou as forças de *Mário na Sardenha. Depois disso, tornou-se respeitado estadista no Senado renovado da década de 70.

FILIFE, QUINTO MÁRCIO (*Philippus, Quintus Marcius*), cônsul em 186 e 169 a.C.; censor em 164.

Expoente da política oriental de Roma, por sua maneira de conduzi-la, Filipe ganhou a reputação de má fé e desonestidade. Em sua primeira missão (183 a.C.), conseguiu aumentar as suspeitas de *Filipe V contra *Demétrio e minar a posição da Liga da Acaia no Peloponeso. Sua segunda missão na Grécia (172/171) tinha como objetivo assegurar a posição diplomática de Roma às vésperas da Terceira Guerra Macedônica; uma carta (provavelmente sua) em que se faz propaganda contra *Perseu foi preservada. Seu golpe de

mestre foi a conferência em Tempe, durante a qual convenceu Perseu de que a guerra poderia ser evitada através de negociações, conseguindo assim tempo para que Roma se preparasse para a luta. Os senadores tradicionalistas não aprovaram essa “nova ciência” de Filipe, mas eles eram minoria.

Durante seu segundo consulado (169 a.C.), Filipe comandou a primeira campanha bem-sucedida da guerra contra Perseu, mas não conseguiu a vitória. Seus contatos diplomáticos com Rodes e com a Acaia, mantidos durante esse ano, traem sua costureira má fé. Uma de suas vítimas foi exatamente *Políbio, que desse momento em diante tratou Filipe com hostilidade indisfarçável.

FILÓCALO (*Filocalus* ou *Philocalus*), escriba e gravador, segunda metade do século IV d.C.

Fúrio Dionísio Filócalo celebrou-se principalmente como o escriba do *Calendário de 354*, "diário" profusamente ilustrado dos festivais pagãos, acontecimentos oficiais e importantes datas cristãs de Roma, com várias listas e crônicas em apêndice. A obra foi escrita como presente de ano-novo para um famoso cristão, chamado Valentino. Mais tarde, Filócalo gravou vários epigramas, escritos pelo papa *Dâmaso em honra dos mártires.

Calendário de 354 (ou Calendário de Filócalo): 1) à esquerda: frontispício com uma dedicatória a Valentino e o nome do escriba Filócalo. Seu estilo característico de desenho das letras, com serifa "rabo-de-peixe", pode ser identificado também na gra-

vação dos epigramas do papa *Dâmaso; 2) no centro: personificação da cidade de Trier (atualmente na Alemanha Ocidental, na região do Reno; 3) à direita: Sábado, deus patrono de Trier, e suas propriedades astrológicas.





Calendário de 354 (Calendário de Filócalo): personificação dos meses; da esquerda para a direita, fevereiro, março e outubro. Roma, Biblioteca do Vaticano.

FILODEMO DE GÁDARA (*Philodemus*) (aprox. 110-aprox. 40 a.C.), poeta e filósofo epicurista.

Filodemo tornou-se cliente de *Pisão(1) (aprox. 70 a.C.), bem-sucedido e muito imitado como escritor de epigramas eróticos dos quais sobreviveram cerca de trinta; *Cícero considerava-o dono de uma habilidade pouco ortodoxa para um filósofo epicurista (*In Pisonem*, 70). De seus trabalhos filosóficos, numerosos e abrangentes, embora escritos com aridez, foram conservados inúmeros papiros, ainda não totalmente decifrados; encontravam-se perto de Herculano, na Villa dei Papi, que pertencia provavelmente a Pisão, e não ao próprio Filodemo.

FILOPÊMENE (*Philopoemen*) (falecido em 182 a.C.), general e estadista da Acaia.

O aqueu mais importante de sua geração, Filopêmene foi o herói e o mentor político de *Políbio, que admirava seu espírito conservador e seu patriotismo, e que, de certo modo, superestimava suas realizações. A carreira militar de Filopêmene foi notável, e ele conseguiu expandir a Liga Aqueana até abranger todo o Peloponeso, incluindo Esparta, Messênia e Élide (192-191). Essas realizações se deveram ao vazio de poder criado pela derrota da Macedônia por Roma (197 a.C.), mas Filopêmene nunca aceitou o direito de Roma de intervir nos negócios do Pelopo-

neso. Esquivando-se ao papel de cliente de Roma, insistiu sempre em que a Acaia gozasse de completa independência de ação, como aliada em igualdade de condições. Essa política pouco realista gerou atritos com Roma e preocupações para o Peloponeso, mas granjeou-lhe também o título de "o último dos gregos".

FILOSTÓRGIO (*Philostorgius*) (nascido em aprox. 368 d.C.), historiador da Igreja.

Um dos primeiros historiadores da Igreja, em Constantinopla, que continuaram o trabalho de *Eusébio de Cesaréia, Filostórgio foi admirador do extremista ariano Enômio. Suas simpatias "heréticas" dão colorido à sua *História*, que vai até 425, e explica em parte o fato de sua obra ter sido conservada em fragmentos. Filostórgio baseou-se em fontes excelentes, e seu trabalho é importante principalmente por sua apresentação dos pontos de vista do arianismo e das personalidades que o defenderam.

FILÓSTRATO (*Philostratus*), escritor e sofista, século III d.C.

Originário de uma família de sofistas de Lemnos, Flávio Filóstrato foi um dos membros do assim chamado círculo de *Júlia Domna. Sua obra mais famosa é a *Vida de Apolônio de Tiana* (aprox. 210-220), mas escreveu também *Vidas dos sofistas*, por volta de 238.

FÍMBRIA, CAIO FLÁVIO (*Fimbria, Gaius Flavius*), general, 86-85 a.C.

Um dos mais importantes partidários de

*Cina, e legado do cônsul Lúcio Valério Flaco na Ásia, em 86 a.C., Fímbria usurpou seu comando e obteve rápidos sucessos militares contra *Mitridates, prejudicados pelo exército rival de *Sila. Este promoveu rapidamente a paz com Mitridates, e então voltou-se contra Fímbria, que se suicidou. As duas legiões "fimbrianas" permaneceram no Oriente até 67 a.C.

FÍRMICO MATERNO (*Firmicus Maternus*), astrólogo e polemista cristão, ativo em 334 d.C.

Autor do *Mathesis*, manual latino de astrologia, de pouco valor, e de *Sobre o erro das religiões profanas*, polêmica violentamente antipagã, Júlio Fírmico Materno foi por algum tempo confundido com duas pessoas. Mas o *Mathesis* foi escrito em 334/337, e *Sobre o erro*, em 343/348, depois da conversão do autor ao cristianismo. Nasceu na Sicília, viveu em sua terra natal, trabalhou como advogado e depois se aposentou.

FLACO, MARCO FÚLVIO (*Flaccus, Marcus Fulvius*), cônsul, 125 a.C.

Eminente partidário dos Gracos, Flaco tornou-se, em 130 a.C., membro da comissão agrária formada por Tibério *Graco. Quando as atividades da comissão entraram em conflito com os interesses dos proprietários de terra italianos, Flaco propôs que se usasse, como suborno, a extensão da cidadania romana, causa com a qual se comprometeu em seguida, apaixonadamente. Em 125 a.C., ocupando o cargo de cônsul, não conseguiu promover qualquer legislação mais controversa, por causa de sua nomeação para um comando na Gália. Depois de um triunfo pelas vitórias que obteve, tornou-se, provavelmente, o único ex-cônsul a se candidatar ao cargo inferior de tribuno. Assim, como colega de Caio *Graco em 122 a.C., apoiou o programa de Caio, que incluía sua causa mais importante, a emancipação dos italianos. Flaco morreu em 121 a.C., durante um ataque do cônsul L. *Opímio contra Graco e seus partidários.

FLACO, VÉRRIO (*Flaccus, Verrius*), gramático e lexicógrafo, ativo na era de Augusto.

Marco Vério Flaco foi nomeado por *Augusto tutor de Caio e Lúcio *César. Muitos fragmentos de sua obra *Sobre o significado das palavras* sobreviveram, seja no inesti-

mável léxico de Festo (século II d.C.), seja nas citações de Paulo, o Diácono (século VIII d.C.).

FLAMININO (*Flamininus*), cônsul, 198 a.C.

Tito Quíncio Flaminino foi figura carismática e diplomata muito bem-dotado, que dominou a política oriental de Roma na década de 190 a.C. A combinação de suas qualidades pessoais com o apoio do Senado, substancial mas discreto, levou-o ao consulado em 198, quando tinha trinta anos, e proporcionou-lhe o comando contra *Filipe V. Introduziu na Grécia uma nova política romana (com a qual se tornou pessoalmente identificado), "filo-helênica" e que envolvia a defesa da autonomia local da Grécia. Com essa vantagem diplomática, Flaminino conseguiu vencer militarmente Filipe nas colinas Cinocéfalas (197 a.C.), vitória pela qual, mais tarde, celebrou um triunfo. Bem mais impressionante, entretanto, foi o fato de ele — na condição de romano ainda inexperiente — ter mantido negociações próprias com os poderes gregos. Nos Jogos Ístmicos de 196 a.C., Flaminino anunciou dramaticamente o decreto do Senado segundo o qual todos os gregos deveriam ser livres; como procônsul romano na Grécia, Flaminino tornou-se o foco da gratidão entusiástica do povo grego. As honras excepcionais que lhe foram concedidas incluíam um culto para adorá-lo e a emissão de moedas que traziam seu retrato.

O comando de Flaminino foi prorrogado pela terceira vez em 195 a.C., pois receava-se que *Antíoco III invadisse a Grécia. Flaminino justificou a permanência prolongada das tropas romanas liderando uma campanha aliada contra o impopular *Nábis, de Esparta. Mas, em 194, assegurou a evacuação completa das tropas romanas da Grécia, apesar de uma oposição considerável do Senado. Seu idealismo aparente escondia uma percepção sagaz dos interesses estratégicos de Roma; o filo-helenista ocultava um orgulhoso aristocrata romano, que esperava que os gregos, nominalmente livres, reconhecessem suas obrigações para com seus benfeitores romanos.

Flaminino alcançou grande sucesso diplomático diante dos enviados de Antíoco, numa conferência em Roma, no ano 193 d.C. Em 192, entretanto, como embaixador de Roma na Grécia, descobriu que sua autoridade pessoal era insuficiente para evitar a de-

serção da Etólia ou para reprimir a expansão acaia pelo Peloponeso. A guerra contra Antíoco e a Etólia (191-189) arruinou o acordo de Flaminino com a Grécia, mas justificou sua opinião sobre a autonomia dos gregos. Foi eleito censor em 189 a.C., mas, logo em seguida, sua influência política em Roma diminuiu, talvez devido a ciúmes provocados por sua rápida ascensão e extensa clientela grega. *Políbio nos apresenta uma versão desfavorável de Flaminino, ressaltando seu procedimento sorrateiro e desonesto.

FLAMÍNIO (*Flaminius*), cônsul, 223 e 217 a.C.

Importante patrocinador da expansão romana no norte da Itália, Caio Flamínio destacou-se como o único desafio sério à autoridade do Senado nos cento e cinquenta anos que antecederam o ano de 133 a.C. O apoio popular de amplas bases ajudou-o, durante toda a sua carreira, a combater a constante oposição dos senadores e a atingir posição de destaque em Roma. A tradição histórica posterior classificou-o como um demagogo irresponsável, e tendeu a depreciar suas realizações. A hostilidade e o apoio popular tiveram origem no projeto de lei que ele defendeu enquanto tribuno (232 a.C.); esse projeto distribuía terras públicas de Roma, perto de Rímini, tecnicamente desocupadas, a um grande número de cidadãos romanos. Foi criticado violentamente pelo Senado, e mais tarde, injustamente, acusado de provocar a invasão gaulesa de 225. Em 223 a.C., enquanto cônsul, Flamínio contra-atacou os gauleses através do Pó e, apesar da obstrução do Senado, marcou um tento por seus sucessos.

Quando ocupava o cargo de censor (220 a.C.), Flamínio autorizou a construção do Circo Flamínio, em Roma, e da famosa Via Flamínia, que ligava Roma a Rímini, consolidando assim seus acordos anteriores e ampliando a já considerável influência que exercia nessa área. Flamínio conquistou outra clientela importante na Sicília, pois, em 227, foi o primeiro pretor a governar a província. Sua reputação militar assegurou sua eleição para um segundo consulado (217 a.C.), para que enfrentasse a invasão de *Aníbal, mas Flamínio morreu lutando perto do lago Trasimeno, depois de ter caído, junto com seu exército, numa enorme emboscada preparada por Aníbal.

FLAVIANO, NICÔMACO (*Flavianus, Nicomachus*), prefeito pretoriano, 390-394 d.C.

Como seu grande amigo *Símaco, Vírio Nicômaco Flaviano (334-394 d.C.) era um senador ilustre e um pagão; mas, ao contrário de seu amigo, usou de violência para opor-se ao cristianismo e para ascender na carreira política. Atraiu a atenção de *Teodósio I quando veio para a Itália, em 388: tornou-se primeiro questor, e depois (390), prefeito pretoriano da Itália. Dedicou a Teodósio uma obra histórica, os *Anais* (esta obra perdeu-se). Colaborou com *Arbogaste depois da usurpação de *Eugênio, e permaneceu como cônsul em 394. Depois de celebrar publicamente ritos pagãos em Roma, quando seu filho era prefeito urbano, forçou o exército ocidental a lutar sob a proteção de deuses pagãos. Quando o exército foi derrotado por Teodósio, Flaviano cometeu suicídio.

FLÁVIO, CNEU (*Flavius, Gnæus*), edil, 304 a.C.(?).

Presumivelmente filho de um escravo libertado (ou, segundo algumas fontes, protegido de Ap. *Cláudio Ceco), Flávio publicou as primeiras fórmulas de processo legais e um calendário (que incluía uma lista de cônsules). Quando ocupava o cargo de edil curul (segundo se afirma, em 304 a.C.), dedicou um templo à Concórdia, “duzentos e quatro (?) anos depois da dedicação do Templo Capitolino”.

FLORO, ?PÚBLIO ÂNIO/?JÚLIO (*Florus, ?Publius Annius/ ?Julius*), homem/homens de letras, século (I) II d.C.

Floro foi o autor (sob o império de *Adriano) de um resumo da história romana, retórico e de conteúdo marcadamente imperialista, totalmente extraído de outros autores, em especial de *Lívio. Esse Floro talvez deva ser identificado com Públio Ânio Floro, um africano que visitou Roma no tempo de *Domício, retirou-se para Tarragona e compôs o diálogo “Virgílio é um orador ou um poeta?”, que subsiste em parte. Provavelmente, trata-se também do Ânio Floro que desafiava Adriano em versos espirituosos.

FRAATES IV (*Phraates* ou *Phrahates*), rei da Pártia, aprox. 37-17 a.C.

Do ponto de vista dos partos, Fraates foi um governante de sucesso depois do assassi-

nato da maioria de seus trinta irmãos. Não era um oponente forte dos romanos; em 20 a.C., foi o responsável pela devolução, a *Augusto, dos estandartes capturados em Carras (ver *Crasso).

FRONTÃO (*Fronto*) (aprox. 100-depois(?) de 167 d.C.), homem de letras.

Nativo de Cirta (Numídia), Marco Cornélio Frontão atingiu o posto de cônsul substituto em 143 d.C. Orador famoso (*Minúcio Félix, IX, 6-7, reproduz um fragmento contra os cristãos), de acordo com Cássio *Díão (LXIX, 18), é amplamente descrito como o *magister* (mestre, professor) de *Marco Aurélio e de *Vero. Foi autor copioso, mas apenas fragmentos, principalmente de *Gélio, eram conhecidos até 1815. Nesse ano e em 1823, o cardeal Mai publicou as duas partes de um palimpsesto incompleto e confuso, no qual as folhas estão misturadas, e Frontão aparece no meio de dois outros textos. O palimpsesto contém sua correspondência com Marco Aurélio quando herdeiro e imperador (inclusive cartas do próprio Marco), com Vero e *Antonino Pio e com seus amigos. Evidentemente, a coletânea não é do próprio Frontão, e apareceu postumamente.

Além da correspondência, o palimpsesto também contém fragmentos de outros trabalhos, como cartas trocadas com Marco Aurélio sobre retórica, um prefácio a uma história dos feitos de Vero na guerra contra os partos, "Elogios sobre fumaça e pó", "Sobre a perda de um neto", "Arião", etc. Frontão, homem sentimental e hipocondríaco (sofia de dores generalizadas, dos olhos aos dedos dos pés), tinha tão pouco tempo para a filosofia quanto Marco Aurélio para a linguagem (ed. Loeb, II, pág. 67), mas mesmo assim o tom de cordialidade na correspondência que trocaram é inconfundível. As cartas têm importância histórica limitada, mas a influência da linguagem de *Catão, o Velho, e de Caio *Graco, por exemplo, faz delas um excelente documento sobre o movimento "arcaizante" em Roma.

FRONTINO (*Frontinus*), autor técnico e general; cônsul em 73, 98 e 100 d.C.

Sexto Júlio Frontino distingue-se combatendo *Civile em 70 d.C., e depois subjugando os siluros da Bretanha, em 74-78. O clímax de sua carreira foi atingido durante os rei-

nados de *Nerva e de *Trajano; sua atuação absolutamente sem manchas granjeou-lhe grande respeitabilidade. Fez parte da Comissão de Economia Pública e supervisionou os aquedutos de Roma. Era amigo de *Plínio, que o admirava muito.

As obras de Frontino consistem em: 1. um manual sobre levantamento topográfico, que sobreviveu em fragmentos; 2. um livro sobre a guerra (*De re militari*), que se perdeu, mas a *Strategemata* subsiste (I, pref.; 1, antes da batalha; II, a batalha; III, sítios; IV, de autenticidade duvidosa); 3. *De aquae ductu* (*Sobre o transporte da água* — seu título correto). Excelente levantamento administrativo, histórico e topográfico dos aquedutos de Roma, feito para ser usado por seus sucessores, a fim de se libertarem da dependência constante de seus assistentes profissionais.

FÚLVIA (*Fulvia*) (falecida em 40 a.C.).

Mulher aristocrática e ambiciosa, casada entre outros com *Clódio e *Marco Antônio. Enquanto este último estava no Oriente, em 41 a.C., Fúlvia tentou defender seus interesses opondo-se a *Otaviano e a seu programa de deslocamento dos veteranos para a Itália, precipitando, assim, a guerra contra os perusinos. A propaganda hostil de Otaviano conseguiu manchar sua reputação, e pode ter levado a que Fúlvia fosse considerada a principal culpada pelas proscrições de 43 a.C.

FÚRIO FILO (*Furius Philus*), cônsul, 136 a.C.

Partidário fiel de *Cipião Emiliano e membro do círculo dos Cipiãoes, Lúcio Fúrio Filo era um orador hábil, interessado em antiguidades religiosas. Quando cônsul, investigou o caso de *Mancino e supervisionou pessoalmente sua extradição para a Numância pelo antigo método dos feciais.

GABÍNIO (*Gabinus*), cônsul, 58 a.C.

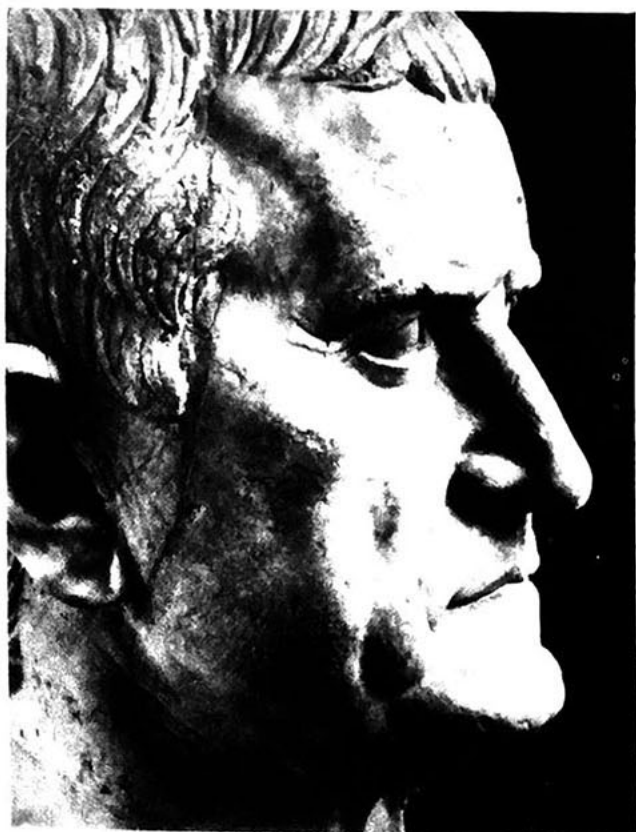
Protegido de *Pompeu, Aulo Gabínio sancionou uma lei, quando era tribuno em 67 a.C., que conferia a Pompeu poderes ilimitados contra os piratas do Mediterrâneo. Provavelmente no mesmo ano, propôs uma legislação que reduzia ao mínimo a possibilidade de corrupção na diplomacia em Roma. De 66 até 63 a.C., serviu como legado de Pompeu

no Oriente, e chegou ao consulado no ano 58. Com seu colega L. Calpúrnio *Pisão, cooperou com *Clódio para obter o exílio de *Cícero, e assegurou para si a província da Síria. Como governador, de 57 a 54 a.C., atuou vigorosamente para conter os excessos dos publicanos, chegando mesmo a entregar alguns para a justiça local. Reprimiu várias rebeliões na Judéia e interviu no Egito para restaurar *Ptolomeu Auletes no trono, em 55 a.C. Sua maneira de tratar os publicanos foi benéfica para a província, mas suscitou grande hostilidade em Roma, onde teve que enfrentar, entre outras acusações, um cínico julgamento por extorsão. Devido à insistência dos triúmviros, Gabínio foi defendido por seu inimigo Cícero, mas foi condenado e exilado (54). Antes de sua morte, em 47 a.C., foi reabilitado por *César, que o enviou à Ilíria como legado.

GALBA (*Galba*) (3 a.C.-69 d.C.), imperador, 68-69 d.C.

Os Sulpícios eram uma família muito antiga e ilustre. A carreira de Sérvio Sulpício

Busto do imperador Galba. Paris, Louvre.



Galba não desmereceu a tradição, e ele gozou do favor de *Augusto, *Tibério e *Lívia, bem como de *Calígula e *Cláudio. Entre seus vários comandos nas províncias, os mais importantes foram o da Germânia Superior, aonde foi enviado por Calígula para impor disciplina depois da revolta de *Lêntulo Gétulico, e o da Hispânia Terraconense, onde passou oito anos durante o reinado de *Nero. Parece ter sido um homem honesto, mas tão severo que chegava a ser cruel. No ano 68 d.C., *Víndice persuadiu-o a lutar pelo poder, e a ação da guarda pretoriana sob o comando de *Ninfídio Sabino facilitou a tarefa. Galba foi considerado uma excelente escolha, até que começou a governar — as medidas tomadas e sua mesquinhez logo o tornaram impopular, principalmente junto aos pretorianos, que o assassinaram e puseram *Oto em seu lugar.

T. *Vínio, Lacão (o novo prefeito pretoriano) e Ícelo, o liberto, foram os três principais auxiliares de Galba; mas a arrogância e a estupidez desses homens muito fizeram para prejudicá-lo. Sentindo-se inseguro, Galba havia adotado um jovem tímido e retraído, Lúcio Calpúrnio Pisão Liciniano, que se mostrou fraco e ineficiente. Galba parece ter sido um homem eficiente em posições subalternas, nos comandos das províncias, mas muito velho ou com pouca força de vontade para se adaptar ao poder supremo.

GALBA, PÚBLIO SULPÍCIO (*Galba, Publius Sulpicius*), cônsul, 211 e 200 a.C.

Um dos primeiros especialistas romanos em política oriental, Galba substituiu *Levino no comando dos Bálcãs, onde promoveu uma guerra naval, completamente inútil, contra *Filipe V (210-206 a.C.). Conseguiu pouca coisa além da reputação de crueldade, e foi incapaz de evitar a deserção dos etólios, em 206 a.C. Sua eleição para um segundo consulado em 201 implicava que o Senado já estava comprometido com outra guerra macedônica; mas, no início, Galba não conseguiu fazer com que a moção de guerra fosse aprovada pela assembléia dos centuriões. Chegou à província macedônica no fim do ano 200, e obteve alguns sucessos na campanha de 199 a.C. Sua experiência garantiu-lhe um lugar importante na comissão dos decênviros (196 a.C.), ocasião em que se opôs à política de *Flaminino de retirar as tropas da Grécia.

Desempenhou papel de destaque nas malogradas negociações com *Antíoco III, tanto em Roma quanto na Ásia, em 193 a.C.

GALENO (*Galenus*) (129-199 d.C.), médico e escritor.

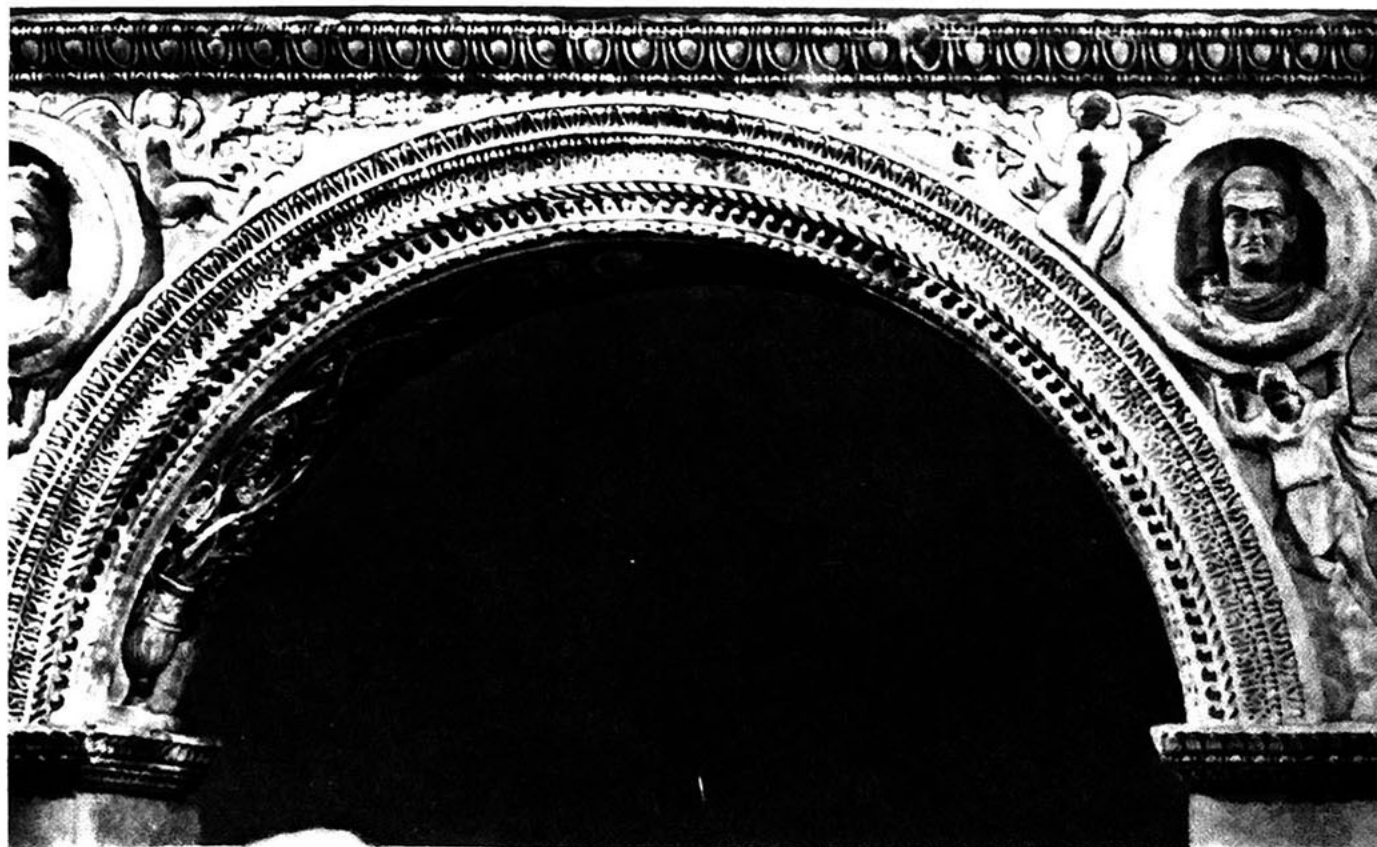
Galeno nasceu em Pérgamo, e seu pai, um arquiteto chamado Élio Nico, teve um sonho que o fez insistir com o filho para que estudasse medicina. Começou seus estudos em Pérgamo (onde conheceu Élio *Aristides), e depois foi para Esmirna, Corinto e Alexandria, voltando para casa com a idade de vinte e oito anos. Em 162 foi para Roma, onde deu demonstrações de sua habilidade e seus conhecimentos de anatomia chamando a atenção de senadores importantes e do próprio *Marco Aurélio. Quando a peste atingiu a Itália (166-167), ele voltou para Pérgamo, de onde foi chamado por Marco Aurélio e Lúcio *Vero. Marco Aurélio pediu-lhe que o acompanhasse ao norte, mas Galeno obteve permissão para ficar em Roma como médico de *Cômodo. Permaneceu em Roma, como médico da corte (posteriormente, foi médico também de *Severo), até sua morte, em 199 d.C. Suas relações com a corte imperial, com os senadores mais influentes e com os sofistas granjearam-lhe grande prestígio. Foi um escritor prolífico. Seus primeiros trabalhos eram filosóficos (tinha profundo conhecimento de Platão e Aristóteles), e os últimos tra-

tavam de medicina. Esses últimos trabalhos exerceram influência enorme e demonstram o amplo âmbito de suas habilidades, bem como a profundidade de seus conhecimentos sobre diagnósticos, prognósticos, ensino de anatomia e fisiologia, métodos de dissecação, análise do sistema sanguíneo e métodos de tratamento por dietas e por drogas.

GALÉRIO MAXIMIANO (*Galerius Maximianus*), imperador, 293-311 d.C.

Nas fontes históricas, Galério é chamado de Maximiano e de Armentário. Tornou-se César juntamente com *Constâncio I, em 293 d.C., para formar a nova tetrarquia; teve que abandonar sua esposa para se casar com *Valéria, filha de *Diocleciano. Em 296, Galério e Diocleciano, juntos, não conseguiram expulsar o exército de *Narses, rei da Pérsia; mas um contra-ataque realizado em 298 por Galério, sozinho, foi bem sucedido. Diocleciano, cauteloso, assumiu o controle das conversações de paz, e Galério foi enviado para comandar a fronteira norte dos Bálcãs, terra natal de todos os tetrarcas. Tessalonica foi transformada em cidade imperial, com um arco que comemorava o triunfo do César na

Arco pequeno do Palácio de Galério, na Tessalonica, em que se vêem Galério e a deusa da cidade elevados ao céu pelos persas. Tessalonica, Museu Arqueológico.



Pérsia. A vitória de Galério, entretanto, prejudicou o equilíbrio de poder dentro da tetrarquia. Encorajado por sua mãe, Rômula, ele persuadiu Diocleciano que seria de interesse público acabar com o cristianismo. Poucas dificuldades prejudicaram esse projeto: de fevereiro de 303 em diante, edifícios e livros foram destruídos, mas a pena de morte só começou a ser aplicada, de modo geral, no ano seguinte.

Em seguida, Galério pressionou Diocleciano para que renunciasse, ato até então sem precedentes; em 1.º de maio de 305, ele e Constâncio tornaram-se augustos, sucedendo solenemente a Diocleciano e Maximiano, e *Maximino Daia e *Severo, o tetrarca, foram nomeados césores por indicação de Galério. Na confusão das guerras que se seguiram, Galério tentou conservar sua posição e defender os interesses de seus amigos; a certa altura, havia sete pretendentes imperiais, cada um apoiado por um exército. Enquanto isso, os cristãos continuavam a ser perseguidos por todo o Oriente. Foi, portanto, com perspectivas de vingança que souberam, em 310 d.C., que Galério estava mortalmente doente; ele morreu na Páscoa de 311, depois de assinar um édito que garantia tolerância para com a Igreja. Este ato, entretanto, não conseguiu poupá-lo da difamação por parte de alguns escritores cristãos, como *Eusébio ou *Lactânio, que o compararam, em tamanho e em ferocidade, a seus ursos de estimação.

GALIÃO ANEANO, LÚCIO JÚNIO (*Gallio Annaeanus, Lucius Junius*), governador da Acaia, 51 d.C.

O irmão de *Sêneca, Aneu Novato, foi adotado por Júnio Galião, amigo de seu pai, orador e associado de *Sejano. Como governador da Acaia (Grécia), Galião rejeitou as acusações levantadas contra São *Paulo pelos judeus de Corinto (Atos, 18,12). Não sobreviveu muito tempo à queda e à morte de Sêneca.

GALIENO (*Gallienus*) (aprox. 218-268 d.C.), imperador, 253-268 d.C.

Públio Licínio Inácio Galieno foi nomeado César em 253, depois que o Senado confirmou seu pai, *Valeriano, como augusto. Pouco depois, Valeriano elevou-o à posição de augusto, confiando-lhe a defesa do Ocidente, enquanto ele próprio se concentrava no

Oriente. Galieno passou os anos de 254 a 256 promovendo campanhas contra os germânicos do Reno, enquanto seus generais combatiam os godos, os marcomanos, os quados e outros bárbaros do Danúbio. Durante esses anos, Galieno realizou uma série de importantes reformas militares, entre elas a criação de um corpo de cavalaria independente, altamente móvel, usado como força de ataque sempre que se ameaçava uma invasão. Por volta de 257 d.C., os Bálcãs foram devastados pelos bárbaros, contra os quais as forças romanas foram completamente ineficientes; na Panônia, como resultado disso, *Ingênuo tentou usurpar o Império, mas foi derrotado e morto por Galieno e pelo comandante de cavalaria *Auréolo. Em 258, Galieno estabeleceu um acordo com os marcomanos e tomou a filha do chefe, Pipa, como sua concubina. Mas o pior estava por vir. Em 259-260, Valeriano foi derrotado, capturado e morto pelos persas liderados por *Sapor I. No ano seguinte, Galieno enfrentou três usurpadores: *Macriano e seus dois filhos, *Regaliano e Emiliano. A rebelião de *Póstumo, na Gália, em 260 d.C., teve como consequência o cerco de Cologne, o assassinato de *Salonino e o estabelecimento de um império gaulês, que durou de 260 a 274 d.C. Em 261-267, não houve outras invasões bárbaras a não ser na Dácia, que foi praticamente perdida. No Oriente, uma aliança com Palmira, governada por *Odenato, reduziu bastante a ameaça persa. Galieno avançou contra Póstumo em 265, mas, embora ganhasse algumas batalhas, foi incapaz de vencê-lo, talvez por causa da indecisão provocada por Auréolo.



Galieno com armadura (à esquerda, medalhão de prata), e a série de suas moedas que celebravam as legiões (à direita, LEG. XXX LUP., antoniniano de prata) e refletiam a crise militar de seu reinado.

O reinado de Galieno foi marcado quase que completamente por desastres militares, políticos e econômicos. Invasões, banditismo, pirataria e infiltrações bárbaras levaram a uma virtual anarquia. Durante os anos de 260 a 268, a moeda de prata foi continuamente desvalorizada, passando de uma porcentagem de quinze por cento de prata para menos de dois por cento. Não é surpreendente, portanto, que os historiadores romanos posteriores descrevessem Galieno como um homem fraco, afeminado e covarde, mas, embora se possa dizer que ele foi perseguido por problemas que estavam além de seu alcance, sempre agiu resolutamente quando em face do perigo, e venceu inúmeras campanhas. Sua maior dificuldade foi o grande número de inimigos, internos e externos. Ganhou a inimizade do Senado ao excluir os senadores dos tradicionais comandos das legiões, e quando os postos tribúncios foram restringidos aos equestres. Galieno e sua esposa *Salonina participavam também da vida intelectual de seu tempo: mantinham relações de amizade com *Plotino e outros intelectuais importantes, e podem ter inspirado uma tendência neoclássica na escultura. Em 260, Galieno acabou com a perseguição religiosa que seu pai iniciara. No ano 267, os godos invadiram novamente o Império, e Galieno teve que sair em nova campanha. No mesmo ano, Auréolo, que comandava a cavalaria, em Milão, rebelou-se. Galieno voltou para cuidar do problema pessoalmente, mas, durante o cerco de Milão, foi assassinado por um grupo de seus principais generais, inclusive *Cláudio II, o imperador que o sucedeu.

GALO (*Gallus*), César, 351-354 d.C.

Filho de Júlio *Constâncio e de Gala, sobrinho de *Constantino e irmão mais velho de *Juliano, Flávio Cláudio Constâncio Galo nasceu em 325/326 d.C. Escapou ao massacre de seus parentes em 337 (ver *Constâncio II) porque estava doente e pensava-se que fosse morrer. Com Juliano, ficou internado durante seis anos em Macela, na Capadócia, sendo então nomeado César por seu primo Constâncio II, casando-se com a irmã desse, *Constantina (uma cristã ariana, assim como Galo). Foi enviado para Antióquia para manter os persas sob vigilância, enquanto Constâncio avançava para o oeste para en-



*Galo César, como cônsul, usando toga enfeitada e segurando a estátua da Vitória; Calendário de 354 (Calendário de *Filócalo). Roma, Biblioteca do Vaticano.*

frentar o usurpador *Magnêncio. O governo de Galo não foi um sucesso: brutalizado pelas experiências de sua juventude, reprimiu com crueldade as conspirações e uma rebelião de judeus. Foi derrubado por uma intriga palaciana encabeçada por *Eusébio: foi chamado à presença de Constâncio, que suspeitava (erroneamente) de sua traição, julgado sumariamente e executado em Pola.

GALO, CAIO SULPÍCIO (*Gallus, Gaius Sulpicius*), cônsul, 166 a.C.; astrônomo.

Galo foi um dos principais patrocinadores romanos da cultura grega e de seu estudo, no século II a.C. Como legado na Macedônia (168 a.C.), apaziguou o pânico supersticioso do exército explicando cientificamente um eclipse da Lua. Seu comportamento como embaixador na Grécia e na Ásia, em 163, mereceu críticas de *Políbio, principalmente ao encorajamento que deu às acusações contra *Êmenes.

GALO, CORNÉLIO (*Gallus, Cornelius*), prefeito do Egito, 30-26 a.C.

Um dos principais auxiliares eqüestres de *Augusto, e de origem gaulesa, Caio Cornélio Galo era membro do ambiente social e cultural que também incluía *Mecenas e *Vélio Polião. Galo fracassou como primeiro governador romano do Egito por sua grande arrogância — arrogância que, segundo as fontes históricas, o levou a escrever seu nome nas pirâmides —, e suicidou-se em 26 a.C. Os poemas de amor escritos por Galo, em versos elegíacos, eram dedicados a Licóride (ou seja, Citéride, amante também de *Marco Antônio); e pelo menos parte de sua erudição mitológica era inspirada em *Partênio. Seus poemas foram muito admirados, inclusive por *Virgílio (ver “Écloga 10”), que era seu amigo íntimo, e influenciaram bastante o poeta *Propércio, por exemplo. Oito linhas e meia, quase com certeza de Galo, e descobertas em um papiro na Núbia, foram acrescentadas recentemente à única linha que sobrevivera. Os versos pertencem a uma seqüência de poemas curtos, relacionados entre si, tratando do amor, da guerra e da literatura. Pela qualidade dos versos, os elogios que mereceram poderiam ter sido até maiores.

GÂNIS (*Gannys*), político, começo do século III d.C.

Tutor de *Elagábalo, depois que este foi proclamado imperador, Gânis liderou o exército que derrotou *Macrino em 218 d.C. Foi morto por Elagábalo no ano seguinte, por ter-se oposto abertamente à interdição pública, decretada pelo imperador, do ritual de Baal.

GÁVIO MÁXIMO (*Gavius Maximus*), prefeito pretoriano, aprox. 139-158 d.C.

Oficial eqüestre, italiano de Piceno, Marco Gávio Máximo foi procurador na Mauritânia Tingitana (talvez em 129 d.C.) e depois na Ásia antes de se tornar prefeito pretoriano. Exerceu o cargo primeiro com um colega (até 143), e depois sozinho. É possível que tenha sido o principal conselheiro militar de *Antonino Pio. Sua posição de destaque é confirmada pelo longo período em que manteve o cargo de prefeito, bem como pela insígnia consular que recebeu.

GEISERICO, rei dos vândalos, 428-477 d.C.

Único governante dos vândalos após a

morte de seu meio irmão, Geiserico, filho de uma escrava, provou ser o mais hábil oponente do poder romano no Mediterrâneo. Taciturno, exaltado, avarento, mas diplomata sagaz, construiu uma base de poder vândalo no norte da África, e dali jogou seus inimigos — godos, romanos e hunos — uns contra os outros.

Convidado por *Bonifácio, que na época lutava com inimigos políticos romanos, para ir da Espanha à África, Geiserico avançou para leste até tomar Cartago (439), violando um tratado de 435 d.C. Dessa cidade, exercia o controle virtual do suprimento de trigo do Império Romano, e comandava uma frota com a qual ameaçava todas as cidades da costa do Mediterrâneo — perigo reconhecido imediatamente pela Itália (*Nov. val.*, 9 de 440). Em 455, presumivelmente em resposta ao pedido de ajuda contra *Petrônio Máximo, enviado pela imperatriz *Eudóxia, Geiserico invadiu e saqueou a própria Roma, e levou Eudóxia e suas duas filhas de volta para Cartago, onde uma delas se casou com seu filho Hunerico (cuja esposa anterior, de origem gótica, havia sido mutilada e remetida a seu pai). Uma série de expedições romanas contra ele acabaram em fracassos humilhantes, que culminaram na derrota desastrosa da frota de *Leão e *Antêmio em Mercúrio, perto de Cartago, em 468 d.C., derrota causada por ventos desfavoráveis, navios vândalos em chamas, que incendiavam os navios romanos, e a incompetência do almirante *Basilisco: uma derrota que causou a falência do tesouro do império oriental.

No seu reino africano, Geiserico seguia a política de desapropriar as terras dos proprietários romanos para com elas recompensar seus seguidores vândalos; como ariano fervoroso, perseguiu os clérigos católicos. Realizou também uma reforma do exército vândalo, e arrasou as muralhas da cidade para prevenir possíveis centros de resistência. Sua autoridade foi tal que pôde assegurar a sucessão pacífica para seus descendentes até o tempo de Justiniano, cujo historiador, Procópio, recordava a autoridade com que o rei designava seus inimigos: “aqueles que incorreram na ira de Deus”.

GÉLIO, AULO (*Gellius, Aulus*) (nascido em aprox. 130(?) d.C.), gramático diletante.

Gélio estudou em Roma e foi muito in-

fluenciado por *Favorino, e talvez por *Frontão. Trabalhou depois em Atenas pelo menos um ano, em contato com *Herodes Ático e o filósofo cínico Peregrino Proteu. Foi aí, durante as noites de inverno, que começou a coletar material filológico (donde o título de seu trabalho, *Noites clássicas*), e continuou a fazê-lo por um longo período, reunindo, de modo deliberadamente desordenado, vinte livros de conhecimentos variados para seus filhos ("*Pref.*", *passim*), dos quais sobreviveram dezenove. Os cenários de suas dissertações oferecem, freqüentemente, vinhetas deliciosas sobre a vida dos estudantes em Atenas; as dissertações propriamente ditas tratam de literatura, leis, gramática, linguagem, religião, filosofia e ciência; demonstram grande erudição — às vezes obtida de outras fontes —, e preservam, de maneira inestimável, grande quantidade da literatura romana antiga.

GENÚCIO, LÚCIO (*Genucius, Lucius*), tribuno, 342 a.C.

Mais de uma das fontes históricas de *Lívio atribuíam a Genúcio um plebiscito que proibia a usura, e provavelmente outros que proibiam a ocupação de duas magistraturas no mesmo ano e a reeleição para a mesma magistratura num período de dez anos; foi ele também que abriu os dois consulados aos plebeus. No entanto, tais informações são duvidosas.

GERMÂNICO (*Germanicus*) (15 a.C.-19 d.C.), cônsul, 12 e 18 d.C.

Germânico Júlio César era o filho mais velho de *Druso (o Velho) e de *Antônia. Recebeu boa educação, que lhe permitiu traduzir o poema astronômico de Arato, mostrando interesse real sobre o assunto (ao contrário de *Cícero), e tentando esclarecer os fatos obscuros; foi também excelente em oratória. Entretanto, só obteve destaque quando a morte dos césares *Caio e *Lúcio transferiu os planos de sucessão de *Augusto para o ramo Claudiano da família. Quando *Tibério foi adotado por Augusto em 4 d.C., adotou por sua vez seu sobrinho Germânico. Germânico iniciou sua carreira senatorial, mas as crises na Panônia e na Germânia afastaram-no de Roma por longos períodos, e por essa época começou a provar suas habilidades militares e a conquistar a afeição dos exércitos. Em 14 d.C., pôde apoiar-se nesse sentimento

para dominar o motim do exército do Reno; em 17 d.C., Tibério chamou-o a Roma para gozar um triunfo merecido pela mais espetacular campanha até então realizada — campanha ao longo da costa do mar do Norte, contra os catos e os queruscos. Naturalmente, a extensão de seu sucesso e a devoção entusiástica do povo preocuparam o imperador.

No fim do ano 17 d.C., ele foi enviado em missão para resolver os problemas orientais, e visitou triunfalmente cidade após cidade, providenciou a transformação da Capadócia em província (através do legado *Verânio), minorou a escassez de víveres em Alexandria e visitou Tróia e o Nilo como turista. Voltando a Antióquia, foi acometido de uma doença que rapidamente se tornou fatal. O governador da Síria, Calpúrnio *Pisão, que não mantinha boas relações com Germânico, foi acusado de envenená-lo ou amaldiçoá-lo. As cinzas de Germânico foram levadas para Roma por sua viúva, *Agripina (a Velha), e provocaram cenas extraordinárias de pesar em vários lugares. A acreditarmos na tradição, Germânico era um homem eminentemente generoso, talentoso, agradável e belo, e foi uma pena que tivesse morrido tão cedo. Por outro lado, alguns o consideravam orgulhoso, e seus filhos que atingiram a idade adulta — o imperador *Calígula, *Agripina, a Jovem, e Drusila — não depuseram a favor de seu caráter.

GETA (*Geta*), César em 198-209 d.C.; Augusto em 209-211 d.C.

Filho mais jovem do imperador *Severo, Públio Lúcio Septímio Geta nasceu em 189 d.C. e foi proclamado César em 198, quando seu irmão mais velho, *Caracala, se tornou Augusto. De 205 a 208, Geta e Caracala provocaram escândalos por causa de sua vida dissoluta, e a rivalidade entre os irmãos cresceu até tornar-se um intenso ódio mútuo. Durante as campanhas de 208 a 211, no norte da Britânia, Geta ficou administrando as regiões do sul. No fim do ano 209 tornou-se Augusto, e depois da morte de Severo, em 211 d.C., Geta e seu irmão voltaram rapidamente para Roma; o ódio mútuo entre eles era tamanho que o palácio teve que ser dividido em dois. Segundo se afirma, Geta era muito parecido com o pai e, aparentemente, nunca se casou. Caracala, que não suportava nenhum rival, em dezembro de 211, sob pretexto de uma



Concórdia: Geta com *Severo e *Caracala. Arco de Severo, em Leptis. Trípoli, museu.

reconciliação, fez com que Geta morresse esfaqueado nos braços da mãe. Caracala tentou depois apagar completamente a figura do irmão, anulando sua face dos retratos e apagando seu nome das inscrições.

GILDÃO (*Gildo*), comandante do exército da África, 385-398 d.C.

A família de Gildão era o sustentáculo da complexa política tribal que permitia aos romanos conservar a Mauritânia, região do extremo ocidente da África, no fim do século IV d.C. Seu pai, Nubel, oficial romano de cavalaria que provavelmente construiu uma igreja em uma das cidades costeiras, era também um poderoso chefe local. Quando ele morreu, por volta de 371 d.C., seus filhos entraram em conflito por causa da herança: um deles, Firmo, assassinou primeiro seu irmão Samac, que era favorável a Roma, e depois se rebelou, com a ajuda de sua irmã Círia e outros três irmãos. Gildão, entretanto, lutou do lado de Roma, com o conde *Teodósio, e em 385 *Teodósio I nomeou-o comandante-em-chefe do exército da África; sua filha Salvina casou-se com um parente de Teodósio, em Constantinopla. Na "guerra fria" que se seguiu à morte de Teodósio (395 d.C.), Gil-

dão ficou do lado da corte oriental, e em 397 suspendeu o fornecimento de cereal africano para Roma. *Estilício encorajou o Senado a declarar Gildão inimigo público; foi enviada uma expedição comandada por Mascezel, irmão de Gildão, mas antigo partidário de Firmo, que derrotou e matou Gildão em julho de 398 d.C. Mascezel sofreu um acidente suspeito quando voltava para Roma, mas sua sobrinha Salviana e os netos de Gildão tornaram-se membros proeminentes da sociedade cristã de Constantinopla.

GLABRIÃO, MÂNIO ACÍLIO (*Glabrio, Manius Acilius*), côsul, 191 a.C.

Partidário de *Cipião Africano e homem novo (*novus homo*), Glabrião recebeu o cobçado comando consular contra *Antíoco III em 191 a.C. Sua vitória nas Termópilas forçou Antíoco a se retirar da Grécia, e em seguida Glabrião voltou-se contra os aliados de Antíoco, os etólios, forçando-os a suplicar a paz e alarmando-os com sua interpretação da palavra "rendição". A campanha de Glabrião libertou Delfos da submissão ao poder etoliano, e ele foi honrado com uma estátua, em cuja base foi escrito importante documento epigráfico. Em Roma, Glabrião celebrou um triunfo, mas sua carreira subsequente foi prejudicada pela acusação feita por *Catão, o Velho, de que ele havia se apropriado dos despojos de guerra.

GLÁUCIA, CAIO SERVÍLIO (*Glaucia, Gaius Servilius*), pretor, 100 a.C.

Líder popular, Gláucia sempre esteve intimamente associado com L. *Saturnino, como tribuno (101 a.C.) e como pretor (100). Seu decreto judiciário revogou a disposição de Q. *Cepião, fazendo voltar às mãos dos equestres o controle das cortes criminais. Mas sua hostilidade em relação à instituição senatorial já era considerável antes de 102 a.C. quando o censor *Metelo Numídico tentou, sem sucesso, expulsar Gláucia e Saturnino do Senado. Gláucia desrespeitou as leis constitucionais ao se candidatar ao consulado de 99 a.C., e provavelmente foi o instigador da morte violenta de um candidato rival, C. *Mêmio. Esse foi o sinal para que o Senado autorizasse a supressão de Gláucia, Saturnino e vários de seus partidários, executada pelo côsul *Mário.

GLICÉRIO (*Glycerius*), imperador do Ocidente, 473 d.C.

Glicério, apenas um conde dos cadetes (*comes domesticorum*), foi proclamado imperador em Ravena, em março de 473 d.C., pelo comandante do exército da Itália, o borguinão Gundobado. Mal teve tempo de desviar uma invasão de ostrogodos, da Itália para a Gália, antes de ser deposto por Júlio *Nepos, sendo consagrado bispo de Salone quando ainda estava em solo italiano.

GORDIANO I (*Gordianus*), imperador, 238 d.C.

Nascido por volta de 159 d.C., Marco Antônio Gordiano Semproniano teve uma carreira pública notável: foi cônsul em 222 e tornou-se procônsul da África, no tempo de *Severo Alexandre. Em 238, nobres africanos jovens rebelaram-se contra a cobrança de impostos pesados e injustos, e forçaram Gordiano a assumir a púrpura, quando ele já contava mais de oitenta anos. O Senado romano apoiou Gordiano e votou a condenação da memória de *Maximino I. O governador da Numídia, entretanto, permaneceu leal a Maximino, e suas tropas experientes derrotaram com facilidade a milícia fracamente armada comandada por *Gordiano II, morto durante a batalha. Após a derrota e a morte do filho, Gordiano I suicidou-se.

Busto do imperador Gordiano I. Florença, Uffizi.

GORDIANO II (*Gordianus*), imperador, 238 d.C.

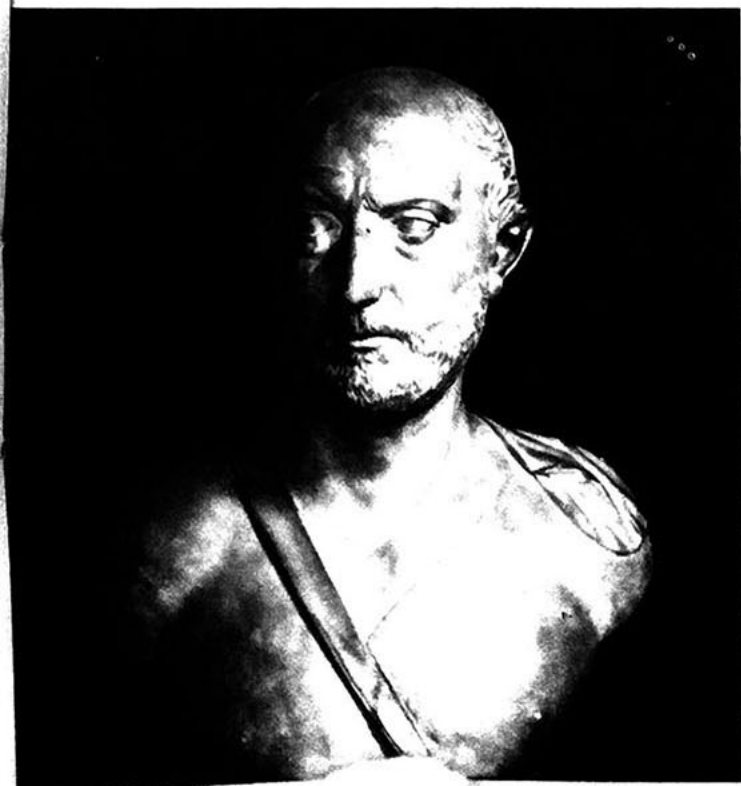
Marco Antônio Gordiano Semproniano Romano Africano nasceu por volta de 192 d.C., e foi cônsul no reinado de *Severo Alexandre. Tornou-se imperador juntamente com seu pai, *Gordiano I, após a rebelião dos nobres africanos jovens, em 238. Seu reinado durou apenas vinte e um dias: ele morreu na batalha contra Capeliano, governador da Numídia e partidário de *Maximino.



Busto do imperador Gordiano III quando menino. Berlim, Preussischer Kulturbesitz.

GORDIANO III (*Gordianus*), imperador, 238-244 d.C.

Nascido em 224 d.C., Marco Antônio Gordiano, neto de *Gordiano I, tornou-se César e depois imperador, com a idade de treze anos, após a morte de *Maximino e os assassinatos de *Balbino e *Pupieno pela guarda pretoriana. De 238 a 241, ele e seus conselheiros seguiram a política de Gordiano I. Em 241, *Timesíteo foi nomeado prefeito pretoriano, e Gordiano casou-se com sua filha, *Tranqüilina. Em 242, Gordiano realizou



uma campanha contra os persas com Timesíteo, mas, depois de uma série formidável de vitórias, Timesíteo ficou doente e morreu em 243. Seu sucessor, *Filipe, o Árabe, cobiçava o poder, e por isso Gordiano foi assassinado por soldados no início de 244 d.C.

GRACIANO (*Gratianus*), imperador, 367-383 d.C.

Filho mais velho (nascido em 359 d.C.) e sucessor de *Valentiniano I, que o proclamou imperador (titular) em agosto de 367, Flávio Graciano era belo e atlético, mas muito submisso, sem a personalidade vigorosa de seu pai. Tinha apenas dezesseis anos quando assumiu o trono (em 17 de novembro de 375), e agiu sob a influência de outros, principalmente de seu antigo tutor *Ausônio (até 379) e do comandante-em-chefe *Merobaude. Em 378, a caminho para ajudar *Valente contra os godos, foi o último imperador a atravessar o Reno, castigando os alamanos; mas a perda de dois terços do exército oriental em Adrianópolis tornou-se um problema militar insolúvel. Graciano chamou *Teodósio I e sagrou-o imperador do Oriente em janeiro de 379; os dois juntos tentaram conter os godos.



Medalhão de ouro do imperador Graciano (em tamanho ampliado).

Em 383, Graciano teve que marchar contra o usurpador *Máximo, mas foi abandonado por Merobaude, fugiu e foi morto em Lyon (25 de agosto). Sob a influência de Santo *Ambrósio, Graciano combateu a política de tolerância religiosa seguida por seu pai, repudiou o título de pontífice máximo e removeu do Senado o altar da Vitória (ver *Dâmaso, *Símaco).

GRÁCIO (*Grattius*), poeta didático (fim da era de Augusto).

Possivelmente nascido em Falérios, Grácio era conhecido de *Ovídio e escreveu um poema sobre a caça, do qual sobreviveram quinhentos e quarenta hexâmetros.

GRACO, CAIO (*Gracchus, Gaius*), tribuno, 123 e 122 a.C.

Uma das poucas figuras de verdadeiro estadista na história da República, Caio Semprônio Graco iniciou uma reforma de longo alcance na antiquada estrutura política e social de Roma; durante algum tempo, antes de sua morte, aos trinta e dois anos de idade (aproximadamente), ele foi, sem dúvida alguma, o homem mais poderoso de Roma. Irmão mais jovem de Tibério *Graco, sua breve carreira foi motivada pelo desejo de vingar Tibério e de continuar suas realizações políticas. Mas a questão agrária foi apenas um dos elementos do programa mais amplo de Caio, que envolvia reformas administrativas e a questão crucial da concessão de direitos civis à população não-romana da Itália. Como tribuno, em 123 a.C., buscou o apoio dos antigos partidários de seu irmão, mas Caio havia aprendido, com o erro de Tibério, que era necessário estabelecer um amplo apoio eleitoral. Assim, certo número das propostas de Caio eram especificamente destinadas a atrair o apoio do proletariado urbano dos equestres ricos. Ele esperava atingir uma posição de preeminência em que sua autoridade pessoal seria suficiente para assegurar as reformas necessárias, mas impopulares, como a concessão da cidadania aos italianos.

Graco apresentou ao Senado um desafio direto; quando conseguiu ser reeleito como tribuno, em 122, os senadores contra-atacaram promovendo um tribuno rival, M. Lívio *Druso(1), que solapou o apoio popular que Caio granjeara tão cuidadosamente, defendendo pontos de vista atraentes. Como resultado dessa manobra, Caio Graco não conseguiu garantir nem a cidadania aos italianos, nem sua reeleição em 121. Privado da imunidade que o cargo de tribuno lhe conferia, Caio cercouse de guarda-costas, mas, após vários incidentes violentos, o cônsul L. *Opímio recebeu instruções para eliminar o ex-tribuno e seus partidários como inimigos do Estado. A oratória de Caio, inflamada e demagógica, a ostentação de sua influência e clientela, haviam

instigado o medo costumeiro da tirania. O conteúdo preciso e a cronologia da legislação ampla de Caio Graco são questões controversas; seu programa ficou incompleto, embora vários de seus detalhes tenham sobrevivido.

GRACO, TIBÉRIO (*Gracchus, Tiberius*), tribuno, 133 a.C.

Tibério Semprônio Graco (o Jovem) foi uma figura controvertida e algo trágica, cujo tribunato marcou um momento decisivo da história romana. Encerrava-se uma era relativamente harmoniosa mas reacionária, sob a supremacia praticamente incontestada do Senado, e iniciava-se um século de dissensões violentas e revoluções. Graco não foi um reformador romântico: filho de Tib. Semprônio *Graco e de *Cornélia, e portanto com amplo acesso ao Senado, era um jovem nobre, orgulhoso e ambicioso, que buscava o sucesso político — considerado como seu direito de nascimento — por meios basicamente tradicionais. Seu orgulho ficou profundamente ferido quando o Senado repudiou o tratado que ele negociara na Espanha, como questor de *Mancino (137 a.C.). Quando atingiu o tribunato, em 133, introduziu um projeto de lei agrária que se destinava a resolver o problema demográfico da comunidade romana; ganhou, assim, uma extensa clientela por toda a Itália, o que o ajudaria em sua carreira posterior. Afirma-se que em sua viagem à Espanha, em 137 a.C., Graco deu-se conta do abandono das tradições rurais e sua substituição pelo trabalho escravo, e lamentou a decadência do potencial humano de Roma. Mas o problema já fora identificado bem antes de Graco, e seu projeto de lei tinha o apoio de uma minoria poderosa no Senado. No entanto, a redistribuição de terras proposta parecia muito radical para a maioria dos senadores, que se opuseram ao projeto através do veto de outro tribuno, M. Otávio. De modo inconstitucional, Graco conseguiu que Otávio fosse deposto, e impôs-se ao Senado propondo à assembleia popular que o legado de *Átalo III, rei de Pérgamo, fosse aceito para financiar as novas pequenas propriedades da Itália. A distribuição das terras foi supervisionada por uma poderosa comissão (inicialmente dirigida por ele mesmo, seu irmão e seu sogro), e a decadência do campesinato romano foi temporariamente sustada. Em Roma, entretanto, a oposição conservadora intensificou-se, for-

çando Graco a buscar a reeleição para resguardar sua legislação. Essa quebra final da prática constitucional confirmou, para seus inimigos, que ele procurava um poder pessoal inaceitável. Essa, pelo menos, foi a justificativa do grupo liderado por *Cipião Nasica, que linchou Graco no Capitólio.

GRACO, TIBÉRIO SEMPRÔNIO (*Gracchus, Tiberius Sempronius*), cônsul, 117 e 163 a.C.

Tibério Semprônio Graco foi um destacado estadista da metade do século II a.C., mas é mais conhecido como “o pai dos Gracos”. Parece ter iniciado sua carreira pública como protegido dos Cipiões, embora talvez tenha discordado deles em alguns pontos. Em 190 a.C., como legado pessoal, foi enviado pelo cônsul *Cipião Asiágeno à presença de *Filipe V, para garantir seu auxílio na passagem do exército romano em direção à Ásia Menor; Graco salvou provavelmente esse mesmo Cipião de ser processado ao vetar o processo como tribuno em 180; pouco depois, casou-se com *Cornélia, filha de *Cipião Africano. Em 180 e 179, Graco ocupou um cargo de comando especialmente importante, como pretor e propretor da Hispânia Citerior (Anterior), período memorável pelo fim da guerra contra os celtiberos e pelo estabelecimento de um acordo de paz que durou vinte e cinco anos. Depois de um triunfo por estes sucessos, Graco ocupou o consulado e arrasou a insurreição da Sardenha (177-176 a.C.). Como censor (169), ficou famoso por sua austeridade, bem como pelo conflito que promoveu entre os censores e os homens de negócios (publicanos), a quem davam de empreitada os contratos públicos.

Graco conseguiu, o que era raro, ocupar um segundo consulado (163), e quando morreu, por volta de 150 a.C., era um dos homens mais poderosos de Roma. Seu poder se devia não só à sua posição de destaque dentro do Senado, como ao grande número de clientes pessoais que mantinha por toda a Itália e nas províncias, graças a suas realizações na Espanha e na Sardenha, suas atividades colonizadoras na Itália e duas importantes embaixadas no Oriente (166-165 e 162-160 a.C.), durante as quais escreveu relatórios favoráveis sobre os Estados dependentes e seus dinastas, e adotou uma atitude conciliatória.

bastante diferente das intimidações dos outros romanos ao lidarem com o Oriente.

GREGÓRIO DE NAZIANZO, SÃO (OU NAZIANZENO) (*Gregorius*), bispo de Constantinopla, 381 d.C.

Gregório (aprox. 329-389 d.C.) era filho do bispo de Nazianzo, na Capadócia, e foi companheiro de estudos de São *Basílio, em Atenas. Foi ali que conheceu o futuro imperador *Juliano; seu grande talento ao expressar a teologia católica em versos e em prosa clássicos fez com que repudiasse Juliano, que identificava cultura literária grega e paganismo. Como Basílio, Gregório adotou a vida monástica, mas voltou a Nazianzo para ajudar seu pai (falecido em 374 d.C.), e contra sua vontade foi consagrado bispo de uma obscura localidade. Depois de outro período de retiro monástico (375-378), foi para Constantinopla (379) como capelão da comunidade ortodoxa, e apesar de sua oposição ao arianismo (ver *Ário), tornou-se um pregador de sucesso. Foi eleito bispo pelo Concílio de Constantinopla, em 381, mas logo renunciou ao cargo. Retirou-se para a Capadócia, onde compôs versos autobiográficos para justificar seus atos.



Tríptico de bronze (séculos XI-XII) com Gregório de Nazianzo, à esquerda. Londres, Victoria and Albert Museum.

GREGÓRIO DE NISSA, SÃO (*Gregorius*), bispo, aprox. 371-aprox. 395 d.C.

Gregório era o irmão mais moço de São

*Basílio; os dois irmãos e São *Gregório de Nazianzo, amigo deles, são chamados os “pais capadócius”, que conseguiram a vitória da ortodoxia oriental sobre a heresia do arianismo (ver *Ário). Embora não tenha estudado em Atenas, como os outros dois, Gregório adquiriu profundo conhecimento de Platão e do neoplatonismo (ver *Plotino), corrente filosófica que ele adaptou ao misticismo cristão. Como teólogo, foi mais importante que seu irmão, mas não tinha o mesmo vigor e habilidade administrativa. Depois de viver como um eremita, foi consagrado bispo de Nissa, na Capadócia, por seu irmão, contra sua vontade. Teve participação importante no Concílio de Constantinopla (381), o qual confirmou o Credo de Nicéia; São *Jerônimo ouviu-o refutar a posição ariana extremada, mas, ao contrário de São Jerônimo, sua visita a Jerusalém (em aprox. 380) convenceu-o de que a peregrinação não era necessária à fé, podendo até ser prejudicial.

GREGÓRIO, O ILUMINADOR (*Gregorius*) (aprox. 240-332 d.C.), “apóstolo dos armênios”.

Gregório era um nobre armênio, mas foi educado como cristão em território romano. No início, sua missão foi muito perseguida, mas seus milagres na corte (na tradição armênia está incluída a transformação do monarca em javali) convenceram *Tiridates III de que a Armênia deveria tornar-se cristã (segundo a tradição, por volta de 301 d.C.). Tiridates convidou Gregório para que se tornasse o primeiro católico primaz da Igreja Armênia, cargo que se tornou hereditário em sua família.

GREGÓRIO, O TAUMATURGO (*Gregorius Thaumaturgus*) (aprox. 210-aprox. 270 d.C.), convertido e bispo.

Gregório e seu irmão, membros de uma família nobre do Ponto, planejavam estudar direito nas famosas escolas de Beirute, até que o pensador cristão *Orígenes os fez mudar de idéia. Viveram com ele durante cinco anos felizes, adquirindo sabedoria; o discurso de despedida de Gregório, quando retornou ao Ponto, é um testemunho comovente da cálida amizade entre um sábio e seus filhos espirituais. De volta à terra natal, Gregório tornou-se bispo de Neocesária, cidade onde nascera, e seu poder de deter enchentes e

exorcizar demônios ainda era lembrado, um século depois, na isolada região rural que ele convertera ao cristianismo.

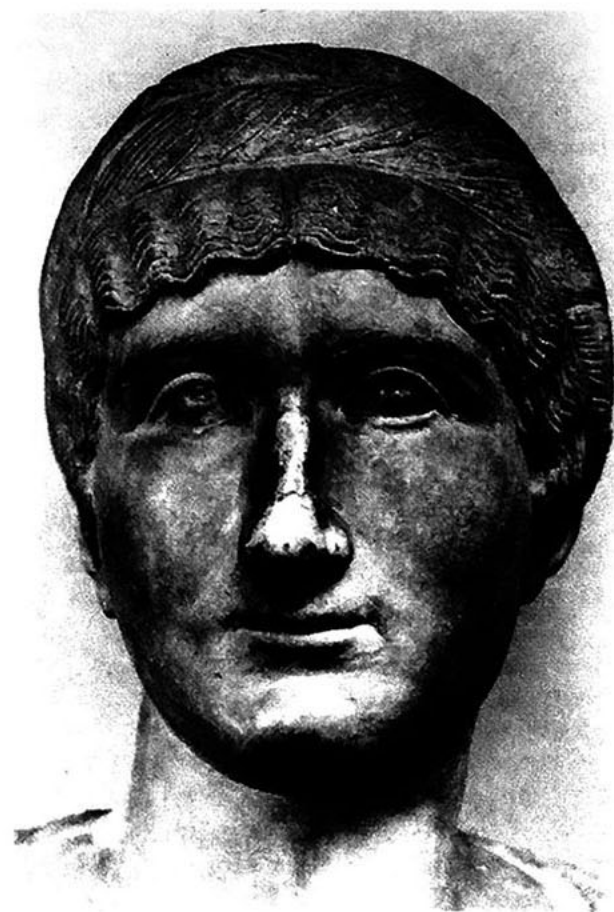
HATÉRIO, QUINTO (*Haterius, Quintus*), orador; cônsul em 5 a.C.

Quinto Hatério foi o mais famoso orador de seu tempo, do ponto de vista mais da declamação que da composição. *Tácio critica sua "bajulação repugnante", que foi importante para protegê-lo da desconfiança de *Tibério, embora sua amizade com *Lívia tenha contado mais. Muito respeitado, Hatério morreu em 26 d.C., aos noventa anos.

HELENA, SANTA (*Helena*), augusta, aprox. 325-aprox. 330 d.C.

Nascida na Bitínia, Flávia Júlia Helena, mãe do imperador *Constantino, começou sua carreira como criada de taverna. Tornou-se esposa ou amante de *Constâncio I antes que ele

Helena: cabeça de estátua. Roma, Museu Capitolino.



fosse indicado César, e deu-lhe um filho antes de se separarem por causa de Teodora, cujos filhos ela mais tarde perseguiu. Quando Constantino, que assumira o trono em 306 d.C., se converteu ao cristianismo, Helena seguiu seus passos. Implicada, talvez, na morte de sua nora *Fausta, em 326, Helena deixou Roma para fazer uma peregrinação à Terra Santa, e supervisionou a construção, às custas do Império, de magníficas igrejas em Jerusalém e Belém, inclusive as igrejas da Natividade e do Santo Sepulcro. A lenda de que ela teria encontrado a Verdadeira Cruz data do fim do século IV. Helena morreu com a idade de oitenta anos, em Roma, e foi enterrada num mausoléu ao lado da Basílica de São Pedro e São Marcelino, na Via Labicana.

HELIODORO (*Heliodorus*), escritor, século III d.C.

Heliodoro nasceu em Emesa (Emissa) e escreveu o romance *Aethiopica*, que alguns estudiosos datam do século IV. O estilo é retórico, e prova que Heliodoro tinha bom conhecimento da literatura clássica grega.

HELVÍDIO PRISCO (*Helvidius Priscus*), dissidente estóico; pretor em 70 d.C.

A condenação de seu sogro, *Trásea Peto, freou bruscamente a promissora carreira senatorial de Caio Helvídio Prisco, e ele retirou-se para Apolônia. Voltou a Roma no tempo de *Galba, com a esperança de poder atacar o acusador de Trásea, *Éprio Marcelo, mas não o conseguiu. Como pretor, assumiu uma atitude perigosamente provocativa contra *Vespasiano, que posteriormente foi forçado a bani-lo. Helvídio foi morto no exílio — diz-se que contra a vontade de Vespasiano. Um dos principais dissidentes do principado de seu tempo, Helvídio só foi superado por Trásea, e sempre exerceu grande influência. Sua posição foi mantida por seu filho (que tinha o mesmo nome), amigo do jovem *Plínio, morto no tempo de *Domiciano.

HENGISTO, rei dos jutos na Bretanha, meados do século V d.C.

Hengisto e seu irmão Horsa chegaram à Bretanha em 446 d.C., inicialmente com três navios de guerra, para ajudar os britânicos contra as tribos do norte. Embora se estabelecessem em Kent como uma federação alia-

da — a lenda afirma que a filha de Hengisto, Rovená, se casou com o rei britânico Vortigern —, a paz não foi duradoura. Horsa morreu em combate, e foi-lhe dedicado um monumento em Kent oriental, território conhecido por Bede. Hengisto alcançou várias vitórias, mas parece não ter vivido o suficiente para presenciar a grande vitória dos britânicos sobre os invasores, por volta do ano 500, no monte Badon.

HERACLIANO, AURÉLIO (*Heraclianus, Aurelius*), prefeito pretoriano, 267-268 d.C.

Heracliano arquitetou um plano secreto para assassinar *Galieno, em 268, com a cumplicidade de seus principais generais, inclusive os futuros imperadores *Cláudio II e *Aureliano.

HERÊNIA ETRUSCILA (*Herennia Etruscilla*), imperatriz, 249-251 d.C.

Herênia Cupressênia Etruscila, de origem etrusca, foi esposa de Trajano *Décio e mãe de *Herênio Etrusco; é conhecida principalmente pelo testemunho de moedas e algumas inscrições.

HERÊNIO ETRUSCO (*Herennius Etruscus*), César, aprox. 250 d.C.; Augusto em 250-251 d.C.

Filho mais velho de Trajano *Décio, Quinto Herênio Etrusco Méssio Décio tornou-se César e depois Augusto quando muito jovem. Ele e seu pai morreram lutando contra os godos, em 251 d.C., na Batalha de Abrita.

HERODES, O GRANDE (*Herodes*), rei da Judéia, 37-34 d.C.

O pai de Herodes recebeu a cidadania romana das mãos de *César. Herodes desempenhou papel fundamental na agitada história da Palestina durante o século I a.C., e, durante algum tempo, foi peça chave dos planos de *Augusto para o Oriente. Manteve ótimas relações com Roma, até que a eterna confusão de seus assuntos familiares transformou-o num perigo, e ele caiu em desgraça perante o imperador. *Josefo registra também desordens provocadas por Herodes na Grécia.

HERODES ÂNTIPAS (*Herodes Antipas*), rei da Judéia, 4 a.C.-39 d.C.

Filho mais moço de *Herodes, o Grande, homem hábil, Herodes Ântipas herdou parte



Forte de Heródio, perto de Belém, construído por Herodes, o Grande.

do reino de seu pai, inclusive a Galiléia. Seu reinado foi popular, apesar de ter sido responsável pela morte de João Batista. *Pôncio Pilatos tentou fazer com que *Jesus, como súdito da Galiléia, fosse julgado por Herodes Ântipas, mas ele não quis se envolver no assunto.

HERODES, TIBÉRIO CLÁUDIO ÁTICO (*Herodes, Tiberius Claudius Atticus*), cônsul, 104(?) d.C.

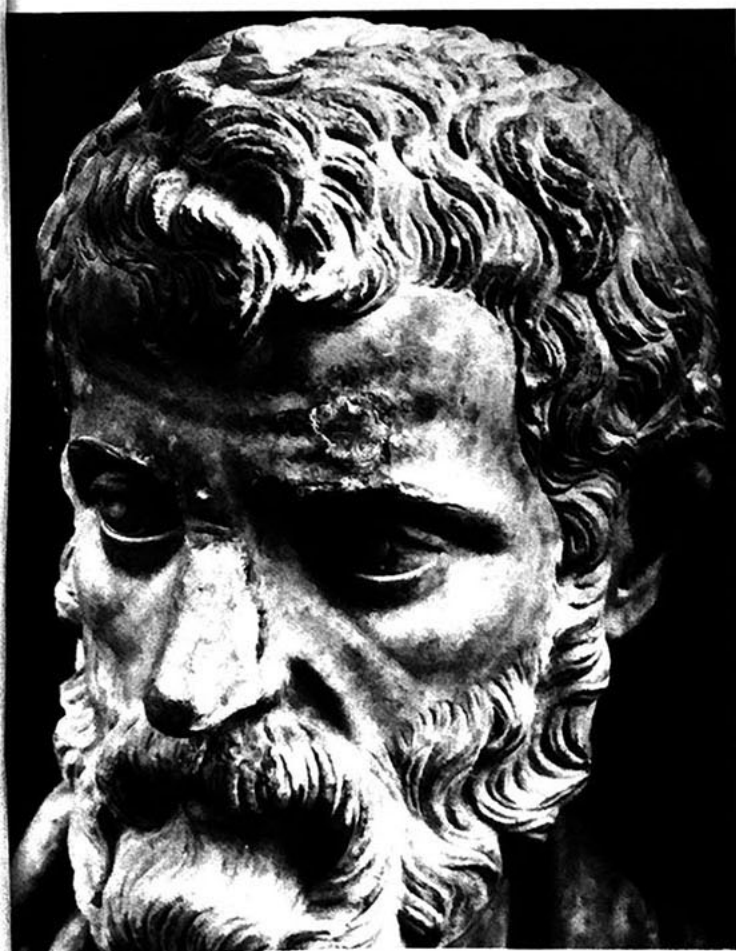
Rico ateniense, enriquecido graças a uma herança, Ático Herodes era o pai de *Herodes Ático. Foi governador da Judéia no início do século II d.C. Era muito honrado em sua cidade natal, onde foi sacerdote do culto imperial (97-102 d.C.).

HERODES ÁTICO (*Herodes Atticus*), sofista grego; cônsul em 143 d.C.

Lúcio Vibúlio Hiparco Tibério Cláudio Ático Herodes nasceu por volta de 101 d.C., filho de uma rica família ateniense; seu pai era Tibério Cláudio Ático *Herodes. Tornou-se sofista e retórico, e sobre ele *Filóstrato

escreveu uma de suas biografias mais conhecidas. Sua importância como homem de letras possibilitou-lhe a formação, em Roma, de amplo círculo de amigos e alunos poderosos, entre eles os imperadores *Adriano, *Antonino Pio, *Marco Aurélio e Lúcio *Vero. Tornou-se senador e assumiu o consulado de 143 d.C., com *Frontão (aparentemente reconciliados da antiga desavença). A riqueza e a filantropia de Herodes Ático foram lendárias: gastou somas enormes com edifícios públicos em Atenas (principalmente o Estádio e o Odeon, um pequeno teatro, ou Teatro de Herodes Ático) e em outras cidades da Grécia e da Ásia Menor, inclusive Delfos, Elêusis e Olímpia. Apesar de seu grande prestígio, ou talvez por causa dele, fez muitos inimigos em Atenas e envolveu-se numa célebre disputa legal com um certo Demóstrato, disputa que culminou num apelo na presença do próprio Marco Aurélio, no início da década de 170, em Sírmio. Herodes morreu em 177, aproximadamente.

Busto de Herodes Ático, orador ateniense e benfeitor público.



HERODIANO (*Herodianus*) (aprox. 180-250 d.C.), historiador.

Herodiano foi contemporâneo de Cássio *Dião, e provavelmente escreveu sua história no período de *Filipe, o Árabe. Suas origens, sua vida e sua carreira são obscuras. A história que escreveu se estende da morte de *Marco Aurélio à ascensão ao trono de *Gordiano III, e Herodiano afirma que os eventos relatados ocorreram durante sua vida. O ponto fraco de sua obra consiste na falta de precisão cronológica, nas inexatidões geográficas, nos erros históricos e em omissões importantes. O estilo de Herodiano é típico de seu tempo: carregado de artifícios retóricos, clichês e estereótipos. O propósito de Herodiano ao escrever parece ter sido, pelo menos em parte, retratar o tipo ideal de governante em contraste com o comportamento indesejável dos imperadores de seu tempo; por isso, pode ter distorcido os fatos em conformidade com suas teorias. Quando o período descrito é o mesmo, Herodiano e Dião devem ser lidos juntos, pois, apesar de suas falhas, Herodiano muitas vezes amplia ou corrige o relato de Dião.

HIDÁCIO (*Hydatius*), bispo espanhol e cronista, aprox. 400-470 d.C.

A carreira de Hidácio, bispo de Aquæ Flaviæ (noroeste da Espanha), a partir de 427, reflete os problemas dos oficiais romanos que viviam sob domínio bárbaro. Em 431, ele fez um apelo a *Aécio contra os suevos, com algum resultado; em 460, foi aprisionado pelos mesmos suevos, que suspeitavam de conspiração, mas foi solto três meses depois. Sua *Crônica*, continuação de *Jerônimo até o ano de 469, é a maior fonte de estudos sobre a história da Espanha nesse período.

HIERÃO II (*Hiero*), tirano de Siracusa, aprox. 270-215 a.C.

Inicialmente, Hierão opôs-se à intervenção de Roma na Sicília (264 a.C.), mas em 263 estabeleceu-se a paz, e ele tornou-se um fiel aliado de Roma durante as duas guerras contra Cartago e até sua morte, em 215. Em 241 a.C., seu reino tornou-se autônomo dentro da província romana da Sicília, mas, após sua morte, o reino voltou-se novamente contra Roma, e foi incorporado à província. O sistema de impostos estabelecido por Hierão perdurou na estrutura provincial romana.

HIÉROCLES (*Hierocles*), panfletário e governador pagão, aprox. 300 d.C.

Como governador da Bitínia (303-307) e depois do Egito, durante a Grande Perseguição, Sossiano Hiérocles teve ampla oportunidade para maltratar e perseguir os cristãos, embora preferisse que eles se retratassem e abandonassem a fé a ter de matá-los. Tentou persuadi-los com um panfleto, "O amante da verdade": *Jesus, conforme insistia, fora um homem santo, mas seus seguidores fraudulentos haviam explorado sua reputação; os sinais de seu poder não tinham significação para além de sua própria época. *Eusébio de Cesaréia escreveu uma resposta irada, e *Lactâncio, que vira seus amigos serem julgados por Hiérocles, cita-o indignadamente como o autor das perseguições (*Mort.*, XVI, 4).

HIGINO, CAIO JÚLIO (*Hyginus, Gaius Julius*) (aprox. 64 a.C.-17 d.C.), erudito.

Espanhol(?), liberto de *Augusto, Higino foi bibliotecário do Palatinado a partir do ano 28(?) a.C.; era amigo de *Ovídio e comentarista de *Virgílio. Foi também um antiquário prolífico, e escreveu sobre agricultura. Os trabalhos sobre mitologia, astronomia e agrimensura que aparecem com o nome de Higino não são do erudito da era de Augusto.

HILÁRIO DE POITIERS, SANTO (*Hilarius*) (aprox. 315-367 d.C.), bispo e teólogo.

Tendo recebido uma educação pagã, Hilário converteu-se do neoplatonismo ao cristianismo ao ler as Escrituras. Consagrado bispo de Poitiers (em aprox. 353 d.C.), tornou-se o principal oponente do arianismo (ver *Ário) no Ocidente. O Concílio de Béziers (356) condenou-o por sua obstinada defesa da ortodoxia, e foi exilado por *Constâncio II, fugindo para a Frígia. Em 359, Hilário apresentou o caso da ortodoxia no Concílio de Selêucia, antes de voltar para o Ocidente. Foi o mais importante teólogo latino do período; sua principal obra é *Sobre a Trindade*. Outros trabalhos incluem comentários bíblicos, os primeiros hinos latinos conhecidos, um relato da história da Igreja de seu tempo: *Os concílios* (sínodos). Ver também São *Martinho de Tours.

HIMÉRIO (*Himerius*), sofista, século IV d.C.

Himério nasceu em Prusa, na Bitínia, e

foi retórico profissional durante os reinados de *Constâncio II e *Juliano. Em 362, Juliano convidou-o a ir para Antióquia, deixando Atenas, onde competira com Proerésio e onde ensinara São *Basílio e São *Gregório de Nazianzo. De Himério, foram conservados vinte e quatro discursos sem conteúdo político, bem como exercícios retóricos, todos escritos num estilo poético singularmente apurado.

HIPÁCIA (*Hypatia*) (falecida em 415 d.C.), filósofa pagã.

Apesar da violência contra o paganismo fomentada em Alexandria pelo bispo *Teófilo, Hipácia brilhou nessa cidade como a principal representante da escola de filosofia neoplatônica; o platônico cristão *Sinésio foi um de seus alunos. Hipácia tornou-se uma das raras "mártires" pagãs ao ser linchada por uma multidão cristã em 415 d.C., acontecimento que horrorizou muitos cristãos, inclusive o historiador *Sócrates.

HIPÓLITO (*Hippolytus*) (aprox. 170-236 d.C.), santo cristão e teólogo.

Hipólito foi, provavelmente, aluno de *Ireneu e trabalhou em Roma; provavelmente, combateu o papado. Controvertido e antipático, foi exilado para a Sardenha no tempo de *Maximino Trácio, e morreu no exílio. Vários fragmentos de seus trabalhos polêmicos sobreviveram.

HÍRCIO (*Hirtius*), cônsul, 43 a.C.

Partidário de *César, sob cujo comando serviu como oficial na Gália e durante as guerras civis, Aulo Hircio alcançou a pretoria em 46 a.C., e antes da morte de César foi indicado cônsul para o ano 43. Nesse ano, uniu suas forças a *Otaviano para combater *Marco Antônio, em favor da República. Derrotou Marco Antônio em Módena, mas foi morto durante as comemorações da vitória, depois de ter sido aclamado *imperator*. Em Roma, teve funerais públicos no Campo de Marte. Hircio era famoso como *gourmet*; como literato, completou os *Comentários* de César sobre a guerra da Gália, e escreveu um apêndice para a obra *Bellum Alexandrinum*.

HISTÓRIA AUGUSTA (*Scriptores Historiae Augustae*).

História augusta é o título moderno de

uma coleção de biografias imperiais existente até hoje. Essas biografias de imperadores incluem os césares e os usurpadores, e cobrem o período que vai de 117 a 284 d.C., com uma lacuna nos anos 244 a 259; foram escritas à maneira de *Suetônio e, segundo se afirma, por seis autores, durante os reinados de *Diocleciano e *Constantino. Os seis autores desconhecidos citam mais de uma centena de cartas imperiais ou “documentos” que não puderam ser confirmados em outras fontes (e são, muitas vezes, implausíveis); citam vários “escritores” que também não são citados em nenhum outro lugar, ao lado de fontes genuínas como *Herodiano ou *Mário Máximo. Muitos eruditos consideram hoje fictícios esses “documentos” e “escritores”, bem como seu contexto. Estudos de estilo e linguagem sugerem que os “seis” autores também são uma ficção, e que a *História* é obra de uma pessoa que a escreveu mais tarde. Nenhuma fonte do século IV a menciona, e suas próprias referências e anacronismos sugerem que foi escrita nos anos 390, talvez em Roma. Infelizmente, a *História augusta* é o mais importante texto conhecido para o estudo dos mal documentados séculos II e III d.C. Muitos esforços foram devotados à tentativa de investigar suas fontes, seus propósitos (se existem) e, em geral, separar a verdade da ficção. A obra tem também certo interesse intrínseco como uma espécie de “romance” do fim da Antiguidade.

HONÓRIA (*Honorio*), augusta, desde 425 d.C.

Irmã de *Valentiniano III, Justa Grata Honória provocou dois escândalos palacianos em apenas dois anos, primeiro por manter um caso amoroso com seu mordomo, *Eugênio, que foi executado; depois, quando ficou noiva, diz-se que enviou seu anel para *Átila, prometendo sua mão em casamento em troca de auxílio. Átila valeu-se desse fato ao invadir a Itália (452 d.C.), exigindo dela o “dote de casamento”. Depois disso, não se tem mais notícias de Honória.

HONÓRIO (*Honorius*), imperador do Ocidente, 395-423 d.C.

Flávio Honório foi proclamado augusto com a idade de oito anos, por seu pai *Teodósio I, a quem sucedeu em janeiro de 395



Honório e Maria: camafeu de sardônica (montado no século XIII). Paris, Coleção E. de Rothschild.

como imperador do Ocidente. O poder real pertencia ao general *Estilício, cuja filha se casara com Honório. A exigência de Estilício, de que deveria ser também o tutor do irmão mais velho de Honório, *Arcádio, provocou uma “guerra fria” entre os impérios do Ocidente e do Oriente. O Império Ocidental desintegrou-se quando as invasões bárbaras se espalharam através da Gália e da Espanha, e o usurpador *Constantino III estabeleceu-se em Arles (407-411 d.C.); em 410, a Bretanha foi abandonada a seus próprios recursos. A invasão da Itália por *Alarico forçou Honório a se refugiar, com sua corte, nos pântanos próximos a Ravena (402 d.C.), cidade que passou a ser a capital. Graças aos esforços de um novo comandante-em-chefe, *Constâncio (III), Honório conseguiu recuperar grande parte da Gália e da Espanha, e entrou em acordo com os visigodos, que, assim, puderam estabelecer seu reino na Aquitânia (418). Já no fim de seu reinado (421), Honório entrou em conflito com a viúva de *Constâncio, Gala *Placídia, de quem era meio irmão, forçando-a a fugir para Constantinopla. Honório morreu em 15 de agosto de 423, sem ter tido filhos.

HORÁCIO (*Horatius*) (65-8 a.C.), poeta.

Graças à biografia escrita por *Suetônio e a vários poemas autobiográficos, as circunstâncias da vida de Quinto Horácio Flaco são bem conhecidas. Nascido em Venosa (*Venusia*), na Itália, filho de um leiloeiro liberto, Horácio recebeu excelente educação (ver *Orbílio; *Sátiras*, I, 6, 71 e segs.). Seguiram-se estudos mais avançados em Atenas; em 44-42 a.C., serviu no exército de *Bruto, alcançou o alto posto de tribuno militar e lutou em Filipos. Mas estava do lado perdedor, e foi despojado de todas as suas propriedades (*Epístolas*, II, 2, 47 e segs.); tornou-se, por algum tempo, secretário do Tesouro, mas no começo de 38 (?) foi apresentado a *Mecenas por *Vário e *Virgílio, e logo acolhido pelo grande patrocinador (*Sátiras*, I, 6, 54 e segs.). Recebeu de Mecenas uma vila nas colinas Sabinas, além do Tívoli, vila que amou profundamente e celebrou inúmeras vezes; *Augusto ofereceu-lhe o cargo de secretário particular, que ele conseguiu recusar. O contínuo favor imperial refletiu-se na comissão para escrever uma longa ode sobre os Jogos Seculares de 17 a.C. (*Carmen saeculare*). Em seu testamento, Mecenas pediu a Augusto que cuidasse de Horácio; o poeta foi enterrado ao lado do patrono. O sucesso ofuscante de Horácio atraiu críticas e ele foi também vítima de uma prolongada rixa literária, mas seus poemas revelam vocação para a amizade e uma personalidade profundamente agradável. Horácio era um homem pequeno e gordo.

Obras. I. *Epodos* (iambos escritos na década de 30). Dezessete poemas, originalmente modelados segundo a forma de Arquíloco; os de número 1, 9 e 16 são os primeiros poemas de teor político escritos em Roma. O tom mordaz dos iambos não se sustenta o tempo todo: essa primeira coleção já mostra um prodigioso talento para a exploração das formas e dos temas gregos. II *Sátiras* (*Sermones*: dois livros com ao todo dezoito poemas, publicados, talvez em conjunto, por volta de 30 a.C.). A intenção de Horácio é "rindo, dizer a verdade" (I, 1, 24), à maneira dos colóquios populares gregos sobre filosofia (*diatribes*), e os poemas são considerados mais como conversas, isto é, *sermones*: tratam por exemplo de sucesso e inveja, de cidade e campo, do propósito e da natureza dos próprios *sermones*, de sexo, de busca de heranças (I, 2, 4, 6, 10; II, 1, 5, 6); a difamação enérgica de pes-

soas de caráter inferior é temperada pelo humor rico e pela discussão moderadamente indireta. III. *Odes* (*Carmina*: livros I-III (?), editados juntos em 23 a.C. (?), e o IV, em 13 a.C. (?)): cento e três poemas que comprovam seu domínio insuperável de uma grande variedade de métricas, e o uso magistral da linguagem condensada, impossível de traduzir; sugerem ainda uma leitura prodigiosamente atenta da poesia antiga de todos os períodos, bem como um amplo e variado conhecimento de geografia, mitologia e religião. Obscurecidos por essa maestria técnica, a vida, os amores, a política e as opiniões filosóficas do "homem Horácio" permanecem ocultos, segura e permanentemente. IV. *Epístolas* (livros I e II, o I escrito provavelmente entre 23 e 19 a.C.): vinte poemas na forma de hexâmetros, alguns superficialmente epistolares. Os temas são freqüentemente mais leves que os das *Sátiras*, mas o tratamento é sempre criterioso, embora solto e alegre; os lugares-comuns da ética helenística e as realidades da vida romana aparecem perfeitamente associados. A epístola a Augusto, de aprox. 16 a.C., preocupa-se com o lugar do poeta na sociedade, e a epístola a Floro, de 19/18 a.C., trata de temas literários, filosóficos e autobiográficos. V. *Ars poetica*, chamada algumas vezes *Epístula ad Pisones*, aprox. 18 a.C. ou aprox. 10 a.C.: esse poema, o mais longo de Horácio, trata principalmente da crítica do drama, e se caracteriza pela escolha brilhante dos exemplos e pela utilização da paródia.

HORÁCIO COCLES (*Horatius Cocles*).

Legendário herói de um só olho ("Cocles"), Horácio resistiu ao avanço de *Porsena até que os romanos destruíssem a ponte do rio Tibre. Segundo *Políbio, Cocles então se afogou, mas, segundo fontes mais recentes, sobreviveu e ficou aleijado; essa versão talvez tenha sido inspirada pela existência de uma estátua na Area Vulcani que, segundo se supõe, o retratava.

HORÁCIO PULVILO, MARCO (*Horatius Pulvillus, Marcus*), cônsul, 509(?), 507(?) a.C.

Horácio consagrou o Templo Capitolino durante seu primeiro consulado, ou, conforme outra versão (de *Varrão?), durante seu segundo consulado (que é omitido por algumas fontes), ou quando era pontífice. Não se tem certeza se seu nome foi gravado no templo

(que foi talvez dedicado novamente após a expulsão dos reis). Alföldi sugere que o templo foi reconstruído depois do saque perpetrado pelos gauleses, e sua (re)dedicação caberia a M. Horácio, tribuno consular em 378 a.C.

HORMISDA (*Hormisdas*), príncipe persa renegado, século IV d.C.

Hormisda, irmão de *Sapor II, aliou-se aos romanos em 324. Serviu como comandante de cavalaria durante o reinado de *Constâncio II, e acompanhou-o a Roma em 357. Foi general durante a expedição de *Juliano contra os persas (363), e talvez Juliano pretendesse, caso fosse vitorioso, colocar Hormisda no trono.

HORTÊNSIO (*Hortensius*) (114-50 a.C.), orador; cônsul em 69 a.C.

Quinto Hortênsio Hórtalo era o mais importante orador de Roma quando *Cícero iniciou sua carreira. Ambos entraram em conflito várias vezes, principalmente no caso de *Verres, mas, mais tarde, trabalharam em conjunto e tornaram-se amigos pessoais. Hortênsio era o maior expoente romano do rebuscado estilo asiático, sempre reforçado por gestos extravagantes.

HORTÊNSIO, QUINTO (*Hortensius, Quintus*), ditador, aprox. 287 a.C.

Hortênsio pôs fim a uma secessão dos plebeus através de leis que tornavam os plebiscitos obrigatórios para o Estado romano. Também fez alterações no calendário, incluindo talvez os *dies comitiales* (dias determinados, nos quais as assembleias podiam se reunir).

HÓSIO (ÓSSIO) (*Hosius, Ossius*) (aprox. 257-357 d.C.), bispo de Córdoba.

Consagrado bispo de Córdoba por volta de 296, Hósio sofreu durante a Grande Perseguição, e tomou parte no Concílio de Elvira (em aprox. 306), antes de tornar-se o conselheiro cristão de *Constantino, desde cerca de 313. Constantino, numa tentativa de acabar com a controvérsia do arianismo (ver *Ário), enviou Hósio em uma missão a Alexandria, e talvez no Concílio de Nicéia (325), tenha sugerido o famoso termo *homoousios*. Durante o reinado do ariano *Constâncio II, Hósio presidiu o Concílio da Sárdica (343),

mas em 355 foi banido para Sírmio por apoiar *Atanásio. Do exílio, escreveu para Constâncio confirmando a independência da Igreja do poder secular. Em 357, com quase cem anos de idade, Hósio cedeu a pressões e assinou um documento pró-ariano, mas repudiou-o antes de sua morte.

HOSTILIANO (*Hostilianus*), César em aprox. 250-251 d.C.; Augusto em 251 d.C.

Filho mais jovem de Trajano *Décio, Caio Valente Hostiliano Méssio Quinto tornou-se Augusto quando *Treboniano Galo subiu ao trono depois da morte de Décio, governando em conjunto com ele; morreu vítima da peste após um período bastante curto.

IÂMBLICO (*Iamblichus*) (antes de 250 d.C.-depois de 319 d.C.), filósofo neoplatônico.

Iâmblico provinha de uma antiga família da Síria, onde viveu a maior parte de sua vida, cercado por alunos de todo o Oriente Médio. Escreveu comentários sobre Platão e Aristóteles e trabalhos sobre a essência matemática da realidade, que provavelmente faziam parte de um curso completo sobre a ciência de Pitágoras. Iâmblico era admirado como filósofo, e também como homem "hábil nas orações aos deuses". Suas orações não careciam de fervor, mas ele descobriu que, para sustentar a simpatia divina, precisava de técnicas teúrgicas consideradas aviltantes pelos neoplatônicos mais contemplativos, como por exemplo *Porfírio, com quem estudara filosofia. A tecnologia teúrgica não era exclusivamente helênica: Iâmblico recorreu a antigas tradições do Egito e da Síria como métodos para influenciar a miríade de deuses e demônios que afetam a vida na terra, e para preparar a alma para a união com os deuses. O "divino Iâmblico" era muito devotado a seus discípulos, alguns dos quais influenciariam o imperador *Juliano.

ICÍLIO, LÚCIO (*Icilius, Lucius*), tribuno, 456, 455 e 449 a.C.

Considera-se que Icílio foi responsável por um plebiscito que permitiu a ocupação popular do monte Aventino (456 a.C.); de acordo com *Dionísio de Halicarnasso, o plebiscito foi levado a efeito publicamente, no

templo de Diana Aventina. Mais tarde, Icílio foi apresentado como noivo de *Virgínia e como líder plebeu contra o Segundo Decenvirato.

INÁCIO, SANTO (*Ignatius*) (aprox. 35-107 d.C.), bispo e mártir de Antióquia.

Autor de sete cartas de encorajamento às igrejas cristãs (compostas a caminho do martírio em Roma, talvez no Coliseu), Inácio era um adepto apaixonado do ideal do martírio e partidário fiel da autoridade episcopal — fato que estimulou a controvérsia sobre a autenticidade de suas obras.

INÁCIO, GÉLIO (*Egnatius, Gellius*), general samnita, 295 a.C.

O general samnita Gélio Inácio, juntamente com seus aliados etruscos e gauleses, foi derrotado e morto em Sentino (295 a.C.). Seu nome era talvez fictício, baseado em Mário Inácio, líder itálico da Guerra Social.

INÁCIO RUFO, MARCO (*Egnatius Rufus, Marcus*), pretor, 20 a.C.(?).

Inácio tentou desviar para si o entusiasmo popular que os romanos devotavam a *Augusto, principalmente com a formação de um corpo de bombeiros. Uma vez contido, pareceu dedicar-se à conspiração, e foi então executado.

INGENUO (*Ingenuus*), usurpador na Panônia, 260 d.C.

Ingênio era governador da Panônia quando foi proclamado imperador pelas legiões da Mésia, após a captura de *Valeriano, em 260; no mesmo ano, foi derrotado em Mursa por *Galieno.

IRENEU, SANTO (*Irenaeus*) (aprox. 130-200 d.C.), bispo de Lyon.

Ireneu era provavelmente nativo de Esmirna, foi discípulo de *Policarpo, estudou em Roma e tornou-se presbítero em Lyon. Estava em missão, em Roma, quando houve a perseguição de cristãos em Lyon (177). Ao voltar à cidade, assumiu a sé que ficara vaga, pois seu predecessor morrera durante a perseguição. Ireneu era um violento defensor do pensamento cristão ortodoxo; sua principal obra, *Contra todas as heresias*, escrita em grego, é um libelo muito importante contra o gnosticismo.

JAVOLENO PRISCO (*Javolenus Priscus*), jurista; cônsul em 86 d.C.

Caio Otávio Tídio Tossiano Lúcio Javoleno Prisco foi um jurista famoso, chefe da Escola Sabina. Entre outros comandos provinciais, foi um dos dois primeiros *iuridici* (deputados legais do governador) da Bretanha, juntamente com Sálvio Liberal, talvez para ajudar na fusão do antigo reino dependente de *Cogidubno com a província.

JERÔNIMO, SÃO (*Hieronymus*) (aprox. 345-420 d.C.), erudito cristão e polemista.

Eusébio Jerônimo nasceu perto da Aquiléia, e estudou literatura latina e retórica em Roma, onde foi batizado. Viveu numa comunidade monástica, junto com seu companheiro de estudos, *Rufino, e mais tarde foi para Antióquia (em aprox. 374). Nessa cidade, sonhou que Cristo o condenava por sua devoção à literatura clássica (“Você é ciceroniano, não cristão”), e então retirou-se para o deserto, onde aprendeu hebraico. Disputas com outros eremitas (“piores que animais selvagens”) forçaram-no a voltar para Antióquia (em aprox. 377). Em seguida, foi para Constantinopla (aprox. 379), onde traduziu a *Crônica* de *Eusébio, continuando-a até o ano 378. Em 382, Jerônimo voltou para Roma e tornou-se secretário do papa *Dâmaso, que lhe encomendou sua obra principal: a revisão ou substituição das traduções latinas da Bíblia então existentes que, depois de muitas críticas, foram gradualmente aceitas como *Vulgata*. Tornou-se também conselheiro espiritual de senhoras aristocráticas, principalmente Santa Paula e Santa *Eustóquia, mas sua crescente impopularidade, depois da morte de Dâmaso, forçou-o a abandonar a “Babilônia” (385).

Com Paula e Eustóquia, Jerônimo visitou a Terra Santa (385/386) e, em 386, fixou-se em Belém, onde Paula construiu um convento e um monastério. Viveram aí o resto de suas vidas, enquanto ele se dedicava a intensa atividade intelectual, traduzindo a Bíblia, escrevendo comentários e empenhando-se em polêmicas. Demoliu, assim, dois críticos de seu próprio ramo do cristianismo ascético: *Joviniano (393) e *Vigilância (406), este último por meio de um áspero libelo escrito em uma noite. Sua interpretação alegórica das Escrituras o aproximou de *Orígenes, mas ele criticou Santo *Ambrósio (que também o

criticou) por “empavonar-se, como uma gralha horrível, com penas emprestadas”, recusando-lhe um lugar nos *Homens célebres* (392/393), coleção de biografias de escritores cristãos que cita apenas uma obra de São *João Crisóstomo, e termina com uma lista completa dos trabalhos do próprio Jerônimo. Orígenes é descrito como um “gênio imortal”, mas em 393 Jerônimo considerou-o herético, invocando a autoridade de Santo *Epifânio; seguiu-se uma áspera discussão com o bispo de Jerusalém (que o excomungou) e com seu antigo amigo, Rufino. Após a reconciliação de 397, a discussão se reacendeu com a mordaz advertência de Rufino sobre a antiga admiração de Jerônimo por Orígenes (398). Jerônimo apoiou *Teófilo de Alexandria quando este depôs João Crisóstomo sob a alegação de simpatia pelos origenistas refugiados do Egito; quando o papa Inocêncio apoiou Crisóstomo, Jerônimo traduziu a denúncia de Teófilo, que classificava Crisóstomo de “assassino” (404).

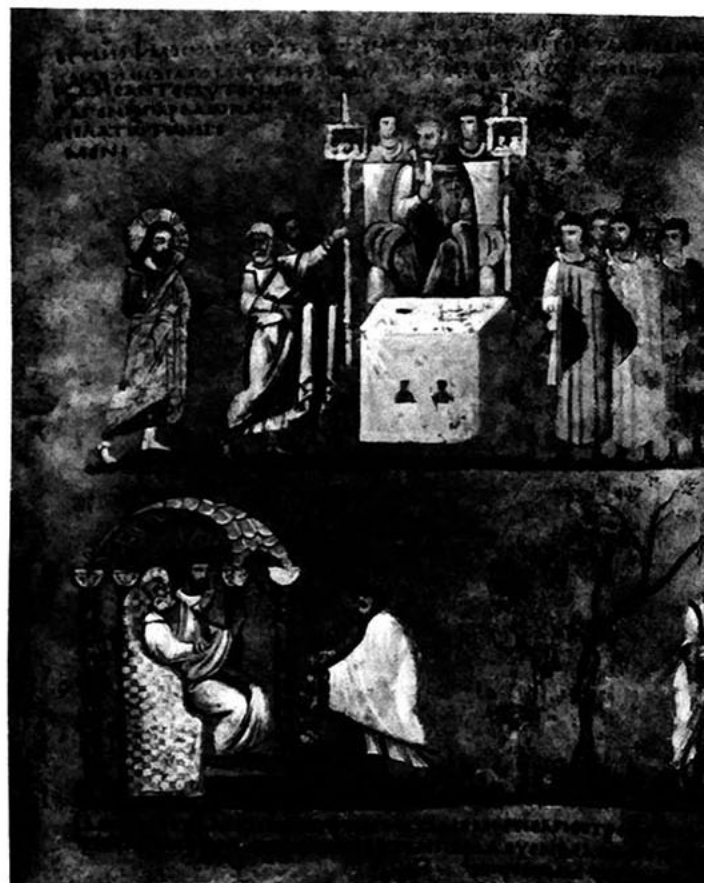
A queda de Roma, em 410, “quando o mundo todo pereceu em uma cidade”, desorientou Jerônimo, mas ele conseguiu continuar seu trabalho sobre Ezequiel, graças à certeza de que o “escorpião” (Rufino) estava morto. Refugiados chegavam à Palestina em grande número, entre eles *Pelágio, cujos ensinamentos inspiraram alguns dos últimos trabalhos de Jerônimo, que morreu em Belém, a 30 de setembro de 420. Foi o mais erudito dos intelectuais de seu tempo, profundo conhecedor de três línguas e, acima de tudo, um brilhante estilista latino, que se distinguiu tanto na ficção quanto na sátira. Não era um pensador original como Santo *Agostinho, mas foi um eloquente defensor do catolicismo ocidental e da vida ascética.

JESUS CRISTO (*Jesus Christus*).

Trataremos neste verbete principalmente dos pontos em que coincidem as versões dos evangelistas e as outras fontes da história da época.

Os evangelistas citam duas datas para o nascimento de Cristo, ambas extremamente precisas, mas contraditórias. Não é provável que Sulpício *Quirino fosse governador da Síria, ou que pudesse ter conduzido um censo na Judéia (Lucas, 2, 2) antes do ano 6 d.C.; ao passo que a morte de *Herodes, o Grande (Mateus, 2, 1), ocorreu no ano 4 a.C. Não

foi encontrada ainda uma prova satisfatória que estabelecesse a verdade sobre essa data. A missão de João Batista, associada ao início dos três anos de pregação pública de Cristo, remonta aos anos 27 e 29 d.C.



Os Evangelhos de Rossano, datados do século VI d.C.: Cristo diante de Pilatos, e morte de Judas. Rossano, Museu Arquiepiscopal.

Os ensinamentos de Cristo, embora solidamente fundamentados no judaísmo, uma vez que enfatizavam o advento do Reino de Deus e seu papel pessoal em termos messiânicos, logo se mostraram destoantes e mesmo incompatíveis com a instituição religiosa; os líderes judeus, então, apelaram para o medo que os romanos tinham das desordens públicas, e persuadiram o governador *Pôncio Pilatos a condená-lo à crucificação, após um julgamento do qual os evangelistas preservaram um relato historicamente convincente. Seus seguidores ficaram convencidos da ressurreição de Cristo no terceiro dia após sua morte; sem dúvida, foram suficientemente inspirados para difundir e interpretar os ensinamentos

de seu mestre com um fervor para o qual é difícil encontrar paralelo. Os Atos dos Apóstolos dão testemunho disso. (A veracidade desses Atos pode ser avaliada pelo conhecimento que demonstram dos procedimentos administrativos romanos da época.) Ao tempo de *Cláudio (se as palavras de *Suetônio, “pela instigação de *Chrestus*”, devem ser assim interpretadas) e de *Nero (Tac., *Anais*, XV), a nova seita já causava problemas em Roma, e esses relatos do século II d.C. são derivados de fontes romanas hostis, ainda mais antigas. *Plínio, o Jovem, ao descrever a Igreja da Bitínia, bem estabelecida nos últimos anos do reinado de *Trajano, é uma testemunha mais importante, embora apenas parcialmente informada. Ver também São *Pedro e São *Paulo.

Cristo com romãs (símbolo divino): mosaico do século IV d.C. em Hinton St. Mary (Dorset). Londres, Museu Britânico.



JOÃO CRISÓSTOMO, SÃO (*Joannes Chrysostomus*), bispo de Constantinopla, 398-404 d.C.

João Crisóstomo (“o que tem boca de ouro”), nascido em Antióquia em aprox. 347, filho de um oficial, foi um dos melhores alunos do orador pagão *Libânio; sua excelência como pregador tornou-o um clássico da Igreja Ortodoxa. Era monge quando teve problemas de saúde (aprox. 373-aprox. 381); voltou depois a Antióquia como diácono e, em 386, foi ordenado padre. Centenas de seus sermões resistiram ao tempo; encontram-se entre eles pequenos tratados “socialistas” que denunciavam os homens ricos sem consciência. João foi preso por ordem de *Eutrópio e consagrado bispo de Constantinopla (26 de fevereiro de 398), para desgosto de *Teófilo, bispo de Alexandria. A eloquência de João, sua austeridade, seu zelo reformador conquistaram um enorme contingente de seguidores, mas tornaram-no impopular com o clero e a corte. Quando a imperatriz *Eudóxia reuniu um concílio para ouvir as queixas dos monges egípcios contra Teófilo, este fez-se representar por seus próprios seguidores e acabou depondo João (julho de 403). Logo ele foi chamado de volta a seu cargo, mas sua franqueza indispeteu Eudóxia novamente, e João foi exilado para as montanhas Tauro (junho de 404).

São João Crisóstomo: mosaico em arco (início do século X) da nave de Hagia Sofia, em Istambul.



Nessa região, ele escreveu centenas de cartas e obteve o apoio do papa Inocêncio; mas, em 407, prestes a ser transferido para um lugar em que sofreria piores condições, sua morte foi apressada por maus-tratos deliberados (14 de setembro).

JORGE DA CAPADÓCIA (*Georgius*), bispo de Alexandria, 357-361 d.C.

Arrogante e violento, Jorge, ariano extremo, foi nomeado em 357 d.C. para a sé de Alexandria, deixada vaga com a fuga de *Atanásio. Alienou os cristãos ortodoxos e os pagãos e, em 361 d.C., após a morte do ariano *Constâncio II, foi linchado durante um tumulto provocado por suas palavras, pronunciadas diante de um templo importante: "Até quando ficará em pé esse túmulo?" O imperador *Juliano, que era pagão, escreveu aos alexandrinos, reprovando o ato deles de modo suave.

JOSEFO (*Josephus*) (nascido em 37/38 d.C.), historiador e polemista judeu.

Josefo nasceu em Jerusalém e era favorável a Roma, embora tenha defendido Jotapata durante a Guerra da Judéia, até sua queda em 67 d.C. Perdoado por *Vespasiano,

foi tratado favoravelmente; auxiliou *Tito no cerco de Jerusalém e mudou-se para Roma, onde viveu em segurança, favorecido por Vespasiano, Tito e *Domiciano. Escreveu a *Guerra da Judéia*, inicialmente em aramaico (aprox. 73) e depois em grego (75/76); a obra resume o período que vai de 75 a.C. até 66 d.C., e trata da Guerra da Judéia com grandes detalhes. As *Antiguidades judaicas* (terminadas em 93/94), em vinte livros, cobrem toda a história judaica até o ano 66 d.C. Josefo escreveu também, no fim de sua vida, uma autobiografia polêmica em que rebatia acusações frequentes, e dois livros, *Contra Apião*, em que respondia a calúnias anti-semíticas.

JOTAPIANO (*Jotapianus*), usurpador, aprox. 248-249 d.C.

A ascensão de Jotapiano ao poder, tanto na Capadócia quanto na Síria, foi conseqüência da severa política fiscal de Caio Júlio Prisco, irmão de *Filipe I; mas Jotapiano logo foi assassinado por suas tropas.

*Procissão com os espólios do cerco de Jerusalém (descritos por Josefo): Arco de *Tito, aprox. 90 d.C.*



JOVIANO (*Jovianus*), imperador, 363-364 d.C.

Flávio Joviano nasceu em Belgrado (331 d.C.); era filho de um general, e serviu como oficial do estado-maior na expedição de *Juliano contra os persas. Quando Juliano foi morto, os generais não entraram em acordo, e uma facção deles proclamou Joviano imperador. Ele conseguiu salvar o exército às custas de um tratado humilhante, mas pouco depois, em 17 de fevereiro de 364, enquanto marchava para Constantinopla, foi envenenado acidentalmente por fumaça de carvão.



Moeda de ouro (sólido) com retrato do imperador Joviano, onde ele aparece coroado por um diadema de pérolas com rosetas.

JOVINIANO (*Jovinianus*), monge heterodoxo, ativo na década de 390 d.C.

Joviniano era monge em Roma. Sua opinião sobre a regeneração pelo batismo fez com que ele rejeitasse o ascetismo de seu tempo: para ele, todos os cristãos que não haviam degenerado receberiam a mesma recompensa, não fazendo diferença ser celibatário ou casar, jejuar ou comer com gratidão. Joviniano foi excomungado pelo papa Sirício e por Santo *Ambrósio, depois deportado para uma ilha por continuar oficiando ilícitamente. Seus ensinamentos chegaram até nós principalmente através do virulento tratado de refutação escrito por São *Jerônimo (aprox. 393 d.C.).

JUBA II (*Juba*), rei da Mauritânia, 25 a.C.-aprox. 23 d.C.

Enquanto ainda era criança, Juba participou do triunfo de *César, e depois foi educado na Itália. Lutou com Otaviano, foi restaurado no trono no ano 25 a.C. e casou-se com a filha de *Marco Antônio e *Cleópatra.

Foi amigo íntimo de *Augusto, e um dos mais importantes soberanos dependentes de Roma. *Plínio, o Velho, registra que Juba era ainda mais famoso pela erudição do que por seu governo.

JUGURTA (*Jugurtha*), rei da Numídia, 118-105 a.C.

Descendente ilegítimo de *Masinissa, mas homem muito ambicioso, Jugurta atingiu a condição de rei através da proteção de *Cípião Emiliano, com quem serviu na Numância (133 a.C.). O diligente cultivador de um amplo círculo de relações no Senado permitiu que levasse avante suas maiores ambições com o mínimo de interferência de Roma. Assim, no ano 112 a.C., Jugurta havia subjugado todo o reino da Numídia pela eliminação de seus irmãos legítimos; mas, nesse ano, o massacre de cidadãos italianos que residiam em Cirta levou Roma a declarar guerra. Jugurta resistiu por longo tempo, e em 109 a.C. ficou patente em Roma sua maneira incompetente e corrupta de conduzir a guerra. Por instigação de *Mamílio, vários senadores importantes foram acusados de receber suborno de Jugurta, antes e durante a guerra. Esses subornos eram, na verdade, presentes tradicionais de um cliente a seus patronos romanos, que cometeriam uma ofensa se colocassem os interesses do cliente acima de seus deveres patrióticos. Após os sucessos militares de *Metelo Numídico, a guerra foi terminada por *Mário, no ano 105 a.C. Jugurta foi executado em Roma no ano seguinte.

JÚLIA(1) (*Julia*) (falecida em 54 a.C.), filha de César.

Filha de *César com Cornélia (filha de *Cina), Júlia foi dada em casamento a *Pompeu, no ano 59 a.C. Sua personalidade parece ter preservado a aliança política entre os dois dinastas, ambos devotados a ela. Sua morte, devida a um parto, no ano 54 a.C., apressou consideravelmente a guerra civil. Júlia recebeu do povo honras fúnebres extravagantes, tendo sido enterrada no sagrado Campo de Marte.

JÚLIA(2) (*Julia*) (39 a.C.-14 d.C.), filha de Augusto.

Única descendente de *Augusto (com sua primeira esposa Escribônia), Júlia foi educada de maneira tradicional, e casou-se primeiro

com *Marcelo e depois com *Agripa, com quem teve os filhos Caio *César, Lúcio *César, *Júlia(3), *Agripina (a Velha) e *Agripa Pós-tumo. No ano 11 a.C., casou-se com *Tibério, com quem logo brigou. Um escândalo de enormes proporções, que envolvia Iulo *Antônio e outros, fez com que fosse exilada por adultério no ano 2 a.C. Júlia morreu no exílio em 14 d.C. Era famosa por sua bondade e seu senso de humor.

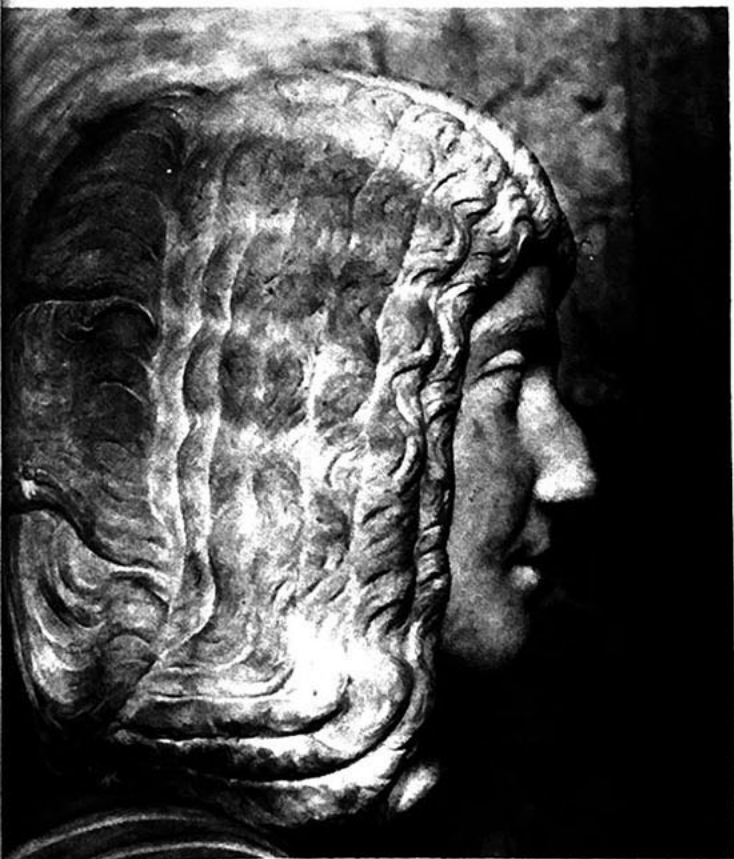
JÚLIA(3) (*Julia*) (aprox. 19 a.C.-28 d.C.), neta de Augusto.

Filha de *Agripa e de *Júlia(2), e esposa de Lúcio Emílio Paulo, Júlia foi condenada ao exílio perpétuo por adultério, no ano 8 d.C. O apoio de *Lívia permitiu que Júlia vivesse até 28 d.C.

JÚLIA DOMNA (*Julia Domna*), imperatriz, 193-211 d.C.

Júlia Domna nasceu na Síria, descendente de uma família de sacerdotes governantes de Emesa, e casou-se com *Severo em

Busto da imperatriz Júlia Domna. Munique, Glyptothek.



187 d.C. Teve dois filhos: *Caracala, em 188, e *Geta, em 189. Tornou-se imperatriz em 193, e era famosa por sua beleza e inteligência. Foi vítima do ódio e do desprezo de *Plauciano, prefeito pretoriano de 202 a 205, e recolheu-se ao estudo da filosofia. Formou em torno de si um grupo de figuras literárias que pode ter incluído *Filóstrato e *Ulpiano. No ano 208, Júlia acompanhou Severo em sua campanha na Bretanha. Após a morte de Severo, em 211, os dois filhos — rivais implacáveis — tornaram-se imperadores e governaram em conjunto; mas Caracala, tendo convencido Júlia a convocar os dois para uma reconciliação, esfaqueou o irmão, que morreu nos braços da mãe. Júlia suicidou-se em 217, após a morte de Caracala e a proclamação de *Macrino como imperador.

JÚLIA MAMEIA (*Julia Mamaea*), augusta, 222-235 d.C.

Júlia Avita Maméia, mãe do imperador *Severo Alexandre, era sobrinha da imperatriz *Júlia Domna e irmã de *Júlia Soêmia. Casou-se com Gêssio Marciano. Depois das mortes de sua mãe (*Júlia Mesa), *Elagábalo e Júlia Soêmia, ela exerceu o poder efetivo atrás do trono e dominou completamente seu filho. Sua avareza era notória, e o próprio Alexandre deplorava alguns dos confiscos que ela impunha. Seu poder e sua influência tornaram-se evidentes pelos títulos honoríficos concedidos pelo jovem governante: “mãe do imperador, do exército, do Senado e da nação”. Júlia foi assassinada com seu filho durante uma campanha, depois que as tropas o abandonaram em consequência do motim de *Maximino.

JÚLIA MESA (*Julia Maesa*), augusta, 218-aprox. 224/225 d.C.

Irmã da imperatriz *Júlia Domna, Júlia Mesa casou-se com o ex-cônsul Júlio Avito e teve duas filhas: *Júlia Soêmia, mãe do imperador *Elagábalo, e *Júlia Maméia, mãe de *Severo Alexandre. Em 218, maquinou o plano graças ao qual as tropas da Síria proclamaram Elagábalo imperador e depuseram *Macrino. Do ano 218 até 224/225, Júlia exerceu o verdadeiro poder imperial; sua atuação foi fundamental para que *Severo Alexandre fosse proclamado imperador depois de sua adoção por Elagábalo, mas não sobreviveu muito tempo no novo reinado.



Estátua de Júlia Mamélia, mãe do imperador *Severo Alexandre.

JÚLIA PAULA (*Julia Paula*), imperatriz, 219-220/222 d.C.

Primeira das três esposas de *Elagábal, Júlia Cornélia Paula casou-se com ele em 219, e teve que se divorciar em 220/221.

JÚLIA SOÊMIA (*Julia Soaemias*), augusta, 218-222 d.C.

Filha mais velha de *Júlia Mesa e de Júlio Bassiano, Júlia Soêmia Bassiana nasceu na Síria, tornou-se esposa de Sexto Vário e deu à luz o futuro imperador *Elagábal. Ela e seu filho foram assassinados pelos soldados em 222, por causa dos excessos de Elagábal e de seu ciúme de *Severo Alexandre.



Protótipo de moeda de Júlia Soêmia, mãe do imperador *Elagábal.

JULIANO, O APÓSTATA (*Julianus*), imperador, 355-363 d.C.

Flávio Cláudio Juliano, último imperador pagão, nasceu em Constantinopla em 331/332; era sobrinho de *Constantino (ver árvore genealógica), e filho de seu meio irmão Júlio *Constâncio e de Basilina (que morreu logo depois de seu nascimento). Em seguida à morte de Constantino, em 337, o pai de Juliano e vários outros parentes foram vítimas de um massacre instigado por *Constâncio II. Juliano e seu meio irmão *Galo foram poupados por causa de sua pouca idade. Ele cresceu sob as suspeitas do imperador Constâncio, confinado por seis anos (342-348?), juntamente com Galo, na longínqua vila de Macela, na Capadócia; tornou-se "leitor" da Igreja, mas continuou a ler avidamente os clássicos pagãos. De volta a Constantinopla e a Nicomédia, Juliano estudou com os neoplatônicos mais importantes, principalmente com *Máximo de Éfeso, que completou sua conversão a uma versão mística do paganismo,

associada à magia, conversão que ele ocultou durante dez anos.

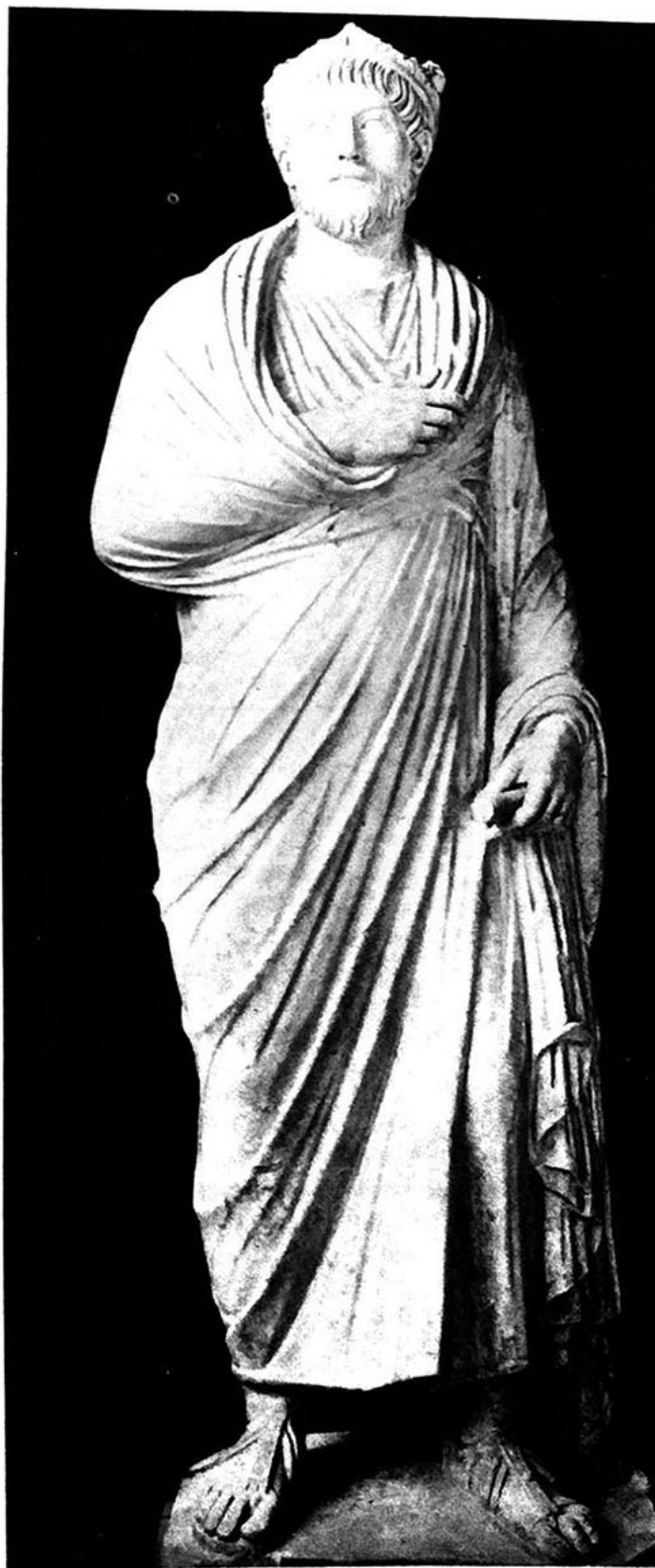
No fim de 355, após outros estudos em Atenas, Juliano foi chamado a Milão e nomeado César (6 de novembro); casou-se com Helena, irmã de Constâncio, e foi enviado à Gália para enfrentar as desastrosas invasões dos francos e alamanos. Em campanhas anuais, coroadas pela importante vitória contra os alamanos em Estrasburgo, no ano 357, ele conseguiu restaurar as fronteiras do Reno. Em 360, Constâncio tentou desviar algumas das melhores tropas de Juliano para a Pérsia, mas quando atravessavam Paris, onde Juliano estava passando o inverno, as tropas se amotinaram e o proclamaram Augusto. Constâncio recusou-se a confirmar a proclamação, e, no fim de 361, Juliano marchou para leste, a fim de combatê-lo. Constâncio saiu de Antióquia para contra-atacar, mas morreu de febre na Ásia Menor.

Juliano entrou em Constantinopla (dezembro de 361) e iniciou um programa de reformas e expurgos. A Comissão da Calcedônia liquidou os mais odiados servidores de Constâncio, assim como outras personalidades (ver *Úrsulo). Foi proclamada a liberdade para cristãos e pagãos, e o clero — que havia sido banido — foi chamado de volta. O pessoal que trabalhava no palácio foi bastante reduzido, bem como os secretários de Estado e os agentes, que formavam, na realidade, uma polícia secreta. Juliano aboliu alguns impostos e dívidas para com o Tesouro que estavam atrasados, e ampliou o controle imperial das finanças. Várias reformas suas beneficiaram as cidades e seus conselhos administrativos, que estavam em declínio.

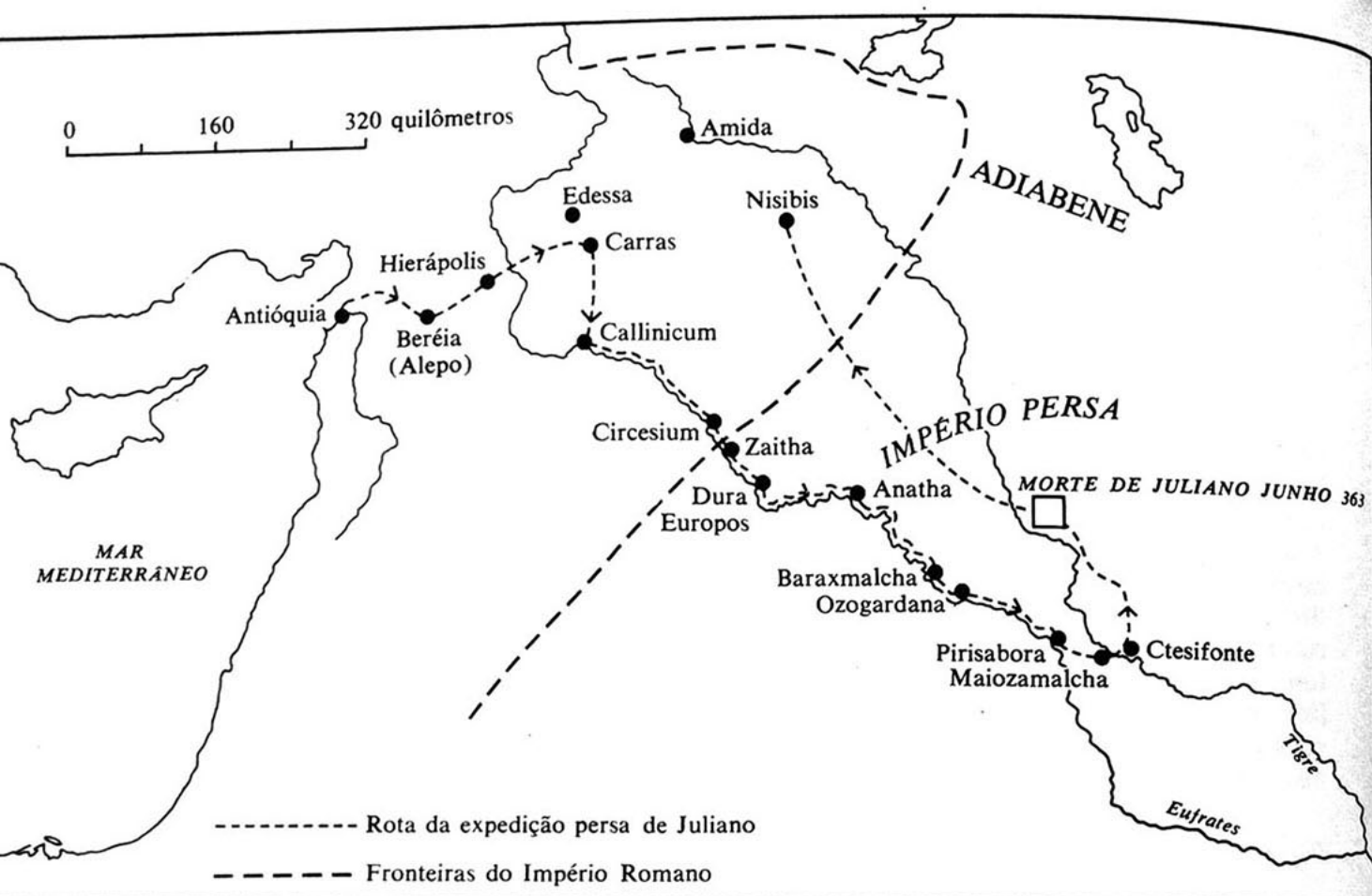
Reabilitados, os conselhos das cidades seriam a base social do renascimento pagão



Moeda de ouro com retrato do imperador Juliano usando um diadema de pérolas.



Estátua do imperador pagão Juliano, o Apóstata. Paris, Louvre.



Expedição de Juliano contra os persas, 363 d.C.

promovido por Juliano. Os templos, reabertos e reequipados, eram servidos por um corpo de sacerdotes remodelado como uma "igreja" pagã, sendo que um sacerdote principal chefiava cada hierarquia provincial, e todos eram chefiados pelo pontífice máximo, o imperador. Juliano contribuiu com várias obras, entre elas o *Hino ao rei sol*, que pregava o monoteísmo solar e neoplatônico como teologia pagã unificada. Procurou preservar toda a cultura greco-pagã em sua religião "helênica", devolvendo à literatura pagã seu conteúdo religioso ao impedir os cristãos de ensiná-la. Isso provocou amargos ressentimentos de cristãos ilustres, como *Gregório de Nazianzo. O exército era cortejado com banquetes sacrificatórios e subornos, e tinha que oferecer incenso nos dias de pagamento. Os pagãos sempre tinham preferência, e as atitudes contra cristãos, que incluíam linchamentos (ver *Jorge), eram condenadas de modo tímido. Apesar de sua recusa em fazer mártires, a atitude de Juliano para com os cristãos aproximava-se da perseguição; atacou com força a cristandade em seu trabalho *Contra os galileus*.

Nos anos 362-363, Juliano ficou em Antioquia para preparar uma grande expedição contra os persas. A escassez de víveres, provocada pela estiagem e pela presença do exército, foi exacerbada pela importação de trigo e pela fixação inadequada dos preços. A incapacidade do conselho citadino para resolver este e outros problemas colocou-o em conflito com o imperador; o fracasso desse conselho, integrado principalmente por cristãos, na celebração do festival de Apolo em Dafne, e o incêndio desse templo, tornaram as coisas piores. O ascetismo ostentado por Juliano e seu desprezo pelas diversões populares, como o teatro e as corridas, irritaram a população cristã. Escarnecido em versos populares, ele escreveu *Misopogon* (*Aquele que detesta barba*), onde começa por zombar de si mesmo e depois censura violentamente o povo de Antioquia.

A expedição contra a Pérsia (363) foi a princípio um brilhante sucesso. O enorme exército desceu o Eufrates e atravessou o Tigre; várias fortalezas e cidades foram tomadas, e uma grande batalha foi vencida. Mas o assalto fracassado contra Ctesifonte forçou os romanos a se retirarem, subindo o Tigre,

e Juliano foi morto em uma escaramuça. *Joviano fez a paz com os persas e levou o corpo de Juliano de volta para Tarso.

Juliano escrevia excelentemente em grego, e seus trabalhos são uma fonte rica em informações sobre o homem e sua política. Além dos trabalhos mencionados, sua obra compreende panegíricos, cartas e uma sátira sobre os imperadores que o precederam (*Os césores*). Embora prejudicada por um fanatismo estreito, sua espiritualidade ativa fez dele um santo pagão; e a inteligência, o idealismo e a energia que devotou ao renascimento das glórias passadas transformaram-no em uma figura romântica para a posteridade.

JULIANO, O TEURGO (*Julianus*), século II d.C.

Juliano, filho de Juliano, o Caldeu, e contemporâneo de *Marco Aurélio, foi considerado co-autor, juntamente com seu pai, dos *Oráculos caldeus*, coletânea muito importante de ditados teosóficos que inspiraram comentários de *Porfírio, *Iâmblico e *Proclo, e influenciaram o trabalho de escritores como *Arnóbio, *Vitorino, *Sinésio e *Marciano.

JULIANO, MARCO AURÉLIO SABINO (*Julianus, Marcus Aurelius Sabinus*), usurpador, 283-285(?) d.C.

Existe confusão quanto ao nome exato, quanto a ter havido apenas um ou dois Julianos, ou quanto à data da usurpação; mas sua existência é confirmada por Aurélio *Vitor e por *Zósimo, e foi registrada em moedas.

JULIANO, SÁLVIO (*Julianus, Salvius*), jurista; cônsul em 148 d.C.

Originário da África, talvez de Adrumeto, Públio Sálvio Juliano distinguiu-se como advogado, foi aluno de *Javoleno Prisco e o último chefe (mencionado nos registros) da Escola Sabina de juristas. Ocupou uma série de postos importantes, tendo sido governador da Germânia Inferior, da Espanha Citerior e da África. Foi conselheiro imperial de *Adriano e de *Antonino Pio; o primeiro confiou-lhe a importante tarefa de revisar e codificar o Édito do Pretor. Escreveu um *Compêndio*, composto de noventa livros, que exerceu uma grande influência na formação e no desenvolvimento das leis romanas clássicas.

JÚLIO (*Julius*), bispo de Roma, 337-352 d.C.

Forte partidário da ortodoxia, o papa Júlio ajudou a unir o Ocidente na luta contra o arianismo (ver *Ário), e acolheu e defendeu *Atanásio, *Marcelo de Ancira e outros bispos expulsos do Oriente. Em 343, convocou o Concílio da Sárdica. Trabalhou em favor do direito de apelo à sé romana. Fundou igrejas, entre elas a predecessora de Santa Maria, no Trastevere.

JÚLIO VERO (*Julius Verus*), cônsul, aprox. 151 d.C.

Nascido na Dalmácia, Cneu Júlio Vero foi general notável e amigo íntimo de *Marco Aurélio e de Lúcio *Vero. Talvez tenha servido como oficial subordinado na Judéia, em 134, sob o comando de seu tio, Sexto Júlio Severo. Depois de ocupar o cargo de cônsul, governou a Germânia Inferior, a Bretanha (aprox. 155-158) e a Síria, em 162/166, durante o período crucial da guerra contra os partos. Foi indicado para um segundo consulado, no ano 180, mas morreu antes de assumir o cargo.

JUSTINA (*Justina*), imperatriz, aprox. 370-388 d.C.

Segunda esposa de *Valentiniano I, a quem deu um filho (*Valentiniano II) e três filhas, Justina era de origem aristocrática, ex-esposa do usurpador *Magnêncio. Depois da morte de Valentiniano I, ela dominou a corte de seu filho, mas quando a corte se mudou para Milão (em aprox. 383), suas crenças arianas (ver *Ário) forçaram-na a uma disputa humilhante com Santo *Ambrósio, que a chamou de "Jezebel". Quando *Máximo invadiu a Itália, em 387, Justina teve que fugir com seu filho, mas convenceu *Teodósio I a restaurá-lo no trono; morreu no ano seguinte, durante a guerra de restauração.

JUSTINO MÁRTIR (*Justinus*) (aprox. 100-165 d.C.), teólogo cristão.

Um dos primeiros grandes apologistas cristãos, Justino nasceu na Samaria, estudou filosofia e tornou-se cristão mais ou menos aos trinta anos. Ensinou primeiro em Éfeso, e depois mudou-se para Roma, onde abriu uma escola cristã (*Taciano foi um de seus alunos). Sua primeira *Apologia* (de aprox. 155) foi dedicada a *Antonino Pio, *Marco

Aurélio e Lúcio *Vero; a segunda (de aprox. 161) foi dedicada ao Senado. Escreveu também um *Diálogo com Trifão, o Judeu*. Denunciado como cristão por volta do ano 165, Justino recusou-se a renegar sua crença; foi flagelado e decapitado (existe um relato de seu martírio). Seus trabalhos são as primeiras tentativas para explicar o cristianismo em termos aceitáveis às audiências com formação filosófica.

JUVENAL (*Juvenalis*), satirista, ativo no início do século II d.C.

Décimo Júnio Juvenal, nativo de Aquino, é o satirista mais famoso da Antiguidade. Sobreviveram quinze de seus poemas, dos quais os nove primeiros fornecem um quadro vívido da Roma do fim do século I d.C. As últimas sátiras são ensaios morais sobre assuntos como, por exemplo, o desejo de vingança. *Londres*, o famoso poema do dr. Samuel Johnson, era uma imitação da terceira sátira de Juvenal, considerada sua obra-prima, e que versa sobre os muitos problemas de se viver em Roma. A sexta sátira é uma crítica mordaz às mulheres. A biografia de Juvenal não pôde ser escrita, e todas as tentativas, desde o fim da Antiguidade, levaram a sérios enganos. *Marcial dedicou-lhe três epigramas (VII, 24,91; XII, 18), e duas inscrições de Aquino, hoje perdidas, podem referir-se a ele. Restam-nos escassas indicações autobiográficas nos poemas (principalmente no décimo quinto, que revela profundo conhecimento do Egito) e algumas provas internas de que os poemas foram escritos entre 110 e pouco depois de 127 d.C. A importância indevida dada à sátira I, 79 "*Facit indignatio versum*" ("*A indignação inspira meu verso*"), deu origem a uma versão fantasista de Juvenal como crítico apaixonado da sociedade romana de seu tempo. Idéia falsa: muitos dos indivíduos que ele condenava eram "história antiga" já no tempo em que escreveu, personagens ressuscitadas nas páginas de *Tácio; um grande número de suas vinhetas mais brilhantes são reelaborações de Marcial; seu primeiro poema começa com uma elaborada disputa literária, não com crítica social. É mais realista a visão de Juvenal como retórico soberbo e declamador eficiente, um mestre da paródia, do epigrama e da alusão.

JUVENAL DE JERUSALÉM (*Juvenalis*), bispo, 422-458 d.C.

Um dos principais animadores das controvérsias cristológicas do século V, embora por motivos políticos, Juvenal tinha por meta elevar sua sé a nível de "patriarcado". Ao favorecer *Cirilo de Alexandria, em Éfeso, no ano 431, assegurou seus objetivos; continuou a apoiar o sucessor de Cirilo, Dióscoro, no segundo Concílio de Éfeso, em 449. Quando as decisões desse concílio foram alteradas em Calcedônia (451), Juvenal mudou suas simpatias: manteve o patriarcado, mas teve que enfrentar uma rebelião dos monges de sua diocese, inconformados com sua atitude.

JUVENCO (*Juvenus*), poeta cristão, ativo em aprox. 330 d.C.

Caio Vécio Aquilino Juvenco, padre espanhol de origem nobre, escreveu uma versão do Novo Testamento (baseada principalmente em São Mateus) em belos hexâmetros, durante o reinado de *Constantino.

LABEÃO, MARCO ANTÍSTIO (*Labeo, Marcus Antistius*) (nascido em aprox. 48 a.C.), jurista.

Aluno de *Cícero e do amigo de *Horácio, Caio Trebácio Testa, Labeão foi indicado por *Augusto para ser cônsul substituto, por volta do ano 5 d.C., mas recusou o cargo. Era um político conservador, capaz de criar grandes problemas para a instituição imperial, mas era também um advogado muito criativo e de grande coragem.

LABÉRIO, DÉCIMO (*Laberius, Decimus*) (aprox. 106-43 a.C.), mimógrafo.

Nobre romano, francamente desrespeitoso a *César, por quem foi publicamente humilhado em julho de 46 a.C. (?), Labério era um escritor de teatro vulgar, mas brilhante e vigoroso. Ver *Publílio Siro.

LABIENO (*Labienus*), tribuno, 63 a.C.

Como tribuno popular no ano 63 a.C., Tito Labieno cooperou estreitamente com *César e promoveu a famosa acusação contra Caio Rabírio, por ter tomado parte na violenta repressão de *Saturnino, trinta e sete anos antes. Como legado, foi oficial de con-

fiança de César durante as campanhas na Gália; mas, ao estourar a guerra civil, Labieno uniu-se a *Pompeu, lutando ao lado dos republicanos e contra César até morrer, em Munda (Espanha), no ano 45 a.C.

LACTÂNCIO (*Lactantius*) (245/250-325 d.C.), cristão, homem de letras.

Originário da África, Lúcio Cecílio Firmiano Lactância foi chamado por *Diocleciano (284-305) para lecionar retórica latina em sua Nova Roma, em Nicomédia (Ásia Menor). Sendo cristão, Lactância perdeu seu emprego durante a Grande Perseguição (303-313), mas escreveu, em elegante prosa inspirada em Cícero, dois pequenos tratados e os sete livros dos *Preceitos divinos*. Os *Preceitos* deveriam ser uma enciclopédia permanente da apologética cristã, mas também elucidavam os sofrimentos, as questões controvertidas e, principalmente no Apocalipse, que termina a obra, as ardentes esperanças dos tempos agitados em que vivia Lactância. Um panfleto escrito posteriormente, a terrificante torrente de acusações *Sobre as mortes dos perseguidores*, relata, em primeira mão, a vingança de Deus contra os tiranos da Grande Perseguição. Na velhice, Lactância foi tutor de *Crispo, filho de *Constantino; seu último ato conhecido foi o fato de ter dedicado a Constantino uma edição dos *Preceitos*.

LÁPIO MÁXIMO (*Lappius Maximus*), cônsul, 86 e 95 d.C.

Aulo Búcio Máximo esmagou a revolta de L. Antônio *Saturnino contra *Domiciano, em 86 d.C.; em 88-89, concluiu com sucesso a guerra contra os germanos. A recompensa por esses serviços poderia ter sido maior, se não tivesse provocado suspeitas pela destruição dos documentos pertencentes a Saturnino, e que poderiam ter incriminado outros nomes.

LEÃO (*Leo*), imperador do Oriente, 457-474 d.C.

*Áspar tirou Leão da obscuridade e transformou-o no sucessor de *Marciano, em 457, mas Leão levou dez anos para firmar sua autoridade sobre a de seu antigo patrono. Em 466, começou a promover Zenão, natural da Isáuria, tornando-o seu genro em 467. Interessou-se ativamente pelos assuntos do Império do Ocidente, interesse que o levou a designar *Artêmio(2), em 467, e depois Júlio *Nepos,

em 473, como imperadores, e a recusar-se a reconhecer os candidatos ligados aos interesses ocidentais. Sua expedição contra os vândalos da África (468) fracassou devido à incompetência do almirante *Basilisco, e levou o Tesouro à falência. Embora tenha se livrado de *Áspar, assassinando-o junto com o filho, em 470, Leão continuou a ter problemas com os godos, confederados de seu antigo patrono. Seu principal feito foi talvez o fato de sobreviver tanto tempo, apesar do desastre militar, e de conseguir passar o poder a um sucessor de sua escolha.

LEÃO, O GRANDE, PAPA (*Leo*), bispo de Roma, 440-461 d.C.

Firme defensor da autoridade da sé romana, Leão é geralmente considerado o fundador do moderno papado. Nascido em Roma, já era muito respeitado como diácono; foi eleito bispo de Roma *in absentia* e consagrado em 29 de setembro de 440.

Seu feito diplomático mais famoso foi deter a invasão da Itália por *Átila (452) através das negociações no rio Mincio (algumas fontes mencionam uma miraculosa junção das correntes quebradas de São *Pedro); mas Leão parou também com *Geiseric depois do saque de Roma (455). As leis de *Valentiniano III contra o maniqueísmo em Roma (445) e em apoio à autoridade papal na Gália (448), mais o endosso da família imperial às atitudes doutrinárias de Leão contra o Oriente, são fatos que evidenciam o alto conceito do papa na corte imperial.

A oposição de Leão aos heréticos de Roma (445) e da Espanha (447) culminou com o envio do famoso *Compêndio de Leão* ao Concílio de Éfeso (449), quando ele discutiu com Nestório e Eutíquio sobre a natureza de Cristo. O *Compêndio* foi suprimido em Éfeso, mas, um ano mais tarde, foi confirmado por *Marciano e *Pulquéria, e pelo Concílio de Calcedônia (451).

Por meio de inúmeras cartas e sermões, Leão orientava as congregações e os bispos em questões de doutrina, liturgia e disciplina da Igreja, até sua morte em 461. Apropriadamente, Leão foi enterrado na Basílica de São Pedro.

LELIANO (*Laelianus*), usurpador gaulês, 268 d.C.

Úlpio Cornélio Leliano rebelou-se em

Mainz contra o imperador gaulês *Póstumo, que, rapidamente, o derrotou e matou.

LÉLIO, O SÁBIO (*Laelius*), cônsul, 140 a.C.

Caio Lélio era companheiro de *Cipião Emiliano, com quem serviu em Cartago, no ano 146 a.C., e com quem partilhava interesses e atitudes. Lélio era um membro importante do "círculo cipiãoico" de intelectuais. *Cícero considerava-o o principal orador de sua época (*Bruto*, 82 e seg.), e incluiu-o como personagem em seus diálogos. Sua erudição e seus amplos interesses culturais explicam, provavelmente, seu apelido de "o Sábio". Mas *Plutarco prefere ligar o apelido à sabedoria de Lélio, ao abandonar suas propostas agrárias diante da oposição do Senado; a data mais provável desse fato é o ano 140 a.C., ano de seu consulado. Assim, Lélio antecipou Tibério *Graco ao apontar o problema agrário, mas sem se valer de métodos inconstitucionais. Na realidade, ele foi envolvido pelos cônsules do ano 132 a.C. na perseguição dos partidários dos Gracos.

LÊNTULO, CNEU CORNÉLIO (*Lentulus, Gnaeus Cornelius*), cônsul, 14 a.C.

Lêntulo foi certamente uma figura de grande importância, mas o que sabemos sobre sua vida é muito pouco. Na luta contra os getas, ganhou insígnias triunfais; essa e outras campanhas, contra os dácios e os sármatas, ocorreram provavelmente no período intermediário do reinado de *Augusto. Foi com certeza esse Lêntulo (e não um parente seu) que se uniu ao jovem *Druso para enfrentar o motim na Ilíria em 14 d.C., embora aparentemente ele não fosse popular junto ao exército (Tac., *Anais*, I, 27). No ano 24 d.C., *Tibério ficou chocado ao descobrir que homens com a distinção e a posição de Lêntulo não estavam livres de acusações de traição; as acusações foram retiradas, mas Lêntulo morreu um ano depois. *Tácito elogia sua paciência na pobreza e sua moderação na prosperidade (Augusto o havia dotado com bens adequados à sua herança patricia); mas *Sêneca chamou-o de gago e ganancioso.

LÊNTULO GETÚLICO, CNEU CORNÉLIO (*Lentulus Gaetulicus, Gnaeus Cornelius*), cônsul, 26 d.C.

Getúlico distinguiu-se como o único amigo importante de *Sejano que sobreviveu à

sua queda. Como governador da Germânia Superior, conquistou a afeição do exército por sua disciplina moderada. Em 39 d.C., Getúlico foi assassinado por *Calígula, contra quem estava provavelmente conspirando.

LÉPIDO(1), MARCO EMÍLIO (*Lepidus, Marcus Aemilius*), cônsul, 187 e 175 a.C.

Um dos senadores mais importantes do século II a.C., Lépidio foi presidente do Senado desde a época em que ocupou o cargo de censor (179 a.C.), até sua morte em 152 a.C. Na condição de jovem membro da embaixada de C. Cláudio *Nero, no ano 200 a.C., Lépidio entregou o ultimato romano a *Filipe V, em Abido. A proteção que deu à dinastia dos Ptolomeus data provavelmente dessa mesma missão, que também visitou o Egito. Sua ligação com o Egito, comemorada por seus descendentes na cunhagem de moedas, é questão discutível.

Lépidio foi especialmente importante na conquista da Gália Cisalpina, onde passou os períodos de seus dois consulados, tendo sido responsável pela vinda de grande número de cidadãos romanos. A epônima Via Emília, que ia de Rimini a Piacenza, data de seu primeiro consulado. Graças às suas atividades, Lépidio adquiriu enorme influência no norte da Itália, influência que foi herdada e explorada por seus descendentes durante o século I a.C. No ano 179 a.C., quando ocupava o cargo de censor, juntamente com seu ex-inimigo M. *Nóbilio, Lépidio reformou a assembleia das centúrias e construiu a Basílica Emília.

LÉPIDO(2), MARCO EMÍLIO (*Lepidus, Marcus Aemilius*), cônsul, 78 a.C.

Nobre ambicioso, Lépidio apoiou o regime de *Cina na década de 80 a.C., mas posteriormente transferiu sua lealdade para *Sila e aproveitou-se das proscricções. Sila não confiava nele, mas Lépidio conseguiu o consulado de 78 a.C. graças ao auxílio do jovem *Pompeu, então em ascensão, e graças à sua própria popularidade, que era grande. Como cônsul, após a morte de Sila, procurou conquistar domínio pessoal propondo um programa popular de legislação que solapava as determinações de Sila e apelava a seus vários oponentes. O outro cônsul do ano, o conservador *Cátulo(2), opôs-se a seu programa, mas os

dois foram enviados à Etrúria para reprimir uma revolta provocada pela propaganda de Lépido. Nesse momento, ele rompeu com o governo e ficou do lado dos rebeldes. Representava então uma considerável ameaça ao regime, porque podia contar com o forte apoio militar da Gália Cisalpina (sua província), onde possuía amplas ligações de família, herdadas de seu avô *Lépido(1). Mas, após a aprovação pelo Senado de um decreto de emergência, Lépido foi destruído pelas forças de Cátulo e Pompeu (77 a.C.).

LÉPIDO(3), MARCO EMÍLIO (*Lepidus, Marcus Aemilius*), cônsul em 46 e 42 a.C.; triúviro em 43-36 a.C.

Nobre influente, Lépido assumiu o consulado de 46 a.C. como partidário de *César, e, após a morte deste, emergiu como o mais poderoso de seus partidários depois de *Marco Antônio. O controle que possuía das províncias da Gália Narbonense e da Espanha Citerior (cedidas por César), bem como a grande influência que herdara na Gália Cisalpina, colocaram-no em situação particularmente invejável no ano 43 a.C., quando se aliou a Marco Antônio na luta contra as forças republicanas, passando a integrar o Segundo Triunvirato, ao lado de Marco Antônio e *Otaviano. Como triúviro, assegurou para si extensos poderes e uma segunda província espanhola; no ano 42 a.C., ocupou o consulado pela segunda vez. Mas sua influência no triunvirato diminuiu rapidamente, quando Marco Antônio e Otaviano assumiram as províncias orientais que haviam pertencido a *Bruto e *Cássio. Acabou perdendo a Espa-

nha e a Gália, e conservou apenas a África; mesmo assim, no ano 36 a.C., conseguiu levar catorze legiões à Sicília para auxiliar Otaviano contra Sexto *Pompeu. Depois de receber a rendição da maioria das legiões de Pompeu, Lépido julgou-se forte o suficiente para desafiar Otaviano. Seus soldados, entretanto, desertaram em massa para o lado de Otaviano, e Lépido foi sumariamente despojado de seus poderes de triúviro e da autoridade proconsular. Retirou-se então para a vida privada, mas manteve o cargo honorífico de pontífice máximo, que assumira em 44, até sua morte, no ano 12 a.C.

LÉPIDO(4), MARCO EMÍLIO (*Lepidus, Marcus Aemilius*), cônsul, 6 d.C.

Emílio mereceu insígnias triunfais pelas brilhantes campanhas na Panônia junto com *Tibério (8-9 d.C.). Mais tarde, ocupou o cargo de governador da Espanha Citerior, e, com menor sucesso, o de procônsul da Ásia. Sua filha, Emília Lépida, casou-se com *Druso, filho de *Germânico. Enquanto viveu, a influência de Emílio junto a Tibério protegeu sua filha; mas em 36 d.C., depois de sua morte, ela foi acusada de cometer adultério com um escravo, e suicidou-se.

LETO, EMÍLIO (*Laetus, Aemilius*), prefeito pretoriano, 191(?) - 193 d.C.

Conselheiro de *Cômodo, homem importante e influente nos últimos três anos de seu reinado, Quinto Emílio Leto foi responsável pela nomeação de *Severo para o cargo de governador da Panônia Superior, no ano 191 d.C. Comentou-se que ele participava de combates de gladiadores junto com Cômodo. Leto foi a mola principal do plano para assassinar Cômodo (192 d.C.), de quem guardou muito rancor. Com grande probabilidade, foi o responsável pela ascensão de *Pertinace ao trono. Acabou por se voltar contra o novo imperador, mas não se envolveu em seu assassinato. Foi condenado à morte por *Dídio Juliano, em 193 d.C.

LETO (JÚLIO) (*Laetus, (Julius)*), senador, século II-III d.C.

A identidade deste Leto é difícil de ser estabelecida, mas ele deve ser distinguido de Quinto Emílio *Leto, o assassino de *Cômodo. Pode ter sido o general que auxiliou *Se-

Interior da Basílica Emília: moeda de aprox. 65 a.C.
Denário de prata de Lépido(3), aprox. 40 a.C.



vero em Lyon e depois lutou contra os partos, sendo afinal condenado à morte por Severo por ser popular demais entre os soldados. Considera-se, entretanto, que existiram vários Letos.

LEVINO, MARCO VALÉRIO (*Laevinus, Marcus Valerius*), cônsul, 210 a.C.

Quando o tratado de *Aníbal com *Filipe V se tornou público, em 215 a.C., Levino, então pretor, recebeu o comando da frota naval do Adriático contra Filipe, comando que exerceu até 210 a.C. Negociou com a Liga Etólica um tratado que chocou os gregos, mas cujos termos foram bastante úteis a Roma e aproximaram *Átalo I, rei de Pérgamo, dos romanos. Por causa dessa ligação, Levino chefou uma missão a Pérgamo, em 205 a.C., a fim de obter a *Magna Mater*, importante objeto de culto que os romanos queriam importar da Anatólia para a Itália. Não é provável que Levino tenha exercido um segundo comando na Macedônia antes de sua morte, no ano 200 a.C.

LIBÂNIO (*Libanius*) (314-393 d.C.), orador e professor de retórica.

Membro de uma importante família de Antióquia, na Síria, Libânio foi o principal homem de letras de seu tempo no Oriente de fala grega. Foi educado em Antióquia e depois em Atenas (336-340), onde ensinou por algum tempo antes de se estabelecer em Constantinopla. Uma conspiração de seus rivais forçou-o a deixar a cidade (342/343), e ele lecionou em Nicomédia (aprox. 343-348), até que *Constâncio II o chamou de volta a Constantinopla. Um panegírico dedicado a Constâncio e *Constante (*Or.*, LIX, de 348/349) foi bem recebido; vários governadores prestaram honras a ele, e Libânio recebeu propriedades do imperador. Depois de recusar um posto em Atenas, voltou para Antióquia (353) e tornou-se professor oficial de retórica na cidade. Em 360, compôs um panegírico à cidade, por ocasião dos Jogos Olímpicos aí realizados (*Or.*, XI).

Quando *Juliano esteve em Antióquia (362-363), Libânio tornou-se seu amigo e dedicou-lhe vários discursos (ver *Aristófanes). Embora fosse um pagão zeloso, tendo escrito, em 385/386, uma eloqüente defesa dos templos (*Or.*, XXX), nunca chegou a ser íntimo

de Juliano. Seu próprio paganismo era mais racional e mais erudito, e Libânio escreveu cartas de apoio a cristãos que estavam em dificuldades no tempo de Juliano, chegando a recolher um deles em sua própria casa. Entre seus alunos havia alguns cristãos, como São *João Crisóstomo e provavelmente São *Basílio e São *Gregório de Nazianzo. Lamentou muito a morte de Juliano, e compôs para ele um comovente *Discurso fúnebre* (*Or.*, XVIII, de 365).

O reinado de *Valente (364-378) trouxe-lhe insegurança pessoal, mas sob *Teodósio I (378-395) Libânio produziu a maioria dos discursos que sobreviveram, e recebeu um cargo honorário de prefeito pretoriano. Foi o porta-voz de Antióquia depois da Orgia das Estátuas (387). Nos últimos anos de sua vida, sofreu muitos desapontamentos, e entristeceu-se com as mortes de sua escrava e concubina — com quem nunca se casou — e de seu filho.

Embora o caráter de Libânio não fosse isento de vaidade, foi um incansável defensor da cultura retórica, atacou a injustiça e o abuso de autoridade, e exerceu com nobreza o papel de orador. Suas obras numerosas — mais de mil e quinhentas cartas (famosas pelo estilo) e numerosos exercícios de retórica, além de discursos — ilustram vários aspectos da vida contemporânea e do governo do Império do Oriente.

LIBÉRIO (*Liberius*), bispo de Roma, 352-366 d.C.

Eleito papa para suceder a *Júlio, Libério também assumiu uma firme posição em favor de *Atanásio e da ortodoxia de Nicéia; no ano 355, foi exilado pelo imperador *Constâncio II, que era ariano (ver *Ário). Em 357, finalmente concordou em assinar um credo ariano, e foi reintegrado no cargo (358). Construiu a Basílica Liberiana, no monte Esquilino; a basílica foi reconstruída na década de 430, e chama-se hoje Santa Maria Maggiore.

LICÍNIO (*Licinius*), imperador, 308-324 d.C.

A abdicação de *Diocleciano, em 305, foi seguida por três anos de usurpações e guerras internas. Em 308, *Galério, o augusto reinante mais idoso, convocou uma conferência para tentar resolver as diferenças, mas

falhou. Nessa conferência, Valério Liciniano Licínio, antigo camarada de armas de Galério, com quem lutara contra os persas, foi nomeado augusto, responsável pela região do Danúbio. Galério esperava abdicar, depois de vinte anos de governo, em favor de seu velho amigo, e quando morreu, em 311, Licínio estava à sua cabeceira. Na renhida disputa pelos territórios de Galério que se seguiu à sua morte, a Ásia Menor coube a *Maximino Daia, que já controlava o Egito e a Síria. Mas, em 313, Licínio promoveu uma aliança, por meio de um casamento, com *Constantino, que então governava em Roma; com um exército fortalecido pelas orações ao Deus Supre-

mo, derrotou Daia e torturou até a morte os conselheiros anticristãos de seu inimigo. A divisão do Império entre Constantino e Licínio, entretanto, não duraria muito. Em 316, pretextando que seu colega recomeçara a perseguir os cristãos, Constantino atacou Licínio e retirou-lhe quase todas as possessões européias. Em 324, Constantino avançou novamente contra os Bálcãs e contra Bizâncio. Sua frota forçou a passagem dos Dardanelos; Licínio foi completamente derrotado e sua capital, Nicomédia, foi capturada. Constantino concedeu-lhe a vida, mas acabou matando-o um ano depois. *Eusébio (de Cesaréia) prontamente apagou da última edição de sua *História da Igreja* todos os elogios que fizera a Licínio. Ele governou bem, mantendo as finanças sob rígido controle, a fim de estimular a prosperidade.

Igreja Santa Maria Maggiore, em Roma: interior. Reconstrução, no século V d.C., da Basílica de Libério.



LICOFRAO (*Lycophron*) (nascido em aprox. 320 a.C.), poeta.

Originário de Cálcis, capital da ilha de Eubéia, Licofrao é conhecido principalmente como o autor de *Alexandra* (autoria provável, embora tenha sido muito discutida por volta de 270 a.C.), poema famoso por sua obscuridade e colossal erudição, escrito em versos iâmbicos, apresentado como uma profecia de Cassandra, e que reflete o início do reconhecimento, pelos gregos, da crescente importância de Roma.

LÍGDAMO (*Lygdamus*) poeta.

Lígdamo foi um desconhecido, autor de seis elegias medíocres dedicadas a um certo Neera, no livro III da coleção de *Tibulo.

LÍVIA (JÚLIA AUGUSTA) (*Livia — Julia Augusta*) (58 a.C.-29 d.C.), esposa de Augusto.

O pai de Livia Drusila, Marco Lívio Druso Claudiano, gozava de excelentes relações familiares, e em 43/42 a.C., Livia fez um ótimo casamento com Tibério Cláudio Nero, com quem compartilhou os vários perigos da guerra civil. O primeiro filho foi *Tibério, e Livia estava grávida de *Druso (o Velho) quando *Otaviano conseguiu que ela se divorciasse do marido e se casasse com ele. O novo casamento foi um grande sucesso, exceto pelo fato de não ter havido filhos. Livia representou um papel muito importante como esposa do *princeps*: serviu como exemplo das virtudes matronais que *Augusto estava tentando fomentar no Estado, uma vez que era mulher de grande dignidade e castidade lendária. Livia interessou-se muito pelos negócios de Estado, principalmente pelos vários problemas de dinastia que ocorreram durante o longo reinado de Augusto. Seu filho Tibério foi objeto da maioria de seus esforços, e o exílio de *Agripa Póstumo, além das mortes de *Marcelo e de Caio e Lúcio *César, devem ser-lhe atribuídos. Sua influência não diminuiu durante o reinado de Tibério — *Sejano só podia esperar a concretização de seus planos depois da morte dela, pois Livia parecia ser sócia de Tibério no poder, e ambos eram adorados no Oriente. Nesse período, o mais notável resultado de sua influência foi o crescente perigo em que *Agripina (a Velha) e o restante da família de *Germânico se viram envolvidos, perigo que derivava, pelo menos parcialmente, da hostilidade de Livia.



Estátua de bronze dourado de Livia, de Cartoceto, datada do início do século I d.C. Ancona, Museu Nacional.

Ela morreu em 29 d.C., e foi oficialmente deificada por *Cláudio no ano 42. Talvez a melhor definição de sua pessoa tenha sido a de seu bisneto *Calígula, que sem dúvida enxergava o que havia por trás da austera imagem pública: chamou-a de Odisseu de saias.

LÍVIO (*Livius*) (64(?) a.C.-12(?) d.C.), historiador.

Tito Lívio era natural de Patávia (Pádua), e foi publicamente acusado de *patavinitas* (paduanismo) por *Asínio Pólio. Era um homem de horizontes bastante limitados: nada faz supor que tenha lido ou viajado extensamente, nem que tenha freqüentado os "melhores círculos literários" da Roma de *Augusto. Ele começou a obra *Ab urbe condita* (*Desde a fundação da cidade*) provavel-

mente a partir de 29 a.C., e os primeiros cinco livros foram completados em 27/25. A obra continha cento e quarenta e dois livros no total, que cobriam o período até a morte de *Druso (o Velho), em 9 a.C. O próprio tamanho da obra — que causou assombro desde *Marcial (XIV, 190) — provocou sua fragmentação posterior (restam trinta e cinco livros) e o aparecimento de resumos. O ideal de Lívio, como estilista e representante dos bons princípios republicanos, era *Cícero; encarava com frieza a era de Augusto, recusando-se a torcer as evidências quando solicitado a fornecer algum exemplo histórico conveniente (LV, XX, 7), e expondo-se à zombaria por sua frívola oposição ao próprio *Augusto (*Tácio, *Anais*, IV, 34); além disso, seu relato da história romana posterior a 42 a.C. só foi publicado no reinado de *Tibério.

Lívio escreveu angustiado por seu tempo ("Pref.", 5), com espírito de escapismo consciente (XLIII, XIII, 12), e com a intenção explícita de usar a história como meio de educação moral ("Pref.", *passim*); indisciplinado e sentimental, foi chamado pelo imperador *Calígula de "prolixo e descuidado". Sua atitude leviana para com os documentos, a completa omissão das pesquisas de *Varrão, o uso freqüentemente fortuito das fontes analíticas, o fraco domínio do grego, a limitada compreensão das guerras e da geografia podem provocar nosso desagrado. No entanto, embora a versão de Lívio do início da história romana tenha sido rejeitada quase completamente, contém bastante material (por exemplo, as listas de magistrados) que pode ter grande valor para um historiador. Mais importante ainda, Lívio é um dramaturgo, um orador e um narrador de gênio. Os caracteres de seus grandes heróis (*Cipião Africano, *Camilo) são fartamente descritos, e os pontos cruciais da história romana são desenvolvidos até atingirem ápices brilhantemente apresentados (principalmente a intervenção de Camilo em 390 a.C.), desenvolvimento que algumas vezes se prolonga por vários volumes (como no caso da Segunda Guerra Púnica). Seu estilo foi caracterizado por *Quintiliano, bastante injustamente, como "exuberante e suave" (X, 1, 32); sua narrativa (em especial a queda de Alba, o saque gaulês de Roma, os resultados de Canas) pode ser tensa, dramática e imagi-

nativa, capaz de despertar no leitor uma forte sensação de proximidade e um profundo envolvimento emocional com os eventos.

LÍVIO ANDRÔNICO (*Livius Andronicus*) (falecido em aprox. 200 a.C.), fundador da literatura latina.

Lúcio Lívio Andronico, grego — ao menos em parte — nascido em Tarento, veio para Roma como escravo e assumiu o nome de seu patrono. Suas peças, nas quais ele próprio atuava, foram apresentadas pela primeira vez em 240 a.C., um ano depois de encerrada a Primeira Guerra Púnica; eram principalmente tragédias mitológicas, que seguiam modelos gregos, mas incluíam comédias. Para ilustrar suas aulas de grego em Roma, usava uma tradução da *Odisséia* em versos saturninos. Tanto sua *Odissia* (?) quanto as tragédias foram populares por muito tempo. Seu hino a Juno (207 a.C.) mereceu o primeiro reconhecimento oficial da profissão de escritor em Roma.

LOCUSTA (*Locusta* ou *Lucusta*), envenenadora, meados do século I d.C.

Locusta era uma envenenadora famosa, provavelmente de origem gaulesa. *Agripina usou seus serviços contra *Cláudio, e *Nero os usou contra *Britânico; Locusta deu também a Nero uma quantidade de veneno em um pequeno cofre dourado, para uso pessoal. Foi ricamente recompensada com propriedades, mas *Galba mandou matá-la.

LÓLIA PAULINA (*Lollia Paulina*), imperatriz, 38-39 d.C.

Filha de M. *Lólio, Lólia era casada com Mêmio Régulo, de quem se separou para se casar com *Calígula, que a escolheu por causa de sua exuberante beleza. O liberto Calisto sugeriu que ela seria uma noiva à altura de *Cláudio, após a morte de *Messalina, no ano 48 d.C.; mas o ciúme de *Agripina provocou o exílio e a morte de Lólia.

LOLIANO MAVÓRCIO (*Lolius Mavortius*), cônsul, 355 d.C.

Quinto Flávio Mésio Inácio Loliano Mavórcio, membro da grande família romana dos *Ceônios, recebeu a dedicatória do tratado de astrologia de *Fírmico Materno, *Mathesis*. Depois de ocupar alguns cargos menores, Ma-

vórcio foi prefeito urbano em 342, cônsul em 355 e prefeito pretoriano da Ilíria (355-356 d.C.).

LÓLIO, MARCO (*Lollius, Marcus*), cônsul, 21 a.C.

Partidário leal e útil de *Augusto, a quem ele devia tudo, Lólio supervisionou a transformação do reino de Galácia em província, no ano 24 a.C. Na Gália, por volta do ano 17 a.C., sofreu uma derrota comparável à de *Varo. No ano 1 d.C., foi companheiro e mentor de C. *César no Oriente, onde suscitou a inimizade duradoura de *Tibério, e depois em Rodes. Isso provocou sua queda e explica a hostilidade de *Veleio, partidário de Tibério, que afirmou ser Lólio "mais ávido por dinheiro do que por moralidade". Essa riqueza, ele a deixou para sua deslumbrante filha, *Lólia Paulina.

LÓLIO ÚRBICO (*Lollius Urbicus*), cônsul, por volta de 138 d.C.

Nascido na África, Quinto Lólio Úrbico lutou na Segunda Guerra da Judéia e governou a Bretanha (139-142), onde obteve uma vitória sobre os invasores escoceses bárbaros e construiu uma muralha de turfa (a Muralha de Antonino) para fins de defesa, entre os rios Forth e Clyde. Algum tempo depois, ocupou o cargo de prefeito urbano.

LONGINO (*Longinus*).

Longino foi o nome dado ao autor (um judeu, ou pelo menos um homem com relações judias) do tratado *Sobre o sublime*, dedicado ao romano desconhecido Postúmio Tetrício. Foi um analista brilhante daquilo que constitui a grandeza da literatura.

LONGINO, CÁSSIO (*Longinus, Cassius*), professor de retórica e filósofo, aprox. 250-267 d.C.

Longino nasceu na Síria por volta do ano 213 e estudou com *Amônio e *Orígenes. Ensinou filosofia, literatura e retórica em Atenas, onde *Porfírio foi seu aluno; foi para Roma em 262, mas continuou a se corresponder com seu ex-aluno. Literatos de todas as partes do Oriente participavam de seus jantares em honra do aniversário de Platão. Famoso por sua erudição, Longino foi chamado a Palmira por *Zenóbia para ser professor



Muralha de Antonino (Rough Castle, em Bonnybridge): vista do forte construído por Lólio Úrbico.

oficial de grego e conselheiro (267/268). Longino foi executado por *Aureliano por ter tomado parte na revolta de Palmira, em 273. Restaram apenas fragmentos de suas obras.

LUCANO (*Lucanus*) (39-65 d.C.), poeta épico.

Marco Aneu Lucano nasceu em Córdoba, e era sobrinho do jovem *Sêneca; foi educado, portanto, no ambiente da aristocracia estóica de Roma: juntamente com *Pérsio, foi aluno de *Cornuto. Logo assegurou para si o favor de *Nero, e foi nomeado questor, ainda muito jovem. Mais ou menos nessa época (62/63), os primeiros três livros da *Guerra civil* foram publicados, e suas relações com Nero começaram a se deteriorar. Deve ser enfatizado que as diferenças entre eles eram pessoais, e não poéticas. *Tácio (*Anais*, XV,

49) fala em “ódios flamejantes” e em “causas particulares”; rivalidades literárias e trocas de indelicadezas também entravam em jogo. Lucano participou da conspiração de C. Calpúrnio *Pisão — não para restabelecer a República, mas para reformar o Império — e foi obrigado a se suicidar; traindo a família, os confederados e declamando seus próprios versos, ele cometeu suicídio. De sua produção espantosa (morreu aos vinte e cinco anos), restaram apenas fragmentos, juntamente com dez livros (o poema está visivelmente inacabado, e provavelmente abrangeria até o ano 44 a.C.) da *Guerra civil*.

O panegírico de abertura, sobre Nero, não se deve à ironia, mas à boa vontade de um jovem cortesão arrebatado por engenhosa fluência. Depois, o poema ignora Nero quase completamente, e se torna cada vez mais hostil a *César. Nem *Pompeu escapa à crítica; os dois heróis da amada causa da *libertas* (liberdade) são *Bruto e, acima de todos, o jovem *Catão, como testemunha o epigrama famoso: “*Vitrix causa deis placuit sed victa Catoni*” (“Os deuses favoreceram a causa vitoriosa, Catão, os vencidos”, I, 128). Como historiador da guerra civil, Luciano seguiu principalmente *Lívio, e também César; além disso, conhecia intimamente *Virgílio e os poemas de seu tio. Cometeu muitos erros históricos. Lucano representa uma grande ruptura na história do épico latino: o tema histórico não é novo, mas o tratamento é o de um orador e declamador; afastando-se da “cadência majestosa” e do mecanismo divino da *Eneida*, Lucano é todo fogo e epigrama. Retórico extremamente hábil, talvez nem sempre tivesse pleno controle de seu material, como testemunham as dissertações meteorológicas e herpetológicas sobre o norte da África.

LUCIANO (*Lucianus*), escritor satírico grego, século II d.C.

Sendo nativo de Samósata, em Comagena, a língua materna de Luciano devia ser o aramaico, embora ele tenha sido educado na língua grega. Depois de um período de aprendizagem com seu tio, que era escultor, iniciou carreira como retórico forense, carreira que parece ter abandonado aos quarenta e dois anos de idade. Não se tem certeza se Luciano usou seu conhecimento de retórica como professor itinerante e teórico sofista, embora alguns

estudiosos acreditem que sim. Seu outro emprego conhecido foi o cargo de oficial menor da prefeitura do Egito. A grande importância de Luciano repousa em suas peças satíricas, em forma de diálogos ou de cartas, que foram essencialmente uma inovação sua; sobreviveram mais de oitenta de suas obras, embora a atribuição de algumas delas a Luciano seja discutível. Ele satiriza vários aspectos da sociedade do século II d.C.: religião, filosofia, vaidade humana, fraudes na burocracia e no poder judiciário, fraquezas da linguagem de sua época. Suas observações mordazes sobre os filósofos podem ser resultantes de sua própria conversão à filosofia, já na idade madura, em Atenas; mas há poucas evidências a respeito de suas crenças. Notável também é a *História verdadeira*, obra narrativa no estilo das *Viagens de Gulliver*.

LUCIANO DE ANTÍOQUIA (*Lucianus*) (falecido em 311/312 d.C.), sacerdote e estudioso cristão.

Poucas obras de Luciano sobreviveram, embora sua elegante edição da Bíblia, em grego, tenha sido por muito tempo a mais lida no Oriente. Luciano fundou uma importante escola teológica, e entre seus alunos estavam o heresiarca *Ário e alguns dos homens mais importantes da Igreja, no período de *Constantino. O martírio de Luciano causou sensação; durante o reinado de Constantino, foi construído um santuário, onde um de seus alunos batizou o imperador em seu leito de morte — prática comum na época.

LUCILA (*Lucilla*), imperatriz, aprox. 164-169 d.C.

Ânia Aurélia Galéria Lucila nasceu por volta de 148, filha de *Marco Aurélio e *Faustina II, e em 164 casou-se com Lúcio

Moeda de bronze (sestércio) de Lucila (em tamanho ampliado).



*Vero, imperador juntamente com Marco, recebendo o título de augusta. Após a morte de Lúcio, em 169, ela casou-se com *Cláudio Pompeiano. Em 182, envolveu-se em uma conspiração contra *Cômodo, e foi exilada em Capri antes de ser executada.

LUCILIO (*Lucilius*) (168/167(?) - 103/102 a.C.), satirista.

Nascido em Sessa Aurunca (Roccamonfina), Caio Lucílio era tio-avô de *Pompeu e amigo de *Cipião Emiliano. Foi o primeiro romano de boa família a se tornar poeta. Sua riqueza e sua posição social o salvaram das represálias por seus ataques cruéis, específicos e explícitos, feitos em hexâmetros. Sobreviveu-lhe cerca de mil quatrocentos versos, ricos e variados, tratando por exemplo de política, poetas, pederastia, filosofia e revelações pessoais. Preocupou-se muito, também, com questões de gramática e crítica literária. *Horácio e *Juvenal se deixaram fascinar e foram bastante influenciados por ele.

LUCRÉCIA (*Lucretia*).

De acordo com a lenda, Lucrecia foi seduzida à força por Sexto, filho de *Tarquínio Soberbo, e suicidou-se depois de informar seu pai (Espúrio Lucrécio Tricipitino, provavelmente cônsul substituto em 509 a.C.) e seu marido (Lúcio Tarquínio Colatino, provavelmente cônsul em 509 a.C.). Por vingança, os dois, juntamente com L. Júnio *Bruto, deram início ao processo de abolição da monarquia.

LUCRÉCIO (*Lucretius*) (aprox. 95-aprox. 55 a.C.), poeta.

As origens de Tito Lucrécio são completamente desconhecidas. Seus seis livros de hexâmetros, *De rerum natura* (*Sobre a natureza das coisas*), com o significado paralelo de *Sobre a origem das coisas*, são evidentemente incompletos, o que se pode deduzir das passagens repetidas e das promessas de futura discussão de tópicos que não são cumpridas; mas a informação contida em São *Jerônimo, segundo a qual *Cícero editou a obra, é pouco plausível. O poema é dedicado a Caio *Mêmio(2), provavelmente amigo e patrono de *Catulo, mas Lucrécio aparece como uma figura solitária: não são conhecidas suas amizades pessoais ou literárias, e ele se aparta da técnica poética de sua época. Embora seja um poeta de profunda erudição (*doctus*), bas-

tante familiarizado com a técnica alexandrina de insinuação literária, seus hexâmetros são frequentemente rudes e deselegantes. Não se tratava de incompetência, mas de escolha; e as muitas imitações, de *Virgílio e *Ovídio, por exemplo, demonstram a admiração de seus pares.

O tema de Lucrécio é o epicurismo, e sua inspiração é a convicção apaixonada de que Epicuro estava certo, bem como a convicção de que a mensagem do epicurismo era fundamental para a felicidade humana. Lucrécio não estava preocupado com a ética do epicurismo, mais superficial e atraente, mas sim com a física. Sua crença profunda na natureza materialista do homem e do universo levou-o a um famoso e inflamado ataque contra o medo da morte (III). Epicuro iluminara a ignorância do homem, e era uma característica da determinação de Lucrécio, muitas vezes expressa com magnífica veemência satírica, a capacidade de abalar os principais conceitos populares. A forma poética do tratado de Lucrécio, que desafia abertamente a hostilidade convencional dos epicuristas contra a poesia, deve muito ao filósofo-poeta grego Empédocles; é o "mel na borda da taça", que contém a porção forte e amarga da doutrina. Mas a obra não é um tratado árido, entremeados de passagens floreadas; o brilho das imagens de Lucrécio e a clareza de suas observações da natureza é que inspiram o todo.

LUCULO (*Lucullus*), cônsul, 74 a.C.

Lúcio Licínio Luculo distinguiu-se como oficial de *Sila na década de 80 a.C. Como questor, em 88 a.C., foi o único oficial do exército de Sila a entrar em Roma. No Oriente, dedicou-se a importantes atividades diplomáticas em favor de Sila, e na Grécia realizou a cunhagem de grande quantidade de moedas. Ao morrer, em 78 a.C., confiou a Luculo a educação de seu filho e a publicação de suas memórias. Como uma das figuras centrais do governo de Sila, Luculo assumiu o consulado de 74 e, por meio de intrigas, assegurou para si o importante comando contra *Mitridates. Hábil general, obteve sucessos importantes na guerra, expulsando Mitridates da Bitínia e depois afastando-o de seu próprio reino, no Ponto. Levou a guerra até a Armênia, onde Mitridates recebera refúgio e apoio de seu genro *Tigranes, e ocupou Tigranocerta em 69 a.C.

Depois disso, Luculo não pôde mais prosseguir por causa de motins em seu exército, que se revoltou contra sua disciplina, muito rígida. Em Roma, seus arranjos no Oriente haviam prejudicado interesses econômicos, e crescia a pressão de seus inimigos para que seu comando fosse encerrado. Em 66 a.C., ele foi substituído por *Pompeu e voltou para Roma, mas a oposição política impediu-o de triunfar até o ano de 63. Liderou então, no Senado, a oposição contra o governo organizado no Oriente por seu rival Pompeu. Eterno epicurista, degenerou no fim de sua vida para um hedonismo refinado, e sua luxúria tornou-se notória.

LUPICINO (*Lupicinus*), comandante da cavalaria, década de 360 d.C.

Flávio Lupicino estava ligado ao César *Juliano, na Gália, como seu comandante-em-chefe, quando este comandou uma expedição à Bretanha (360). Juliano não confiava nele, mas, com os imperadores *Joviano e *Valente, reassumiu seu posto como comandante-em-chefe no Oriente. Foi cônsul em 367.

LÚSCIO LANUVINO (*Luscius Lanuvinus*), comediógrafo, século II a.C.

Chamado de "velho poeta despeitado", Lúscio foi acusado de plagiário por *Terêncio, o qual ocupou a maior parte de seus prólogos para refutar as acusações feitas por Lúscio de "contaminação" ("estragar" as peças, adicionando elementos estranhos ao original grego), de plágio, de apoio aristocrático desonesto e de pobreza, tanto estilística quanto dramática.

LÚSIO QUIETO (*Lusius Quietus*), cônsul, 117 d.C.

Chefe mouro que se destacou como líder de um contingente local de cavalaria, Lúcio Quietos capturou Nísibis e saqueou Edessa durante a guerra de *Trajano contra os partos. Foi encarregado de esmagar a revolta dos judeus da Mesopotâmia, e nomeado governador da Judéia por Trajano, no ano 117 d.C. Foi afastado de seu posto e executado em 118, com outros três ex-cônsules, acusado de conspirar contra *Adriano.

MACRÃO (*Macro*), prefeito pretoriano, 31-38 d.C.

Quinto Névio Cordo Sutório Macrão sucedeu a *Sejano como prefeito pretoriano, e supõe-se que tenha exercido a mesma influência maléfica: alguns dizem que ele e *Calígula assassinaram o já idoso *Tibério. Macrão deu amplo apoio a Calígula — *Filão representa-o como um sábio mentor do jovem imperador —, mas ele foi afastado do poder quando concorria à prefeitura do Egito.

MACRIANO (*Macrianus*), imperador, 260-261 d.C.

Tito Fúlvio Júnio Macriano e seu irmão *Quieto foram proclamados imperadores em 260, depois da derrota e captura de *Valeriano pelos persas (porque seu pai, Fúlvio *Macriano, recusara o título por causa da idade). Macriano e seu pai marcharam para a Ilíria em 261, e aí foram mortos por *Auréolo.



Moeda de bronze prateado do imperador Macriano.

MACRIANO, FÚLVIO (*Macrianus, Fulvius*), general, meados do século III d.C.

Pai dos imperadores *Macriano e *Quieto, Fúlvio Macriano serviu como general de *Valeriano. Depois da captura de Valeriano pelos persas, em 260, recusou-se a ser proclamado imperador, argumentando que estava muito velho. Seus filhos foram aclamados em seu lugar, e ele e Macriano foram derrotados e mortos em 261 por *Auréolo, general de *Galieno.

MACRINO (*Macrinus*), imperador, 217-218 d.C.

Nascido obscuramente, por volta de 166, em Cesaréia, na Mauritânia, Marco Opélio Macrino foi agente financeiro de *Plauciano e, mais tarde, sob *Caracala, foi prefeito pretoriano. Depois de arquitetar a morte de Caracala, Macrino tornou-se imperador e indicou seu filho, *Diadumeniano, para o cargo de César. Suas nomeações ilícitas provocaram

hostilidade do Senado. Após uma campanha desastrosa contra os partos, as tropas rebeldes proclamaram imperador a *Elagábalo; Macrino foi derrotado, capturado e morto, assim como seu filho.

MACRO, CAIO LICÍNIO (*Macer, Gaius Licinius*), historiador; pretor em 68 a.C.

Macro foi um aristocrata *popularis* e um partidário de *Mário; seu relato do início da história romana é, portanto, tendencioso. Curiosamente, ele alegava ter-se baseado nos "livros de papel de linho" dos arquivos do templo de Juno Moneta.

MACRÓBIO (*Macrobius*), escritor; prefeito pretoriano em 430 d.C.

Nascido provavelmente na África, no fim do século IV, Macróbio Ambrósio Teodósio (conhecido como Teodósio por seus contemporâneos) é mais lembrado como autor do *Comentário sobre o sonho de Cipião* e das *Saturnálias*. Sua identidade e as datas de sua vida causaram muita confusão, mas hoje considera-se que ele foi prefeito pretoriano da Itália em 430. As *Saturnálias*, um simpósio literário escrito provavelmente após 416, e só publicado em 430, descrevem um banquete fictício oferecido por *Pretextato em 17-19 de dezembro de 384. A maior parte da obra é uma discussão sobre *Virgílio, mas há também informações sobre religiões antigas, principalmente no discurso de Pretextato sobre o Sol. Os interlocutores compreendem vários dos mais importantes intelectuais da época, entre eles *Símaco, Nicômaco *Flaviano, *Pretextato, *Sérvio e *Avieno, e a obra contém um retrato levemente tendencioso do final do século IV d.C. O influente *Comentário* é uma obra mais antiga; trata de aritmologia, da alma, da harmonia celestial, e revela que seu autor era um intelectual versado em filosofia neoplatônica e capaz de muitas sínteses inteligentes e originais.

MAGNÊNCIO (*Magnentius*), usurpador do Império do Ocidente, 350-353 d.C.

Nascido provavelmente em Amiens, por volta do ano 303, filho de pai britânico e mãe franca, Flávio Magno Magnêncio serviu no exército como oficial superior. Em 18 de janeiro de 350, Marcelino, então conde das riquezas sagradas de *Constante, promoveu em Autun uma festa de aniversário para seu fi-

lho, na qual Magnêncio apareceu vestido de púrpura e foi aclamado imperador. O exército passou-se todo para seu lado, e Constante foi morto. Quando o imperador do Oriente, *Constâncio II, rejeitou as propostas de Magnêncio, este deixou seu irmão Decêncio como César na Gália e marchou para a Ilíria, onde Constâncio o derrotou na sangrenta batalha de Mursa (28 de setembro de 351). Magnêncio voltou para a Itália e depois para a Gália, mas foi cercado e suicidou-se em Lyon, a 10 de agosto de 353. Cristão (embora tivesse solicitado o auxílio dos pagãos), Magnêncio foi o primeiro a cunhar moedas inequivocamente cristãs: grandes moedas de bronze com o monograma "qui-rô".



Moeda de ouro (sólido) de Magnêncio; verso.
Moeda de bronze (follis) de Magnêncio, com monograma "qui-rô" no reverso.

MAGNO DE CARRAS (*Magnus*), historiador, 363 d.C.

Magno acompanhou a expedição de *Juliano contra os persas e escreveu um relato (perdido) sobre ela. Este Magno pode ter sido o tribuno que entrou no forte de Maiozamalcha através de uma mina, e ganhou uma coroa por sua coragem.

MAJORIANO (*Majorianus*), imperador do Ocidente, 457-461 d.C.

Júlio Valério Majoriano foi proclamado imperador em 1.º de abril de 457, graças ao apoio de *Ricimero (que o havia auxiliado a se livrar de seu predecessor, *Avito). Tentou reerguer o Império por meio de grande quantidade de leis (458 d.C.), e de um programa de conciliação com a nobreza, inclusive os partidários de Avito. Sua posição, entretanto, foi prejudicada pela captura de sua frota da Espanha pelos vândalos, antes que ela pudes-

se ser enviada contra eles. Ricimero prendeu Majoriano e o executou, em 2 de agosto de 461, no norte da Itália.

MAMERTINO, CLÁUDIO (*Mamertinus, Claudius*), prefeito pretoriano, 361-365 d.C.

Cláudio Mamertino, pagão culto, já de idade madura, foi nomeado por *Juliano, em 361, conde das riquezas sagradas e, mais tarde, prefeito pretoriano da Itália, África e Ilíria. Eleito cônsul para o ano de 362, juntamente com *Nevita, Mamertino declamou em Constantinopla um panegírico agradecendo a Juliano pelo cargo, e patrocinou os costumeiros jogos do circo. No ano de 365, foi acusado de peculato e afastado da prefeitura.

MAMÍLIO LIMETANO, CAIO (*Mamilius Limetanus, Gaius*), tribuno, 109 a.C.

Em 109 a.C., quando era tribuno, Mamílio continuou o ataque, iniciado por *Mêmio, contra a postura do Senado diante da guerra contra *Jugurta. Por força de seu decreto, foi formada uma comissão (a *quæstio Mamiliana*) para investigar a ocorrência de corrupção nos últimos negócios com Jugurta. Vários nobres importantes foram condenados, e o prestígio do Senado ficou fortemente abalado.

MANCINO, CAIO HOSTÍLIO (*Mancinus, Gaius Hostilius*), cônsul, 137 a.C.

Quando era cônsul na Espanha, Mancino permitiu que seu exército fosse cercado por uma força, menos numerosa, da Numância.

Moeda de prata (denário) de Caio Hostílio Mancino, em que se vê uma cena do ritual de juramento.



Conseguiu livrar o exército graças a um tratado negociado por seu questor, Tibério *Graco. Quando Mancino voltou a Roma, o Senado considerou o tratado vergonhoso e o

repudiou; mas, ao invés de romper publicamente com os numantinos (o que já ocorrera numerosas vezes), foi decidido que Mancino seria entregue em expiação, uma vez que ele fora responsável pelo tratado. A rendição de Mancino (ele foi deixado fora das muralhas de Numância, amarrado e nu) foi efetivada por seu sucessor, *Fúrio, que deu toda a atenção aos detalhes do cerimonial; no entanto, a ostentação de lealdade de Roma não enganou os numantinos, que rejeitaram a oferta com repugnância. Mancino voltou para Roma e foi reintegrado na posição que perdera.

MANI (MANES) e MANIQUEÍSMO (*Manes*), líder religioso (aprox. 216-276 (?) d.C.)

Mani era persa, nascido próximo de Selêucia-Ctesifonte. Poucos fatos de sua vida pessoal são conhecidos; após uma visita à Índia, em 242, começou a pregar publicamente suas doutrinas heréticas, suscitando a oposição dos persas e depois a dos cristãos. *Sapor I, que defendia a tolerância a todas as religiões, não o perseguiu, mas seu segundo sucessor, Vahram I, prendeu Mani em 272 e o condenou à morte. As doutrinas de Mani baseavam-se no conflito entre luz e escuridão, e na necessidade de libertar as partículas de luz presas no cérebro do homem. Para consegui-lo era necessário um ascetismo muito severo, que incluía o vegetarianismo. Os maniqueus foram influenciados pelo cristianismo, pois acreditavam que *Jesus era o filho de Deus, mas afirmavam que ele viera salvar sua própria alma, que também se perdera com Adão. Os eleitos eram proibidos de trabalhar e possuir bens, e estavam destinados a prescindir da transmigração da alma. Embora Mani tenha escrito muito, de suas obras sobreviveram apenas fragmentos, encontrados no Egito ou no distante Turquestão chinês. O maniqueísmo continuou a florescer depois da morte de Mani, e, embora proibido pelo Império Romano, em 297, expandiu-se rapidamente no Ocidente. *Agostinho foi membro da seita por nove anos, antes de sua conversão ao cristianismo. A expansão do islã no Império propiciou a difusão da seita maniqueísta na Ásia Central, e ela sobreviveu na China até o século XIV.

MANÍLIO, MARCO (*Manilius, Marcus*), poeta, ativo no início do século I d.C.

Possivelmente de origem grega, Manílio compôs os livros I e II de sua *Astronomica*

no tempo de *Augusto, e os livros IV e V, após a morte deste. Os cinco livros de hexâmetros sobre a "ciência" da astrologia, influenciados por *Virgílio e *Lucrécio, são entusiásticos, concisos, retóricos, muito engenhosos e excepcionalmente difíceis; embora a obra deva ser completa, não pode ser considerada um bom guia sobre o assunto. Manílio influenciou muito pouco os poetas posteriores, mas, desde o Renascimento, tem obrigado os latinistas a esforços prodigiosos.

MÂNLIO CAPITOLINO, MARCO (*Manlius Capitolinus, Marcus*).

Identificado por algumas fontes como o cônsul de 392 a.C., Mânlio, segundo se afirma, salvou o Capitólio do saque dos gauleses (390), provável explicação etiológica para o seu cognome. Entretanto, foi executado mais tarde por aspirar à tirania. Sua sentença de morte, em 385 a.C., pode ter sido um ato extrajudicial. Posteriormente, Mânlio foi descrito como o campeão da plebe; sua execução foi adiada para 384 a.C. (talvez para possibilitar um confronto com M. Fúrio *Camilo), e passou a ser presidida por tribunos da plebe, ou pelos diúmviros (crime de lesa-majestade).

MÂNLIO TEODORO (*Manlius Theodorus*), prefeito pretoriano, aprox. 382, 397-399 d.C.

Flávio Mânlio Teodoro era um burocrata de grande sucesso; sua carreira foi assinada pelo poeta pagão *Claudiano, mas também influenciou Santo *Agostinho. Sua rápida ascensão, no tempo de *Graciano, culminou com a prefeitura da Gália (aprox. 382), depois do que, retirou-se para perto de Milão. Ali liderou o círculo de cristãos que haviam adaptado o neoplatonismo (ver *Plotino) para leitores de língua latina, fator importante na conversão de Agostinho. Agostinho dedicou a Teodoro sua obra *Sobre a vida feliz* (386), com uma cordialidade de que mais tarde se arrependeu. Esse arrependimento talvez tenha sido devido à volta de Teodoro à vida pública (397) como o mais antigo partidário de *Estilício; tornou-se prefeito pretoriano da Itália, África e Ilíria, e cônsul em 399.

MARCELINO DA DALMÁCIA (*Marcellinus*), comandante dos soldados, (?) década de 460 d.C.

Antigo amigo de *Aécio, Marcelino de-

fendeu a Sicília da ameaça dos vândalos (461) com o auxílio dos hunos, mas desentendeu-se com *Ricimero e afastou-se para a Dalmácia, que ele governou com o apoio da corte oriental. Em 468, como patrício, uniu-se ao ataque contra os vândalos, como comandante na Sicília; mas foi assassinado, talvez por instigação de Ricimero. Seu sucessor na Dalmácia foi seu sobrinho, Júlio *Nepos.

MARCELO (*Marcellus*) (42-23 a.C.), herdeiro de Augusto.

Marco Cláudio Marcelo era filho de *Otávia (e do cônsul homônimo do ano 50 a.C.), e portanto, como sobrinho de *Augusto, o herdeiro natural de seu governo. Consequentemente, foi educado com muito cuidado e, levado para a Espanha por Augusto, casou-se com a filha deste, *Júlia — mas em vão: a morte súbita de Marcelo em 23 a.C. causou sérios problemas familiares e um grande pesar público, o que se refletiu na poesia da época.

MARCELO DE ANCIRA (*Marcellus*) (falecido em 374 d.C.), bispo herético.

Amigo e seguidor de *Atanásio, Marcelo defendeu tão profundamente a união da Divindade, que acabou por negar a separação de Cristo. O papa *Júlio defendeu a causa de Marcelo quando este foi expulso, por volta de 339, mas depois sua defesa tornou-se embaraçosa. As palavras "cujo reinado jamais terá fim" foram acrescentadas ao Credo de Nicéia especificamente para desmentir sua heresia.

MARCELO, LÚCIO ÚLPIO (*Marcellus, Lucius Ulpus*), cônsul, 184 d.C.

Um general com reputação de férrea disciplina, Úlpio Marcelo é conhecido como governador da Bretanha em 184, quando os caledônios atravessaram a Muralha de Antonino e invadiram o sul da Escócia. Ele reprimiu a revolta em três campanhas militares. Afirma-se que manteve seus soldados em constante estado de alerta graças ao envio (através de um ajudante), durante a noite, de ordens escritas previamente; assim, Úlpio Marcelo criava a impressão de que estava sempre acordado.

*Teatro de Marcelo, herdeiro de *Augusto (13 a.C.).*



MARCELO, MARCO CLÁUDIO (*Marcellus, Marcus Claudius*), cônsul, 222, 215, 214, 210 e 208 a.C.

Aos cinquenta anos, Marcelo tornou-se um dos grandes heróis romanos da guerra contra *Aníbal, desempenhando, junto com *Fábio Cuntátor, um papel preponderante na maneira de conduzi-la. Ele divergia da estratégia cautelosa de Fábio, pois tinha uma personalidade mais impaciente e agressiva, e ansiava por um confronto direto com Aníbal. Era o lutador obstinado da antiga tradição romana, mais do que um general brilhante. Mas seus sucessos, ainda que limitados, somados à sua personalidade vigorosa e carismática, inflamaram o debilitado moral de Roma, e ele conquistou muitos seguidores; para seus contemporâneos, Marcelo era a "Espada de Roma", enquanto Fábio, mais discreto, era seu "Escudo". Antes disso, Marcelo já havia firmado sua reputação militar em um notável primeiro consulado (222 a.C.), quando foi homenageado por suas vitórias na Gália Cisalpina. Tornou-se o terceiro romano a receber os despojos opimos por derrotar um chefe inimigo em combate individual.

Conservou o *imperium* consular de 215 a 208 a.C., na Itália e na Sicília, e seu maior feito foi a tomada de Siracusa em 212. A morte accidental do famoso cientista Arquimedes ofuscou esse sucesso. Marcelo celebrou então uma ovação (pequeno triunfo), para cujos efeitos trouxe para Roma muitas obras de arte gregas. Durante seu quarto consulado, foi acusado de mau procedimento por uma embaixada de Siracusa, e defendeu-se diante do Senado como simples cidadão. Depois disso, os habitantes de Siracusa o elegeram

Moeda de prata (denário) cunhada por um descendente (50 a.C.), em que se vê Marco Cláudio Marcelo e o símbolo da Sicília.



seu patrono especial e instituíram um culto em sua homenagem, permitindo assim que Marcelo fosse o primeiro romano a ser adorado. Nos três últimos anos de sua vida, comandou no sul da Itália o exército contra Aníbal, sempre obcecado pela ambição de travar com o inimigo uma batalha campal direta; essa ambição nunca se realizou, pois, em 208 a.C., ele morreu (de acordo com *Políbio) ao ser apanhado numa emboscada com um pequeno grupo de homens.

MÁRCIA (*Marcia*), concubina imperial, fim do século II d.C.

Márcia tornou-se concubina de *Cômodo depois do banimento da imperatriz Brútia Crispina (falecida em 185 ou pouco depois). Márcia parece ter sido uma cristã. Sua influência cresceu após a morte de *Cleandro (189), e ela teve participação importante no plano para assassinar Cômodo em 192.

MARCIAL (*Martialis*) (aprox. 40-103/104 d.C.), epigramatista.

Nascido em Bîlbilis, na Espanha Tarraconense, Marco Valério Marcial foi para Roma em 64 d.C. e desfrutou de algum apoio de seu compatriota *Sêneca. Um pouco de talento verdadeiro, somado a uma enorme capacidade de lisonjear, granjearam-lhe honras menores e um vasto círculo de amizades literárias (por exemplo, *Juvenal e o jovem *Plínio), mas não lhe proporcionaram independência financeira. Com a ascensão de *Nerva ao trono, no ano 96, seu cultivo constante e obsequioso da amizade de *Domiciano atrapalhou ainda mais suas possibilidades futuras, e Marcial acabou voltando para a Espanha, graças ao auxílio de Plínio (*Ep.*, III, 21). Um total de 1 561 poemas foi preservado, em sua maioria elegíacos: 1) *Liber spectaculorum* (*Livro dos combates*), publicado em 80 d.C., na abertura do Coliseu; 2) *Xenia*, motes para acompanhar testemunhos de amizade (*Epigrammata*, XIII), escritos de 84 a 85 d.C.; 3) *Apophoreta*, motes para acompanhar presentes para levar para casa (*Epigrammata*, XIV), também escritos de 84 a 85; 4) doze livros de epigramas publicados separadamente ou em pares entre 85/86 e 102/103.

Seus temas são bem variados: poesia elegante e cortesã; epigramas funerários ou de consolação; descrições de casas de campo e das fraquezas da humanidade, na cama ou

fora dela. Marcial é um escritor de grande habilidade técnica e um mestre no uso da ironia. Sua influência foi ampla e duradoura, inclusive sobre seu contemporâneo e amigo Juvenal, que o superou.

MARCIANO (*Marcianus*), imperador do Oriente, 450-457 d.C.

Obscuro tribuno militar, Marciano mesmo assim foi indicado como sucessor de *Teodósio II, talvez por influência de *Ás-par, e essa posição tornou-se legítima após seu casamento com *Pulquéria. Sua política diferia em vários aspectos da de seu predecessor, principalmente por ter executado o favorito Crisáfio, por recusar-se a pagar tributo aos hunos (cuja retaliação foi evitada graças à morte de *Átila), e por modificar as decisões do Concílio de Éfeso, em Calcedônia (451), o que possibilitou a conciliação do papa *Leão e da corte ocidental. Seu feito mais positivo foi a reforma das finanças imperiais, no que foi ajudado pela inexistência de ameaças militares durante seu reinado. Marciano morreu em 457, de morte natural.

MARCIANO, ÉLIO (*Marcianus, Aelius*), jurista, começo do século III d.C.

Um dos últimos juristas clássicos ativo depois do reinado de *Caracala, Élio Marciano escreveu vários manuais e monografias, principalmente sobre processos criminais. O fato de que conhecia decretos do período severiano, mencionados em suas obras, leva a crer que tinha ocupado um cargo na chancelaria imperial.

MARCIANO CAPELA (*Martianus Capella*), enciclopedista, século V d.C.

Marciano Mineu Félix Capela era um retórico ou advogado cartaginês (entre meados e o fim do século V), autor de *Sobre o casamento da Filologia e de Mercúrio*, livro invulgar sobre as sete belas-artes, em forma de *prosimetrum*. O trabalho, notável por preservar a teologia neoplatônica e a caldéia, por seu estilo exuberante e confuso, e por sua elaborada fábula alegórica, exerceu influência considerável sobre as artes e a vida intelectual da Idade Média.

MARCIÃO (*Marcion*) (falecido em aprox. 160 d.C.).

Rico armador de Sinop, Marcião era fi-

lho de um bispo que o excomungou por imoralidade. Por volta de 140, foi para Roma e reintegrou-se à Igreja, mas tornou-se separatista e foi excomungado de novo em 144. Promoveu a difusão de comunidades não ortodoxas, e defendeu opiniões que geraram muita oposição (por exemplo, o *Contra Marcão* de *Tertuliano). Dava ênfase à noção de que *Jesus representava o Deus do Amor, e tentou excluir o Velho Testamento de sua teologia, baseando-se principalmente nas Epístolas de São *Paulo e no Evangelho de Lucas.

MÁRCIO, ANCO (*Marcius, Ancus*), rei de Roma, século VII a.C.(?).

Quarto rei de Roma (datas convencionais: 640-617 a.C.), Anco Márcio permanece uma figura obscura, da qual quase nada se sabe. A versão mais recente de sua vida é modelada parcialmente em *Numa, cujos rituais religiosos, segundo se afirma, Márcio reviveu. A ele são atribuídas vitórias contra os Estados vizinhos, a construção de uma ponte sobre o Tibre e a fortificação do monte Janículo. Sua provável construção de um estabelecimento em Óstia para explorar as reservas de sal ainda não teve confirmação arqueológica.



Moeda de prata (denário) de um provável descendente (56 a.C.), em que se vê Anco Márcio.

MÁRCIO RÚTILO, CAIO (*Marcius Rutilus, Gaius*), cônsul, 357, 352, 344 e 342 a.C.

Depois de tomar a cidade de Priverno (357 a.C.), Márcio tornou-se o primeiro ditador plebeu (356), e repeliu uma força etrusca na região próxima da foz do Tibre. Reeito cônsul em 352, tentou atenuar uma crise econômica, e foi nomeado o primeiro censor de origem plebéia (351). Em 342, reprimiu as tropas que tentavam capturar terras na Campânia, e, de acordo com algumas fontes, fo-

ram ambos os cônsules, e não M. *Valério Corvo, que apaziguaram as tropas amotinadas, perto de Roma, com reformas militares. Apesar de afirmações em contrário, feitas por *Lívio, a carreira de Márcio pode ter dependido bastante do apoio patricio.

MARCO ANTÔNIO (*Marcus Antonius*), cônsul, 44 e 34 a.C.; triúviro, 43/38, 37/33 a.C.

Neto de Antônio, Marco Antônio nasceu por volta do ano 83 a.C. em uma família nobre de prestígio crescente, e chegou ao poder como aliado de *César. Serviu sob seu comando na Gália (52-51), representou seus interesses em Roma como tribuno (49), e em Farsala (48) comandou a ala esquerda do exército. Entre 49 e 47 a.C., nos vários períodos de ausência de César, Antônio administrou a Itália em seu lugar. Como seu colega no consulado de 44, foi favorável ao assassinato de César, a fim de assumir a liderança de sua poderosa facção e herdar seu prestígio político. Conseguiu-o com a cooperação de *Lépido(3), e forçou *Bruto e *Cássio a deixarem Roma; entretanto, seguiu sempre uma estratégia de conciliação com o Senado. Sua liderança dos cesarianos foi então desafiada por *Otaviano, herdeiro de César, que uniu forças com o Senado contra Marco Antônio no começo de 43, mas que fez um acordo de divisão do poder com ele e Lépido ainda no mesmo ano. Esse "segundo" triunvirato foi sustentado pela Lei de Tício (*Lex Titia*), que concedia aos três líderes cesarianos, por um período de cinco anos, extensos poderes so-

Moeda de prata (denário) de Marco Antônio (41 a.C.).



bre Roma e as províncias ocidentais. Com Otaviano, Antônio derrotou a oposição republicana de Bruto e Cássio em Filipos (42 a.C.), e assumiu o controle das províncias orientais. Lépido começou a declinar gradualmente, e a rivalidade entre Antônio, no Oriente, e Otaviano, no Ocidente, tornou-se mais forte, em especial quando o irmão e a esposa de Antônio, *Fúlvia, incitaram uma rebelião contra Otaviano na Itália (Guerra dos Perusinos, 41-40 a.C.). A situação foi remediada às pressas em Brindisi, no ano 40 a.C., com o casamento de Antônio e *Otávia(1), irmã de Otaviano, e em Tarento, três anos mais tarde (37), com a renovação dos poderes do triunvirato.

A partir daí, Antônio identificou-se cada vez mais com o Oriente helênico: mostrava desprezo pelas tradições romanas, e estabeleceu com *Cleópatra uma forte aliança política e pessoal. Antônio reorganizou as províncias orientais, iniciou, embora sem sucesso, uma invasão da Pérsia (ano 36 a.C.), conquistou a Armênia (34) e celebrou essa vitória com um triunfo em Alexandria. Logo depois, decretou as chamadas "doações de Alexandria", passando às mãos de Cleópatra e de seus filhos certas províncias orientais e algumas regiões que planejava conquistar. A política "oriental" de Antônio garantiu-lhe uma poderosa base estratégica e econômica; nas mãos de Otaviano, entretanto, essa política serviu para desgostar a opinião pública dos italianos e para provocar uma guerra nacional contra Cleópatra, dentro dos interesses de Roma (32 a.C.). Derrotado por Otaviano em Áccio (31), e abandonado por suas tropas, Antônio suicidou-se em Alexandria no ano 30.

MARCO AURÉLIO (MARCO AURÉLIO ANTONINO) (*Marcus Aurelius Antoninus*), imperador, 161-180 d.C.

Nascido em 121, filho de Marco Ânio Vero e de Domícia Lucila, Marco Aurélio foi educado por seu avô (também chamado Marco *Ânio Vero) depois da morte de seu pai. Logo conquistou a estima de *Adriano (que o chamava de "Veríssimo", ou "muito confiável", um jogo de palavras com o sobrenome Vero), e quando Adriano adotou *Antonino Pio como seu sucessor, em 138, este, por sua vez, adotou Marco Aurélio (juntamente com Lúcio *Vero). Depois da morte de Adriano, Marco Aurélio ficou noivo da filha de Anto-

nino, *Faustina II, com quem se casou em 145. Recebeu excelente educação de vários tutores importantes; seus principais professores de literatura foram *Frontão (latim) e *Herodes Ático (grego). Sua correspondência com Frontão, preservada nas *Cartas*, é um documento valioso da evolução intelectual de Marco Aurélio e da atmosfera da corte imperial em meados do século II d.C. Com a idade de dezoito anos, quando foi eleito cônsul pela primeira vez, começou a participar de reuniões do conselho imperial, familiarizando-se com as responsabilidades de um governante. Em 146, recebeu os privilégios do poder tribunício e do *imperium* proconsular, o que o marcou definitivamente como o sucessor preferido de Antonino. Quando Antonino morreu, em 7 de março de 161, Marco Aurélio já era cônsul pela terceira vez (e Lúcio Vero, pela segunda vez). Por insistência de Marco Aurélio, o Senado concedeu a Lúcio Vero o poder tribunício, o *imperium* proconsular e o título de augusto, elevando-o ao mesmo nível do irmão, embora Lúcio fosse mais jovem. Introduzia-se assim o princípio do poder colegiado.

Marco Aurélio foi, pelo menos aos olhos da posteridade, um imperador quase ideal, julgamento influenciado pelo registro de suas

Coluna de Marco Aurélio, em Roma.





Estátua eqüestre de Marco Aurélio, em bronze dourado. Roma, Capitólio.



Marco Aurélio recebendo a rendição dos inimigos bárbaros. Detalhe da Coluna.

qualidades pessoais. É criticado por perseguir os cristãos e por permitir que seu filho degenerado, *Cômodo, o sucedesse no trono. Mas devemos lembrar, com relação ao primeiro problema, que ele estava apenas seguindo a política instituída por *Trajano e confirmada por *Adriano; e, com relação ao segundo, que a transmissão do poder imperial sempre fora dinástica — e ele não podia ignorar seu único filho sobrevivente.

Apesar das qualidades pessoais de Marco Aurélio, seu reinado foi muito difícil. Enfrentou uma série de crises militares, no início de um longo período durante o qual o Império foi ameaçado por invasões em todas as fronteiras mais importantes. Em 162, os partos conquistaram a Armênia e precipitaram uma crise, dominada por Lúcio Vero e vários dos melhores generais de Marco Au-

rélio. Uma conclusão satisfatória, em 166, foi ofuscada pelo fato de os soldados que voltaram do leste trazerem com eles uma peste que custou milhões de vidas, ameaçando seriamente a população do Império. Por volta de 166-167, tribos germânicas atravessaram o Danúbio e marcharam até o norte da Itália. Duas novas legiões tiveram que ser recrutadas para enfrentar essa ameaça, e Marco Aurélio só teve condições de se defrontar com os invasores em 168. Em 169 (ano em que Lúcio Vero morreu), Marco Aurélio foi forçado a leiloar propriedades imperiais para lutar contra os bárbaros do norte, e os últimos dez anos de seu reinado foram quase inteiramente dedicados às lutas nas fronteiras — com exceção da breve ameaça interna representada pela revolta de *Avídio Cássio, em 175. De 170 a 174, lutou contra os marcomanos e os

quados; em 175, contra os iázigos da Sarmácia. Em 176, Marco Aurélio visitou o Egito e voltou a Roma para celebrar um triunfo. Mas novos problemas surgiram na Panônia, em 177; neste ano, Marco Aurélio nomeou seu filho, Cômodo, co-imperador, e os dois passaram os três anos seguintes lutando contra os marcomanos.

Marco Aurélio morreu em Viena, em 17 de março de 180. Seus monumentos mais notáveis, em Roma, são a coluna de Marco Aurélio, que retrata cenas das guerras do norte, e sua estátua equestre, mais tarde incorporada ao Capitólio por Michelangelo. Marco Aurélio é muito mais bem conhecido do que qualquer outro estadista importante da Antiguidade clássica. Além das informações contidas nas *Cartas de Frontão*, o indivíduo Marco Aurélio se revela nos doze livros das *Meditações* (em grego), escritos na última década de seu reinado, durante as guerras contra o norte. Marco Aurélio conheceu o estoicismo através de um de seus tutores, Apolônio da Calcedônia, e dedicou-se a seus ensinamentos por volta de meados da década de 140. As *Meditações*, na verdade uma sequência de diários, de teor pessoal e psicológico, escritos em momentos de grandes problemas íntimos, revelam sua preocupação com as responsabilidades que lhe cabiam como imperador, com as relações entre o homem e Deus, e com a ordem do mundo. Acrescentam poucas idéias novas às doutrinas do estoicismo tradicional, mas traem sentimentos religiosos e morais intensos da parte de um imperador sensível, inteligente e de educação nobre.

MÁRIO(1) (*Marius*), cônsul, 107, 104-100 e 86 a.C.

Principal arquiteto do exército romano profissional, Caio Mário era um rico *novus homo*, cuja habilidade militar e ambições políticas fizeram-no progredir graças ao patrocínio dos Metelos. Depois de servir como legado de *Metelo Numídico, na África, por dois anos (109-108 a.C.), Mário já contava quase cinquenta anos de idade e, como ex-pretor, podia orgulhar-se de uma carreira pública sólida, mas pouco espetacular. Ao voltar a Roma, Mário criticou Metelo por seu modo de conduzir a guerra e, inteligentemente, valeu-se da situação política para assegurar-se do consulado do ano 107 e de um mandato especial para suceder Metelo na África. Para

isso, mobilizou grupos econômicos (os equestres) descontentes com o Senado, incapaz de terminar com a guerra, e combinou esse descontentamento à agitação popular iniciada por *Mêmio e *Mamílio contra a condução da guerra. Assim, Mário atingiu o consulado com o apoio de uma poderosa coalizão contra a nobreza; porém, como membro da nobreza, seus instintos conservadores levaram-no a buscar a aceitação desse grupo exaltado. Das reformas militares associadas a seu nome, a mais importante foi, sem dúvida, o alistamento dos proletários (cidadãos sem terra) em sua campanha na África. Conseguiu, desse modo, contornar a falta crônica de soldados que Tibério *Graco havia tentado resolver, mas criou também um novo tipo de exército, de conseqüências políticas revolucionárias, fato que seus contemporâneos mais jovens, *Sila e *Pompeu Estrabão, demonstraram durante sua vida.

Por volta de 105 a.C., Mário conseguiu encerrar a longa guerra contra *Jugurta, e foi homenageado com um triunfo em Roma; na emergência que se seguiu à derrota desastrosa de *Cépio e Málio em Orange, Mário foi eleito para um segundo consulado (104), para fazer frente à ameaça dos cimbrios e teutões. Ao longo da crise, ocupou o consulado em anos consecutivos, desafiando todos os precedentes constitucionais, mas aparentemente com a sanção do Senado, com o qual mantinha, então, relações harmoniosas. Isso se depreende do auxílio que prestou a *Cátulo(1) para que obtivesse o consulado de 102 a.C., e por sua participação num triunfo ao lado de Cátulo, após a vitória sobre os cimbrios em Vercelas, que ambos conseguiram em 101. Além disso, foi eleito para um sexto e "desnecessário" consulado, no ano 100, sem qualquer oposição significativa, universalmente reconhecido como salvador do Estado.

O prestígio de Mário, porém, estava condicionado à doação de lotes de terra a seus veteranos proletários. A antipatia conservadora do Senado em relação a tal medida foi atizada pelo antigo patrono e arquiinimigo de Mário, Metelo Numídico. Assim, Mário foi obrigado a aliar-se aos políticos que se opunham ao Senado, como *Saturnino e *Gláucia, e a permitir que seus veteranos fossem usados para promover a legislação popular com intimidação e violência. Quando o Senado sancionou um decreto de emergência

(*senatus consultum ultimum*) e convocou Mário, como cônsul, para salvar o Estado, ele ficou satisfeito por seguir o precedente de L. *Opímio, em 121, e impiedosamente esmagou Saturnino e Gláucia, atuando como campeão da instituição senatorial. Mário, porém, não recebeu da nobreza o reconhecimento que desejava por seus serviços. Cada vez mais isolado e sem ação, considerou o fim do exílio de seu inimigo Metelo (98 d.C.) como uma humilhação pessoal, e aceitou uma embaixada na Ásia (97) como uma espécie de exílio auto-imposto. No entanto, a condenação de *Rutílio Rufo, em 92, e o fracasso de Lívio *Druso(2), em 91, devem-se ao poder político de um grupo independente que cercava Mário; como legado, no ano de 90 a.C., foi um dos comandantes mais bem-sucedidos da Guerra Social. Quando o cobiçado comando contra *Mitridates foi concedido a Sila, em 88, Mário apelou novamente para um líder popular, o tribuno P. *Sulpício Rufo, para atingir seus objetivos. O ataque inesperado de Sila contra Roma forçou Mário a fugir, encontrando refúgio entre seus veteranos na África. Quando, no ano 87 a.C., Mário voltou a Roma com *Cina, instigou o massacre impiedoso de seus oponentes. Morreu no início do ano 86, com a idade de setenta anos, logo depois de assumir seu sétimo consulado.

MÁRIO(2) (*Marius*), usurpador gaulês, 268 d.C.



Moeda de bronze prateado de Mário(2).

Marco Aurélio Mário foi proclamado imperador depois da morte de *Póstumo, em 268. A duração exata de seu reinado é desconhecida, mas é provavelmente maior do que os poucos dias citados nas fontes.

MÁRIO MÁXIMO (*Marius Maximus*) (nascido em 158 d.C.), historiador.

Lúcio Mário Máximo Perpétuo Aureliano cumpriu uma carreira pública longa e notável. Escreveu *Doze césores*, modelado segundo o estilo de *Suetônio, mas referente aos reinados de *Nerva e *Elagábalos. Esses relatos desapareceram, mas são geralmente considerados a principal fonte das biografias dos imperadores contidas na **História augusta*.

MAROBÓDUO (*Maroboduus*), rei germânico, deposto em 18 d.C.

De origem nobre, Marobóduo foi educado em Roma. Ao tornar-se rei de seu povo, os marcomanos, ampliou a influência deles e os instalou na antiga Boêmia. Suas relações com Roma foram muito instáveis. Em 6 d.C., um ataque a seu reino, a cargo das forças romanas, foi frustrado pela revolta da Panônia, e Marobóduo só foi expulso em 18 d.C. *Tibério permitiu que ele se retirasse para Ravena.

MARTINHO DE TOURS, SÃO (*Martinus*), bispo, aprox. 371-397 d.C.

Soldado do exército romano, tornado santo patrono da França, Martinho era filho de um oficial e nasceu na Panônia, provavelmente em 316. Seu pai fez com que se alistasse como soldado, mas, depois de partilhar seu manto com um mendigo, Martinho sonhou com Cristo e abandonou o exército. Tornou-se discípulo de Santo *Hilário e fundou um monastério perto de Poitiers, de onde foi afastado para tornar-se bispo de Tours. Promoveu o monasticismo e a evangelização dos campos. Causou profunda impressão em *Máximo, que lhe justificou sua usurpação, mas não conseguiu salvar *Prisciliano de uma corte secular. Sua biografia foi escrita por seu discípulo *Sulpício Severo.

MÁRTIRES

Os cristãos foram perseguidos desde o início. As comunidades locais ressentiam-se das convicções particulares que atrapalhassem o dever público para com os deuses nativos. "Quando há uma praga, quando há fome ou terremoto, imediatamente o lema deles passa a ser 'os cristãos para os leões'" (*Tertuliano). As primeiras ações contra os cristãos foram restritas; somente no reinado de *Décio (249-251) e durante a Grande Perseguição (303-

313) a pena de morte foi decretada em todo o Império. A reação cristã às pressões variava: alguns fugiam, outros decaíam. Mas um grande entusiasmo acompanhava sempre a morte dos mártires, transformados em heróis da fé cristã, comparáveis apenas a ascetas como Santo *Antônio. Quando *Constantino acabou com as perseguições, esse espírito se cristalizou em lenda. Poucos relatos diretos sobreviveram.

O relato mais antigo descreve a morte de *Policarpo na fogueira. A política romana sacrificava geralmente os líderes cristãos, como São *Cipriano de Cartago, Pânfilo (aprox. 240-309), erudito e amado professor de *Eusébio, que descreve suas agonias em *Mártires da Palestina*, ou *Luciano de Antióquia. Os juízes, entretanto, encorajavam com frequência os cristãos educados a se retratarem, como no caso de Fileas, bispo de Themuís, no Egito (executado entre 304 e 307). Alguns repudiavam a retratação. Edésio foi executado depois de atacar *Hiérocles, pre-

Os três hebreus na fogueira (Livro de Daniel): tema popular na arte como exemplo de martírio. Afresco do início do século IV. Catacumba de Priscila, Roma.



feito do Egito, em 307. Os *Atos de Perpétua*, jovem mãe devorada por feras na arena de Cartago, em 203, descrevem vividamente as visões extáticas que motivavam tais mártires. Os sofrimentos de Albano (por volta de 209) são obscurecidos por adições do culto posterior. Seu túmulo em Santo Albano ainda era muito visitado no período anglo-saxônico. Os detalhes da morte de Jorge, mártir da Palestina, muito popular nas orações a partir do século VI, foram soterrados pelo mito.

MASINISSA (*Masinissa*), rei da Numídia, falecido em 148 a.C.

Inicialmente, Masinissa serviu Cartago, mas foi favorecido por *Cipião Africano em 206 a.C. como o principal aliado local de Roma durante a campanha de 204-202 a.C. Depois de Zama e da eliminação de seu rival *Sífax (cujas esposas ele aparentemente amava), Masinissa ampliou muito seus domínios, recebendo o título de rei. Até sua morte, cinquenta anos mais tarde, permaneceu cliente pessoal da família de Cipião e leal aliado de Roma, que tolerava suas constantes tentativas de expandir seus territórios às custas da enfraquecida Cartago.



Moeda numídica de bronze, com retrato de Masinissa.

MATÍDIA (*Matidia*), sobrinha de Trajano.

Como sobrinha de *Trajano e mãe da imperatriz *Sabina, Matídia estava presente quando Trajano morreu, em 117 d.C. Faleceu em 119 e foi deificada.

*Entalhe em sardônica: *Trajano, *Plotina, Marciana e Matídia.*



MÁVIA (*Mavia*), rainha árabe, década de 370 d.C.

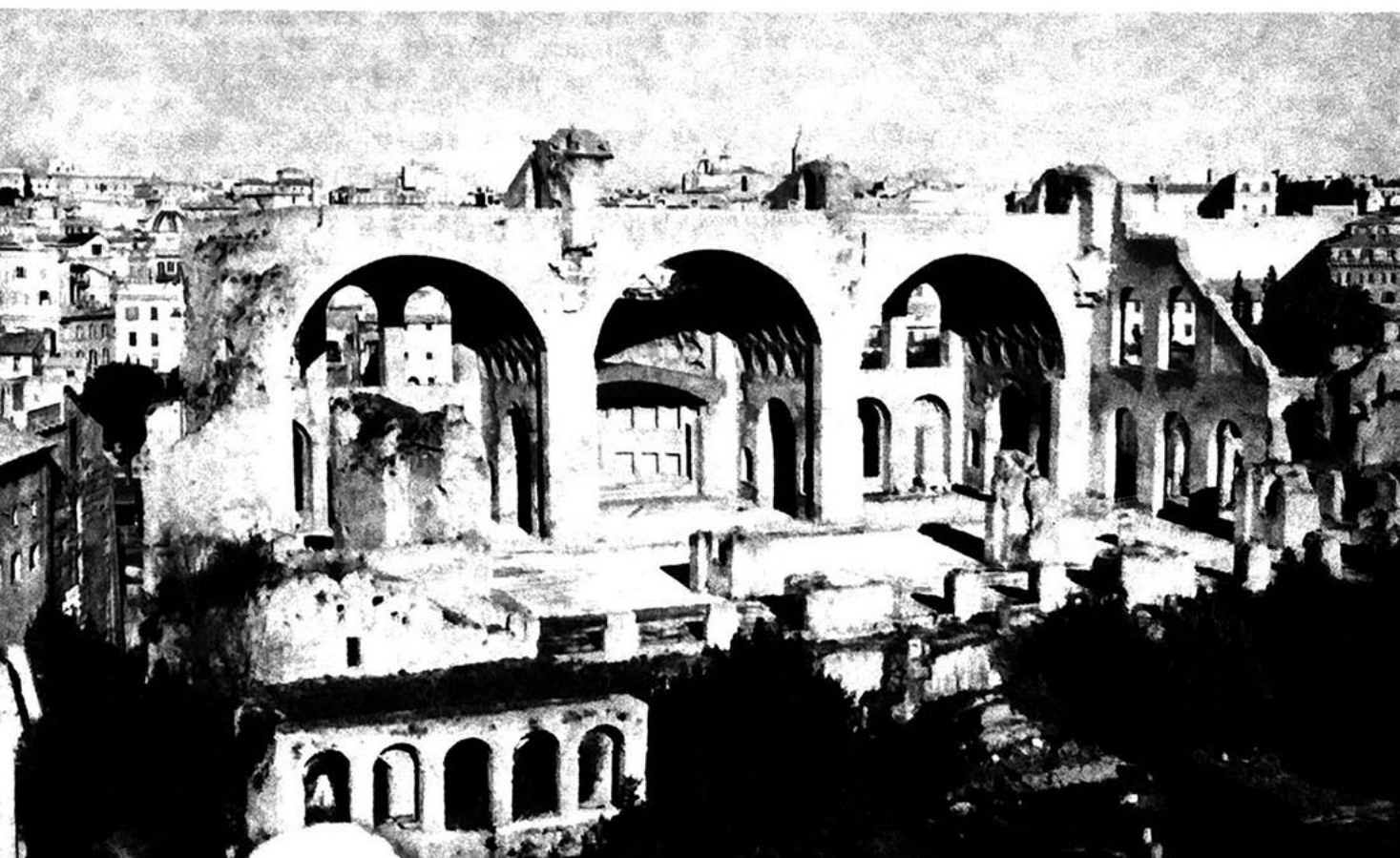
Até o advento do islã, no século VII, as tribos beduínas eram apenas um motivo de irritação na fronteira oriental de Roma, sem valor como amigas ou inimigas, segundo *Amiano. Mávia, que sucedeu seu marido como "rainha dos sarracenos", organizou ataques que levaram à derrota do exército romano, e só aceitou a paz com a condição de que um eremita chamado Moisés fosse consagrado bispo de sua tribo. Sua filha casou-se com *Vítor, comandante-em-chefe romano. Em 378, um contingente árabe ajudou a defender Constantinopla, e esses combates sangüinolentos intimidaram até os godos.

MAXÊNCIO (*Maxentius*), usurpador do Império do Ocidente, 306-312 d.C.

Quando *Diocleciano e *Maximiano abdicaram em 305 d.C., o filho de Maximiano, Maxêncio, aspirou em vão à posição de César. No ano seguinte, o povo de Roma, exasperado pelo fato de que *Galério — agora o principal augusto — e seu César, *Severo (o Tetrarca), tentavam acabar com a antiga isenção de impostos de que gozava a cidade, proclamou Maxêncio imperador. O novo governante trouxe seu pai de volta à ativa, e assim, quando Severo marchou contra Roma no comando das tropas que haviam lutado antes sob Maxi-

miano, elas imediatamente desertaram para o lado do antigo comandante e de seu filho. Uma tentativa de Galério para afastar Maxêncio do poder também fracassou. Maximiano obteve o apoio de *Constantino, aliança firmada através do casamento com sua filha, *Fausta. Quando, em 308, Maximiano se desentendeu com o filho, foi na corte de Constantino que encontrou refúgio. Por essa época, Maxêncio perdera temporariamente a África para o usurpador Domício *Alexandre, mas firmara sua posição na Itália, e mantinha relações estreitas com as figuras mais importantes do Senado. Pelo menos no começo, foi tolerante também com os cristãos; para justificar o ataque de surpresa desferido contra ele por Constantino, em 312, certos historiadores cristãos, por exemplo *Eusébio, condenam Maxêncio como tirano. Constantino avançou muito facilmente pela Itália e, um pouco ao norte de Roma (auxiliado, segundo afirmam *Lactâncio e Eusébio, pelo poder do Deus cristão), derrotou definitivamente as forças de Maxêncio, muito maiores. Maxêncio afogou-se no Tibre durante a confusão da retirada, cena que Eusébio comparou à do faraó e suas forças destruídas pelo mar Ver-

Basílica de Maxêncio (306-315 d.C.), ao lado do Fórum romano.



melho. Inspirou também o escultor de uma arca dedicada a Constantino pelo Senado, cujos membros, na maioria dos casos, mantiveram os mesmos cargos que haviam ocupado no período de Maxêncio.

MAXIMIANO (*Maximianus*), imperador do Ocidente, 285/286-305 d.C.

Como outros membros da Tetrarquia, Maximiano foi treinado no exército de *Aureliano e *Probo. Assim que assumiu a posição de agosto, *Diocleciano nomeou César seu antigo camarada de armas e enviou-o para a Gália com a missão de subjugar os insurgentes. No ano 286, Maximiano tornou-se Augusto, ao lado de Diocleciano, e continuou a defender a fronteira do Reno. Dois panegíricos, conservados ainda hoje, mostram que estava intimamente associado a Diocleciano.



Medalhão de ouro (áureo múltiplo) de *Diocleciano e Maximiano, de 287 d.C. Berlim, Staatliche Museen.

Em 293, *Constâncio I e *Galério foram indicados Césares. Maximiano mudou-se para o Mediterrâneo ocidental, deixando o norte para Constâncio. Nos anos 296-298, conteve rebeliões na Espanha e na África, e fez uma importante visita a Roma. Voltou a Roma em 304, juntamente com Diocleciano, para comemorar vinte anos de governo conjunto. Desde o triunfo de Aureliano, cinquenta anos antes, a cidade não via comemoração igual: construíram-se para os festejos as Termas de Diocleciano e um monumento magnífico ao lado

do Senado. Em maio do ano seguinte, Diocleciano e Maximiano abdicaram. Os eventos que se seguiram mostraram que Maximiano não via com bons olhos seu afastamento do poder.

Em 306, o filho de Maximiano, *Maxêncio, usurpou a púrpura em Roma, e pediu o apoio do pai para sua reivindicação. Maximiano firmou uma aliança com *Constantino, na Gália, dando-lhe em casamento sua filha *Fausta. Depois do fracasso da conferência convocada por Galério, em 308, para resolver a questão do poder imperial, Maximiano voltou para a Gália e proclamou-se Augusto. Constantino, após uma rápida marcha do Reno até Marselha, derrotou seu sogro. Foi concedido a Maximiano o direito de escolher como desejava suicidar-se, e ele escolheu o enforcamento.

MAXIMINO (*Maximinus*), prefeito pretoriano, 371-376 d.C.

Maximino, de origem panoniana, foi companheiro pessoal e principal ministro de *Valentiniano I durante metade de seu reinado. Depois de governar várias províncias italianas, perseguiu impiedosamente pessoas acusadas de magia e adultério na aristocracia de Roma, primeiro como prefeito do suprimento de trigo (aprox. 369 d.C.), e depois como governador-geral (370). Promovido à corte como prefeito pretoriano da Gália, manteve sua reputação de severidade. Quando Valentiniano morreu, em 375, Maximino perdeu seu prestígio, e foi executado.

MAXIMINO DAIA (*Maximinus Daia*), imperador do Oriente, 305-313 d.C.

Daia, sobrinho de *Galério e oficial da guarda imperial, foi nomeado César quando *Diocleciano abdicou em 305. Durante todo o período das confusas guerras internas que se seguiram, Daia administrou o Egito e a Síria e, em 310, foi reconhecido como um dos Augustos. Após a morte de Galério, um ano depois, antecipou-se a *Licínio, que então governava os Bálcãs, e anexou a Ásia Menor; mas, no verão de 313, Licínio, contando com o apoio de *Constantino em Roma, derrotou Daia, que veio a falecer. Daia não tolerava que os cristãos se recusassem ao dever público de honrar os deuses. Com o encorajamento de petições vindas de várias partes do Oriente, e de oráculos apresentados por



Protótipo de moeda de Maximino Daia (em tamanho ampliado).

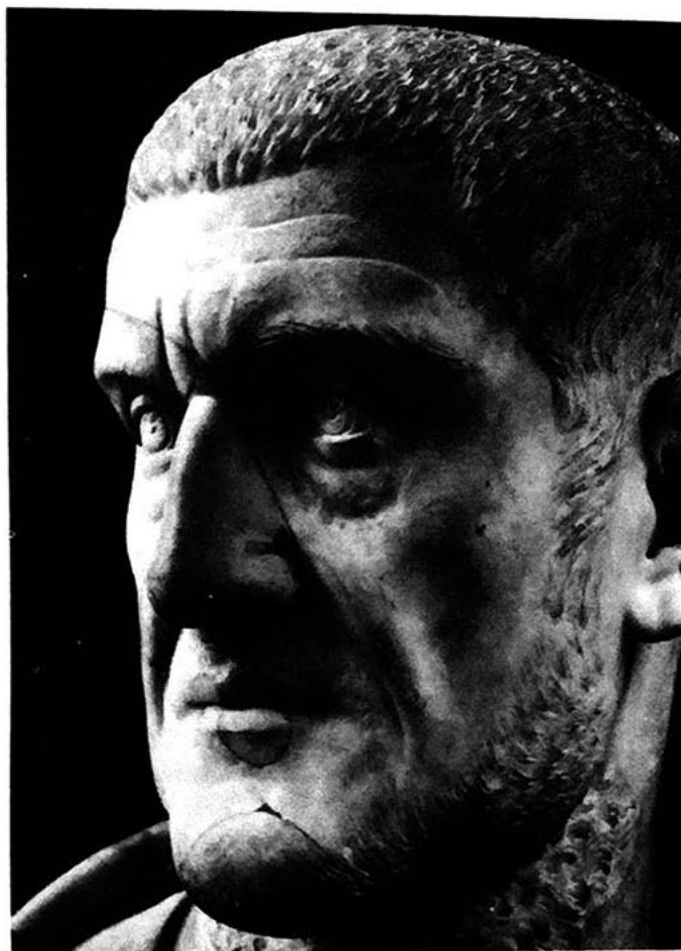
seu conselheiro *Teotecno, Daia estimulava os esforços da Grande Perseguição, destinada a afastar os cristãos daquilo que ele considerava uma novidade perigosa e efêmera.

MAXIMINO TRÁCIO (*Maximinus Thrax*), imperador, 235-238 d.C.

Nascido na Trácia por volta de 172/173 d.C., provável descendente de bárbaros, Caio Júlio Vero Maximino adquiriu renome por sua estatura gigantesca (mais de dois metros e quarenta), sua tremenda força física e a brutalidade de seu império. Depois de alistar-se na cavalaria, tornou-se guarda pessoal do imperador; mais tarde, serviu como tribuno durante o governo de *Elagábalo, e foi o principal comandante militar no período de *Severo Alexandre. Em 235, foi proclamado imperador por suas tropas amotinadas, e, por sua vez, nomeou César seu filho *Máximo. Manteve com sucesso sua campanha de dezoito meses contra os germânicos. A insurreição dos *Gordianos na África, em 238, forçou-o a marchar contra Roma, mas ele e seu filho foram assassinados em Aquiléia por sua própria guarda pretoriana. Casou-se com Cecília Paulina, e foi acusado (injustamente) de matá-la.

MÁXIMO DE ÉFESO (*Maximus*) (falecido em 371 d.C.), filósofo neoplatônico.

Membro de uma rica família de Éfeso, Máximo foi aluno de *Edésio, e tornou-se pro-



Busto do soldado-imperador Maximino Trácio.

fessor e conselheiro íntimo de *Juliano. *Eunápio descreve sua longa barba grisalha, seu olhar penetrante, sua dignidade hierática, seu charme. Mais um mágico do que um verdadeiro filósofo, praticou a "teurgia", realização de milagres associada por *Iâmblico à filosofia neoplatônica. No início da década de 350, com *Prisco e *Crisântio, completou a conversão do jovem Juliano ao paganismo, iniciando-o em vários cultos e mistérios. Quando Juliano se tornou o único imperador (361), chamou Máximo e outros filósofos para sua corte e os honrou condignamente, apesar de sua arrogância pouco filosófica e sua rapacidade. Máximo influenciou a política com suas adivinhações, e permaneceu ao lado de Juliano, acompanhando-o à Pérsia (363) e consolando-o em seu leito de morte. Caiu em desgraça no regime de *Valente, foi multado, torturado e afinal executado, por participar da conspiração de *Teodoro (371).

MÁXIMO DE TIRO (*Maximus*) (aprox. 125-85 d.C.), sofista.

Conferencista e sofista itinerante, Máximo apresentou-se em Atenas e em Roma. De seus discursos, foram preservados quarenta e um, todos declamados em Roma durante o período de *Cômmodo. Máximo era um seguidor de Platão, mas seu pensamento filosófico é geralmente considerado superficial e pouco original.

MÁXIMO, CAIO JÚLIO VERO (*Maximus, Gaius Julius Verus*), César, 235-238 d.C.

Filho de *Maximino Trácio, Máximo foi proclamado César por seu pai em 235, e permaneceu com ele no Danúbio até a revolta dos *Gordianos em 238, após a qual Máximo marchou contra a Itália. Ambos foram mortos em Aquiléia por suas próprias tropas amotinadas.

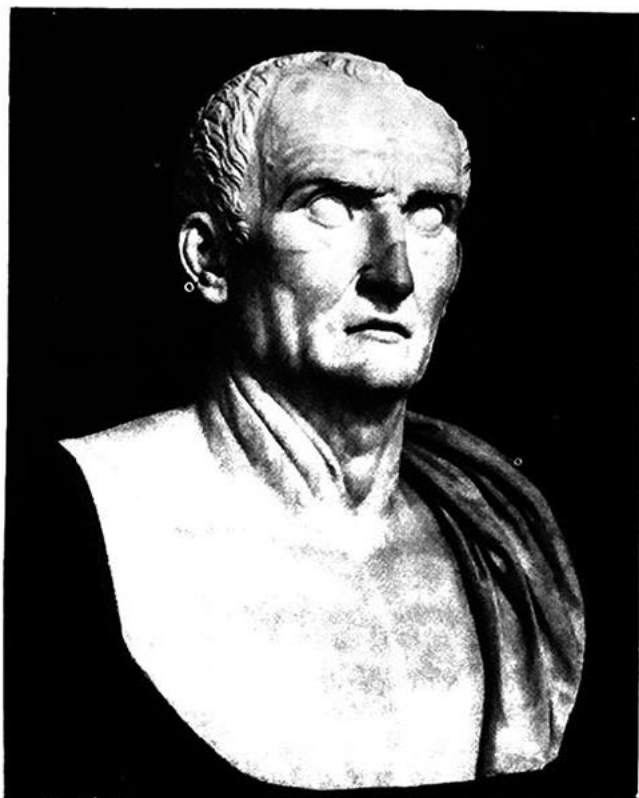
MÁXIMO, MAGNO (*Maximus, Magnus*), imperador do Ocidente, 383-388 d.C.

Macsen Wledig Máximo, o "Macsen Wledig" da lenda galesa, era um parente espanhol do conde *Teodósio, com quem serviu na Bretanha e na África, antes de ser promovido ao comando do exército na Bretanha. Proclamado imperador por seu exército, invadiu a Gália; o imperador legítimo, *Graciano, foi abandonado pelas tropas e morto em agosto de 383. Máximo obteve, assim, o controle da Espanha e da Gália, e foi reconhecido *de facto* por *Teodósio I até que decidiu invadir a Itália. O exército oriental atravessou então os Bálcãs e encontrou Máximo em Aquiléia, onde ele morreu, em 28 de agosto de 388. Máximo, que emitiu suas primeiras moedas (em Londres) imitando as de *Valen-

tiniano I, alegava ser um sucessor mais digno do que os dois filhos, que ele usurpara. Enfatizou sua ortodoxia católica ao executar o herético espanhol *Prisciliano.

MECENAS (*Maecenas*) (falecido em 8 a.C.), patrono das letras.

Descendente de reis etruscos, Caio Mecenas revelou-se, a partir de 43 a.C., um auxiliar útil e leal do jovem Otaviano. Atuou como intermediário em várias ocasiões, e foi encarregado da administração de Roma e da Itália, já que possuía talentos diplomáticos, mas não militares; em certos aspectos, ele se equiparou a *Agripa, embora no âmbito civil. Equestre por nascimento, nunca aspirou ao cargo de senador ou outros mais altos. Seu nome hoje significa "patrono literário", e com razão. No entanto, é discutível afirmar que ele influenciava opiniões, ou que pudesse ser chamado com justiça de "ministro da propaganda de *Augusto".



Busto de Mecenas. Paris, Louvre.



Moeda de ouro (sólido) de Magno Máximo (em tamanho ampliado).

Mecenas associou-se a muitos poetas, entre eles *Virgílio, *Horácio, *Propércio, *Vário. Para alguns, as recompensas foram valiosas, e disso dão testemunho as quantias

indicadas no testamento de Virgílio, os lucros obtidos por Vário com sua obra *Thyestes*, ou as propriedades no monte Sabino doadas a Horácio. Embora Mecenas tenha influenciado a composição das *Geórgicas* de Virgílio (III, 41), a pressão sobre os poetas podia, e era, repelida (ver Propércio, III, 9): com o pretexto de incapacidade (Horácio, *Sátiras*, II, 1, 10 e segs.) ou sugerindo autores alternativos (Horácio, *Odes*, IV, 2), os poetas evitavam a composição de panegíricos. Sabe-se que apenas Vário condescendeu com essa situação, enquanto o patriotismo de Propércio chegou à heterodoxia: os temas históricos sugeridos em III, 9 eram profundamente comprometedores. Não havia, pois, o emprego da força bruta, mas os autores que haviam vivido as guerras civis, podendo gozar de uma existência garantida, compreendiam que alguma retribuição literária era esperada. De variadas maneiras, e com elaboradas declarações de independência literária, eles acabavam cedendo.

Depois da conspiração de seu cunhado, Varrão Murena, em 23 a.C., Mecenas, parcialmente envolvido, perdeu sua influência sobre Augusto e sua posição nos conselhos de Estado, sendo encorajado a retirar-se da vida pública. Nos anos que se seguiram, dedicou-se ao estilo de vida refinado e confortável pelo qual ficou famoso.

MECIANO, VOLÚSIO (*Maecianus, Volusius*), jurista, século II d.C.

Lúcio Velúcio Meciano, eqüestre por nascimento, foi um eminente advogado e administrador. É provável que tenha sido aluno de Sálvio *Juliano, e foi professor de legislação do jovem *Marco Aurélio. *Antonino Pio, logo após sua adoção como herdeiro de *Adriano, nomeou-o secretário das petições. Durante o reinado de Antonino, Meciano ocupou uma série de cargos administrativos que culminaram na prefeitura do Egito (160-161). Escreveu várias obras técnicas sobre legislação.

MELA, POMPÔNIO (*Mela, Pomponius*), geógrafo, início do século I d.C.

Nascido em Tingentera, perto de Gibraltar, Mela escreveu, no governo de *Calígula ou de *Cláudio, a obra *Livro dos lugares*, em três tomos. Depois de um apanhado da geografia mundial, a obra enumera orienta-

ções para marinheiros, e pode ter sido na origem um comentário sobre um mapa. Listas de nomes aparecem intercaladas com digressões retóricas sobre detalhes históricos e geográficos. O trabalho é uma mistura bizarra, tirada de inúmeras fontes, mas contém informações importantes, e é o mais antigo texto latino sobre geografia que conhecemos.

MELÂNIA, A JOVEM, SANTA (*Melania*) (383-439 d.C.), abadesa.

De ilustre ascendência romana, Melânia (seguindo o exemplo de sua avó homônima) abandonou sua herança senatorial para adotar a vida contemplativa. Juntamente com seu marido Pliniano, Melânia venceu a resistência da família e liquidou suas propriedades. Fugindo à devastação promovida na Itália pelos godos de *Alarico, o casal foi primeiro para o norte da África e, depois, para Jerusalém, onde se instalou no monte das Oliveiras (417 d.C.). Aí, Melânia fundou e administrou vários mosteiros para homens e mulheres, e levou uma vida de piedade exemplar. Sua biografia, que sobreviveu em latim e na versão grega, foi escrita por seu discípulo Gerônimo, que lhe sucedeu na chefia dos mosteiros.

MELÍCIO (*Melitus*) (falecido em 325/328 d.C.), cismático egípcio.

Durante a Grande Perseguição (303-313), muitos cristãos cederam à pressão pagã. Melício, originário de Licópolis, considerou covardes esses cristãos, rejeitou as regras estabelecidas por *Pedro, bispo de Alexandria, para a readmissão deles na Igreja, e firmou-se como líder cristão no Egito. *Ário, padre muito popular na região, foi um de seus seguidores. A Igreja de Melício, "Igreja dos Santos Mártires", continuou a existir mesmo depois da perseguição: do mesmo modo que a "Igreja Pura" africana, instituída por *Donato, a Igreja de Melício só desapareceu com a invasão muçulmana.

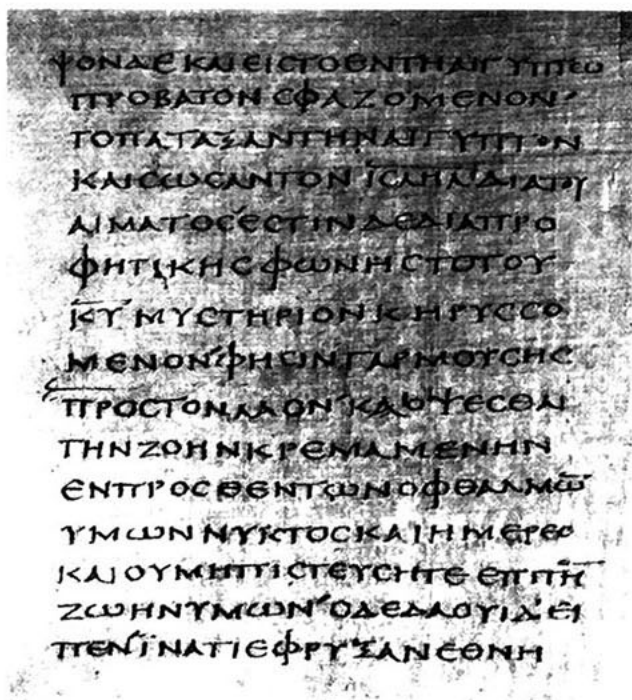
MÉLIO, ESPÚRIO (*Maelius, Spurius*).

Mélio tornou-se popular graças à distribuição de cereais, foi denunciado por L. *Mínúcio Esquilino Augurino por seus planos de alcançar a tirania, e foi morto por C. Servílio *Aala (439 a.C.). Essa versão de sua vida deve ter-se originado como uma explicação etiológica do Aequimaelium (normalmente in-

interpretado como “terreno de Mélio”, onde sua casa teria sido destruída após sua morte). A versão foi reforçada por outras etiologias (ver Minúcio e Aala), por teorias estereotipadas sobre a tirania e por argumentos constitucionais e políticos, principalmente do período dos *Gracos.

MELITÃO (*Melito*) (falecido em aprox. 190 d.C.), bispo e escritor.

Melitão foi bispo de Sardes em 160/170. Poucas obras suas sobreviveram. Foi preservado um papiro com o tratado *Sobre a Páscoa*; existem ainda alguns fragmentos de uma *Apologia* dedicada a *Marco Aurélio, e um trabalho sobre o batismo. Alguns dos importantes pensadores cristãos posteriores — por exemplo, *Irineu e *Tertuliano — podem ter sido influenciados por suas obras.



Página de papiro da obra *Sobre a Páscoa*, de Melitão (fim do século III); Moisés, profeta de Cristo. Biblioteca Bodmer, Cologny-Genève.

MÊMIO(1), CAIO (*Memmius, Gaius*), pretor, 104 a.C.

Como tribuno, em 111 a.C., Mêmio retomou o ataque à instituição senatorial que havia sido suprimido, por Caio *Graco, em 121. Denunciou a corrupção de alguns dos principais senadores que afetava as relações de Roma com *Jugurta; no ano 109, foi im-

portante sua participação para defender a lei de *Mamílio. Foi morto no ano 100, quando candidato ao consulado, talvez por instigação de *Saturnino — ato que levou o Senado a declarar estado de emergência.

MÊMIO(2), CAIO (*Memmius, Gaius*), pretor, 58 a.C.

Embora não tenha se distinguido na política, Mêmio é conhecido principalmente como patrono de *Catulo e *Lucrécio; este último dedicou-lhe o *De rerum natura*. Governou a Bitúnia, em 57 a.C., como propretor; em 53, candidatou-se ao consulado, mas foi vítima da corrupção das eleições nesse ano, e exilado sob a acusação de suborno.

MEROBAUDE(1) (*Merobaudes*), comandante da infantaria, 375-388 d.C.

Primeiro dos marechais a governar de fato o Império do Ocidente em seu último século de existência, Flávio Merobaude era franco por nascimento. Serviu o exército durante a última campanha de *Valentiniano I (375) como comandante-em-chefe e, quando o imperador morreu, proclamou o filho dele (*Valentiniano II) imperador, embora este ainda fosse criança. Teve grande influência na corte de *Graciano (foi cônsul em 377 e 383), mas abandonou-a para apoiar o usurpador *Máximo, sob cujo comando parece ter mantido seu posto. Durante seu terceiro consulado, em 388, Merobaude foi forçado a cometer suicídio.

MEROBAUDE(2) (*Merobaudes*), poeta, século V d.C.

Flávio Merobaude, poeta competente mas medíocre, era provavelmente um franco tornado romano, que viveu na Espanha; viajou para Roma para servir na corte de *Valentiniano III, um pouco antes de 435, época em que foi honrado com uma estátua no Fórum de *Trajano. Era homem “de palavras e também de ações” (CIL, 6, 1724), tendo sido comandante-em-chefe em 443; morreu um pouco antes da década de 460. Seis fragmentos de poemas seculares e um poema cristão sobreviveram num manuscrito mutilado.

MESSALA CORVINO (*Messalla Corvinus*), cônsul, 31 a.C.

Patrício de origem, Marco Valério Messala Corvino foi uma das figuras principais

do período de *Augusto, embora dependesse de *Bruto e *Cássio e também de *Marco Antônio, até que se ressentiu da influência de *Cleópatra. Lutou a favor de Otaviano e contra Sexto *Pompeu na Ilíria, em Áccio e na Gália (onde mereceu um triunfo). Augusto empregou-o também em várias de suas experiências administrativas, principalmente na tentativa abortada de criar a prefeitura urbana, em 26 a.C., e no cargo de inspetor de águas, em 11 a.C. *Ovídio escreveu para ele um hino fúnebre, provavelmente antes do exílio. Ao longo de sua vida, Messala foi um grande patrono dos poetas, principalmente de *Tibulo e de Ovídio, e também foi considerado, junto com *Asínio Pólio, um dos maiores oradores de sua geração; tinha grandes conhecimentos de gramática e oratória latina. Enormes gastos com obras públicas reforçaram a contribuição desse homem ao período de Augusto.

MESSALA MESSALINO (*Messala Messalinus*), cônsul, 3 a.C.

Filho de *Messala Corvino, Marco Valério Messala Messalino era governador da Ilíria, em 6 d.C., e marchava para combater *Marobóduo, juntamente com *Tibério, quando teve de voltar para reprimir a revolta da Panônia; esse feito lhe valeu a insígnia triunfal. Desempenhou papel importante no Senado — embora fosse um adulator — no início do reinado de Tibério.

MESSALINA (*Messalina*), imperatriz, 41-48 d.C.

A patricia Valéria Messalina, terceira esposa de *Cláudio, deu-lhe os filhos *Britânico e *Otávia. Valeu-se de sua posição para prejudicar muitas pessoas influentes, entre elas *Valério Asiático e Vinício; tornou-se notória por sua promiscuidade, da qual Cláudio parece não ter tomado conhecimento até que ela resolveu casar-se com Caio Sílio, cônsul nomeado em 48 d.C. A execução de Messalina e a difamação de sua memória seguiram-se imediatamente.

MESSALINA, ESTATÍLIA (*Messalina, Statio*), imperatriz, 66-68 d.C.

Terceira e última esposa de *Nero, Estátia Messalina era de origem nobre e também muito rica, inteligente e bela. Sobreviveu a Nero, mas foi impedida de se casar com *Oto,



Estátua de Estátia Messalina(?).

em 69, porque ele caiu em desgraça. Messalina parece ter sobrevivido também à guerra civil.

METELO, LÚCIO CECÍLIO (*Metellus, Lucius Caecilius*), cônsul, 251 e 247 a.C.

Quando defendia Palermo, na Sicília, de um ataque desferido pelos cartagineses em 250 a.C., Metelo obteve uma grande vitória ao neutralizar os elefantes usados na Guerra Púnica, considerados invencíveis. Capturou vários deles para matá-los em Roma. O símbolo do elefante foi adotado mais tarde pela família dos Metelos na cunhagem de suas moedas.

METELO, QUINTO CECÍLIO (*Metellus, Quintus Caecilius*), cônsul, 206 a.C.

Em 221 a.C., Metelo pronunciou uma oração fúnebre para seu pai, Lúcio Cecílio *Metelo. Enviado a Roma por *Salinátor, em 207, para anunciar a vitória de Metauro, foi eleito cônsul. Foi um dos principais partidários de *Cipião Africano durante o escândalo de *Plemínio. Sua missão com a finalidade de investigar acusações feitas contra *Filipe V, em 185, acabou levando à Terceira Guerra Macedônica. No mesmo ano, visitou a Acaia; a visita não tinha caráter oficial, e por isso Metelo foi impedido de comparecer à assem-

bléia dos aqueus. Essa afronta gerou uma pequena crise nas relações entre Roma e Grécia, mas em 183 Metelo foi considerado um especialista em assuntos do Peloponeso.

MTELO CIPIÃO (*Metellus Scipio*), cônsul, 52 a.C.

Personagem pouco atraente e sem habilidade, Quinto Cecílio Metelo Cipião era, apesar disso, representante da antiga aristocracia, pois era um Cipião por nascimento e filho adotivo de *Metelo Pio. *Pompeu, entretanto, fez dele um aliado valioso, em 52 a.C., quando procurava o apoio do Senado contra o possível desafio de *César. Pompeu casou-se com a filha de Metelo e, como único cônsul, elevou-o ao consulado, que ele não conseguira por eleição. Metelo apoiou a atitude inflexível do Senado contra César, o que apressou a guerra civil de 49. Assumiu o comando proconsular no leste e uniu forças com Pompeu em Farsala, de onde escapou para a África. Aí, assumiu o comando das forças de Pompeu, e cometeu suicídio depois da vitória de César em Tapso, no ano 46 a.C.

MTELO MACEDÔNICO (*Metellus Macedonicus*), cônsul, 143 a.C.

Quando era pretor na Macedônia, em 148 a.C., Quinto Cecílio Metelo Macedônico esmagou a revolta de *Andrisco (chamada de Quarta Guerra Macedônica) e supervisionou a criação da província da Macedônia. Por estar próximo, interveio diplomaticamente e depois militarmente na Acaia, em 147-146, até ser substituído por *Múmio. Em Roma, foi homenageado com um triunfo e construiu o Pórtico dos Metelos (Porticus Metelli). Como cônsul na Espanha, reprimiu quase todas as revoltas dos celtiberos. Adquiriu grande reputação como reacionário, em política e em moral; foi um dos principais oponentes dos *Gracos.

MTELO NUMÍDICO (*Metellus Numidicus*), cônsul, 109 a.C.

Membro importante da poderosa família dos Metelos, Quinto Cecílio Metelo Numídico assumiu o comando da guerra contra *Jugurta, como cônsul, no exato momento em que se criticava o modo de conduzir essa guerra. Conseguiu vitórias militares decisivas e, assim, mereceu o sobrenome "Numídico". Entretanto,

não conseguiu vencer a guerra e, em 107 a.C., foi suplantado por seu antigo oficial subalterno, *Mário, a quem, daí em diante, dedicou intenso ódio. Depois de uma oposição inicial em Roma, Metelo foi homenageado com um triunfo em 106. Oponente vigoroso dos demagogos populares, quando censor (102 a.C.) tentou expulsar *Saturnino e *Glúcia do Senado, mas foi obrigado a voltar atrás por meio de violenta intimidação. No ano 100, Metelo foi o único senador a rejeitar a lei agrária de Saturnino e, por isso, foi exilado. Chamado de volta, provavelmente em 98, seu retorno representou um grande triunfo para o Senado.

MTELO PIO (*Metellus Pius*), cônsul, 80 a.C.

Quinto Cecílio Metelo Pio mereceu seu sobrenome por sua lealdade filial, em 99 a.C., quando advogou a volta do exílio de seu pai, *Metelo Numídico. Depois de ocupar uma pretoria em 89, combateu com sucesso no sul da Itália, nos últimos momentos da Guerra Social; em 87, ainda comandava um exército.



Moeda de prata (denário) de Metelo Pio (81 a.C.), com a figura de um elefante, emblema da família.

Incapaz de enfrentar o avanço de *Cina sobre Roma, estabeleceu-se como uma força independente na África até 84 a.C. Foi expulso pelo pretor C. Fábio Adriano, e mais tarde juntou suas forças com as de *Sila na Itália (83 a.C.). Ocupou o consulado de 80 juntamente com Sila, e recebeu um comando proconsular na Hispânia Ulterior contra *Sertório. Não obteve sucesso imediatamente, mas, a partir do ano 76, graças à cooperação de *Pompeu, virou a maré contra Sertório. Voltou a Roma para um triunfo em 71, mas submergiu em completa obscuridade política.

MILÃO (*Milo*), pretor, 55 a.C.

Como tribuno, em 57 a.C., Tito Ânio Milão foi patrocinado por *Pompeu para neutralizar a influência do independente *Clódio e para ajudar a chamar *Cícero de volta do exílio. Durante os cinco anos seguintes, Milão se opôs, com seu grupo, aos conflitos de rua incitados por Clódio. Seus serviços granjearam-lhe a estima da facção conservadora do Senado, mas contribuíram para o colapso da lei e da ordem. Milão aspirava ao consulado do ano 52, e apelou para Pompeu, mas este negou-lhe apoio. Ao matar Clódio, no começo do ano 52, Milão provocou uma crise que teve como consequência a eleição de Pompeu como cônsul único. Foi levado a julgamento por Pompeu e condenado; Cícero, intimidado por Pompeu, foi impedido de fazer sua defesa. No ano 48 a.C., Milão abandonou seu confortável exílio para morrer na abortada rebelião do sul da Itália contra *César.

MINÚCIO ESQUILINO AUGURINO, LÚCIO (*Minucius Esquilinus Augurinus, Lucius*), cônsul (substituto?), 458 a.C.

Segundo se afirma, Minúcio foi auxiliado por *Cincinato em 458 a.C., e integrou o fictício Segundo Decenvirato. Em 440-439, como comissário do trigo, denunciou Sp. *Mélio.



Moeda de prata (denário) de 135 a.C., em que se vê a coluna com estátua erigida em honra de Minúcio Augurino.

Provavelmente, sua lenda familiar afirmava que ele acabara com um período de fome (em moedas, cunhadas no século II a.C. por dois Minúcios, vê-se uma coluna — considerada como sua — com espigas de trigo na base), e que fora eleito como décimo primeiro tribuno (o que explicaria a transição da família

para a condição plebéia). O envolvimento de Minúcio com Sp. Mélio, embora antigo, pode ser contestado pela explicação etimológica de seu nome (o grego *menutes* significa “informante”).

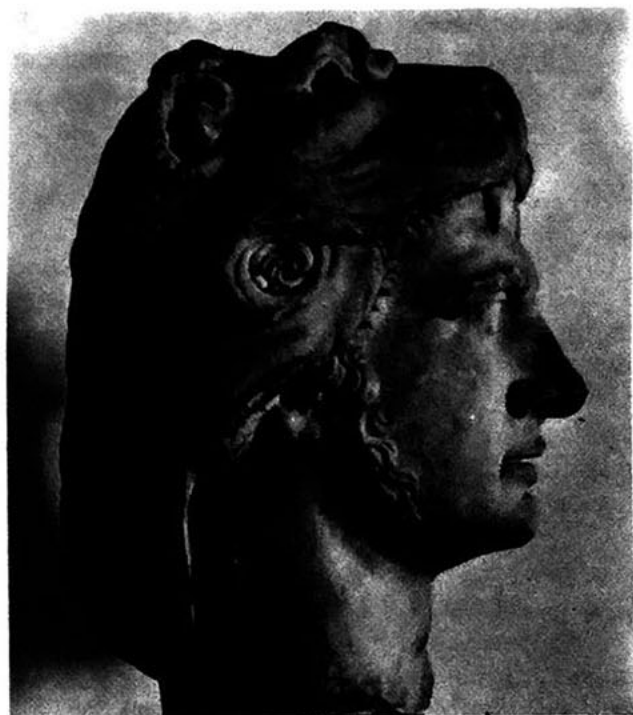
MINÚCIO FÉLIX (*Minucius Felix*), apolo-gista cristão, século III d.C.

Marco Minúcio Félix, provável advogado no norte da África, escreveu *Octavius*, o primeiro diálogo apologético cristão, entre os anos 200 e 245. A obra, apresentada em um único manuscrito como o oitavo livro de *Arnóbio, *Contra os pagãos*, é em sua maior parte uma compilação de *Sêneca e da *Apologia* de *Tertuliano; mesmo assim, contém graça espantosa, estilo e paixão.

MITRIDATES (*Mithridates*), rei do Ponto, 120-63 a.C.

Mitridates expandiu o poderio de seu reino no mar Negro até desafiar de fato o domínio romano no leste. Em 88 a.C., aproveitou-se das lutas na Itália para invadir a província romana da Ásia. Durante algum tempo, representou sentimentos anti-romanos: sua propaganda criticava a cobiça romana e seu mau governo. Em obediência a suas or-

Cabeça de Mitridates usando máscara de leão. Paris, Louvre.



dens, oitenta mil residentes italianos na Ásia foram massacrados, e ele executou publicamente o embaixador M. *Aquílio. Seu exército foi bem recebido na Grécia, em 87 a.C., mas ele foi derrotado por *Sila, que forçou Mitridates a voltar para seu reino e renunciar às suas recentes conquistas, em um tratado assinado em 85 a.C.

Quando, em 74, Nicomedes IV da Bitínia legou seu reino a Roma, Mitridates provocou uma nova crise ao invadir a Bitínia. Foi expulso pelo cônsul L. *Luculo, que também invadiu o Ponto. Mas Mitridates recebeu auxílio de seu genro, *Tigranes I, da Armênia, e continuou a resistir até que Luculo foi substituído por *Pompeu, em 66 a.C. Novas derrotas provocaram uma revolta interna em seu reino, e Mitridates suicidou-se com uma espada, uma vez que era imune a venenos.

MODESTO (*Modestus*), prefeito pretoriano, 369-377 d.C.

Principal ministro de *Valente durante seu reinado, único civil a tornar-se cônsul (372), Domício Modesto era árabe e ocupou cargos importantes nos governos de *Constâncio II e *Juliano, período em que — apesar de ser descrito por *Amiano como inculto — recebeu muitas cartas de *Libânio. No cargo de prefeito (369-377), parece ter afastado Valente, injustamente, da administração da justiça. Fontes cristãs apresentam-no como um agente da perseguição aos católicos. Serviu a Constâncio e a Valente como inquiridor nos julgamentos por traição, mas também merece crédito pela redução dos impostos no tempo de Valente.

MONTANO (*Montanus*), profeta cristão, século II d.C.

Profeta originário da Frígia, Montano (em 156-157 ou 172 d.C.) pregava o advento de uma Jerusalém sagrada na Frígia, provocando com isso a oposição dos bispos asiáticos. As práticas ascéticas que ele defendia tornaram-se características importante do montanismo africano, cujo mais importante seguidor foi *Tertuliano.

MUCIANO (*Mucianus*), cônsul, 64/67, 70 e 72 d.C.

O cuidadoso cultivo de amizades prejudiciais forçou Caio Licínio Muciano a viver na Ásia Menor durante o reinado de *Cláu-

dio, mas *Nero incentivou sua carreira e enviou-o à Síria; ali, Muciano transformou-se no principal auxiliar e no mais fiel partidário de *Vespasiano, quando do envolvimento dos Flávios na guerra civil de 69 d.C. Viajou para Roma com *Domiciano a fim de preparar a chegada de Vespasiano, mas, nos anos seguintes, limitou-se a colher os louros de sua lealdade sem demonstrá-la de novo. Seus interesses eram literários, mas também licenciosos.

MÚMIO (*Mummius*), cônsul, 146 a.C.

General de sucesso, Lúcio Múmio mereceu dois triunfos por suas vitórias na Espanha (153 a.C.) e na Grécia (146). Durante seu consulado, esmagou a revolta da Liga Acaia, que deixou de existir. Sua vitória foi seguida pelo saque sistemático de Corinto (antes de sua destruição total por decreto do Senado), e uma grande quantidade de espólios foi embarcada para a Itália. O tratamento indiscriminado que deu a valiosas obras de arte valeu-lhe a reputação de bárbaro.

MUSONIANO, ESTRATÉGIO (*Musonianus, Strategius*), prefeito pretoriano, 354-358 d.C.

Cristão, fluente em grego e em latim, Estratégio tornou-se útil para *Constantino nos assuntos eclesiásticos, conquistou sua estima e recebeu o nome Musoniano, em honra à sua devoção às Musas e à sua erudição. No reinado de *Constâncio II, Estratégio foi provavelmente procônsul em Constantinopla, depois na Acaia e, então, prefeito pretoriano do Oriente (354-358). Foi afastado do cargo depois de manter negociações imprudentes com o general persa que fazia o jogo de *Sapor II. Era um bom administrador, mas corrupto.

MUSÔNIO RUFO (*Musonius Rufus*) (aprox. 30-101 d.C.), filósofo.

Eqüestre nascido em Volsínios (Bolsena) e seguidor do estoicismo, Caio Musônio Rufo escreveu em grego e foi professor de *Epiteto e de *Dião Crisóstomo. Seguiu seu aluno *Rubélio Plauto ao exílio, envolveu-se com a conspiração de *Pisão (65 d.C.) e foi banido. Foi exilado novamente no período de *Vespasiano.

NÁBIS (*Nabis*), rei de Esparta, 207-192 a.C.
A política revolucionária de Nábis em

seu próprio reino e sua vigorosa política exterior no Peloponeso provocaram a intensa hostilidade do conservador *Políbio, e tiveram como consequência o ataque contra ele por *Flaminino e outros aliados gregos (195 a.C.), embora Nábis fosse um aliado de Roma antes da Batalha das Cinocéfalas. Em 193 a.C., Nábis uniu-se aos etólios contra Roma, mas foi derrotado por *Filopêmene e assassinado no ano seguinte.

NAMACIANO, RUTÍLIO (*Namatianus, Rutilius*), poeta, fim do século IV e começo do século V d.C.

Tudo o que se sabe sobre Rutílio Cláudio Namaciano baseia-se no texto de seu longo poema elegíaco *Sobre seu retorno*, descoberto em Bobbio, no ano 1493. Era gaulês, provavelmente nascido em Toulouse, filho de Lacânio, governador da Toscana e da Úmbria, e ocupou pelo menos dois cargos importantes em Roma, no governo de *Honório: superintendente dos funcionários públicos (412-413) e prefeito urbano, por pouco tempo, entre 13 de janeiro e 16 de setembro de 414. *Sobre seu retorno*, uma descrição da viagem do autor de Roma à Gália, por volta de 13 de outubro de 417, é um texto importante por suas revelações históricas e pela interessante polêmica sobre os monges, os judeus e contra *Estilício, "traidor dos segredos do Império" e incendiário dos Livros Sibílicos. A prece de Rutílio à deusa Roma, e seu interesse pelo festival de Osíris, parecem indicar que ele era pagão. A qualidade literária do poema é considerável, e seus dísticos elegíacos bem-torneados e graciosos revelam a personalidade cativante do autor.

NARCISO (*Narcissus*) (falecido em 54 d.C.), liberto de Cláudio.

Muito influente entre os homens libertos da corte imperial, Narciso ocupou o cargo de secretário da correspondência. Foi encarregado de várias missões importantes, entre elas a repressão de um motim antes da expedição à Bretanha no ano 43 d.C., e seu poder e riqueza eram enormes, embora nem sempre bem empregados. Opunha-se a *Agripina e era partidário de *Britânico; assim, foi forçado a cometer suicídio poucas horas depois da morte de *Cláudio.

NARSES ou NARSEU (*Narses ou Narseus*), rei da Pérsia, 293-302 d.C.

Narses sucedeu a seu sobrinho-neto Bahram III, que reinou por quatro meses. Realizou duas expedições contra Roma. Em 296, na Síria, ele venceu; em 298, foi emboscado na Armênia por *Galério. O exército romano marchou sobre Ctesifonte, e o desconsolado Narses teve que implorar a paz e a libertação de sua família. As consequências diplomáticas dessa derrota determinaram as relações entre as duas potências por várias gerações.

NEMESIANO (*Nemesianus*), poeta, ativo em aprox. 284 d.C.

Marco Aurélio Nemesiano Olímpio, poeta nascido na África do Norte, cujo trabalho é testemunhado pela **História augusta*, escreveu *Bucólicas*, poema claramente extraído de outras fontes, e um interessante manual em versos sobre a arte da caça, a *Cinegética*. Duas outras obras citadas, *Sobre a pesca* e *Náutica*, perderam-se.

NEPOCIANO (*Nepotianus*), usurpador, 350 d.C.

Filho de Eutrófia, meia irmã de *Constantino, Júlio Nepociano foi um usurpador efêmero, proclamado imperador, em Roma, pelos oponentes do usurpador *Magnêncio; um mês após a proclamação, foi morto pelas tropas de seu adversário. Em uma de suas moedas, ele é retratado segurando uma esfera encimada pelo monograma "qui-rô", ao invés da tradicional figura da Vitória.

Moeda de bronze de Nepociano (em tamanho ampliado).



NEPOS ou NEPOTE, CORNÉLIO (*Nepos, Cornelius*) (nascido em aprox. 110 a.C.), biógrafo.

Nepos era nativo da Gália Cisalpina, como *Catulo, que dedicou a ele seu "pequeno livro", fazendo ironia às suas custas. *Cícero e *Ático tampouco tinham em alta conta esse compilador de exemplos morais (*Exempla*), de sincronismos cronológicos (*Anais*, onde se afirma, por exemplo, que o poeta grego Arquíloco e o rei *Tulo Hostílio eram contemporâneos) e de biografias. De sua obra *Sobre homens famosos*, que contava pelo menos dezesseis livros (primeira edição, 35/32, segunda com acréscimos, 29/27), sobreviveu um onde se trata de generais estrangeiros; os outros referiam-se a generais romanos, a historiadores romanos e gregos e, talvez, a poetas romanos. O livro remanescente, cuja autoria é contestada de tempos em tempos, caracteriza-se por um estilo deselegante, erros freqüentes e extrema ingenuidade; parece supor que os leitores têm paciência inesgotável e são completamente ignorantes em história estrangeira. (Entretanto, as biografias de seu amigo Ático, e de *Catão, o Velho, que também sobreviveram, revelam um talento mais refinado.) A obra, como um todo, deve ter servido à divulgação, com o objetivo principal de contrastar as vidas de homens famosos da Grécia e de Roma.

NEPOS ou NEPOTE, JÚLIO (*Nepos, Julius*), imperador do Oriente, 473-475 d.C.

Depois de suceder a seu tio *Marcelino como comandante dos soldados na Dalmácia, Júlio Nepos foi nomeado imperador do Ocidente pelo imperador *Leão, em 473. Embora tenha tentado reafirmar a autoridade de Roma sobre a Gália, contra *Eurico, foi deposto por sua vez, por seu patrício, o comandante-em-chefe *Orestes. Oficialmente, o Império do Oriente continuou a reconhecê-lo como imperador, mas não lhe concedeu qualquer apoio prático. Foi morto perto de Salonas, em 480.

NERÁCIO PRISCO (*Neratius Priscus*), jurista; cônsul em 97 d.C.

Existem muitas dúvidas acerca da família dos Nerácios, que, com certeza, ascendeu socialmente no tempo de *Domiciano. O membro mais famoso dessa família foi Lúcio Nerácio Prisco, jurista arguto e influente, último chefe da Escola Proculiana e, segundo

uma anedota, considerado possível sucessor de *Trajano.

NERO (*Nero*) (37-68 d.C.), imperador, 54-68 d.C.

Lúcio Domício Enobarbo, filho de *Agripina, a Jovem, e de Cn. *Domício Enobarbo, foi educado apenas por sua mãe a partir da idade de três anos, e teve uma infância típica de todas as crianças intimamente ligadas à família imperial. Quando sua mãe se tornou a última esposa de *Cláudio, ele assumiu o papel mais oneroso de filho do imperador, e foi escolhido como sucessor em lugar de seu irmão adotivo *Britânico, por causa da sua idade e da influência de sua mãe. Quando Agripina mandou envenenar o velho imperador, Nero — como passou a ser chamado depois de sua adoção — tornou-se imperador e livrou-se de Britânico e do principal aliado dele, o liberto *Narciso. Era ainda muito jovem e tinha necessidade de orientação, que lhe foi amplamente fornecida por sua mãe, por seu antigo

A Casa Dourada (Domus Aurea) de Nero, construída em 64-68 d.C.: parte do interior, com afrescos. Roma, próxima ao Coliseu.



tutor, *Sêneca, e pelo prefeito pretoriano *Burro. No entanto, Nero preferiu dedicar-se ao canto, à representação teatral, às corridas de carros e, embora participasse dos negócios do Estado, demonstrava completa falta de critério — consequência de não ter sido treinado para o cargo —, ao propor sugestões tolas, ainda que generosas, tais como a abolição de todos os impostos menores. No começo de seu reinado, foi aconselhado a evitar os abusos de Cláudio contra a autonomia do Senado, em especial os julgamentos *in camera*. No início, esses princípios foram respeitados; na verdade, mesmo depois que Nero assassinou sua mãe e afirmou sua independência em relação aos conselheiros, o caráter que eles haviam imprimido ao governo permaneceu, o que tornou esse reinado bem diferente do anterior. No tempo de Nero, as funções do governante eram cumpridas facilmente, e os sucessos de *Corbulão, mais a admiração do imperador pelo mundo helênico (demonstrada por sua viagem espetacular e cheia de emoção à Grécia, em 67), garantiram sua popularidade, pelo menos no Oriente.

O governo das províncias nem sempre teve sucesso, e a revolta de *Boudica na Bretanha, em 61 d.C., foi em parte provocada pelos abusos da administração provincial. Também nos exércitos do Império, cresceram o desemprego (pelo menos no Ocidente) e a

crescente aversão pelo ridículo de um imperador devasso e tão pouco romano. Pois Nero entregava-se completamente a seus prazeres estranhos, e nem mesmo a grande conspiração dos senadores e oficiais da guarda, em 65, em que *Pisão atuou como líder, conspiração reprimida com grande derramamento de sangue pelo prefeito pretoriano *Tigelino, títere e companheiro de excessos de Nero, foi suficiente para fazê-lo compreender como era perigoso seu comportamento. Afinal, a revolta de *Víndice na Gália e de *Galba na Espanha, apoiado pelos pretorianos comandados por *Ninfídio Sabino, levaram-no ao desespero e ao suicídio, um pouco antes da chegada da notícia da vitória, em Besançon, de *Virgínio Rufo, que lutava a seu favor. Por essa época, ele havia acrescentado à lista de suas vítimas: duas esposas (*Otávia(2), assassinada na ilha onde cumpria seu exílio, e *Popéia, morta a pontapés quando estava grávida), seu antigo tutor Sêneca (forçado a cometer suicídio), e figuras importantes do Senado, como *Trásea Peto, que tiveram a coragem de demonstrar sua desaprovação pelos atos do imperador.

O reinado de Nero foi marcado também pelo desastroso incêndio de Roma, em 64 d.C., que foi explorado por ele para a construção de seu imenso e extravagante palácio, o Domus Aurea (embora, provavelmente, o incêndio não tenha começado por ordem dele); o fato de que os cristãos foram transformados em bodes expiatórios desse desastre é um dos muitos episódios notórios e desagradáveis de seu reinado.

NERO, CAIO CLÁUDIO (*Nero, Gaius Claudius*), cônsul, 207 a.C.

Nero ocupou, por breve período, o comando da campanha contra *Asdrúbal, na Espanha, até a chegada de *Cipião Africano, em 210 a.C. Em 207, no cargo de cônsul, comandou o exército contra *Aníbal, no sul da Itália, enquanto seu colega *Salinátor enfrentou a ameaça de invasão de Asdrúbal no norte. Durante essa crise, a maior enfrentada por Roma durante a Segunda Guerra Púnica, era essencial impedir que os dois exércitos cartagineses se encontrassem. Num gesto de grande ousadia, Nero dividiu seu exército, afastou-se de Aníbal sem ser percebido e marchou rapidamente para o norte, para unir-se a Salinátor com mais sete mil homens;

Cabeça do jovem Nero, aprox. 54 d.C. Roma, Museo delle Terme.



Asdrúbal, compreendendo que estava em inferioridade numérica, tentou escapar, mas foi completamente derrotado e morto nas margens do rio Metauro. Nero, então, em marcha forçada, voltou ao sul para reunir-se a seu exército, antes que Aníbal descobrisse que ele estava em situação vulnerável. Nero deu a Aníbal a notícia da derrota de Asdrúbal, atirando sua cabeça decepada no campo inimigo. No triunfo celebrado em conjunto (o primeiro da guerra), Nero deu precedência a seu companheiro Salinátor. Na missão de 200 a.C., que entregou a *Filipe V o ultimato de Roma, Nero era o membro de mais alta posição hierárquica.

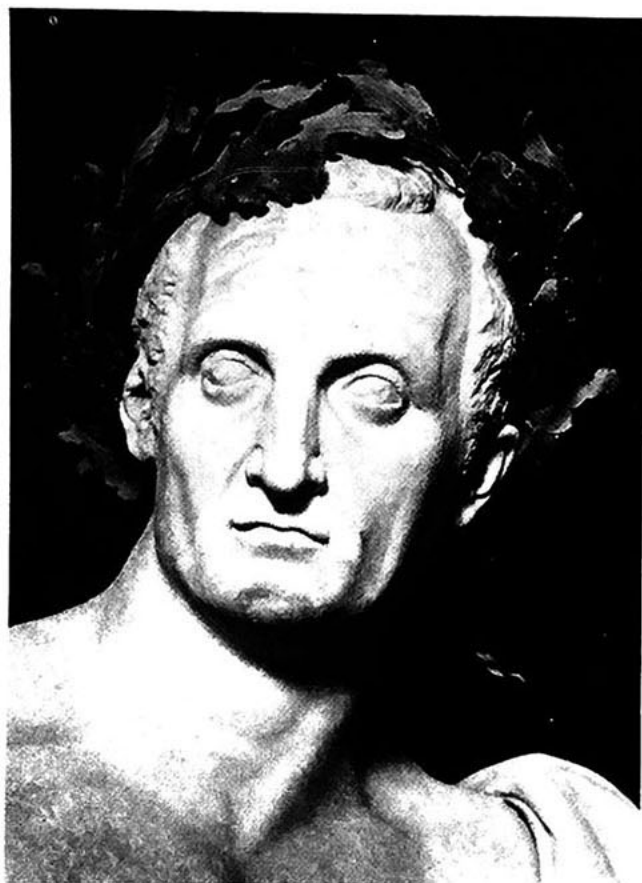
NERO JÚLIO CÉSAR; DRUSO JÚLIO CÉSAR (*Nero Julius Caesar; Drusus Julius Caesar*) (falecidos em 31 e 33 d.C.).

Nero e Druso eram filhos de *Germânico e de *Agripina, a Velha. No início, Nero recebeu altas honrarias, mas *Sejano pôs *Tibério contra ele e, quando *Lívia morreu, abrindo caminho para tais atos, Nero foi acusado e exilado, morrendo no ano 31. Com ciúmes de Nero, Druso, que também fora distinguido com altas honrarias e fizera um excelente casamento, ficou ao lado de Sejano, mas acabou sofrendo o mesmo destino do irmão e morreu prisioneiro, em Roma, em 33 d.C.

NERVA (*Nerva*), imperador, 96-98 d.C.

Tanto o avô quanto o pai de Nerva, também chamados Marco Cocceio *Nerva, eram famosos por seus talentos jurídicos. Nerva, entretanto, parece não ter herdado essa habilidade e, de fato, sua única atividade intelectual foi a composição de versos. Portanto, permanece um mistério o que ele fez para merecer honras iguais às de *Tigelino, após a repressão da revolta de *Pisão em 65; ou o porquê de *Vespasiano tê-lo escolhido — honra excepcional — como colega durante o consulado do ano 71. *Domiciano, também, escolheu-o como colega em 90 d.C.; talvez sua confiabilidade tenha sido demonstrada durante a crise da rebelião de *Satur-nino. Não se conhecem experiências militares ou nomeações para governos provinciais em sua carreira, mas ele era decididamente leal ao Senado. A versão de que ele teria sido exilado durante o reinado de Domiciano parece ser uma ficção conveniente: Nerva não era assim tão respeitável.

Em 96, a idade de Nerva, sua dignidade e o fato de não ter filhos recomendavam-no como candidato provisório ao cargo de imperador; além disso, não havia perigo de que ele fundasse uma dinastia, ou adotasse os métodos autocráticos que muitos senadores desaprovavam. Os exilados voltaram, e foi proclamada a liberdade (*libertas*). Nerva nomeou conselheiros ilustres e veneráveis, como *Frontino e *Virgínio Rumo — mas outras figuras controvertidas, como Fabrício *Veientão, conservaram sua influência anterior. Os projetos de construção de Domiciano foram concluídos, e promoveram-se mudanças administrativas e reformas financeiras.



Estátua de Nerva: detalhe da cabeça com coroa de carvalho. Roma, Museu do Vaticano.

Em 97, ocorreram duas revoltas: uma, menor, chefiada pelo ambicioso Calpúrnio Crasso, cujas origens o tentavam a dar um golpe, mas que nunca obtinha sucesso sequer para que fosse condenado à morte como punição; a outra, um distúrbio sério na guarda pretoriana, comandada por Caspério Eliano,

depois do qual Nerva foi levado a adotar *Trajano. Nerva morreu pouco depois. Não pode ser descrito como um imperador eficiente ou admirável, e seu reinado, que contribuiu para a melhoria das relações entre o imperador e o Senado, continuadas no tempo de Trajano, não se deveu à sua iniciativa.

NERVA, MARCO COCCEIO (*Nerva, Marcus Cocceius*).

Houve três homens importantes com esse nome: um partidário de *Marco Antônio que mudou sua postura política com sucesso; seu neto, superintendente das águas e amigo pessoal de *Tibério, que acompanhou o imperador a Capri e, no ano 33 d.C., jejuou até morrer (era um jurista notável, que defendia opiniões similares às de *Labeão); e o neto dele, que se tornou imperador.

NESTÓRIO (*Nestorius*), bispo de Constantinopla, 428-431 d.C.

Nestório foi um célebre pregador de Antioquia, nomeado por *Teodósio II para a sé de Constantinopla. Causou controvérsias sobre a pessoa de Cristo por sua rejeição do termo "mãe de Deus"; *Cirilo de Alexandria chefio uma campanha contra ele, motivado pela rivalidade política entre as duas sés e por diferenças teológicas. Condenado pelo Sínodo de Éfeso, em 431, Nestório afastou-se para Antioquia, exilando-se depois no deserto egípcio.

NÉVIO (*Naevius*), poeta dramático e épico, final do século III a.C.

Nascido na Campânia, Cneu Névio escreveu várias comédias, tragédias que seguiam os modelos gregos, e *praetextae* importantes. Sua primeira produção dramática data de 235 a.C., mas seu épico escrito em versos satúrnios, *Guerra Púnica* (*Bellum Punicum*, sobre a Primeira Guerra Púnica, da qual participou, e com digressões sobre as origens lendárias de Roma), exerceu uma influência mais ampla e duradoura, inclusive na *Eneida* de *Virgílio, com sua mescla de história e mito.

NEVITA (*Nevitta*), comandante de cavalaria, 361-363/364 d.C.

Flávio Nevita foi o primeiro germânico conhecido a assumir um consulado. Líder da cavalaria no tempo de *Constâncio II, foi nomeado comandante da cavalaria por *Ju-

liano para a campanha contra Constâncio e, embora grosseiro e cruel, foi recompensado com o consulado de 362, com Cl. *Mamertino. Participou da Comissão da Calcedônia (ver *Arbício) e comandou a ala direita da expedição de Juliano contra a Pérsia (363). Foi porta-voz do exército gaulês no debate para a escolha de um sucessor para Juliano (ver *Joviano), e depois deve ter se retirado, ou foi afastado de seu posto.

NICOLAU DE DAMASCO ou DAMASCENO (*Nicolaus*) (nascido em aprox. 64 a.C.), homem de letras.

Homem de antecedentes notáveis e educação profunda, Nicolau seguiu importante carreira como diplomata (inclusive em três visitas à Itália como embaixador de *Herodes, o Grande, perante *Augusto), paralelamente à atividade literária, que foi muito prolífica. Suas obras incluem: 1) uma biografia da juventude de Augusto, da qual são conhecidos vários trechos de excepcional interesse; 2) uma coleção de dados etnográficos; 3) uma história universal, composta por cento e quarenta e quatro livros, que chega até o século IV a.C., muito importante para o conhecimento da história do Oriente Próximo; 4) uma autobiografia em que descreve sua carreira notável aos leitores gregos.

NIGÍDIO FÍGULO (*Nigidius Figulus*) (aprox. 100-45 a.C.), polímata.

Possível descendente de uma família de origem etrusca, Nigídio foi pretor em 58 a.C., partidário ativo de *Pompeu, exilado no tempo de *César e provável seguidor de Pitágoras. Escreveu copiosamente sobre gramática, astronomia, astrologia, ciências ocultas, zoologia e, em especial, sobre religião; sobreviveu uma boa parte de seus trabalhos sobre augúrios e portentos, carregados de influência etrusca.

NINFÍDIO SABINO (*Nymphidius Sabinus*), prefeito pretoriano, 65-68 d.C.

A mãe de Caio Ninfídio Sabino era filha do liberto Calisto, e Ninfídio alegava que seu pai era *Calígula. Do início de sua carreira, só se conhecem os serviços prestados no exército da Panônia. Como prefeito pretoriano de *Nero, a partir do ano 65, granjeou menos notoriedade do que seu colega *Tigelino, mas foi igualmente poderoso. Em 68, ele e a guar-

da pretoriana passaram para o lado de *Galba, mas Ninfídio foi morto mais tarde, quando tentava ascender ao poder imperial.

NOBÍLIOR, MARCO FÚLVIO (*Nobilior, Marcus Fulvius*), cônsul, 189 a.C.

Enquanto ocupava o cargo de cônsul, na Grécia, Nobílior conseguiu encerrar rapidamente a guerra contra os etólios, forçando a rendição da cidade de Ambrácia; entretanto, ofendeu as regras romanas de guerra ao pilhar os tesouros artísticos da cidade após a rendição. Em 187 a.C., isso resultou num escândalo em Roma, devido principalmente à hostilidade de Marco *Lépido(1), que conseguiu um decreto do Senado em favor de Ambrácia, mas não pôde impedir o triunfo de Nobílior ao voltar a Roma, nesse mesmo ano, com os espólios de guerra. Lépido e Nobílior reconciliaram-se quando foram eleitos juntos para o consulado de 179. Nobílior também ficou famoso como patrono do poeta *Ênio, e como grande entusiasta da cultura grega.

NONO (*Nonnus*), poeta, meados do século V d.C.

Além de seu lugar de nascimento, Panópolis, no Alto Egito, nada mais se conhece da vida de Nono, autor de dois trabalhos que sobreviveram: o monumental épico pagão *Dionísia*, sobre os feitos de Dionísio, e uma paráfrase versificada do quarto Evangelho. O estilo e o vocabulário são notáveis, e exerceram grande e duradoura influência sobre o hexâmetro grego.

NORBANO, CAIO (*Norbanus, Gaius*), cônsul, 83 a.C.

Tribuno popular em 103 a.C., Norbano apoiou o programa contra o Senado de seu colega *Saturnino, processando com sucesso Q. *Cépio por peculato. Permaneceu ligado ao partido de *Mário e esteve em ascensão durante o regime de *Cina, atingindo o consulado em 83 a.C. Assim, comandou a resistência do governo à invasão de *Sila, mas, depois de uma série de derrotas, fugiu para Rodes e suicidou-se.

NOVACIANO (*Novatianus*), líder cismático, meados do século III d.C.

Possivelmente de origem frígia, Novaciano era filósofo antes de sua conversão ao cristianismo. Tornou-se presbítero importante da

igreja de Roma, e escreveu uma obra sobre a Trindade que exerceu muita influência. Embora seguisse a doutrina ortodoxa, tornou-se líder de um cisma, em consequência da perseguição no tempo de *Décio (249-250), ao opor-se à readmissão na Igreja dos cristãos que haviam renegado a fé. Embora os novacionistas tenham sido excomungados e Novaciano tenha sido martirizado no tempo de *Valeriano (257/258), a seita sobreviveu até o século V e, em algumas regiões, até mais tarde.

NUMA POMPÍLIO (*Numa Pompilius*), rei de Roma, aprox. 700 a.C. (?).

Originário de Curo, Numa foi o segundo rei de Roma (datas convencionais: 715-673 a.C.). O nome pode ser autêntico, mas a versão conhecida de sua personalidade é um estereótipo (religioso?). Com o estabelecimento do sacerdócio, de cultos e rituais, ele representou um exemplo para a observância escrupulosa (e simples) das obrigações religiosas públicas. Existem versões sobre sua vida com Pitágoras (fortemente contestadas em bases cronológicas), sobre sua ligação com a ninfa Egéria e vários outros mistérios. Em 181 a.C., alguns escritos de Numa foram supostamente "descobertos", mas rapidamente suprimidos.



Esquerda: moeda de bronze, Numa Pompílio e Anco Márcio (88 a.C.). Direita: denário, Numa Pompílio oferecendo sacrifício (97 a.C.).

NUMERIANO (*Numerianus*), imperador, 283-284 d.C.

Filho mais jovem de *Caro, Marco Aurélio Numério Numeriano foi proclamado César em 282 e tornou-se imperador em 283, juntamente com seu irmão *Carino, após a morte do pai. Foi assassinado em 284 por seu prefeito pretoriano, *Aper.

ODENATO (*Odaenath*), rei de Palmira, aprox. 260-266 d.C.

Setímio Odenato foi fundamental para impedir o avanço dos persas no Império Romano do Oriente, após a captura de *Valeriano por *Sapor I, em 260. Em poucos meses, infligiu humilhante derrota ao exército persa em retirada, eliminou o usurpador *Quieto e foi recompensado com os títulos *corrector totius orientis* e *dux Romanorum*. Continuou a atacar os persas até o tratado de paz de 264, tornando-se nominalmente um vassalo de Roma, embora fosse o verdadeiro governante da Síria-Palestina, da Mesopotâmia e da Ásia Menor. Intrigas familiares tiveram como consequência seu assassinato em 266 (ver também *Zenóbia).

ODOACRO (*Odoacer*), rei da Itália, 476-493 d.C.

Provável líder dos ciros, Odoacro tirou vantagem do descontentamento com o regime de *Orestes para depor sua principal personagem, *Rômulo Augústulo, e assegurar para si mesmo o poder sobre toda a Itália e parte da Récia e da Nórca; mais tarde, dominou também a Sicília e, depois da morte de *Nepos, a Dalmácia. Reconhecido como patrício pelo Império Romano do Oriente, Odoacro usava o título bárbaro de "rei" (*rex*), o que assinalava uma quebra com o passado, embora os oficiais romanos continuassem importantes em sua administração. Em 489, a Itália foi invadida pelos ostrogodos, chefiados por Teodorico. Apesar de três derrotas, Odoacro resistiu em Ravena por três anos, mas foi finalmente induzido por engano a se render, sendo morto em seguida.

OGÚLNIO GALO, QUINTO (*Ogulnius Galus, Quintus*), cônsul, 269 a.C.

Como tribuno da plebe (300 a.C.), Quinto e Cneu Ogúlnio Galo abriram o pontificado e o augurato (cargo de áugure) à plebe e, como edis curuis (296 a.C.), construíram um grupo de estátuas de *Rômulo e Remo sob o *ficus Ruminalis* (uma figueira, geralmente localizada na colina do Palatino, e sob a qual, segundo a lenda, os gêmeos foram amamentados pela loba). Quinto encabeçou a comissão que trouxe Asclépio de Epidauro (292), moveu uma campanha contra Brúcio (269) e celebrou o Festival Latino como ditador (257 a.C.).

OLÍBRIO (*Olybrius*), imperador do Ocidente, 472 d.C.

Membro dos Anícios e também da casa de *Teodósio, graças a seu casamento com Placídia, filha de *Valentiniano III, Olíbrio era também relacionado com a família de *Geiserico, devido ao casamento de Hunerico com a irmã de sua esposa. Em 464, ocupou o cargo de cônsul, e foi nomeado por Geiserico para ocupar o trono do Ocidente; em julho de 472, Olíbrio foi escolhido por *Ricimero para ser imperador, mas morreu de um edema em novembro do mesmo ano.

OLÍBRIO, QUINTO CLÓDIO HERMOGENIANO (*Olybrius, Quintus Clodius Hermogenianus*), prefeito pretoriano, 378-379 d.C.

Olíbrio era um Anício e, como seu genro Petrônio *Probo, representante típico da feliz combinação de cargos públicos e proveitos pessoais, comum na família. Depois de governar a Campânia e a África (361), tornou-se prefeito urbano (368-370) e delegou a *Maximino uma investigação criminal, que iria implicar seu próprio irmão Alípio. No ano crítico de 378, tornou-se prefeito pretoriano da Ilíria, posto deixado pouco antes por Probo; quando *Valente morreu (agosto de 378), Olíbrio foi transferido para a prefeitura oriental (cônsul em 379). Segundo *Amiano, Olíbrio era um sibarita. Uma carta de *Símaco (384) menciona sua tendência para apropriar-se fraudulentamente de terras alheias, usando agentes de nível senatorial para expulsar o verdadeiro dono da terra e para seqüestrar as testemunhas quando o caso chegava ao tribunal. Sua mãe, Faltônia Betícia Proba, compilou todo um poema, "Em louvor a Cristo", inteiramente composto de versos ou hemistíquios de *Virgílio.

OLIMPIODORO DE TEBAS (*Olympiodorus*), diplomata e historiador, início do século V d.C.

Originário do Egito, Olimpiodoro aparece servindo na corte de Constantinopla, em uma missão diplomática junto aos hunos, por volta de 412. Viajou muito e veio para o Ocidente, provavelmente devido à ascensão de *Valentiniano III, em 425. Nosso conhecimento sobre ele deriva exclusivamente dos fragmentos existentes de sua *História* — narrativa centrada nos acontecimentos ocidentais entre 407 e 425, utilizada por *Filostórgio,

*Sozomeno e mais tarde por *Zósimo (ver *Eunápio). Olimpiodoro era um historiador de sua época, extremamente hábil, com acesso a ótimas fontes de informação; escrevia com alto grau de exatidão, e possuía julgamento bastante independente.

OPIANO (*Oppianus*), poeta, séculos II-III d.C.

Existe muita confusão sobre a autoria de dois poemas gregos em hexâmetros, transmitidos sob o nome de Opiano. A *Haliêutica*, sobre a pesca, pode ser obra de um poeta da Cilícia, no final do século II. A *Cinegética*, sobre a caça, é dedicada a *Caracala (afirma-se que o autor recebeu do imperador uma moeda de ouro por cada verso), e pode ter sido obra de um imitador sírio.

OPÍMIO, LÚCIO (*Opimius, Lucius*), côsul, 121 a.C.

Opímio tornou-se objeto do ódio popular, quando ocupava o consulado, por reprimir impiedosamente Caio *Graco e seus partidários. Escapou à condenação pelo assassinato de cidadãos romanos, estabelecendo assim a validade do decreto de emergência do Senado (*senatus consultum ultimum*), sob cuja autoridade havia agido. Mas, em 109 a.C., foi o principal alvo do ataque do *popularis* *Mamílio contra a nobreza, sendo condenado por ter recebido suborno de *Jugurta, quando participava de uma embaixada por volta de 116.

OPTACIANO PORFÍRIO (*Optatianus Porphyrius*) (260/270-depois de 333 d.C.), poeta e senador.

Públio Optaciano Porfírio, governador na Grécia e, talvez, partidário de *Maxêncio, foi exilado por *Constantino, mas recebeu permissão para voltar depois de presentear versos ao imperador. Seus poemas misturavam elogios a Constantino e a seus patronos divinos, *Jesus e Apolo, com reminiscências das musas gregas. Os sutis acrósticos inseridos nos poemas revelam que os literatos romanos do último período buscavam níveis de significado ocultos sob a superfície do texto. No fim de sua vida, Optaciano foi prefeito urbano de Roma por duas vezes: no outono de 329 e na primavera de 333.

ORBÍLIO (*Orbilius*) (aprox. 114-14 a.C.), professor.

Depois de servir no exército, Lúcio Orbílio Pupilo ensinou primeiro em Benevento, e depois (a partir de 65 a.C.) em Roma. Homem abusivo e amargo, foi mestre de *Horácio e ficou famoso como "o chicoteador" (*plagوسus*).

ORESTES, O PATRÍCIO (*Orestes*), comandante dos soldados, 475-476 d.C.

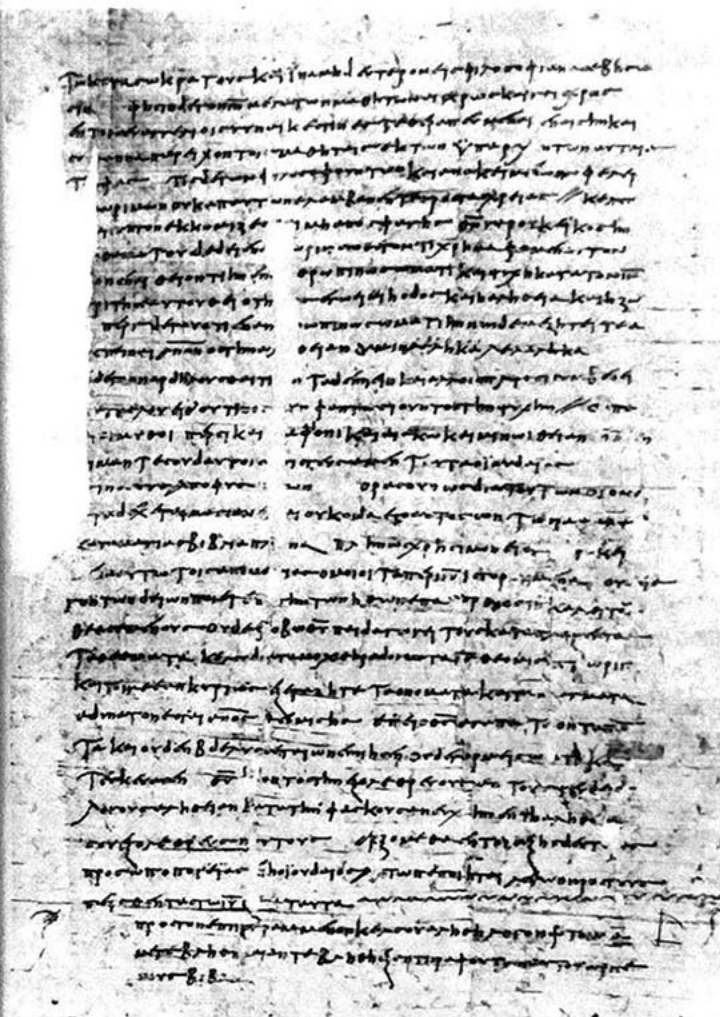
Originário da Panônia e antigo secretário de *Átila, Orestes tornou-se patrício (comandante-em-chefe) de Júlio *Nepos (475), mas rebelou-se contra ele e substituiu-o por seu próprio filho, *Rômulo Augústulo, para que servisse de títere. Quando não concordou com as exigências dos federados bárbaros, que queriam um terço das terras da Itália, Orestes foi atacado e morto por *Odoacro, em Placência.

ORIBÁSIO (*Oribasius*) (aprox. 320-aprox. 400 d.C.), médico.

Nascido em Pérgamo e discípulo de Zenão de Cipro (Chipre), Oribásio tornou-se famoso como médico e professor de medicina. Pagão, amigo íntimo e médico do futuro imperador *Juliano, acompanhou-o à Gália, em 355, e incentivou a aclamação do amigo como augusto, em Paris, no ano 360. Acompanhou Juliano até a Pérsia, em 363, e assistiu-o em seu leito de morte. Mais tarde, escreveu para seu amigo, o historiador *Eunápio, suas memórias sobre a campanha da Pérsia. Foi depois banido do Império, mas, chamado de volta, recuperou suas propriedades. Atendendo a um pedido de Juliano, reuniu uma valiosa coleção de extratos de autores médicos, gregos e romanos, parte da qual foi traduzida para o siríaco e o arábico.

ORÍGENES (*Origenes*) (aprox. 185-254 d.C.), teólogo cristão.

Orígenes nasceu no Egito, provavelmente em Alexandria, e foi educado como cristão. Seu pai foi morto durante a perseguição de 202. Quando *Clemente de Alexandria fugiu, Orígenes foi apontado como o principal da Escola de Catequese pelo bispo Demétrio. Sabe-se que visitou Roma e a Arábia. Em 215, quando a violência foi desencadeada em Alexandria pela visita do imperador *Caracala, Orígenes foi para a Palestina fazer pre-



Página de papiro da obra de Orígenes, *Contra Celso* (início do século VII). Museu do Cairo, Papiro (97 a.C.).

gações. Demétrio chamou-o de volta a Alexandria. Voltou à Palestina em 230, e aí foi ordenado; em consequência, perdeu sua cátedra em Alexandria e foi exilado. Refugiou-se em Cesaréia, estabelecendo ali uma nova escola. Foi torturado durante a perseguição do tempo de *Décio (250-251), e morreu poucos anos depois.

Orígenes era um asceta rigoroso, que chegou a se castrar para poder ensinar às mulheres sem levantar suspeitas. Tinha um conhecimento profundo da literatura e da filosofia gregas, e escreveu várias obras muito importantes sobre a exegese das Escrituras. Existe também um importante tratado sobre assuntos doutrinários, *Sobre os princípios* (*De principiis*), que sobreviveu em traduções latinas de *Rufino e *Jerônimo.

ORÓSIO (*Orosius*), historiador cristão, início do século V d.C.

Paulo Orósio, natural da Espanha, refugiou-se na África, com *Agostinho, quando os bárbaros invadiram sua terra natal (aprox. 410). Visitou a Terra Santa, em nome de Agostinho, para obter o apoio de *Jerônimo contra as idéias de *Pelágio. De volta à África e seguindo ordens de Agostinho, Orósio escreveu sua *História contra os pagãos* (417) para contestar as afirmações dos pagãos de que os desastres recentes seriam o resultado da vitória da Cristandade. Apenas nos últimos capítulos, que cobrem o próprio tempo de Orósio, a obra adquire valor histórico independente.

ÓSSIO DE CÓRDOBA (ver *Hósio).

OSTÓRIO ESCÁPULA (*Ostorius Scapula*), governador da Bretanha, 47-52 d.C.

Públio Ostório Escápula (cônsul antes de 47 d.C.), segundo governador da Bretanha (47-52), foi o provável construtor da Estrada do Canal. Recebeu insígnias triunfais por forçar a rendição de *Carataco, em 51 d.C., e morreu na província. Seu filho, Marco Ostório Escápula, condecorado por serviços prestados sob o comando do pai, foi morto por *Nero em 66 d.C. sob a acusação de ter escrito poemas acusatórios contra ele.

OTÁVIA(1) (*Octavia*) (falecida em 11 a.C.), irmã de Augusto.

Irmã mais velha de *Augusto, Otávia casou-se primeiro com Marco Cláudio Marcelo, com quem teve um filho, *Marcelo; em

Pórtico de Otávia (1), 27 a.C. Roma.



40 a.C., por razões políticas, casou-se com *Marco Antônio, que a rejeitou e divorciou-se dela. Mesmo assim, Otávia permaneceu leal a ele e, após sua morte, no ano 30, criou todos os seus filhos, inclusive os de *Cleópatra. É uma figura obscura, embora tenha desempenhado papel importante no embelezamento de Roma e na promoção da literatura. A morte de Marcelo, em 23 a.C., afetou-a profundamente e entristeceu seus últimos anos, até sua própria morte, em 11 a.C.

OTÁVIA(2) (*Octavia*), imperatriz, 54-62 d.C.

Filha de *Cláudio e *Messalina, Cláudia Otávia foi noiva de L. Júnio *Silano, mas casou-se com *Nero, a fim de confirmar sua adoção. O envolvimento de Nero com Acte e seu desejo de casar-se com *Popéia levaram Otávia ao divórcio (alegava-se que era estéril), ao exílio e à morte na ilha árida de Pandatéria, aos vinte anos de idade, embora contasse com a simpatia popular.

OTAVIANO (*Octavianus*) (ver *Augusto).

OTÁVIO, CNEU (*Octavius, Gnaeus*), cônsul, 165 a.C.

Em 169 a.C., Otávio participou, com Caio *Popílio Lenas, de uma missão conciliatória junto aos maiores aliados gregos de Roma na guerra contra *Perseu. A missão deveria tornar público um decreto recém-aprovado pelo Senado em resposta aos protestos dos aliados contra os comandantes romanos. Em 168, como pretor, Otávio comandou uma frota contra Perseu, a quem conseguiu capturar na Samotrácia. Seu conhecimento da língua grega qualificou-o para uma tradução do discurso apresentado por *Paulo(2) em Anfípolis, quando da criação da província da Macedônia (167). Promoveu um triunfo ao voltar a Roma e construiu o Porticus Octavius (Pórtico de Otávio), que desapareceu. Em 163 a.C., chefiou uma grande missão a várias nações do Oriente, com o propósito de tirar vantagens da fraqueza do reino de Selêucia depois da morte de *Antíoco IV, e de fazer respeitar as cláusulas de desarmamento do tratado de 188 a.C. A fúria provocada pela matança dos elefantes de guerra e pelo incêndio dos navios levou ao assassinato de Otávio em Laodicéia. O assassino foi mais tarde enviado a Roma por *Demétrio Sóter, mas o Senado recusou-se a recebê-lo.

Em Roma, Otávio foi honrado com uma estátua na tribuna pública (Rostra), mencionada por *Cícero (*Filípicas*, IX, 4 e segs.).

OTO (*Otho*) (32-69 d.C.), imperador, 69 d.C.

A família de Marco Sálvio Oto era ilustre, embora não fosse particularmente antiga ou nobre — seu pai merecera grandes elogios e fora promovido por *Cláudio por descobrir uma conspiração. Oto tornou-se amigo íntimo de *Nero, participando de sua vida desregrada; era marido de *Popéia antes de Nero casar-se com ela (Oto foi então enviado como governador para a Lusitânia). Tornou-se partidário de *Galba, mas organizou um complô que levou ao assassinato de Galba, quando este preferiu Pisão Liciniano para seu herdeiro. Uma vez imperador, Oto parecia determinado a superar Nero, mas o avanço do exército do Reno contra a Itália, sob o comando de *Vitêlio, deixou-lhe pouco tempo; marchou para o norte, foi derrotado em Bedriaco, na planície da Lombardia, e cometeu suicídio com uma coragem e uma dignidade espantosas numa pessoa tão desregrada.

Busto de Oto. Roma, Museu Capitolino.



OVIDIO (*Ovidius*) (43 a.C.-17(?) d.C.), poeta.

Natural de Sulmo (Sulmona, nos Apeninos) e pertencente a uma família de eqüestres, Públio Ovídio Nasão recebeu uma formação convencional em retórica, o que representou para ele uma vantagem a mais (*Sêneca, *Controv.*, II, 2, 8 e segs.); sua técnica perfeita e sofisticada reforçava sua fluência natural (*Tr.*, IV, 10, 25). Ovídio começou a escrever cedo e, depois de ocupar algumas magistraturas menores, abandonou seus projetos de fazer carreira pública e dedicou-se completamente à literatura. Deixou um excelente relato de suas amizades no grupo literário de Roma (*Tr.*, IV, 10, 40 e segs.), inclusive Cornélio *Galo e *Propércio. Entretanto, graças a um poema (*carmen*) e a um pequeno erro (*Tr.*, 2, 207), Ovídio foi exilado (8(?) d.C.) para Tomus, hoje Constanza, na Romênia, e não foi chamado de volta nem por *Augusto, nem por *Tibério. A natureza de seu deslize (*error*) continua obscura.

Ovídio produzia rapidamente, e sua obra, variada e abundante, foi toda escrita em versos elegíacos (com exceção do item 6 abaixo). 1) *Os amores* (em cinco livros, editados em série até aprox. 20 a.C., dos quais sobreviveram três, aprox. 1 a.C.): poemas de amor, vários dos quais celebram suas relações com uma desconhecida e talvez imaginária Corina; essencialmente serenos e alegres, esses poemas reduziram ao absurdo as convenções empregadas por Propércio ou *Tibulo. 2) *A arte de amar* (*Ars amatoria*, em três livros: I-II, aprox. 2 a.C., talvez uma segunda edição; III, aprox. 1 d.C.): os livros I e II contêm instruções de como encontrar, obter e conservar uma amante. Brilhante e atrevido em sua exploração das convenções didáticas, esses livros parodiam, por exemplo, *Lucrecio e *Virgílio (*Geórgicas*), e contrariam os ideais da elegia séria em nome do materialismo romano. 3) *Cartas das heroínas* (*Epistolæ heroidum*, aprox. 1 a.C.): quinze cartas de heroínas da mitologia, abandonadas, a seus antigos amantes; seguem-se três pares de autenticidade duvidosa — do amante para a heroína e a resposta desta: um exercício de retórica elegante, mas árida. 4) *Remédios para o amor* (*Remedia amoris*, aprox. 1 d.C.): uma continuação de (2), trata dos remédios do amor; mas, aqui, já não há o mesmo frescor e espiritualidade. 5) *Calendário* (*Fasti*, aprox. 4 d.C.): sobreviveram apenas seis meses desse

calendário. Trata-se de uma versificação extremamente engenhosa do calendário romano, enriquecida por explicações mitológicas dos rituais e dos festivais. 6) *Metamorfoses* (*Metamorphoses*): quinze livros de hexâmetros, completados por volta de 8 d.C. Um épico sobre o tema das transformações mitológicas, da Criação à deificação de César, elegantemente variado em estilo e tratamento narrativo: freqüentemente espirituoso e irreverente, mas de ampla abrangência na descrição dos extremos da emoção humana. 7) *Tristezas* (*Tristia*, cinco livros escritos entre 8 e 12 d.C.); 8) *Cartas do mar Negro* (*Epistolæ ex Ponto*, quatro livros, 13/14 d.C.): "Tristeza" II é um único e longo poema, um poderoso apelo retórico, em que se roga ao imperador por justiça. Os restantes, com algum tédio, pedem o apoio dos amigos e lamentam, detalhadamente, a selvageria da vida na Romênia.

Busto de Ovídio. Florença, Uffizi.



PACACIANO (*Pacatianus*), usurpador, aprox. 248-249 d.C.

General no tempo de *Filipe I, Tito Cláudio Marino Pacaciano foi proclamado imperador pelas tropas da Polônia e da Mé-sia, mas foi assassinado pelas mesmas tropas logo depois.

PACÔMIO (*Pachomius*) (aprox. 290 d.C.-346 d.C.), primeiro abade.

Filho de pagãos do Alto Egito, Pacômio foi recrutado pelo exército de *Maximino Daia e desligado em 313; foi então batizado, e tornou-se discípulo de um ermitão. Por volta do ano 320, fundou o primeiro monastério propriamente dito, em Tabenisi, perto do Nilo, atendendo assim ao grande número dos que procuravam tornar-se ascetas — principalmente camponeses descontentes com sua situação material, que buscavam uma vida de disciplina espiritual — e tentavam imitar Santo *Antônio e outros ermitãos. Quando morreu, Pacômio dirigia nove monastérios para homens e dois para mulheres. Do Egito, o monasticismo espalhou-se pela Ásia Menor (ver *Eustácio e São *Basílio), pela Palestina (ver *Jerônimo), pela Síria (ver *Teodoreto), e, mais tarde, pelo Ocidente (ver *Agostinho, João *Cassiano). As *Regras de Pacômio* (preservadas em latim) tiveram grande influência.

PACÚVIO, MARCO (*Pacuvius, Marcus*) (aprox. 130 a.C.), escritor de tragédias.

Natural de Brindisi e sobrinho de *Ênio, Pacúvio aparentemente escreveu pouco, e apenas treze títulos são conhecidos. Arquitetava tramas estranhas e usava de efeitos estilísticos barrocos; seus numerosos fragmentos revelam pedantismo, criatividade e vigor retórico.

PALADAS (*Palladas*), escritor de epigramas, século IV d.C.

Pagão, gramático oficial em Alexandria, Páladas tinha setenta e dois anos quando teve que se afastar do ensino (391 d.C.), em seguida à tentativa de *Teófilo de acabar com o paganismo. Escreveu inúmeros epigramas excelentes, que traem um temperamento amargo e pessimista.

PALÁDIO (*Palladius*), bispo de Helenópolis, a partir de 400 d.C.

Nascido por volta de 364 na Galácia, Paládio tornou-se monge na Palestina e no Egito (aprox. 385-400). Fugiu do Egito (com outros monges expulsos por *Teófilo de Alexandria, em 400) para Constantinopla, onde foi bem recebido por *João Crisóstomo. Tornou-se partidário leal de Crisóstomo, viajou para a Itália no interesse dele (405) e de sua causa e, por isso, foi exilado no Alto Nilo (406-412). No exílio, compôs uma defesa de seu campeão, o *Diálogo sobre a vida de João Crisóstomo*. Sua outra obra, *Histórias lausianas*, é uma coletânea de vidas e anedotas de monges orientais, inspiradas principalmente em sua própria experiência; o título refere-se ao camareiro imperial Lauso, a quem a obra foi dedicada (aprox. 420).

PALÁDIO, RUTÍLIO TAURO EMILIANO (*Palladius, Rutilius Taurus Aemilianus*), escritor especializado em economia agrária, final do século IV e início do século V d.C.

Não se conhece quase nada sobre Paládio, provavelmente um proprietário de terras gaulês de estirpe nobre que escreveu um *Opus agriculturæ*, com uma seção com remédios para a criação de gado, em sua maior parte inspirada em *Columela. Pode ter sido amigo e parente de Rutílio *Namaciano.

PALANTE (*Pallas*) (falecido em 62 d.C.), liberto imperial.

Liberto de *Antônia, Marco Antônio Palante ocupou a Secretaria das Finanças e foi um dos membros mais influentes da casa imperial de *Cláudio, principalmente depois de recomendar *Agripina como sucessora de *Messalina. Seu poder e as honras obtidas conservaram-se durante o reinado de *Nero, mas posteriormente foi morto por causa de sua enorme fortuna (62 d.C.).

PALEMÃO, RÊMIO (*Palaemon, Remmius*), professor, século I d.C.

Quinto Rêmio Palemão era rico e muito bem-sucedido, embora *Tibério e *Cláudio desaprovassem sua moral, seu estilo de vida cheio de luxúria e sua arrogância. Foi professor de *Pérsio e possivelmente de *Quintiliano; compôs um importante texto sobre gramática latina (que se perdeu); é famoso por ter incluído poetas modernos (principalmente

*Virgílio) ao lado dos antigos em seus programas de estudo. Representou um raro exemplo de investidor agrícola dos tempos antigos: um parreiral que ele comprara perto de Roma foi vendido a *Sêneca, depois de dez anos empregados em melhorias, por quatro vezes o preço que pagara.

PALMA FRONTOIANO, CORNÉLIO (*Palma Frontonianus, Cornelius*), cônsul, 99 e 109 d.C.

A submissão e a organização da Arábia Pétreia, nos anos 104-106 d.C., foram as principais realizações de Aulo Cornélio Palma Frontoniano; por seu feito, recebeu insígnias triunfais. Sua popularidade junto a *Trajano garantiu-lhe grande poder, mas era inimigo de *Adriano — embora deva ter sido assassinado (em Tarracona, 118 d.C.) contra a vontade deste.

PANÉCIO (*Panaetius*) (aprox. 185-109 a.C.), filósofo estoico.

Panécio foi para Roma em 144 a.C. e associou-se a *Cipião Emiliano e seus amigos. Em 140/139, acompanhou Cipião em uma embaixada ao Mediterrâneo oriental; mas, apesar da amizade íntima e duradoura dos dois, não há provas de influência filosófica de Panécio na política de Cipião.

PANEGIRISTAS LATINOS

No fim do Império, os discursos públicos dedicados aos imperadores eram importantes para a divulgação da política e dos “sucessos” imperiais. Constituem hoje obras de leitura bastante indigesta, mas devem ter sido magníficas ao serem declamadas. Sobreviveu uma coleção de onze panegíricos dos anos 289-389, no estilo do panegírico do jovem *Plínio a *Trajano (que foi preservado na coleção), de oradores gauleses que incluem:

1 — Eumênio, professor de retórica. Abandonou o cargo de secretário particular do César *Constâncio I (293-297/298) para voltar à vida acadêmica como professor nas recém-restaurantes escolas de Autun, sua terra natal. Seu discurso, que foi preservado (*Pan. lat.*, IV), apresentado na primavera de 298, inaugurou as escolas.

2 — Mamertino. Sobrevivem dois discursos, ambos dirigidos ao imperador *Maximiano na corte gaulesa. O discurso apresentado no

dia do aniversário de Roma, em 289 (*Pan. lat.*, II), descreve as campanhas recentes; o discurso pronunciado em 291, no quinto aniversário da ascensão de Maximiano ao trono (*Pan. lat.*, V), resume o caráter de seu governo.

3 — Latino Pacato Drepânio, que pode ter sido o editor da coleção, saudou o imperador *Teodósio I por sua recente vitória sobre o usurpador *Máximo, em discurso pronunciado em 389, quando Pacato visitava Roma (*Plan. lat.*, XII). Ele foi imediatamente nomeado procônsul da África, promoção que reflete a importância dada à retórica no fim do Império Romano.

Ver também Cláudio *Mamertino.

PANTENO (*Pantaenus*) (falecido em aprox. 190 d.C.), teólogo cristão.

Nativo da Sicília e pagão convertido ao cristianismo, Panteno ensinou em Alexandria e foi o primeiro chefe da Escola de Catequese. Durante os últimos dez anos de sua vida, foi professor de *Clemente de Alexandria.

PAPINIANO (*Papinianus*) (aprox. 148/153-211 d.C.), jurista.

Nascido na Síria por volta de 148/153, e possível parente de *Júlia Domna, Emílio Papiniano foi conselheiro legal dos prefeitos pretorianos de *Marco Aurélio, mas alcançou notoriedade no tempo de *Severo, que o nomeou prefeito pretoriano em 205. Suas obras jurídicas incluem julgamentos que abrangem todos os tópicos da legislação pública e privada. Papiniano acompanhou Severo em sua campanha contra a Bretanha (208-211), e foi morto por ordem de *Caracala, em 211, na orgia de sangue que se seguiu ao assassinato de *Geta.

PAPÍRIO CÚRSOR, LÚCIO (*Papirius Cursor, Lucius*), cônsul em 326, 320, 319, 315 e 313 a.C.

Após as operações preliminares contra os samnitas (326 a.C.), Papírio tornou-se ditador (325/324) e, embora o famoso conflito com Q. *Fábio Máximo Ruliano seja de comprovação duvidosa, é provável que o tenha derrotado. Depois do acordo do desfiladeiro Caudinas, ele, provavelmente, conseguiu consolidar a posição de Roma (320-319), mas as capturas de Lucéria e Sático ocorreram mais tarde, por volta de 315. Foi provavelmente

ditador em 310/319, derrotando de novo os samnitas, dessa vez de modo definitivo. General notável, a versão de sua personalidade foi fortemente influenciada por comparações com Alexandre, o Grande.

PAPÍRIO DIONÍSIO, AURÉLIO (*Papirius Dionysius, Aurelius*), prefeito do suprimento de cereal, 189 d.C.

Eqüestre, advogado e conselheiro imperial, Marco Aurélio Papírio Dionísio foi secretário de petições e demandas legais no tempo de *Cômodo e, depois, prefeito do Egito. Foi afastado desse posto por *Cleandro e rebaixado a prefeito do suprimento de cereal (189 d.C.). Para vingar-se, provocou a falta de cereais, a fim de inflamar a multidão contra Cleandro. No mesmo ano, foi morto por ordem de Cômodo.

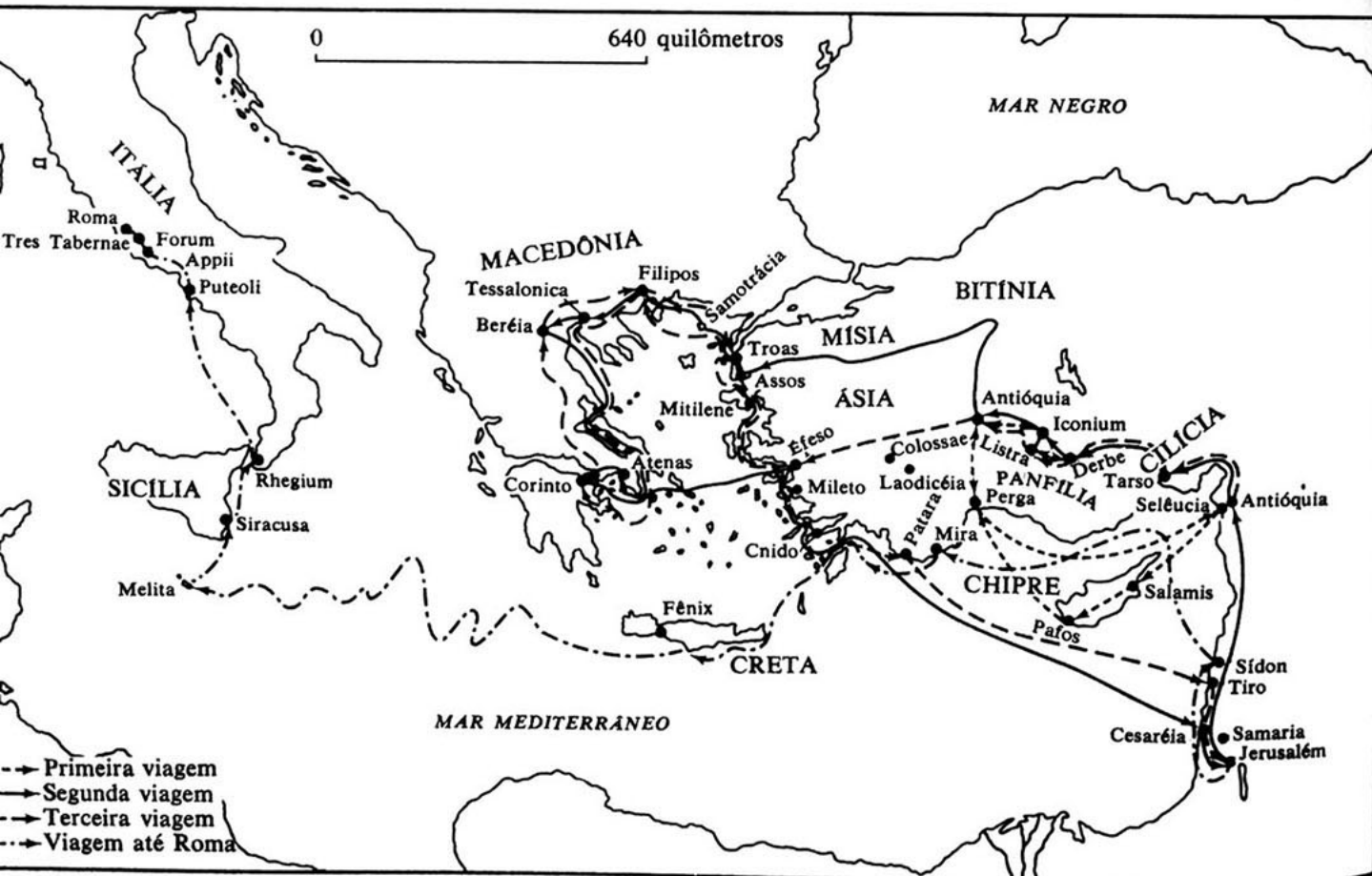
PARTÊNIO (*Parthenius*), homem de letras, século I a.C.

Grego natural da Nicéia, Partênio chegou a Roma em 73 a.C., enviou *Virgílio e dedicou a Cornélio *Galo os *Sofrimentos de amor*, coletânea de histórias com laivos de mitologia.

PATRÍCIO, SÃO (*Patricius*) (aprox. 390- aprox. 460 d.C.), "apóstolo" da Irlanda.

Patrício era descendente de bretões romanizados (mas que falavam a língua nativa); seu pai integrava o conselho da cidade, e era diácono cristão. Capturado por piratas aos dezesseis anos de idade, Patrício foi levado à Irlanda, e foi aí que se converteu a uma vida de piedade cristã. Ao escapar para a Bretanha, seis anos depois, foi ordenado e dedicou-se ao estudo da Bíblia latina; alguns anos mais tarde, foi reenviado à Irlanda como bispo. A grande tarefa de Patrício era converter a Irlanda ao cristianismo. Sua pregação era itinerante, mas provavelmente foi de Armagh que dirigiu sua missão. Tudo o que se conhece de sua vida deve-se a seus escritos: a *Carta*, dirigida ao chefe bretão Corotico (que atacara a Irlanda), e sua *Confissão*, apologia espiritual contra os ataques ao seu ministério; as biografias de Patrício, escritas posteriormente, estão eivadas por lendas.

As viagens de São Paulo.



PAULINO DE NOLA, SÃO (*Paulinus*) (353/354-431 d.C.), poeta e bispo.

Nascido entre 353 e 354, em Bordeaux, em uma família senatorial cristã, Pôncio Merório Anício Paulino foi aluno de *Ausônio, tornou-se cônsul substituto em Roma (378) e depois governador da Campânia (381). Foi convertido ao cristianismo por *Ambrósio, em 390, e chocou o Senado ao se ordenar padre em 394; vendeu suas propriedades e retirou-se para uma vida de pobreza como bispo de Nola, na Campânia (409), onde ficou até sua morte, no ano 431. Correspondeu-se com *Jerônimo, *Agostinho, *Sulpício Severo e Ausônio; deixou vários poemas, em sua maioria religiosos, em honra do mártir local Félix.

PAULO, SÃO (*Paulus*) (falecido em aprox. 66 d.C.), "apóstolo dos gentios".

Nascido cidadão romano em Tarso, na Cilícia, Saulo (mais tarde Paulo) era um judeu da diáspora, e sua formação combinava judaísmo (farisaico) e cultura helênica (nisso,

ele se parece muito com *Filão). No início, opôs-se violentamente ao nascente cristianismo; mas, depois de convertido, desempenhou papel fundamental na expansão da nova religião, viajando pelas cidades da Ásia, da Macedônia e da Acaia. Suas atividades colocaram-no em conflito com autoridades locais e provinciais, e a exatidão dos Atos dos Apóstolos fica demonstrada pelos detalhes circunstanciais com que narrou esses fatos. Paulo foi enviado a Roma por *Festo, governador da Judéia, atitude que reflete a seriedade com que suas atividades eram encaradas pelas autoridades, e chamou a atenção para o cumprimento dos direitos de apelação do cidadão romano. Depois de ficar dois anos ou mais em Roma, e depois de outras possíveis viagens pelo Ocidente, Paulo foi executado e enterrado na estrada para Óstia. Suas *Epístolas*

São Paulo Fora das Muralhas, em Roma: basílica do século IV, restaurada após o incêndio de 1823. Foi construída sobre o túmulo do santo.



exerceram profunda influência, desde o início, e inspiraram inúmeras imitações.

PAULO DE SAMÓSATA (*Paulus*), bispo de Antióquia, aprox. 260-270 d.C.

Heresiarca monarquianista, Paulo foi deposto e excomungado por heresia em 269, mas, graças à influência de *Zenóbia, permaneceu no poder até 272. Seus oponentes ortodoxos o descrevem como avaro, ganancioso, excessivamente indulgente consigo mesmo, e talvez imoral. Paulo defendia a humanidade pura de Cristo, e afirmava a unidade de Deus e do Verbo.

PAULO, JÚLIO (*Paulus, Julius*), jurista, final do século II, início do século III d.C.

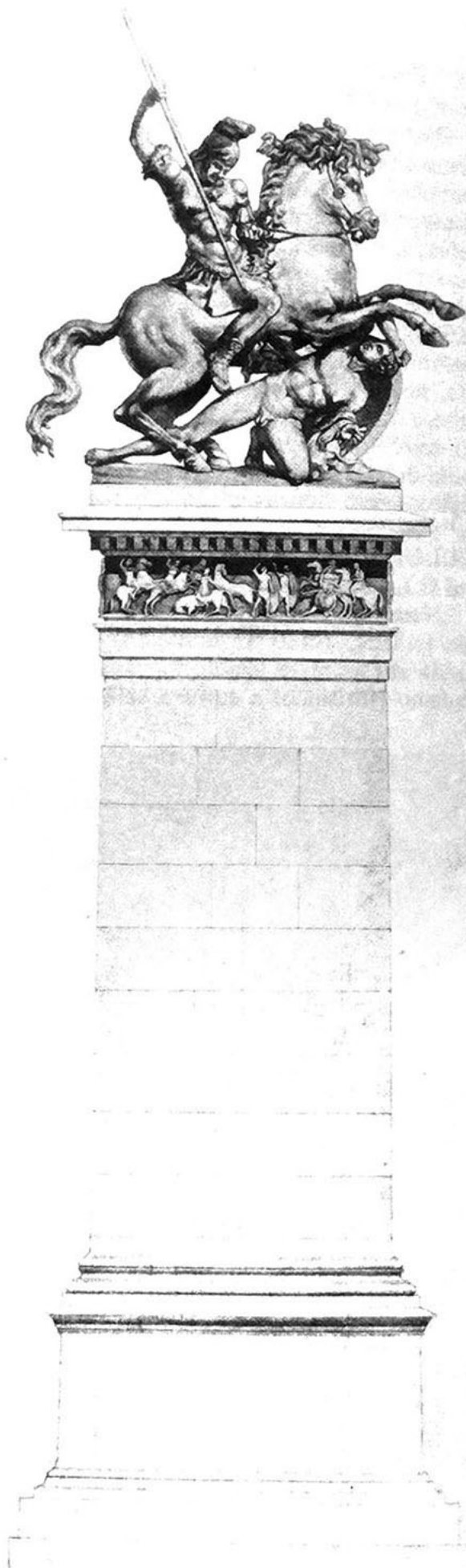
O lugar e a data do nascimento de Paulo são desconhecidos. No tempo de *Severo e de *Caracala, foi membro do conselho privativo do imperador, mas provavelmente não foi prefeito pretoriano nem diretor dos redatores públicos. O período em que escreveu seus trabalhos começa ainda no reinado de *Cômodo, e pode ter-se estendido até o governo de *Severo Alexandre. Suas decisões sobre assuntos legais abrangiam uma ampla variedade de tópicos, e Paulo, juntamente com seus contemporâneos *Papiniano e *Ulpiano, foi responsável por uma interpretação mais ampla e humanitária da lei romana.

PAULO(1), LÚCIO EMÍLIO (*Paulus, Lucius Aemilius*), cônsul, 219 e 216 a.C.

Emílio conquistou um fácil triunfo pela rápida campanha de 219 a.C., que tirou o poder de *Demétrio de Faros (a Segunda Guerra da Ilíria). No ano 218, integrou a missão de *Fábio Buteão a Cartago. Durante seu segundo consulado, dividiu o comando contra *Aníbal com seu colega *Varrão, e morreu em Canas.

PAULO(2), LÚCIO EMÍLIO (*Paulus, Lucius Aemilius*), cônsul, 182 e 168 a.C.

Emílio Paulo era filho de *Paulo(1) e aliado político de *Cipião Africano. Como pretor, ocupou um comando na Hispânia Ulterior (191-189 a.C.), com sucesso relativo. Foi indicado para integrar a comissão (decen-



Reconstrução artística da estátua eqüestre de Lúcio Emílio Paulo(2), em Delfos (aprox. 187 a.C.).

virato) para o estabelecimento da província da Ásia (189), e em Roma, em 187, liderou a oposição ao triunfo de Mânlio *Vulso. Devido ao eclipse político de Cipião, Paulo não chegou ao consulado até o ano 182, mas em 181 obteve decisiva vitória na Ligúria, o que lhe valeu um triunfo. Seguiu-se outro longo período de relativa obscuridade, até que Paulo foi subitamente elevado a um segundo consulado (168), já com a idade de sessenta anos. Isso se explica pela decepcionante atuação dos comandantes anteriores na guerra contra *Perseu. Paulo restaurou a disciplina no exército da Macedônia e, em poucas semanas, em Pidna, obteve a vitória final sobre Perseu.



Denário de 62 a.C. que representa Perseu e sua família aprisionados por Lúcio Emílio Paulo(2) (reverso).

Paulo aliava a antiga austeridade romana a uma profunda apreciação da cultura grega. Em 167, ocupando o cargo de procônsul, viajou pelas regiões turísticas da Grécia e fez com que a biblioteca de Perseu fosse embarcada para Roma. Em Delfos, usou o monumento da vitória, encomendado por Perseu, para erigir sua própria estátua equestre. Alega-se que Paulo discordava da política do Senado, que ele teve de executar com violência em 167: tolerou a escravização de cento e cinquenta mil epirotas e a detenção na Itália de importantes políticos gregos. Mas a tradição histórica, favorável a ele, deve refletir um certo desvio da visão de *Políbio, intimamente ligado à família de Paulo.

Voltou à Itália para celebrar um triunfo magnífico, no qual Perseu desfilou acorrentado. Provocou oposição política por não distribuir generosamente o espólio de guerra a seu exército, mas a quantia imensa que ele depositou no Tesouro permitiu a suspensão

por tempo indefinido do pagamento de tributos pelos cidadãos romanos. Sua carreira pública encerrou-se com o cargo de censor (164); quando Paulo morreu, em 160, sua relativa pobreza surpreendeu seus contemporâneos, pois provou que ele não havia guardado nada do espólio macedônico para si mesmo.

PAULO CATENA (*Paulus Catena*), secretário de Estado, 353-361 d.C.

Nascido na Espanha, Paulo entrou no corpo de secretários de Estado conhecidos como "notários", e tornou-se agente confidencial de *Constâncio II, que aproveitava sua crueldade e esperteza nas investigações de traição, principalmente na Bretanha, em 353, depois da derrota de *Magnêncio, e no Oriente em 359 (julgamentos por traição e magia de Cítópolis). Mereceu o apelido "Catena" ("corrente") por suas investigações astutas e pelos resultados obtidos. Foi condenado e queimado vivo pela Comissão de Calcedônia, em 361/362 (ver *Juliano).

PAUSÂNIAS (*Pausanias*), escritor, ativo em aprox. 150 d.C.

Viajante e geógrafo grego, originário da Lídia, Pausânias escreveu uma descrição da Grécia em dez volumes, com grande quantidade de informações sobre a topografia das regiões e das cidades, sobre as fundações religiosas locais, os costumes e as crenças, e os monumentos históricos e artísticos.

PEDÂNIO FUSCO SALINÁTOR, CNEU (*Pedanius Fuscus Salinator, Gnaeus*), cônsul, 118 d.C.

Pai de Lúcio *Pedânio e genro de Júlio *Serviano, foi amigo e aluno de *Plínio, o Jovem. Ocupou o cargo de governador da Mésia logo após seu consulado.

PEDÂNIO FUSCO SALINÁTOR, LÚCIO (*Pedanius Fuscus Salinator, Lucius*), senador no tempo de Adriano.

Filho do cônsul do ano 188 d.C. (Cneu *Pedânio), neto de Júlio *Serviano e sobrinho-neto de *Adriano, deve ter sido preparado para ser seu sucessor desde tenra idade; recebeu privilégios especiais e um lugar entre os conselheiros imperiais. Em 136, ficou claro que Adriano havia mudado seus planos para a sucessão, e Pedânio foi forçado a cometer

suicídio sob alegação de um conluio contra o imperador.

PEDRO, SÃO (*Petrus*) (falecido em 64(?) d.C.), apóstolo e bispo de Roma.

Os evangelistas tentaram explicar por que Cristo escolheu Pedro como principal apóstolo, e os atos de Pedro nessa função — bem como suas evidentes falhas. João (1, 35-44) o descreve, e a seu irmão André, como um pescador natural de Betsaida, próximo ao lago Tiberíades. Muitas fontes, a partir de São *Clemente, ligam Pedro a Roma, onde sua morte ocorreu provavelmente durante a perseguição instaurada por *Nero. Meticulosas pesquisas arqueológicas na necrópole do Vaticano tendem a corroborar a tradição de que ele foi enterrado ali.

*Rua de túmulos (principalmente do século II) sob a Basílica de São Pedro, em Roma. *Constantino construiu sua igreja sobre o santuário do século II que ficava sobre o túmulo de São Pedro, no cemitério do Vaticano.*



PEDRO DE ALEXANDRIA (*Petrus*), bispo, 300-311/312 d.C.

A Grande Perseguição (303-313) atingiu em parte seus objetivos ao fragmentar a Igreja do Egito. Coube a Pedro a dura tarefa de reconciliar os que haviam sucumbido à pressão dos pagãos, sem excluir aqueles que admiravam e haviam ajudado os mártires. Muitos consideravam, e principalmente *Melício, que a carta pastoral de Pedro, de 305/306, pecava por excesso de tolerância com aqueles que haviam falhado. De sua base oculta no deserto ocidental, Pedro tentou evitar que ocorresse a cisão da Igreja, até que um período de calmaria o trouxe de volta a Alexandria, onde foi martirizado nos últimos momentos de terror da perseguição.

PÉGASO (*Pegasus*), jurista; cônsul em aprox. 73 d.C.

O nome mitológico de Pégaso (seu primeiro nome perdeu-se) era idêntico ao do navio da força naval romana que seu pai comandava. A erudição de Pégaso em matéria de leis era tanta que ele ficou conhecido como "o Livro". Ascendeu — coisa rara para um homem de sua origem — ao cargo de prefeito urbano, e *Juvenal — coisa ainda mais rara — elogiou o espírito de justiça com que ocupou tal cargo (início do reinado de *Domício).

PELÁGIO (*Pelagius*), heresiarca, início do século V d.C.

Pelágio era um monge nascido na Bretanha, que se estabeleceu em Roma por volta do fim do século IV; aí ganhou fama como guia espiritual, e foi recebido como amigo pelas famílias aristocráticas. Deixou Roma na época do saque da cidade pelos visigodos (410), e fugiu para o norte da África e para a Palestina. Defendia o ponto de vista controverso de que o homem não seria irrevogavelmente predestinado ao pecado, dando ênfase à responsabilidade do homem por seus atos e, assim, rebaixando a graça divina. *Agostinho e *Jerônimo escreveram obras refutando a doutrina de Pelágio. Apesar de inocentado por um sínodo na Palestina, em 415, Pelágio foi condenado em sucessivos concílios da Igreja na África, e finalmente no veredicto do papa Zósimo (418); porém, continuou acesa a controvérsia teológica acerca de suas opiniões.

PERENE, TIGÍDIO (*Perennis, Tigidius*), prefeito pretoriano, 180-185 d.C.

Sexto Tigídio Perene, italiano com ótima reputação militar, foi nomeado prefeito pretoriano por *Cômodo, único prefeito e virtual governante do Império de 182 até sua morte, em 185. Fez algumas tentativas para frear as extravagâncias do imperador, mas era pouco popular junto ao Senado. Sua queda foi provocada por *Cleandro, que induziu alguns soldados da Ilíria (que estavam em Roma) a denunciá-lo ao imperador, solicitando sua rendição. Foi executado por ordem de Cômodo.

PERSEU (*Perseus*), rei da Macedônia, 179-168 a.C.

Filho mais velho de *Filipe V e herdeiro de sua política expansionista, Perseu não era bem visto por Roma, principalmente depois de arquitetar a eliminação de seu irmão e rival *Demétrio (que apoiava os romanos), em 180 a.C. Suas relações com Roma pioraram gradualmente após sua ascensão ao trono (179

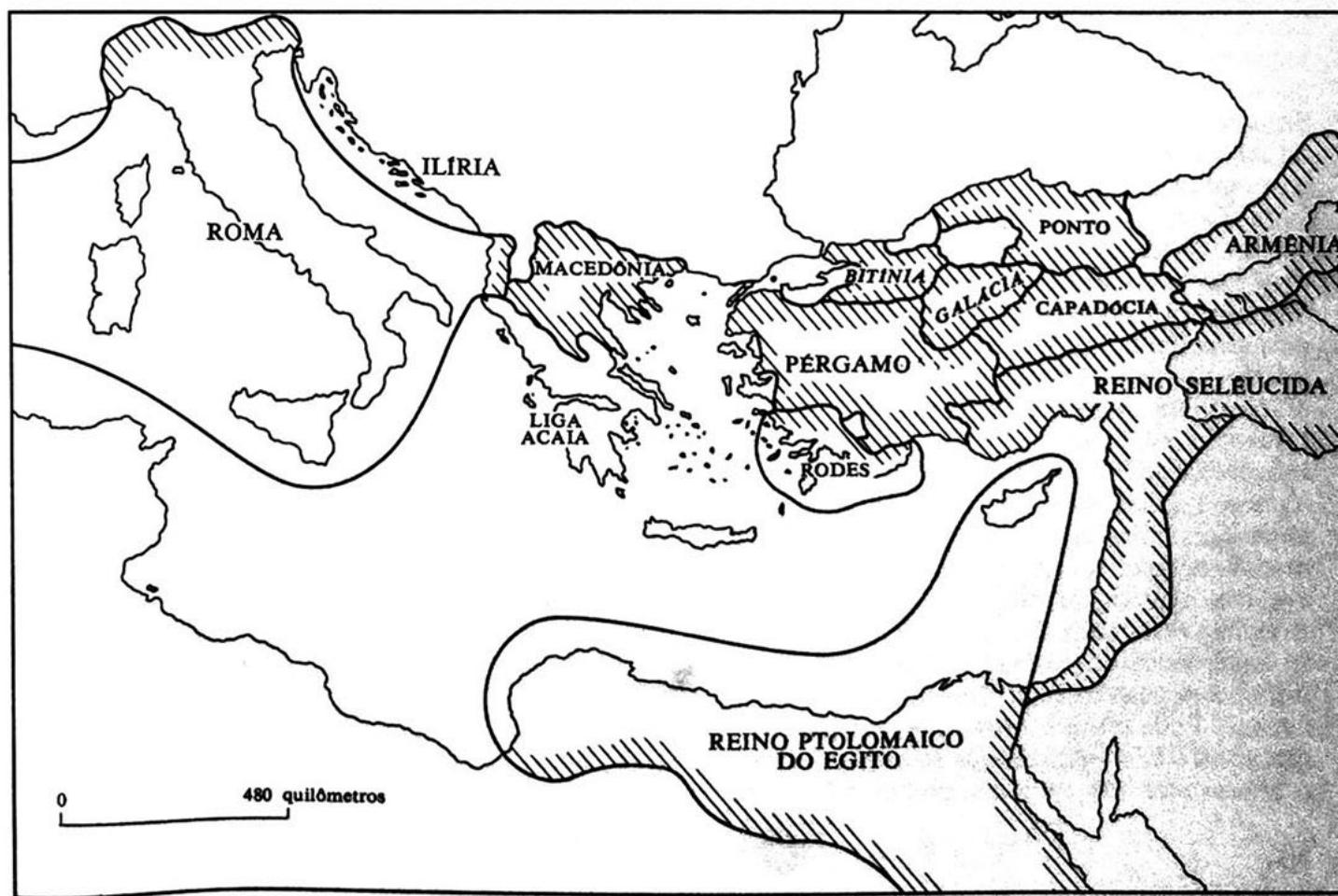
a.C.), à medida em que ele aumentava o poderio e o prestígio da Macedônia pela regeneração da economia e da intervenção política na Grécia, muitas vezes apoiando causas "de esquerda". Posteriormente, Roma foi persuadida a declarar-lhe guerra por um ciumento e preocupado *Eumenes, cujas queixas eram repetidas na propaganda romana de guerra.

Protótipo de moeda de Perseu, rei da Macedônia (179-168 a.C.).



Mas o próprio Perseu nunca desejou a guerra contra Roma, como ficou demonstrado pela maneira fácil com que Q. *Filipe o enganou em 172/171. Mesmo assim, resistiu com su-

**O mundo helênico na época da ascensão de Perseu, da Macedônia, em 179 a.C.*



cesso aos ataques romanos até 169, sendo finalmente derrotado por *Paulo(2) em Pidna, em 168; a partir desse momento, a monarquia macedônica deixou de existir. Perseu foi capturado na Samotrácia, desfilou acorrentado no triunfo de Paulo e morreu prisioneiro na Itália, em 165 a.C.

PÉRSIO (*Persius*) (34-62 d.C.), satirista.

Nativo de Volterra, de boa família e excelente educação, aluno de *Palemão e de *Cornuto, Pérsio foi sempre independente dos círculos literários, e dedicou-se ao estoicismo e à composição de seis curtos poemas satíricos. Pérsio escreveu sobre: 1) a má poesia; 2) as orações impróprias; 3) as consequências da vida dissoluta; 4) a importância da autocompreensão; 5) a verdadeira liberdade; e 6) a vida confortável. Escrevia com grande paixão filosófica e uma selvageria que se deviam à sua extrema concisão. Imitador sutil de *Horácio, Pérsio escreveu coloquialmente, muitas vezes com crueza; sua concisão, idiossincrática e atormentada, caracterizava-se por uma série de imagens ásperas e bizarras.

PERTINACE (*Pertinax*), imperador, 193 d.C.

Públio Hélio Pertinace era filho de um libertado da Ligúria, e foi professor antes de iniciar uma tardia carreira nos serviços imperiais. Quando prefeito de uma coorte na Síria, parece que usou o transporte do governo sem autorização oficial, e foi forçado pelo governador a voltar a pé de Antióquia até onde sua tropa estava estacionada. Depois de ocupar vários postos militares e administrativos, na década de 160, foi promovido ao Senado; foi comandante de uma legião, e depois governador da Mésia Superior. Foi cônsul em 174 (ou 175), esteve com *Marco Aurélio no Oriente depois da revolta de *Avídio Cássio, e foi nomeado governador da Mésia Inferior, da Dácia e da Síria (para onde foi nomeado antes de 180). Por volta de 182, abandonou a vida pública por suas ligações com pretensos conspiradores contra *Cômodo, mas depois foi nomeado governador da Bretanha (185-187). No verão de 188, tornou-se governador da África e voltou para Roma um ano depois, quando foi nomeado prefeito urbano. Pode ter-se envolvido com a conspiração contra Cômodo, pois imediatamente após o assassinato (31 de dezembro de 192), Per-

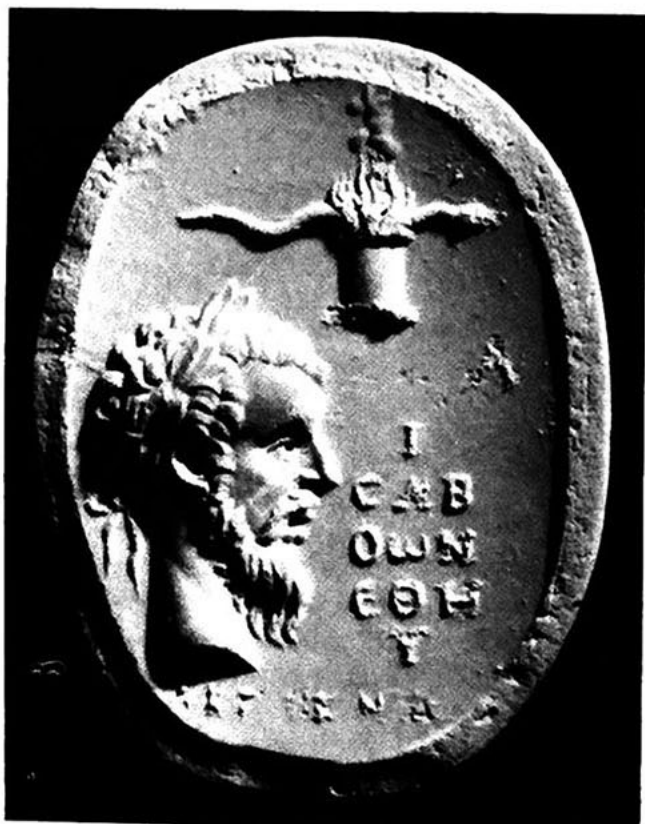


Molde de entalhe em cornalina com retrato de Pertinace. Atenas, Museu Nacional.

tinace dirigiu-se secretamente ao campo da guarda pretoriana, prometeu uma doação aos soldados e foi proclamado imperador. A proclamação foi aprovada entusiasticamente pelo Senado, e ele promoveu uma série de medidas populares como reação aos excessos de Cômodo. Mas, em 28 de março de 193, um destacamento da guarda pretoriana iniciou uma nova conspiração, assassinou-o e fincou sua cabeça em um poste.

PESCÊNIO NIGRO (*Pescennius Niger*), imperador, 193-194 d.C.

Italiano de origem equestre, Caio Pescê-



Molde de entalhe em jaspero vermelho com retrato de Pescênio Nigro e dedicatória a Asclépio.

nio Nigro Justo granjeou renome militar, no início do reinado de *Cômodo, numa campanha contra os dácios. Depois de um consulado em 191, tornou-se governador da Síria, no fim do reinado de Cômodo, talvez porque não fosse considerado uma ameaça. Em maio de 193, foi proclamado imperador por suas tropas, como pretendente rival de *Dídio Juliano. A base de seu poder ficava nas províncias do Oriente, que tinham Bizâncio como centro. No verão de 193, *Severo marchou contra ele, depois que ele foi declarado inimigo público pelo Senado. Pescênio foi derrotado depois de uma campanha de três grandes batalhas: Cízico, Nicéia e Isso, e que terminou em abril ou maio de 194. Após a última batalha, Pescênio fugiu para Antióquia, que foi capturada por *Anulino, general de Severo; Pescênio foi preso nos arredores da cidade, quando tentava fugir. Sua cabeça foi cortada e enviada a Severo, em Bizâncio.

PETO, CESENIO (*Paetus, Caesennius*), cônsul, 61 d.C.

Nos anos 61 e 62 d.C., Lúcio Cesênio Peto comandou, sem sucesso, algumas campanhas contra os partos, e teve que ser salvo por *Corbulão. *Nero reagiu apenas com piadas, e Cesênio foi encarregado, por *Vespasiano, de administrar a Síria. O antigo reino de Comagena foi rebaixado por ele à condição de província, durante o reinado de Vespasiano.

PETRÔNIO (*Petronius*), meados do século I d.C.

Não se tem certeza se o Petrônio que escreveu o *Satyricon* é o mesmo Petrônio da corte de *Nero, libertino notório que ganhou o título de “árbitro da elegância” por seu estilo de vida, e que foi levado a cometer suicídio, tão frivolamente quanto havia vivido, depois da conspiração de *Pisão, em 65 d.C.

O *Satyricon* (provavelmente escrito em 63-66 d.C.) inspirava-se nos *Satyricon libri*, livros sobre os feitos dos Sátiros, lúbricos seres mitológicos semi-humanos, que lembravam o comportamento escandaloso e pouco ortodoxo dos participantes da novela; a noção de “sátira” está também presente no título, embora apenas como subentendido. Originalmente, talvez consistisse em dezesseis livros (pelo menos); o único livro que possuímos completo — o XV — corresponde a aproxi-

madamente sessenta páginas impressas. Até 1650, a obra era conhecida apenas em trechos e citações de gramáticos; um manuscrito foi então descoberto em Trogir, perto de Splonos, na Dalmácia, contendo a “*Cena Trimalchionis*” (“Banquete de Trimalquio”).

O papel de Petrônio nas tradições da literatura antiga é controvertido: para a paródia e a narrativa lúbrica, intercalada com versos, nosso paralelo mais próximo é um fragmento de papiro publicado recentemente; mas podem ser levantadas também analogias com novelas gregas, com contos milesianos (*Petr.*, 111 e segs. é um exemplo soberbo; ver *Sisena), com mimos, com sátiras menipéias (ver *Varrão) e com os épicos, que Petrônio às vezes parodia. A novela tem caráter picaresco e conta as aventuras (no sul da Itália) de Encólpio, seu amiguinho Gitão e uma galeria dos mais variados vagabundos. Com exceção da “Cena”, nossa noção da estrutura da narrativa é às vezes confusa, e parece, mesmo, que não havia uma trama bem delineada. Indiscutivelmente, a “Cena” é uma obra-prima da literatura satírica e cômica da Antiguidade, às expensas de Trimalquio, novo-rico de imensa fortuna e nenhum bom gosto: alvo fácil, desenhado com incrível criatividade, com profusão de detalhes e mesmo uma certa simpatia, numa narrativa deliciosamente viva, intercalada por discursos absorventes, pronunciados por Trimalquio e seus companheiros em “latim vulgar”, que revelam e imortalizam os gostos, as atitudes e as impropriedades de uma classe e de uma era.

PETRÔNIO, PÚBLIO (*Petronius, Publius*), governador da Síria, 39-42 d.C.

*Filão e *Josefo registram o terrível dilema enfrentado por Petrônio (cônsul no ano 19), como governador da Síria, quando *Calígula exigiu que sua estátua fosse colocada no Templo de Jerusalém. Ele só conseguiu escapar de um suicídio forçado por causa da morte de Calígula, no começo de 41. A filha de Petrônio casou-se com *Vitélcio, e ele era um velho amigo de *Cláudio: segundo *Sêneca, “era um fluente porta-voz claudiano”.

PETRÔNIO MÁXIMO (*Petronius Maximus*), imperador do Ocidente, 455 d.C.

Um dos mais importantes italianos detentores de cargos públicos, Petrônio Máximo

coroou sua carreira com a ascensão ao trono como imperador, embora seu reinado tenha durado apenas onze semanas. Duas vezes prefeito urbano (420-421 e antes de 433), duas vezes prefeito pretoriano da Itália (435 e 439-441) e duas vezes cônsul *ordinarius*, tendo *Teodósio II como colega no primeiro período, Máximo pode ter sido cúmplice do assassinato de *Valentiniano III (455). Sua reivindicação à sucessão de Valentiniano baseava-se nos cargos que ocupara, em sua riqueza e em seu casamento forçado com a viúva de Valentiniano, Eudóxia, que, segundo se supõe, chamou *Geiseric para ajudá-la. Ao saber da aproximação dos vândalos, Máximo fugiu, mas foi agarrado e linchado pela multidão romana.

PETRÔNIO TURPILIANO (*Petronius Turpilianus*), cônsul, 61 d.C.

Públio Petrónio Turpiliano foi governador da Bretanha em 61-62 d.C. Recebeu a insígnia triunfal de *Nero, depois de sufocada a conspiração pisoniana, mas não se sabe como exerceu sua lealdade. Nero confiou nele novamente, em 68, quando o enviou para enfrentar *Galba: correram rumores de que ambos haviam chegado a um acordo, mas Turpiliano foi morto por Galba assim mesmo.

PIRRO (*Pyrrus*), rei do Épiro, 319/318-272(?) a.C.

Pirro era rei de Molossos e chefe da Liga Epirota (306-302; 297-272(?) a.C.). Depois de tentativas para assegurar e expandir

sua posição no norte da Grécia, respondeu à solicitação, feita por Tarento, de auxílio contra Roma, e derrotou Públio Valério Levino perto de Heracléia, em 280 a.C. As subsequentes negociações de paz, registradas de modos diferentes, fracassaram (ver C. *Fabrício Luscino e Ap. *Cláudio Ceco), e Pirro venceu uma batalha difícil em Ausculo (279). Dedicou-se então a apoiar os gregos da Sicília contra Cartago, então aliada de Roma (278-277 a.C.); após algumas vitórias iniciais, o endurecimento da resistência cartaginesa e a pressão exercida por Roma sobre seus aliados itálicos trouxeram-no de volta à Itália. Um encontro malsucedido com M. Cúrio *Dentato perto de Benevento (ou na Lucânia), em 275, forçou-o a voltar para o Épiro para reconstruir seu exército. Inicialmente vitorioso na luta contra Antígono, na Macedônia, Pirro foi morto quando intervinha em Argos.

PISÃO, CAIO CALPÚRNIO (*Piso, Gaius Calpurnius*), conspirador, 65 d.C.

Pisão teve uma carreira comum, mas de sucesso. Suas origens o recomendavam como o pivô da conspiração contra *Nero, que foi apoiada em Roma por indivíduos de várias classes. Em 65, esse conluio, que parece não ter sido organizado de modo eficiente, foi traído; seguiu-se um expurgo violento, fato que enegreceu os últimos anos do reinado de Nero.

PISÃO, CNEU CALPÚRNIO (*Piso, Gnaeus Calpurnius*), cônsul, 7 a.C.

Pisão era amigo íntimo de *Augusto — que o considerava um possível candidato a imperador —, e de *Tibério. Como governador da Síria (18-19 d.C.), desentendeu-se violentamente com *Germânico, a quem talvez fora incumbido de observar. Na confusão que se seguiu ao suposto envenenamento de Germânico, Tibério foi obrigado a abandoná-lo, e Pisão suicidou-se.

PISÃO(1), LÚCIO CALPÚRNIO (*Piso, Lucius Calpurnius*), cônsul, 58 a.C.

Aristocrata e patriota influente, sua amizade com os membros do Primeiro Triunvirato assegurou a Pisão o consulado em 58, ano em que sua filha Calpúrnica se tornou a terceira e última esposa de *César. Seu comando proconsular na Macedônia foi veementemente atacado por *Cícero, que Pisão, na quali-

Busto de Pirro (?) em Herculano. Nápoles, Museo Nazionale.



dade de cônsul, não conseguira livrar do exílio. No ano 50, quando ocupava o cargo de censor, Pisão foi o elemento moderador na grande hostilidade de seu colega *Cláudio Pulcro contra César. Ocupou uma posição neutra durante a guerra civil, e depois tentou obter a conciliação, em 49 e em 43 a.C.

PISÃO(2), LÚCIO CALPÚRNIO (*Piso, Lucius Calpurnius*), pontífice e cônsul, 15 a.C.

Um dos mais ilustres auxiliares de *Augusto, Pisão esteve provavelmente na Gália (16 a.C.) e na Trácia (12-10), onde mereceu insígnias triunfais. Do ano 13 d.C. até sua morte, em 32, foi prefeito urbano, granjeando grandes elogios por sua moderação e devoção ao dever.

PISÃO FRUGI, LÚCIO CALPÚRNIO (*Piso Frugi, Lucius Calpurnius*), historiador; cônsul em 133 a.C.

Pisão tinha maneiras antiquadas e secas e, talvez devido à crise política de seu tempo (*Graco, Tibério), estava sempre preocupado em tirar lições morais do passado. Tinha interesse incomum por monumentos, inscrições e obras de arte.

PLACÍDIA, GALA (*Placidia, Galla*), augusta, 421-450 d.C.

Gala Placídia era meia irmã do imperador *Honório e neta de *Valentiniano I. Foi refém de *Alarico e casou-se com o sucessor



Medalhão de ouro de Gala Placídia, com encaixe ornamental.

dele, *Ataulfo (414), mas, após a morte deste, os visigodos foram forçados a devolvê-la. Em 417, relutantemente, casou-se com o generíssimo de Honório, *Constâncio (III), e deu à luz o futuro imperador *Valentiniano III.

Mausoléu de Gala Placídia (antes capela), em Ravena: Cristo, o Bom Pastor, mosaico do século V.



Depois de brigar com Honório, Placídia foi forçada a fugir de Constantinopla (423); foi reconduzida à sua posição pelo exército oriental, que derrotou o usurpador João quando o filho dela, de seis anos de idade, foi proclamado imperador em Roma (23 de outubro de 425). No início, a influência de Placídia foi grande, mas ela não conseguiu impedir a ascensão de *Aécio, dominador inconteste a partir de 433. Placídia dedicou-se, então, a obras piedosas, principalmente na cidade de Ravena; seu mausoléu, nessa cidade, pode ter pertencido a uma das igrejas que fundou aí. Placídia morreu em Roma, a 27 de novembro de 450.

PLANCO, MUNÁCIO (*Plancus, Munatius*), cônsul, 41 a.C.

Legado de *César na Gália, durante a guerra civil, Lúcio Munácio Planco foi pro-cônsul da Gália após a morte do ditador, e fundou as colônias de Lyon e Augst; em 42 a.C., foi homenageado com um triunfo. Tornou-se partidário de *Marco Antônio, mas

depois foi defensor não menos zeloso da causa de *Augusto; gozou de eminência na década de 20. Ocupou o cargo de censor em 22 a.C. Seus gastos com edifícios em Roma e as relações que manteve com poetas, inclusive *Horácio, foram notáveis. Seu túmulo ainda existe, e forma o núcleo de um castelo à beira-mar, em Geta.

PLATÓRIO NEPOS ou NEPOTE (*Platorius Nepos*), cônsul, 119 d.C.

Senador, originário provavelmente da Espanha, Aulo Platório Nepos era amigo de *Adriano e foi governador de várias províncias importantes, inclusive a Bretanha (122-124, e possivelmente também em 126 ou 127). Foi responsável pela construção da Muralha de Adriano.

Muralha de Adriano: seção próxima a Haltwhistle, Northumberland. A construção da muralha foi organizada por Platório Nepos, durante seu governo (década de 120 d.C.).



PLAUCIANO (*Plautianus*), cônsul em 203 d.C.; prefeito pretoriano (?-205).

Africano, conterrâneo do imperador *Severo, e possivelmente parente dele, Caio Fúlvio Plauciano serviu fielmente a Severo, tornando-se prefeito da guarda e depois prefeito pretoriano. Sua ânsia de poder, no entanto, não tinha limites, e assim, em 202, promoveu o casamento de sua filha *Plautila com *Caracala. Plauciano foi assassinado em 205, sob a suspeita de conspirar para a morte de Severo e Caracala.

PLÁUCIO, AULO (*Plautius, Aulus*), general na Bretanha, 43 d.C.

A fama de Pláucio deriva de seu papel decisivo na invasão da Bretanha por *Cláudio, em 43 d.C., que lhe valeu uma ovação (*ovatio*) em sua volta a Roma (47); nessa época, a província já devia estar pacificada até o Caminho do Canal. Pláucio usou de seus direitos judiciais como marido, em 57, quando sua esposa foi acusada de envolvimento com cultos estrangeiros (judeus ou, provavelmente, cristãos).

PLÁUCIO SILVANO (*Plautius Silvanus*), cônsul em 2 a.C.; general.

Marco Pláucio Silvano trouxe reforços para a luta contra os rebeldes da Panônia, em 6 d.C., e obteve vitórias importantes na Ilíria, nos três anos seguintes, recebendo por isso a insígnia triunfal. Em 24 d.C., seu filho preferiu suicidar-se a enfrentar a acusação de ter matado a esposa (atirando-a por uma janela). A filha de Pláucio, Pláucia Urgulanila, foi casada por algum tempo com *Cláudio, e deu-lhe dois filhos.

PLÁUCIO SILVANO ELIANO (*Plautius Silvanus Aelianus*), cônsul, 45 e 74 d.C.

Tibério Pláucio Silvano Eliano desempenhou importante papel na expedição de *Cláudio à Bretanha. Como governador da Mésia, no tempo de *Nero, desenvolveu brilhantemente a província do Danúbio Inferior, acrescentando cem mil novos indivíduos ao sistema tributário, obtendo a submissão de vários reis e abrindo novas opções de fornecimento de cereais. Por isso — e talvez por sua neutralidade durante a guerra civil de 69 d.C. —, foi recompensado com um segundo consulado, a prefeitura urbana, a insígnia triunfal e profusos elogios de *Vespasiano.

PLAUTILA (*Plautilla*), esposa de Caracala; augusta em 202-205 d.C.

Púbia Flávia Plautila, filha do prefeito pretoriano *Plauciano, casou-se com *Caracala em 202. Caracala detestava tanto sua esposa quanto o pai dela, e Plautila foi banida para Lipara, depois da morte de Plauciano, sendo provavelmente assassinada em 212. Sua reputação de excessos sexuais é provavelmente infundada.

PLAUTO (*Plautus*) (falecido em 184 a.C.), comediógrafo.

Tito Mácio Plauto era provavelmente um pseudônimo. Os “fatos” de sua biografia (excetuando-se seu nascimento em Sarsina, na Úmbria) são especulações românticas ou deduções sem valor baseadas nos textos de suas peças. Apenas as datas de *Stichus* (200 a.C.) e *Pseudolus* (191 a.C.) foram comprovadas. *Varrão cita vinte e uma peças de Plauto que seriam genuínas, e de fato sobreviveram vinte e uma obras, em ordem alfabética, com características bem variadas e de qualidade desigual. Embora a histrionice e o aspecto cômico sejam muito importantes em Plauto, suas peças transcendem a farsa: *Menaechmi* é uma “comédia de erros” muito bem estruturada, *Amphitruo* é uma tragicomédia mitológica, e *Rudens* contém laivos de seriedade moral. Plauto alterou drasticamente os originais gregos colocando em suas peças cafetões de obscenidade sem precedentes, escravos incrivelmente impertinentes, torrentes de trocadilhos, gloriosas extravagâncias de linguagem, misturas deliberadamente grotescas de elementos gregos e romanos, e árias cômicas (“cantica”) de métrica muito complexa. Ver também *Terêncio.

PLEMÍNIO, QUINTO (*Pleminius, Quintus*), legado, 205 a.C.

Em 205 a.C., *Cipião Africano deixou Plemínio no comando da guarnição romana em Locros, como *legatus pro praetore*. Plemínio foi responsável pelo saque do templo de Perséfone e de algumas propriedades particulares. Isso acarretou uma luta dentro da própria guarnição, e o nariz, as orelhas e os lábios de Plemínio foram mutilados por seus subordinados. Em uma investigação posterior, Cipião vingou-o e confirmou seu comando. Plemínio cometeu então novas atrocidades, que levaram à formação de uma embaixada



que se dirigiu a Roma em 204. O escândalo que se seguiu quase derrubou Cipião de seu comando, mas uma comissão de inquérito acabou por exonerá-lo de qualquer culpa. Plemínio ficou prisioneiro em Roma por muito tempo.

PLÍNIO (O VELHO) (*Plinius*) (23/24-79 d.C., polímata.

A carreira equestre de Caio Plínio Segundo teve episódios notáveis (o banquete dado por *Calígula, a construção do porto de Óstia por *Cláudio, a drenagem do lago Fucino); passou um longo período na Germânia, durante o reinado de *Nero, e comandou a frota de Misena. Morreu durante a erupção do Vesúvio em 79 d.C., conforme o relato de seu sobrinho e filho adotivo, o jovem *Plínio (*Ep.*, VI, 16).

Assim como *Varrão, Plínio conseguiu achar tempo, nos intervalos de sua ativa carreira pública, para escrever em escala prodigiosa: obras sobre tática de cavalaria, sobre a vida de seu amigo *Pompônio Segundo, sobre a história das guerras contra a Germânia (em vinte livros), sobre gramática, retórica e história contemporânea ("A partir de onde Aufídio Basso parou" — Basso escreveu uma história no começo do século I d.C., que se perdeu), em trinta e um volumes, provavelmente criticados por *Tácito (por exemplo, em *Hist.*, II, 101), todos perdidos. O que não

Fórum de Pompéia com vista do Vesúvio: Plínio, o Velho, morreu enquanto observava a erupção de 79 d.C.

aconteceu com a *História natural*, em trinta e sete volumes, dedicados a *Tito, em 77 d.C., e completados por essa época. Ele alega ter lido duas mil obras de cem autores, e delas destacou vinte mil fatos, o que é uma estimativa modesta: nos catálogos do livro I, ele enumera mais de quatro mil autores, e o total de fatos, contados livro por livro, chega a trinta e cinco mil. Plínio não escreveu uma enciclopédia à maneira das *Disciplinae* de Varrão (ver sua alegação no "Pref.", 14); seu assunto é o mundo natural (XXXVII, 205), apesar de algumas divagações sobre as realizações humanas (por exemplo, o valioso relato da história da arte em XXXIII-VII). Plínio reconhece que seu tema é árido, mas, preocupado com o prazer e o proveito do leitor, faz esforços consideráveis para escrever de modo agradável. Sua principal realização, no entanto, foi a organização do material: "Deve ser mencionado porque foi mencionado" (II, 85). Seu sobrinho nos dá uma excelente descrição (Plínio, *Ep.*, III, 5) do compilador, que passava noites em claro ou tardes ensolaradas após o lanche, cercado por escravos que tomavam notas. Aliás, o jovem Plínio herdou grande quantidade dessas notas e, entre elas, anotações que o tio escrevera enquanto obser-

vava a erupção do Vesúvio (Plínio, *Ep.* VI, 16). Apesar dos inúmeros erros, Plínio reuniu uma quantidade enorme de valiosíssimos escritos científicos da Antiguidade.

PLÍNIO (O JOVEM) (*Plinius*) (aprox. 61-aprox. 112 d.C.), homem de letras; cônsul em 100 d.C.

Membro da aristocracia municipal de Como, Caio Plínio Cecílio Segundo foi adotado por *Plínio, o Velho, provavelmente por testamento. Essa relação, suas ligações da família de nível senatorial e uma boa educação permitiram-lhe iniciar a carreira senatorial e a prática das leis. Sua primeira acusação e sua primeira pretoria ocorreram em 93 d.C., exatamente quando se iniciava o reinado de terror de *Domiciano. Seu progresso foi firme, embora pouco notável, até que atingiu o cargo de cônsul (substituto) no ano 100 d.C., e o de áugure. Em 110, foi nomeado governador da Bitínia, com o encargo de resolver as tensões, principalmente econômicas, que ameaçavam a segurança das cidades da região. Plínio, provavelmente, morreu na província que lhe foi doada por *Trajano, graças às suas habilidades e às suas boas relações com ele. Sua importância deriva mais do número de informações que obtemos em sua correspondência do que de qualquer feito pessoal.

Plínio foi um poeta fortuito e incompetente, mas um notável e bem-sucedido orador. De seus escritos, sobrevivem ainda: 1) o assim chamado *Panegírico*, na realidade um "ato de agradecimento" (*gratiarum actio*), por seu consulado, apresentado diante de uma audiência convidada; 2) nove volumes de cartas para seus amigos; ao todo, são duzentas e quarenta e sete cartas datadas entre 96 e 108; as datas da publicação de cada volume são muito controvertidas; 3) um livro de correspondência com Trajano: catorze cartas anteriores à nomeação para a Bitínia em 107 (de Plínio para o imperador, com algumas respostas), escritas durante sua estadia no leste. *Ep.* I, 1 é uma resposta à solicitação de que ele publicasse aquelas cartas que escrevera "com mais cuidado"; Plínio afirma que fez isso, não cronologicamente, mas à medida em que as encontrava. O que é pouco provável: os volumes (o IX é uma coleção muito heterogênea) formam, cada um, uma unidade aproximadamente cronológica, engenhosamente estruturada, e contêm cartas cui-

dadosamente selecionadas sobre um certo número de assuntos — fatos históricos, atividades da corte, natureza, literatura, etc. Ocasionalmente, as cartas aparecem revisadas especialmente para a publicação, e sempre — ao contrário das cartas publicadas por *Cícero — são escritas com vistas a uma futura imortalidade literária. A concisão, a unidade do tema e a consistência do estilo literário (fluente e extremamente elegante, deve-se admitir) são características. Plínio atingia sua melhor forma quando estava ocupado, fosse na corte romana ou na Bitínia: tinha a alma de um funcionário de Estado e tornava-se admirável quando contribuía para manter em perfeita ordem o Império Romano. Suas leituras, evidentemente limitadas, e a falta de uma aptidão intelectual mais apurada, tornam algumas de suas outras cartas pouco agradáveis para o leitor moderno. Mas as duas cartas sobre seu tio, por exemplo, ou sua carta a Valério Máximo sobre como governar a Grécia (VIII, 24), revelam um escritor de força e um homem sensível.

PLOTINA (*Plotina*), imperatriz, 98-117 d.C.

"Desejo ser a mesma mulher ao sair e ao entrar", disse Pompéia Plotina, esposa de *Trajano, quando entrou no palácio pela pri-

Retrato de Plotina. Roma, Museu Capitolino.



meira vez. Ficou famosa por sua modéstia, e recusou-se a receber o título de augusta até o ano de 105. Foi sempre uma defensora de *Adriano, que lhe rendeu homenagens excepcionais quando ela morreu, em 122 d.C.

PLOTINO (*Plotinus*) (204/205-270 d.C.), filósofo neoplatônico.

Tudo o que restou de Plotino foi sua burilada sabedoria da velhice. Os cinquenta e quatro ensaios que sobreviveram foram editados após sua morte, com o título de *Enéadas* por seu biógrafo e aluno *Porfírio. Mais do que uma exposição contínua de um sistema filosófico, os ensaios constituem uma série de "ataques sobre o inarticulado", desenvolvidos num estilo idiossincrático e que mobilizam a vivência espiritual de toda uma vida e as riquezas da tradição filosófica grega, em especial a lógica aristotélica, a cosmologia estoica e a metafísica platônica.

Plotino era um grego nascido no Egito. Converteu-se à filosofia com a idade de vinte e sete anos, e escolheu *Amônio Sacas como seu mestre. Em 244, mudou-se para Roma, mas, antes disso, acompanhou a expedição à Pérsia do imperador *Gordiano III, a fim de investigar o pensamento oriental. Seus escritos traem também uma grande familiaridade com as seitas gnósticas, mas tais exotismos ocupam pouco espaço em seu pensamento da maturidade. O cerne da filosofia de Plotino era a prática do retorno da alma. Pela contemplação interior, o homem sério poderia ascender ao Uno, fonte de todas as coisas. Esse misticismo era o corolário de uma cosmologia específica. Ao contrário dos platônicos que o precederam, Plotino acreditava que o universo emanava de um princípio único e absolutamente transcendente. O Uno não criava do nada: a realidade fluía constantemente dele, como a água de uma fonte. As principais emanções eram o Intelecto e a Alma. O mundo físico não era mau: era apenas inferior, mais distante do Uno, porém embebido na alma como uma complexa e contínua rede estendida no mar.

O homem deve aspirar à transcendência; as últimas palavras de Plotino foram, provavelmente: "Estou tentando devolver o Divino que há em mim para o Divino que há em Tudo". E foi compreendido: mais de cem anos depois, *Agostinho morreu citando as palavras do sábio grego pagão.

PLUTARCO (*Plutarchus*) (antes de 50-depois de 120 d.C.), escritor.

Nascido em Queroneia no início do reinado de *Cláudio, Lúcio (?) Méstrio Plutarco estudou em Atenas e em Esmirna, onde entrou em contato com as últimas tendências intelectuais. Embora houvesse visitado Roma, onde lecionou, talvez no tempo de *Domiciano, a quem ele hostilizava, a maior parte de sua carreira foi dedicada a cargos públicos na Beócia e ao templo de Apolo, em Delfos. No tempo de *Trajano e de *Adriano, tornou-se famoso por sua cultura, e fez muitos amigos nas altas-rodas, inclusive *Sósio Senecião, e entre filósofos, tais como *Favorino de Arles. Assim, Plutarco está no limiar da grande fusão entre as culturas grega e romana que ocorreria no século II d.C.

Obras. Plutarco deixou vinte e três pares de *Vidas*, e em cada um ocupa-se de uma personagem ilustre da história grega e da romana; escreveu também quatro biografias de natureza similar. Essas obras, escritas em tom otimista e preocupadas mais com a moral do que com a análise histórica, correspondem a um padrão geral. Sensibilidade no uso das fontes (predominantemente gregas) e talento para as anedotas vívidas tornam a leitura agradável, além de útil, pois Plutarco nos fornece uma grande quantidade de informações históricas valiosíssimas. Nas *Vidas* dos romanos, ele se revela um grego típico de seu tempo, louvando a expansão romana no Mediterrâneo, condenando o declínio moral do fim da República (à qual dedicou metade das *Vidas*) e defendendo o Império como a melhor maneira de solucionar a comoção social resultante da decadência. Mas, mesmo assim, conserva intacta, ao longo de sua obra, a capacidade de criticar, e nunca se mostra subserviente ao poder conquistador.

Moralia: essa coleção contém cerca de setenta e oito trabalhos que abrangem uma área ampla, da filosofia moral popular ("Sobre a loquacidade", "A respeito da educação infantil", "Conselhos sobre o casamento") a trabalhos retóricos e declamatórios e discursos acadêmicos mais sérios (platônicos), diálogos ("Sobre a inteligência dos animais" — os terrestres em contraste com os aquáticos) e tratados sobre antiguidades, sendo que todos refletem um interesse profundo pelas minúcias religiosas, principalmente aquelas ligadas a Delfos, onde foi sacerdote. Os trabalhos de

maior interesse para os estudantes do mundo romano são: "Conselhos sobre a vida pública", em que discute a natureza e os limites das funções públicas numa cidade de província (Sardis), "Sobre o destino dos romanos", em que considera a contribuição do destino e da virtude para a grandeza de Roma, e "Questões romanas", trabalho de singular erudição sobre antiguidades.

POLEMÃO (*Polemo*) (aprox. 88-144 d.C.), sofista grego.

Nascido em Laodicéia, na Lídia, numa família ilustre que já dera reis ao Ponto e à Trácia, Marco Antônio Polemão era também um cidadão de Esmirna. Um dos mais importantes sofistas de sua geração, foi amigo íntimo de *Adriano e acompanhou-o em uma viagem à Jônia e à Grécia, em 123. Diz-se que expulsou de sua casa o futuro imperador *Antonino Pio, quando este era governador da Ásia (133/136). Por sua excelência como orador, foi convidado para discursar na inauguração do templo de Júpiter Olímpico (*Olympicion*) de Atenas, em 130. Envolveu-se em profunda rivalidade com *Favorino (resultante da rivalidade entre as cidades que representavam — Esmirna e Éfeso, respectivamente — e deles próprios), que começou na Jônia e continuou em Roma. Além de seus discursos (dois foram conservados, "peças de conjunto" de um tema histórico), Polemão também escreveu sobre história e fisiognomonía.

POLÍBIO (*Polybius*), historiador grego, aprox. 200-120 a.C.

Destacado político aqueu, Políbio é mais conhecido como o historiador definitivo da ascensão de Roma ao poder mundial — processo que ele considerava sem precedentes e que tentou explicar a uma audiência inicialmente grega. A Acaia, ainda jovem, seguiu a política de seu herói, *Filopêmene, defendendo uma aproximação livre entre Grécia e Roma, o que lhe valeu uma deportação para a Itália decretada por *Paulo(2), juntamente com outros mil prisioneiros políticos (167 a.C.). Políbio teve a sorte de fazer amizade com o filho de Paulo, *Cipião Emiliano, e assim pôde viver em Roma com essa família poderosa, sem sofrer confinamento, até 151 a.C., quando os reféns sobreviventes foram liberados. De sua posição vantajosa, Políbio



Estela de um guerreiro, provavelmente peça de uma série erigida em honra a Políbio. Montagem (antes em Berlim).

pôde observar de perto os acontecimentos em Roma e interrogar os dignitários visitantes e embaixadores sobre fatos históricos recentes. Isso ajudou-o imensamente em sua tarefa de historiador, completada com suas viagens após 151 a.C. Em 147, acompanhou Cipião até Cartago, e foi conselheiro importante durante a colonização da Grécia por Roma, depois de sua conquista por *Múmio (146 a.C.).

Pelos padrões antigos, a narrativa de Políbio é de grande confiabilidade, devido à utilização constante de testemunhas oculares e pela abordagem "pragmática" que o levou a apresentar a verdade histórica como um instrumento didático para o futuro estadista ou para o leitor comum. Manifestou também uma forte tendência pró-Acaia e "direitista", distorções incorporadas em outras fontes (muitas vezes sem qualquer espírito crítico), uma incapacidade — por ser grego — de compreender as instituições romanas, e uma propensão para o pedantismo e a moralização.

POLICARPO (*Polycarpus*) (aprox. 69-155/156 ou 167/168 d.C.), bispo e mártir.

Bispo de Esmirna e principal figura cristã da Ásia romana, na metade do século II d.C., Policarpo foi preso em sua sé durante um festival, ao chegar de uma viagem a Roma. Já com oitenta e seis anos, recusou-se a renegar sua fé e morreu na fogueira. Foi conservado um relato de seu martírio: a data tradicionalmente aceita é 23 de fevereiro de 155/156, mas *Eusébio afirma ter ocorrido durante o reinado de *Marco Aurélio (167/168). Policarpo foi um vigoroso crítico de várias heresias, e escreveu a *Carta aos filipenses*.

POMPEU (*Pompeius*) (106-48 a.C.), cônsul em 70, 55 e 52 a.C.

Cneu Pompeu Magno foi um notável líder militar, cuja complexa personalidade política dominou as três últimas décadas da República. Sua carreira pública incomum iniciou-se em 83 a.C., quando — ao se aproveitar do exemplo e da vasta clientela de seu pai, *Pompeu Estrabão — formou um exército particular no Piceno e uniu suas forças às de *Sila para derrubar o governo. Mantendo o controle de seu exército, foi enviado à Sicília e à África, como propretor, com a tarefa de aniquilar as forças contrárias a Sila; ali adquiriu a reputação de cruel e sanguinário. Voltou à Itália vitorioso, provavelmente em 81, e mereceu um triunfo mesmo contra a vontade de Sila, que também lhe concedeu o cognome honorífico de "Magno": Pompeu tinha então apenas vinte e cinco anos de idade. Em 78/77, recebeu um novo comando especial para auxiliar *Cátulo(2) a eliminar *Lépidio(2), a quem havia apoiado antes da rebelião. Mas contrariou a exigência de Cátulo

de que fizesse recuar seu exército, até que o Senado lhe concedeu um comando proconsular contra *Sertório, na Espanha. Ali cooperou com *Metelo Pio, que ocupava a mesma posição que ele, mas conseguiu poucos resultados antes de receber os reforços de que necessitava com urgência (74 a.C.). Conseguiu eclipsar Metelo nos estágios finais da campanha, derrotou o sucessor e assassino de Sertório, M. Perperna, e queimou a correspondência deixada por Sertório, potencialmente incriminadora. Os cônsules de 72 a.C. confirmaram as cidadanias que Pompeu concedeu na Espanha, e ele voltou em 71 para celebrar novo triunfo; mas, ao contrário de Metelo, que também participou do triunfo, não dispersou seu exército antes. Graças a seus sucessos militares contra os inimigos de Sila, Pompeu foi recompensado com o consulado do ano 70: tecnicamente, esse consulado era tão ilegal quanto seus dois triunfos, pois ele ainda não ocupava uma posição no Senado; mas o seu caso era excepcional. Devido a sua inexperiência, *Varrão teve de escrever para ele um manual sobre procedimentos senatoriais. O colega de Pompeu no cargo de cônsul era seu ciumento rival, *Crasso, com quem tinha pouca possibilidade de cooperação; apesar disso, ambos incluíram modificações na Constituição de Sila (principalmente com referência à restauração do poder tribúncio), aceitas pelos nobres (*optimates*).



Cabeça de Pompeu, cópia do início do período imperial. Copenhagen, Ny Carlsberg Glyptotek.



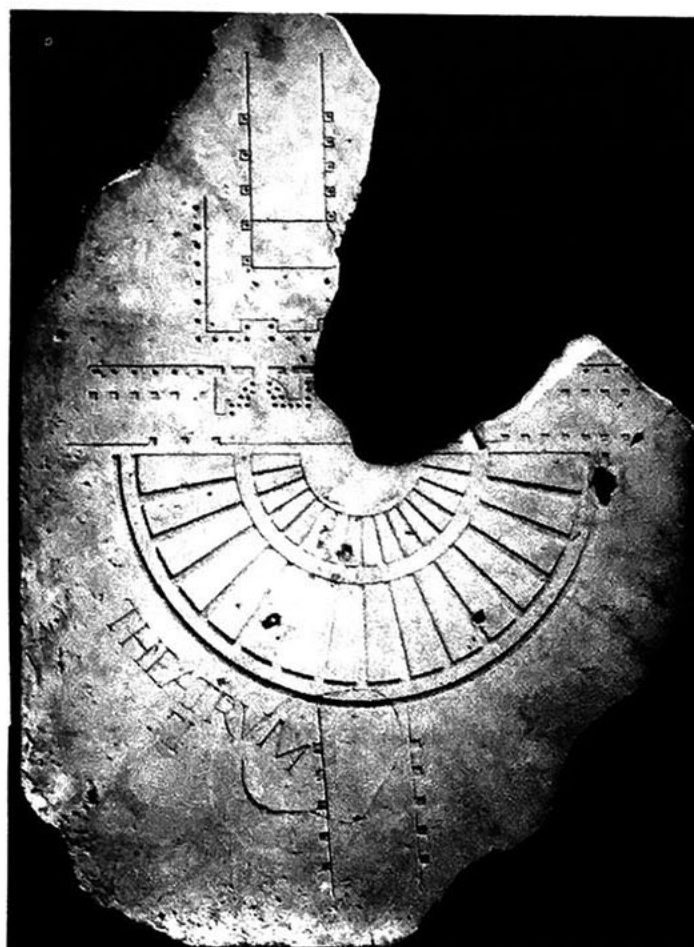
Organização do Oriente por Pompeu, 67-63 a.C.

Pompeu gozava agora da posição e do prestígio de um *consularis*, mas os *optimates* não pretendiam permitir-lhe maior progresso. Assim, teve que apelar para a legislação popular a fim de obter seus próximos comandos importantes: poderes quase ilimitados no Mediterrâneo contra a pirataria (67), e nas províncias orientais contra *Mitridates (66). Após rápidos sucessos militares, Pompeu empreendeu por conta própria (desdenhando a costumeira comissão de conselheiros senatoriais) uma ampla colonização das províncias romanas no Oriente e dos Estados clientes, o que triplicou a arrecadação do Tesouro. Sua vasta clientela abrangia todas as partes do mundo romano: no Oriente, onde se exibia como monarca helênico, sua influência era imensa, e ele adquiriu, assim, uma fortuna pessoal que ultrapassava até mesmo a notória riqueza de Crasso. Em Roma, os *optimates* começaram a desconfiar de seus métodos e de seu poder excessivo; embora Pompeu tenha feito recuar seu exército na Itália antes de celebrar seu terceiro e mais magnífico triunfo (61 a.C.), o Senado (liderado por *Catão "Uticense" e *Luculo) opôs-se a seus pedidos de soldo para os veteranos e ratifica-

ção de sua colonização no Oriente. Isso forçou-o, em 59, a estabelecer uma coalizão com seu antigo rival, Crasso, e com o cônsul *César (com cuja filha, *Júlia(1), ele se casou) para sobrepujar os nobres (*optimates*).

No começo dos anos 50, a influência de Pompeu em Roma foi bastante diminuída pelas atividades de *Clódio e pelas sucessivas vitórias de César na Gália. Mas ele se fortaleceu com a renovação do Triunvirato em Luca (56): obteve novo consulado em 55 e o comando dos exércitos da Espanha — que ele, na realidade, comandava de Roma, através de seus legados. As mortes de Júlia (54 a.C.) e de Crasso (53) tornaram mais óbvia sua rivalidade com César. Os *optimates* passaram a cortear-lo como instrumento a ser usado contra César; e Pompeu, que acima de tudo ansiava pelo reconhecimento deles, rompeu a ordem governamental para depois posar como seu restaurador. Os *optimates* atenderam em parte a seu desejo de ser ditador,

Teatro de Pompeu (iniciado em 55 a.C.): planta no Plano da Cidade (Forma Urbis) do século II d.C.



permitindo que fosse cônsul único em 52 a.C.: essa incrível aliança foi firmada pelo casamento de Pompeu com Cornélia, filha de *Metelo Cipião.

Em 49, Pompeu comandou as forças do governo na guerra civil contra César. Foi obrigado a sair da Itália e, gozando de uma posição militar muito forte na Grécia, preparou-se para sitiá-la. Quando César atravessou o Adriático, Pompeu, embora relutante, foi persuadido pelos nobres, que faziam parte de seu grupo de conselheiros, a lutar contra ele em Farsala (48). Derrotado, Pompeu fugiu para o Egito, onde foi assassinado por ordem do governo.

POMPEU, SEXTO (*Pompeius, Sextus*) (falecido em 36/35 a.C.).

Tendo herdado de seu pai, *Pompeu, vasta influência e grande número de seguidores, Sexto Pompeu tornou-se um poderoso dinasta depois da morte de *César, e continuou a luta republicana contra o Segundo Triunvirato até 36 a.C. Destacou-se como líder das forças anti-César na Espanha (44 a.C.) e, depois da morte de César, recebeu do Senado



Denário: Sexto Pompeu como "filho de Netuno".

um amplo comando naval (43). Pouco depois, o Triunvirato foi formado e Pompeu foi proscrito, mas, com a frota e o exército, pôde estabelecer uma poderosa base independente na Sicília, que servia de refúgio para os proscritos e de onde ele bloqueou a Itália. Continuou popular em Roma e, em 39, os triúviro foram obrigados a neutralizar a forte ameaça estratégica que ele personalizava, incluindo-o no tratado de distribuição do poder, firmado em Misena. *Otaviano reabriu as hostilidades em 38, mas sofreu vários reveses antes de derrotar Pompeu em Nauloch (36 a.C.). A propaganda de Otaviano o descrevia como chefe pirata, mas Pompeu celebrou sua

longa supremacia nos mares intitulando-se "filho de Netuno", título que aparece em suas moedas.

POMPEU ESTRABÃO (*Pompeius Strabo*), cônsul, 89 a.C.

Cneu Pompeu Estrabão, pai de *Pompeu, distinguiu-se na guerra civil, primeiro como legado (90 a.C.) e depois como cônsul, em 89, quando conseguiu eliminar a resistência no norte da Itália (ao capturar a cidade de Ásculo) e assegurar para si o único triunfo da guerra. Em Roma, fez aprovar a *Lex Pompeia*, que conferia direitos latinos à Gália Cisalpina e estabelecia uma grande clientela pessoal na região. Venceu a guerra à frente de um exército devotado, recrutado principalmente através de sua grande influência no Piceno, região em que possuía propriedades. Conservou o exército por mais dois anos, transformado em forte presença independente no Piceno, e preparado para intervir de modo decisivo nas disputas em Roma. Recusou-se a obedecer às ordens do governo de Roma e permitiu a seus soldados que matassem o cônsul de 88, enviado para assumir seu exército. Estava provavelmente negociando com *Cina quando morreu, em 87. Juntamente com *Sila, foi um dos primeiros dinastas militares e deixou uma reputação de crueldade sem princípios.

POMPEU FALCÃO, QUINTO (*Pompeius Falco, Quintus*), cônsul, 108 d.C.

Soldado e administrador notável, Quinto Pompeu Falcão foi condecorado por seus serviços durante a primeira guerra contra a Dácia (102-103 d.C.). Governou a Lícia-Panfília antes de se tornar cônsul, e depois a Mésia Inferior, a Bretanha (antes de 122) e a Ásia. Morreu depois de 140 d.C.

POMPÔNIO SEGUNDO, PÚBLIO (*Pomponius Secundus, Publius*), cônsul, 44 d.C.

Homem de bom gosto e poeta talentoso, Pompônio passou os últimos dias do reinado de *Tibério na prisão. No tempo de *Cláudio, não foi prejudicado pelas tendências republicanas e atividades rebeldes de seu irmão Quinto (cônsul em 41), e, como governador da Germânia Superior (50-51), foi homenageado com insígnias triunfais na luta contra os catas. Era amigo de *Trásea Peto e de *Plínio, o Velho, que escreveu sua biografia.

PÔNCIO PILATOS (*Pontius Pilatus*), governador da Judéia, 26-36 d.C.

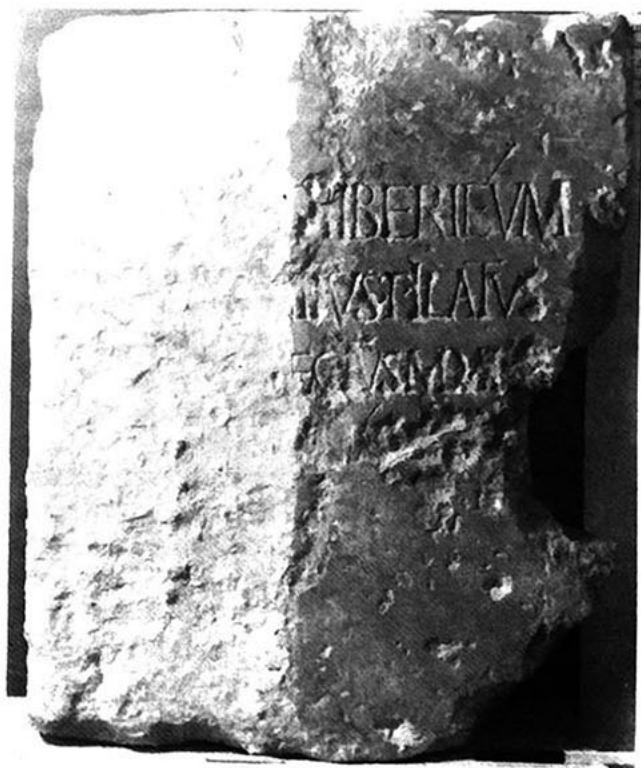
*Filão e *Josefo deixaram uma descrição desfavorável do governador, nomeado por *Tibério, que condenou *Jesus à morte. Uma inscrição se refere a um templo de Tibério construído por ele em Cesaréia. Sua rispidez e sua atitude intratável para com os judeus excediam qualquer instrução que recebera, mesmo de *Sejano, que parece ter sido anti-semita. L. *Vitéllo, governador da Síria, acabou afastando-o do cargo.

POPEU SABINO (*Poppaeus Sabinus*), cônsul, 9 d.C.

Governador da Mésia durante vinte e quatro anos, até sua morte em 35 d.C., Caio Popeu Sabino recebeu uma insígnia triunfal na Trácia, em 26 d.C. Segundo *Tácio, era "um amigo de imperadores". Sua filha, Popéia Sabina (muito bela), considerada amante de *Valério Asiático, matou-se em 47. A filha dela foi a imperatriz *Popéia.

POPÍLIO LENAS, CAIO (*Popillius Laenas, Gaius*), cônsul em 172 e 158 a.C.

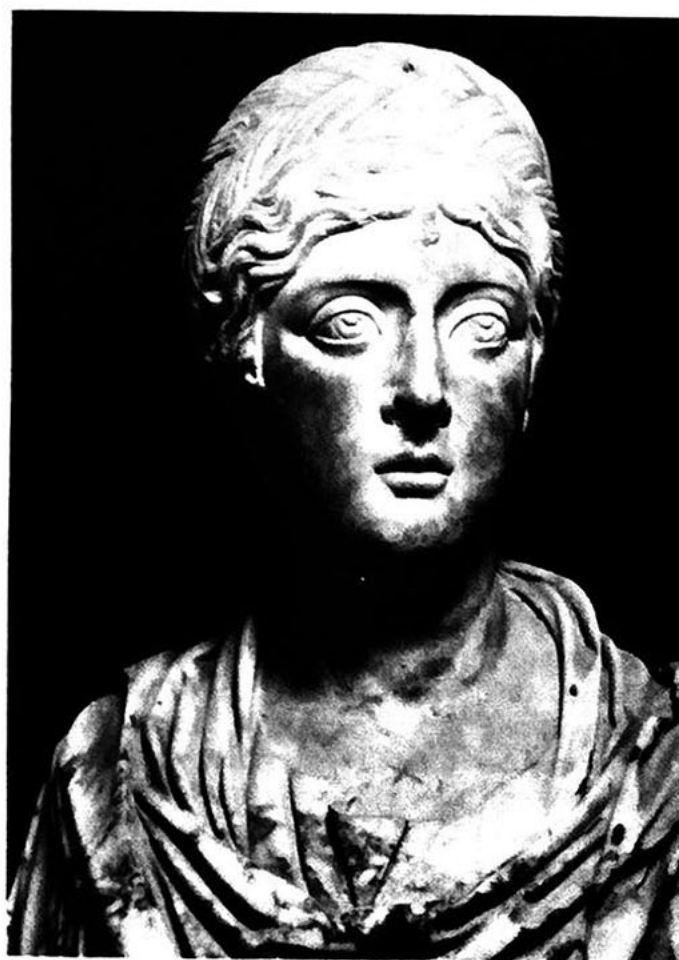
Durante seu primeiro consulado, Lenas provocou uma grande crise ao opor-se, com sucesso, às tentativas do Senado de modificar a política de seu irmão e predecessor, M. *Popílio Lenas. Houve uma virtual paralisação dos negócios públicos, e o Senado adiou até 171 a.C. a iminente declaração de guerra contra *Perseu, a fim de recusar o comando a Lenas ou a seu colega. Em 168, ele foi enviado ao Oriente, como embaixador, para exigir a re-



Dedicatória por Pôncio Pilatos, governador da Judéia.

POPEIA (*Poppaea*), imperatriz, 62-65 d.C.

Popéia Sabina, neta de *Popeu Sabino (sua mãe tinha o mesmo nome), era esposa do futuro imperador *Oto, quando sua beleza atraiu a atenção de *Nero. Tornou-se inicialmente sua amante e, depois do divórcio de *Otávia, sua esposa. A imperatriz "tinha tudo o que desejava — exceto bondade" (*Tácio). Encorajou o assassinato de *Agripina (a Jovem), e morreu grávida depois de ser chutada por seu marido. Foi deificada.



Retrato da imperatriz Popéia, 65 d.C. Roma, Museu Capitolino.

tirada de *Antíoco IV do Egito. Em uma famosa cena em Elêusis, Lenas entregou a Antíoco o decreto do Senado, desenhou na areia um círculo em torno de si e insistiu em ter uma resposta antes de sair dele. Antíoco submeteu-se a esse gesto dramático da superioridade de Roma; só então Lenas, que já conhecia Antíoco, cumprimentou-o como amigo.

POPÍLIO LENAS, MARCO (*Popillius Laenas, Marcus*), cônsul, 173 a.C.

A conduta de Lenas na Ligúria, durante seu consulado, provocou um escândalo que evidencia a brutalidade sem princípios de Roma nos negócios estrangeiros, e fornece um exemplo raro (nesse período) da impotência do Senado em corrigir os magistrados insubordinados. Lenas atacou gratuitamente uma tribo da Ligúria que não era hostil — os estacielos —, que se renderam a ele, mas só tiveram como recompensa a escravidão e a distribuição de suas terras para colonizadores romanos. Chocado com tal imoralidade e receoso das consequências internacionais, o Senado ordenou a Lenas que libertasse os estacielos e lhes devolvesse suas propriedades. Mas, com a conivência de alguns magistrados importantes, Lenas desafiou o Senado, e seus atos não foram revogados. Sua tentativa de “solução” para os problemas agrários (politicamente delicados) granjeou-lhe um forte apoio popular, que garantiu para si o cargo de censor em 159, e o consulado de 172 a.C. para seu irmão.

PORFÍRIO (*Porphyrius*) (233-depois de 300 d.C.), filósofo neoplatônico.

Porfírio estudou em Atenas com Cássio *Longino e, depois de 263, em Roma, com o famoso filósofo *Plotino. Foi em Roma que se deparou com a prática da ascese interior da alma para o Uno, que iria defender nos *Aforismos que conduzem aos inteligíveis*, um resumo dos princípios neoplatônicos. Depois da morte de Plotino, Porfírio editou as obras de seu querido mestre, e escreveu sua biografia. Seus próprios escritos eruditos foram volumosos, porém mais modestos. Ao todo, são conhecidos setenta e sete títulos; poucos sobreviveram. Suas obras incluem introduções à música, à geometria e à astrologia; as *Isagogae* (*Rudimentos*) de lógica foram, numa tradução latina, um livro didático nas escolas medievais. Porfírio preocupava-se com os va-

lores religiosos do politeísmo clássico. Explicou como os deuses faziam as plantações crescerem e interpretou o que havia dito através de oráculos; escreveu biografias de sábios antigos e explorou os significados mais profundos dos mitos de Homero. Um de seus trabalhos mais populares, *Sobre o retorno da alma*, sobreviveu apenas em curtas citações de *Agostinho. As pretensões cristãs preocuparam Porfírio: ele mobilizou uma erudição impressionante para escrever *Contra os cristãos*, trabalho enciclopédico que sobreviveu à condenação de *Constantino, até ser oficialmente incinerado em 448.

PORSENA, LARS ou LARTE (*Porsenna, Lars*), rei etrusco, fins do século VI a.C.

Porsena, rei de Clúcio, subjugou Roma por volta de 507 a.C., embora os historiadores romanos admitam apenas um cerco desesperado. Os latinos, apoiados por Cumas (que sem dúvida temia a escalada da agressão etrusca), derrotaram as forças de Porsena em Arícia; provavelmente em consequência disso, Roma recobrou sua independência.

POSIDÔNIO (*Posidonius*) (aprox. 135-51 a.C.), polímata.

Nascido em Apaméia, na Síria, Posidônio foi aluno de *Panécio. Fixou-se em Rodes, visitou Roma, viajou pelas províncias ocidentais, opôs-se a *Mário, ensinou *Cícero, admirou *Pompeu profundamente e registrou suas realizações, como fez *Teófanis. Vários fragmentos de suas numerosas obras históricas sobreviveram, assim como fragmentos sobre ciência e filosofia; sua influência sobre a narrativa histórica e as digressões geográficas de *César, *Salústio, *Tácito e *Plutarco foi bastante profunda. Os romanos recorriam a ele não só para estudarem os acontecimentos de 136 até cerca de 85 a.C. (relato severamente crítico sobre os períodos de degeneração e brutalidade de Roma, mas sempre com colorido aristocrático), mas também para uma justificação filosófica da existência de seu Império.

POSTÚMIO ALBINO (*Postumius Albinus*), historiador; cônsul em 151 a.C.

Aulo Postúmio Albino foi um dos vários senadores do século II a.C. que escreveram sobre história, em grego. *Cícero apreciava suas qualidades literárias, mas seu entusiasmo

pela cultura grega era excessivo e provocou a hostilidade de *Catão, o Velho, que era anti-helênico. Catão ridicularizou sua apologia do mau grego no prefácio da história de Postúmio.

Postúmio provocou também a hostilidade de *Políbio quando ocupava o cargo de pretor (155 a.C.): ao presidir a audiência de uma embaixada aquéia, sabotou sua missão por meio de uma manobra (Pol., XXXIII, 1, 3 e segs). No mesmo ano, recebeu melhor a famosa embaixada dos filósofos atenienses (Cic., *Acad.*, II, 137). Quando ocupava o consulado, em 151, teve sérios contratempos com o recrutamento de tropas e, juntamente com seu colega de cargo, foi aprisionado por um tribuno. Participou de várias missões importantes à Grécia e ao Oriente, inclusive a missão de colonização da Grécia (146 a.C.).

POSTÚMIO TUBERTO, AULO (*Postumius Tubertus, Aulus*), ditador, 431 a.C.(?).

Provável comandante de cavalaria do ditador Mamerco Emílio Mamercino, em 434 a.C., Postúmio derrotou os équos no monte Algidio, como ditador em 432 (*Diodoro) ou 431 (*Lívio). Se for verdadeira, a vitória pressupõe uma política externa romana e latina aparentemente vigorosa e bem-sucedida. A morte prematura de Postúmio pode explicar o fato de ele não ter ocupado, posteriormente, outros cargos regulares de magistratura; mas as datas e outros detalhes da luta (inclusive a execução de seu próprio filho, por ter deixado seu posto sem autorização) são duvidosos.

PÓSTUMO (*Postumus*), imperador da Gália, 260-268 d.C.

De origem humilde, Marco Cassiano Latínio Póstumo foi comandante militar na Gália, no tempo de *Valeriano, e provável governador de uma das Germânicas. Juntamente com Silvano, recebeu a incumbência de dirigir a política na Gália, sob o controle ostensivo do filho de *Galieno, o jovem *Salonino. Depois de uma briga com Silvano, Póstumo cercou Colônia e condenou seu colega Salonino à morte. Em 265, Galieno lutou com Póstumo, mas o resultado da batalha não foi decisivo. Póstumo consolidou sua autoridade no Ocidente, e os territórios sob seu controle incluíam a Bretanha e o norte da Espanha. Não conseguiu marchar contra Galieno, pois

foi forçado a guerrear continuamente contra os germanos. Uma revolta chefiada por *Leliano, em 268, foi reprimida após alguns meses, mas essa luta impediu Póstumo de se aproveitar da deserção do general de Galieno, *Auréolo. No mesmo ano, Póstumo foi morto por suas tropas; em seu lugar assumiu *Vitorino.



Moeda de ouro (áureo) de Póstumo, primeiro dos usurpadores da Gália durante o século III d.C.

PRETEXTATO (*Praetextatus*), prefeito pretoriano, 384 d.C.

Vétio Agório Pretextato, que morreu como cônsul designado para o ano de 385, era o principal intelectual pagão da aristocracia romana de sua época. A "era de Pretextato" foi idealizada por *Macróbio nas *Saturnálias*. *Boécio teve contato com sua tradução da obra de *Temístio sobre Aristóteles. Depois de governar três províncias, entre elas a Grécia (326-364), Pretextato foi nomeado prefeito urbano (367-368), época em que interveio em favor do papa *Dâmaso, a quem disse (segundo São *Jerônimo): "Nomeie a mim papa, e eu me tornarei cristão imediatamente". Foi delegado oficial do Senado por sete vezes, "sempre em missões difíceis"; em 384, tornou-se prefeito pretoriano da Itália, África e Ilíria, enquanto seu amigo *Símaco era prefeito urbano. Sua esposa Acônia Paulina, também da aristocracia romana, viveu com ele quarenta anos e partilhou todas as suas crenças; ela celebrou o marido como "sábio adorador da divindade múltipla dos deuses" (ele acreditava que todos eram aspectos do Deus-Sol), e citou seus cargos públicos depois dos vários cargos de sacerdote pagão que ele ocupara. A morte de Pretextato foi muito lamentada, mas São Jerônimo o condenou à escuridão exterior, não ao "palácio divino da imaginação de Paulina".

PRIMO, ANTÔNIO (*Primus, Antonius*), partidário de Vespasiano, 69 d.C.

Marco Antônio Primo foi um forte partidário de *Galba (que o reconduziu ao Senado depois que *Nero o expulsou) e de *Vespasiano. Seu momento de glória — a supervisão dos interesses flavianos em Roma, depois da queda de *Vitélio — foi truncado pela chegada de *Muciano; suspeito de flertar com as causas de *Oto e de Vitélio, foi encorajado a voltar para sua cidade natal (Toulouse), onde viveu o resto de sua vida.

PRISCILIANO (*Priscillianus*) (falecido em 385 d.C.), herético cristão.

Durante o fim da década de 370, Prisciliano, nascido leigo espanhol, pregava uma visão ascética e extravagante da prática cristã, que lhe valeu muitos seguidores na Espanha e no sudoeste da Gália. Em 380, Prisciliano foi condenado por um concílio, mas seus seguidores consagraram-no bispo de Ávila e conseguiram o reconhecimento da corte de *Graciano. O usurpador *Máximo, entretanto, era um católico ansioso por conciliar a opinião ortodoxa através da perseguição dos “maniqueus”; assim, permitiu aos inimigos de Prisciliano que obtivessem sua condenação pelo Concílio de Bordeaux (384), e depois, quando ele recorreu ao imperador, apesar do protesto de São *Martinho, sua execução por uma corte secular. Houve grande revolta contra os seus acusadores; e na Espanha, onde ele era considerado um mártir, sua postura cristã foi seguida até o século VI d.C.

PRISCO (*Priscus*) (aprox. 305-aprox. 396 d.C.), filósofo neoplatônico.

Aluno de *Edésio, assim como seus companheiros *Máximo de Éfeso e *Crisântio, Prisco ensinou filosofia neoplatônica em Atenas e exerceu influência sobre o jovem *Juliano, tornando-se seu conselheiro pessoal; serviu à corte durante seu reinado (361-363), e acompanhou o imperador à Pérsia (363). Preso com Máximo durante o reinado de *Valente, Prisco foi solto e voltou a lecionar na Grécia.

PROBO (*Probus*), imperador, 276-282 d.C.

Nascido em Sírmio, em 232, Marco Aurélio Probo, assim como vários imperadores do século III, chegou ao poder depois de uma notável carreira militar, cujos detalhes



Moeda de ouro (áureo) do imperador Probo (tamanho ampliado).

são desconhecidos. Seus antecedentes também são obscuros e, embora se afirme que seu pai era um tal Dalmácio, descrito como um jardineiro rústico, tal fato é provavelmente fictício. A *História augusta* afirma que ele serviu como tribuno no tempo de *Valeriano, e esteve sob o comando de *Aureliano, por algum tempo, no Egito. Embora ambas as afirmações sejam plausíveis, a falibilidade da *História augusta* impede sua aceitação sem reservas. Probo foi proclamado augusto em 276, depois da morte de *Tácio(2), e tornou-se imperador incontestado quando Floriano foi traído por suas tropas, alguns meses mais tarde. Uma vez que o Oriente estava temporariamente em paz, Probo concentrou-se no Ocidente, derrotando os godos na Ilíria. Levou então seu exército para a Gália, onde forçou os francos, os longiones e os alamanos a atravessarem de volta a fronteira do Reno. Pacificou depois a Récia, e repeliu uma invasão de vândalos na Ilíria. Seu reinado foi prejudicado por agitações nas províncias, mas ele teve sucesso ao lidar com vários usurpadores. Estudiosos recentes põem em dúvida sua reputação de ter mantido boas relações com o Senado, aumentando seu poder. Seus trabalhos de restauração desenvolvidos nas províncias — principalmente o conserto dos canais de irrigação e as tentativas

para estimular a viticultura — tinham sólidas bases econômicas. Por volta de 282, Probo celebrou um triunfo em Roma e, depois, partiu para o Danúbio. Foi morto no mesmo ano por seus soldados descontentes.

PROBO, MARCO VALÉRIO (*Probus, Marcus Valerius*), gramático, ativo nos séculos I-II d.C.

Probo era natural de Berito (Beirute). Numerosos trabalhos de gramática latina, atribuídos a ele, não são autênticos; na verdade, Probo publicou poucas obras, e teve mais seguidores do que alunos (*Suetônio, *Gramm.*, 24). No entanto, seu trabalho sobre os textos de *Terêncio, *Lucrécio, *Horácio e *Virgílio teve, reconhecidamente, influência profunda e duradoura.

PROBO, PETRÔNIO (*Probus, Petronius*), prefeito pretoriano, 368-375 d.C.

Sexto Cláudio Petrônio Probo (aprox. 328-aprox. 388), o grande aristocrata que se casou com uma descendente dos Anícios, identificava seus lucros pessoais com o bem público, do mesmo modo que seu sogro *Olíbrio. Depois de governar a África (358), foi nomeado prefeito pretoriano por *Valentiniano I, e administrou a Itália, a África e a Ilíria (368-375) durante a maior parte de seu reinado, tendo sido o único civil a tornar-se cônsul (371). Apesar da repentina revelação de sua cruel tirania com relação aos impostos, Probo manteve o cargo, e voltou a ocupá-lo em 383. Recebeu cartas obsequiosas de *Símaco e de *Ambrósio, e um panegírico póstumo de *Claudiano; várias inscrições confirmam que seu esplendor e sua prodigalidade eram admiradas por muitos (afirma-se que dois juristas persas vieram a Roma para visitá-lo), mas de acordo com São *Jerônimo, suas taxas injustas arrasaram as províncias “antes que os bárbaros o fizessem”. Este veredicto é confirmado por *Amiano, que nos dá um brilhante retrato (XXVII, 11) desse formidável patrono e proprietário de terras. Probo foi enterrado atrás do altar de São *Pedro, envolto em um sudário bordado a ouro; seu sarcófago ainda existe, e contém um epitáfio em versos que congratula sua família por ter conseguido um poderoso protetor na corte de Cristo.

PROCLO (*Proclus*) (410-485 d.C.), escolarca de Atenas e filósofo.

Nascido em Constantinopla em 410, Proclo estudou em Alexandria e depois em Atenas, com Plutarco e Siriano; tornou-se chefe da Escola de Atenas, e viveu nessa cidade até sua morte, em 485. Inspirado pelas teologias órfica e caldéia, Proclo aderiu à prática teúrgica ascética. Foi o mais importante dos últimos filósofos neoplatônicos, e sustentava uma perspectiva radicalmente realista; deixou uma grande coleção de obras, inclusive comentários monumentais sobre a *República* e o *Timeu* de Platão.

PROCÓPIO (*Procopius*), usurpador no Oriente, 365-366 d.C.

Procópio foi companheiro do imperador *Juliano; era natural da Cilícia, onde nasceu em aproximadamente 326. Notabilizou-se no secretariado da corte de *Constâncio II, e comandou um exército durante a invasão da Pérsia efetuada por *Juliano em 363. Mais tarde, alegou ser o sucessor preferido por Juliano, mas, após a ascensão de *Valente, teve de se esconder. Surgiu depois em Constantinopla, onde foi proclamado imperador pelas tropas insubordinadas (28 de setembro de 365). Após alguns sucessos iniciais, perdeu o apoio das tropas para Valente e, em 27 de maio de 366, foi derrotado e morto.



Moeda de ouro do usurpador Procópio.

PRÓCULO (*Proculus*), jurista, século I d.C.

Importante autoridade em leis do século I d.C., ainda que obscuro, Próculo adquiriu proeminência durante o reinado de *Nero, e reviveu a tradição legal de Antístio *Labeão. De acordo com uma corrente de historiadores, pode ser Semprônio Próculo.

PROERÉSIO (*Prohaeresius*) (aprox. 276-aprox. 367 d.C.), retórico cristão.

De origem armênia e único professor cristão famoso no Oriente, durante o século IV, Proerésio estudou em Antióquia e em Atenas antes de ocupar uma cátedra nessa cidade. Seus alunos vinham da Ásia Menor e do Egito, entre eles São *Basílio, São *Gregório de Nazianzo e o pagão *Eunápio. O imperador *Constante convidou-o à Gália e concedeu-lhe uma prefeitura pretoriana honorária. Uma estátua sua, de bronze, foi erigida em "Roma, a rainha das cidades, em honra ao rei da eloquência". Renunciou temporariamente a seu cargo em 362, em consequência da lei de *Juliano que proibia aos cristãos lecionarem retórica, embora se abrisse uma exceção para ele. Nenhuma de suas obras sobreviveu.

PROJETA ou **PROJECTA** (*Projecta*), herdeira cristã, fins do século IV d.C.

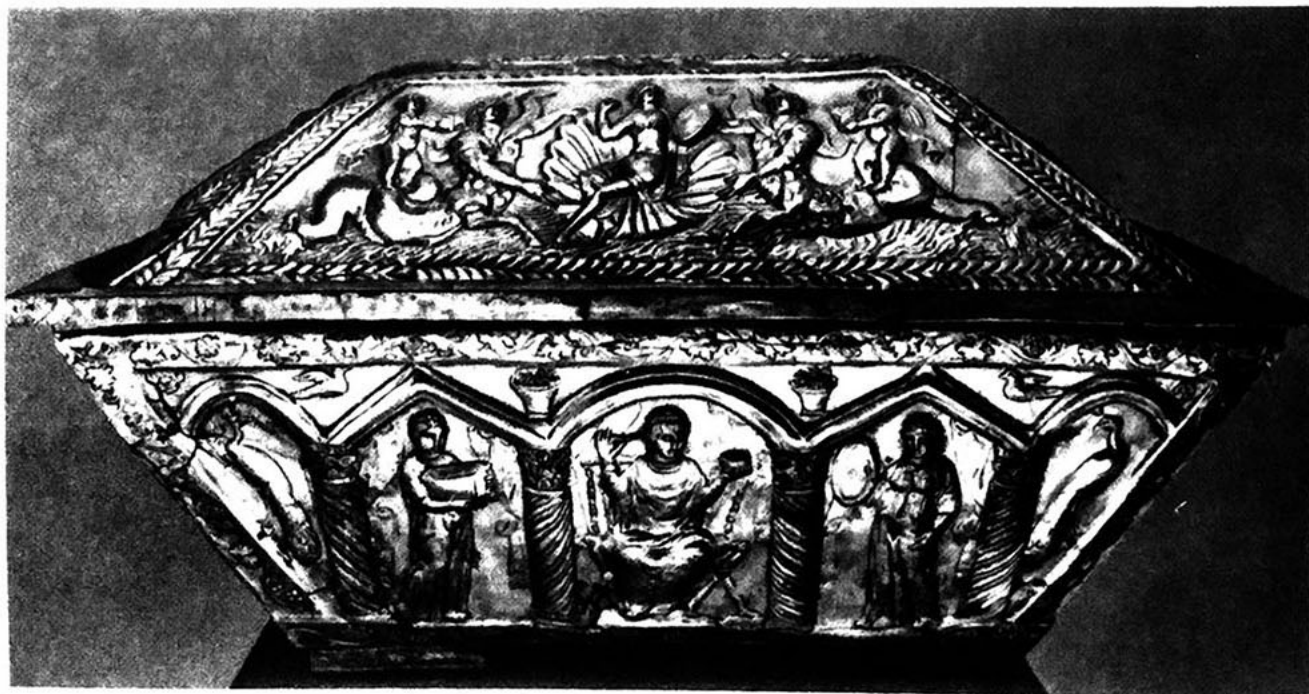
O casamento de Projeta com um dos Túcios, importante família do fim do Impé-

rio, foi comemorado com o magnífico porta-jóias de prata e outras baixelas do Tesouro Esquilino. Ela deve ter morrido logo após o casamento, com a idade de dezesseis anos.

PROPÉRCIO (*Propertius*) (54 ou 47-depois de 16 e antes de 2 a.C.), poeta elegíaco.

Natural da Úmbria, filho orgulhoso de uma família bem-estabelecida em Assisi, Sexto Propércio escreveu com vigor excepcional sobre os horrores da guerra civil, que provavelmente atingiu sua família. Renunciando a uma carreira pública, viveu em Roma e escreveu quatro livros de elegias (28, 26, 23 e 16 a.C., ou mais tarde). Embora dedicasse alguns poemas a *Mecenas, parece não ter sido um membro ativo dos círculos literários que *Horácio e *Virgílio freqüentavam e, com certeza, não mostrava nenhum entusiasmo por vários dos ideais da era de *Augusto, tais como legislação moral, serviço militar ou as glórias da vitória em Áccio sobre *Marco Antônio e *Cleópatra. Pelo menos treze, ou mesmo dezenove elegias do primeiro livro, são dedicadas a seu amor por Cíntia (pseudônimo), tema central de seu trabalho, embora o tratamento intenso e complexo do primeiro livro

Porta-jóias de prata (28 x 56 cm) do enxoval de Projeta: em cima, Vênus com tritões; embaixo, a noiva aprontando-se, cercada por criadas. Londres, Museu Britânico.



dê lugar a uma sagacidade implacável e cintilante no quarto livro. Os temas não-eróticos tornam-se cada vez mais importantes ao longo da obra (note-se o tributo a Calímaco, fundador da poesia culta antiga, III, 1); o livro IV compila, com força e inteligência notáveis, temas romanos e antigos, trata de amor (tanto cômico quanto trágico), celebra Cíntia e, na "rainha das elegias", IV, 11, faz um tributo póstumo, profundamente emocionante mas não de todo compreensível, sobre a grande Cornélia, dama da aristocracia. Nossa compreensão de Propércio não foi facilitada pelas corruptelas e transposições dos escribas medievais; seu estilo, entretanto, deve ter sido sempre nervoso e alusivo.

PRÓSPERO DA AQUITÂNIA (*Prosper*), cronista gaulês, século V d.C.

Nascido na Aquitânia, Próspero mudou-se para Marselha para tornar-se monge e, mais tarde, secretário do papa *Leão I. Manteve correspondência com *Agostinho e escreveu obras contra *Pelágio e sua doutrina; seu trabalho mais importante é uma continuação da *Crônica* de São *Jerônimo que chega à metade do século V d.C.

PRUDÊNCIO (*Prudentius*) (aprox. 348-410 d.C.), poeta cristão.

A maioria das informações sobre Aurélio Prudêncio Clemente, o melhor dos poetas cristãos do século IV, nos é dada pela introdução autobiográfica à coleção de suas obras. Nasceu provavelmente em Saragoça, em 348, teve uma formação retórica, trabalhou como advogado e depois foi governador de província duas vezes. Finalmente, ocupou um cargo honroso no palácio em Roma. Seus trabalhos incluem a *Ronda diária*, doze hinos devocionais de excepcional beleza, escritos em métrica horaciana; *Contra Simaco*, hexâmetros polêmicos contra o famoso discurso de *Simaco em favor da restauração do Altar da Vitória (escrito bem depois da disputa real); *Peristefanon*, a primeira celebração dos mártires cristãos; *A origem do pecado* e *Apoteose*, polêmicas contra as heresias; e a *Psicomachia*, batalha alegórica entre Virtudes e Vícios, passada na alma humana, e que exerceu grande influência no desenvolvimento da alegoria medieval.

PRÚSIAS II (*Prusias*), rei da Bitínia, aprox. 182-149 a.C.

Quando, em 167 a.C., Prúsias trouxe seu filho Nicomedes para ser educado em Roma, sua atitude servil perante o Senado mereceu o desprezo de *Políbio (XXX, 18, 1 e segs.). Quando *Êumenes II perdeu o favor de Roma, Prúsias tentou explorar a situação, mas os romanos levantaram fortes objeções a seus ataques contra *Átalo II, na década de 150 a.C. Em 150, quando Nicomedes se revoltou contra seu pai, com o apoio de Pérgamo, Prúsias não recebeu auxílio de Roma, e foi morto.



Protótipo de moeda de Prúsias II, da Bitínia.

PTOLOMEU (*Ptolemaeus*), geógrafo e matemático, século II d.C.

Egípcio, Cláudio Ptolomeu escreveu suas obras durante os reinados de *Adriano e *Antonino Pio, e foi autoridade máxima em vários campos científicos. Escreveu várias obras importantes sobre astronomia: a principal delas foi o *Almagesto*, obra didática em treze volumes, que permaneceu como cânon por mais de mil anos, e na qual Ptolomeu desenvolveu uma nova teoria sobre a Lua e os cinco planetas. Escreveu também a mais completa e mais acurada obra de geografia da Antiguidade, embora contenha vários erros devido ao fato de ter subestimado a circunferência da Terra. Escreveu ainda trabalhos importantes sobre astrologia, música, ótica e filosofia.

PTOLOMEU VI "FILOMÉTOR" (*Ptolemaeus*), rei do Egito, 180-145 a.C.

Expulso do Egito por seu irmão mais jovem, *Ptolomeu "Fiscão", em 164 a.C., Ptolomeu fugiu para Rôma, supostamente em farrapos, mas conseguiu seu reino de volta.

no ano seguinte, confinando "Fiscão" em Cirena e confirmando a divisão do reino, ratificada por enviados romanos. Sua recusa em aceitar a decisão do Senado, que modificara a divisão em favor de "Fiscão", provocou a quebra de sua aliança com Roma, em 161 a.C. Mesmo assim, "Filométor" manteve seu reino intato até sua morte, ocorrida em 145 a.C.

PTOLOMEU VIII "FISCÃO" (*Ptolemaeus*), rei do Egito/Cirena, 170-116 a.C.

Os apelos de Ptolomeu contra a divisão do reino ptolemaico de 163 a.C. foram apoiados pelo Senado, mas a resistência de *Ptolomeu VI "Filométor" foi mantida. Suas relações com o Senado foram intensificadas com a publicação de seu testamento (aprox. 155 a.C.), no qual ele deixava seu reino como herança para Roma, no caso de morrer sem filhos. Embora Ptolomeu tivesse herdeiros posteriormente, seu testamento passou a ser um exemplo para os futuros dinastas. Com a morte de seu irmão, em 145, ele anexou a parte de "Filométor" a seu reino, e governou até sua morte. Quando *Cornélia ficou viúva, fez-lhe uma proposta de casamento. Ptolomeu era muito gordo, razão pela qual tinha o apelido de "Fiscão" (ou seja, barrigudo).

PTOLOMEU XII AULETES (*Ptolemaeus*), rei do Egito, 80-51 a.C.

Temendo a anexação de seu reino por Roma, Ptolomeu obteve um reconhecimento formal em 59 a.C., pagando enormes subornos aos triúmviros (ver *César). Expulso por seus súditos algum tempo depois, pagou uma quantia ainda maior (10 000 talentos) para assegurar sua volta ao trono com o apoio de *Gabinio, em 55 a.C. Essa quantia foi financiada com empréstimos de *Rabírio Póstumo, depois nomeado ministro das Finanças do Egito. As atividades de Ptolomeu Auletes provocaram escândalo em Roma.

PUBLÍLIO FILÃO, QUINTO (*Publius Philo, Quintus*), cônsul em 339, 327, 320 e 315 a.C.

Estadista plebeu de grande influência, atribui-se a Publílio um triunfo (339 a.C.) sobre os latinos, uma ditadura duvidosa e uma legislação em favor dos plebeus, que tornou os plebiscitos obrigatórios no Estado romano (no mínimo uma deturpação), exigia

a aprovação prévia dos patrícios para toda legislação apresentada na Assembléia Centuriata, e impunha que um dos censores fosse sempre plebeu. Pessoalmente Publílio foi o primeiro plebeu a se tornar pretor (336), e ocupou o cargo de censor em 332 a.C. Em 327 a.C., sitiou Nápoles, e veio a ser o primeiro magistrado a ter seu comando prorrogado. Sua campanha na região da Campânia, em 320 a.C., deve datar de 315 a.C.

PUBLÍLIO SIRO (*Publius Syrus*), autor de mimos, ativo em aprox. 43 a.C.

Publílio era provavelmente originário de Antióquia, e era um liberto de outro liberto. Popular como ator em toda a Itália, escreveu com sobriedade e inesperada seriedade moral. Sobreviveu uma grande coleção de máximas, muitas vezes atribuídas a ele erroneamente. Ver *Labério.

PULQUÉRIA (*Pulcheria*), augusta, 414-453 d.C.

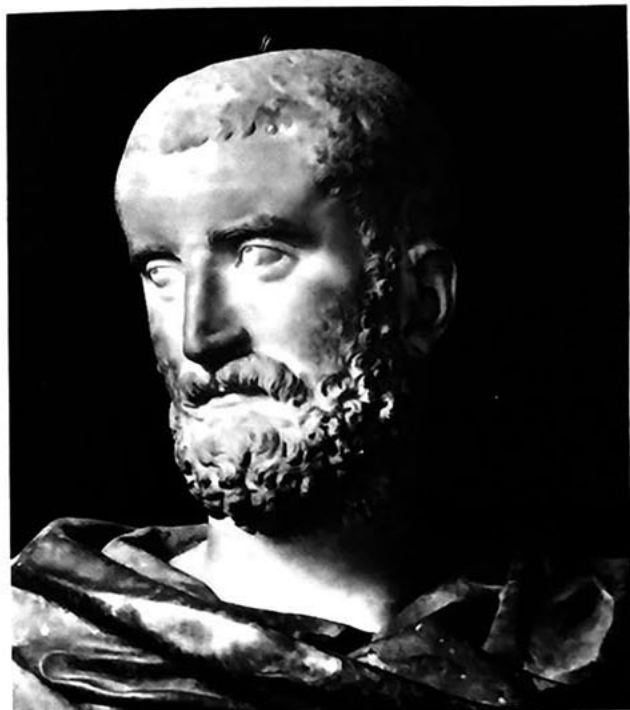
Irmã mais velha de *Teodósio II, Pulquéria foi proclamada augusta em 4 de julho de 414 e, após o afastamento de *Antêmio do cargo de prefeito pretoriano, ela passou a dominar a corte. Embora fosse apenas dois anos mais velha, tomou para si a tarefa de educar seu irmão. Sua influência determinou a atmosfera de piedade monástica que parece ter permeado a corte de Teodósio II. Sua ascendência sobre o irmão começou a declinar por causa de sua rival, a augusta *Eudócia, esposa do imperador; acabou cedendo lugar ao poderoso eunuco e camareiro Crisáfio, que dominou a corte na década de 440. Pulquéria havia recobrado seu poder por ocasião da morte de Teodósio (450), e conseguiu assegurar a sucessão do trono para o ex-soldado *Marciano, com quem se casou. Pulquéria morreu em 453.



Moeda de ouro (tremissis) de Pulquéria.

PUPIENO (*Pupienus*) (174(?)–238 d.C.), imperador, 238 d.C.

Marco Clódio Pupieno Máximo era de origem humilde, mas teve uma carreira ilustre, servindo como procônsul na Ásia e prefeito urbano, quando, em 238, juntamente com *Balbino, foi eleito imperador pelo Senado após as mortes de *Gordiano I e II. O reinado conjunto durou noventa e nove dias, durante os quais *Gordiano III foi indicado para César e *Maximino Trácio foi morto por suas tropas. Balbino e Pupieno foram mortos pela guarda pretoriana descontente.



Busto do imperador Pupieno. Florença, Uffizi.

QUIETO (*Quietus*), imperador, 260–261 d.C.

Irmão mais jovem de *Macriano, Tito Fúlvio Júnio Quietos foi proclamado Augusto,

Moeda de prata (antoniniano) do imperador Quietos.



no Oriente, juntamente com seu irmão, depois da captura de *Valeriano pelos persas. Em 261, após a derrota de Macriano na Ilíria, Quietos foi morto por *Odenato em Emesa.

QUINTILIANO (*Quintilianus*) (33/35–antes de 100 d.C.), orador e educador.

Nascido em Calagurre (hoje Calahorra), no Ebro, Marco Fábio Quintiliano provavelmente iniciou sua carreira fazendo petições nas cortes romanas (em aprox. 53 d.C.) e estudando com o orador Domício *Afer. Cerca de dez anos depois, voltou à Espanha, mas *Galba trouxe-o de novo para Roma, e em 88 d.C. Quintiliano tornou-se o primeiro professor a ocupar uma cátedra pública de retórica latina com salário bastante elevado. Entre seus alunos, estavam o jovem *Plínio e os sobrinhos-netos de *Domiciano.

Quintiliano escreveu *Sobre as causas da corrupção da eloquência*, vários discursos, dois livros sobre a arte da retórica e *A educação do orador* (*Institutio oratoria*), sua obra mais importante, que sobreviveu em doze volumes (escritos em pouco mais de dois anos, provavelmente antes de 96 d.C.). De enorme influência, escrita por um orador e professor experiente, essa obra abrange a educação desde a infância até o nível de um orador plenamente habilitado, “o homem bom, experiente na arte de falar”, modelo que Quintiliano esperava ver cumprido em seu filho (que morreu com cinco anos). Fez críticas à prática da declamação e ao ensino formal dos retóricos, e considerou a oratória de seu tempo corrompida e degenerada; era admirador de *Cícero. Nem todos os seus preceitos são realistas, nem todos os seus julgamentos literários (ver principalmente X, 1) continuam válidos, mas suas discussões são lúcidas, humanas (ele não tem nada de um *Orbílio), patrióticas, emocionadas, às vezes engraçadas, inapelavelmente morais e ricamente esclarecedoras.

QUINTILO (*Quintillus*), imperador, 270 d.C.

Marco Aurélio Cláudio Quintilo era o comandante das tropas na Itália, e foi proclamado imperador em 270, após a morte de seu irmão *Cláudio II (Gótico). Seu reinado foi breve: sua duração real não é conhecida, mas não deve ultrapassar alguns meses. Ele cometeu suicídio, ou foi morto por suas tropas.

QUINTO DE ESMIRNA (*Quintus*), poeta, século IV d.C.

Ativo provavelmente durante o século IV d.C., Quinto escreveu um épico que é uma continuação da *Iliada* de Homero; a obra consistia em catorze livros, particularmente importantes por causa da tradição de vários mitos não-homéricos relacionados com Tróia.

QUIRÍNIO (*Quirinius*), governador da Síria, 6 d.C.

Públio Sulpício Quirínio (cônsul em 12 a.C.) superou suas origens humildes por meio de seu zelo incansável como comandante: na última década antes de Cristo, suas campanhas bem-sucedidas na Cilícia valeram-lhe a insígnia triunfal, e provavelmente recomendaram-no para conselheiro de Caio *César no Oriente, sucedendo a *Lólio, cujo engano (o de não cultivar a amizade de *Tibério, então em Rodes) ele não repetiu. Em 6 d.C., como governador da Síria, realizou o censo a que se refere Lucas em 2, 2; não se sabe, porém, como explicar a data da Natividade citada por Mateus. Quirínio morreu em 21 d.C., muito rico, poderoso e detestado (Tac., *Anais*, III, 48).

QUODVULTDEUS (*Quodvultdeus*) (falecido em 453 d.C.), bispo de Cartago.

Diácono, amigo e correspondente de *Agostinho (428), Quodvultdeus era bispo de Cartago na época da invasão dos vândalos. Foi banido por *Geiserico, em 439, e fugiu para Nápoles, onde morreu em 453. Escreveu doze sermões, que sobreviveram como parte das obras completas de Agostinho, e também um *Livro das promessas e predições de Deus*, antes atribuído a *Próspero da Aquitânia.

RABÍRIO PÓSTUMO (*Rabirius Postumus*), pretor em 48 a.C.; banqueiro.

Banqueiro muito rico, Caio Rabírio Póstumo ligou-se aos triúmviros, na década de 50 a.C., e depois a *César, com cujo apoio se tornou senador e provavelmente chegou à pretoria (48 a.C.). Em 55 a.C., depois de arranjar empréstimos para *Ptolomeu XII Auletes, tornou-se ministro das Finanças de sua corte, e começou a saldar as dívidas reais espoliando o povo egípcio. Foi mandado para

a prisão por Auletes, mas conseguiu fugir para Roma, onde foi acusado de extorsão (54 a.C.). Rabírio foi defendido por *Cícero e exonerado de culpa.

REGALIANO (*Regalianus*), usurpador, aprox. 260 d.C.

Cornélio Públio Regaliano era general de *Galieno e servia na Ilíria quando, por volta de 260, foi proclamado imperador por suas tropas, que, entretanto, o assassinaram pouco depois.

RÉGULO (*Regulus*), cônsul, 267 e 256 a.C.

Durante seu segundo consulado, Marco Atilio Régulo aproveitou-se de sua vitória naval em Ecnomo para invadir a África, tornando-se o primeiro romano a fazê-lo. Após alguns sucessos iniciais, seu exército foi aniquilado por *Xantipo, em 255 a.C., e ele foi capturado. Uma lenda que não faz parte da história romana conta que Régulo foi enviado a Roma como representante de Cartago para discutir a paz, sob o juramento de que voltaria; ele insistiu com o Senado para que rejeitasse os termos de paz, mas manteve sua palavra, e os cartagineses o torturaram até a morte.

RÉGULO, MARCO AQUÍLIO (*Regulus, Marcus Aquilius*), informante, século I d.C.

Régulo acumulou riquezas e notabilizou-se processando dissidentes políticos, abertamente no tempo de *Nero, e mais discretamente no período de *Domiciano. O relato infamante que dele faz *Plínio, o Jovem, em suas cartas — “a coisa mais funesta que anda sobre duas pernas” —, reflete a impopularidade que suas atividades provocavam.

RICIMERO (*Ricimer*), comandante dos soldados e patrício, 456-472 d.C.

Embora impedido de ocupar o trono por causa de sua origem bárbara e de seu arianismo (ver *Ário), Flávio Ricimero dirigiu a política romana no Ocidente por dezesseis anos, impondo-se sobre vários imperadores. Era filho da realeza gótica e sueva, cunhado e tio de príncipes da Borgonha e, durante quatro anos, foi marido da filha de *Antêmio. Com sua posição assegurada pela vitória naval sobre os vândalos (456), Ricimero depôs seu patrono, *Avito, em favor de *Majoriano, que ele mais tarde executou (461). Seu fantoche

mais fácil de dominar foi o obscuro Líbio Severo (imperador, 461-465), que concordou em fazer várias concessões aos godos e suevos, mas Ricimero teve sua posição ameaçada por *Geiserico e pela própria aristocracia romana. Em 467, concordou relutantemente com a proclamação de Antêmio e se casou com a filha dele, mas não participou da expedição contra os vândalos (468). Incompatibilidades políticas e pessoais levaram-no a um rompimento definitivo, e Ricimero substituiu Antêmio por *Olíbrio (472); no entanto, morreu seis semanas mais tarde. Durante o período em que deteve o poder, Ricimero conseguiu preservar uma certa continuidade administrativa, mas a concessão de territórios romanos às tribos germânicas enfraqueceu ainda mais o Império.

RICOMERO (*Ricimer*), comandante-em-chefe, 388-393 d.C.

Assim como seu superior *Merobaudes(1), Ricimero era um dos generais de origem franca que participaram da corte de *Graciano, que o enviou para auxiliar *Valente contra os godos. Em 383, Ricimero ocupava o posto de comandante-em-chefe da fronteira oriental, onde obteve o apoio de *Libânio por ser seu admirador pagão. Foi cônsul em 384 e um dos comandantes do exército que derrotou o usurpador *Máximo (388); durante o reinado de *Teodósio I, foi um dos dois comandantes-em-chefe, até morrer em 393. Ricimero apresentou seu sobrinho *Arbogaste a seu futuro imperador-fantasma, *Eugênio.

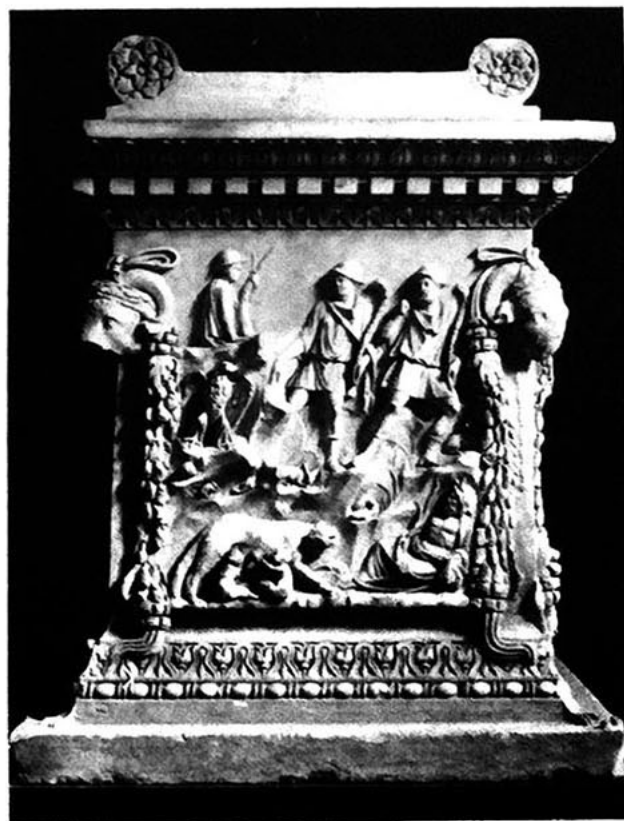
ROMANO (*Romanus*), comandante do exército da África, aprox. 363-aprox. 373 d.C.

Embora severamente criticado por *Amiano, Romano comandou o exército africano durante a maior parte do reinado de *Valentiniano I. Não conseguiu proteger as cidades da Tripolitânia dos ataques dos nômades (aprox. 363/366), e anulou de modo corrupto as reclamações decorrentes disso. Sua intervenção provocou a revolta da Mauritânia (ver *Gildão), que foi reprimida pelo conde *Teodósio. Romano foi afastado de seu cargo, mas não recebeu nenhuma outra punição.

RÔMULO (*Romulus*).

Rômulo foi o legendário fundador epônimo e primeiro rei de Roma (datas conven-

cionadas: 753-717/716 a.C.). A lenda de Rômulo e Remo, os gêmeos alimentados pela loba, firmou-se em Roma por volta do século III a.C. (ver Q. *Ogúlnio Galo), e pode ser original, embora motivos gregos a tenham influenciado fortemente. As primeiras instituições políticas e militares de Roma foram atribuídas a Rômulo, bem como vitórias sobre os povos vizinhos, inclusive os ceninenses, cujo rei ele matou em combate pessoal. O rapto das sabinas para que se casassem com seus homens provocou um sério conflito e a imposição de Tito *Tácio como rei de Roma ao lado de Rômulo. Rômulo é algumas vezes identificado com o deus Quirino.



Altar, em Óstia, que representa a lenda de Rômulo e Remo, os fundadores lendários de Roma. Roma, Museo delle Terme.

RÔMULO AUGÚSTULO (*Romulus Augustulus*), último imperador do Ocidente, 475-476 d.C.

Rômulo, o “pequeno augusto”, foi proclamado imperador para ser o testa-de-ferro de seu pai, *Orestes. Alguns meses mais tarde, depois que *Odoacro assassinou Orestes, Rômulo foi deposto, mas foi poupado por

causa de sua juventude e exilado, passando a viver próximo a Nápoles, sustentado por generosa pensão.

RUBÉLIO PLAUTO (*Rubellius Plautus*) (falecido em 62 d.C.).

Rubélio Plauto era filho de Júlia, neta de *Tibério, e, portanto, estava tão próximo de se tornar augusto quanto *Nero (ver árvore genealógica). Sua personalidade tranqüila (inclinava-se para o estoicismo) provavelmente salvou-o em 55, quando foi acusado de intenções revolucionárias. Foi forçado a se retirar para a Ásia Menor em 60 d.C., e aí foi morto no ano 62.

RUFINO (*Rufinus*), prefeito pretoriano, 392-395 d.C.

O gaulês Flávio Rufino, político impiedoso que prestigiava os ascetas cristãos, dominou a corte de *Teodósio I depois da morte de *Cinégio (388). Como chefe dos ministérios (388), acompanhou Teodósio à Itália; em Roma, encontrou-se com *Símaco e adquiriu relíquias, para as quais construiu um santuário em seu palácio perto de Constantinopla, onde fundou também um monastério. Quando a corte retornou ao Oriente, Rufino tornou-se cônsul (392) e suplantou *Taciano como prefeito pretoriano. Depois de ser batizado, inspirou toda uma legislação antipagã. Quando Teodósio viajou novamente para o oeste (394), Rufino permaneceu em Constantinopla como regente virtual de *Arcádio; entretanto, quando o exército retornou (27 de novembro de 395), Rufino foi assassinado por incitamento de *Estilácio. As acusações de corrupção e intrigas criminosas, levantadas por *Claudiano, propagandista de Estilácio, são encontradas também em outras fontes.

RUFINO DE AQUILÉIA (*Rufinus*) (aprox. 345-410 d.C., intelectual cristão).

Turrânio Rufino pertencia a uma rica família do norte da Itália. Estudou em Roma, onde foi companheiro e amigo de São *Jerônimo. Durante algum tempo, viveu monasticamente em Aquiléia; partiu depois para o Egito, por volta de 372, estudou em Alexandria e visitou vários monges. Em Jerusalém, fundou um monastério (aprox. 380) ligado ao convento de Santa *Melânia. Rufino e Melânia voltaram para a Itália em 397, talvez por causa de seu profundo desentendimento com

Jerônimo sobre a pretensa heresia de *Orígenes. Na Itália, fez traduções de obras gregas sobre teologia, inclusive obras de Orígenes; ao lembrar a antiga admiração de Jerônimo por Orígenes (398), Rufino reacendeu a disputa e atraiu para si uma torrente de insultos. Passou a maior parte do resto de sua vida em Aquiléia, onde fez uma tradução (livre) da *História* de *Eusébio, escrevendo uma continuação que avançava até o ano 395. As invasões dos godos forçaram-no a se mudar para o sul, onde morreu (na Sicília) pouco depois do saque de Roma.

RUFINO, VULCÁCIO (*Rufinus, Vulcacius*), cônsul, 347 d.C.

Rufino era um aristocrata romano (sua irmã se casou com um membro da dinastia de *Constantino, e, portanto, César *Galo era seu sobrinho). Serviu seus parentes imperiais como prefeito pretoriano; foi chamado por *Valentiniano I para ocupar o cargo novamente, de 365 a 368, época em que foi descrito como um "velho com quase todas as virtudes, mas que nunca perdia uma ocasião de tirar vantagens, se achava que podia ocultar o fato" (*Amiano).

RUFO, CLÚVIO (*Rufus, Cluvius*), cônsul em 66/68 d.C.; historiador.

Clúvio Rufo foi favorecido por *Nero, mas era inofensivo. Durante a guerra civil de 69 d.C., desempenhou papel importante na Espanha, de onde saiu para se unir a *Vitélio. Seus escritos sobre história foram uma fonte importante de *Tácito.

RUFO, QUINTO CÚRCIO (*Rufus, Quintus Curtius*), historiador.

Em datas que vão do período de *Augusto ao de *Cômodo e *Severo, Cúrcio Rufo escreveu as *Histórias de Alexandre, o Grande*, em dez livros. Os livros 1 e 2 estão faltando, e há outras falhas posteriores. O estilo de Rufo é, basicamente, o de *Lívio; sua forma é retórica, suas preocupações morais, peripatéticas (isto é, influenciadas por Aristóteles), e sua confiabilidade histórica, bastante variável.

RUTILIO GÁLICO (*Rutilius Gallicus*), cônsul, 72/73 e aprox. 90 d.C.

Quinto Júlio Cordino Caio Rutílio Gálico seguiu uma carreira razoavelmente destacada: foi governador da Galácia no tempo de

*Corbulão, e *Vespasiano deu-lhe o importante posto de comissário das fronteiras da África. Teve muito sucesso como governador da Germânia Inferior, e ao voltar a Roma foi nomeado prefeito por *Domiciano. Depois de ocupar o consulado pela segunda vez, ficou muito doente e morreu por volta de 92.

RUTÍLIO RUFO (*Rutilius Rufus*), cônsul, 105 a.C.

Públio Rutílio Rufo foi personagem eminente; sua vasta erudição, sua inabalável integridade moral e seu conservadorismo político colocaram-no ao mesmo nível de *Cipião Emiliano, sob cujo comando serviu na Numância (133 a.C.). Assim como o de *Mário, seu progresso político foi patrocinado pelos Metelos; Rutílio serviu sob o comando de *Metelo Numídico, na África, mas, ao contrário de Mário, manteve esses laços: ao atingir o consulado, em 105 a.C., como um homem novo (*novus homo*), permaneceu um baluarte do Senado. Como legado de *Cévola na Ásia (aprox. 95 a.C.), Rutílio ajudou a retificar os abusos financeiros perpetrados na província, provocando assim o antagonismo dos publicanos. Em Roma, os publicanos dominavam os júris eqüestres nas cortes criminais; puderam, então, dirigir seu contra-ataque na direção de Rutílio, politicamente mais vulnerável que Cévola. Num julgamento famoso (92 a.C.), ele foi acusado de "extorsão" e condenado por um júri eqüestre; o escândalo provocou protestos veementes e mostrou a necessidade de reformar o sistema judiciário, o que foi explorado pelo tribuno *Druso(2) no ano seguinte. Rutílio retirou-se para um exílio na Ásia, cenário de suas "extorsões", e aí foi recebido com altas honrarias. Durante o exílio, escreveu suas memórias políticas e, através delas, influenciou *Salústio e *Plutarco.

SABINA (*Sabina*), imperatriz, 117-136(?) d.C.

Víbia Sabina era sobrinha-neta de *Trajano e foi esposa de *Adriano, com quem se casou no ano 100 d.C. — casamento talvez arquitetado por *Plotina, que favorecia muito Adriano no início de sua carreira. Sabina não teve filhos. O prefeito pretoriano Septício Claro e o secretário de Adriano, *Suetônio,

perderam seus cargos em 121 ou 122 por se terem comportado indevidamente com a imperatriz. Ela recebeu o título de augusta em 128, e altas honrarias quando de sua morte, provavelmente em 136. Os rumores de que ela foi envenenada, ou forçada por Adriano a se suicidar, devem ser falsos, causados por associação com as mortes de outras pessoas importantes na mesma época.



Estátua da imperatriz Sabina, como Ceres, aprox. 130 d.C. Óstia, museu.

SABINO, FLÁVIO (*Sabinus, Flavius*) (falecido em 69 d.C.), irmão de Vespasiano.

Irmão mais velho de *Vespasiano, Tito Flávio Sabino lutou na Bretanha depois de 43 d.C., governou a Mésia, foi prefeito de Roma, mais ou menos a partir de 61, e depois, novamente, no tempo de *Oto. Sabino foi morto no cerco do Capitólio pelas forças de *Vitélio, em 69. Era um homem justo e honesto, porém enfadonho.

SALINATOR, MARCO LÍVIO (*Salinator, Marcus Livius*), cônsul, 219 e 207 a.C.

Salinátor mereceu um triunfo pela vitória na guerra contra *Demétrio de Faros, em 219 a.C., embora *Políbio diminua esse feito. Foi condenado por apropriação indébita dos espólios de guerra, e retirou-se da vida pública até 210. Em 207, reconciliou-se com seu antigo subordinado, C. Cláudio *Nero (que testemunhara contra ele), e foi eleito para um segundo consulado como seu colega. Assumiu o comando geral da batalha de Metauro, que mudou o curso da guerra na Itália contra *Aníbal em favor de Roma.

SALONINA (*Salonina*), imperatriz, 254-268 d.C.

Cornélia Salonina Crisógone, esposa do imperador *Galieno, era provavelmente grega (da Bitínia?). Não deve ser identificada com Pipa, concubina de Galieno por volta de 254. Aparentemente, Salonina era mulher de certa erudição e, junto com Galieno, freqüentava o grupo de *Plotino.

SALONINO (*Saloninus*), César, aprox. 258-260 d.C.; Augusto em 260 d.C.

Filho mais jovem de *Galieno, Públio Licínio Cornélio Salonino Valeriano foi nomeado comandante nominal do Reno quando Galieno teve que lutar na Panônia. *Póstumo, que na época era o comandante-geral do Reno, cercou Colônia por volta de 260, assassinou Salonino e foi proclamado imperador.

SALÚCIO (*Salutius*), prefeito pretoriano, 361-367 d.C.

Gaulês de grande cultura, Saturnínio Segundo Salúcio foi prefeito pretoriano de *Juliano no Oriente e, honrado por todos por sua integridade e seu espírito de justiça, continuou no cargo por mais quatro anos, declinando a oferta de ocupar o trono quando Juliano morreu na Pérsia (363). Seu primeiro encontro com Juliano ocorreu quando, depois de ocupar vários cargos, ele foi nomeado conselheiro do novo César na Gália e rapidamente se tornou amigo íntimo dele. *Constâncio II chamou-o de volta por simples rancor contra Juliano, que escreveu um discurso para consolar a si mesmo (*Or.*, VIII). Pagão piedoso, mereceu o respeito dos cristãos por sua imparcialidade nas questões religiosas e exerceu influência moderadora sobre Juliano.

SALÚSTIO (*Sallustius*) (provavelmente 86-35 a.C.), historiador.

Caio Salústio Crispo tornou-se famoso como historiador depois de uma carreira política malsucedida. Entrou na cena política como partidário de *Clódio e, na posição de tribuno, reagiu à morte dele (52 a.C.) atacando *Milo e *Cícero. No ano 50, foi expulso do Senado pelo irmão de Clódio, o censor Ap. *Cláudio Pulcro. Juntou-se a *César durante a guerra civil e ocupou a pretoria de 47, mas, devido à sua má conduta durante o comando na província da África, foi processado por extorsão em 45 a.C., acusação que foi anulada por César, mas que forçou Salústio a abandonar a carreira pública. Dedicou-se então a escrever sobre história: duas monografias (que sobreviveram) sobre a guerra contra *Jugurta e a conspiração de *Catilina; e uma obra, em grande parte perdida, que cobria os anos posteriores a 78 a.C. O valor histórico da narrativa é prejudicado pelos preconceitos políticos, pela excessiva esquematização e pela tendência moralizante; mas sua posição na historiografia romana está assegurada por ter sido um pioneiro da monografia e por seu estilo pouco ortodoxo, que exerceu forte influência, principalmente em *Tácito.

SALÚSTIO CRISPO (*Sallustius Crispus*) (falecido em 21 d.C.), conselheiro de Augusto.

Assim como *Mecenas, Caio Salústio Crispo preferiu servir *Augusto sem se tornar senador, e sua influência foi bem maior que a da maioria dos senadores, principalmente depois do afastamento de Mecenas, mas declinou no reinado de *Tibério. Em 14 d.C., foi responsável pela morte de *Agripa Póstumo. *Plínio, o Velho, revela que a riqueza de Salústio provinha de trabalhos em metal na região dos Alpes e, assim como Mecenas, foi patrono de poetas, entre os quais *Horácio e *Crinágoras.

SALÚSTIO PASSIENO CRISPO (*Sallustius Passienus Crispus*), cônsul, 27 e 44 d.C.

Filho adotivo de *Salústio Crispo, Caio Salústio Passieno Crispo estava intimamente ligado à família imperial: casou-se primeiro com Domícia e depois com *Agripina, respectivamente tia e mãe de *Nero. Era rico e subserviente; ficou famoso por sua oratória no Fórum.

SALVIANO DE MARSELHA (*Salvianus*), pregador gaulês e escritor, século V d.C.

Observador dos males sociais da sua época e dos efeitos das invasões bárbaras na Gália, Salviano descreveu os problemas internos do Império Romano. Nascido no noroeste, mudou-se para o sul, para o famoso monastério em Lérins (ilha na costa de Cannes), onde foi tutor dos filhos de Euquério, bispo de Lyon, e mais tarde padre em Marselha. Autor prolífico, suas principais obras ainda existentes são *A Igreja e Sobre o governo de Deus*, que criticam a riqueza e a corrupção da Igreja e da sociedade e justificam os trabalhos da providência divina no contexto das invasões bárbaras.

SAOTERO (*Saoterus*), cortesão imperial, final do século II d.C.

Nascido na Bitínia, Saotero foi camareiro e favorito de *Cômodo, sobre quem exercia grande influência. Participou com o imperador de seu triunfo germânico em 180. Foi assassinado em 182 por instigação de *Tarucieno Paterno e de *Cleandro.

SAPOR I (*Shapur*), rei da Pérsia, 241-272 d.C.

*Triunfo de Sapor I sobre *Valeriano: vasta parede de penhasco em Nagsh-i Rostam, próximo a Persépolis, sudoeste da Pérsia.*



Segundo rei sassânida da Pérsia, Sapor empreendeu várias campanhas muito bem-sucedidas contra Roma, em 241-244 e na década de 250, quando atacou a Armênia, e depois a Síria e a Mesopotâmia. *Valeriano não foi capaz de fazer frente ao seu avanço e, em 259, foi derrotado e capturado por Sapor, de sastre sem precedentes nos anais romanos, e que ele celebrou com uma monumental escultura em relevo e uma inscrição, que registravam seus feitos. Sapor continuou a devastar a região oriental até ser derrotado por *Odenato, rei de Palmira.

Moeda de prata de Sapor I.



SAPOR II (*Shapur*), rei da Pérsia, 309/310-379 d.C.

Rei persa caçando javalis selvagens. Prato sassânida de prata (século IV d.C.). Washington, Freer Gallery.



Neto de *Narses e filho de Hormisda II, Sapor II, um constante tormento para Roma, ainda era muito jovem quando foi proclamado rei pelos nobres, após a deposição de seu irmão Adanarses. Seu outro irmão, *Hormisda, fugiu para o lado dos romanos em 324. Durante sua longa minoridade, houve paz com Roma, mas a guerra estourou em 336, causada pela suserania da Armênia, e a partir daí, durante todo o período de seu reinado, houve guerra em quase todas as estações climáticas adequadas às campanhas, sendo que nenhum dos lados foi completamente vitorioso. Os objetivos imediatos de Sapor eram a recuperação da Mesopotâmia, conquistada por *Galério, e da Armênia. Os pontos culminantes dessa luta foram: os três cercos inúteis de Nísibis pelos persas (338, 346 e 350); a sangrenta batalha de Singara, em 348, de resultado pouco decisivo; o ataque dos persas a Amida, em 359, do qual *Amiano, testemunha ocular da luta, nos deixou um emocionante relato; e a expedição de *Juliano contra os persas em 363.

SATURNINO (*Saturninus*), tribuno da plebe, 103 e 100 a.C.

Quando era um jovem questor, encarregado do suprimento de cereais, num período de inflação de preços (104 a.C.), Lúcio Apuleio Saturnino foi substituído em suas obrigações pelo *princeps senatus*, Marco Emílio *Escauro. Amargurado com essa humilhação, Saturnino dirigiu seus talentos para a defesa das causas populares, e desafiou o Senado de modo nunca visto desde Caio *Graco. Seu sucesso foi determinado principalmente por sua cooperação com *Mário, político pouco eficiente mas muito influente. Durante seus dois tribunatos (103 e 100 a.C.), Saturnino fez passar leis agrárias que concediam terras aos veteranos que haviam lutado com Mário nas guerras da África e da Germânia. Em troca, garantiu o auxílio desses veteranos para conseguir aprovar uma legislação popular controvertida por meio de violência organizada. Essa legislação incluía uma lei que tornava a traição (*maiestas*) passível de acusação criminal, e outra que garantia a distribuição subsidiada de cereais para o povo.

Quanto aos negócios estrangeiros, Saturnino pode ter inspirado a chamada lei da pirataria (aprox. 100 a.C.), que confirmou o comando de *Marco Antônio contra os pira-

tas; e a maneira injuriosa pela qual tratou os embaixadores de *Mitridates, em 101, provavelmente reflete uma tentativa de instigar os sentimentos patrióticos do povo contra alguns nobres do Senado que patrocinavam Mitridates. Por essa época, a influência pessoal de Saturnino começava a aumentar à medida em que ele se afastava de Mário e conseguia expandir o programa de colonização. Candidatou-se novamente ao tribunato de 99 a.C., mas Mário, aproveitando-se da violenta candidatura ao consulado do principal associado de Saturnino, C. *Glúcia, passou para o lado do Senado e atuou contra seus antigos partidários. Em consequência, Saturnino e Glúcia foram mortos na prisão.

SATURNINO, CAIO SÊNCIO (*Saturninus, Gaius Sentius*), cônsul, 19 a.C.

Sêncio ocupou o cargo de cônsul durante a ausência de *Augusto, num período de descontentamento popular fomentado por M. *Inácio Rufo, e por isso arcou com responsabilidades que estavam se tornando raras para os ocupantes desse cargo. Mais tarde, governou a África e a Síria e, como legado de *Tibério na Germânia, mereceu uma insígnia triunfal. Morreu provavelmente antes de Augusto.

SATURNINO, CNEU SÊNCIO (*Saturninus, Gnaeus Sentius*), cônsul, 41 d.C.

Sêncio distinguiu-se principalmente pelo zelo com que, assim como Q. *Pompônio Segundo, apoiou a abolição do principado depois da morte de *Calígula. Parece também ter desempenhado um papel importante na expedição de *Cláudio à Bretanha, em 43 d.C.

SATURNINO, LÚCIO ANTÔNIO (*Saturninus, Lucius Antonius*), rebelde, 89 d.C.

Saturnino, governador da Germânia Superior, e suas duas legiões revoltaram-se em janeiro de 89, mas foram rapidamente destruídos graças à ação decidida de *Domiciano e à lealdade de *Lápio Máximo na Germânia Inferior. Não se conhecem cúmplices da revolta, e as repercussões — que incluíram reformas militares — ficaram limitadas à Germânia.

SATURNINO, LÚCIO VOLÚSIO (*Saturninus, Lucius Volusius*), cônsul em 3 d.C.; prefeito urbano.

Volúcio foi prefeito urbano de 42 d.C. até sua morte em 56, aos noventa e três anos de idade. *Tácio nos chama a atenção, com espanto, para o fato de Volúcio ter sobrevivido a uma estreita amizade com inúmeros imperadores, e de ter sido muito respeitado, principalmente por sua honradez.

SATURNINO DOGMÁCIO (*Saturninus Dogmatius*), prefeito pretoriano, 334/335 d.C.

A carreira de Caio Célio Saturnino Dogmácio, servo de confiança de *Constantino que chegou a atingir a condição senatorial, é conhecida através das inscrições de uma estátua em sua honra, erigida em Roma. Ocupou, sucessivamente, sete cargos na corte, antes de se tornar prefeito pretoriano delegado e, finalmente, prefeito pretoriano.

SEBASTIANO (*Sebastianus*), comandante da infantaria, 378 d.C.

Sebastiano era soldado profissional no fim do Império Romano, e suas crenças heréticas (era maniqueu) não afetaram sua carreira. No Egito (356-358), por ordem de *Constantino II, concedeu apoio militar, contrariando os ortodoxos, ao bispo ariano (ver *Ário) *Jorge. Serviu ao imperador *Juliano na Mesopotâmia (363), e ao imperador ortodoxo *Valentiniano I no Reno (368) e no Danúbio (375). Por volta de 375, era muito popular junto a suas tropas, e tinha a fama de ser um homem íntegro. Em 378, voltou ao exército do Oriente, agora como seu comandante-em-chefe. Depois de comandar com sucesso a guerrilha contra os godos, aconselhou ao imperador ariano *Valente que arriscasse uma batalha campal, mas perdeu sua vida no desastre que se seguiu a esta decisão (agosto de 378).

SEJANO (*Sejanus*), prefeito pretoriano, 14-31 d.C.

Lúcio Élio Sejano era filho de um equestre, Lúcio Seio Estrabão, de Volsínios, e tinha melhores relações pelo lado de sua mãe. Subiu de nível social graças à adoção. Em 14 d.C., foi eleito prefeito pretoriano, inicialmente junto com seu pai, e depois sozinho; adquiriu grande influência no tempo de *Tibério (que se utilizou de seu poder sinistro até sua queda), principalmente quando Sejano o persuadiu a trocar Roma por Capri. Sejano firmou

sua posição insuflando a desconfiança de Tibério em relação à sua família, em especial com relação ao seu filho *Druso Júlio César e à família de *Germânico, com terríveis conseqüências para eles; adulou também o populacho de Roma. Embora tenha chegado a cônsul em 31 d.C., nunca conseguiu se casar com um membro da dinastia, o que teria firmado definitivamente sua posição, pois, devido às suas origens humildes, não podia aspirar a um papel importante como o de *Agripa, cujos filhos podiam ser adotados e indicados para a sucessão. Desesperado, planejou uma conspiração que *Antônia revelou a Tibério; o imperador demonstrou então que mantinha poder suficiente para derrubar seu ministro. Sejano foi condenado à morte e executado em 31, e essa prova de força contribuiu para firmar o principado como instituição.

SÊNECA (*Seneca*) (falecido em 65 d.C.), filósofo e político.

A atuação política de Lúcio Aneu Sêneca, o Jovem, é mais importante que suas obras escritas. Estudou retórica, como era natural em sua época, considerando-se a fama de seu pai (*Sêneca, o Velho), e filosofia, o que era menos comum; dedicou-se também à carreira senatorial. Já adquirira fama antes do reinado de *Calígula, mas em 41 d.C. foi exilado para a Córsega sob acusação de adultério com Júlia Livila. *Agripina, a Jovem, chamou-o de volta em 49, e ele, juntamente com *Burro, tornou-se tutor de *Nero; quando este ascendeu ao trono, Sêneca tornou-se um de seus principais conselheiros. Nessa posição, seu passado espanhol não constituiu nenhuma vantagem. A crescente independência de Nero e sua instabilidade, mais a morte de Burro, diminuíram bastante o poder de Sêneca, e ele resolveu se retirar da vida pública. Nero deu-lhe permissão, e Sêneca gozou três anos de descanso antes de ser implicado (talvez injustamente) na conspiração pisoniana, em 65; então, cometeu suicídio com dignidade. As relações entre os conceitos filosóficos de Sêneca e seu modo de vida, bem como o efeito de seus conselhos sobre o caráter de Nero em sua juventude, suscitaram sempre muita controvérsia, tão ilógica é a distância entre a filosofia do ministro e a devassidão do príncipe. Em geral, Sêneca desperta mais nossa curiosidade do que nossa admiração.

Obras. Sêneca foi um escritor muito prolífico: suas obras em prosa que sobreviveram na íntegra ocupam mais de mil páginas compactamente impressas. Além disso, existem ainda nove tragédias. As obras que sobreviveram são: I) doze diálogos, 1. *Sobre a prudência*; 2. *Sobre a constância do filósofo*; 3-5. *Sobre a ira*; 6. *Para consolar Mécia*; 7. *Sobre a felicidade*; 8. *Sobre a ociosidade*; 9. *Sobre a tranqüilidade do espírito*; 10. *Sobre a brevidade da vida*; 11 e 12. consolações para o liberto imperial Políbio e para Héliana. Todos escritos entre 37 e 41 d.C. II) *Sobre clemência*: dos três livros, sobreviveram um e meio; 55/56 d.C. III) *Sobre benefícios*: sete livros, depois de 56 d.C. IV) *Epístolas morais*, dedicadas a Lucílio Júnio; cento e vinte e quatro *Epistolae morales* em vinte livros; data de feitura 63/64(?), publicação em 64/65 d.C. V) *Questões naturais*: sete livros; alusões que podem ser datadas de 62-64 d.C. VI) *Apocolocyntosis*: final de 54 d.C. VII) Tragédias: *Hércules (Furens)*, *Troades*, *Phoenissae*, *Medéia*, *Fedra*, *Édipo*, *Agamenon*, *Thyestes*, *Hércules Oetaens*. A *Otávia* não foi escrita por Sêneca: é a única *praetextata* que sobreviveu. Supõe-se que as tragédias pertençam ao período entre 49 e 62 d.C.

Seu espectro de interesses era prodigioso; além das exposições do dogma estoico, defendidas com vigor e questionavelmente hipócritas, podemos notar em (V) um resumo sobre meteorologia, sismologia e hidrografia; suas tragédias (VII), escritas para serem declamadas e não representadas, contêm detalhes extravagantes e cheios de sangue (por exemplo, *Thyestes*); fato talvez mais interessante, em (VI), Sêneca escreveu a apologia de *Cláudio apresentada por Nero durante a cerimônia fúnebre do imperador, e a *Apocolocyntosis* pouco depois: relato paródico da deificação do ex-imperador. Embora o título signifique provavelmente "aboborificação", o trabalho não contém tal metamorfose: é uma explosão venenosa de caráter pessoal e político, escrita em forma de sátiras menipeias.

O imperador Calígula descreveu o estilo de Sêneca como "areia sem limo" (ou seja, concreto e inútil; Suet., *Calig.*, 53,2); *Quintiliano, *Plínio, o Velho, *Tácio e *Frontão não lhe foram mais favoráveis; Kettel, presidente do Trinity College, em Oxford, durante o período da redescoberta de Sêneca, "costumava dizer que Sêneca escrevia como os java-

lis urinam, isto é, espasmodicamente" (Aubrey). Seu estilo contundente, afetado, artificial e antitético não ampliou sua popularidade.

SÊNECA, O VELHO (*Seneca*) (aprox. 55 a.C.-40 d.C.), retórico.

Natural de Córdoba, Lúcio Aneu Sêneca foi uma figura curiosamente obscura como autor de histórias que se perderam; mas foi extremamente importante como o colecionador dos dez livros das *Controversiae* e dos sete das *Suasoriae*. Esse levantamento da retórica romana foi empreendido de memória, em sua velhice, a pedido de seus filhos Novato *Gálio, *Sêneca e Mela (pai de *Luano). As *Controversiae* foram preservadas em parte: cinco livros sobreviveram em citações. Os prefácios fazem o levantamento do trabalho de oradores individuais; seguem epigramas, análises (*divisiones*) e linhas de abordagem (*colores*) de várias *controversiae* citadas. As *Suasoriae* foram realizadas mais tarde, e sobreviveram de modo ainda mais incompleto. Apenas epigramas e *divisiones* sobreviveram, ao lado de grande quantidade de anedotas bem interessantes. Admitida a extravagância que é, para nós, a prática da declamação, essas duas coleções constituem um excepcional monumento à engenhosidade inútil e à inteligência malbaratada.

SERTÓRIO (*Sertorius*), partidário de Mário; pretor em 83 a.C.

Quinto Sertório distinguiu-se como oficial nas guerras da Germânia, sob o comando de *Mário, e apoiou a causa dele. Progrediu durante o regime de *Cina, na década de 80, até atingir o cargo de pretor em 83 a.C.; nesse mesmo ano, voltou para sua província espanhola, depois da invasão da Itália por *Sila. Em 81 a.C., foi temporariamente afastado da Espanha por um procônsul de Sila; mas no ano seguinte, graças ao apoio dos nativos, Sertório recuperou sua posição. Sua habilidade militar e seus poderes de liderança sobre os romanos e os nativos possibilitaram-lhe dominar a maior parte da península por alguns anos. Derrotou uma série de generais enviados contra ele pelo governo de Sila, inclusive *Metelo Pio e *Pompeu; mas, quando este recebeu reforços, em 74, Sertório foi derrotado completamente. O Estado de opo-

sição que ele organizou ao longo das fronteiras romanas foi considerado uma continuação do legítimo governo deposto por Sila: constituía uma base para os exilados marianos e para os partidários da revolução de *Lépido(2), em 78 a.C. Um dos elementos importantes do segundo grupo foi M. Perperna Veientão, que, sentindo ciúmes da autoridade de Sertório, acabou por assassiná-lo por volta de 72. Antes de sua morte, Sertório já estava perdendo a guerra, e a crueldade de sua conduta tinha diminuído sua popularidade. Sertório começara também a cooperar livremente com outros inimigos do governo romano, como *Mitridates e os piratas. Sob a liderança de Perperna, a rebelião de Sertório esfacelou-se rapidamente.

SERVIANO, JÚLIO (*Servianus, Julius*), cônsul, 90, 102 e 134 d.C.

Nascido por volta de 47 d.C., provavelmente de origem espanhola, Lúcio Júlio Urso Serviano casou-se com a irmã de *Adriano, Domícia Paulina. Pertencia ao poderoso grupo de senadores que cercava *Trajano e Adriano, foi governador da Germânia Inferior em 98, depois governou a Panônia e serviu com distinção na guerra de Trajano contra os dácios. Foi correspondente, amigo e patrono do jovem *Plínio. Ocupou o consulado pela terceira vez, também com grande distinção, mas em 136, quando completava noventa anos, foi forçado por Adriano a cometer suicídio, para impedir que sobrevivesse ao imperador — sustentava-se que ele ocultava ambições de se fazer imperador ou nomear seu neto, Lúcio *Pedânio Fusco. Afirma-se que, enquanto se preparava para morrer, Serviano orou para que Adriano chegasse a desejar a morte, mas não conseguisse morrer.

SERVÍLIA (*Servilia*), século I a.C.

Neta de Servílio *Cépio, Servília era uma mulher nobre de grande ambição, que exerceu considerável influência política, principalmente através de seu meio irmão, *Catão "Uticense", e de seu filho *Bruto. Entretanto, em 49 a.C., Servília não conseguiu impedir que ambos se aliassem a *Pompeu, a quem odiava por ter matado seu primeiro marido (M. Júnio Bruto). Uma ligação juvenil com *César provocou o rumor — cronologicamente inaceitável — de que Bruto era filho dele.

SERVÍLIO VÁCIA ISÁURICO, PÚBLIO (*Servilius Vatia Isauricus, Publius*), cônsul, 79 a.C.

Como partidário de *Sila, Servílio foi cônsul em 79 a.C. e exerceu um longo comando proconsular contra os piratas, na Cilícia. Obteve sucessos militares notáveis, principalmente contra os isaurianos, de onde retirou seu sobrenome. Proclamado *imperator*, voltou para Roma em 74 a.C. e foi homenageado com um triunfo. Sobreviveu como estadista respeitado por mais trinta anos, ocupando o cargo de censor em 55 a.C. e defendendo idéias moderadamente conservadoras.

SÉRVIO (*Servius*), gramático, início do século V d.C.

Autor do mais importante comentário sobre *Virgílio ainda existente, Sérvio era jovem demais (de acordo com *Macróbio) para ter tomado parte no debate erudito de 384; mesmo assim, ele é retratado, de modo anacrônico, como um dos interlocutores das *Saturnálias*, um rapaz tímido e modesto, mas extremamente culto. O monumental comentário de Sérvio, obra de homem maduro, foi escrito provavelmente depois de 410. Está conservado em duas formas: uma versão simples, e uma aumentada com a assim chamada *Scholia Danielina*. Fornece informações preciosíssimas sobre o texto de Virgílio e sobre a situação da cultura no fim da Antiguidade.

SÉRVIO TÚLIO (*Servius Tullius*), rei de Roma, século VI a.C.(?).

Sérvio Túlio foi o sexto rei de Roma (datas convencionadas: 578-535 a.C.). Apesar da identificação feita pelo imperador *Cláudio entre Sérvio Túlio e Mastarna, um partidário de Celes *Vibena, e apesar das lendas romanas sobre suas origens como servo (derivadas de seu prenome), a base verdadeira e o conteúdo político de seu governo são hipotéticos. O sistema tribal e a organização por centúrias, atribuídos a ele, podem ter-se originado nesse período, mas de forma rudimentar, refletindo respectivamente o desenvolvimento territorial e urbano de Roma e a adoção das táticas dos hoplitas. Sua escolha do Templo Aventino de Diana como um centro de culto latino também reflete a crescente importância de Roma; descobertas arqueológicas apontam o século VI a.C. como data para a construção de seus templos da Fortuna e da Aurora —

Mater matuta (embora sua fortificação seja controvertida). É duvidoso que tudo isso tenha sido o trabalho de apenas um rei.

SEVERINO, SÃO (*Severinus*), monge da Nórlica, aprox. 455-482 d.C.

A *Vida* de Severino, escrita por seu discípulo Eugípio, é a principal fonte de estudos dos últimos anos do poder romano na Nórlica; mostra seu herói empenhado em defender as cidades da fome e dos assaltos, e em realizar milagres de cura tanto em favor dos romanos quanto dos rúgios invasores. O culto em sua honra foi levado para Roma quando a Nórlica foi oficialmente evacuada, em 488.

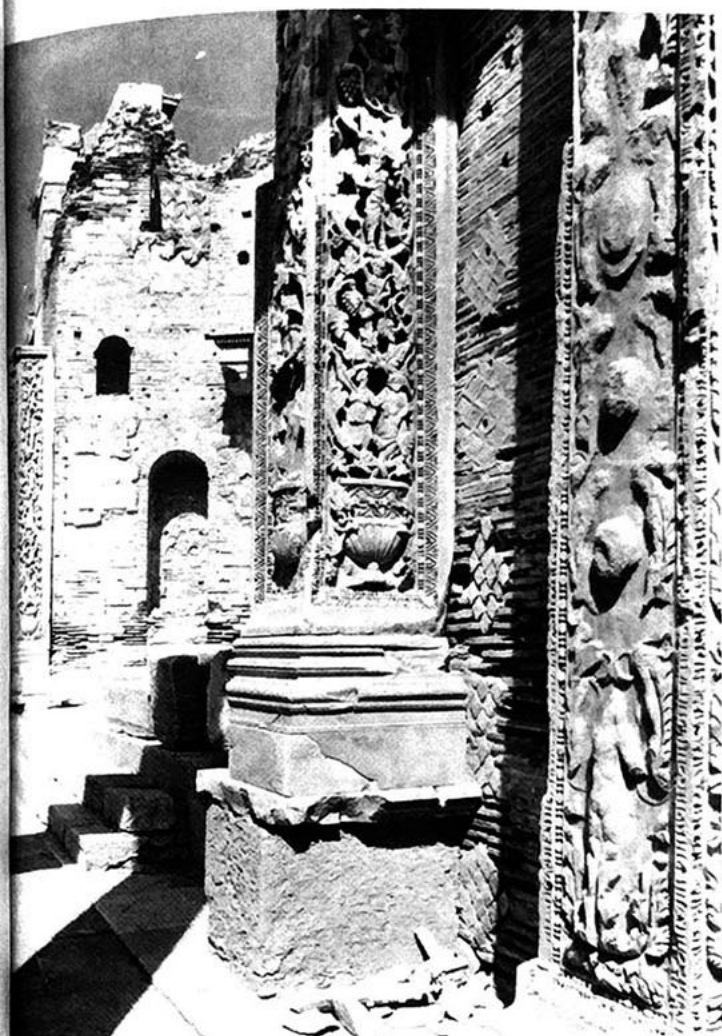
SEVERO (*Severus*), imperador, 193-211 d.C.

Lúcio Setímio Severo nasceu em 145, em Leptis Magna, no norte da África; veio para Roma no início da década de 160, e aqui iniciou sua carreira de oficial (cujos detalhes são obscuros). Sempre supersticioso, confiava muito na astrologia, e sua autobiografia relata vários episódios e numerosos sonhos, que o levaram a acreditar que um dia se tornaria imperador. Era um homem baixo e forte; afirma-se que falava pouco e com sotaque africano, mas que tinha muitas idéias. Recompsou os amigos prodigamente e castigou os

inimigos com severidade. Em 169, foi eleito questor em Roma, e serviu como questor provincial na Sardenha em 171. Em 173, seu parente Caio Setímio Severo, procônsul na África, escolheu Severo como um dos seus três legados. Com a idade de trinta anos, ele voltou a Leptis e casou-se com Pácia Marciana, que morreu sem ter filhos, vários anos mais tarde. Em 174, Severo tornou-se tribuno da plebe e, em 177, pretor. Em 180, foi indicado comandante de legião na Síria, mas foi afastado do posto, em 182, por *Cômodo. Em 184, tornou-se governador da Gália Lugdunense, e casou-se, então, em 187, com *Júlia Domna, membro de importante família de sacerdotes de Emesa. Seu filho, *Caracala, nasceu em 188 e, no ano seguinte, nasceu *Geta. Nesse ano, Severo era governador da Sicília e, em 190, tornou-se cônsul. Foi nomeado governador da Panônia em 191, e seu irmão, Geta, foi indicado governador da Méssia Inferior. Após o assassinato de Cômodo, em 192, *Pertinace tornou-se imperador, mas sobreviveu apenas alguns meses antes de ser morto pela guarda pretoriana. Foi sucedido

Basílica de Severo (aprox. 205 d.C.), em Leptis Magna. Vista do interior com abside.





Basílica de Severo, em Leptis Magna, detalhe: pilastros decorados com arabescos e figuras em alto-relevo, flanqueando a abside.

por *Dídio Juliano, cujo reinado também foi breve. Severo foi proclamado imperador por suas tropas após a morte de Pertinace, e jurou vingar a morte de seu predecessor, chegando até a acrescentar "Pertinace" a seu próprio nome. Pressentindo uma ameaça em *Clódio Albino, que tinha ligações com Dídio Juliano e que controlava as legiões britânicas, Setímio ofereceu a ele o título de César, que foi aceito. Nesse meio tempo, *Pescênio Nigro havia sido proclamado imperador pelas legiões do Oriente. Setímio marchou para a Itália, encontrando pouca resistência, e, depois que uma larga parte do Senado havia passado para seu lado, Dídio Juliano foi morto. Os pretorianos debandaram porque haviam assassinado Pertinace. A outra grande preocupação de Severo era Pescênio Nigro; após uma série de campanhas vitoriosas, movidas por seus

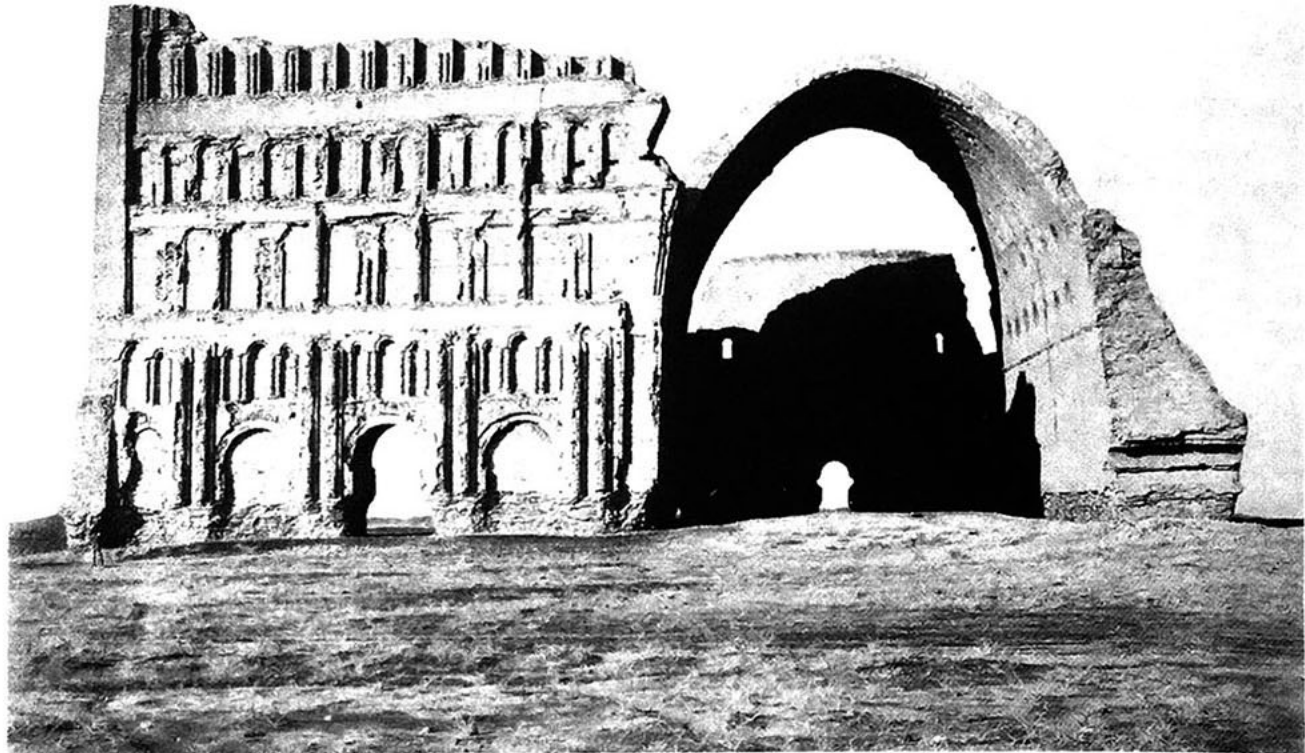
generais na Ásia Menor, Nigro foi finalmente derrotado e morto em Antióquia, em 194. Setímio puniu severamente as cidades e as províncias desleais. No começo de 195, iniciou a invasão da Mesopotâmia, onde subjugou os árabes osroenes, adiabenes e cenitas. Ainda nesse ano, proclamou a si mesmo filho de *Marco Aurélio, e Albino foi declarado inimigo público.

Setímio voltou a Roma em 196 e marchou para Lyon para enfrentar Albino. Depois de violenta batalha, as tropas de Albino foram dispersadas e ele cometeu suicídio. Severo então reorganizou as províncias do noroeste e voltou para Roma, onde se vingou dos senadores que haviam apoiado Albino. Por volta de 197, Caracala tornou-se imperador nomeado. Em 198-199, Severo liderou com sucesso uma campanha contra os persas, e em seguida visitou o Egito, onde se empenhou em extensa reforma administrativa.



*Retrato contemporâneo de Severo e sua família (o rosto de *Geta foi apagado): pintura em medalhão de madeira, do Egito. Berlim, Staatsbibliothek.*

Mais tarde, visitou a Síria, voltando a Roma em 203 para celebrar o jubileu de dez anos de governo, com a construção de um magnífico arco do triunfo. Em 204, celebrou os Jogos Seculares; em 205, *Plauciano, o todopoderoso prefeito pretoriano, caiu em desgraça em consequência das maquinções de Caracala. Em 207, Severo organizou uma expe-



Edifício de audiências dos reis sassânidas. Ctesifonte, Iraque.

dição para a Bretanha, levando consigo a esposa e os dois filhos. Ficou na Bretanha até sua morte, em 211, e realizou com sucesso várias campanhas no norte, talvez com o desejo de expandir o controle de Roma sobre toda a ilha. Em 209, preocupado com a instabilidade mental de Caracala, fez com que Geta se tornasse augusto. A doença levou Severo de volta para York, mas uma segunda revolta dos meatas e dos caledonianos forçou a realização de nova campanha, dessa vez comandada por Caracala. Seu último conselho para os filhos, em seu leito de morte, foi: “Não disputem um com o outro, dêem dinheiro aos soldados e desprezem todos os outros”. Seu temperamento inconstante, sua capacidade inflexível de trabalho e sua política de expansão das fronteiras do Império transformaram-no numa personagem difícil de avaliar com justiça: para uns, Severo foi um autocrata implacável; para outros, um governante eficiente, apesar de frio, ao enfrentar as dificuldades de seu tempo.

SEVERO (O TETRARCA) (*Severus*), imperador, 305-307 d.C.

Aqueles que o julgavam um bêbado ficaram espantados quando Severo — oficial da guarda imperial — foi nomeado César, com a incumbência de governar o Mediterrâneo

ocidental, na época em que *Diocleciano e *Maximiano abdicaram. No ano seguinte, *Maxêncio foi proclamado imperador pelas tropas em Roma, e Severo foi capturado por não conseguir esmagar essa rebelião. Quando seu antigo amigo, *Galério, principal augusto da tetrarquia, marchou com suas tropas contra Maxêncio, o usurpador mandou executar Severo.

SEVERO, SEXTO JÚLIO (*Severus, Sextus Julius*), cônsul, 127 d.C.

Pertencente a uma família eqüestre da Dalmácia, Sexto Júlio Severo governou a Dácia, a Mésia e a Bretanha no reinado de *Adriano. Foi chamado da Bretanha para comandar a segunda guerra contra os judeus — pois era considerado o melhor general de Adriano —, e tornou-se o primeiro governador da Síria Palestina (antiga Judéia). Recebeu condecorações triunfais por seu sucesso na Judéia.

SEVERO ALEXANDRE — MARCO JÚLIO GÉSSIO ALEXIANO BASSIANO; MARCO AURÉLIO SEVERO ALEXANDRE (*Marcus Julius Gessius Alexianus Bassianus; Marcus Aurelius Severus Alexander*), imperador, 222-235 d.C.

Nascido por volta de 209, Severo Alexandre era filho de *Júlia Maméia e Gessio Marciano, e neto de *Júlia Mesa (irmã de *Júlia Domna). Como resultado das manobras de Júlia Mesa, foi adotado por seu

primo *Elagábalo, em 221, como seu filho e herdeiro, e seu nome passou a ser Marco Aurélio Severo Alexandre. Assim como Elagábalo, Alexandre era considerado filho bastardo de *Caracala. Tornou-se imperador em 222, quando os soldados se revoltaram e mataram Elagábalo ao descobrirem que ele tentara assassinar seu jovem primo. O reinado de Alexandre foi bem menos instável e dissoluto que o de seu antecessor, e no início tudo correu bem. *Ulpiano foi nomeado prefeito pretoriano, mas foi assassinado por volta de 223/224. Em 225, Alexandre casou-se com *Bárbara Orbiana, mas ela foi exilada em 227, com base na alegada tentativa de revolução de seu pai. Com a queda do Império Persa e a ascensão dos sassânidas, sob a liderança de Ardachir I, a fronteira do Oriente começou a correr perigo. Em 230, Ardachir invadiu a Mesopotâmia romana e ameaçou a Síria. As negociações falharam e, em 231, Alexandre iniciou uma campanha, obtendo sucesso discreto em 232, ao forçar Ardachir a se retirar. Agitações no Reno obrigaram Alexandre a voltar para Roma, em 233, e ele se dirigiu à fronteira germânica em 234. Em 235, a acentuada inclina-

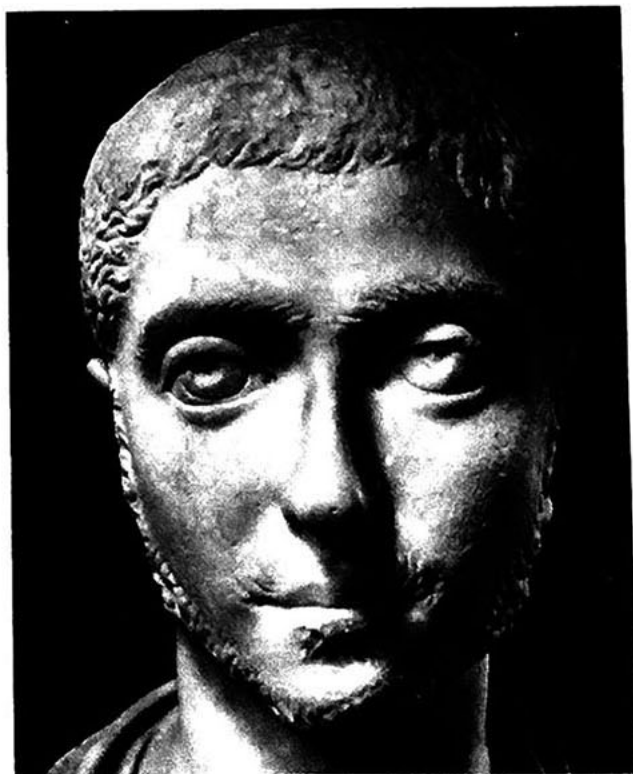
ção de Alexandre pelas negociações, ao invés das lutas, irritou de tal forma suas tropas que soldados o assassinaram, encerrando assim a dinastia dos Severos.

SIDÔNIO, APOLINAR (*Sidonius, Apollinaris*) (nascido em 432 d.C.), poeta e missivista.

Nascido em Lyon, em novembro de 432 membro de uma família pertencente à classe senatorial, Caio Sólido Apolinar Sidônio recebeu ótima educação clássica (em aprox. 452), publicou alguns poemas em sua juventude (hoje perdidos) e se casou com Papianila, filha de *Avito, que deveria tornar-se imperador em 456. Sidônio compôs e declamou um panegírico para celebrar a ascensão de seu sogro ao trono e, como poeta, foi honrado com uma estátua no Fórum de *Trajano. A poesia de Sidônio era artificial, carregada ao extremo com os maneirismos do estilo de *Claudiano, mas os nove livros de suas cartas são muito interessantes, e nos informam sobre a história social, política, artística, literária e religiosa de seu tempo, de maneira muito mais completa que as cartas de *Símaco. As cartas de Sidônio incluem uma descrição de *Teodorico (*Ep.*, I, 2) e uma da vila do poeta (*Ep.*, II, 2). Infelizmente, as cartas nada dizem do período de 456 a 459; talvez isso se deva à morte de Avito após sua derrota em Placência. O segundo panegírico de Sidônio — sobre *Majoriano — sobreviveu. Sidônio foi conde de Auvergne em 461, renunciou ao cargo depois de um ano e retirou-se da vida pública até 468; então, um terceiro panegírico, dessa vez sobre *Antêmio, valeu-lhe a prestigiosa prefeitura de Roma.

Sidônio voltou para a Auvergne em 469, publicou o restante de seus poemas e foi eleito bispo de Clermont (tais passagens súbitas da posição laica para a episcopal eram comuns na época). Sidônio não possuía grandes conhecimentos sobre teologia e duvidava de sua capacidade para tão alto cargo, mas isso não o impediu de exercer todas as funções de um bispo, entre elas a de servir como árbitro em casos civis. Durante o terrível período de 471 a 474, sofreu os ataques dos godos comandados por *Eurico e, quando Clermont capitulou, no ano 474, foi exilado para Carcassonne. Finalmente, depois de muitas súplicas a Eurico, pôde voltar a seu cargo de bispo de Clermont. Embora não tivesse mais de qua-

Busto do imperador Severo Alexandre. Roma, Museu Capitolino.



renta e cinco anos na época, já era um homem alquebrado, e morreu em 21 de agosto de 480/490; foi canonizado logo depois.

SÍFAX (*Syphax*), chefe númida, ativo em aprox. 205 a.C.

Sífax hesitou muito tempo entre apoiar Roma ou Cartago, mas seu casamento com a cartaginesa Sofonisba levou-o a uma decisão: defendeu Cartago quando *Cipião Africano invadiu a África. Sífax foi derrotado e capturado em 203 a.C. por Lélcio, legado de Cipião, e por *Masinissa. Sofonisba envenenou-se, e Sífax morreu algum tempo depois na Itália, provavelmente antes do triunfo de Cipião.

SILA ou SULA (*Sulla*), cônsul em 88 e 80; ditador em 82-79 a.C.

A carreira de Lúcio Cornélio Sila, homem enigmático e pouco ortodoxo que atribuía grande importância a seu sobrenome Félix ("feliz"), acelerou a queda da aristocrática Constituição republicana que procurava sustentar. Nascido em 138 a.C. em uma obscura família patrícia, prestou serviços militares sob o comando de *Mário na África (onde mereceu alguma projeção por capturar *Jugurta), e na Gália. Em 92, como propretor na Cilícia, conduziu as primeiras negociações entre Roma e a Pérsia, e demonstrou superioridade de Roma ao sentar-se entre o enviado persa e o príncipe, que era cliente romano. Como legado, durante a Guerra Social de 90 a 89 a.C., foi o comandante romano que obteve mais vitórias no sul da Itália; em recompensa, foi eleito cônsul em 88 e recebeu o cobiçado comando contra *Mitridates, que, nesse ano, invadira a província romana da Ásia. Seu comando foi transferido para Mário por uma lei de Públio *Sulpício Rufo, e, nas convulsões que se seguiram, Sila foi obrigado a sair de Roma. Como *Pompeu Estrabão, emergira da Guerra Social à frente de um exército leal e devotado, após dois anos de luta. Expulso de Roma, num gesto sem precedentes, convenceu seu exército a marchar com ele contra o governo romano. Os soldados sentiram-se atraídos pela idéia devido aos possíveis saques na guerra contra Mitridates e pela chance de receberem o soldo em propriedades de terra; os escalões mais altos e os oficiais, naturalmente conservadores, recusaram-se a acompanhá-lo, com exce-

ção de *Luculo. Sila dominou Roma pela força, matou Sulpício e forçou Mário a fugir. Anulou as leis aprovadas no tempo de Sulpício e impingiu uma legislação fortemente reacionária; antes de partir para lutar contra Mitridates (87), Sila forçou os dois cônsules daquele ano, L. *Cina e Cneo Otávio, a jurarem o cumprimento de suas leis.

No ano 86 a.C., Sila havia conquistado Atenas e expulsara Mitridates da Grécia; dirigiu-se então para a Ásia. Não tinha mais qualquer autoridade oficial, pois seu comando fora transferido para o cônsul de 86, L. Valério Flaco, que também fora para a Ásia. C. *Fímbria, assassino e sucessor de Flaco, fez progressos na Ásia e quase capturou Mitridates. Mas Sila recusou-se a cooperar e a entregar seu comando, e permitiu que Mitridates fugisse. Sila estabeleceu rapidamente um tratado de paz com Mitridates (Dárdano, 85 a.C.) baseado na situação de antes da guerra. Ao vender-se para o mais ferrenho inimigo de Roma, Sila ficou livre para eliminar Fímbria, mas esse fato teve que ser muito bem justificado em suas memórias, documento literário que entregou a Luculo para que o publicasse, e que enriquece toda a tradição histórica desse período.



Moeda de prata (denário) com retrato póstumo de Sila (54 a.C.).

Baseado em sua autoridade pessoal, Sila tomou várias providências na Grécia e na Ásia, principalmente no sentido de recompensar ou punir os Estados (e indivíduos) que lhe haviam demonstrado lealdade ou que se opuseram a ele. Sua influência pessoal tornou-se imensa, e ele recebeu honrarias só iguais por *Flaminino. Acumulou imensa fortuna com os espólios de guerra e os tributos atrasados, que usou para reforçar sua posição

pessoal contra o governo de Roma. Após a morte de Cina, em 84 a.C., Sila preparou uma invasão armada da Itália, com a consequente tomada do poder em Roma, pela segunda vez. Chegando a Brindisi em 83 a.C., recebeu valioso apoio militar de *Pompeu, *Metelo Pio e *Crasso. No ano seguinte, já derrotara a resistência liderada por *Norbano, *Carbão e o jovem Mário, e instalou-se em Roma como ditador para rever a Constituição — posto do qual se demitiu antes de sua morte, em 78 a.C., mas possivelmente antes mesmo de seu segundo consulado, em 80 a.C. A reorganização que realizara no Oriente foi ratificada, e uma ampla série de reformas constitucionais foi levada a cabo, objetivando um aumento da eficiência administrativa e a garantia da supremacia do Senado. Restringindo os poderes dos tribunos, Sila procurou voltar à situação do período anterior aos *Gracos. Seus métodos revolucionários e pouco constitucionais serviram ao fortalecimento do regime tradicional, e não à busca de poder pessoal; mesmo assim, tornaram-se um exemplo para os dinastas ambiciosos.

SILANO, LÚCIO JÚNIO (*Silanus, Lucius Junius*), pretor, 48 d.C.

Ainda muito jovem, Silano foi prometido à filha de *Cláudio, *Otávia(2), por ser descendente de *Augusto. Acompanhou Cláudio à Bretanha em 43 d.C., e recebeu ainda outras honrarias; porém, em 48 ele se desentendeu com o imperador, foi acusado de incesto e perdeu a pretoria e o *status* senatorial. Suicidou-se no dia do casamento de Cláudio com *Agripina, em 49 d.C.

SÍLIO ITÁLICO (*Silius Italicus*) (aprox. 35-100 d.C.), poeta épico; cônsul em 68 d.C.

Eminente orador e conhecido de *Plínio, o Jovem, e de *Marcial, Tibério Cácio Ascônio Sílio Itálico foi cônsul em 68 e procônsul da Ásia por volta de 77 d.C. Compôs a *Púnica*, obra de dezessete livros e mais de doze mil versos: assim como *Lucano, seu enfoque era histórico (seguiu de perto o relato de *Lívio sobre a Segunda Guerra Púnica), mas o tratamento do assunto imita *Virgílio, cujo túmulo restaurou. Plínio afirmou que Sílio possuía "mais zelo que talento" (*Ep.*, III, VII, 5), mas ele merece crédito por ter rejeitado os piores excessos da retórica latina e por sua reelaboração — freqüentemente argu-

ta e eficiente — do material utilizado por Virgílio.

SILVANO (*Silvanus*), usurpador, 355 d.C.

Oficial do exército e descendente de francos, Silvano abandonou *Magnêncio antes da Batalha de Mursa, em 351, para apoiar o legítimo imperador, *Constâncio II. Promovido a comandante da infantaria (352/353) e enviado à Gália para repelir as incursões dos bárbaros, Silvano descobriu em 355 que estava sendo difamado por seus inimigos na corte de Constâncio, por meio de uma carta forjada. Numa tentativa de salvar sua vida, conseguiu ser aclamado imperador em Colônia, mas Constâncio, desconhecendo a verdade, enviou *Ursicino para combatê-lo. Silvano foi assassinado, por seus próprios soldados, na capela do palácio onde iria assistir a um culto cristão.

SÍMACO (*Symmachus*) (aprox. 340-aprox. 402 d.C.), literato.

Quinto Aurélio Símaco, apesar de seu nome, era um aristocrata de nascimento ilustre e porta-voz do Senado romano da década de 360 até sua morte; era considerado por seus contemporâneos um orador eminente e um estilista da prosa romana. Os panegíricos em honra de *Valentiniano I e *Graciano (369-370), apresentados na corte (onde Símaco conheceu *Ausônio) em nome do Senado, foram recompensados com sua nomeação como governador da África (373). No "degelo" que se seguiu à morte de Valentiniano (375), Símaco manteve estreitas relações com personagens influentes na corte, mas ocupou apenas os cargos tradicionais de sua classe: foi prefeito urbano (384) e, apesar de seus elogios ao usurpador *Máximo, foi cônsul em 391. Sua correspondência oficial como prefeito urbano sobreviveu, e é a principal fonte de informações sobre os deveres de um funcionário graduado na condição de líder do Senado, juiz de apelação em Roma e no sul da Itália e responsável pela alimentação e pela ordem pública em Roma.

Símaco era um pagão moderado, ao contrário de seu amigo Nicômaco *Flaviano, e não se envolvia em controvérsias religiosas; seu apelo para que fosse restaurado o Altar da Vitória na casa do Senado foi contrariado com sucesso por seu parente Santo *Ambrósio, mas foi preservado como modelo de elo-

Díptico de marfim dos Nicômacos e dos Símacos, aprox. 400 d.C.: painel dos Símacos, em que se vê a sacerdotisa de Baco oferecendo um sacrifício a Júpiter. Londres, Victoria and Albert Museum.



qüência. Sobrevivem alguns fragmentos de discursos elaborados no estilo “rico e colorido” do *Panegírico* de *Plínio. A correspondência de Símaco (sobreviveram mais de novecentas cartas) foi publicada em dez volumes, como a de Plínio; as cartas eram dirigidas a um amplo círculo de pessoas, pertencentes não somente ao “melhor quinhão da raça humana” (os senadores), mas também à classe dos oficiais de carreira e generais, que aprendiam com ele as regras de uma “amizade” que ignorava os conflitos de classe social, política e religião. São, assim, um importante documento social; porém, por terem sido escritas num latim “literário” e opaco, e por ignorarem muitas vezes os fatos exteriores, são de leitura cansativa.

Símaco era um senador medianamente rico; mesmo assim, era proprietário de grandes extensões de terra na Sicília e na África, além de vinte herdades em Roma e no sul da Itália, o que lhe permitia manter o opulento padrão de vida costumeiro em sua classe; empregou duas mil libras em ouro nos jogos pretorianos de seu filho (por volta do ano 400), soma equivalente ao bônus de quinquênio de vinte e oito mil e oitocentos soldados particulares.

SIMEÃO ESTILITA ou ESTELITA, SÃO (*Simeon Stylites* ou *Stelites*) (aprox. 390-459 d.C.), santo do pilar.

Simeão foi um monge sírio que cumpriu um original retiro ascético no alto de uma coluna. Os peregrinos vinham de todas as partes do Mediterrâneo até o pé de sua coluna, em Tolanissos, onde ainda podem ser vistas as ruínas da igreja e do monastério construídos ao lado do pilar sobre o qual o santo se postava.

SINÉSIO DE CIRENA (*Synesius*) (aprox. 370-413 d.C.), bispo, poeta e escritor.

A vida e o caráter de Sinésio estão amplamente documentados por suas várias cartas. Nasceu por volta de 370 em Cirena, descendente de uma família nobre; estudou filosofia e matemática com *Hipácia, em Alexandria, e viveu como senhor rural, dedicando-se à leitura e à caça, até que foi enviado a Constantinopla por seus conterrâneos como embaixador (399-401). Em Constantinopla, escreveu um tratado sobre a realeza e uma alegoria política, o *Conto egípcio*. Voltou para



Pentápolis, e em 403 casou-se com uma mulher cristã. Teve três filhos com ela, mas precisou abandoná-la — após grande angústia — ao ser eleito bispo. Hesitou por seis meses antes de aceitar o episcopado de Ptolomais em 410/411, então ocupado por *Teófilo de Alexandria (*Ep.*, 105). Assim como *Sidônio, Sinésio foi eleito bispo por sua habilidade como organizador e como embaixador e por sua cultura retórica mais do que por suas qualificações religiosas. Sinésio representou uma interessante mistura do pensamento cristão e pagão, característica comum na Alexandria de seu tempo: achava que em seu papel de padre “não se distanciava, mas regressava à filosofia”, e seus hinos, tão eloquentes, contêm poucos termos especificamente cristãos. Estão embebidos da linguagem dos “oráculos caldeus” (ver *Juliano, o Teurgo). Entre os escritos de Sinésio, encontram-se ainda um tratado sobre os sonhos, *Em louvor da calvície* e *Dion* (405), uma argumentação em favor da cultura grega. Infelizmente, sua *Cinegética*, tratado sobre a caça, perdeu-se. Sinésio ficou doente no fim de sua vida, e deve ter morrido antes de março de 415, pois suas cartas não demonstram que tivesse conhecimento do assassinato de Hipácia, sua querida mentora.

O Estilita tentado pelo Diabo: painel de um relicário sírio de prata do século VI. Paris, Louvre.

Centro de peregrinação de São Simeão Estilita, datado do século V d.C., em Qala'at Seman, próximo a Antióquia (Síria).



SISENA, LÚCIO CORNÉLIO (*Sisenna, Lucius Cornelius*), historiador; pretor em 78 a.C.

Exuberante narrador das guerras sociais e civis, Sisena era um estilista fortemente idiossincrático, que conseguia combinar inovações e arcaísmos. Se ele traduziu mesmo a *Milesiaca* de Aristides (ver *Petrônio), então também é importante como precursor dos autores pornográficos.

SÓCRATES (*Socrates*) (nascido em 380 d.C.), historiador da Igreja.

Sócrates, advogado em Constantinopla, continuou a obra de *Eusébio de Cesaréia ao escrever uma história da Igreja em sete volumes, que abrangia o período de 305 a 439 d.C. Quando teve acesso aos escritos de *Atanásio, Sócrates fez uma revisão de sua história, e foi essa segunda edição a que sobreviveu. Teve acesso também a uma valiosa coleção de documentos dos concílios da Igreja. Sua narrativa não é polêmica, e revela pouco interesse pelos assuntos teológicos.

SÓPATRO (*Sopater*), filósofo neoplatônico, início do século IV d.C.

Nativo da Apaméia, na Síria, e aluno (como *Edésio) de *Iâmblico, Sópatro tornou-se o principal neoplatônico depois da morte de seu mestre. Apesar de pagão, foi amigo e conselheiro de *Constantino, em Constantinopla; sentava-se à sua direita nas ocasiões públicas, e defendeu diante dele o ponto de vista de que qualquer expiação pelo assassinato de *Crispo era impossível. Foi executado por instigação do ciumento *Ablábio, então prefeito, que o acusou de provocar a escassez de cereais.

SÓSIO SENECIÃO (*Sosius Senecio*), cônsul, 99 e 107 d.C.

Quinto Sósio Senecião era amigo de Plínio, o Jovem; *Plutarco dedicou-lhe várias de suas *Vidas*. Era muito bem-relacionado e foi partidário fiel de *Trajano, destacando-se durante seu reinado. Outros detalhes de sua vida são obscuros, embora se possa compará-lo a Cornélio *Palma ou Licínio *Sura.

SOZOMENO (*Sozomenus*), historiador da Igreja, início do século V d.C.

Sozomeno, advogado em Constantinopla, continuou a obra de *Eusébio de Cesaréia ao escrever uma história da Igreja em nove vo-

lumes, que abrangia o período de 324 a 439 d.C. (o fim do último livro — que cobria período posterior a 421 — perdeu-se). Sofreu forte influência de seu contemporâneo *Sócrates, mas teve acesso a outras fontes excelentes, por exemplo a narrativa “ocidental” de *Olimpíodoro de Tebas.

SUETÔNIO (*Suetonius*) (nascido em aprox. 70 d.C.), biógrafo e enciclopedista.

Caio Suetônio Tranqüilo nasceu provavelmente em Hipona, no norte da África; ocupava posição de equestre e trabalhou como gramático; depois, dedicou-se ao serviço público, tendo sido nomeado para vários cargos, com a responsabilidade especial de cuidar das bibliotecas imperiais e da correspondência. Foi despedido em 121/122, devido a sua atitude imprópria com relação à esposa de *Adriano, *Sabina (talvez, também, pelas comprometedoras minúcias relatadas nas vidas de *César e *Augusto). O resultado foi que Suetônio não mais teve acesso aos arquivos imperiais e à correspondência de Augusto (nas vidas de Augusto, *Tibério, *Horácio e *Virgílio), em que se baseara para corrigir a narrativa de *Tácio.

Obras. *Sobre homens famosos*, coleção de biografias literárias bastante sucintas; sobreviveram mais da metade dos *Gramáticos e retóricos* e, bem mais reduzidas, as vidas de *Terêncio, Virgílio, Horácio, *Pérsio e *Lucano (e fragmentos de *Plínio, o Velho, classificado entre os oradores). Esses trabalhos misturam fatos valiosíssimos e nocivas informações errôneas. Suetônio também escreveu longamente sobre antiguidades romanas, ciências naturais e gramáticas. Foram preservadas citações extensas em grego de seus trabalhos sobre jogos gregos e maldições. Mas sua obra principal é *Vidas dos césores* (o título correto é duvidoso), doze biografias que abrangiam de César a *Domiciano, das quais se perdeu apenas o início da primeira. A obra tem seus vícios: o estilo ainda é pouco hábil, as anedotas algumas vezes são pedantes, traindo uma credulidade sem limites, em especial quando o que relata contribui para o descrédito de sua vítima. Por outro lado, Suetônio é profundo, interessante, vigoroso, lúbrico, e influenciou profundamente a *Vida de Carlos Magno*, de Einhard, além de ter fornecido dados valiosos sobre a personalidade dos imperadores romanos.

SUETÔNIO PAULINO (*Suetonius Paulinus*), cônsul em 42 e 66 d.C.; general.

Por volta de 69 d.C., Caio Suetônio Paulino era um ex-cônsul, considerado a maior autoridade militar viva. Adquiriu sua reputação na Mauritânia, em 42 d.C., e na Bretanha (58-60), onde seus sucessos foram obscurecidos pela revolta de *Boudica, que ele, no entanto, conseguiu subjugar. Foi um rival consciente de *Corbulão. Durante a guerra civil de 69, lutou ao lado de *Oto, sem, no entanto, se desentender com *Vitêlio.

SULPÍCIA (*Sulpicia*), poetisa.

Sulpícia foi a autora — não identificada com segurança — de seis elegias para um certo Cerinto, incluídas no livro III da coleção de poemas de *Tubulo. "Sua obra só tem interesse porque o autor é uma mulher."

SULPICIANO, FLÁVIO (*Sulpicianus, Flavius*), prefeito urbano, 193 d.C.

Eminente senador, cônsul e governador da Ásia, Tito Flávio Sulpiciano era sogro do imperador *Pertinace, e sucedeu-o como prefeito urbano. Quando Pertinace foi morto, em 28 de março de 193, Sulpiciano tentou ser proclamado imperador pela guarda pretoriana, o que levou a uma espécie de "leilão" em que ele e *Dídio Juliano disputaram o apoio da guarda, tentando comprá-la com o lance mais alto. Sulpiciano perdeu. Em 197, *Severo mandou matá-lo, sob a acusação de ter sido partidário de *Clódio Albino.

SULPÍCIO RUFO, PÚBLIO (*Sulpicius Rufus, Publius*), tribuno da plebe, 88 a.C.

Assim como *Druso(2), seu partidário político, Sulpício era um jovem nobre de muita ambição que, como tribuno no ano crítico de 88 a.C., usou de métodos cada vez mais demagógicos. Suas leis, que garantiam o registro eqüitativo dos novos cidadãos italianos, foram aprovadas à força graças ao apoio de *Mário, a quem Sulpício transferira o comando contra *Mitridates de que estava encarregado o cônsul *Sila. Esse ato provocou a primeira marcha de Sila contra Roma, durante a qual Sulpício foi morto.

SULPÍCIO RUFO, SÉRVIO (*Sulpicius Rufus, Servius*), cônsul, 51 a.C.

Amigo ilustre e correspondente de *Cícero (*Cic., Fam., IV, 1-6, 12*), Sulpício foi

um jurista notável e respeitado, embora pouco influente em política. Cautelosamente neutro, opôs-se como cônsul à provocadora política anti-*César de seu colega, e não tomou parte na guerra civil que se seguiu. No início de 43 a.C., Sulpício morreu de velhice ao voltar de uma missão senatorial junto ao recalcitrante procônsul *Marco Antônio. Cícero fez o panegírico de Sulpício na *Nona filípica*, apresentando sua morte como um ato patriótico de martírio, e lutou para que sua estátua fosse erigida no Fórum, honra tradicionalmente reservada aos embaixadores mortos no cumprimento do dever.

SULPÍCIO SEVERO (*Sulpicius Severus*) (aprox. 360-aprox. 420 d.C.), biógrafo cristão.

Sulpício Severo, advogado da Aquitânia muito bem-relacionado, retirou-se da vida mundana por volta de 392, assim como seu amigo São *Paulino de Nola. Tornou-se discípulo de São *Martinho e escreveu sua *Vida* (aprox. 397, com adições posteriores); criticou o clero, que não queria aceitar os milagres de Martinho nem suas idéias sobre a vida monástica; e fez uma descrição simpática do usurpador *Máximo. A *Vida*, embora parcial, é um testemunho de primeira mão, e tornou-se um modelo para as biografias de santos escritas posteriormente.

SURA, LICÍNIO (*Sura, Licinius*), cônsul em 97, 102 e 107 d.C.

Embora tenha sido orador de sucesso e companheiro de *Trajano na guerra contra os dácios, Lúcio Licínio Sura conquistou o segundo e o terceiro consulados graças à sua amizade pessoal com esse imperador. De seus atos, o mais notável foi a recomendação de *Adriano a Trajano. Morreu no ano de 108.

TACFARINATE (*Tacfarinas*), rebelde africano, 17-24 d.C.

Antigo oficial auxiliar nômada, Tacfarinate tornou-se chefe de salteadores e encorajou a rebelião na província africana. Por três vezes, foi derrotado por generais romanos, que receberam a insígnia triunfal por isso, mas não morreu. Em 24 d.C., derrotado por Cornélio *Dolabela, foi morto durante a batalha.

TACIANO (*Tatianus*), teólogo cristão, século II d.C.

Nascido na Assíria e educado em retórica grega e em filosofia, Taciano converteu-se ao cristianismo (aprox. 150/165) e foi aluno de *Justino, o Mártir. Durante uma visita ao Oriente, por volta de 170, fundou a seita dos encratistas. Escreveu o *Discurso aos gregos*, obra em que defende o cristianismo e critica polemicamente a cultura e a civilização gregas, e o *Diatessaron*, trabalho que relata a vida de Cristo a partir das evidências dos Evangelhos.

TACIANO(2) (*Tatianus*), prefeito pretoriano, 388-392 d.C.

Flávio Eutólmio Taciano era um advogado originário da Lícia que, depois de governar várias províncias orientais, retirou-se da vida pública em 380, ao cabo de seis anos passados na corte como ministro das Finan-

*Obelisco de Teodósio, em Istambul, erigido em trinta e dois dias pelo filho de Taciano, em pedestal de pedra esculpida (ver *Teodósio I).*



ças. Apesar de pagão e oriental, foi chamado de novo ao serviço público, em 388, para suceder a *Cinégio como prefeito pretoriano na ausência de *Teodósio I, que estava no Ocidente. Ocupou também o posto de cônsul em 391. O grande número de leis aprovadas atesta sua atividade intensa, principalmente no campo das finanças; tentou também restringir os privilégios do clero e dos monges. Seu filho, Próculo, tornou-se prefeito urbano de Constantinopla, e em 390, para celebrar a vitória sobre o usurpador *Máximo, erigiu o Obelisco de Teodósio, no Circo, onde permanece até hoje. Quando a corte voltou do Ocidente, entretanto, Taciano foi suplantado por *Rufino, que o forçou a assistir à execução de Próculo. Taciano também caiu em desgraça, bem como sua província natal, embora tenham sido reabilitados após a morte de Rufino.

TÁCIO, TITO (*Tatius, Titus*).

Provável rei de Curos, lutou contra *Rômulo depois do rapto das sabinas e em seguida governou Roma ao lado dele, simbolizando a presença dos sabinos no início da história romana. Hipoteticamente, instituiu em Roma os cultos "sabinos" e a irmandade ticianiana (um sacerdócio obscuro), fundando também uma tribo, os ticienses (essa, a provável explicação de seu nome).

TÁCITO (*Tacitus*) (nascido em 56/57 d.C.), historiador.

Públio Cornélio Tácito era provavelmente natural da Gália Narbonense. Atingiu o *status* senatorial ao tempo de *Vespasiano, casou-se com a filha de *Agrícola em 77, foi questor em 81/82, pretor em 88 e cônsul substituto em 97 d.C. Considerado o orador mais importante de Roma, Tácito fez a louvação fúnebre de *Virgínio Rufo (97?), acusou Mário Prisco, juntamente com o jovem *Plínio (99-100), serviu como procônsul da Ásia (112/113) e morreu na época de *Adriano. Em *Agrícola*, I, 1 e segs. e 44 e segs., e em *Histórias*, I, 1, descreveu com grande vigor o desafio de manter a integridade intelectual e política sob a tirania de *Domiciano.

Obras: 1) *Diálogo sobre oradores* (atualmente, considera-se que a data de composição se situa entre 100 e 105). O texto é incompleto; contém a análise do declínio da oratória e de suas causas, defendendo o ponto de vista

de que a grande oratória depende das instituições de uma República livre (ver, por exemplo, o cap. 36). 2) *Germania*, ou *Origens e nação dos germanos*. Monografia histórica e etnográfica (98 d.C.) profundamente influenciada por *Posidônio, *Lívio ou *Plínio, o Velho. Tácito percebe nos germanos uma ameaça para o Império Romano, em parte pela forte noção que tinham de *libertas* (liberdade, inexistente em Roma), bem como por sua grande coragem (*virtus*). 3) *Agrícola* (*A vida de Júlio Agrícola*) (98 d.C.). Biografia de seu falecido sogro, com um quê de louvação fúnebre e um certo caráter de monografia histórica (como *Catilina* ou *Jugurta* de *Salústio), por suas digressões históricas e geográficas. Tácito estava preocupado em demonstrar que se podia sobreviver no reinado de um mau imperador como Domiciano: não se dedicando a uma fútil oposição (tal como a de *Helvídio Prisco), mas servindo ao Estado (como era, implicitamente, o seu caso e o de Agrícola). 4) *Histórias* (obra em que Tácito estava trabalhando no período entre 106 e 107), que abrangiam os anos de 69 a 96 d.C., provavelmente escritas em catorze volumes, dos quais sobrevivem quatro e fragmentos de um outro. 5) *Anais* (escritos entre 116 e 118 d.C.), obra em dezesseis volumes, que abrangiam os anos de 14 a 68 d.C. Sobreviveram os volumes 1 a 6 (com exceção de grande parte de volume 5), e 11 a 16 (com exceção da abertura do volume 11 e do encerramento do 16).

Tácito escreve com brilho assombroso e soberano. Ficamos maravilhados com o colorido de seu estilo, com sua dramaticidade e seus epigramas; somos inevitavelmente influenciados por seus subentendidos, e podemos rejeitar seu pessimismo, mas nossa visão

do início do Império é freqüentemente condicionada por aquilo que Tácito julga conveniente citar ou omitir. Nenhum outro autor romano continua a influenciar, de modo tão efetivo, a visão atual dos acontecimentos por ele narrados, embora as pesquisas estejam conseguindo desvendar pouco a pouco as técnicas complexas e sutis utilizadas por ele.

TÁCITO(2) (*Tacitus*), imperador, 275-276 d.C.

Marco Cláudio Tácito foi nomeado imperador pelo Senado, a pedido do exército, após a morte de *Aureliano, no final de 275. Senador idoso, cuja carreira pública é praticamente desconhecida, Tácito nomeou seu irmão Marco Ânio Floriano para o posto de prefeito pretoriano. Floriano tornou-se imperador em 276, quando Tácito morreu (ou foi assassinado pelas tropas), seis meses após sua nomeação, mas sofreu o mesmo destino três meses depois.

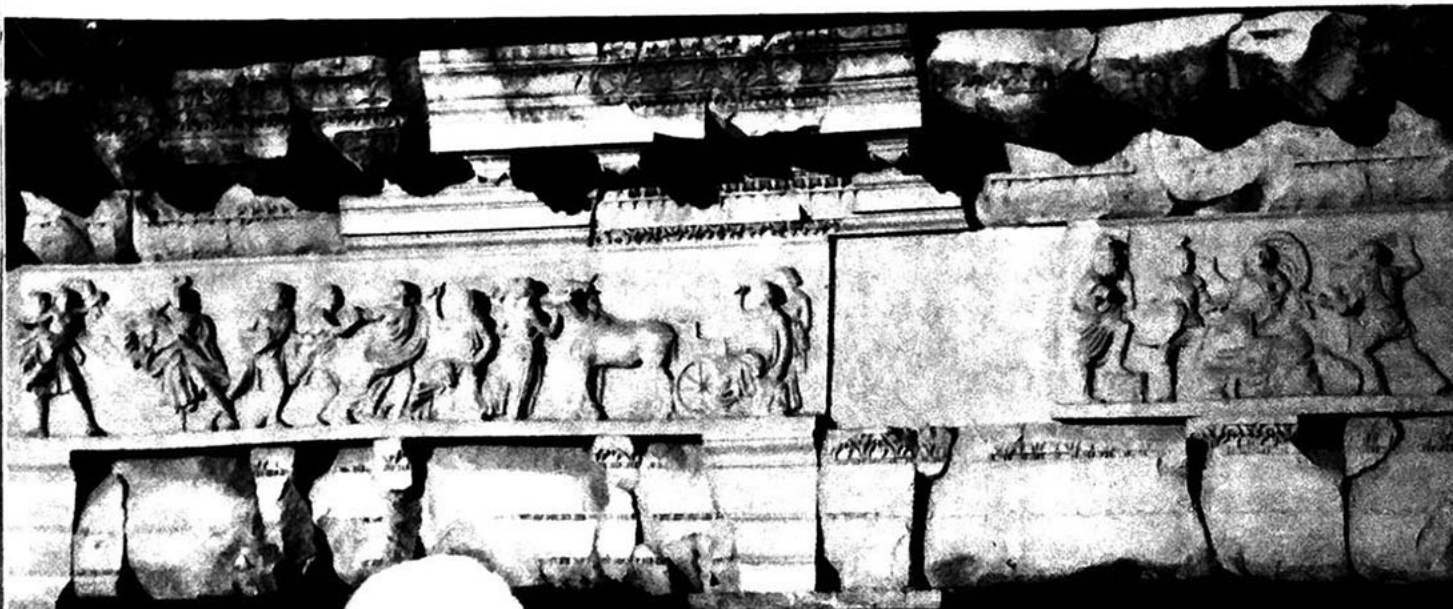
TANAQUIL (*Tanaquil*).

Supõe-se que Tanaquil estimulou a ambição de seu marido, *Tarquínio Prisco, e arquitetou a ascensão de *Sérvio Túlio. Embora o nome possa ser autêntico, a descrição de sua pessoa (inclusive de seus celebrados poderes como vidente) reflete com certeza uma elaboração popular e literária, e não corresponde à posição ocupada pelas mulheres na sociedade etrusca.

TARPÉIA (*Tarpeia*).

Na versão mais comum (etiologia da rocha Tarpéia), Tarpéia entregou o Capitólio a

Alto-relevo da Basilica Emilia (período de Augusto): morte de Tarpéia (à direita). Fórum romano.



*Tito Tácio em troca dos ornamentos no braço esquerdo dos sabinos: Tácio ordenou que ela fosse esmagada pelos escudos dos soldados. L. Calpúrnio *Pisão Frugi transformou-a em uma heroína que tentava desarmar os sabinos.

TARQUÍNIO PRISCO, LÚCIO (*Tarquinius Priscus, Lucius*); **TARQUÍNIO SOBERBO, LÚCIO** (*Tarquinius Superbus, Lucius*), reis de Roma, séculos VII(?) e VI a.C.

Convencionalmente, Tarquínio Prisco foi o quinto rei (616-579 a.C.) e Tarquínio Soberbo foi o sétimo (534-510 a.C.), mas seus reinados foram tão confundidos que a tradição não nos oferece qualquer diferença detalhada entre eles. É verossímil que a família (originária talvez de Cere, não de Tarquínia) tenha reinado por duas vezes, mas a cronologia e os detalhes das ascensões ao trono não são dignos de confiança. Não se sabe se algum deles dependeu de auxílio externo, embora a história registre o envolvimento de um tal Cneu Tarquínio (de Roma) e outros associados etruscos nos acontecimentos de Volceios (ver Aulo e Celes *Vibena). Fontes posteriores atribuem a um, ou a ambos os reis, medidas que refletem o desenvolvimento de Roma como cidade-Estado sob a influência dos etruscos, durante o século VI a.C.: drenagem e organização do Fórum, promoção do circo, dos jogos, instituição do triunfo, criação dos *fascas* e outras insígnias, do templo Capitoliño, dos Livros Sibilinos. A ambos também se atribui uma importante participação nas conquistas externas de Roma, principalmente a Soberbo, que estabeleceu a hegemonia romana no Lácio. A descrição de Prisco é bastante favorável, mas Soberbo — talvez seu filho ou neto — adquiriu as características de um tirano grego, o que explicava sua expulsão por L. Júnio *Bruto.

TARUCIENO PATERNO (*Tarutienus Paternus*), prefeito pretoriano, 180-182 d.C.

Advogado e autor de obras sobre tática e leis militares, Públio Tarucieno Paterno foi o secretário incumbido da correspondência em latim no tempo de *Marco Aurélio, e foi responsável por uma missão diplomática junto aos cotinos durante a primeira guerra desse imperador contra os germanos. Durante a segunda guerra, Tarucieno ocupou importante comando. Foi afastado da prefeitura pretoriana por Tigídio *Perene, mas recebeu o

posto honorário de ex-cônsul; logo depois, foi implicado numa suposta conspiração contra *Cômmodo, sendo executado.

TEMÍSTIO (*Themistius*) (aprox. 317-388/389 d.C.), filósofo da corte.

Nascido em Constantinopla, Temístio era filho de um filósofo da Ásia Menor, e desde cedo estabeleceu-se como perito em Aristóteles (de cujos estudos promoveu um renascimento) e como importante professor de filosofia. Atraiu a atenção da corte imperial com seu discurso *Sobre a clemência*, proferido em Ancara, em 350, diante de *Constâncio II (*Or.*, I). O discurso elogiava o imperador, ao mesmo tempo em que lhe apresentava os ideais de um bom governo, e serviu de base para os seus panegíricos dos imperadores, até o de *Teodósio I (*Or.*, I — XIX; o panegírico de *Juliano perdeu-se). Temístio foi nomeado senador de Constantinopla (355), depois procônsul da cidade (358-359), e recebeu a importante incumbência de recrutar novos senadores para Constantinopla, cujo Senado recebera então paridade com o de Roma. Quando Juliano ascendeu ao trono (361), Temístio escreveu-lhe sobre os deveres de um rei-filósofo, exaltando a superioridade da vida ativa em relação à contemplativa — importante inversão da posição defendida por Platão; a resposta de Juliano foi preservada até hoje. O paganismo moderado de Temístio não chegou a ser um obstáculo aos favores de outros três imperadores cristãos, depois de Constâncio: *Joviano, *Valente e mesmo Teodósio I. Este último nomeou-o tutor de *Arcádio e prefeito urbano de Constantinopla (384). Temístio participou também de dez embaixadas. Assim como a de *Libânio — seu amigo e correspondente —, a carreira de Temístio revela a influência dos principais literatos pagãos nos primeiros tempos do Império cristão.

Além de seus discursos políticos, Temístio escreveu discursos de caráter particular, inclusive uma oração fúnebre para seu pai (*Or.*, XX). Suas obras sobre Aristóteles devem ser datadas por volta de 345, quando inaugurou sua escola em Constantinopla. Destas, foram preservadas as interpretações dos *Analíticos posteriores*, do *De anima* e da *Física*, todas em grego; foram preservadas também versões em hebraico dos trabalhos sobre o *De cælo* e sobre a *Metafísica*. Esses trabalhos não têm muita originalidade nem

demonstram qualquer influência dos neoplatônicos, mas mesmo assim contêm comentários e paráfrases inteligentes.

TEODORETO (*Theodoretus*), bispo de Cirro (Síria), 423-aprox. 466 d.C.

Teodoreto, seguidor de *Nestório, defendeu a separação das duas naturezas (a divina e a humana) de Cristo. Isso provocou um conflito entre ele e os bispos de Alexandria, *Cirilo e Dióscoro, e Teodoreto foi deposto pelo Sínodo de Éfeso, em 449; porém, depois de renegar Nestório, foi reabilitado em Calcedônia, em 451. Seus escritos incluem a *Cura das doenças pagãs* (defesa da cristandade contra o paganismo), a *História religiosa* (coleção de biografias de monges sírios) e a *História da Igreja*, que abrange o período de 323 até 428.

TEODORICO I (*Theodoricus*), rei dos visigodos, 418-451 d.C.

Como rei dos visigodos da Aquitânia, Teodorico adotou uma política de cooperação com alguns oficiais romanos, mas respondeu agressivamente à política hostil de *Aécio, talvez com o objetivo de conquistar a costa mediterrânea do sul da Gália. Foram estabelecidos dois tratados: um em 430, após a expulsão dos godos de Arles (427), e outro depois da derrota de Litório em Toulouse (439), graças à mediação de *Avito. Em 451, Aécio aliou-se aos godos para lutar contra os hunos, e obteve vitória decisiva nas planícies da Catalunha. Teodorico morreu durante a batalha, sendo sucedido por seu filho Torismundo.

TEODORO (*Theodorus*), bispo de Aquiléia, 308-aprox. 320 d.C.

Bispo da importante cidade de Aquiléia, durante o período da paz da Igreja (313), Teodoro construiu uma grande basílica dupla, pavimentada com belos mosaicos figurativos (ainda preservados), que aliavam temas decorativos ao simbolismo cristão.

TEODÓSIO I (*Theodosius*), imperador, 379-395 d.C.



Obelisco de Teodósio, em Istambul: base (ver *Taciano) em que se vê o imperador e a corte assistindo aos jogos do circo.

Teodósio, chamado o Grande, para distingui-lo de seus filhos incompetentes, *Arcádio e *Honório, e de seus netos *Teodósio II e *Valentiniano III, igualmente incompetentes, foi um católico devoto que lutou contra as seitas cristãs minoritárias e contra os

Basílica de Teodoro, em Aquiléia: Jonas e a baleia, Jonas sob a trepadeira (pavimento de mosaico, século IV d.C.).



pagãos, e um hábil general capaz de vencer guerras civis. Era filho do conde *Teodósio, espanhol como ele (nasceu em 346), e em 374, quando era general de fronteira no médio Danúbio, derrotou os assaltantes sármatas. A execução de seu pai forçou-o a se retirar da vida pública, mas, após a morte de *Valente (agosto de 378), foi chamado de volta por *Graciano, e em 19 de janeiro de 379, nomeado imperador do Oriente.

Após uma campanha infrutífera, Teodósio permitiu que os godos se fixassem no Império sob a liderança de seus próprios chefes, com a condição de fornecerem contingentes militares (outubro de 382). Os godos continuaram a ser uma ameaça, mas Teodósio tinha pouca chance de escolha. Conseguiu tornar segura a fronteira oriental (aprox. 386) ao partilhar a Armênia com a Pérsia. Quando Graciano foi morto, em agosto de 383, Teodósio nomeou *Máximo (que era seu parente) como sucessor; no entanto, quando este invadiu a Itália, foi derrotado pelo próprio Teodósio numa campanha relâmpago (388). Teodósio ficou na Itália até 391, e sofreu a influência de Santo *Ambrósio; assim, quando em 390 ordenou um massacre na Tessalônica, em que morreram sete mil pessoas, foi excomungado por Ambrósio, e só recebeu seu perdão depois de cumprir uma penitência pública. Teodósio teve que intervir novamente na Itália quando *Eugênio usurpou o Império do Ocidente (392). Alguns meses depois de derrotar o exército ocidental nas fronteiras da

Itália (setembro de 394), Teodósio morreu em Milão, em 17 de janeiro de 395, deixando o Império dividido entre seus dois filhos, ou seja, entre suas cortes, mutuamente hostis.

Teodósio formou sua corte com ocidentais católicos como ele mesmo, e foi batizado logo após sua ascensão ao trono; revogou rapidamente as conseqüências do arianismo (ver *Ário) de Valente e, em maio de 381, convocou um concílio ecumênico em Constantinopla, a fim de reafirmar o Credo de Nicéia. Seguiram-se várias leis contra os heréticos. O prefeito pretoriano *Cinégio encorajou a demolição (ilegal) dos templos pagãos da Síria e do Egito; após sua morte (388), houve um abrandamento do antipaganismo, mas em 391, em Milão, provavelmente sob a instigação de Ambrósio, Teodósio proibiu todos os sacrifícios pagãos.

TEODÓSIO II (*Theodosius*), imperador do Oriente, 408-450 d.C.

Teodósio, nascido em 10 de abril de 401, era filho único de *Arcádio, a quem sucedeu em 408. Durante seu longo reinado, enquanto outros competiam para obter influência política, Teodósio procurou levar uma vida piedosa e de estudos, o que se reflete na fundação da "universidade" de Cons-

*Muralhas de Constantinopla, construídas no tempo de Teodósio II pelo prefeito *Antêmio (I), no início do século V d.C.*



tantinopla (425) e em seu estímulo à coleção de leis imperiais que traz seu nome: o Código de Teodósio (429-438). A "guerra fria" contra o Ocidente terminara, e os exércitos foram engajados na luta contra *Alarico, contra o usurpador João e contra os vândalos; a reaproximação Oriente/Ocidente foi sacramentada pelo casamento de Eudóxia, filha de Teodósio, com *Valentiniano III, em 437. A segunda metade de seu reinado foi dominada pela ameaça dos hunos; a partir de 430, mais ou menos, e principalmente na década de 440, quando *Átila os chefiava, Constantinopla tentou submetê-los por meios diplomáticos. Teodósio foi um observador passivo das controvérsias teológicas de seu reinado; concordou com a condenação de *Nestório (indicado por ele mesmo para a sé de Constantinopla) pelo Concílio de Éfeso, que ele reuniu em 431. Morreu em 28 de julho de 450, em consequência de uma queda de cavalo.



Moeda de ouro (sólido) do imperador Teodósio II.

TEODÓSIO, CONDE (*Theodosius*), comandante de cavalaria, 368-375/376 d.C.

General de *Valentiniano I, cruel mas muito eficiente, Flávio Teodósio era de origem espanhola, e foi o pai de *Teodósio I. Depois de mover com sucesso uma campanha na Bretanha (367-368), foi promovido a comandante-em-chefe no Reno, ao lado de Valentiniano. Por volta de 373, foi enviado à Mauritânia com uma pequena força para subjugar uma revolta (ver *Gildão), o que conseguiu após longas marchas e violentas represálias. Pouco tempo depois, foi executado em Cartago, talvez porque se temesse (por influência de *Merobaude(1) ?) que Teodósio assumisse o poder na confusão que se seguiu à morte de Valentiniano, em novembro de 375. Sua memória foi reabilitada após a ascensão de seu filho ao trono.

TEÓFANES (*Theophanes*) (falecido depois de 44 a.C.), historiador.

Natural de Mitilena, Teófanés foi amigo e conselheiro de *Pompeu, mesmo durante a fuga para o Egito, em 48 a.C. Relatou em seus escritos as campanhas de Pompeu no Mediterrâneo oriental, e foi deificado postumamente pelos agradecidos mitilenenses.

TEÓFILO (*Theophilus*), bispo de Alexandria, 385-412 d.C.

Dizia-se, a respeito de Teófilo, que o Egito preferia o faraó a Moisés. Os pagãos ficaram horrorizados com a destruição de um de seus maiores santuários, o templo Serápis, em Alexandria (391). Defensor dos ensinamentos de *Orígenes, Teófilo voltou-se depois contra ele e expulsou seus adeptos do Egito, em 400 d.C. Quando os origenistas se refugiaram em Constantinopla, Teófilo confirmou a primazia de sua própria sé, dominando o Concílio de Constantinopla do ano 403 e forçando a destituição do bispo da capital, São *João Crisóstomo.

TEOTECNO (*Theotecnus*) (falecido em 313 d.C.), governador e perseguidor dos cristãos.

Durante o reinado de *Maximino Daia (aprox. 309-313), Teotecno galgou cargos civis em Antióquia até ser governador de província. Deu provas de considerável habilidade ao organizar a oposição aos cristãos e ao estabelecer o oráculo Zeus, Amigo dos Homens, em Antióquia, o que lhe permitiu atribuir à autoridade divina sua política de perseguição. Após a derrota de seu patrono imperial, os cristãos vingaram-se torturando Teotecno até a morte.

TERÊNCIO (*Terentius*) (195/185-159 a.C.), comediógrafo.

Públio Terêncio Áfer era africano; veio para Roma como escravo, mas ganhou a amizade — o que lhe valeu críticas ciumentas — de *Lélio e *Cipião Emiliano. Escreveu apenas seis peças, todas no período de 166 a 160 a.C.; *Hecyra* foi representada três vezes, duas delas sem nenhum sucesso. Apenas uma peça, o *Eunuco*, a que mais se aproxima de *Plauto em sua mordacidade, obteve grande sucesso popular. Na verdade, sua fidelidade ao estilo de Menandro (embora nem sempre a seus temas), suas intrigas profundamente complexas, a análise sutil dos aspectos emo-



Terêncio, *Adelphi* (manuscrito, século IX). Roma, Biblioteca do Vaticano.

cionais, familiares e até mesmo educacionais (principalmente em *Adelphi* — *Os irmãos*), a caracterização verbal elegante, o uso casto e sóbrio da linguagem, os prólogos polêmicos, sua devoção à ironia como principal forma de humor e o abandono da maioria dos elementos de música e canto, tão importantes para Plauto, todas essas características deveriam acarretar-lhe a perda do favor popular. Ver Plauto, *Lúscio Lanuvino.

TERTULIANO (*Tertullianus*) (nascido em aprox. 170(?) d.C.), polemista cristão.

Quinto Setímio Florente Tertuliano nasceu em (ou perto de) Cartago, por volta da década de 160; sobreviveram poucos dados confiáveis sobre sua vida. Embora tenha permanecido como laico, foi o primeiro clérigo latino a adquirir importância: era escritor prolífico, e exerceu profunda influência na formação da cristandade ocidental. Tornou-se cristão por volta de 195/197, e começou a escrever uma série de obras morais e éticas para seus companheiros de fé, inclusive um tratado em cinco livros contra *Marcião. Sua *Apologia* é uma poderosa defesa da cristandade contra as acusações correntes na época. Por volta de 210, tornara-se insatisfeito com o pensamento cristão e com suas atividades, e por isso ligou-se à seita profética e extática dos montanistas (ver *Montano), que pregavam posições extremas na polaridade cristianismo/paganismo. Continuou a escrever propagandas vigorosas, inclusive uma carta data-

da de 212 e dirigida ao procônsul da Ásia, Escápula, em que protestava contra a repressão à cristandade. Sua erudição e sua capacidade retórica levam-nos a uma comparação com escritores da segunda sofística (por exemplo, o também africano *Apuleio). Tertuliano escrevia com energia concentrada e um vigor pessoal; suas convicções apaixonadas davam força e objetivo à sua grande habilidade retórica. Sua atividade literária (sobreviveram mais de trinta obras) deve ser datada do período de 196 a 212, não havendo evidência de que ele viveu além desse ano. A afirmação de que, no fim de sua vida, Tertuliano rompeu com os montanistas e fundou uma nova seita, chamada tertulianista, também se baseia em evidências duvidosas.

TÉTTRICO (*Tetricus*), imperador da Gália, 270-273 d.C.

De origem nobre, Caio Pio Esúvio Tétrico foi proclamado imperador pelo exército gaulês em 270 d.C., tendo servido como go-

Moedas de Tétrico I (à esquerda, em ouro) e Tétrico II (à direita, em bronze, com coroa radiada).



vernador da Aquitânia. Seu filho, Caio Pio Tétrico, foi nomeado César, e depois Augusto. O reinado de Tétrico foi perturbado por invasões bárbaras e pela insubordinação das tropas. Submeteu-se a *Aureliano por volta de 273/274, salvando assim sua própria vida e a de seu filho, e aparentemente morreu em paz muitos anos depois. Com sua rendição, deixou de existir definitivamente o império gaulês independente.

TIBERIANO (*Tiberianus*), poeta, séculos III e IV d.C.

Sobreviveu apenas uma pequena parte das obras de Tiberiano, cujas datas são pouco exatas: uma excelente descrição de um paraíso natural, um fragmento sobre a avareza e o interessantíssimo *Hino ao Criador*, que revela, porém, uma nítida influência órfica. Pode ter sido o autor da *Vigília de Vênus* (*Pervigilium Veneris*) (A. Cameron).

TIBÉRIO (*Tiberius*) (42 a.C.-37 d.C.), imperador, 14-37 d.C.

Tibério Cláudio Nero (cônsul em 50 a.C.) casou-se com *Lívia, que lhe deu dois filhos. O mais velho, que recebeu o mesmo nome do pai, sucedeu-o como chefe da aristocrática família dos Cláudios, após sua morte em 33 ou 32 a.C. O casamento de sua mãe, também da alta aristocracia, com *Augusto, ligou Tibério aos negócios da família reinante, e ele se casou com Vipsânia Agripina, filha de M. *Agripa, marechal de seu padasto. Depois de seu segundo casamento com *Júlia(2), filha do próprio Augusto, e que acabou em desgraça, ele costumava se comover até as lágrimas com a simples presença de sua primeira esposa, de quem fora obrigado a divorciar-se em 12 a.C.

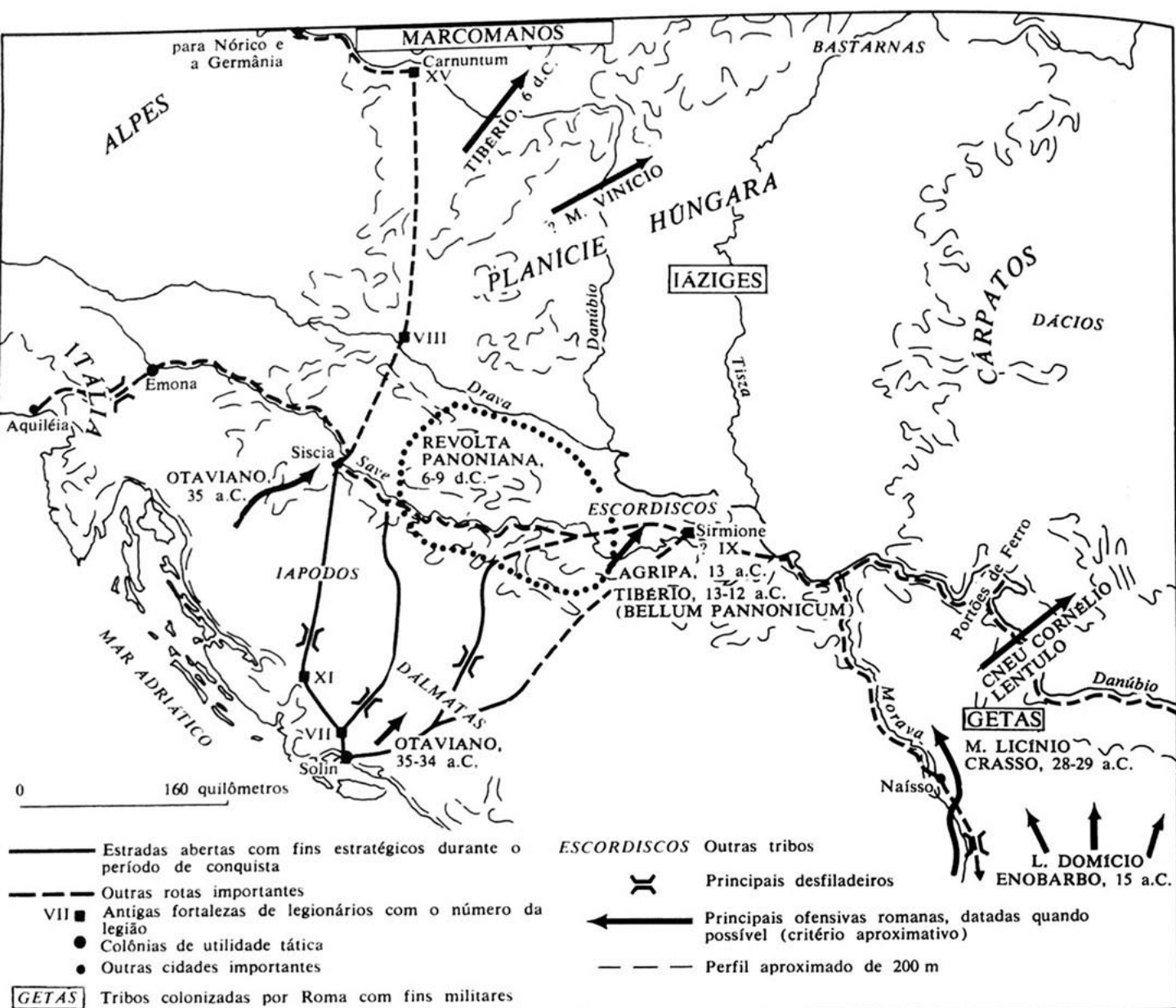
Foi um incansável agente do imperialismo romano: no Oriente, em 20 a.C., na Panônia, de 12 a 9 a.C., e na Germânia, de 9 a 7 a.C. e de 4 a 6 d.C. Os relatos incompletos que se têm dessas guerras conferem ao comandante-em-chefe parte da glória devida a seus principais subordinados, mas Tibério demonstrou que era um general muito competente. Depois da morte de Agripa, tornou-se o mais velho parente masculino de Augusto, e adquiriu grande importância, até que a crescente maturidade dos filhos de seu ex-sogro — Caio e Lúcio *César — tornou sua posição intolerável. Considerando demasiados os problemas

e as tensões da corte, Tibério retirou-se para Rodas (e mais tarde para Capri) em 6 a.C., embora nesse mesmo ano sua posição fosse ostensivamente beneficiada pela concessão do poder tribunicio. Parece que Augusto não gostava muito de Tibério — presumivelmente, Lívia era sua principal defensora —, e quando, após as mortes de Caio e Lúcio, tornou-se necessário chamá-lo de volta de seu retiro literário e filosófico, Augusto não o fez de bom grado. Tibério foi adotado no ano 4 d.C., e seu poder tribunicio foi renovado; no ano 13, recebeu um *imperium* proconsular igual ao do próprio Augusto. A crise da revolta na Panônia e o desastre sofrido por *Varo forçaram Tibério a restaurar as conquistas que ele mesmo realizara.

Com a morte do imperador, no ano 14 d.C., Tibério recebeu a difícil tarefa de ser o primeiro sucessor no governo de Augusto. Não se saiu muito bem. Um debate inconveniente e embaraçoso com o Senado fez prever o fracasso das negociações e a incapacidade de se esclarecer os respectivos papéis; isso prejudicou as relações entre o imperador e o Senado durante todo o reinado de Tibério. A principal consequência desse fracasso foi uma série de acusações e julgamentos por traição (*maiestas*). Tibério não foi capaz de

Retrato do imperador Tibério. Nápoles, Museu Nazionale.





A conquista do médio Danúbio.

garantir para si a importância que a duração do reinado anterior dera a Augusto; teve que depender de informantes, uma vez que possuía poucos amigos; naturalmente frio e distante, passou tanto tempo longe de Roma que a política da cidade se tornou estranha para ele; a lealdade e os hábitos do principado de Augusto morreram com seu criador, e Tibério herdou apenas os precedentes e os poderes. Além disso, como herdeiro das grandes tradições dos Cláudios, pode-se compreender que ele tenha sido bem menos incisivo do que Augusto, ao reduzir as oportunidades dos senadores de conseguirem proeminência, no Estado, através de seus próprios esforços. Não é surpreendente, pois, que muitas dessas questões lhe tenham escapado: delegou pode-

res a seu prefeito pretoriano e, no fim do reinado, em 29 d.C., partiu para Capri para nunca mais voltar.

As histórias soturnas sobre velhos amigos traídos e parentes condenados, relatadas por *Tácio, são o resultado de todas essas dificuldades: as suspeitas do envelhecido imperador, fomentadas pelo ambicioso *Sejano, culminaram na morte de quase toda a família de *Germânico, da qual só foi poupado o representante menos notável, que se tornou sucessor de Tibério. Embora tenha tido o cuidado de não alterar nenhum precedente importante, sua atitude tibia em relação ao sistema de Augusto fez com que, do ponto de vista administrativo, seu governo decorresse tranqüilamente. Os governadores de província obtiveram enorme fortuna, que podia ser guardada em Roma por questões de segurança. A economia doméstica atingiu um

tal vigor, que provocou a falta de moedas cunhadas em todas as províncias. Não foram promovidas campanhas dispendiosas (pelo menos, não após a morte de Germânico), não foram construídos edifícios luxuosos; mas a completa destruição de Sejano, quando Tibério já se encontrava em Capri, demonstrou que o imperador e o sistema continuavam vigorosos. O regime de Tibério, passivo e impopular, sobreviveu até sua morte (provavelmente natural), ocorrida em 37 d.C.



"Moeda de tributo" com "figura e inscrição" de Tibério, para "dar a César..." (Mateus, 18, 28).

Tibério era reservado, frio, introvertido e orgulhoso; era refinado e culto, ainda que pedante; tinha bom físico e gozava de boa saúde. Do ponto de vista do caráter, a parcimônia, a firmeza e a moralidade estoica (ele não tinha religião) parecem ter dado lugar — segundo se afirma — à mesquinhez, à crueldade e à devassidão. É certo, porém, que ele se tornou duro, áspero e amargo; e as consequências disso, principalmente para os que viviam em Roma, foram muito desagradáveis.

TIBÉRIO JÚLIO ALEXANDRE (*Tiberius Julius Alexander*), prefeito pretoriano, aprox. 70 d.C.

Tibério Júlio Alexandre era um judeu de Alexandria, sobrinho de *Filão. Sua notável carreira como equestre levou-o ao governo da Judéia, onde atuou na eliminação dos dissidentes, e a um posto sob o comando de *Corbulão, na Armênia, a partir de 63 d.C. Em 66, foi nomeado prefeito do Egito, onde teve também que sufocar distúrbios; um importante edito, relacionado com a administração da província e divulgado no tempo de *Galba, foi preservado. Apoiou *Vespasiano e o auxílio na Guerra da Judéia — quando

tentou dissuadir *Tito de destruir o Templo. Foi recompensado com a prefeitura pretoriana, ápice de sua carreira.

TIBULO (*Tibullus*) (aprox. 54-19 a.C.), escritor de elegias.

As origens de Albio Tibulo são incertas, mas sua posição era eminente o bastante para que sofresse com o confisco de propriedades durante as guerras civis (I, 1, 41 e segs.). Amigo de *Horácio (*Ep.* I, 4; *Odes*, I, 33) e conhecido por *Ovídio (*Tristia*, I, X, 51), integrava o grupo de poetas que cercava M. Valério *Messala, a quem pode ter acompanhado durante uma campanha na Gália. Escreveu dois livros de elegias (o primeiro por volta de 26 a.C.); quanto ao livro III, ver *Lídamo e *Sulpícia. O primeiro livro incluía temas homossexuais ("Mátrato") e temas heterossexuais ("Délia"); o segundo cantava a mulher ("Nemesis"). Tibulo celebra também seu patrono, o filho de seu patrono e as bênçãos da paz. Comparado a *Propércio ou Ovídio, Tibulo parece frio, árido e mesmo enfadonho, mas pode-se discernir nele um talento "seco e elegante" (*Quintiliano, X, 1, 93) e uma exploração irônica das convenções da elegia e da poesia bucólica.

TIGELINO (*Tigellinus*), prefeito pretoriano, 62-68 d.C.

Mesmo levando-se em conta a propaganda contra ele, os antecedentes de Caio Sofônio Tigelino parecem sombrios: era de "origem obscura e infância corrupta", diz *Tácio. Os relatos sobre Tigelino mencionam adultério com princesas, um período em que ganhou dinheiro no comércio de peixes (ou de pão) na Grécia, várias heranças suspeitas, e a criação de cavalos na Apúlia, o que chamou a atenção de *Nero. Partilhava dos interesses imorais do imperador, o que lhe valeu a prefeitura da guarda e depois a dos pretorianos, como sucessor de *Burro; progrediu em sua carreira com perversidade e devassidão, subindo ainda mais no favor imperial depois da revolta de *Pisão. A influência de *Vínio salvou-o do ódio popular no tempo de *Galba, mas *Oto forçou-o a se suicidar.

TIGRANES I (*Tigranes*), rei da Armênia, ativo em 90-60 a.C.

Tigranes foi inicialmente um candidato parta ao trono da Armênia; expandiu muito

seu pequeno reino, em parte às expensas da Pérsia, mas principalmente usurpando o que restara do reino da Selêucia (83 a.C.). A aliança com *Mitridates, do Ponto, forçou-o a entrar em conflito com Roma (69 a.C.), e ele foi derrotado por *Luculo e depois por *Pompeu. Esse último dividiu o efêmero império de Tigranes, mas permitiu-lhe que continuasse com a Armênia como rei cliente de Roma.



Moeda de prata (denário) de L. Titúrio Sabino (89 a.C.), em que se vê a cabeça de Tito Tácio.

TIGRANES V (*Tigranes*), rei da Armênia, 60-62 d.C.

Descendente de *Herodes, da Judéia, e pertencente à família de Arquelaú, da Capadócia, Tigranes viveu muitos anos como refém em Roma, e foi depois imposto por *Nero como rei da Armênia (60 d.C.), embora sem muito sucesso. Ver também *Tiridates.

TIMÁGENES (*Timagenes*), historiador, ativo em Roma em 55 a.C.

Natural de Alexandria, Timágenes foi libertado da escravidão pelo filho de *Sila. Escreveu uma obra aparentemente anti-romana, *Sobre os reis*, grande parte da qual parece ter sido preservada em *Trogo. Era uma figura fortemente contestadora: *Augusto expulsou-o de sua casa por suas repetidas insolências e, diante disso, Timágenes queimou com grande alarde a história que escrevera sobre o imperador. Associou-se então a *Asínio Pólio, a quem Augusto disse: "Você alimenta animais ferozes" (*Sêneca, *De ira*, III, 23).

TIMEU (*Timaeus*) (meados do século IV-meados do século III a.C.), historiador.

Timeu era filho do governador de Taormina, na Sicília. Escreveu trinta e oito (ou mais) livros, em que relatava os eventos

ocorridos "na Itália, na Sicília e na Líbia"; foram preservadas em extensos fragmentos, e sua influência pode ser detectada em vários autores (por exemplo, em *Licofrão). Seu entusiasmo, sua curiosidade e seu cuidado nas pesquisas são às vezes prejudicados pelo culto do improvável e pela falta de agudeza crítica. Tanto nas *Histórias* quanto no seu relato sobre *Pirro, estava sempre preocupado com Roma: menciona a lenda de sua fundação troiana e refere-se aos monumentos de Roma e de Lavínio.

TIMESÍTEO (*Timesitheus*), prefeito pretoriano, 241-243 d.C.

Caio Fúrio Sabino Áquila Timesíteo especializou-se em finanças, e teve uma carreira longa e ilustre. Em 241, tornou-se prefeito pretoriano de *Gordiano III, e sua filha *Tranqüilina casou-se com o imperador. Administrador capaz, de ambição moderada, demonstrou possuir também excelente competência militar. Durante os anos em que ocupou o poder, reforçou as fronteiras africanas e, em 242, iniciou com Gordiano uma campanha contra os persas. Em 243, libertou a Síria, retomou Carras e assegurou a posse de toda a Mesopotâmia, mas ficou muito doente e morreu no mesmo ano.

TINCÔMIO (*Tincommius*), rei da Bretanha, aprox. 25 a.C.-antes de 7 d.C.

Tincômio foi o sucessor de *Cômio (que reinou no tempo da invasão da Bretanha por *César) como rei dos belgas, no sul da Bretanha. *Augusto, depois de abandonar a idéia

Moedas de ouro (estátères) de reis britânicos: Tincômio (à esquerda), Vérica (no centro) e Tasciovano (à direita).



de conquista, estabeleceu com ele laços diplomáticos, talvez com a finalidade de conter a influência dos catuvelanos, liderados por Tasciovano (governante conhecido apenas por sua efígie em moedas). Em determinado momento, assim como Dubnovelauno, rei dos triunvantes, achou que seria conveniente fugir para Roma. Foi sucedido no trono por seus irmãos Epilo e Vérica (esse abandonou seu reino antes da invasão da Bretanha por *Cláudio, em 43 d.C.).

TIRÃO, MARCO TÚLIO (*Tiro, Marcus Tullius*) (103-4 a.C.), secretário de Cícero.

Escravo da família de *Cícero e liberto em 53 a.C., Tirão foi companheiro e amigo íntimo do orador durante toda a vida. Auxiliou-o na preparação e publicação de suas obras, e continuou a fazê-lo mesmo depois do assassinato de seu amo (43 a.C.). Tornou-se também um célebre bibliotecário, e ficou famoso como criador de um sistema de taquigrafia; seu nome foi atribuído a uma coleção, ainda hoje existente, de abreviações antigas.

TIRIDATES (*Tiridates*), nome de vários membros da dinastia persa dos Arsácidas.

O Tiridates mais conhecido é o irmão de *Vologeso I que, no fim do reinado de *Cláudio, foi o candidato persa ao trono da Armênia, que ocupou de modo intermitente. Foi derrotado por *Corbulão, mas, depois da derrota dos romanos comandados por Cesênio *Peto, estabeleceu um acordo com *Nero, ratificado em Roma com grande pompa (66 d.C.), e que lhe assegurou o trono. Ver também *Tigranes V.

TIRIDATES III (*Tiridates*), primeiro rei cristão da Armênia, 287-318/330(?) d.C.

O apoio constante de Roma possibilitou a Tiridates combater a interferência dos persas; sua posição foi reafirmada pela vitória esmagadora de *Galério na luta contra *Narses, em 298. Grandes prodígios, realizados por *Gregório, o Iluminador, no próprio palácio imperial, convenceram Tiridates de que deveria impor o cristianismo a seu povo e destruir os antigos templos nacionais. Esses eventos foram tão traumáticos que a conversão do rei se tornou o mito nacional da Armênia cristã.

TITO (*Titus*) (41-81 d.C.), imperador, 79-81 d.C.

Filho mais velho de *Vespasiano, Tito teve a honra de ser educado com *Britânico (talvez porque *Cláudio aprovasse as proezas militares de seu pai na Bretanha), e tornou-se grande amigo do rapaz. Distinguiu-se como tribuno militar na Bretanha e na Germânia, e foi indicado comandante de uma das legiões comandadas por seu pai na Judéia. Demonstrou notável bravura, e assumiu o comando da guerra quando seu pai foi proclamado imperador em 69.

Durante o reinado de Vespasiano, Tito participou do poder imperial, apesar das insinuações de que fora considerado sucessor de *Vitêlio em 69. Ocupou sete consulados e comandou a guarda pretoriana. Na tarefa de manter a segurança (pois o reinado de Vespasiano, apesar de consciencioso e eficiente, não esteve livre de distúrbios), Tito mostrou

Arco de Tito (aprox. 81/90 d.C.), no Fórum romano.



tanta arrogância que poderia ser descrito como cruel. Em sua vida particular, Tito não ficou completamente isento de suspeitas: seu caso com *Berenice, bem mais velha do que ele, foi muito criticado; possuía também um extraordinário — quase sinistro — talento para imitar a letra de outras pessoas. Mas nem esses fatos, nem os incêndios de Roma, nem a erupção do Vesúvio diminuíram a reputação favorável que gozou durante e depois de seu reinado, e que poderia ter sido diferente se ele tivesse governado mais tempo. Entretanto, várias das histórias relatadas sobre ele revelam alguma preocupação com a moralidade; a mais enigmática é a observação, feita em seu leito de morte, de que se arrependia de apenas uma coisa que fizera em sua vida. O que quer que fosse, sua generosidade e bom senso em face das irritações e das intrigas, principalmente de seu irmão *Domiciano, e as medidas úteis que tomou quando no poder (em especial contra os informantes) têm mais peso.



Protótipo de moeda do imperador Tito.

TORQUATO, TITO MÂNLIO IMPERIOSO
(*Torquatus, Titus Manlius Imperiosus*), cônsul em 347, 344 e 340 a.C.

Supõe-se que Torquato derivou seu cognome do colar de ferro que, ainda jovem, tirou de um guerreiro gaulês, depois de matá-lo em combate corpo a corpo. Supõe-se, também, que em 340 a.C. ele derrotou os latinos e seus aliados, próximo a Cápua, através do *devotio* de seu colega P. *Décio Mure(1). (*Diodoro relata apenas uma segunda vitória, atribuída somente a Mânlio por *Lívio, “perto de Trifano”; mas as duas batalhas citadas por Lívio podem ser uma duplicação inconsciente.) A expressão proverbial “por ordem de Mânlio” deriva, supostamente, da ordem dada por ele para que seu próprio filho fosse exe-

cutado, sob a acusação de ter desobedecido a instruções militares. Suas ditaduras (353, 349 e 320 a.C.) são todas de comprovação duvidosa.

TRAJANO (*Traianus*), imperador, 97-117 d.C.

Os Úlpios eram uma família da Úmbria que se fixara na Bética (Espanha). Seu pai homônimo (Marco Úlpio *Trajano) foi o primeiro membro da família a atingir o *status* senatorial; assim, Trajano pôde utilizar a distinção alcançada por seu pai como base para sua própria carreira. Sua reputação começou a crescer com o auxílio imediato que deu a *Domiciano em 89, contra Antônio *Saturnino, época em que Trajano comandava uma legião na Espanha. A prosperidade e as vantagens que se seguiram — inclusive o consulado de 91 — permanecem obscuras, pois os autores a quem devemos a maior parte das informações sobre o período não consideravam admirável o fato de receber favores de um imperador como Domiciano.

*Nerva indicou Trajano como governador da Germânia Superior e, depois da crise de 96 e da ameaça da guarda pretoriana, adotou-o como seu herdeiro. Trajano era ativo e hábil, ilustre pelos feitos de seu pai e pelos favores de Domiciano — embora não se envolvesse profundamente nas associações menos respeitáveis do reinado desse imperador —, mas sua adoção não pode ser explicada facilmente, e é bem possível, como se sugere em relatos antigos, que insinuações do próprio Trajano e de seus amigos combinaram-se às dificuldades do momento para levarem Nerva a tomar tal decisão. A relutância de Trajano em voltar a Roma após a morte de Nerva, sua preparação intensiva para uma guerra no estrangeiro e a maneira com que lidou com os pretorianos, tudo sugere que a situação em 97, por razões desconhecidas, era mais insegura do que fazem crer as fontes de informações sobre o período.

A agressão tomou forma com as guerras punitivas contra Decébal e os dacos, que não haviam sido dominados de modo decisivo por Domiciano. A primeira guerra terminou rapidamente, mas Decébal não cumpriu sua palavra, e uma segunda guerra encerrou-se com seu suicídio e a transformação da Dácia em província romana; as riquezas minerais e a segurança da fronteira foram os pretextos



Coluna de Trajano, em Roma; detalhes: à esquerda, Trajano com um ajudante; à direita, Trajano falando às tropas.

usados. Em 114, Trajano obteve novos sucessos na Mesopotâmia, que, juntamente com a Assíria, foi transformada em província; mas a região mostrou-se difícil de ser governada e, por ocasião de sua morte (na Cilícia), as revoltas, que se espalhavam por toda a Assíria e só eram debeladas com grande dificuldade, somadas à ameaça de distúrbios na Judéia e na Síria, levaram-no a adotar novamente para a Pérsia o sistema de reino protegido.

Trajano mereceu a alcunha de *optimus princeps* e lutou para representar o imperador ideal, sonhado por muitos senadores que haviam discordado dos governantes anteriores. O respeito pelo Senado e a utilização crescente do talento senatorial para administrar programas como o dos *alimenta* (programa de auxílio à pobreza, em toda a Itália), ou para lidar com problemas como o que Plínio, o Jovem, enfrentou na Bitúnia, melhoraram as relações com essa classe; os homens que Trajano promoveu, Sósio Senecião, Licínio Sura ou Cornélio Palma, receberam as mesmas honras que os baluartes do Senado, tais como Vestrício Espurina, Frontino e Virgínio Rufo. Ao mesmo tempo, devotou-se intensamente às reformas administrativas, e vastas quantias foram gastas em projetos de edifícios como o do Fórum (com sua coluna)

e o das Termas em Roma. Sua esposa, Plotina, partilhou de sua boa reputação, e o fato de que ele próprio fora adotado, adotando por sua vez um herdeiro — Adriano —, tornou-o querido por aqueles que acreditavam que a sucessão deveria basear-se no mérito, e não no nascimento ou no sangue. Seus oponentes tinham a censurar-lhe apenas a bebida e a homossexualidade — mesmo assim, ele não se excedia em nenhuma das duas. Talvez sua reputação tenha sido retocada, mas ele permanece um exemplo de governante competente e consciencioso.

TRAJANO, MARCO ÚLPIO (*Traianus, Marcus Ulpius*), cônsul, 69/70 d.C.

Pai do imperador Trajano, Úlpio comandou uma legião durante a Guerra da Judéia, e, logo após a ascensão de Vespasiano, foi recompensado por sua lealdade ao ser eleito cônsul, depois governador da Síria. Nesse posto, coube-lhe a responsabilidade mais ampla de reorganizar a fronteira oriental; por seus feitos, recebeu a insígnia triunfal.

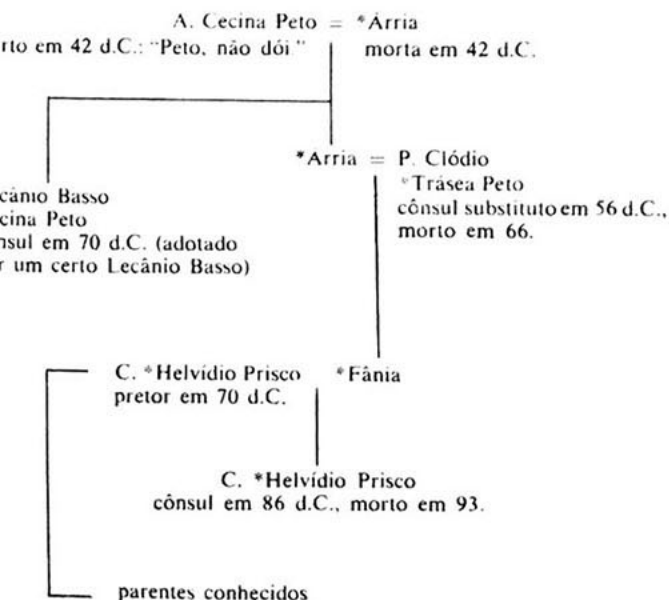
TRANQUILINA (*Tranquilina*), imperatriz, 241-244 d.C.

Sabina Fúria Tranqüilina era filha de *Timesíteo, prefeito pretoriano de *Gordiano III, e casou-se com o imperador em 241. Seu destino após a morte de Gordiano é desconhecido.

TRÁSEA PETO (*Thræsea Paetus*), dissidente estóico; cônsul em 56 d.C.

Públio Clódio Trásea Peto foi a personagem mais influente que decidiu tornar público seu descontentamento com o início do principado. Tinha suas origens no norte da Itália (Pádua), e *Tácio achava que o escândalo provocado nas pequenas cidades pela vida levada em Roma era o principal responsável pelas atitudes intransigentes de homens como Trásea. Sua atitude independente no Senado (embora sempre em questões controvertidas) colocou muitas vezes *Nero contra ele; suas ausências em certas ocasiões, para demonstrar lealdade, tornaram-se cada vez mais óbvias; em 66 d.C., foi condenado e recebeu a honra de suicidar-se. Era amigo de *Pérsio e de *Vespasiano, companheiro de *Demétrio, o Cínico, e genro de Cecina Peto e *Árria; escreveu uma biografia de *Catão "Uticense" e foi, por sua vez, objeto de uma biografia. Sua influência tornou-se especialmente marcante quando o reinado de *Domício suscitou pressões e simpatias idênticas entre os sobreviventes dessa geração; desse fato deriva o interesse de Tácito.

Relações familiares de Trásea Peto



TREBONIANO GALO (*Trebonianus Galus*), imperador, 251-253/254 d.C.

Caio Víbio Treboniano Galo serviu como general no tempo de Trajano *Décio, e ocupou os caminhos usados pelos godos que haviam devastado a Trácia por volta de 248-251. Após a morte de Décio, em 251, Treboniano foi proclamado imperador e estabeleceu a paz com os godos; voltou a Roma, onde governou juntamente com *Hostiliano (filho de Décio) como augusto, e com seu próprio filho, *Volusiano, como César. O reinado de Treboniano foi dificultado pelo reinício das invasões góticas em 252-253, pela deterioração das condições da fronteira oriental e pela devastação do mundo romano pela peste. Em 253, iniciou uma perseguição aos cristãos; ele e Volusiano morreram nessa época no norte da Itália, lutando contra *Emiliano.



Retrato do imperador Treboniano Galo, em terra-cota. Florença, Museu Arqueológico.

TRIFIODORO (*Triphiodorus*), poeta, século V d.C.

Trifiodoro nasceu provavelmente em Panópole (Egito), e foi um poeta medíocre que escreveu uma *Odisséia Leipogrammatos* (que se perdeu) e uma curta *Captura de Ílio*. Viveu provavelmente antes de *Nono.

TROGO, POMPEU (*Trogus, Pompeius*), historiador, era de Augusto.

Originário da Gália Narbonense (ver XLIII, v. 11), Trogo escreveu as *Histórias*

filípicas, uma “história universal” em quarenta e quatro livros, que se concentra — provavelmente por influência de *Timágenes — não em Roma, mas em outros impérios mediterrâneos, principalmente a Macedônia e a Pérsia. O trabalho sobreviveu apenas em seu índice de assuntos e num resumo elaborado por Justino (Marco Juniano Justino) e datado, provavelmente, do século III d.C.

TULO HOSTÍLIO (*Tullus Hostilius*), rei de Roma, século VII a.C. (?).

Tulo foi o terceiro rei de Roma (datas convencionais: 672-641 a.C.). O renascimento das ambições militares de Roma e a instituição dos rituais associados (que incluíam os procedimentos dos feciais) foram atribuídos a ele talvez por causa de seu nome *hostis*, que em latim significa “inimigo”. Suas campanhas, inclusive a conquista de Alba Longa, refletem apenas versões posteriores sobre o início da expansão de Roma. Supõe-se também que ele construiu a casa do Senado (*Curia Hostilia*) e sua vizinha Assembléia popular (*Comitium*).

TURBÃO, MÁRCIO (*Turbo, Marcius*), prefeito pretoriano, a partir de 119 d.C.

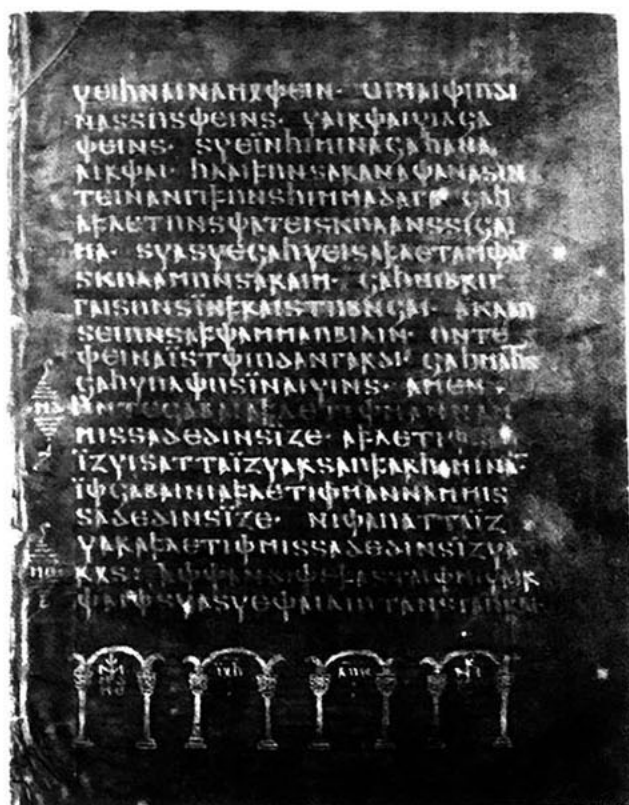
Originário da Dalmácia, Quinto Márcio Turbão ascendeu hierarquicamente — obteve a amizade de *Adriano — e conquistou o *status* de equestre. Foi comandante da frota em Misena, em 114, e esmagou a revolta dos judeus no Egito e na Cirena, sufocou a insurreição da Mauritânia e reorganizou a província da Dácia, antes de ser nomeado prefeito pretoriano. Em 136, foi forçado por Adriano a cometer suicídio.

TURRÂNIO, CAIO (*Turranius, Gaius*), prefeito do suprimento de cereais, 14-aprox. 48 d.C.

Em 48 d.C., Turrânio ainda era prefeito do suprimento de cereais, embora já ocupasse o cargo há trinta e quatro anos e tivesse quase cem anos de idade. *Calígula tentou afastá-lo do cargo, mas Turrânio não conseguia viver sem ele. É provável que esse Turrânio tenha ocupado o cargo de prefeito do Egito no tempo de *Augusto, exemplo esplêndido de ótimo administrador equestre.

ÚLFILA OU VÚLFILA (*Ulfila*) (aprox. 311-383 d.C.), bispo dos godos.

Descendente de um cristão capadócio capturado pelos visigodos, no século III, Úfíla nasceu e foi educado entre os godos, voltando ao Império apenas na década de 330. Estudou em Constantinopla e na Ásia Menor, antes de ser consagrado bispo dos godos pelo ariano (ver *Ário) *Eusébio de Constantinopla (ex-Nicomédia), por volta de 341 d.C., e iniciar sua missão entre eles. Expulso pela perseguição de 348, ele e seus seguidores refugiaram-se na Trácia e, mais tarde, prestaram auxílio aos godos que haviam se estabelecido no Império. Traduziu a Bíblia para o gótico, inventando uma escrita baseada nos alfabetos grego e romano e nas runas germânicas.



Bíblia Gótica de Úfíla: Códice Prateado (tinta prateada em velino púrpura, século IV). Uppsala, Universitetsbibl.

ULPIANO (*Ulpianus*) (falecido em 228 d.C.), jurista e prefeito pretoriano.

Nascido em Tiro, Domício Ulpiano tornou-se jurista famoso. A maior parte de seus trabalhos foi escrita durante o reinado de *Caracala (212-217). Aparentemente, foi banido por *Elagábalo, mas tornou-se mais tar-

de secretário de *Severo Alexandre, responsabilizando-se pelas petições (aprox. 222); em seguida, foi nomeado prefeito do suprimento de trigo e prefeito pretoriano. Em 228, foi assassinado pela guarda pretoriana. Seus trabalhos eram amplos e abrangentes, e formaram a base da legislação romana codificada nos fins do Império.

UMÍDIO QUADRATO (*Ummidius Quadratus*), cônsul II, na época de Cláudio.

A carreira de Caio Umídio Dúrmio Quadrato foi notável, com constantes promoções durante o reinado de *Tibério, que culminaram em um segundo consulado durante o reinado de *Cláudio e num longo e bem-sucedido governo da Síria, onde não entrou em acordo com *Corbulão. Morreu quando ainda ocupava o cargo na Síria, por volta de 60 d.C. Foi um exemplo de político capaz de progredir apesar da agitação política.

URÂNIO ANTONINO (*Uranius Antoninus*), usurpador, 248-253/254 d.C.

Lúcio Júlio Aurélio Sulpício Urânio Antonino foi um usurpador sírio que se revoltou contra as taxas extorsivas impostas por Caio Júlio Prisco, irmão de *Filipe I. Sobreviveu até 253/254 d.C.

URSÁCIO e VALENTE(2) (*Ursacius e Valens*), bispos arianos, meados do século IV d.C.

Ursácio, bispo de Singiduno (Belgrado) (ativo em aprox. 335/371), e Valente, bispo de Mursa, foram alunos de *Ário e inimigos de *Atanásio. Assumiram posição pró-ariana moderada, e tornaram-se conselheiros espirituais de *Constâncio II após a morte de *Eusébio de Nicomédia e Constantinopla (aprox. 341). Acompanharam as mudanças de política de Constâncio e, em 347, retiraram suas acusações contra Atanásio, mas repudiaram sua palinódia após a morte do imperador ortodoxo *Constante (350), continuando a apoiar a luta de Constâncio para firmar o arianismo.

URSICINO (*Ursicinus*), comandante da cavalaria, 349-359 d.C.

Ursicino deve sua fama ao fato de que o historiador *Amiano serviu em seu grupo de assistentes e deixou uma descrição parcial do homem que admirava. Soldado competen-

te, serviu sob o comando de *Constantino e foi indicado comandante da cavalaria por *Constâncio II, em 349, sendo enviado para o Oriente. Em 354, foi chamado de Nísibis por *Galo César para presidir os julgamentos por traição — Amiano culpa Galo César por todas as injustiças e crueldades perpetradas. Ursicino foi chamado de volta à corte e, em 355, enviado a Colônia para conter *Silvano. Em 357, foi mandado novamente ao Oriente, e, em 359, nomeado comandante da infantaria, mas foi incapaz de salvar a cidade de Amida durante o cerco persa, devido à inércia de seu sucessor no posto do comando da cavalaria. Foi considerado culpado pela queda de Amida e afastado do posto em 360.

URSULO (*Ursulus*), conde das riquezas sagradas, 355-361 d.C.

Tesoureiro-chefe no tempo de *Constâncio II, Úrsulo cedeu dinheiro para o César *Juliano, na Gália, e tornou-se alvo do ódio dos militares pela seguinte declaração de 360, junto às ruínas de Amida: “Vejam com que coragem as cidades são defendidas pelos soldados, cujos altos salários esgotam completamente os recursos do Império”. *Arbício e outros generais, na Comissão da Calcedônia do tempo de Juliano (361), vingaram-se condenando-o à morte. “A própria justiça”, diz *Amiano, “chorou a morte desse homem íntegro.”

VABALATO (*Vaballathus*), rei de Palmira, 266-272 d.C.

Filho de *Odenato e *Zenóbia, Lúcio Júlio Aurélio Setímio Vabalato Atenodoro

Moeda de prata (antoniniano) de Vabalato menino, mas retratado como homem.



aparentemente sucedeu ao pai após seu assassinato, embora sua mãe exercesse o poder real. Vabalato assumiu o título de augusto por volta de 272, mas foi derrotado e deposto por *Aureliano no mesmo ano.

VADOMAR (*Vadomar*), general romano, década de 360 d.C.

Vadomar foi rei de uma agitada tribo dos alamanos na Floresta Negra, até ser seqüestrado por ordem de *Juliano (361). Após a morte deste, Vadomar auxiliou na repressão do usurpador *Procópio (primo de Juliano), e serviu ao imperador *Valente como general na fronteira do Oriente.

VALENTE (*Valens*), imperador da parte oriental, 364-378 d.C.

A Valente atribui-se geralmente o desastre de Adrianópolis, do qual o exército romano nunca mais se recobrou. Era o irmão mais jovem de *Valentiniano I, que o tornou imperador da parte oriental. Era natural da Panônia, como seu irmão, mas não possuía sua habilidade militar nem sua personalidade forte. A guerra civil contra o usurpador *Procópio (365-366) tornou-o inseguro. Foi batizado como ariano (ver *Ário), e perseguiu os católicos orientais (ver *Basílio) sem muito zelo. A redução dos impostos por meio de uma economia cuidadosa permanece como sua principal realização. Através de seus generais (*Vitor e outros), Valente impôs uma paz duradoura aos godos (369), e interveio com

sucesso na Armênia a partir de 371, mas imprudentemente permitiu que os godos atravessassem o Danúbio quando fugiam dos hunos (376). Quando os godos se revoltaram, Valente mobilizou seu exército e, seguindo o conselho de *Sebastiano, conduziu uma batalha campal antes que os reforços do Ocidente chegassem. Foi derrotado e morto, juntamente com dois terços de todo o seu exército, em 9 de agosto de 378.

VALENTE(2) (*Valens*), bispo de Mursa (ver *Ursácio).

VALENTE, FÁBIO (*Valens, Fabius*), côsul, 69 d.C.

Como comandante de uma legião na Germânia Inferior, Fábio encorajou *Vitêlio a marchar contra *Galba. Juntamente com A. *Cecina, foi o principal general de Vitêlio; comandou a luta contra *Oto e organizou as atividades do imperador, em Roma, após a vitória em Bedriaco. Embora *Tácio elogie sua inteligência, parece que sua inércia — aliada à doença — impediu que se opusesse aos partidários de *Vespasiano; foi então capturado e morto.

VALENTINIANO I (*Valentinianus*), imperador, 364-375 d.C.

Flávio Valentiniano tem sido considerado o último imperador romano de real grandeza; foi certamente o último imperador bem-sucedido da parte ocidental. Seu pai era um camponês da Panônia que chegou a general. Valentiniano nasceu em 321, e recebeu alguma educação antes de tornar-se oficial da cavalaria; foi injustamente afastado do posto

Aqueduto de Valente, Constantinopla (Istambul), fins do século IV d.C.



(357-363), mas *Joviano chamou-o de volta para que comandasse um regimento da Guarda Real, e ele foi proclamado imperador em 25 de fevereiro de 364, quando Joviano morreu. Um mês mais tarde, proclamou co-imperador a seu irmão mais jovem, *Valente, e no mesmo verão dividiu o Império em duas partes, permanecendo no Ocidente. A defesa das fronteiras foi sua prioridade. Os alamanos invasores da Gália foram destruídos (365-366), e sua terra natal, no sul da Germânia, foi devastada. As fortificações desde a Suíça até o mar do Norte foram reconstruídas pela última vez, e o poderio do exército foi aumentado. Uma invasão da Bretanha (367-368) e uma rebelião de mouros na África (373-375) foram contidas pelo conde *Teodósio. Em 375, Valentiniano teve que deixar a Gália para comandar as represálias contra os invasores da Panônia; enquanto repreendia uma delegação dos responsáveis pelo ocorrido, sofreu um ataque apoplético e morreu (17 de novembro).

Embora sujeito a acessos de raiva, Valentiniano era um administrador consciencioso, que suspeitava dos seus agentes e tentava, com sucesso limitado, controlar os abusos e excessos de taxaço; seu fracasso em controlar Petrônio *Probo foi um desastre. As relações com a aristocracia senatorial ficaram tensas, os cargos da corte foram ocupados por burocratas, os consulados passaram para comandantes-em-chefe, e até os generais de fronteira passaram a ter acesso ao nível senatorial; *Maximino executou senadores em Roma, acusados de delitos sexuais e do uso de veneno ou mágica. Valentiniano era católico. Adotou uma política religiosa sem precedentes: tolerava os pagãos e a maioria dos heréticos, e só intervinha na política da Igreja quando necessário para manter a ordem pública.

Protótipo de moeda do imperador Valentiniano I.



VALENTINIANO II (*Valentinianus*), imperador da parte ocidental, 375-392 d.C.

Flávio Valentiniano, nascido em 371, era o filho mais novo de *Valentiniano I e de sua segunda esposa, *Justina. Foi proclamado imperador por *Merobaude(1) quando tinha apenas quatro anos de idade, a fim de evitar qualquer golpe após a morte súbita de seu pai (17 de novembro de 375). Durante toda a vida, foi um imperador fantoche: primeiro na Ilíria, sob a proteção de *Graciano (até 383), e depois em Milão; o poder de fato era exercido por sua mãe, Justina. Expulso pelo usurpador *Máximo em 387, foi reconduzido ao trono em 388 por *Teodósio I, mas caiu sob a tutela de *Arbogaste, com quem se desentendeu. Sua morte misteriosa (15 de maio de 392) pode ter sido suicídio.

Estátua do imperador Valentiniano II, de Afrodísias (Turquia). Istambul, Museu Arqueológico.



VALENTINIANO III (*Valentinianus*), imperador da parte ocidental, 425-455 d.C.

Valentiniano ascendeu ao trono graças a seu primo *Teodósio II, imperador da parte oriental, cujo exército o instalou em Roma em 23 de outubro de 425, quando tinha apenas seis anos. No início, sua mãe, Gala *Placídia, foi a regente, mas depois de 433 sua influência foi suplantada pelo comandante-em-chefe *Aécio. Apesar da intervenção de dois exércitos orientais, Valentiniano foi obrigado a reconhecer o governo dos vândalos na África (442). Em 449, a traição de sua irmã *Honória levou *Átila e os hunos a invadirem a parte ocidental do Império: apesar da vitória de Aécio, próximo a Troyes, os hunos invadiram a Itália em 452. Esses desastres possibilitaram aos inimigos de Aécio convencer o imperador de que deveria livrar-se dele — e Valentiniano em pessoa assassinou seu general (454). Pouco depois, em 16 de março de 455, dois guarda-costas de Aécio vingaram a morte do general, matando Valentiniano.

VALÉRIA (*Valeria*), imperatriz, 293-311 d.C.

Filha de *Diocleciano (284-305), Galéria Valéria casou-se com o César *Galério (293-311), a fim de estabelecer a unidade dinástica dentro da recém-formada Tetrarquia. Quando seu pai e seu marido iniciaram a Grande Perseguição, Valéria e sua mãe Prisca foram as primeiras a sofrer com isso. Valéria foi decapitada (315?) por *Licínio, antigo companheiro de exército de Galério, a quem este confiara a guarda da esposa, ao morrer. Ela, no entanto, provocou seu ódio ao procurar a proteção de *Maximino Daia; quando Valéria se recusou a casar com ele, Maximino exilou-a. Prisca foi companheira inseparável da filha, e morreu com ela após a derrota de Maximino.

VALERIANO (*Valerianus*), imperador, 253-260 d.C.

Públio Licínio Valeriano nasceu por volta de 190. Conhece-se pouco de sua carreira, mas ele provavelmente foi cônsul substituto (*suffect*) antes de 238. Em 253, ocupou um comando militar na Récia, e foi proclamado imperador pelas tropas. Marchou para Roma, e seu filho *Galieno foi escolhido para co-imperador e principal general. Valeriano perseguiu os cristãos, mas suas energias concentraram-se na fronteira oriental, onde tentou

em vão impedir o avanço dos sassânidas sob o comando de *Sapor I. Dura Europos e Antióquia renderam-se em 256. Valeriano foi capturado pelos persas em 260, sendo violentamente humilhado: Sapor usou-o como apoio para montar em seu cavalo, e só depois de algum tempo mandou matá-lo. Sua pele foi esfolada e curtida, e era mostrada como advertência aos enviados romanos que o procuravam para negociar.

VALERIANO(2) (*Valerianus*), César, aprox. 253/257-aprox. 258 d.C.

Filho mais velho do imperador *Galieno, Públio Licínio Cornélio Valeriano foi escolhido para César durante o governo conjunto de seu pai com *Valeriano (253-258). Morreu por volta de 258, provavelmente na Ilíria.

VALÉRIO ANCIATE (*Valerius Antias*), historiador, ativo após 80 a.C.

Valério Anciate “representa o nadir da historiografia” (Badian). Seu equilíbrio, sua simplicidade e seu rigor fático recomendaram-no a *Lívio como uma fonte importante.

VALÉRIO ASIÁTICO (*Valerius Asiaticus*), cônsul, antes de 41 e em 46 d.C.

Natural de Viena, na Gália Narbonense, Décimo Valério Asiático era amigo de *Antônia e íntimo de *Calígula. Era um homem muito rico, que gostava de jardins e de atletismo. Principal personagem na conspiração contra Calígula, e companheiro de *Cláudio na Bretanha, foi honrado com um segundo consulado; entretanto, foi condenado por traição em 47, talvez por instigação de *Messalina, e forçado a suicidar-se. No ano seguinte, em um discurso, Cláudio referiu-se ao “nome infame daquele bandido”.

VALÉRIO CORVO, MARCO (*Valerius Corvus, Marcus*), cônsul em 348, 346, 343, 335, 300(?) e 299(?) a.C.

O cognome de Valério (Corvo) deve-se talvez a uma ave que o ajudou a derrotar um gaulês em combate individual (349 a.C.). Supõe-se que ele conquistou Sátrico (346), obteve vitórias na Campânia (343), dominou Calas (335) e participou da luta contra os marsos e os etruscos (como ditador, em 302/301) e contra os équos (300 a.C.). A afirmação de que dominou um motim como ditador em 342 é provavelmente invenção de

Valério (ver C. *Márcio Rútilo). Aprovou a única lei valeriana autêntica, em 300 a.C., que garantia o direito de apelação contra a execução sumária. Alguns estudiosos afirmam, entretanto, que seus dois últimos consulados e a segunda ditadura (302/301) devem ser atribuídos a seu filho.

VALÉRIO FLACO (*Valerius Flaccus*) (falecido em aprox. 95 d.C.), poeta épico.

A *Argonáutica*, poema épico de Caio Valério Flaco Setino Balbo, foi iniciada quinze ou vinte anos antes de sua morte, e não chegou a ser concluída: dela sobreviveram sete livros, mais um oitavo incompleto. *Quintiliano comenta, sem muito entusiasmo (X, 1, 90), que "em Valério, recentemente, perdeu-se muito". Garson tem feito grandes esforços para realçar os méritos do poema.

VALÉRIO MAXIMIANO (*Valerius Maximianus*), cônsul, 184/185 d.C.

De origem equestre, Marco Valério Maximiano cumpriu uma longa e ilustre carreira militar durante o reinado de *Marco Aurélio; foi condecorado durante a guerra contra a Pérsia (162-166) e durante as guerras contra a Germânia, por assassinar o chefe dos naristos. Foi um dos oficiais escolhidos para acompanhar o imperador na expedição para reprimir a revolta de *Avídio Cássio. Depois de atuar como procurador nas províncias mesianas e na Dácia, foi nomeado para o Senado, e ocupou o cargo de legado antes de ser eleito cônsul.

VALÉRIO MÁXIMO (*Valerius Maximus*), compilador, século I d.C.

Valério Máximo foi um compilador de exemplos morais. Sua obra, iniciada depois que ele acompanhou seu patrono Sexto Pompeu (cônsul em 14 d.C.) à Ásia (27 d.C.), e concluída após 31 (queda de *Sejano), foi dedicada a *Tibério. Os nove livros dos *Feitos e palavras memoráveis* estão organizados por temas morais em noventa e cinco títulos, divididos ainda em exemplos "romanos" e exemplos "estrangeiros", para uso do orador. Muito popular na Idade Média, o trabalho, escrito de maneira retórica e tediosa, é inteiramente baseado em outras fontes, e muitas vezes contém incorreções grosseiras.

VALÉRIO POPLÍCOLA (ou PUBLÍCOLA), PÚBLIO (*Valerius Poplicola* ou *Publicola*, *Publius*), cônsul em 509 (fictício), 508, 507(?) e 504 a.C.

Graças à propaganda familiar, Poplícola conseguiu tornar-se herói da recém-instalada República, e foi considerado responsável por várias inovações constitucionais, entre elas uma fictícia lei popular de apelação (note-se seu cognome, Poplícola ou Publícola, erroneamente interpretado como "amigo do povo"; ver M. *Valério Corvo). Se seus três últimos consulados são autênticos (algumas fontes omitem o consulado de 507 a.C.), deve ter se envolvido profundamente na luta da aristocracia para conseguir independência e poder, mas não se pode afirmar isso com precisão. A inscrição satricana do século V a.C. que se refere a ele é muito duvidosa.

VALÉRIO POPLÍCOLA (ou PUBLÍCOLA) POTITO, LÚCIO (*Valerius Poplicola* (ou *Publicola*) *Potitus*, *Lucius*), cônsul, 449 a.C.

Depois da queda do (fictício) Segundo Decenvirato, Poplícola e Marco Horácio Barbato completaram e publicaram a compilação das Doze Tábuas (ver *Diodoro), ou passaram leis tornando os plebiscitos obrigatórios, proibindo a indicação de magistrados não sujeita a apelação, e protegendo oficialmente os oficiais plebeus (*Lívio, etc.): essas leis são provavelmente fictícias.

VÁRIO RUFO (*Varius Rufus*), poeta, era de Augusto.

Lúcio Vário Rufo era amigo de *Virgílio e *Horácio, que admiravam sua poesia. Escreveu *Sobre a morte* (poema epicurista (?), como o de *Lucrécio); uma tragédia, *Tiestes* (*Thyestes*), representada durante os Jogos de Áccio (29 a.C.), que lhe rendeu um milhão de sestécios; e um épico em honra de *Augusto. Depois da morte de Virgílio, juntamente com Plúcio Tuca e por ordem de Augusto, Vário editou a *Eneida*.

VARO (*Varus*), governador da Germânia, 9 d.C.

Públio Quintílio Varo pertencia a um ramo patrício já decadente, mas dignificado por relações de casamento com a família de *Augusto. Na Síria, evitou o surgimento de dificuldades após a morte de *Herodes, o Grande, mas seus talentos eram mais adminis-

trativos do que guerreiros, e provavelmente por essa razão foi-lhe confiada a tarefa de transformar a Germânia numa província mais organizada. Mas essa providência era ainda prematura: Varo foi traído por *Armínio e emboscado em pantanais e florestas. Suas três legiões foram completamente destruídas, e ele cometeu suicídio. O desastre foi usado como pretexto para encerrar definitivamente a expansão romana no norte da Germânia.

VARRÃO (*Varro*) (116-27 a.C.), soldado e polímata.

Marco Terêncio Varrão nasceu em Reate (Rieti), ou em Roma. Atingiu a posição de pretor, servindo na Dalmácia e também com *Pompeu, na Espanha, e contra os piratas, tendo sido condecorado por bravura com a coroa rostrada. Realizou duas campanhas catastróficas contra *César, na Espanha e nos Bálcãs, mas mais tarde reconciliou-se com ele e foi encarregado de reunir uma grande biblioteca. Foi proscrito em 43 a.C., mas escapou, embora perdesse uma parte de suas propriedades e da biblioteca. Era um indivíduo de trato notoriamente difícil, mas considerado universalmente o romano mais culto de seus dias.

De sua colossal produção literária, que revela influências platônicas, estoicas e pitagóricas, apenas *Res rusticae*, obra de sua velhice, que trata de agricultura em três livros, sobreviveu completa; dos vinte e cinco livros originais de *Sobre a língua latina*, obra que demonstra grande paixão pela etimologia e pela história social, sobreviveram seis livros mutilados. Escrevia de modo sucinto, com rapidez, sem se preocupar muito com a organização ou com sutilezas estilísticas e gramaticais. Em *Res rusticae*, Varrão com frequência mostra-se irônico e, em pequenas doses, é de leitura bastante agradável. No total, escreveu cerca de seiscentos e vinte livros; o número total de obras independentes — existe ainda um catálogo, mas incompleto — é consideravelmente menor. Foram preservados longos fragmentos, principalmente da obra *Sobre a religião* (*Res divinae*), na *Cidade de Deus* de Santo *Agostinho; influência de Varrão nas obras posteriores desse autor tem estimulado os intelectuais de várias gerações. A produção literária de Varrão abrange: 1) sátiras menipéias escritas num misto de prosa e verso (*prosimetrum*), e obras sobre história

literária (muitos dos fatos que conhecemos sobre a vida dos primeiros autores romanos derivam, em última instância, de Varrão); 2) uma coleção de textos biográficos (as *Imagens*, setecentos retratos que influenciaram a "Parada dos heróis" de *Virgílio (*En.*, VI) e as estátuas do Fórum de *Augusto), além de obras sobre a prática constitucional (compilou um manual para auxiliar Pompeu no Senado) e os nove livros das *Disciplinas* (gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, astronomia, música, medicina e arquitetura). Mas os quarenta e um livros que constituíam as *Antiguidades* (*Antiquitates*) — vinte e cinco livros sobre questões humanas e dezesseis sobre religião —, dedicados a César, representam sua obra-prima.

VARRÃO, CAIO TERÊNCIO (*Varro, Gaius Terentius*), cônsul, 216 a.C.

Varrão era um homem novo (*novus homo*), e sua eleição para o consulado deveu-se à insatisfação popular pela política cautelosa de *Fábio Cuntátor. Assumiu um comando em Canas, e escapou com um pequeno contingente do exército romano. Em Roma, o Senado agradeceu-lhe por "não perder as esperanças na República", e prolongou seu comando. Isso contradiz a tradição aristocrática (preservada por *Lívio), segundo a qual ele seria um segundo *Flamínio — demagogo popular de origem humilde, pessoalmente responsável pelo desastre de Canas —, sendo que o Senado se teria oposto vigorosamente à sua eleição como cônsul e à sua estratégia. Na realidade, ele e seu colega *Paulo(1) estavam apenas seguindo a orientação do próprio Senado.

VATÍNIO, PÚBLIO (*Vatinius, Publius*), cônsul, 47 a.C.

Quando ocupava o cargo de tribuno, em 59 a.C., Vatínio atuou como agente dos triúnviros, e em nome deles fez com que fossem aprovadas leis às quais o Senado se opunha, principalmente a ratificação das disposições efetuadas na Ásia por *Pompeu, e a concessão de um comando proconsular de cinco anos para *César (na Gália Cisalpina e na Ilíria). Depois de ocupar o cargo de pretor (55 a.C.), Vatínio foi acusado de suborno e defendido por *Cícero, que os triúnviros haviam forçado a se retratar de uma antiga hostilidade contra ele. Vatínio serviu a César como legado na

Gália e durante a guerra civil, e foi recompensado com um breve consulado no fim do ano 47. Obteve sucessos militares como procônsul na Ilíria, mas, após a morte de César (44 a.C.), não pôde evitar que suas legiões passassem para o lado de *Bruto. Foi homenageado com um triunfo em 42 a.C.

VÉDIO POLIÃO, PÚBLIO (*Vedius Pollio, Publius*) (falecido em 19 a.C.), ministro de Augusto.

Sima supõe que o homem que *Cícero encontrou na Sicília com um babuíno e uma tropa de asnos selvagens (e a quem detestava intensamente) era o famoso eqüestre que, em sua vila na Campânia, dava escravos como alimento para as lampréias. Parece ter sido um importante ministro de *Augusto, e também era encontrado nos círculos literários.

VEGÉCIO (*Vegetius*), escritor sobre assuntos militares, 383/392 d.C.

Flávio Vegécio Renato, na sua obra *Compendio militar* (que foi preservada), advoga a volta ao sistema da Legião Clássica, cujo treinamento e organização ele descreve a partir de informações obtidas em várias fontes (perdidas), datadas de épocas diferentes. O autor, que pode ter sido ministro das Finanças de *Teodósio I, escrevia como um amador.

VEIENTÃO, FABRÍCIO (*Veiento, Fabricius*), cônsul, 80 e 83 d.C.(?).

Exilado por difamação e venda de cargos públicos em 62 d.C., Aulo Dídio Galo Fabrício Veientão voltou para Roma no período dos Flávios, a quem prestou extensos serviços, como demonstram seus três consulados. Manteve sua influência no reinado de *Nerva, embora as críticas contra ele se tornassem mais acerbas: concordava-se, em geral, que sua influência era sinistra.

VELEIO PATÉRCULO (*Velleius Paterculus*), historiador, era de Tibério.

Ativamente envolvido na vida militar e pública de Roma, a partir de 2 a.C., Caio Veleio Patérculo foi finalmente promovido da condição eqüestre para a senatorial, e reconhecido como um auxiliar (*adjutor*) pelo próprio *Tibério. Sua *História*, escrita rapidamente, foi dedicada em 30 d.C. a Marco Vinício, cônsul nesse ano. A obra, uma "história universal" em dois livros, foi preservada em-

bora haja um lapso entre o Rapto das Sabinas e o ano 171 a.C. (I, 9). A grande concisão de Veleio, em contraste, por exemplo, com *Trogo, é deliberada; o trabalho pretende ser um sumário onde toda a história — principalmente a romana — evolui para o clímax perfeito do governo de Tibério. Veleio faz uso abundante da forma tradicional e das técnicas do panegírico, mas sobre *Sejano é forçado a empregar, de modo engenhoso, embora pouco entusiástico, as técnicas da retórica defensiva.

VENTÍDIO, PÚBLIO (*Ventidius, Publius*), cônsul, 43 a.C.

Importante general do fim da República, de origem humilde (talvez um arrieiro e, mais provavelmente, um publicano menor), Ventídio foi amparado em sua carreira por *César e *Marco Antônio, e simbolizou a extinção da restrita oligarquia que governava Roma. Tornou-se pretor em 43 a.C. e assumiu o consulado vago, no fim desse mesmo ano, por *Otaviano. Teve de enfrentar o inevitável esnobismo romano, mas conseguiu estabelecer uma reputação militar formidável. Como procônsul no Oriente, no tempo de Marco Antônio, obteve uma série de vitórias arrasadoras sobre os invasores partos (39-38 a.C.), antes de ser suplantado pelo próprio Marco Antônio, enciumado por seu sucesso. Seu memorável triunfo, em 38 a.C., foi o primeiro obtido em luta contra os partos, e mais tarde ele foi honrado com um funeral público.

VERÂNIO, QUINTO (*Veranius, Quintus*), cônsul, 49 d.C.

Verânio foi o primeiro governador da Lícia (43-48 d.C.). Uma inscrição registra seu sucesso no combate e na pacificação dos grupos rebeldes. *Cláudio incentivou sua carreira. *Nero colocou-o no governo da Bretanha em 58, mas Verânio morreu um ano depois.

VERCINGÉTORIX ou VERCINGETORIGÉ (*Vercingetorix*), chefe gaulês, falecido em 46 a.C.

Jovem nobre arvernense, Vercingétorix tornou-se o oponente mais formidável de *César, durante as guerras gaulesas, ao fomentar uma revolta que abrangeu toda a Gália, em 52 a.C. Obteve uma série de vitórias, antes de ser forçado a se retirar para uma posição fortificada em Alésia. Ali, após um cerco maciço,



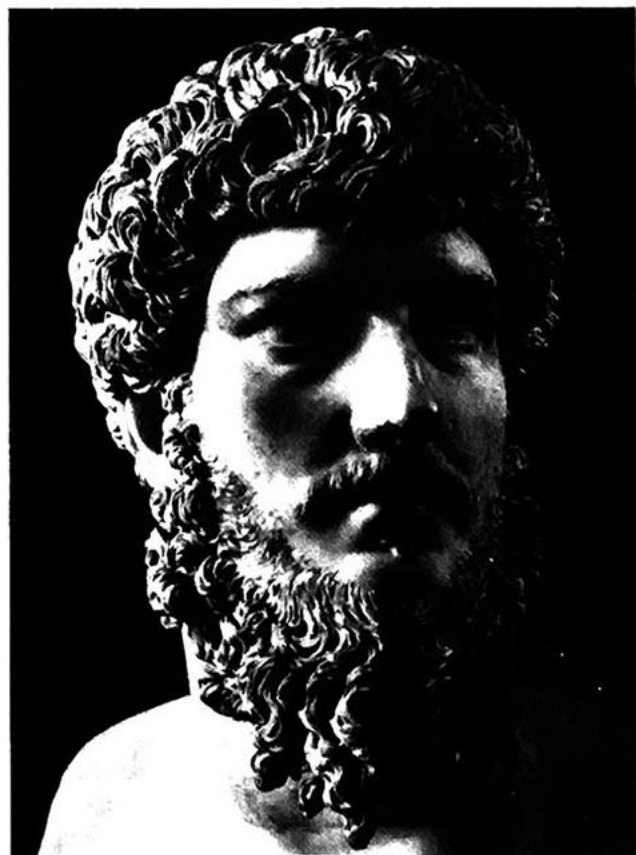
Moeda de prata (denário) de aprox. 48 a.C., em que se vê Vercingetorix(?) com o pescoço acorrentado.

César destruiu as forças de Vercingetorix; o avernense participou do triunfo do general romano em 46 a.C.

VERO, LÚCIO (*Verus, Lucius*), imperador, 161-169 d.C.

Filho de Lúcio *Élio César, Lúcio Élio Aurélio Cômodo nasceu em 130. Quando *Adriano adotou *Antonino Pio como seu sucessor, este, por sua vez, adotou Lúcio, que passou a chamar-se Lúcio Vero. Lúcio ficou

Busto do imperador Lúcio Vero.



noivo de *Faustina II, filha de Antonino, mas o noivado foi desfeito logo após a morte de Adriano. Durante o reinado de Antonino, Lúcio partilhou a educação dada a *Marco Aurélio (aparece também como escritor e destinatário nas cartas de *Frontão), embora aparentemente ocupasse um lugar secundário. Tomou parte, com Marco Aurélio, nos conselhos do imperador. Diz-se que gozava os prazeres da vida e gostava muito de esportes, principalmente dos espetáculos de gladiadores. Tornou-se cônsul pela primeira vez em 154, e pela segunda (com Marco Aurélio) em 161. Quando Antonino Pio morreu (7 de março de 161), Lúcio tornou-se imperador junto com Marco Aurélio, por insistência deste, embora fosse dez anos mais moço. Ficou noivo da segunda filha de Marco Aurélio, *Lucila, com quem se casou por volta de 164. Na primavera de 162, Lúcio foi para o Oriente para enfrentar a ameaça dos partos, e lá ficou até eliminá-la, com as vitórias de 165-166. Voltou para Roma em 166 e partiu para o norte, com Marco Aurélio, em 168, passando o inverno em Aquilêia. No início de 169, quando se dirigia para a fronteira do norte, morreu de ataque cardíaco perto de Altino.

VERRES (*Verres*), pretor, 74 a.C.

Quando era um jovem questor no exército de *Carbão, Caio Verres passou para o lado de *Sila (83 a.C.), e em seguida progrediu no período pós-Sila até tornar-se pretor (74 a.C.). Durante três anos, quando ocupava o cargo de propretor na Sicília (73-71), extorquiu sistematicamente a província em proveito próprio, e tornou-se notório paradigma do governo provincial corrupto e opressivo. Sua conduta foi excessiva, mas não atípica, e ele esperava sobreviver à acusação de roubo, no tribunal romano, graças a amigos poderosos (os *Metelos e Q. *Hortênsio), e a grandes subornos. Mas durante seu julgamento, em 70 a.C., foi vencido pela esmagadora influência política do cônsul *Pompeu (cujos clientes sicilianos Verres ofendera), e pelos talentos de seu acusador, *Cícero, cujas *Orações verrinas* foram preservadas e marcaram Verres como um grande vilão da história.

VESPASIANO (*Vespasianus*) (9-79 d.C.), imperador, 69-79 d.C.

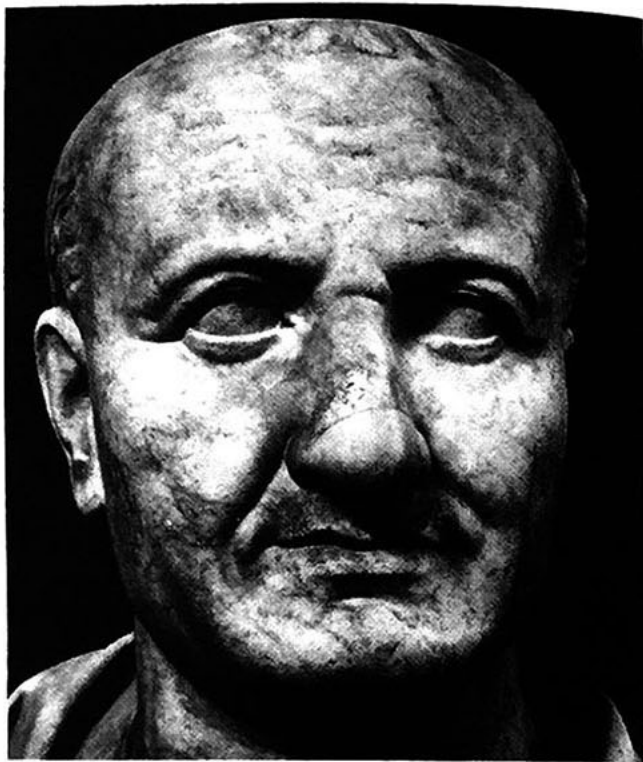
Os Flávios tinham alguma importância na cidade sabina de Reate (Rieti); como ou-

tras famílias de sua classe, parecem ter se dedicado à carreira militar e à coleta de taxas; eram sagazes e respeitáveis. Os dois irmãos Tito Flávio *Sabino e Tito Flávio Vespasiano progrediram com o patrocínio de *Narciso, e mereceram honras na invasão da Bretanha, em 43 d.C., durante a qual Vespasiano foi responsável pela campanha que conquistou a maior parte do sul da Bretanha e a ilha de Wight. Sabino partilhava da reputação de decência e senso de justiça de seu irmão, e sua morte, em 63, foi uma grande perda para a família. Vespasiano não pôde evitar a hostilidade que *Agripina sentia pelos protegidos de Narciso, e agravou ainda mais sua desgraça ao pegar no sono enquanto *Nero recitava. Mesmo assim, em 66, recebeu o comando de três legiões engajadas na guerra contra os judeus, comando que se transformou em trampolim para o poder. Os acontecimentos de 69 provam que não se exigia do imperador uma origem nobre ou a preeminência no Senado; era muito mais importante que ele conhecesse o exército. Vespasiano tinha essa qualificação, bem como a glória de campanhas bem-sucedidas e a possibilidade de uma linha segura de sucessão, já que possuía dois filhos adultos, *Tito e *Domiciano. Partidários leais, principalmente *Muciano, além da importância estratégica de seu comando, contribuíram bastante para seu sucesso.



Moeda de bronze de *Tito, em que se vê o Coliseu (Anfiteatro Flaviano) iniciado por Vespasiano.

Os problemas que haviam causado a guerra civil deviam-se a Nero, e não ao principado enquanto sistema. Assim, não se exigia de Vespasiano criatividade no âmbito constitucional, mas apenas o exercício cuidadoso dos princípios corretos da administração, tarefa para a qual ele estava bem preparado. O ódio de Nero e os danos da guerra causaram



Busto do imperador Vespasiano.

a morte da maioria da nobreza antiga, o que significava que uma nova ordem poderia ser criada para servir à nova dinastia. Antigos amigos e parentes, além de subordinados e homens de talento, foram cada vez mais encorajados por um sutil sistema de promoções e hierarquias que se formou a partir do antigo curso das magistraturas; desse modo, surgiu um bom número de administradores e uma nova classe governante. Tito e Muciano tornaram-se especialmente importantes, mas os homens da lei que haviam servido a Nero (por exemplo, *Éprio Marcelo e *Víbio Crispo), bem como os comandantes a quem se poderiam confiar campanhas capazes de motivar os soldados, também se beneficiaram. Os homens que haviam se tornado notáveis por sua posição contra Nero acharam que Vespasiano — no que se referia ao aspecto constitucional — não era melhor; *Helvídio Prisco foi a vítima mais famosa do novo regime, embora houvesse outras tentativas, menos firmes e igualmente mal-sucedidas, de oposição.

Vespasiano, administrador íntegro, moderado e justo, com sua preocupação pelas fronteiras e pelos impostos, e inspirado — talvez conscientemente — pelo governo de *Cláudio (também foi censor, por exemplo),

parece ter sido um bom imperador, principalmente quando se leva em conta o senso de humor de *Suetônio: as piadas imperiais são sempre mais agradáveis de ler do que as per-versões. Mas seu governo foi severo, e ele era sem dúvida um homem resoluto e inflexível, o que lhe permitiu vencer as dificuldades que encontrou ao subir ao trono.

VÉTIO VALENTE (*Vettius Valens*), astrólogo, século II d.C.

Conhece-se pouco da vida de Vétio Valente, de Antióquia, que escreveu no período de 152 a 162 um manual astrológico em grego, a *Antologia*.

VETRANIÃO (*Vetranio*), usurpador, 350-351 d.C.

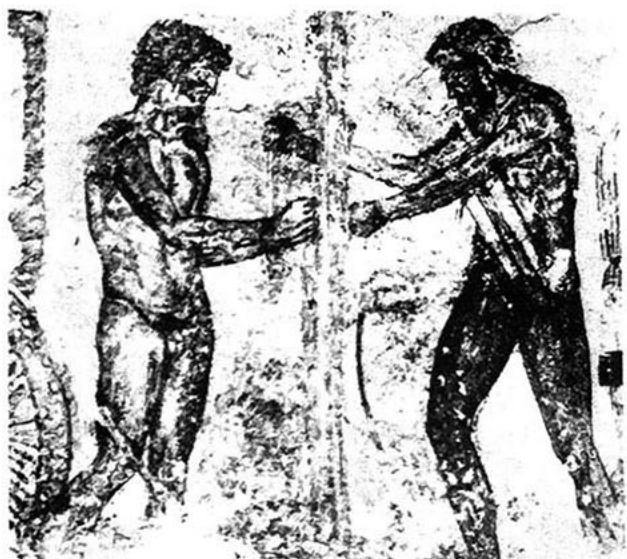
Quando *Magnêncio usurpou o trono no Ocidente, em 350, Vetranião, idoso comandante de infantaria, foi persuadido pela princesa *Constantina a se fazer proclamar imperador pelas tropas da Ilíria, a fim de bloquear a marcha de Magnêncio para o Oriente. Isso se deu com a conivência de *Constâncio II, que no ano seguinte se encontrou com Vetranião em Naísso para a representação da cena de sua renúncia ao trono; Vetranião retirou-se então para a Bitínia, recebendo uma ótima pensão do Estado. Cunhou algumas moedas com o moto *hoc signo victor eris*, que constituem o primeiro testemunho independente da famosa visão de *Constantino.



Moeda de bronze de Vetranião, com as figuras do imperador e da Vitória e legendas que comemoram a visão de *Constantino.

VIBENA, AULO e CELES (*Vibenna, Aulus e Cæles*).

Legendários irmãos volscos, os Vibenas aparecem nas pinturas de um túmulo (aprox.



Celes Vibena ao ser libertado por Mastarna. Túmulo "François", Volceios.

300 a.C.) que representam um episódio heróico da história de Volceios. Entre as pessoas que acompanham os irmãos estão Mastarna (algumas vezes identificado como *Sérvio Túlio), seus oponentes, e um certo Cneu Tarquínio, de Roma. Os historiadores romanos consideram Celes o epônimo da Colina Celina (em várias datas durante o período real): isso pode indicar sua intervenção em Roma (no século VI a.C.), mas qualquer reconstrução é hipotética, do mesmo modo que a atribuição de uma dedicatória veientana do século VI a.C. ao nosso Aulo Vibena. A lenda etiológica do Capitólio (a descoberta da "cabeça (*caput*) de Olo (*Aulo*)") sugeriu a explicação de que Aulo fora ali enterrado.

VÍBIO CRISPO (*Vibius Crispus*), cônsul no tempo de Nero, Vespasiano e Domiciano.

A grande habilidade oratória compensou as origens humildes de Quinto Víbio Crispo, e sua determinação nos processos, que o levou a acusar seu próprio irmão, granjeou-lhe a amizade de *Nero, *Vitélcio, *Vespasiano e *Domiciano, sendo eleito cônsul por três vezes. Embora odiado no Senado, Víbio era considerado por alguns como um homem agradável e de maneiras suaves.

VIGILÂNCIO (*Vigilantius*), reformador, aprox. 400 d.C.

Os ensinamentos de Vigilância, conhecidos apenas através de uma refutação de São

*Jerônimo, parecem ter antecipado as idéias da Reforma. De acordo com Jerônimo ("Ele nos chama de traficantes de cinzas e idólatras, que prestam homenagem aos ossos dos mortos"), Vigilância atacava o culto dos mártires, as vigílias, as práticas ascéticas do jejum e a virgindade. Foi difamado num panfleto ofensivo (406).

VINDICE (*Vindex*), rebelde gaulês, 68 d.C.

De formação senatorial, apesar de descer de uma família nobre gaulesa, Caio Júlio Vindice comandou os líderes das tribos gaulesas contra *Nero, em 68. Encorajou Galba a assumir a liderança do movimento, e cunhou moedas que ostentavam expressões tais como: "o bem-estar da raça humana", "liberdade", etc. Nero custou para reagir, mas mesmo assim Vindice foi derrotado em Besançon por *Virgílio Rufo e suicidou-se.

VINICIANO, ÂNIO (*Vinicianus, Annius*) (falecido em 66 d.C.), conspirador nos governos de Calígula e de Nero.

Em 32 d.C., Viniciano escapou por pouco de um julgamento por traição. Tomou parte na bem-sucedida conspiração para assassinar *Calígula, em 41, e foi considerado como possível sucessor. Em 66, ajudou a persuadir *Escriboniano a se revoltar, e suicidou-se quando o plano falhou.

VÍNIO, MARCO (*Vinicius, Marcus*), general de Augusto.

Homem novo (*novus homo*), eleito cônsul em 19 a.C., Vínio foi colega de *Agripa durante os primeiros estágios da guerra contra a Panônia, em 13 a.C., e no ano 1 d.C. obteve vitórias na Germânia, conquistando a insígnia triunfal. Provavelmente, era o homem mencionado em uma inscrição fragmentária como líder de uma expedição para além do Danúbio, entre 9 a.C. e 6 d.C.; era conhecido como companheiro de *Augusto em jantares e jogos de dados.

VÍNIO, TITO (*Vinius, Titus*), partidário de Galba, 68-69 d.C.

Os relatos indecentes da juventude de Vínio incluíam a sedução da esposa de um comandante no próprio quartel deste, e o roubo de uma taça da mesa de jantar de *Cláudio. Convenceu *Galba a aliar-se a *Vindice, e tornou-se seu principal conselheiro. Embora

seja provável que tivesse conhecimento dos planos de *Oto, quando ocorreu o golpe Vínio foi assassinado em frente ao templo de *César, no Fórum romano.

VIRGÍLIO (*Vergilius*) (70-19 a.C.), poeta épico, didático e pastoral.

Públio Virgílio Marão nasceu perto de Mântua e foi educado em Cremona, Milão e Roma, onde parece ter estudado com *Partênio; em Nápoles, tornou-se discípulo do epicurista Siro. É possível que as propriedades de sua família tenham sido afetadas durante os confiscos de 40 a.C., mas amigos poderosos (por exemplo, Cornélio *Galo (*Ecl.*, X, 2) e *Asínio Pólio (*Ecl.*, IV, 12) garantiram sua devolução. Por volta de 38 a.C., Virgílio relacionava-se com *Horácio, *Vário e *Mecenas (Horácio, *Sátiras*, I, 5, I, 6). Em 29, apresentou as *Geórgicas* completas a Otaviano, quando este voltou do Oriente. Nos últimos dez anos de sua vida, esteve constantemente sob pressão para completar a tão esperada *Eneida* (ver Propércio, II, 34). Em 23, apresentou os livros II, IV e VI (?) da *Eneida* à família imperial, mas morreu quatro anos depois, antes que a obra pudesse ter recebido todos os retoques finais. O poema foi publicado, possivelmente contra seus desejos, por Vário e Tuca.

Obras. 1. *Bucólicas* (impropriamente chamadas *Éclogas*), ou seja, "poemas sobre vaqueiros", inspirados nos poemas pastorais de Teócrito de Siracusa (século III a.C.): trata-se de uma coleção de dez poemas em hexâmetros, escritos provavelmente entre 42 e 38 a.C., com certeza numa ordem diferente da que conhecemos, uma vez que esta é o produto de um planejamento muito elaborado. Dentro da forma pastoral, temas sérios e importantes, às vezes ocultos por trás de frases melodiosas e descrições encantadoras de paisagens idealizadas, incluem as paixões do amor (X); crítica literária (VI); os horrores da guerra civil na Itália (I, IX); a morte de *César (talvez V); e esperanças para o futuro representadas pelo nascimento de uma criança miraculosa (IV), ainda não identificada e talvez fictícia, cuja associação com *Augusto ou *Jesus Cristo enganou os leitores durante séculos.

2. Quatro *Geórgicas* (*Poemas sobre agricultura*), em hexâmetros, concluídas por volta de 29 a.C. Não há razão para se acreditar que



Dido e Enéias na caverna (Eneida, IV): Virgílio Romano, aprox. 500 d.C. Roma, Biblioteca do Vaticano.



VIXIT INUSITATUM NECTARUM USUM IN
SCINDIT INUSITATUM NECTARUM USUM IN
KISTIT INUSITATUM NECTARUM USUM IN
OSUM INUSITATUM NECTARUM USUM IN
CNISAT INUSITATUM NECTARUM USUM IN

Os troianos chegam a Cartago (Eneida, I, 586-590): página do Virgílio Vaticano, aprox. 400 d.C. Roma, Biblioteca do Vaticano.

Virgílio tenha iniciado esse trabalho antes de 36, seguindo as “ordens nada brandas” (*haud mollia iussa*) de Mecenas (III, 41). Mas esses poemas, que devem muito à didática helenística, a *Lucrécio (em II, 490 e segs. há um tributo comovente) e a *Varrão (*Res rusticae*), com certeza não constituem “poesia cortesã” ou “poesia sob encomenda” nem propaganda declarada, apesar da idealização da Itália (II, 136 e segs.) e dos elogios a Otaviano (II, 170 e segs., IV, 560 e segs.). Os temas são: I) lavoura arável, II) avicultura, III) lavoura estocável e IV) apicultura. Mas, ainda que as informações sobre agricultura apresentadas sejam frequentemente corretas, os poemas não formam um manual para agricultores, pois são obscuros, incompletos e incompatíveis com o que se conhece das condições da agricultura na Itália de seu tempo. O que o leitor encontra de fato é um entusiasmo profundo pelo trabalho pesado, um grande amor pelo campo, uma capacidade brilhante para as descrições e um incrível senso do patético, principalmente no *epyllion* de Aristeu, que engloba

a história de Orfeu e Eurídice, e, de modo desconcertante, encerra a “Geórgica IV”.

3. *Eneida*. Virgílio já a concebera na época da “Écloga IV”, e aparece prefigurada em alguns detalhes das *Geórgicas* (III, 10 e segs.). Superficialmente, o poema narra a fuga de Enéias de Tróia para fundar uma nova cidade na Itália: em I ele já está a caminho e chega a Cartago; aí, hospedado pela rainha Dido, Enéias narra (II-III) — imitação da narrativa de Ulisses na *Odisséia* (IX-XII) — a queda de Tróia e suas viagens. Em IV, Dido e Enéias se apaixonam, mas ele foge, insultado, por ordem dos deuses. Na parte V, Enéias celebra os jogos fúnebres de seu pai e, em VI, chega à Itália, desce ao Inferno em Cumas, perto de Nápoles, e escuta de seu pai a história do futuro destino de Roma. Em VII atinge o Lácio, mas a deusa Juno impede que se case de novo, agora com a princesa Lavínia, e incita à guerra as tribos locais lideradas por Turno, o frustrado pretendente de Lavínia. Enéias, entretanto, consegue aliados e uma armadura celeste (VIII), e, após pro-

longadas lutas, sacrifica Turno (ou assassina, segundo os críticos hostis) em honra a Palas (IX-XII). O poema é extremamente complexo, e nos incita a uma revisão minuciosa de Homero, da tragédia grega, da *Argonáutica* de Apolônio Ródio, de *Ênio*, da tragédia romana, e mesmo dos trabalhos sobre antiguidades de Varrão. Sua fantasia e sua linguagem são ricas e variadas, provocando às vezes uma sensação desconcertante ao leitor atento; em IV, VI e XII, principalmente, as questões morais e teológicas têm frustrado todas as tentativas de solução. Existe no poema um elemento de patriotismo majestoso (em especial na profecia de Júpiter (I), no discurso de Anquises a Enéias (VI), no episódio do escudo (VIII)) que une o passado heróico ao passado romano em um contínuo grandioso, reminiscência dos trabalhos de *Névio* e de *Ênio*. Por outro lado, o desaparecimento de Creúsa, primeira esposa de Enéias (II), as mortes de Dido, Anquises e Turno, bem como dos jovens heróis Niso e Eurialo (IX), e as mortes de Lauso e Palas (X), tingem o poema com um sentimento de tristeza e de perda.

Mosaico com cenas da Eneida de Virgílio (IV): meados do século IV d.C., de Low Ham, em Somerset. Tauton, Castle Museum.



VIRGÍNIA (*Verginia*).

O pai de Virgínia matou-a para proteger sua castidade contra a concupiscência de Ápio *Cláudio Crasso. Essa história, que lembra a de *Lucrécia, pode ter sido originalmente anônima; o nome Virgínia foi acrescentado por derivar do latim *virgo* (donzela).

VIRGÍNIO RUFO (*Verginius Rufus*) (14-97 d.C.), cônsul, 63, 69 e 97 d.C.

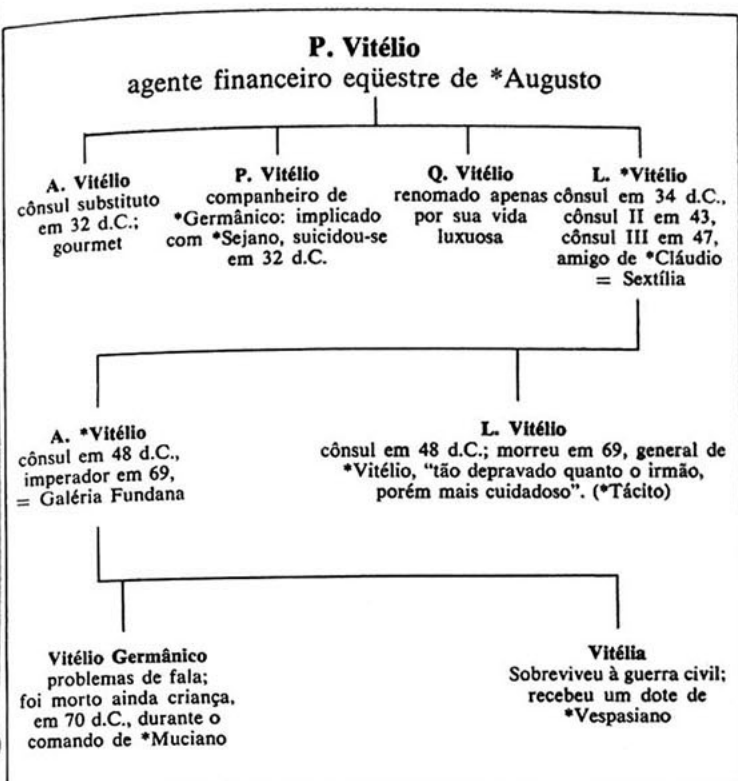
O momento de glória de Lúcio Virgínio Rufo chegou em 68 quando, ocupando o posto de governador da Germânia Superior, marchou com seu exército para derrotar *Víndice em Besançon, mas resistiu à tentação de impor seus direitos ao trono (de fato, suas origens o tornavam um candidato bem mais fraco do que *Galba). Obteve os favores de *Oto — que Galba não conseguira — e sobreviveu ao reinado de *Vitélio (escapando por pouco, pelo menos uma vez). Mais tarde, tornou-se amigo e patrono do jovem *Plínio, e foi escolhido por *Nerva como um adorno adequado ao seu governo; recebeu o terceiro consulado, mas feriu-se fatalmente quando discursava em agradecimento ao imperador. *Tácio fez sua oração fúnebre.

VIRIATO (*Viriathus*), líder lusitano, falecido em 138 a.C.

Viriato sobreviveu a um traiçoeiro massacre promovido por Sêrvio Sulpício Galba, em 150 a.C., tornou-se o chefe militar dos lusitanos e infligiu sucessivas derrotas aos comandantes romanos, de 147 a 139 a.C. Os romanos repudiaram deslealmente o tratado que ele firmara em 140 a.C., e Viriato foi assassinado em 138. Com sua morte, a resistência lusitana entrou em colapso.

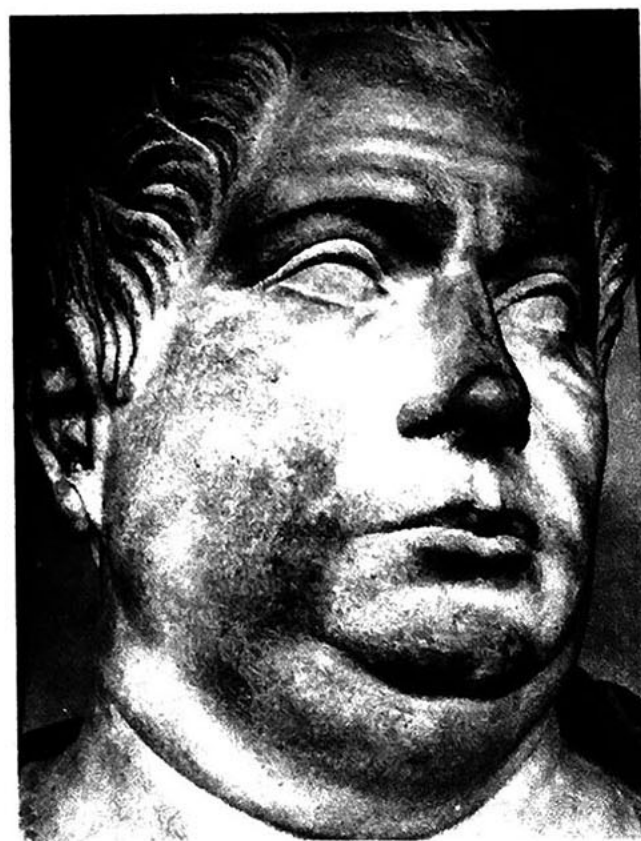
VITÉLIO (*Vitellius*) (15-69 d.C.), imperador, 69 d.C.

Embora de importância recente, os Vitélios obtiveram enorme influência no tempo de *Calígula e de *Cláudio, graças à popularidade que L. *Vitélio gozava junto a esses imperadores. Aulo Vitélio ocupou uma série de postos, em que revelou sua tendência para o vício e a desonestidade. T. *Vínio e A. *Cecina Alieno persuadiram-no a expulsar *Galba com o auxílio dos exércitos do Reno, que ele comandava em 69, mas, quando Vitélio chegou à Itália, *Oto era seu oponente. A vitória foi obtida facilmente. Como imperador,



Os Vitélios.

Retrato do imperador Vitélio. Florença, Uffizi.



Vitélio entregou-se à glotoneria, e não conseguiu lidar adequadamente com o exército que o levava ao trono. Os progressos espetaculares dos Flávios fizeram com que ele pensasse num acordo, mas a lealdade do povo romano fê-lo mudar de idéia, e ele condenou Roma aos horrores de uma luta durante a qual o Capitólio foi completamente queimado. As tropas dos Flávios, comandadas por Antônio *Primo, tiveram sucesso, embora pagassem um alto preço, inclusive com a morte de *Sabino, irmão de *Vespasiano. Vitélio foi morto pelas tropas dos Flávios.

VITÉLIO, LÚCIO (*Vitellius, Lucius*), cônsul, 34, 43 e 47 d.C.

Vitélio cultivava a amizade de *Antônia desde tenra idade e, assim, tornou-se amigo de *Cláudio. Sua conduta durante a crise oriental de 35 a 37, como governador da Síria, foi enérgica e eficiente; foi ele que afastou *Pôncio Pilatos de seu posto. *Tácio considerava suas bajulações obsequiosas a *Calígula e sua intimidade com Cláudio sintomas de decadência, mas Vitélio continuou um homem de grande importância durante o reinado de Cláudio, partilhando dois consulados e assumindo o posto de censor em 47, ao lado do imperador. Era um político tão hábil que conseguiu ser amigo de *Messalina e de *Agripina (a Jovem). Morreu em 51, deixando dois filhos, um dos quais se tornou por pouco tempo o imperador *Vitélio.

VITOR (*Victor*), comandante de cavalaria, 363-aprox. 379 d.C.

Vítor (cônsul em 369) foi comandante-em-chefe durante o reinado de *Valente, indicado para esse posto por *Joviano. Já fora oficial superior no tempo de *Constâncio II e *Juliano. Negociou com os godos (366/367 e 369) e com os persas (377); era um general cauteloso, e aconselhou Valente a esperar os reforços do Ocidente antes de lutar com os godos (378), tendo sobrevivido ao grande desastre. Casou-se com a filha de uma rainha árabe (ver *Mávia). Católico devoto, recebeu cartas de São *Basílio e São *Gregório de Nazianzo.

VITOR DE VITA (*Victor*), escritor e bispo, meados do século V d.C.

Padre em Cartago e mais tarde bispo de Bizacena, no norte da África, Vítor escreveu,

entre 480 e 490, a *História da perseguição na província da África*, que nos fornece uma visão atroz da vida dos ortodoxos no tempo dos vândalos arianos (ver *Ário) *Geiserico e Hunerico.

VÍTOR, AURÉLIO (*Victor, Aurelius*), historiador, 360 d.C.

Sexto Aurélio Vítor escreveu a obra *Césares* (ainda preservada), que foi publicada em 360 d.C.: trata-se de uma série de relatos interligados, piedosos e moralizantes, sobre os reinados de *Tibério a *Constâncio II. Segundo seu próprio relato, era um africano de origem humilde que se aprimorou estudando literatura. Logo após a publicação de sua obra, foi honrado por *Juliano com uma estátua pública e um posto de governador. Foi prefeito urbano de Roma por volta de 389.

VITORINO (*Victorinus*), imperador da Gália, 268-270 d.C.

Aparentemente, Marco Piavônio Vitorino ocupou o consulado juntamente com *Póstumo, em 267, e tornou-se imperador após a morte deste e o reinado efêmero de Mário(2). Sabe-se pouco de seu governo, além do cerco que realizou com sucesso contra a cidade rebelde de Autun. Ocupou o trono por dois anos, até ser assassinado em Cologne.



Moeda de bronze prateado (antoniniano) de Vitorino.

VITORINO, MÁRIO (*Victorinus, Marius*), filósofo e professor de retórica; século IV d.C.

Caio Mário Vitorino era um pagão africano, nascido no fim do século III; ensinou retórica em Roma no tempo de *Constâncio. Homem de muitos talentos, compôs manuais

de gramática e de lógica, traduziu Aristóteles e *Porfírio e, após uma espetacular conversão ao cristianismo, em 356, já na velhice, escreveu tratados teológicos (*Contra *Ário*), hinos e comentários sobre as epístolas de São *Paulo.

VITRÚVIO (*Vitruvius*), arquiteto de Augusto.

No tempo de *Augusto, Vitrúvio foi um arquiteto e engenheiro de grande importância, cujo manual de arquitetura, baseado em princípios helênicos, exerceu grande influência. Embora dedicasse seu trabalho a Augusto, é espantoso que nenhuma construção romana daquela época seja mencionada, e os progressos contemporâneos da arquitetura sejam ignorados. Os temas compreendidos na obra *Arquitetura* incluem: planificação de cidades, proporções, materiais e métodos de construção, edifícios públicos e particulares, trabalhos em gesso e pavimentação decorativa, e suprimento de água.

VOLOGESO I ou VOLOGESE (*Vologeses*), rei dos partos, 51/52-79/80 d.C.

Governante poderoso, Vologeso foi responsável pela oposição a Roma que caracterizou a metade do século I d.C. Seu grande adversário foi *Corbulão, mas a luta permaneceu indecisa, e o acordo de 66 foi favorável à Pérsia. Vologeso ofereceu seu auxílio a *Vespasiano, em 69, embora suas relações com Roma continuassem ambíguas. Ver também *Tiridates.

VOLUSIANO (*Volusianus*), César em 251 d.C.; Augusto em 253 d.C.

Filho de *Treboniano Galo, Caio Víbio Afínio Galo Veldumniano Volusiano foi nomeado César em 251, casou-se com a irmã de *Hostiliano e tornou-se Augusto em 253. Morreu no norte da Itália, junto com o pai, lutando contra *Emiliano.

VULSO, CNEU MÂNLIO (*Vulso, Gnaeus Manlius*), cônsul, 189 a.C.

Sucessor de *Cipião Asiágeno no comando da Ásia, em 189 a.C., Mânlio completou a tarefa de pacificação dos agitados galacianos da Anatólia central, acumulando grande quantidade de despojos de guerra. Aumentou-os pela apropriação sistemática de resgates pagos pelos Estados neutros, exigindo ainda um preço em dinheiro pela amizade de Roma.

Grande parte dos despojos e muitos homens se perderam em seu regresso através da Trácia, mas, ao chegar a Roma, tinha ainda o suficiente para permitir que o Tesouro restituisse os tributos recebidos durante a guerra contra *Aníbal. Mânlio foi acusado de transportar bens luxuosos da Grécia para Roma, sendo responsável pelas consequências negativas desse fato. Sua exigência de um triunfo, em 187 a.C., recebeu forte oposição, já que a campanha da Ásia era considerada uma disputa particular, não uma série de guerras legítimas; mesmo assim, sua exigência acabou sendo atendida.

XANTIPO (*Xanthippus*), soldado espartano, aprox. 255 a.C.

Comandante mercenário espartano, contratado por Cartago. Seu engenhoso emprego de elefantes como armas de guerra foi responsável pela esmagadora derrota do exército de *Régulo, na África, em 255 a.C. Depois desse episódio, não se tem mais notícias dele.

ZENÓBIA (*Zenobia*), rainha de Palmira, aprox. 266-273 d.C.

Como esposa de *Odenato, Setímia Zenóbia governou Palmira, após a morte dele, por intermédio de seu jovem filho, *Vabalato. Mulher ambiciosa, Zenóbia decidiu expandir seu poder, e, embora aliada nominal de Roma, invadiu o Egito e ocupou uma grande parte da Ásia Menor, em 269-270. No começo, *Aureliano manteve-se neutro, mas quando Zenóbia fez com que Vabalato fosse proclamado

augusto, em 271, lutou contra ela. Aureliano recobrou rapidamente a Ásia Menor e o Egito, derrotando o general palmireno Zabdas, primeiro em Antióquia e mais tarde em Emesa. Em seguida, Aureliano cercou Palmira e, após sua rendição, julgou Zenóbia e seus conselheiros. Ela foi levada para Roma e exibida na procissão triunfal de Aureliano em 272; foi-lhe garantida uma pensão, e viveu na cidade até uma idade avançada.

Moeda de bronze prateado (antoniniano) de Zenóbia.



Índice das pessoas mencionadas que não têm verbete próprio

ACTE (*Acte*): ver *Otávia(2).

ADANARSES (*Adanarses*): ver *Sapor II.

ADRIANO ÁFER, PÚBLIO ÉLIO

(*Hadrianus Afer, Publius Aelius*):

ver *Adriano.

AGRIPA II DA JUDÉIA (*Agrippa*):

ver *Berenice.

ALBANO, SANTO (*Albanus*): ver *Mártires.

ALBINO, CECINA DÉCIO FAUSTO

(*Albinus, Caecina Decius Faustus*):

ver *Ceíônios.

ALBINO, CIÔNIO RÚFIO (*Albinus,*

Ceionius Rufius): ver *Ceíônios.

ALBINO, CIÔNIO RÚFIO (*Albinus,*

Ceionius Rufius); prefeito de Roma em
389-391 d.C.: ver *Ceíônios.

ALBINO, PUBLÍLIO CIÔNIO CECINA

(*Albinus, Publilius Ceionius Caecina*):

ver *Ceíônios.

ALEXANDRE (*Alexander*); gramático:

ver Élio *Aristides.

ALEXANDRE (*Alexander*); bispo da

Capadócia: ver *Clemente de
Alexandria.

ALÍPIO, FALTÔNIO PROBO (*Alypius,*

Faltonius Probus): ver Quinto Clódio
Hermogeniano *Olíbrio.

ANACLETO (*Anacletus*): ver *Clemente
de Roma.

ANÍCIOS (*Anicii*): ver em especial Quinto

Clódio Hermogeniano *Olíbrio.

ÂNIO VERO, MARCO (*Annius Verus,*

Marcus): ver *ÂNio Vero e *Marco
Aurélio.

ANTÍGONO II (*Antigonus*): ver *Pirro.

APOLÔNIO DE CALCEDÔNIA

(*Apollonius*): ver *Marco Aurélio.

ARATO (*Aratus*): ver *Aviênio, *Cícero
e *Germânico.

ARDACHIR I (*Ardashir*): ver *Severo
Alexandre.

ARÍSTOCLES, TIBÉRIO CLÁUDIO

(*Aristocles, Tiberius Claudius*): ver
Élio *Aristides.

ARQUELAU DA CAPADÓCIA

(*Archelaus*): ver *Tigranes V.

ARQUIMEDES (*Archimedes*): ver Marco
Cláudio *Marcelo.

ARTUR, REI (*Arthur*): ver Aurélio
*Ambrósio.

ARULENO RÚSTICO (*Arulenus Rusticus*):
ver *Domiciano.

ARÚNCIO, LÚCIO (*Arruntius, Lucius*);
cônsul em 22 a.C.: ver Lúcio *Arúncio
(cônsul em 6 d.C.).

ÁTALO III DE PÉRGAMO (*Attalus*):
ver Tibério *Graco.

AVITO, JÚLIO (*Avitus, Julius*): ver
*Júlia Mesa.

BAHRAM III (*Bahram*): ver *Narses.

BÁRBIO, SEÍO HERÊNIO SALÚSTIO

(*Barbius, Seius Herennius Sallustius*):
ver *Bárbia Orbiana.

BASILINA (*Basilina*): ver Júlio
*Constâncio e *Juliano.

BASSIANO, JÚLIO (*Bassianus, Julius*):
ver *Júlia Soêmia.

BAUTO (*Bauto*): ver *Eudóxia.
BEDE (*Bede*): ver *Hengisto.
BLEDA (*Bleda*): ver *Átila.
BLESILA (*Blesilla*): ver Santa Júlia
 *Eustóquia.
BRÚTIA CRISPINA (*Bruttia Crispina*):
 ver *Márcia.
BRUTO, MARCO JÚNIO (*Brutus, Marcus Junius*); tribuno em 83 a.C.: ver *Bruto.

CALISTO (*Callistus*): ver *Lólia Paulina,
 *Ninfídio Sabino.
CAPELIANO (*Capellianus*): ver
 *Gordiano II.
CAPITOLINO, JÚLIO (*Capitolinus, Julius*):
 ver *História augusta.
CASPÉRIO ELIANO (*Casperius Aelianus*):
 ver *Nerva.
CECILIANO (*Caecilianus*): ver *Donato.
CECINA PETO (*Caecina Paetus*): ver
 *Árria, *Fânia.
CELESTIO (*Caelestius*): ver *Pelágio.
CENE (*Caenis*): ver *Antônia.
CÍRIA (*Cyria*): ver *Gildão.
CITÉRIDE (*Cytheris*): ver Cornélio *Galo.
CLÁUDIO SEVERO ARABIANO, CNEU
 (*Claudius Severus Arabianus, Cn.*):
 ver *Cláudio Severo.
CORNÉLIA (*Cornelia*); filha de *Metelo
 Cipião: ver *Pompeu.
CORNÉLIA (*Cornelia*); filha de *Cina:
 ver *Júlia I.
CORNÉLIA (*Cornelia*): ver *Propércio.
COROTICO (*Coroticus*): ver São *Patrício.
CRASSO, CALPÚRNIO (*Crassus, Calpurnius*): ver *Nerva.
CRISÁFIO (*Chrysaphius*): ver *Marciano e
 *Pulquéria.

DALMÁCIO (*Dalmatius*); pai de Probo:
 ver *Probo.
DECEBALO (*Decebalus*): ver *Trajano.
DECÊNCIO (*Decentius*): ver *Magnêncio.
DEMÉTRIO (*Demetrius*); bispo de
 Alexandria: ver *Orígenes.
DEMÓSTRATO (*Demostratus*): ver
 *Herodes Ático.
DIOSCURO (*Dioscurus*); bispo de
 Alexandria: ver *Juvenal de Jerusalém
 e *Teodoreto.

DOMÍCIA LUCILA (*Domitia Lucilla*):
 ver *Marco Aurélio.
DOMÍCIA PAULINA (*Domitia Paulina*):
 ver *Adriano, Júlio *Serviano.
DOMÍCIO DOMICIANO (*Domitius Domitianus*): ver *Aquiles.
DOMÍCIO ENOBARBO CNEU (*Domitius Ahenobarbus, Cn.*); cônsul em 192
 a.C.: ver *Cipião Africano.
DOMITILA, FLÁVIA (*Domitilla, Flavia*):
 ver Flávio *Clemente.
DRUSILA (*Drusilla*): ver *Antônia, *Ger-
 mânico.
DRUSO JÚLIO CÉSAR (*Drusus Julius Caesar*); filho de *Germânico: ver
 *Nero Júlio César.
DUBNOVELAUNO (*Dubnovellaunus*):
 ver *Tincômio.
DÚRIS DE SAMOS (*Duris*):
 ver *Décio Mure(2).

EBUCIANO (*Aebutianus*): ver *Cleandro.
EDÉSIO (*Aedesius*); mártir: ver *Mártires.
ELIANO (*Aelianus*); líder dos bagaudos:
 ver *Amando.
ELIO NICO (*Aelius Nico*): ver *Galeno.
EMÍLIO MAMERCINO, MAMERCO
 (*Aemilius Mamercinus, Mamercus*):
 ver *Postúmio Tuberto.
EPAFRODITO (*Epaphroditus*): ver
 *Epiteto.
EPILO (*Eppillus*): ver *Tincômio.
ESCÁPULA (*Scapula*): ver *Tertuliano.
ESCRIBÔNIA (*Scribonia*): ver *Augusto,
 *Júlia(2) e *Escribônio Libão Druso.
ESPARCIANO, ÉLIO (*Spartianus, Aelius*):
 ver *História augusta.
ESPURINA, T. VESTRÍCIO (*Spurinna, T. Vestricius*): ver *Trajano.
EUDEMONES (*Eudaemon*): ver Élio
 *Aristides.
EUDÓXIA (*Eudoxia*); esposa de
 *Valentiniano III: ver *Teodósio II.
EUGÊNIO (*Eugenius*); funcionário
 palaciano: ver *Honória.
EUGÍPIO (*Eugippius*): ver São *Severino.
EUMÊNIO (*Eumenius*): ver *Panegiristas.
EUNÔMIO (*Eunomius*); ariano: ver
 *Filostórgio.

EUQUÉRIO (*Eucherius*); bispo de Lyon:
ver *Salviano.

EUSEBIO (*Eusebius*); filósofo: ver *Edésio.

EUSEBIO e HIPÁCIO (*Eusebius e Hypatius*); cônsules em 359 d.C.:
ver *Eusébia.

EUTÍQUIO (*Eutyches*); ver papa *Leão.

EUTRÓPIA (*Eutropia*); esposa de
*Maximiano: ver *Fausta.

EUTRÓPIA (*Eutropia*); meia irmã de
*Constantino: ver *Nepociano (e
árvore genealógica de Constantino).

EVÁGRIO DO PONTO (*Evagrius*); ver
João *Cassiano e *Paládio.

FÁBIA (*Fabia*); ver *Élio César.

FÁBIO ADRIANO, CAIO (*Fabius Hadrianus, Gaius*); ver *Metelo Pio.

FAUSTINA, ÂNIA GALÉRIA AURÉLIA
(*Faustina, Annia Galeria Aurelia*):
ver *Cláudio Severo.

FAUSTINA, RUPÍLIA (*Faustina, Rupila*):
ver *Faustina I.

FÉLIX (*Felix*); início do século V d.C.:
ver Gala *Placídia.

FESTO (*Festus*); dicionarista: ver
Vérrio *Flaco.

FILEAS (*Phileas*); bispo de Temuis:
ver *Mártires.

FIRMO (*Firmus*); ver *Gildão.

FLACO (*Flaccus*); prefeito do Egito:
ver *Filão.

FLACO, LÚCIO VALÉRIO (*Flaccus, Lucius Valerius*); cônsul em 195 a.C.: ver
*Catão, o Velho.

FLACO, LÚCIO VALÉRIO (*Flaccus, Lucius Valerius*); cônsul em 86 a.C.:
ver *Fímbría e *Sila.

FLORIANO (*Florianus*); ver *Tácio(2) e
*Probo.

FLORO (*Florus*); época de *Augusto:
ver *Horácio.

GALA (*Galla*); início do século IV d.C.:
ver Júlio *Constâncio e *Galo.

GALBA, SÉRVIO SÚLPÍCIO (*Galba, Servius Sulpicius*); cônsul em 144 a.C.:
ver *Viriato.

GALIÃO, JÚNIO (*Gallio, Junius*); ver
*Galião Aneano.

GALICANO, VULCÁCIO (*Gallicanus, Vulcacius*); ver *História augusta.

GÁVIO, MARCO (*Gavius, Marcus*):
ver *Apício.

GENTIO DA ILÍRIA (*Genthius*); ver
Lúcio *Anício Galo.

GERMANO (*Germanus*); ver
João *Cassiano.

GERÔNCIO (*Gerontius*), abade: ver *Melâ-
nia, a jovem.

GERÔNCIO (*Gerontius*); general:
ver *Constantino III.

GETA (*Geta*); irmão de Severo: ver *Severo.

GILDAS (*Gildas*); ver Aurélio *Ambrósio.

GUNDOBADO ou GONDOBALDO
(*Gundobad*); ver *Antêmio(2),
*Glicério.

HELENA ou HÉLENA (*Helena*); filha de
*Constantino: ver *Juliano.

HÉLVIA (*Helvia*); ver *Sêneca.

HELVÍDIO PRISCO, O JOVEM
(*Helvidius Priscus*); ver *Domiciano e
*Helvídio Prisco.

HORÁCIO, MARCO (*Horatius, Marcus*);
tribuno consular em 378 a.C.:
ver *Horácio Pulvilo.

HORÁCIO BARBATO, MARCO (*Horatius Barbatius, Marcus*); ver *Valério
Poplícola Potito.

HORMISDA II (*Hormisdas*); ver *Sapor II.

HORSA (*Horsa*); ver *Hengisto.

HUNERICO (*Huneric*); ver *Geiserico,
*Olíbrio e *Vítor de Vita.

ÍCELO (*Icelus*); ver *Galba.

ÍLDICO (*Ildico*); ver *Átila.

INÁCIO, MÁRIO (*Egnatius, Marius*):
ver Gélio *Inácio

INOCENTE (*Inocens*); papa: ver São
*Jerônimo e São *João Crisóstomo.

JOÃO (*Johannes*); usurpador: ver *Aécio,
*Áspar, *Bonifácio, Gala *Placídia e
*Teodósio II.

JOÃO BATISTA (*Johannes Baptista*):

ver *Jesus.

JORGE, SÃO: ver *Mártires.

JOVINO (*Jovinus*); usurpador: ver *Ataulfo.

JÚLIA LIVILA (*Julia Livilla*): ver *Sêneca.

JULIANO, O CALDEU (*Julianus*): ver

*Juliano, o Teurgo.

JULIANO DE ECLANO (*Julianus*): ver

Santo *Agostinho.

JUSTINIANO (*Justinianus*): ver

*Geiserico e *Caio.

JUSTINO (*Justinus*); imperador: ver *Boécio.

JUSTINO, MARCO JUNIANO (*Justinus,*

Marcus Junianus): ver *Trogo.

JUVÊNCIO TALNA, P. (*Juventius Thalna,*

P.): ver *Andrisco.

LACÂNIO (*Lachanius*): ver

Rútilio *Namaciano.

LACÃO (*Laco*): ver *Galba.

LÂMIA, ÉLIO (*Lamia, Aelius*); fim do

século I d.C.: ver *Domícia Longina.

LAMPÁDIO (*Lampadius*); cônsul por volta

de 425 d.C.: ver *Ceíônios.

LAMPÁDIO, RÚFIO CECINA FÉLIX

(*Lampadius, Rufius Caecina Felix*):

ver *Ceíônios.

LAMPRÍDIO, ÉLIO (*Lampridius, Aelius*):

ver *História augusta.

LAUSO (*Lausus*): ver *Paládio.

LÉLIO (MAJOR), CAIO (*Laelius (Major),*

Gaius); cônsul em 190 a.C.:

ver *Sífax.

LÉPIDA, EMÍLIA (*Lepida, Aemilia*):

ver *Lépido(4).

LETA (*Laeta*): ver *Ceíônios e

Santa Júlia *Eustóquia.

LIBERAL, SÁLVIO (*Liberalis, Salvius*):

ver *Javoleno Prisco.

LÍBIO SEVERO (*Libius Severus*):

ver *Ricimero.

LICÍNIO (JÚNIOR) (*Licinius (Junior)*):

ver *Constância.

LINO (*Linus*): ver *Clemente

de Roma.

LITÓRIO (*Litorius*): ver *Átila e

*Teodorico I.

LIVILA (*Livilla*): ver *Druso Júlio César e

*Sejano.

LÍVIO DRUSO CLAUDIANO, MARCO

(*Livius Drusus Claudianus, Marcus*):

ver *Lívia.

LUCÍLIO JÚNIOR, CAIO (*Lucilius Junior*

Gaius): ver *Sêneca.

LUCRÉCIO TRICIPITINO, ESPÚRIO

(*Lucretius Tricipitinus, Spurius*):

ver *Lucrécia.

MACEDÔNIO (*Macedonius*): ver

Flávio *Filipe.

MACRINA, SANTA (*Macrina*): ver

São *Basílio.

MÁGNIA ÚRBICA (*Magnia Urbica*):

ver *Carino.

MÁLIO MÁXIMO, CNEU (*Mallius*

Maximus, Gnaeus): ver Quinto Servílio

*Cepião e *Mário.

MAMERTINO (*Mamertinus*); panegirista da

Tetrarquia: ver *Panegiristas.

MAMURRA (*Mamurra*): ver *Catulo.

MARCELA (*Marcella*); sobrinha de

*Augusto: ver *Agripa e Iulo *Antônio.

MARCELA (*Marcella*): ver Nerácio *Cereal.

MARCELINO (*Marcellinus*); conde das

riquezas sagradas: ver *Magnêncio.

MARCELO, MARCO CLÁUDIO

(*Marcellus, Marcus Claudius*); cônsul

em 50 a.C.: ver *Marcelo, *Otávia(1).

MÁRCIA FURNILA (*Marcia Furnilla*):

ver *Bárea Sorano.

MARCIANO, GÊSSIO (*Marcianus, Gessius*):

ver *Júlia Maméia, *Severo Alexandre.

MÁRIO, O JOVEM (*Marius*): ver *Sila.

MÁRIO PRISCO (*Marius Priscus*):

ver *Tácito.

MASCEZEL (*Mascezel*): ver *Gildão.

MASTARNA (*Mastarna*): ver *Sérvio

Túlio e *Vibena.

MELA, LÚCIO (?) ANEO (*Mela, L.*

(?) Annaeus): ver *Sêneca, o Velho.

MELÂNIA, A VELHA (*Melania*): ver

*Melânia, a Jovem, e *Paládio.

METELO CÉLERE, QUINTO (*Metellus*

Celer, Quintus): ver *Catulo.

MINERVINA (*Minervina*): ver *Crispo.

MITRIDATES (*Mithridates*); rei do Bósforo:

ver *Dídio Galo.

MÔNICA, SANTA (*Monica*): ver

Santo *Agostinho.

MUNDIUCH (*Mundiuch*): ver *Átila.

NARCISO (*Narcissus*); assassino:
ver *Cômado.

NERO, TIBÉRIO CLÁUDIO (*Nero, Tiberius Claudius*); cônsul em 50 a.C.:
ver *Lívia e *Tibério.

NICOMEDES II DA BITÍNIA (*Nicomedes*):
ver *Prúsias II.

NICOMEDES DA BITÍNIA (*Nicomedes*):
Ver *Aquílio (2).

NICOMEDES DA BITÍNIA (*Nicomedes*):
ver *Aquílio(2).

NUBEL (*Nubel*): ver *Gildão.

OGÚLNIO GALO, CNEU (*Ogulnius Gallus, Gnaeus*); ver Quinto *Ogúlnio Galo.

OLÍBRIO (*Olybrius*); cônsul em 395 d.C.:
ver *Claudiano.

OLIMPIADE (*Olympias*); ver *Ablábio.

OLÍMPIO (*Olympius*); superintendente dos funcionários públicos: ver *Estilício.

OTÁVIO, CNEU (*Octavius, Gnaeus*); cônsul em 80 a.C.: ver *Cina e *Sila.

OTÁVIO, MARCO (*Octavius, Marcus*):
ver Tibério *Graco.

PÁCIA MARCIANA (*Paccia Marciana*):
ver *Severo.

PAMÁQUIO, SANTO (*Pammachius*): ver Santa Júlia *Eustóquia.

PÂNFILO (*Pamphilus*): ver *Eusébio de Cesaréia e *Mártires.

PAPIANILA (*Papianilla*): ver Apolinar *Sidônio.

PAPÍRIO CÚRSOR, LÚCIO — O JOVEM (*Papirius Cursor, Lucius*): ver *Carvílio Máximo.

PATRÍCIO (*Patricius*); filho de *Áspar:
ver *Áspar.

PAULA, SANTA (*Paula*): ver Santa Júlia *Eustóquia, São *Jerônimo.

PAULINA, ACONIA (*Paulina, Aconia*):
ver *Pretextato.

PAULINA, CECÍLIA (*Paulina, Caecilia*):
ver *Maximino Trácio.

PAULO (*Paulus*); bispo de Constantinopla:
ver Flávio *Filipe.

PAULO, LÚCIO EMÍLIO (*Paulus, Lucius Aemilius*); cônsul em 1 d.C.:
ver *Júlia(3).

PAULO, O DIÁCONO (*Paulus*):
ver Vérrio *Flaco.

PEREGRINO PROTEU (*Peregrinus Proteus*): ver A. *Gélio.

PERPERNA, MARCO (*Perperna, Marcus*);
cônsul em 130 a.C.: ver *Aristonico.

PERPERNA VEIENTÃO, MARCO (*Perperna Veiento, Marcus*):
ver *Pompeu e *Sertório.

PERPÉTUA, SANTA (*Perpetua*):
ver *Mártires.

PINIANO (*Pinianus*): ver Santa Melânia, a Jovem.

PIPA (*Pipa*): ver *Galieno e *Salonina.

PISÃO, LÚCIO CALPÚRNIO (*Piso, Lucius Calpurnius*); cônsul em 58 a.C.:
ver *Gabínio.

PISÃO LICINIANO, LÚCIO CALPÚRNIO (*Piso Licinianus, Lucius Calpurnius*):
ver *Galba e *Oto.

PLACÍDIA (*Placidia*); filha de *Valentiniano III: ver *Olíbrio.

PLÁUCIA URGULANILA (*Plautia Urgulanilla*): ver *Pláucio Silvano.

PLÓCIO TUCA (*Plotius Tucca*):
ver *Vário Rufo e *Virgílio.

PLUTARCO (*Plutarchus*); século V d.C.:
ver *Proclo.

POLÍBIO (*Polybius*); liberto de *Cláudio:
ver *Sêneca.

POMPEU, SEXTO (*Pompeius, Sextus*);
cônsul em 14 d.C.:
ver *Valério Máximo.

POMPÔNIO (*Pomponius*); jurista:
ver *Coruncânio.

POMPÔNIO SEGUNDO, QUINTO (*Pomponius Secundus, Quintus*):
ver Públio *Pompônio Segundo.

POPÉIA SABINA (*Poppaea Sabina*), a Velha: ver *Popeu Sabino.

PÓRCIA (*Porcia*): ver *Bruto.

PORFÍRIO DE GAZA (*Porphyrios*):
ver *Eudóxia.

POSTÚMIO TERÊNCIO (*Postumius Terentius*): ver *Longino.

PRASUTAGO (*Prasutagus*): ver *Boudica.

PRISCA (*Prisca*); esposa de *Diocleciano:
ver *Valéria.

PRISCO, CAIO JÚLIO (*Priscus, Gaius Julius*): ver *Jotapiano e *Urânio Antonino.

PROBA, FALTÔNIA BETÍCIA (*Proba*,

Faltonia Betitia): ver Quinto Clódio Hermogeniano *Olíbrio.

PROBINO (*Probinus*): cônsul em 395 d.C.: ver *Claudiano.

PROCÓPIO (*Procopius*): historiador: ver *Boécio e *Geiserico.

PRÓCULO (*Proculus*): prefeito de Constantinopla: ver *Taciano.

PRÚSIAS I DA BITÍNIA (*Prusias*): ver *Aníbal.

RABÍRIO, CAIO (*Rabirius, Gaius*): ver *César e *Labieno.

RADAGESO (*Radagaesus*): ver *Estilício.

RÉGULO, P. MEMÍO (*Regulus, P. Memmius*): ver *Lólia Paulina.

REMO (*Remus*): ver *Ogúlnio Galo e *Rômulo.

RÔMULA (*Romula*): ver *Galério.

ROWENA (*Rowena*): ver *Hengisto.

RULO (*Rullus*): ver *Cícero e *Crasso.

SABINO, MASÚRIO (*Sabinus, Masurius*): ver *Glossário, Escola Sabiniana.

SALVINA (*Salvina*): ver *Gildão.

SAMAC (*Sammac*): ver *Gildão.

SEÍO ESTRABÃO, LÚCIO (*Seius Strabo, Lucius*): ver *Sejano.

SERENA (*Serena*): ver *Estilício.

SETÍCIO ou SEPTÍCIO CLARO (*Septicius Clarus*): ver *Erúcio Claro, *Sabina e *Suetônio.

SEVERINA, ÚLPIA (*Severina, Ulpia*): ver *Aureliano.

SEVERO, CAIO SETÍMIO (*Severus, Gaius Septimius*): ver *Severo.

SEXTO (*Sextus*): filho de *Tarquínio Soberbo: ver *Lucrécia.

SEXTO, LÚCIO (*Sextius, Lucius*): ver Caio Licínio *Estolão.

SILANO, MARCO (*Silanus, Marcus*): ver *Agrícola.

SÍLIO, CAIO (*Silius, Gaius*): ver *Messalina.

SILVANO (*Silvanus*): prefeito pretoriano: ver *Póstumo.

SIRIANO (*Syrianus*): ver *Proclo.

SIRÍCIO (*Siricius*): papa: ver *Joviniano.

SIRO (*Siro*): ver *Virgílio.

SOFONISBA (*Sofonisba*): ver *Sifax.

SULPÍCIO JUSTO (*Sulpicius Justus*): ver *Driantila.

SULPÍCIO POLIÃO (*Sulpicius Pollio*): ver *Driantila.

SULPÍCIO SAVERRIÃO, PÚBLIO (*Sulpicius Saverrio, Publius*): ver *Décio Mure(3).

TARQUÍNIO, CNEU (*Tarquinius, Gnaeus*): ver *Tarquínio Prisco e *Vibena.

TARQUÍNIO COLATINO, LÚCIO (*Tarquinius Collatinus, Lucius*): ver *Lucrécia.

TASCIOVANO (*Tasciovanus*): ver *Tincômio.

TEODORA (*Theodora*): ver *Constância, Júlio *Constância, Flávio *Dalmácio, *Helena e árvore genealógica de *Constantino.

TEODORICO (*Theodoricus*): rei dos ostrogodos: ver *Boécio, *Odoacro e Apolinar *Sidônio.

TEODORICO II (*Theodoricus*): rei dos visigodos: ver *Eurico.

TÉTICO, CAIO PIO (*Tetricus, Gaius Pius*): ver *Tétrico.

TOLÚMNIO, LARS — ou LARTE (*Tolumnius, Lars*): ver A. Cornélio *Cosso.

TORISMUNDO (*Thorismundus*): ver *Teodorico I.

TREBÁCIO TESTA, CAIO (*Trebatius Testa, Gaius*): ver Marco Antístio *Labeão.

TREBÉLIO PÓLIO (*Trebellius Pollio*): ver *História augusta.

VAHRAM I (*Vahram*): ver *Mâni.

VALENTINO (*Valentinus*): metade do século IV d.C.: ver *Filócalo.

VALÉRIO LEVINO, PÚBLIO (*Valerius Laevinus, Publius*): ver *Coruncânio e *Pirro.

VALÉRIO MÁXIMO (*Valerius Maximus*): governador da Grécia: ver *Plínio, o Jovem.

VÁRIO MARCELO, SEXTO (*Varius Marcellus, Sextus*): ver *Elagábalo e *Júlia Soêmia.

VARRÃO MURENA, A. TERÊNCIO

(*Varro Murena, A. Terentius*):

ver *Mecenas.

VERICA (*Verica*): ver *Tincômio.

VETÚRIA (*Veturia*): ver *Coriolano.

VINÍCIO, MARCO (*Vinicius, Marcus*);

cônsul em 30 e 45 d.C.: ver *Messalina
e *Veleio Patérculo.

VIPSÂNIA AGRIPINA (*Vipsania*

Agrippina): ver *Asínio Galo, *Druso
Júlio César e *Tibério.

VOLAGÍNIO (*Volaginius*): ver Lúcio

Arúncio Camilo *Escriboniano.

VOLUSIANO, CAIO CIÔNIO RÚFIO

(*Volusianus, Gaius Ceionius Rufius*):

cônsul em 314 d.C.: ver *Ceiônios.

VOLUSIANO, RÚFIO ANTÔNIO AGRÍP-

NIO (*Volusianus, Rufius Antonius Agryp-*
nus): ver *Ceiônios.

VOLUSIANO LAMPÁDIO, CAIO CIÔNIO

RÚFIO (*Volusianus Lampadius,*

Gaius Ceionius Rufius): ver *Ceiônios.

VOPISCO, FLÁVIO (*Vopiscus, Flavius*):

ver **História augusta*.

VORTIGERN (*Vortigern*): ver *Hengisto.

ZABDAS (*Zabdas*): ver *Aureliano.

ZENÃO, O ISAURIANO (*Zeno*);

imperador: ver *Áspar, *Basilisco e
*Leão.

ZENÃO DE CHIPRE (*Zeno*): ver

*Oribásio.

ZÓSIMO (*Zosimus*); historiador: ver

*Domiciano, *Eunápio, Marco Aurélio
Sabino *Juliano e *Olimpiodoro.

ZÓSIMO (*Zosimus*); papa: ver *Pelágio.

Glossário

ADVOGADO DO TESOIRO IMPERIAL (*advocatus* — ou *patronus* — *fisci*)

Conselheiro da coroa, cargo ocupado pelo advogado de posição hierárquica mais elevada em cada foro judicial.

AGENTE DO ESTADO (*agens in rebus*)

Membro do corpo de mensageiros especiais do Império e inspetores do correio público, cargo estabelecido por *Constantino. Por serem os notários mais importantes, eram usados também em missões confidenciais (principalmente por *Constâncio II). Reduzidos em número por *Juliano, os agentes multiplicaram-se novamente após seu reinado.

AGREGAÇÃO, NOMEAÇÃO (*adlectio* ou *allectio*)

Registro do nome de um homem na lista do Senado, por meio do qual ele se tornava senador sem ter ocupado antes qualquer magistratura; algumas vezes, era usado para promover alguém dentro do Senado (por exemplo, na nomeação de ex-cônsules). Raramente usado durante a República ou no início do Império, tornou-se poder comum do imperador.

ALEXANDRINO (*alexandrinus*)

Originário ou referente a Alexandria que, no período helênico, foi um notável centro de bibliotecas e de produção de livros, muito importante para o desenvolvimento da poesia erudita.

ANAIIS MÁXIMOS (*Annales maximi*)

Organização cronológica formal dos acontecimentos oficiais da história romana,

desde a época dos reis até cerca de 130/115 a.C.; compõem-se de oitenta livros.

ANALISTA

Historiador romano que escrevia de acordo com a tradição dos anais máximos.

ARITMOLOGIA

Especulação pitagórica, pseudocientífica, sobre a significação mística dos números.

ASIANISMO (de *asiani*)

Termo usado primeiramente por *Cícero para descrever o estilo da oratória de *Hortênsio; estilo de prosa artificial, pomposo e bombástico. Ver Aticismo.

ASSEMBLÉIAS CENTURIAIS (*comitia centuriata*)

Assembléias legislativas e eleitorais do povo romano, que eram distribuídas entre as centúrias e agrupadas em cinco classes. O conceito de assembléia originou-se na organização por centúrias adotada pelo exército romano, com a introdução da tática dos hoplitas (soldados com armas pesadas), talvez no século VI a.C.; sua estrutura definitiva foi muito favorecida pelos cidadãos mais antigos e mais ricos.

ATICISMO (de *attice*)

Movimento purista que procurava imitar o estilo e a maneira da prosa ateniense clássica, em oposição ao Asianismo.

AUGURE (*augur*)

Ver Colégios sacerdotais.

AUGÚRIO (*augurium*)

Prognóstico sobre o futuro, baseado na observação do vôo das aves sagradas.

AUGUSTA (*augusta*)

Título honorífico concedido a uma imperatriz ou a uma mulher importante da família imperial.

AUGUSTO (*augustus*)

Título atribuído ao imperador, ou ao(s) imperador(es) mais antigo(s); "césar" era o título atribuído ao imperador mais recente no trono, ou ao herdeiro legitimado do imperador.

BUCÓLICAS (*bucolica*)

Poemas pastoris; literalmente, "sobre boieiros, pastores".

BUCÓLICOS (do grego *boukoloi*)

Literalmente, "boieiros, pastores"; nome ligado à revolta popular de 172-173 d.C., no delta do Nilo (Egito).

CAMAREIRO-MOR (*praepositus sacri cubiculi*)

Eunuco, chefe do corpo de eunucos (*cubicularii*) da Câmara Sagrada, no fim do Império. A intimidade com o imperador e o controle do acesso até ele garantiam grande influência e riquezas. Ver *Eusébio, *Eutrópio(2). Simples camareiros (*cubiculo*) eram encontrados também no Médio Império, por exemplo *Cleandro, *Saotero.

CAMPO DE MARTE (*Campus Martius*)

Em Roma, grande espaço aberto destinado inicialmente a exercícios militares; continuou sendo usado para assembleias públicas, e continha vários edifícios públicos. Seu nome deriva do altar de Marte que se localizava ali.

CENSOR (*censor*)

Poderosa magistratura, para a qual eram normalmente eleitos dois ex-cônsules a cada cinco anos. Entre seus deveres gerais de administração econômica, estavam a supervisão do censo e a concessão de contratos públicos (ver Publicanos). Seu grande prestígio provinha do poder de revisar a lista de senadores e equestres (ver principalmente *Catão, o Velho). O cargo desapareceu com o Império, quando os próprios imperadores passaram a desempenhar as funções de censor, ou a delegá-las a seus oficiais. *Constantino usou "censor" como título honorífico, concedido a Fl. *Dalmácio.

CÉSAR (*cæsar*)

Imperador que ocupava o cargo há pouco tempo; herdeiro legitimado; ver Augusto.

CINEGÉTICA (*cinegetica*)

A arte da caça.

CINISMO (*cynismus*)

Inicialmente, corrente de filosofia ética fundada por Diógenes, que se chamava "kynikós" (o cão), em fins do século IV a.C., e continuada por seguidores como Bião, Menipo, Teles e, no último período, por *Demétrio, o Cínico, *Dião Crisóstomo e Peregrino Proteu (ver A. *Gélio). Enfatizava a pobreza, a auto-suficiência, o discurso livre e o desprezo pelos valores tradicionais.

CLÁUSULA (*clausula*)

Frase pertencente a uma série fixa na prosa artística do latim.

CLIENTELA (*clientela*)

Termo coletivo que designava um conjunto de clientes, isto é, de pessoas ou comunidades em situação de dependência de um patrono (protetor), dependência que envolvia laços de obrigações mútuas.

CÓDICE, CÓDEX (*codex*)

Manuscrito em forma de livro moderno, por oposição à forma do rolo.

COGNOME (*cognomen*)

Ver Introdução, página 9.

COLÉGIOS SACERDOTAIS

Corporações oficiais formadas por homens que ocupavam postos sacerdotais (postos seculares responsáveis pela direção dos rituais). Os dois postos mais importantes eram os pontífices (ver Pontífice máximo) e os áugures (ver Augúrio). Durante a República, estes cargos eram eletivos e tinham grande importância política; já no período do Império, os ocupantes passaram a ser nomeados pelo imperador, e a importância da posição ganhou um caráter social.

COLÔNIA (*colonia*)

Estabelecimento agrário formado por colonos romanos em território afastado, geralmente localizado de modo estratégico como guarnição militar.

COMANDANTE-EM-CHEFE:

comandante da cavalaria (*magister equitum*)
comandante da infantaria (*magister peditum*)
comandante dos soldados (*magister militum*)
comandante das duas armas (*magister utriusque militiae*).

*Constantino criou dois comandantes-em-chefe, o da cavalaria e o da infantaria; esse número foi aumentado posteriormente. Alguns comandantes (da cavalaria, dos soldados ou das duas armas) chefiavam exércitos regionais, enquanto dois comandantes em conjunto, um da cavalaria e um da infantaria (no

Oriente, a partir de *Teodósio, o segundo era um comandante dos soldados ou das duas armas), continuavam a chefiar os exércitos ligados diretamente ao imperador. O termo "comandante-em-chefe" era reservado àqueles que ocupavam um desses postos.

COMANDANTE EQUÍSTRE (*magister equitum*)

Magistrado republicano nomeado pelo ditador como seu subordinado; inicialmente, era o comandante da cavalaria.

COMENTÁRIO (*commentarius* ou *commentarium*)

Série contínua, em prosa, de observações (ou críticas) sobre determinado texto.

COMISSÁRIO DO SUPRIMENTO DE TRIGO (*curator annonae*)

No antigo período senatorial e na época de *Augusto, era o posto equivalente ao do prefeito do suprimento de trigo.

COMITUM

Área ao norte do Fórum, usada para reuniões e assembléias do povo.

COMPASSO (*ictus*)

Acento forte de uma palavra.

CONDE (*comes*)

Originalmente, o título era concedido aos membros importantes do séquito do imperador (*comes* significa literalmente "companheiro"). *Constantino transformou-o em posto atribuído oficialmente e dividido em três graus, que logo se tornou parte da designação de alguns altos oficiais (ver, por exemplo, conde das riquezas sagradas) e de comandantes do exército (conde da África). O título podia também ser concedido como simples honra. Continuou a ser usado nos reinos bárbaros do Ocidente.

CONDE DA ÁFRICA (*comes Africae*)

No fim do Império, era o comandante do exército do norte da África.

CONDE DAS RIQUEZAS SAGRADAS (*comes sacrarum largitionum*)

Um dos principais oficiais financeiros do fim do Império, era responsável principalmente pela cunhagem de moedas, pela exploração das minas de metais preciosos, pela taxação de impostos em dinheiro e pelo pagamento do exército e dos serviços civis.

CONDE DE ARVERNE (*comes civitatis Arvernorum*)

Alto posto militar de defesa urbana responsável pela Auvergne (hoje Clermont-Ferrand) e seu território, no século V d.C.

CONDE DOS CADETES (*comes domesticorum*)

Comandante do corpo de cadetes (*domestici*) ou de aspirantes a oficial.

CÔNSUL (*consul*)

Magistrado graduado, eleito regularmente durante a República romana. Eram eleitos dois cônsules anuais para desempenhar as funções administrativas superiores do Estado, das quais a mais importante era o comando das legiões. Durante o Império, o cargo foi se tornando cada vez mais honorífico. Os cônsules ordinários (*consules ordinarii*) eram eleitos no início de cada ano, conforme as regras, mas vários pares de cônsules substitutos (*consules suffecti*) eram nomeados durante o ano, uma vez que o consulado, no curso das magistraturas, era o estágio de habilitação para os postos mais elevados do governo. *Constantino reformou o consulado, que voltou a ser, como no início, o ápice da carreira pública de um homem, embora continuasse a ser um cargo meramente decorativo, que implicava a organização de suntuosos espetáculos públicos.

CONSULAR (*consularis*)

Ex-cônsul; pessoa que supostamente ocupara o consulado; no fim do Império, título de certos governadores de província.

CONTROVÉRSIA (*controversia*)

Prática retórica do discurso forense em que são citadas uma ou mais leis, sendo que o orador deve defender um determinado ponto de vista.

CURSO DAS MAGISTRATURAS (*cursus honorum*)

Seqüência na qual as magistraturas podiam ser ocupadas em Roma; foi ditada inicialmente pelos costumes e depois, progressivamente, pela legislação. Em ordem crescente, o curso básico era: questor, edil, pretor e cônsul. No início do Império, desenvolveu-se um curso paralelo para os eqüestres.

DECENVIRATO (*decemviratus*)

Duas juntas sucessivas (451 e 450 a.C.) formadas por dez homens nomeados para compilar as Doze Tábuas; a segunda dessas juntas é provavelmente uma criação posterior.

DECLAMAÇÃO (*declamatio*)

Exercícios retóricos em discursos forenses — sobre temas históricos ou mitológicos.

DEDICAÇÃO (*devotio*)

Ritual em que um general consagrava si mesmo e ao inimigo aos deuses.

DESPOJOS OPIMOS (*spolia opima*)

Os "despojos de honra" eram dedicados a Júpiter Ferétrio por um cônsul romano, quando matava o líder inimigo no campo de batalha; esse feito foi registrado apenas duas vezes na história da República (a atribuição a Rômulo é apócrifa). Ver M. Cláudio *Marcelo e M. Licínio *Crasso.

DIATRIBE (*diatriba*)

Discurso ético popular que incluía lugares-comuns. Sua forma originou-se com os filósofos gregos estoicos e cínicos.

DIDÁTICO (do grego *didaktikê*)

Texto escrito com a intenção de ensinar; em geral, continha informações científicas específicas. Por exemplo, os *Fenômenos*, de Arato, e *Sobre a natureza*, de *Lucrécio.

DIRETOR DOS REDATORES PÚBLICOS (*magister memoriae*)

Chefe de uma das repartições públicas imperiais (meados e fim do Império), que se ocupava com a elaboração das respostas às petições; principal conselheiro legal do imperador, até que *Constantino tornou o cargo subordinado ao superintendente dos funcionários públicos.

DITADOR (*dictator*)

Magistrado nomeado por um cônsul como supremo administrador do Estado romano, por um prazo máximo de seis meses; a princípio nomeado para enfrentar uma crise militar, com o tempo adquiriu funções religiosas ou políticas. Os mandatos de *Sila e de *César foram empregados.

DOZE TÁBUAS

Coleção das leis, principalmente privadas, aplicadas e apresentadas publicamente pelos decenviratos em 451 e 450 a.C.

DUUNVIRATO (*duumviratus*)

Comissão judiciária formada por dois homens, talvez nomeados especialmente para investigar os crimes de traição (*perduellio*).

EDIL (*aedilis*)

Magistratura intermediária com deveres administrativos importantes, entre os quais a organização dos jogos públicos (responsabilidade que *Augusto transferiu aos pretores). Os edis curuis (*aedile curule*), originalmente patrícios, eram hierarquicamente superiores.

ELEGIA (*elegia*)

Poema que consistia numa série de dísticos compostos de um hexâmetro, seguido de um pentâmetro.

ELOGIO (*elogium*)

Peça retórica convencional, escrita em louvor de pessoa ou coisa determinada; epitáfio.

ÉPICO (*epicus*)

Longo poema narrativo escrito em hexâmetros, geralmente sobre assunto heróico.

EPICURISMO (de *Epicurus*)

Escola filosófica fundada por Epicuro nos fins do século IV a.C. Seus ensinamentos incluíam uma vida de extrema simplicidade, a busca do "prazer" (definido como ausência de dor) e a completa indiferença com relação às circunstâncias externas. Essa filosofia estritamente materialista era aparentada à teoria atomista de Demócrito e rejeitava a intervenção divina nos problemas humanos. A exposição mais notável do epicurismo é encontrada em *Sobre a natureza* (*De rerum natura*), poema didático de *Lucrécio.

EPIGRAMA (*epigramma*)

Poemas curtos, enérgicos, satíricos.

EPÍTOME (*epitome*)

Resumo (*breviarium*) ou versão condensada de determinado texto.

EPODO (*epodus*)

Termo aplicado aos poemas de *Horácio, com diferentes unidades métricas.

EPYLLION

Épico em miniatura, que continha frequentemente uma narrativa secundária relacionada ao tema principal — característica dos poetas neotéricos.

EQUESTRES (*equestres*)

Originalmente, aqueles que tinham condições de servir o exército romano como cavaleiros; mais tarde, nome do grupo de proprietários que, segundo o censo, ficava imediatamente abaixo do grupo dos senadores (ver Senado). Compreendia a aristocracia não-senatorial e a pequena nobreza agrária.

ESCOLA PROCULIANA e ESCOLA SABINIANA

Escolas romanas de jurisprudência no início do Império: a Sabiniana era assim chamada em homenagem a Masúrio Sabino (primeira metade do século I d.C.); a Proculiana homenageava o jurista *Próculo, da mesma época. Sabe-se pouco sobre as diferenças entre elas. Ver *Javoleno Prisco, Sálvio *Juliano (sabinianos), *Nerva — avô do imperador —, *Pégaso e *Nerácio Prisco (proculianos).

ESCOLARCA (do grego *scholarches*)

Filósofo que chefiava uma das escolas principais — termo usado frequentemente

com referência à sucessão dos neoplatônicos em Atenas e em Alexandria.

ESCÓLIO (*scholia*)

Comentário sobre determinado texto, quase sempre à margem.

ESTOICISMO (de *stoici*)

Fundada por Zenão de Cício, no século III a.C., essa corrente foi sistematizada por Crisipo, tornando-se a filosofia representativa do mundo greco-romano. A crença em uma providência divina e em um *logos* (princípio racional) corporificado no fogo, elemento que impregnava o Universo, era central na filosofia estóica; a virtude, igualada ao conhecimento, era o bem supremo. Entre os principais representantes dessa escola estavam: *Epiteto, *Panécio, *Posidônio e *Marco Aurélio.

ETIOLOGIA (*aetiologia*)

Explicação da origem de um costume, de uma instituição, etc., frequentemente baseada na suposta etimologia de seu nome.

EXORTAÇÃO (*suasoria*)

Exercício retórico onde o orador se posiciona a favor ou contra um certo assunto.

EXTORSÃO (*repetundis*)

Ação conduzida na corte para se obter a restituição de propriedades confiscadas ilegalmente pelos magistrados romanos. No fim da República, esse era um dos principais motivos de julgamentos políticos.

FÁBULAS (*fabulae*)

Peças teatrais; *praetexta*: termo técnico que designava uma peça teatral com tema romano — nome originado da toga branca, orlada de púrpura, usada pelas personagens principais; *palliata*: adaptação de comédia grega; *togata*: tipo de comédia nativo de Roma.

FAMÍLIA (*gens*)

Ver Introdução, página 9.

FASCES (*fascies*)

Feixe de varetas (dentre as quais sobressaía o ferro de um machado) que simbolizava, em particular, o poder coercitivo dos magistrados.

FESTIVAL LATINO

Festival religioso anual, comum a todos os povos do Lácio, celebrado no monte Albano.

GALIÂMBICO (de *galliambus*)

Métrica jônica rara, usada por *Catulo no poema 63.

GIGANTOMÁQUIA (*gigantomachia*)

Batalha épica entre deuses e gigantes.

GNOSTICISMO (de *gnosticus*)

Os gnósticos afirmavam que a redenção espiritual só se alcançava pelo conhecimento revelado de Deus, ao qual acreditavam ter maior possibilidade de acesso. Ver *Basilide (*Marcião), *Irineu; ver também *Mani e *Montano.

GOVERNADOR-GERAL (*vicarius*)

No sistema administrativo das províncias, tal como foi reorganizado por *Diocleciano, era um representante (delegado) do prefeito pretoriano, que supervisionava a administração de um grupo de províncias durante o mandato dos governadores provinciais.

GRAMÁTICO (*grammaticus*)

Professor pago para ensinar literatura.

GRANDE PERSEGUIÇÃO

Última perseguição aos cristãos realizada por imperadores romanos, no período de 303 a 313 d.C. (ver *Diocleciano, *Galério, *Maximino Daia e *Mártires).

GUARDA PRETORIANA; PRETORIANOS (*praetoria cohors; praetorianus*)

Corpo de tropas estacionadas em Roma, criado por *Augusto em 27 a.C. para que integrasse a escolta imperial e as tropas palatinas; dispersado por *Constantino em 312 d.C. No início, os pretorianos compreendiam nove coortes de quinhentos soldados, e portavam armas semelhantes às dos legionários. O poder de seu oficial comandante (prefeito pretoriano), bem como seu papel na escolha dos imperadores, foram consideráveis.

HARMONIA CELESTE

Teoria antiga, de origem pitagórica, segundo a qual as esferas planetárias produzem música enquanto giram, por causa das diferenças de velocidade de suas rotações.

HELENÍSTICO (de *Hellas*)

Da era de Alexandre, o Grande, e seus sucessores.

HEXÂMETRO (*hexameter*)

A métrica mais popular da Antiguidade, usada no gênero épico; cada verso consistia em seis pés.

HOMEM NOVO (*novus homo*)

Pessoa recém-nomeada para um alto posto; o primeiro homem de uma família a atingir o Senado ou, mais especificamente, o consulado (ver cônsul). O mais famoso homem novo foi *Cícero.

IAMBO OU JAMBO (*iambus*)

Poesia que empregava o pé iâmbico, em especial o senário.

IMPERATOR

Comandante; durante a República, era uma fórmula de aclamação com que as tropas saudavam o general vitorioso; foi adotada pelos imperadores como prenome honorífico, origem do título "imperador".

IMPERIUM

Poder máximo; poder executivo dos mais altos magistrados romanos, principalmente cônsules e pretores. *Augusto adotou o *imperium* proconsular como o principal título oficial de poder.

INSIGNIA CONSULAR (*ornamenta consularia*)

Insignia do consulado (ver cônsul), concedida pelo imperador a alguém que não havia sido cônsul; conferia *status* consular, sem significar uma real promoção na carreira.

INSIGNIAS TRIUNFAIS (*ornamenta triumphalia*)

Durante o Império, a posse de um triunfo era reservada ao imperador e sua família; os cidadãos particulares recebiam apenas ornamentos honoríficos, como por exemplo a coroa de louros.

JOGOS SECULARES (*ludi saeculares*)

Sacrifícios e jogos realizados no teatro e no circo (pista de corridas), segundo a ordem dos Livros dos Oráculos, para marcar o início e o fim de um *saeculum* (considerado o período máximo de duração de uma vida humana). Celebrados pela primeira vez em 348 a.C., depois em 249 a.C. e em 146 a.C., ficaram esquecidos na confusão que se seguiu à morte de *César; foram revividos por *Augusto em 17 a.C. (para estes jogos, *Horácio escreveu os *Carmen saeculare*). A partir dessa última data, houve dois cálculos conflitantes baseados respectivamente em períodos de cem e cento e dez anos: assim, *Cláudio celebrou os jogos em 47 d.C., *Domiciano, em 88, *Severo, em 204, e *Filipe, o Árabe, em 248, ano do milésimo aniversário de Roma e última ocasião em que esses jogos foram celebrados.

LEGADO (*legatus*)

Pessoa designada para uma tarefa específica: 1) pelo Senado, como emissário; 2) por um magistrado, como emissário ou oficial do estado-maior.

LIVRO DOS ORÁCULOS; LIVRO SIBILINO (de *Sybilla*)

Coleção das profecias gregas consultadas por ordem do Senado e responsáveis pela introdução em Roma de várias divindades e

rituais gregos, desde o tempo de *Tarquínio Prisco. Ver também Jogos Seculares.

LOCUS AMOENUS

Gênero de descrição retórica ou poética; mais exatamente, descrição de um paraíso natural.

MIMO (*mimus*)

Peça teatral popular em estilo de pastelão ou paródia; farsa.

NEOPLATÔNICOS; NEOPLATONISMO (de *Plato*)

Últimos filósofos platônicos, seguidores de Plotino, como por exemplo *Porfírio, *Iâmblico, *Proclo.

NEOTÉRICOS (*neoterici*)

Termo usado por *Cícero para designar um círculo de jovens poetas influenciados por técnicas e temas alexandrinos; por exemplo, *Catulo, *Calvo, C. Hélvio *Cina, *Cornélio Nepos.

NOBRES, NOBREZA (*optimates*)

Coalizão de interesses aristocráticos fortemente conservadores; com certa frequência, no fim da República, os nobres cerravam fileiras para defender a supremacia tradicional do Senado contra a provocação dos líderes populares e das dinastias militares.

NOME (*nomen*)

Ver Introdução, página 9.

NOTÁRIO (*notarius*)

Secretário de Estado, membro de um grupo que, no fim do Império, mantinha a ata do conselho privado (consistório). Sob certos imperadores (especialmente *Constâncio II), os notários eram muito influentes, e escolhidos para missões confidenciais. *Juliano reduziu drasticamente o número de notários, mas eles se multiplicaram de novo após seu reinado.

ODISSEIA LEIPOGRAMMATOS

A *Odisséia* reescrita como um exercício de engenhosidade poética, omitindo-se uma letra do alfabeto em cada livro.

ORFISMO (de *Orpheus*)

Antiga seita mística da Grécia que pretendia seguir o lendário Orfeu, personagem conhecido somente por fragmentos heterogêneos.

OVAÇÃO (*ovatio*)

Forma menor e menos prestigiosa do triunfo, concedida aos comandantes que, embora bem-sucedidos, não se qualificavam para um triunfo completo.

PALIMPSESTO (*palimpsestus*)

Manuscrito que continha dois ou mais textos diferentes, um deles escrito entre as linhas do outro; pergaminho raspado para ser usado outra vez.

PANEGÍRICO (*panegyris*)

Discurso em louvor de uma pessoa notável.

PÁTRIA (*patria*)

Trabalho sobre a origem e a fundação de uma cidade.

PATRÍCIO (*patricii*)

Membros da antiga aristocracia hereditária de Roma; no princípio do século III a.C., já haviam perdido a maioria de seus privilégios políticos. Alguns imperadores, principalmente *Augusto e *Cláudio, criaram novos patrícios em virtude de seus poderes como censores. O nome "patrício" (*patricius*) foi restaurado por *Constantino como um título honorífico (ver Júlio *Constâncio, *Daciano) e, no século V d.C., tornou-se título regular conferido aos comandantes-em-chefe, como por exemplo *Orestes.

PITAGORISMO (de *Pythagoras*)

Escola filosófica fundada por Pitágoras de Samos, em Crotona, no século VI a.C.; caracterizou-se pela prática do silêncio, pela abstenção ascética de vários alimentos e pela crença na transmigração das almas. Suas contribuições mais importantes e de maior alcance foram a matemática, a aritmologia, a música e a astronomia filosófica.

PLEBEUS (*plebes; plebejus*)

Originalmente, pessoas comuns, que não pertenciam à aristocracia dos patrícios. Mais tarde, as poderosas famílias plebéias passaram a integrar uma aristocracia muito aumentada, e o termo perdeu qualquer significação sócio-econômica.

PLEBISCITO (*plebiscitus*)

Decreto aprovado pela assembléia dos plebeus.

PONTÍFICE MÁXIMO (*pontifex maximus*)

O cargo principal no colégio dos pontífices (ver colégios sacerdotais) e o mais influente dos cargos religiosos em Roma, responsável pela supervisão geral do culto do Estado e de todos os assuntos religiosos. *César foi eleito pontífice máximo, e o cargo foi ocupado por todos os imperadores desde *Augusto até *Graciano e *Teodósio I, que o repudiaram em 379 d.C. porque não condizia com o caráter dos imperadores cristãos.

POPULARES (*popularis*)

Termo genérico que designava os líderes políticos do fim da República, que desafiavam a arraigada posição do Senado (q.v.) e procuravam se promover por meios populares, principalmente pelo tribunato da plebe (ver Plebeus).

PRÆTEXTA

Ver Fábulas.

PREFEITO DA GUARDA (*præfectus vigillum*)

Oficial eqüestre que era comandante dos bombeiros, posto criado por *Augusto. Em uma emergência, os guardas (*vigiles*) podiam ser usados também com fins militares. O posto adquiriu algumas funções jurídicas e foi ocupado, no século III d.C., por importantes juristas. Ver também Prefeito pretoriano.

PREFEITO DO EGITO (*præfectus Aegypti*)

Oficial eqüestre que era governador do Egito, cargo instituído por *Augusto. Ver Cornélio *Galo.

PREFEITO DO SUPRIMENTO DE TRIGO (*præfectus annonæ*)

Em Roma, oficial eqüestre responsável pelo suprimento de trigo e de pão. No fim do Império, havia também um prefeito do suprimento de trigo em Constantinopla e nas regiões produtoras de cereais no norte da África e no Egito. Ver também Comissário do suprimento de trigo.

PREFEITO PRETORIANO (*præfectus prætorio*)

Oficial eqüestre, originalmente comandante da guarda pretoriana, o prefeito pretoriano tornou-se, rapidamente, o segundo posto de comando após o imperador, acumulando grande variedade de funções militares e civis. Devido ao acréscimo de importantes funções jurídicas, o posto passou a ser ocupado, no início do século III d.C., por juristas famosos (por exemplo, *Papiniano, *Ulpiano). Já na metade desse século, o prefeito pretoriano havia demonstrado ser uma ameaça à segurança do trono e, a partir da Tetrarquia, o cargo foi dividido regularmente, primeiro com bases individuais e depois territoriais, em três ou quatro prefeituras (Gália, Bretanha e Espanha; Itália, África e Ilíria — esta às vezes separada; Oriente). *Constantino excluiu do cargo as funções militares, que passaram para o comandante dos soldados.

PREFEITO URBANO (*præfectus urbi*)

Em Roma, oficial civil da classe senato-

rial (ver Senado), que atuava como delegado do imperador (o cargo foi instituído por *Augusto); preocupava-se principalmente com a manutenção da ordem pública, e adquiriu rapidamente funções judiciais de importância. A partir de 359 d. C., passou a existir também um prefeito urbano em Constantinopla.

PRENOME (*prænomen*)

Ver Introdução, página 9.

PRESBITERO (*presbyter*)

Sacerdote cristão; literalmente, “ancião”.

PRESIDENTE DO SENADO (*princeps senatus*)

Membro mais importante do Senado, geralmente o ex-cônsul de posição mais elevada, que tinha o direito de falar primeiro em todas as discussões senatoriais.

PRETOR (*prætor*)

Magistrado de alta posição hierárquica, mas com menor *imperium* do que o cônsul. O número de pretores foi sendo aumentado progressivamente, a fim de acomodar a escala dos encargos administrativos do Império Romano em expansão. Acumulavam várias funções judiciais importantes. Com os imperadores, a importância do cargo diminuiu (tornou-se principalmente um requisito para a obtenção de postos de governador ou de comando de segunda classe), sendo mais tarde reduzido a uma nomeação honorária, com a responsabilidade de organizar jogos públicos dispendiosos. Ver também Edil.

PROCEDIMENTOS DOS FECIAIS (de *fe-cialis*)

Antigos procedimentos formais pelos quais os feciais (araútos romanos) declaravam as guerras ou sancionavam os tratados.

PROCÔNSUL (*proconsule*)

Homem que ocupava um cargo com o mesmo *imperium* que um cônsul, mas inferior a ele em importância; ficava geralmente limitado a uma província fora da Itália (portanto, governador de província). Os procônsules eram em geral um ex-cônsul ou ex-pretor com mandatos prolongados. Sob o Império, o título ficou restrito aos governadores das províncias senatoriais (ver Senado), das quais as mais importantes eram as províncias proconsulares da Ásia e da África.

PROPRETOR (*proprætor*)

Homem que ocupava um cargo com o mesmo *imperium* que um pretor eleito, mas geralmente restrito a uma determinada pro-

víncia; muitas vezes, era um ex-pretor com o comando prorrogado.

PROSCRIÇÃO (*proscriptio*)

Banimento de oponentes políticos por meio de poderes especialmente outorgados; usado como estratégia partidária por *Sila, quando ditador em 81 a.C.; muito usado pelo Segundo Triunvirato em 43 a.C.

PROSIMETRUM

Obra literária que alternava prosa e versos.

PUBLICANOS (*publicani*)

Membros de companhias privadas que firmavam contratos para desempenhar serviços públicos para os quais o Estado não tinha maquinaria disponível (principalmente no fim da República). O mais importante desses serviços era a cobrança de impostos nas províncias.

QUANTIDADE (*quantitas*)

Natureza e duração de uma sílaba: longa ou breve.

QUATUÓRVIOS (*quattuorviri consulares*)

Junta formada por quatro ex-cônsules com autoridade judicial, sendo que cada membro era responsável por uma área da Itália. A junta foi organizada por *Adriano, abolida por *Antonino Pio e restabelecida por *Marco Aurélio.

QUESTOR (*quæstor*)

A magistratura republicana menos importante; tornou-se degrau necessário para a posterior participação no Senado.

QUIROMANCIA (do gr. *cheiromanteia*)

Adivinhação pela leitura das palmas das mãos.

ROSTRO (*rostrum*)

Tribuna da qual os oradores se dirigiam ao povo reunido no *comitium*. Era decorada com as proas (*rostra*) dos navios capturados.

SÁTIRA (*satira, satura*)

Literalmente — principalmente na forma *satura* — significa miscelânea, “confusão”; antiga diatribe romana, que se transformou em sátira propriamente dita com *Lucílio.

SÁTIRAS MENIPEIAS (*menippeæ satiræ*)

Diatribes satíricas em forma de *prosimetrum*. Ver também Sátira, Diatribe.

SATÚRNIO (*saturnius*)

Antigo verso de origem latina, com sílabas aliteradas e composto em linhas com seis acentos tônicos.

SECRETÁRIO DA CORRESPONDÊNCIA (*Ab epistulis*);

SECRETÁRIO DA CORRESPONDÊNCIA EM GREGO (*Ab epistulis græcis*);
SECRETÁRIO DA CORRESPONDÊNCIA EM LATIM (*Ab epistulis latinis*)

Um dos secretários importantes no palácio imperial, durante o início e a metade do Império; era responsável pelas respostas às cartas oficiais. Mais tarde o cargo foi dividido, com um secretário responsável pela correspondência em latim e outro pela correspondência em grego. O cargo era inicialmente ocupado por libertos do palácio imperial, mas *Adriano transformou-o em cargo ocupado exclusivamente por equestres.

SECRETÁRIO DAS FINANÇAS (*a rationibus*)

Secretário imperial responsável pela escrituração das contas e pelos assuntos financeiros. Como as outras secretarias importantes do palácio imperial, o cargo era inicialmente ocupado por um liberto, mas a partir do tempo de *Adriano passou a ser ocupado exclusivamente por equestres.

SECRETÁRIO DAS PETIÇÕES (*a libellis*)

Uma das importantes secretarias do palácio imperial, durante o início e a metade do Império; cuidava das respostas às petições das cidades ou de indivíduos. O cargo, originalmente ocupado por libertos do Império, tornou-se exclusivo dos equestres a partir da época de *Adriano.

SECRETÁRIO DAS PETIÇÕES E DOS PROCESSOS LEGAIS (*a libellis et cognitionibus*)

Secretário imperial que combinava os deveres de secretário das petições com a administração de casos judiciais.

SEGUNDA SOFÍSTICA (*de sophistes*)

Frase de *Filóstrato para designar o colorido reflorescimento da retórica no século II d.C. Ver *Alexandre Peloplatão, *Apuleio, Élio *Aristides, *Favorino, Filostrato, *Frontão, *Galeno, *Herodes Ático, *Luciano, *Máximo de Tiro.

SENADO (*Senatus*)

Corpo consultivo formado por ex-magistrados, que progressivamente usurpou os poderes executivos e tornou-se o principal órgão administrativo do governo republicano. O conflito entre o Senado e os imperadores, as mudanças nas funções senatoriais e no modo pelo qual eram escolhidos os membros são alguns dos acontecimentos mais bem documentados do início do Império. A aristocracia

senatorial foi sempre a mais alta classe do Estado romano, mesmo em seus últimos dias.

SENÁRIO (*senarius*)

Verso iâmbico de seis pés. Ver Iambo.

SETE ARTES LIBERAIS

Classificação imprecisa das disciplinas que abarcavam o antigo conhecimento enciclopédico. Inicialmente, eram nove (segundo *Varrão): gramática (isto é, literatura), retórica, dialética, música, aritmética, geometria, astronomia, medicina e arquitetura; as duas últimas foram eliminadas no último período do Império (aprox. 470 d.C.), estabelecendo-se um cânon de sete.

SIMPÓSIO (*symposium*)

Antiga forma literária que consistia numa discussão sobre literatura ou filosofia, mantida por vários convivas em um banquete.

SOFISTA (*sophistes*)

Um retórico e filósofo profissional.

SUPERINTENDÊNCIA DAS ÁGUAS; SUPERINTENDENTE DAS ÁGUAS (*cura aquarum; curator aquarum*)

Junta de inspetores, composta (inicialmente) por três homens; criada por *Augusto em 11 a.C. para administrar o suprimento de água e os aquedutos de Roma. Ver também *Frontino.

SUPERINTENDENTE DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS (*magister officiorum*)

Cargo oficial da corte criado por *Constantino, com largo âmbito de responsabilidades: a guarda montada (*scholæ*); as repartições públicas — correspondência, petições, etc. (ver Diretor dos redatores públicos); audiências com o imperador; *agentes in rebus* (ver agente de Estado); e, a partir de 390, as fábricas de armas.

TETRARQUIA (*tetrarchia*)

Sistema de governo idealizado por *Dioleciano (284-305 d.C.), composto por dois augustos (dos quais apenas o mais antigo podia legislar) e dois céares; desintegrou-se em 313 d.C.

TEURGIA (*theurgia*)

Arte mágica e mística que procurava estabelecer uma união com os deuses pela animação de imagens sagradas e vários rituais purificadores.

TRIBUNO DA PLEBE (*tribunus plebis*)

Pessoa que ocupava importante magistratura com extensos poderes de veto, outorgada pelos plebeus. Inicialmente, os tribunos protegiam os interesses dos plebeus contra a aris-

tocracia privilegiada; mais tarde, porém, o cargo perdeu seu caráter radical, até que os *Gracos redescobriram seu potencial como instrumento de reforma. Num gesto de diplomacia para com o povo romano, *Augusto e seus sucessores assumiram o poder tribunicio (*tribunicia potestas*), enquanto a importância do cargo diminuía.

TRIBUNO MILITAR (*tribunus militum*)

Oficial ligado a uma legião.

TRIBUNO MILITAR COM PODER CONSULAR (*tribunus militum consulari potestate*)

Juntas de três, quatro ou seis desses magistrados substituíam os cônsules como principais magistrados do Estado romano, com frequência crescente, no período de 444 a 367 a.C.

TRIBUTO (*tributum*)

Até o ano 167 a.C., era a taxa direta paga pelos cidadãos romanos na Itália, calculada e coletada segundo tribos; posteriormente, passou a ser taxado apenas nas províncias exteriores.

TRIUNFO (*triumphus*)

Procissão ritual com a qual os generais romanos vitoriosos entravam em Roma; conferia considerável prestígio, e isso estimulou os magistrados republicanos a exercer os comandos no estrangeiro com beligerância e brutalidade. Ver também Ovação e Insígnia triunfal.

TRIUNVIRATO (*triumviratus*)

Genericamente, junta formada por três homens e nomeada com um propósito específico; em particular, a comissão formada em 43 a.C. por *Marco Antônio, *Lépido e *Otaviano, com poderes extraordinários para “restaurar a República” (Segundo Triunvirato). Por analogia, o termo é aplicado também à aliança dinástica informal de *Pompeu, *Crasso e *César, em 59 a.C. (Primeiro Triunvirato).

Mapas e árvores genealógicas

Mapas

- pág. 296 Roma e Itália
- pág. 297 Extensão do território romano diretamente anexado, aprox. 125 a.C.
- pág. 298 As províncias romanas em 14 d.C.
- pág. 299 O Império Romano no século II d.C.
- pág. 300 O Império Romano no século IV d.C.
- pág. 301 O Império no século V d.C.

Árvores genealógicas

- pág. 302 Dinastia dos Júlios-Cláudios (27 a.C.-68 d.C.)
- pág. 303 Dinastia dos Flávios (69-96 d.C.)
- pág. 303 Relações de parentesco de Trajano e Adriano (97-138 d.C.)
- pág. 304 Relações de parentesco de Antonino Pio e Marco Aurélio (138-192 d.C.)
- pág. 305 A Casa de Constantino ((293) 306-363 d.C.)

Os mapas abaixo se encontram no corpo do livro, acompanhando o verbete indicado por um asterisco:

Mapas

- pág. 41 O Império Romano e as invasões de *Ática, 441-452 d.C.
- pág. 56 A Bretanha, 43-80 d.C. (ver *Carataco)
- pág. 65 Júlio César: a Guerra da Gália e a guerra civil
- pág. 72 As campanhas de *Cipião Africano
- pág. 150 Expedição de *Juliano contra os persas
- pág. 198 As viagens de São *Paulo
- pág. 203 O mundo helênico na época de ascensão de *Perseu da Macedônia, 179 a.C.
- pág. 215 Organização do Oriente por *Pompeu, 67-63 a.C.
- pág. 254 A conquista do médio Danúbio (ver *Tibério)

Árvores genealógicas

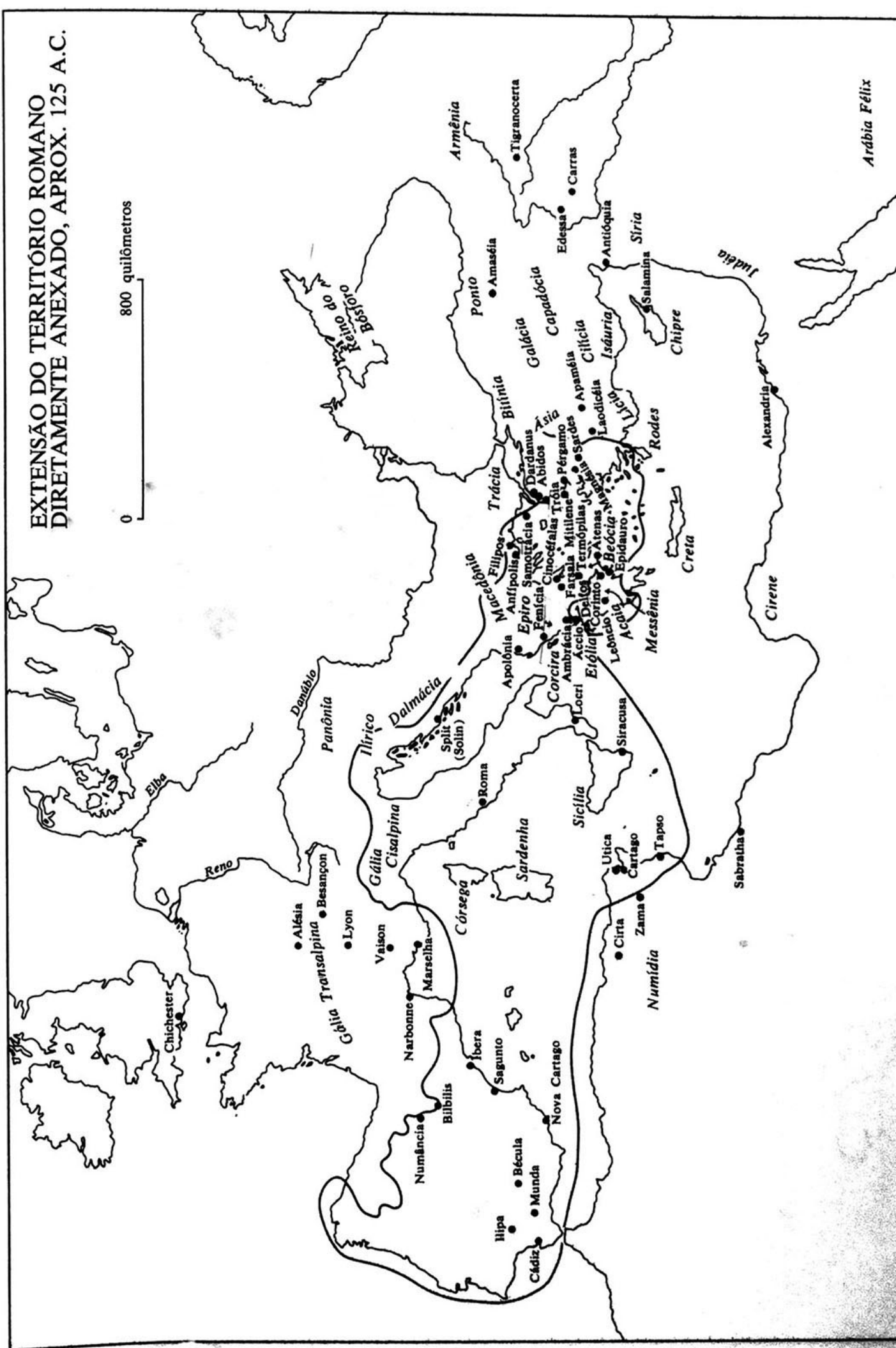
- pág. 260 *Relações de família de *Trásea Peto
- pág. 275 Os *Vitélios



EXTENSÃO DO TERRITÓRIO ROMANO DIRETAMENTE ANEXADO, APROX. 125 A.C.

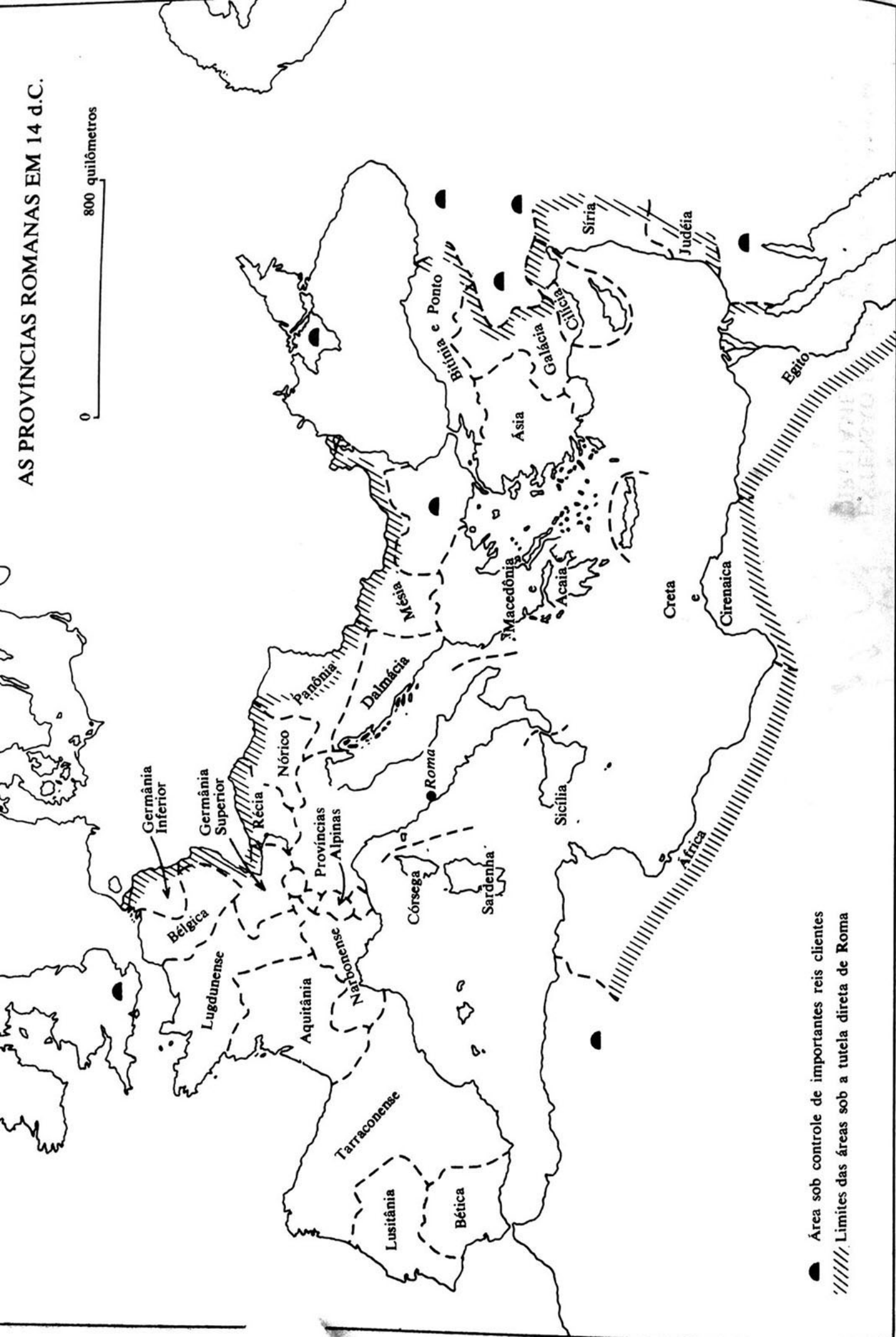
800 quilômetros

0

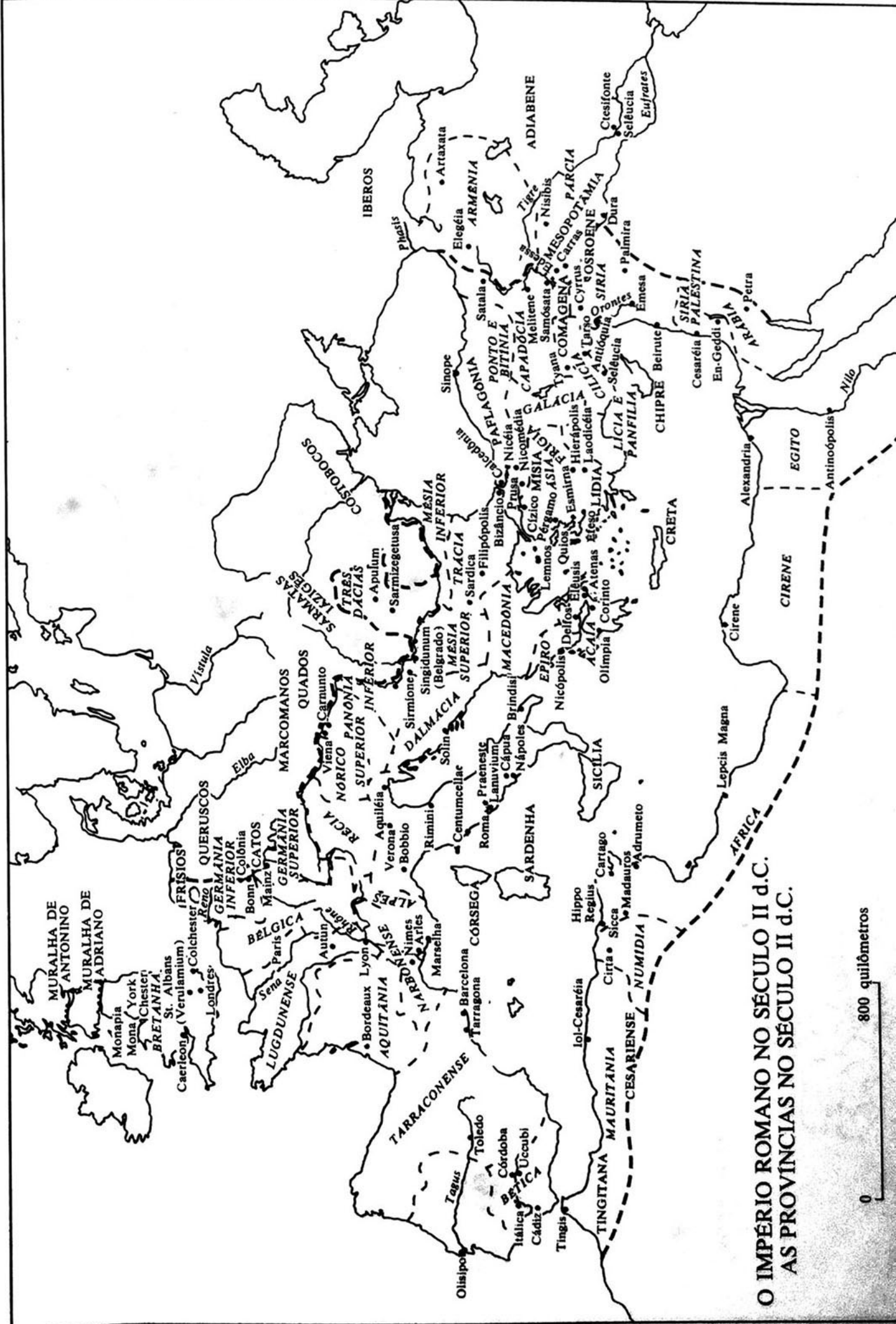


AS PROVÍNCIAS ROMANAS EM 14 d.C.

0 800 quilômetros



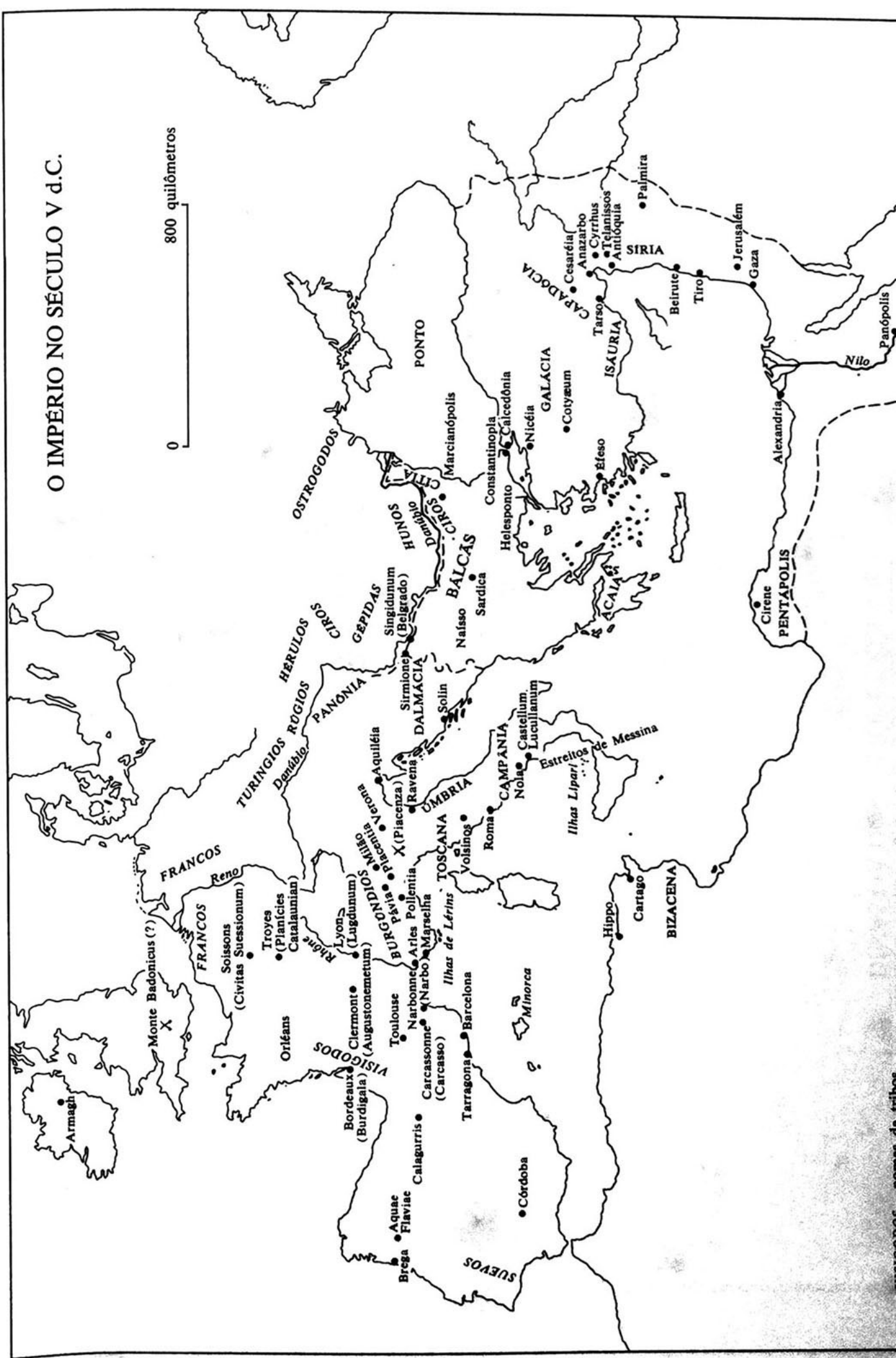
- Área sob controle de importantes reis clientes
- ////// Limites das áreas sob a tutela direta de Roma



O IMPÉRIO ROMANO NO SÉCULO II d.C.
AS PROVÍNCIAS NO SÉCULO II d.C.

0 800 quilómetros

800 quilômetros



DINASTIA DOS JÚLIOS-CLÁUDIOS (27 a.C.-68 d.C.)

JÚLIOS

Júlia = M. Ácio Balbo C. Júlio *Cesar

Ácia = C. Otávio

CLÁUDIOS

Escrībônia = *Augusto = *Lívia = Ti. Cláudio Nero C. Cláudio Marcelo *Otávia = *M. = *Fúlvia Antônio

Cecília = M. Vipsânio = Marcela = Iulo *Antônio

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

Cornélia = Paulo = Marcela = M. Valério Barbato

L. Emílio Júlio Paulo

*Marcelo

*Júlia (2)

M. Valério Barbato

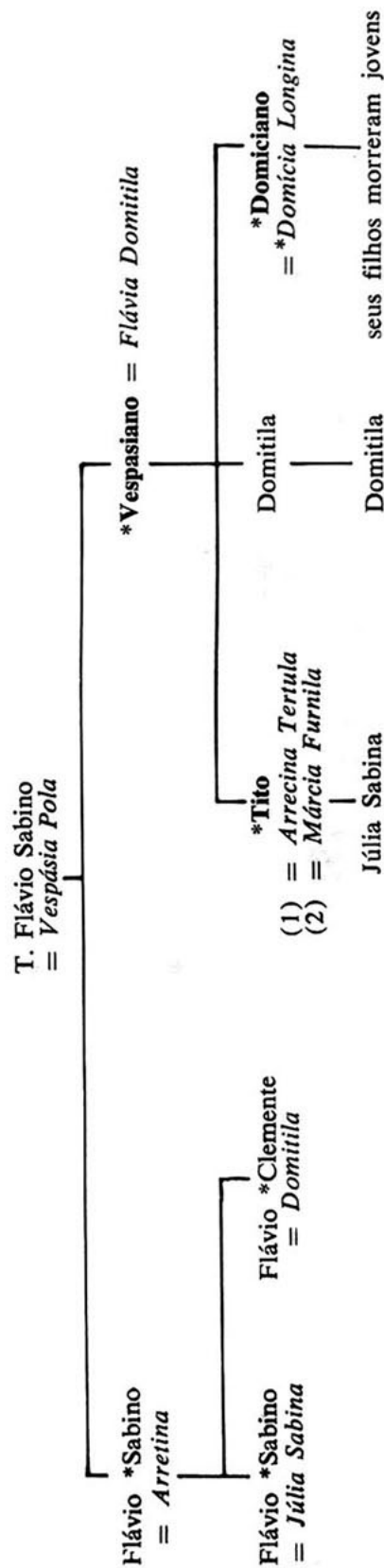
L. Emílio Júlio Paulo

Nota: As relações de parentesco estão incompletas, e os casamentos e filhos não aparecem em ordem cronológica.

===== significa adoção

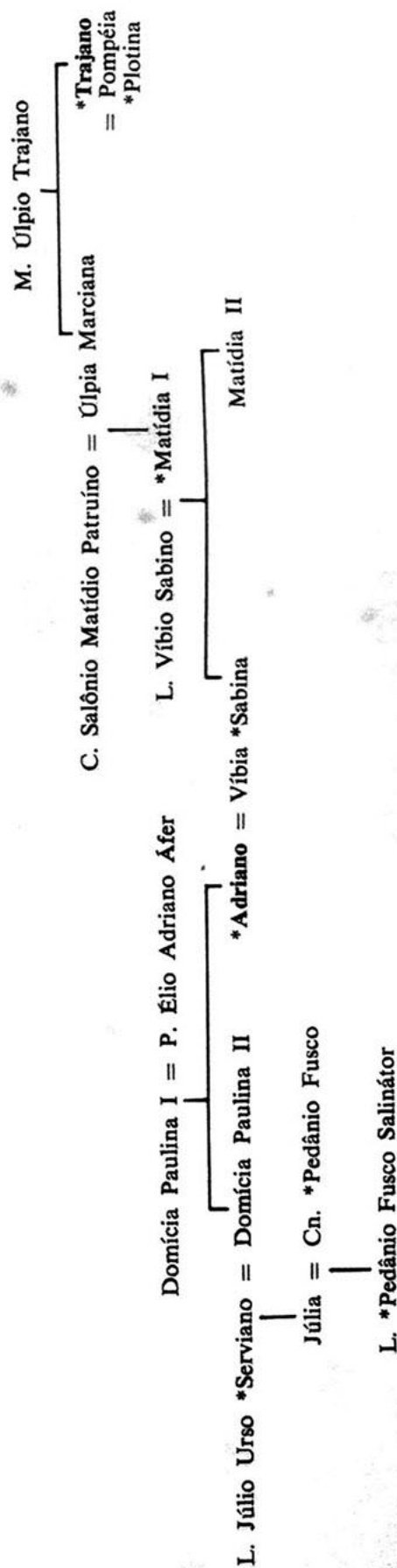
----- indica os casamentos de Júlia, a Velha(2)

DINASTIA DOS FLAVIANOS (69-96 d.C.)

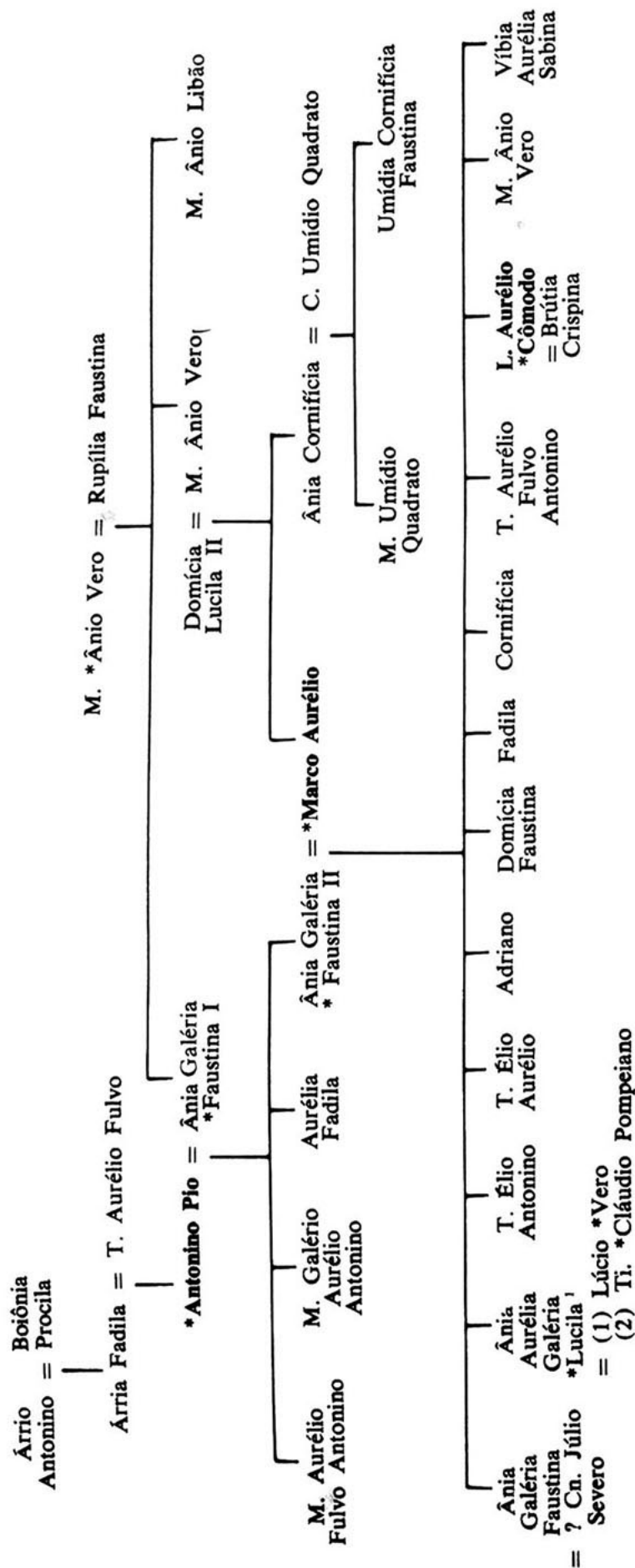


Nota: As relações de parentesco estão incompletas.

RELAÇÕES DE PARENTESCO DE TRAJANO E ADRIANO (97-138 d.C.)



RELações DE PARENTESCO DE ANTONINO PIO E
MARCO AURÉLIO (138-192 d.C.)



¹ Lucila pode ter tido um irmão gêmeo, falecido na infância.

A CASA DE CONSTANTINO (293/306-363 d. C.)

